FERNANDA DELGADO CRAVIDÃO

# A POPULAÇÃO E O POVOAMENTO DA GÂNDARA

## (GÉNESE E EVOLUÇÃO)



COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO CENTRO

Coimbra, 1992

ISBN: 972-569-024-9
Depósito Legal nº: 49 840/91

**Ficha técnica:**

| | |
|---|---|
| Responsável pela edição: | António José Cardoso |
| Processamento final de texto: | Vítor Duarte |
| Desenho da capa: | Fernando Coroado |
| Secção de offset: | |
| Fotografia: | Adelino Bandeira |
| Paginação e Montagem: | Adelino Bandeira |
| Transporte: | Henrique Taborda |
| Impressão: | Joaquim Felício |

© 1988, Fernanda Delgado Cravidão

Subsidiado pelo Instituto Nacional de Investigação Científica

**Edição da:**

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO CENTRO
R. Bernardim Ribeiro, 80 3000 Coimbra
Telefone: (039) 404044/59/71 Telex: 52185 Fax: (039) 723757

S. R.

MINISTÉRIO DO PLANEAMENTO E DA ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO
**COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO CENTRO**

# A POPULAÇÃO E O POVOAMENTO DA GÂNDARA

## (GÉNESE E EVOLUÇÃO)

**FERNANDA DELGADO CRAVIDÃO**

Dissertação de doutoramento em Geografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Coimbra, 1992

## NOTA DE ABERTURA

Com a publicação de mais esta tese de doutoramento, a Comissão de Coordenação da Região Centro prossegue numa linha de orientação de há muito definida e cujo acolhimento se justifica nas afirmações óbvias de que as actividades que desenvolve implicam o aprofundamento permanente do conhecimento da Região e de que a Comunidade Universitária não pode deixar de deter um papel de protagonismo claro no âmbito dos contributos necessários a esse aprofundamento.

O presente trabalho é paradigmático da prossecução daqueles objectivos, constituindo quanto a nós um exemplo particularmente feliz da sua concretização. Afirmamo-lo em razão do seu mérito intrínseco, mas também por incidir no estudo de uma área territorial da Região Centro cujos problemas e potencialidades são evidenciadas e que vem denotando uma dinâmica própria que a caracteriza como merecedora de uma atenção especial no âmbito do planeamento e do desenvolvimento regional.

Da disponibilização deste estudo decorre um melhor conhecimento da delimitação geográfica da Gândara, da evolução da sua demografia, com especial atenção aos elevados surtos migratórios e da estruturação da sua economia de que se realça nos tempos recentes o peso do sector leiteiro e os problemas inerentes à sua nova realidade, nos contextos nacional e europeu.

Convictos de que é clara a validade de mais esta iniciativa da Comissão de Coordenação da Região Centro, não queremos deixar de registar o nosso agradecimento à Doutora Fernanda Delgado Cravidão pelo óbvio protagonismo que nela assume e pelo contributo prestado à Região.

Coimbra, Agosto de 1991

O Presidente da CCRC

(Engº Carlos Almeida Loureiro)

## NOTA PRÉVIA

O texto que agora se publica corresponde ao trabalho apresentado em Outubro de 1988 em provas de doutoramento em Geografia Humana.

As alterações pontuais que foram introduzidas devem-se, em parte, à discussão decorrida durante aquelas provas. Cumpre-me, pois, agradecer aos arguentes, Professores Doutores Jorge Gaspar e José Manuel Pereira de Oliveira as críticas e sugestões que oportunamente nos dirigiram.

A inclusão de quadros no texto obedeceu ao seguinte critério: intercalaram-se todos aqueles onde consta informação inédita e outros elaborados a partir de estudos publicados ou de estatísticas disponíveis cuja informação permite melhor compreensão da exposição. Remeteram-se para anexo (quadros e figuras identificados com numeração romana) os que serviram de base à elaboração de figuras constantes no texto ou de outros quadros.

Acrescente-se que o desdobramento das principais abreviaturas utilizadas é o seguinte:

A.N.T.T. — Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

A.U.C. — Arquivo da Universidade de Coimbra.

B.G.U.C. — Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

D.C. — Diplomata et Chartae

Mns. — Manuscritos

R.A.C. — Recenseamento Agrícola do Continente.

# *PREFÁCIO*

*Este estudo reflecte o interesse que há alguns anos nos merece a Geografia da População e a importância que a escala de observação deverá assumir em qualquer trabalho de investigação geográfica.*

*O conhecimento empírico que temos de algumas áreas do país, frequentemente integradas nas "regiões desenvolvidas" do território nacional, orientou-nos no sentido de mostrar como a escala de análise adquire particular importância, diluindo, não raras vezes, fenómenos de carácter social e económico que, a uma escala de maior pormenor, geram situações por vezes particularmente preocupantes, com vista ao desenvolvimento harmonioso das populações locais.*

*O facto de alguns indicadores, referentes a áreas do Litoral, nem sempre coincidirem com a circunstância de ser este o referencial permanente de desenvolvimento do país propôs-nos também algumas reflexões.*

*Embora no conjunto do território nacional o desequilíbrio entre Litoral e Interior seja marcado, tendência que se deverá acentuar, as áreas mais desenvolvidas englobam por vezes territórios que se apresentam periféricos. É nesse contexto que se insere este trabalho, isto é, mostrar como a Gândara, sub-unidade regional situada no Centro Litoral Português, constitui uma área periférica.*

*A estrutura deste trabalho espelha, como se referiu, o interesse que temos dado a temas ligados à população, onde a mobilidade e a estrutura social e económica assumem particular significado.*

*Na PRIMEIRA PARTE pretendeu-se traçar o percurso da ocupação do território gandarês, embora verdadeiramente apenas no CAPÍTULO II se inicie o tema proposto. Procurámos mostrar como a Gândara se manteve, durante séculos, alheia ao surto de povoamento que se operava no país. Isto é, em termos de ocupação e organização o seu território é uma área periférica Só, quando poucos espaços restavam para ocupar este começa a ser colonizado. Território onde dominam areias, logo de fraca aptidão agrícola, compreende-se que apenas tenha sido ocupado quando a pressão demográfica, que entretanto se tinha desenvolvido em diversas regiões do país, obrigou as populações a ocupar novos espaços.*

*As fontes de que dispusemos para o estudo do povoamento têm características distintas. Além de estudos já efectuados, nomeadamente até ao século XV, utilizámos o Numeramento de 1527-1532 e o Dicionário Geográfico de 1758. As informações relativas à primeira devem merecer alguma reserva em função das omissões que encerra; na fonte do século XVIII existem também lacunas, de que é exemplo S. João da Quintã (Tocha), que não pudemos superar. Apesar destas dificuldades, julgamos ter conseguido mostrar que a ocupação do território gandarês só se processou após o povoamento das áreas limítrofes.*

*O estudo da mobilidade da população relacionada com a colonização da Gândara baseou-se, quase exclusivamente, em documentação de carácter eclesiástico. Tivemos como base de estudo os Registos Paroquiais de Baptizados que fazem parte do espólio do Arquivo da Universidade de Coimbra. Incidiu-se a investigação em três freguesias amostra: a freguesia de S. Tomé de Mira, a freguesia de S. Mamede de Quiaios e a freguesia de Nª. Senhora das Febres.*

*Como se verá no CAPÍTULO I, a Gândara não coincide com um espaço administrativo. Este facto balizou, de algum modo, a escolha daquelas freguesias. No caso de S. Tomé de Mira, a sua análise não nos merecia dú'vidas, pois além de toda a área se encontrar inserida na Gândara, tem, espacialmente, uma expressão notável no território em estudo, já que ocupa cerca 1/4 da área gandaresa.*

*A escolha da freguesia de S. Mamede de Quiaios obedece a várias razões: trata-se da freguesia situada mais a Sul e, se a ocupação do Litoral português se fez preferencialmente a partir do Norte, deveríamos encontrar, como encontrámos, elementos que permitissem corroborar essa hipótese. Além disso, a área abrangida por esta freguesia inclui também sectores situados no "interior" da Gândara, o que permitiu traçar algumas diferenciações espaciais relativas à ocupação deste território. Pretendeu-se ainda estudar uma freguesia que, pela sua situação geográfica, se diferenciasse das situadas junto à linha de costa. Optámos pela freguesia de Nª. Senhora das Febres. Porém, dado que não há, como já se referiu, coincidência entre espaço geográfico e espaço administrativo as dificuldades foram acrescidas.*

*No CAPÍTULO III procurámos traçar as linhas fundamentais que caracterizam a estrutura socio-profissional da população da Gândara no final do século XIX. Tivemos de utilizar fontes com estrutura distinta, como são os Registos Paroquiais e o Recenseamento Eleitoral de 1876. Apesar das limitações que este tipo de análise encerra, julgamos ter conseguido definir alguns grupos sociais e traçar alguma diferenciação relativa à sua distribuição espacial.*

*Traçado que estava o percurso de ocupação da Gândara, pretendeu-se analisar, com base nas informações estatísticas disponíveis, a evolução operada entre 1864, ano que corresponde ao primeiro Censo da População, e 1981. Sempre que possível correlacionou-se essa evolução com a dinâmica regional e nacional. Assim, foi neste sentido que se traçaram as linhas fundamentais que têm comandado a evolução da estrutura demográfica gandaresa (PARTE II, CAPÍTULO I).*

*A ausência de estatísticas a nível de freguesia, relativas ao movimento natural da população, obrigou-nos a ter como base de informação o Registo Civil , a partir do qual se coleccionou o número de nascimentos e óbitos até 31 de Dezembro de 1985.*

*A mobilidade da população mereceu-nos particular interesse. Por isso, na sua análise (CAPÍTULO II), procurámos sobretudo mostrar como a Gândara passou de um território atractivo para um espaço, onde a capacidade de retenção de população foi diminuindo progressivamente. A abordagem que fizémos, relativa ao território nacional e ao distrito de Coimbra, foi orientada no sentido de mostrar como na Gândara os índices migratórios se apresentaram, quase sempre, próximos dos valores mais elevados do país. Também nesta matéria deparámos, à escala de freguesia, com escassa informação publicada. Por isso, recorremos aos Registos de Passaporte. Os relativos ao final do século XIX e princípio do século XX encontram-se no Arquivo da Universidade de Coimbra. Os Registos referentes aos anos posteriores a 1955 encontram-se nos Arquivos das Câmaras Municipais de Cantanhede, Figueira da Foz, Mira e Montemor-o-Velho.*

*No CAPÍTULO III pretendemos definir as características fundamentais da estrutura do povoamento gandarês entre 1864 e 1981. Por um lado a análise da evolução do número de lugares por classe de dimensão e da população por núcleo populacional, por outro, a utilização do método "do vizinho mais próximo" permitiram não só verificar que se trata duma área onde dominam os pequenos lugares, como possibilitou apontar a futura tendência evolutiva.*

*A última parte deste trabalho (PARTE III) resultou da análise do trabalho de campo. Inquéritos realizados nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro de 1986, possibilitaram-nos fazer o estudo da situação actual da Gândara. Não foi díficil concluir que este território continua a manter características que o afastam dos índices referenciados para o Centro Litoral. Mas foi também importante verificar que se registaram algumas mudanças, quer na estrutura económica, quer na qualidade de vida dos gandareses. A emigração, a importância do sector leiteiro, a função dinamizadora das cooperativas e o desenvolvimento do poder local a partir de 1974 são, como se verá, algumas das razões que explicam grande parte das modificações operadas.*

*A análise do sector leiteiro mereceu-nos particular atenção. A importância que a criação de gado tem vindo a assumir na Gândara, concorrendo de forma decisiva para a produção de leite na Beira Litoral, justifica o seu estudo. Além disso, a recente integração de Portugal na Comunidade Europeia obriga a algumas reflexões no sentido de minimizar os problemas decorrentes do confronto como o novo mercado internacional.*

*Este estudo, fruto de alguns anos de investigação e reflexão, partiu de uma sugestão do Prof. Doutor Alfredo Fernandes Martins, a quem prestamos aqui uma humilde homenagem. Deve, no entanto muito dos resultados obtidos à orientação que, durante quase 8 anos, nos foi concedida pelo Prof. Doutor Jorge Gaspar. Ao que nos ensinou, ao seu rigoroso sentido crítico, às suas sugestões e também à disponibilidade que sempre nos dispensou a nossa profunda gratidão.*

*Gratos estamos também ao Prof. Doutor José Manuel Pereira de Oliveira e ao Prof. Doutor Fernando Rebelo que, quer por sugestões quer por palavras de incentivo, não deixaram nunca de nos dirigir; à Prof. Doutora Lucília Caetano o nosso bem haja pelas pistas de trabalho que nos apontou; ao Prof. Doutor José Ribeiro Ferreira o nosso agradecimento pela leitura feita ao trabalho e disponibilidade com que nos atendeu em questões de ordem formal; à Prof. Doutora Maria Helena da Cruz Coelho agradecemos também a leitura crítica e as sugestões relativas à Primeira Parte deste trabalho.*

*A nossa gratidão vai também para os colegas e amigos do Instituto de Estudos Geográficos e da Comissão de Coordenação da Região Centro que, de uma forma ou de outra, contribuiram para a realização deste trabalho.*

*Cabe-nos porém uma referência ao Dr. Rui Jacinto, cujas sugestões foram uma preciosa ajuda no prosseguimento da investigação, principalmente em relação à cartografia dos topónimos registados na Figura 1 e à TERCEIRA PARTE deste trabalho. Aos Drs. António Campar de Almeida e Lúcio Cunha agradeço o terem-nos acompanhado ao campo e o tratamento de alguma informação estatística.*

*Em algumas instituições encontrámos importantes apoios que contribuiram de forma decisiva para ultimar este estudo. Ao Conselho Directivo da Faculdade de Letras e à Secção de Publicações expressamos o nosso apreço por terem assegurado a composição e reprodução final do trabalho; à Comissão de Coordenação da Região Centro que nos apoiou na realização do trabalho campo e do qual resultou a última parte do nosso estudo; à União de Cooperativas de Produtores de Leite de entre Douro e Mondego (LACTICOOP), onde encontrámos importante ajuda para a execução de trabalhos gráficos; à Câmara Municipal de Cantanhede que nos facultou a consulta de*

*numerosa documentação; à Cooperativa Agrícola de Cantanhede onde encontrámos sempre disponibilidade e ajuda desinteressada.*

*Cumpre-nos ainda agradecer à Fundação Calouste Gulbenkian cujo subsídio foi um contributo importante para a fase final deste trabalho.*

*Ao senhor Bento Ferreira que durante largas centenas de horas nos acompanhou pela Gândara e ao Senhor Fernando Coroado que nos ajudou na composição final do texto endereçamos os nossos cumprimentos.*

*Aos funcionários do Gabinete de Dactilografia e Secção de Textos, Clara Rosa a quem devo a execução de quase todos os quadros e ao Senhor José A. Mateus o meu bem haja; à Senhora D. Palmira Santos, aos Senhores Manuel Monteiro, Leonel Serrano, Manuel Mendes e Jorge Queirós a minha gratidão pelo cuidado que puseram na execução final do trabalho. Cumpre-me também agradecer ao João Mateus pela forma cuidada e competente como executou o processamento de todo o texto.*

*Finalmente a minha profunda gratidão ao Victor, ao Tiago e ao Gonçalo pelo carinho e tolerância que nos dispensaram ao longo destes anos.*

# RESUMO

A *Gândara* constitui uma sub-unidade regional no Centro Litoral Português que abrange cerca de 500 km$^2$, de morfologia plana e solos essencialmente arenosos, onde domina o clima mediterrânico com influência do Atlântico. É um espaço recentemente ocupado, cuja densidade populacional passou, em cerca de 200 anos, de 7 para 100 hab./km$^2$. Porém, a estrutura económica não evoluiu no sentido de suportar a pressão demográfica entretanto desenvolvida e por isso é uma área marcada por intensos fluxos migratórios, para além de se ter mantido como um território marcadamente rural onde as perspectivas de desenvolvimento se foram mantendo ausentes. Em face disso, pensamos que, no conjunto do Litoral Português, referência habitual de desenvolvimento do país, a *Gândara* se manteve, e ainda se mantém, como área periférica.

A investigação que levámos a cabo foi no sentido de mostrar como ao longo do tempo este espaço se manteve, por um lado, "alheio" à ocupação de grande parte do território nacional, e por outro, como os indicadores relativos à estrutura social da população se aproximaram quase sempre mais das regiões do Interior do país do que do Litoral onde se situa.

Embora o *Numeramento* de 1527-1532 revele que ao terminar o primeiro quartel do século XVI o país se encontrava relativamente ocupado, a *Gândara* seria ainda constituída por vastos espaços baldios, brenhas e matos. Apenas dois núcleos – Quiaios vindo do séc. IX e Mira do séc. XI – testemunham um povoamento antigo que só muito mais tarde se irá difundir pela área gandaresa.

A informação que recolhemos desde o início do século XVII até 1864, a partir dos *Registos Paroquiais* e a análise do *Dicionário Geográfico de 1758* possibilitou-nos não só verificar qual a origem dos indivíduos que colonizaram a *Gândara*, mas, sobretudo, permitiu-nos localizar os momentos mais importantes dessa fase de ocupação. Orientados de Norte para Sul deverá ter sido entre 1700 e 1750 que os maiores fluxos de população se desenvolveram.

Porém, no final do séc. XIX, novo ciclo se abre na história da ocupação deste espaço. Desenvolve-se um movimento contrário àquele que transformou um deserto humano num território intensamente ocupado. O Brasil passará então a constituir o principal ponto de chegada de emigrantes gandareses. No entanto, e tal como sucedeu em todo o território

nacional, a partir de finais dos anos 50, opera-se uma modificação nos fluxos emigratórios: a França e outros estados da Europa passam a ser os grandes receptores de mão-de-obra portuguesa. Após 1980, assiste-se a um movimento de retorno à *Gândara* de centenas de indivíduos que, salvo algumas excepções, pouco contribuem para o desenvolvimento regional. Apesar de regressarem em idade activa, trata-se de uma população envelhecida que raramente ultrapassa a dimensão do produtor doméstico.

Para os gandareses que ficaram, a agricultura é a actividade dominante. Porém, a partir dos anos 70, uma nova componente se começa a delinear na estrutura económica da *Gândara* – a criação de gado leiteiro. A instalação e desenvolvimento de cooperativas vai funcionar como importante agente dinamizador daquele sector produtivo. Actualmente a *Gândara* contribui com cerca de 1/3 da produção de leite da Beira Litoral; porém deve chamar-se a atenção para o facto de a estrutura de efectivo leiteiro apresentar poucas modificações em relação ao início dos anos setenta. Assente em explorações que raramente ultrapassam 1 hectare, onde o número médio de blocos atinge 8 unidades, onde a idade dos produtores é elevada e o grau de instrução reduzido, não é difícil supor que a economia da *Gândara* se apresenta com graves problemas. A nova escala decorrente da entrada de Portugal na CEE pode gerar para os gandareses em particular e para os pequenos produtores em geral situações difíceis de ultrapassar. Se algumas soluções passam pelo Poder Central, outras terão de ser realizadas pelas autarquias locais. Assim, julgamos que as acções prioritárias devem passar em primeiro lugar pela promoção do nível cultural da população: alfabetização de numeroso quantitativo de indivíduos e cumprimento da escolaridade obrigatória.

Além disso, o aumento da dimensão das explorações, a melhoria da estrutura do efectivo leiteiro, a melhoria da qualidade do leite, a utilização de pastos e forragens, a introdução de novas espécies, o aproveitamento pleno das condições fisico-climáticas da área, são algumas das orientações a seguir visando o desenvolvimento da Gândara e a sua contribuição para o desenvolvimento regional equilibrado.

# RÉSUMÉ

**Thème:** La Population et le Peuplement de la *Gândara* – Origine et Evolution.
Discours de Doctorat présenté par Fernanda Maria Delgado Cravidão.

La *Gândara* constitue une sous-unité régionale située au Centre Littoral Portugais qui comprend environ 500 km$^2$, à morphologie plate, aux sols essentiellement sablonneux où prédomine le climat méditerranéen subissant l'influence de l'Atlantique. Il s'agit d'un espace occupé récemment, où la densité de la population est passée, en environ 200 ans, de 7 à près de 100 hab./km$^2$. Cependant, la structure économique n'a pas évolué de manière à pouvoir supporter la préssion démographique entre-temps développée. Pour cette raison, la *Gândara* est une région caractérisée par d'intenses flux migratoires et, en outre, elle demeure un territoire au caractère rural marqué où les perspectives de développement sont toujours inesistantes. Face à cela, nous pensons que dans l'ensemble du Littoral Portugais, référence habituelle de développement du pays, la *Gândara* demeure une région périphérique.

L'investigation que nous avons menée a eu l'objectif de montrer, dúne part, comment au cours des âges cet espace est resté "à l'écart" de l'occupation d'une grande partie du territoire national, et d'autre part, comment les indicateurs concernant la structure sociale de la population ont presque toujours été plus proches de ceux des régions de l'intérieur du pays que de ceux du Littoral, où elle se situe.

Bien que le *Numeramento* de 1527-1532 montre qu'à la fin du premier quart du XVI$^e$ siècle le pays se trouvait relativement occupé, la *Gândara* serait encore constitué par de vastes espaces en friche, des buissons et des broussailles. Seuls deux centres, Quiaios et Mira, qui remontent respectivement au IX$^e$ et au XI$^e$ siècles, sont témoins d'un peuplement ancien qui ne se répandra dans la région de la *Gândara* que beaucoup plus tard.

L'information que nous avons recueillie dès le début du XVII$^e$ siècle jusqu'à 1864 dans les *Registos Paroquiais* et l'analyse du *Dicionário Geográfico de 1758* nous ont permit non pas seulement de vérifier l'origine des individus qui ont colonisé la *Gândara* mais surtout de localiser les moments les plus importants de cette phase d'occupation. Venant du Nord et se dirigeant vers le Sud, les plus grands flux de population ont probablement eu lieu entre 1700 e 1750.

Cependant, à la fin du XIX$^{e}$ siècle, un nouveau cycle commence dans l'histoire de l'occupation de cet espace. Un mouvement contraire à celui qui a transformé un desert humain dans un territoire intensément occupé se développe et le Brésil deviendra le principal point d'arrivée des émigrants venus de la *Gândara*. Toutefois, à l'instar de ce qui est arrivé dans le territoire national depuis la fin des années 50, les flux d'émigrations subissent un changement: la France et d'autres états européens deviennent les grands récepteurs de la main-d'oeuvre portugaise. A partir de 1980, un mouvement de retour ramène à la *Gândara* des centaines d'individus qui, sauf quelques exceptions, ne contribuent pas grandement au développement régional. Bien que ceux qui retournent soient encore en âge actif, il s'agit d'une population vieillie qui dépasse rarement la dimension du producteur domestique.

Pour les habitants de la *Gândara* qui sont restés l'agriculture est l'activité dominante. Cependant, à partir des années 70, une nouvelle composante commence à prende forme dans la structure économique de la *Gândara* – l'élevage de bétail destiné à la production laitière. L'établissement et le développement de coopératives fonctionnera comme un agent de dynamisation de ce secteur productif. Actuellement la *Gândara* fournit environ un tiers de la production de lait de la *Beira Litoral*; toutefois il est important de remarquer que la structure de l'effectif laitier présente peu de changements par rapport au début des années 70. Ayant pour base des exploitations qui dépassent rarement 1 ha, où le nombre moyen de parcelles atteint les 8 unités, où l'âge des producteurs est avancé et leur instruction réduite, il n'est pas difficile de comprendre que l'économie de la Gândara présente de graves problèmes. La nouvelle échelle découlant de l'entrée du Portugal dans la CEE peut créer des situations difficiles à surmonter pour les habitants de la *Gândara* en particulier et pour les petits producteurs en général. Si quelques solutions doivent être trouvées par le Pouvoir Central, d'autres devront être mises en oeuvre par les pouvoirs locaux. Ainsi, nous pensons que les actions prioritaires devront d'abord promouvoir le niveau culturel de la population: l'alphabétisation du grand nombre d'individus et l'accomplissement de la scolarité obligatoire.

En outre, l'augmentation de la dimension des exploitations, l'amélioration de la structure de l'effectif laitier, l'amélioration de la qualité du lait, l'utilisation de pâturages et de fourrages, l'introduction de nouvelles espèces et la mise à profit des conditions physiques et climatiques de la région sont quelques unes des orientations à suivre visant le développement de la *Gândara* et sa contribution au développement régional équilibré.

## ABSTRACT

**Topic:** The Population and Settlement of *Gândara* – Its Origins an Development
Ph. D. thesis presented by Fernanda Maria Delgado Cravidão.

*Gândara* is a regional sub-unit in Central Coastal Portugal. It covers an area of about 500 $km^2$, is flat and its soils are mostly sandy. It enjoys a Mediterranean climate, influenced by the Atlantic. Its inhabitation is of fairly recent date and population density increased from 7 to almost 100 per $km^2$ in about 200 years. Economic development, however, has not developed in line with demographic pressure and the area is thus characterized by strong migratory flows, in addition to maintaining a markedly rural nature, lacking in development potential. In view of this, we feel that *Gândara*, being within the normal sphere of reference for this country's development, namely the Portuguese Seaboard, has been and still is a peripheral zone.

The research just carried out was aimed at showing how, over the ages, this zone has on the one hand been "estranged" from the occupation of the greater part of the country and, on the other, has indicators relating to the social structure of the population drawing it ever closer to the interior regions rather than to the Coast, wich is where it lies.

The *Counting* (Numeramento) of 1527-1532 reveals that whereas by the end of the first quarter of the 16th century most of the country was relatively inhabited, *Gândara* still had large tracts of uncultivated land covered with thickets an scrub. Only two nuclei, Quiaios (9th century) and Mira (11th century) bear witness to an ancient settlement that only much later would spread itself over the Gandarese area.

The information that we have collected in relation to the period from the beginning of the 17th century up to 1864, from the *Parish Records* and from studying the *Dicionário Geográfico of 1758* (Geographic Dictionary of 1758), has enabled us not merely to ascertain the origin of the people who settled *Gândara*, but, more importantly, to identify the most significant moments in this phase of occupation. Going from North to South, the greatest population flows took place between 1700 and 1750.

At the end of the 19th century, however, a new chapter in the chronicle of the peopling of this area opened. There developed a movement opposite to that which transformed an area devoid of human occupation into a densely populated zone and Brazil

came to be the principal arrival point for Gandarese emigrants. Nevertheless, in the 1950s, the same thing occurred here as in the rest of the country and emigrations flows changed: France and other European countries became the major recipients of Portuguese workers. After 1980 a homeward return movement brought hundreds of people to *Gândara* who, with a few exceptions, have contributed but little to development in the region. Despite these people being of working age when they came back, one is now dealing with an aging population which rarely goes beyond the domestic production dimension.

Agriculture is the main occupation of those Gandarese who have remained. But, in the 1970s, a new component began to mark the economic structure of *Gândara* – dairy farming. The establishment and development of cooperatives has been an important dynamizing factor in this sector. *Gândara* currently produces about 1/3 of milk in the *Beira Litoral*, though it should be noted that the actual dairy farming structure shows little change in relation to that of the beginning of the 1970s. It is based on farms that are seldom larger than 1 hectare, where the average number of plots is 8, where the producers are elderly and level of training is low, and so it is not difficult to realize that *Gândara*'s economy is suffering serious problems. The new dimensions arising from Portugal's entry into the EEC could cause difficult situations for the Gandarese in particular, and small-scale producers in general, to overcome. If some solutions lie with Central Government, others will have to come from local authorities. We feel, therefore, that priority should be given to improving the cultural standards of the population: adult literacy programmes and completion of the compulsory schooling period.

Besides this, farms should be increased in size, the dairy farming structure should be improved, milk quality should likewise be improved, pastures and grazing should be utilized, new breeds of cattle should be introduced, full advantage must be taken of the physical--climatic conditions of the area. These are some guidelines whose objective is the development of *Gândara* and her contribution to a balanced regional development.

# PARTE I

## – ESPAÇO E TEMPO NO POVOAMENTO DA GÂNDARA –

# CAPÍTULO I — **A ÁREA DE ESTUDO**

## 1 — DELIMITAÇÃO DA ÁREA

### 1.1 — O Significado de *Gândara*

JOSEPF M. PIEL num estudo que publicou em 1947, na *Revista Portuguesa de Filologia* com título "Nomes de lugar referentes ao relevo do solo" considera *Gândara* um "vocábulo proveniente de um idioma pré-Romano", que se aplica geralmente, em Portugal e na Galiza a certos terrenos arenosos mais ou menos estéreis," (pags. 182-184). Afirma ainda que, para além do simples termo *Gândara* "que ocorre mais de 100 vezes em Portugal e umas 60 na Galiza, existem os diminutivos Gandarela, Gandarinha". Registe-se também que a variante fonética Gandra aparece em Portugal embora aquele autor a tenha referenciado apenas para a Galiza.

Quanto à origem deste topónimo, que terá como base *ganda*, parece de facto estar comprovada a sua existência antes da influência romana. Segundo SERAFIM DA SILVA NETO (1970, pag. 281), *Gândara*, *Gandra* é "terreno arenoso mais ou menos estéril, e ascende a uma base ganda de substracto alpino-pirenaico, a qual está implícita na palavra gandadia documentada em Plínio" (História Natural, XXXIII, pags. 70-74) - é um vocábulo usado pelos mineiros das Astúrias. Plínio menciona com efeito a existência de um terreno com argila proveniente dos delocamentos de terrenos necessários para encontrar ouro. Esse material, provavelmente solto, era designado pelas populações indígenas de *Gandadia* (cfr. V. BERTOLDI, 1931, pags. 93 e segs.)

No estudo de BERTOLDI acabado de citar o autor sugere que a grande difusão da base Ganda contém no essencial o mesmo significado. Em sua opinião, nos Alpes, *Ganda* designa "cascalho proveniente de um desabamento da montanha". Esta "definição" parece pois ser análoga à referenciada por Plínio nos Pirinéus.

Por outro lado, o vocábulo *gândara* é utilizado nos Pirinéus e Cantábricos como "areia grossa, cascalho, terra inculta". Além disso, o termo Ganda aparece também na região do Midi (França) atribuído a "terra inculta".

Parece pois poder concluir-se que *Ganda* e *Gândara*, para além de designarem "areias e terrenos incultos", têm etimologicamente a mesma origem.

Será curioso registar que em algumas áreas da Europa, nomeadamente nos Alpes, este termo liga-se a uma grande parte de cursos de água de regime torrencial. Neste domínio, Gândara significa: "leito de torrente cheio de calhaus". Este facto parece concordar e justificar a opinião de alguns dicionaristas portugueses, pois EDUARDO FARIA, no *Novo Dicionário de Língua Portuguesa* (1857), - afirma a propósito de *Gândara*: "no Mondego dá-se este nome às praias que o rio deixa descobertas quando leva pouca água; terra areenta".

Já anteriormente referência análoga foi feita por A. MORAES DA SILVA (1789): "no Mondego praia que fica descoberta, quando o rio vai mui sangrado. Em geral, terra areenta, que mal dá tojães, etc."

Estes factos sugerem, assim, que, para além da grande difusão dos topónimos de base *ganda*, o seu significado está relativamente próximo, quer nos situemos na Galiza, nos Alpes, no Midi ou em Portugal.

Na realidade, o solo mais ou menos arenoso é sempre associado à ausência de fertilidade; por isso quase sempre se trata de terras incultas.

Em Portugal esta é também a conclusão que se tira a propósito dos diversos significados do vocábulo *Gândara*.

EDUARDO FARIA (1857), não obstante referir-se como se viu, às praias do Mondego, acrescenta também que se trata de "terra areenta".

PINHO LEAL, (1874), apenas afirma que existem em Portugal mais de 100 aldeias com a designação de Gândara, Gandra e Gândaras, "mas nenhuma tem coisa notável". Refere ainda que Gandarela "é diminutivo de Gândara".

ANTÓNIO MORAES DA SILVA (1878, 7ª ed.) retoma quase completamente os significados atribuídos por EDUARDO FARIA (1857) e FREI DOMINGOS VIEIRA (1873). No entanto no *Grande Dicionário de Lingua Portuguesa* (1945) lê-se "terreno arenoso, pouco produtivo ou estéril" e, citando AQUILINO RIBEIRO (1946, pag. 123), acrescenta "depois o árabe, para mais afeito ao deserto acabou por escalar o monte e a *Gândara*". Prosseguindo, refere também que se trata de um "terreno despovoado mas coberto de plantas agrestes, charneca".

LEITE DE VASCONCELOS (1936) considera *Gândara* sinónimo de Charneca e, citando um estudo espanhol, define-a como um "terreno áspero e inculto de alguma extensão".

Significado idêntico é atribuido ao vocábulo por A. BIVAR (1948). Para este autor *gândara* é "charneca, terra arenosa, terreno despovoado, mas coberto de plantas agrestes".

Registe-se que em Trás-os-Montes o termo *gândara* adquire um sinónimo diferente "não charnecas entre nós, mas galhitos de esteva seca que o gado vai tombando pelo monte, ou que ficam nas bouças, restos de mato que não ardem", (AUGUSTO C. MORENO, 1897, pag. 21).

A propósito dos termos gândara e charneca J. M. PIEL (pag. 184) afirma: "gândara é uma palavra característica do NO da Península e charneca "terreno inculto em que só crescem plantas rasteiras predomina nitidamente no Sul de Portugal".

## 1.2 — A Difusão Espacial de *Gândara* em Portugal

A Fig. 1 representa a distribuição geográfica dos topónimos *Gândara/s*, *Gandra/s* e outros. Estes correspondem a diminutivos como Gandarela, Gandarinha, etc. Nesta cartografia utilizaram-se como fontes o *XI Recenseamento Geral da População*, 1960, e o *Repertório Toponímico de Portugal*, 1967.

Registaram-se 214 topónimos distribuídos do seguinte modo: 102 (47.7%) relativos a *Gândara* e *Gândaras*; 91 (42.5%) correspondente a *Gandra* e *Gandras*, repartindo-se os restantes 9.8% pela designação de outros lugares cuja raiz etimológica é a mesma([1]).

Note-se, a propósito, que frequentemente algumas dessas designações não correspondem a núcleos populacionais: no *Repertório* apenas 9 são consideradas população importante (Pov I), enquanto 64 aparecem mencionadas como povoações não importantes (Pov) e 76 classificadas como casas (Cas). Das 65 restantes, 61 são referenciadas como região (REG) e 4 estão relacionadas com ribeiros ou marcos geodésicos.

Embora com as reservas que esta classificação deve merecer no que se refere ao termo região, a sua utilização não deixa de ser significativa, quer pelo número (61), quer pelo facto de quase todos aqueles topónimos se localizarem em áreas pouco férteis, senão mesmo estéreis e por isso incultas. Por outro lado a sobreposição com a Carta Militar de 1.25.000 possibilita tirar aquela conclusão e, para o Centro Litoral onde fizemos um reconhecimento no terreno, a correspondência entre o topónimo e as características físicas

[1] — Refira-se que o topónimo Camarção que significa: terra areenta, medos de areia onde existe mato e pinheiros, ou significando também pequena mata, aparece a designar um lugar da freguesia de Quiaios.

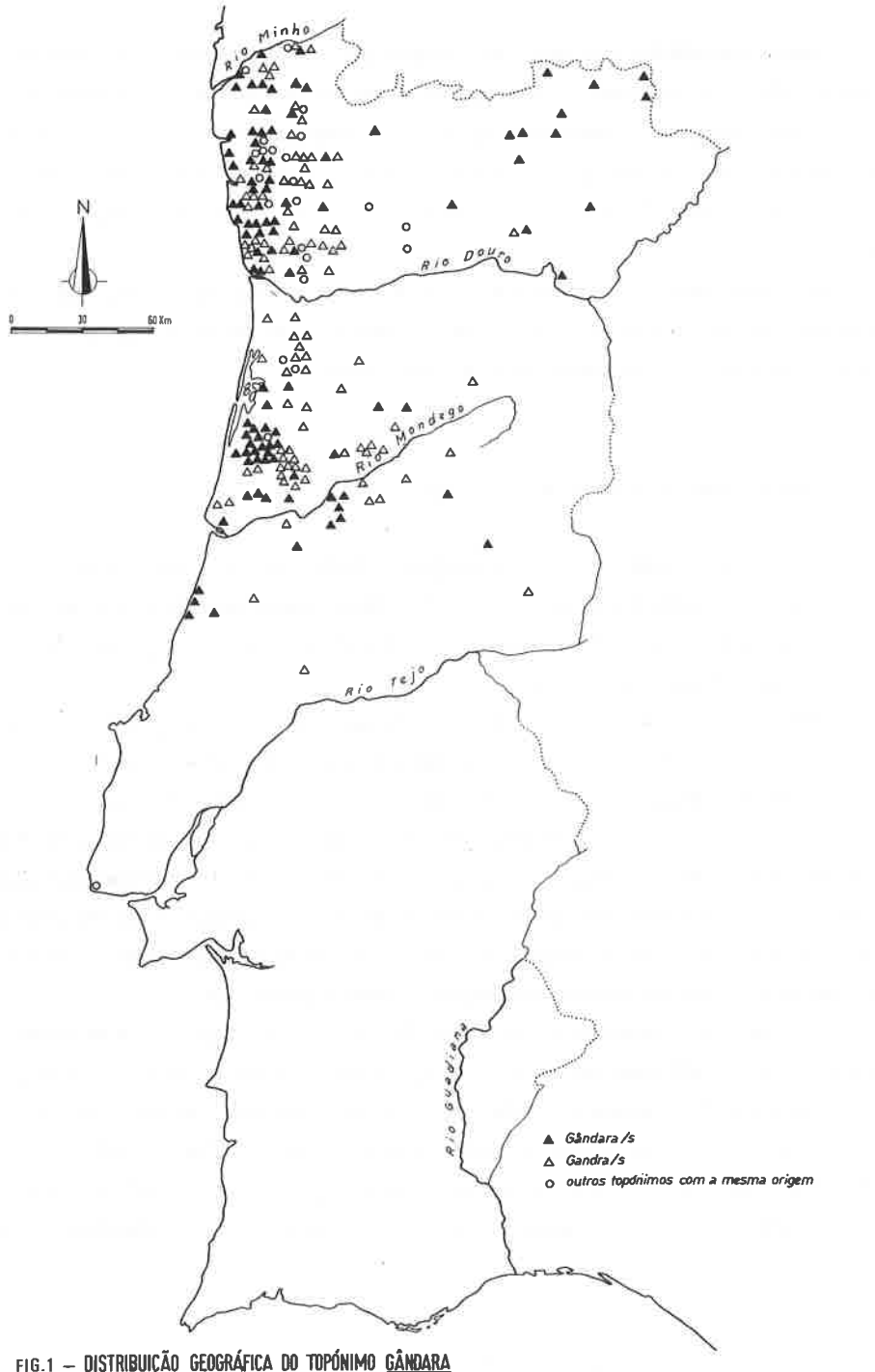



FIG.1 – DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DO TOPÓNIMO GÂNDARA E DE OUTROS COM A MESMA ORIGEM ETIMOLÓGICA

FONTE: Repertório Toponímico de Portugal C...] 1967; Recenseamento da População-1960

que lhe estão geralmente associadas é práticamente total. Deve acrescentar-se além disso que em alguns casos o topónimo gândara correspondia a área de baldios que hoje em grande parte se encontram ocupados.

A leitura da Fig. 1 revela também outros factos significativos. Quase todos os topónimos se situam a Norte do Rio Mondego e a uma distância média da linha de costa que oscila entre 40 e 45 km. Poucos são os núcleos localizados entre o Mondego e Tejo, enquanto a Sul deste rio nenhum foi registado. Relembre-se a tal propósito a opinião, já referida, de JOSEPH M. PIEL (1974), de que *Charneca* vai progressivamente substituindo *Gândara* à medida que se caminha para Sul (Fig. 2).

No Nordeste, *gândara* apresenta também alguma expressão espacial, longe contudo de atingir o significado do Litoral.

Outra conclusão importante que se tira da leitura da Fig. 1 é a elevada concentração daquele topónimo na área abrangida pelas folhas nrs. 196, 207, 208, 218, 219 e 229 da Carta Militar (1:25.000). É no território limitado dum modo genérico, a Sul pela serra da Boa Viagem, a Norte por um paralelo próximo de Ílhavo e a Oriente por um meridiano pouco afastado de Anadia que se regista a maior densidade. Se nos limitarmos apenas aos topónimos classificados por região, verifica-se uma concentração ainda maior no sector mais próximo do Litoral, limitado a Este por um meridiano que passará um pouco a Nascente de Cantanhede.

De facto, e não obstante haver no país uma vasta representação toponímica de Gândara e vocábulos derivados, não há dúvida que apenas num sector do território nacional, tal designação abrange uma área mais vasta, que inclui "pequenas gândaras" e onde também a homogeneidade dos quadros físico e humano concorreu para que essa área, situada entre a serra da Boa Viagem e o limite Norte do concelho de Mira, seja designada por *Gândara*.

Se na realidade, quando se utiliza a palavra *Gândara*, a referência espacial seja sempre, ou quase sempre, o território de solo arenoso situado a Norte da Boa Viagem, menos fácil é traçar-lhe limites mais precisos. Quando surgem, revelam frequentemente a formação geológica, geográfica ou etnográfica dos seus autores.

Se já no século XVI, para RUY FERNANDES, os rebanhos que durante os meses de verão, pastavam na serra de Montemuro vinham de Setembro a Maio pastar "na gandara junto ao mar entre Aveiro e Coimbra"([1]), é sobretudo a partir de meados do século XIX que se caminha progressivamente para uma delimitação da *Gândara*. Assim, o *Relatório Acerca da Arborização Geral do País* (1868, pags. 20 e 21), ao registar a necessidade de florestar algumas áreas do território nacional, refere: "se excluirmos a gandara a N. do Mondego tão cultivada, especialmente entre Mira e Aveiro, apesar de isso resta sem emprego talvez uma

---

[1] - *LIVROS INÉDITOS DA HISTÓRIA PORTUGUESA*, (1824, pags. 571-572).

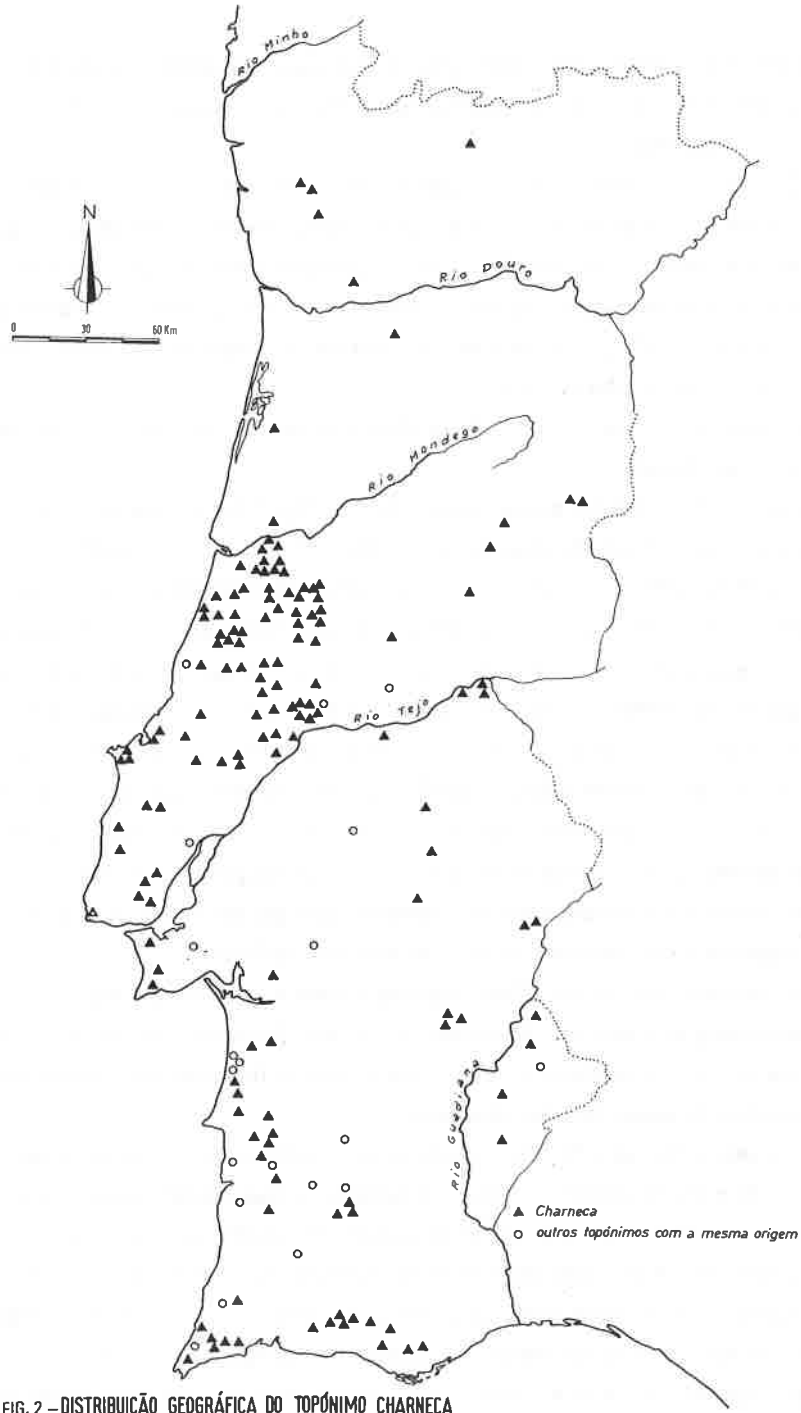



FIG. 2 – DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DO TOPÓNIMO CHARNECA E DE OUTROS COM A MESMA ORIGEM ETIMOLÓGICA

FONTE: Repertório Toponímico de Portugal [...] 1967; Recenseamento da População-1960

área de 630 kilómetros quadrados, que está insistentemente reclamando os benefícios da agricultura". No *Recenseamento Geral de Gados* de 1870 (pag. 173) designa-se por *Gândara* uma área relativamente vasta, pois a propósito do gado de ceva lê-se: há "na gandará entre Cantanhede e Mira, e principalmente na freguesia de Febres, lavradores, que compram bois magros depois de terminado o serviço das sementeiras e os tratam até estarem em estado regular de nutrição. Os lucros da ceva (...) são suficientemente remunerados". Trata-se, todavia, de limites muito genéricos, que contém algo em comum: pretendem sempre definir uma área arenosa, topográficamente pouco acidentada, e situada no Centro Litoral.

### 1.3 — As Diversas Demarcações da *Gândara*

É sobretudo com a contribuição de PAUL CHOFFAT (1900, pag. 202) que a *Gândara,* tem um limite mais rígido e cujo fundamento é essencialmente de carácter geológico. Para este autor *Gândara* corresponde à "região limitada a Oeste pelas dunas litorais, ao Sul pela serra de Buarcos, a Este pela serra de Montemor-o-Velho e os afloramentos liássicos de Cantanhede e da Bairrada, depois pelo Vouga, que constitui também o seu limite Norte". Conclui ainda que a *Gândara* está dividida por uma linha Norte-Sul definida por Quintãs e Febres: a Oriente desta linha dominam as formações pliocénicas, enquanto a Ocidente é "quase constituída na totalidade por uma areia muito fina, análoga à areia das Landes... ". É interessante observar que segundo CHOFFAT, os habitantes desta parte Ocidental admitem que o nome de Gândara deve ser exclusivamente reservado a esta planície e ao seu prolongamento até à serra de Buarcos, enquanto que as populações vizinhas incluem também na Gândara a superfície Pliocénica situada entre Covão do Lobo, Palhaça e Bairrada. A propósito de *Gândara* e *Charneca* aquele autor sugere ainda que os geólogos e geógrafos portugueses devam utilizar o termo *Gândara* "para planícies de areias finas, aplicando-se naturalmente tanto a sul como a norte, enquanto que a *Charneca* ,seria utilizada para as landes de solo ocupado".

Mais recentemente GASPAR S. DE CARVALHO (1952, 1954 e 1964) retomando as ideias de PAUL CHOFFAT afirma que a palavra *Gândara* é utilizada para designar uma região da faixa litoral da orla meso-cenozoica ocidental: situada a Norte da Serra da Boa Viagem, apresenta uma morfologia "plana com solos essencialmente arenosos (...). A partir do contacto com a serra da Boa Viagem a Gândara estende-se para oriente descrevendo um arco na direcção de nordeste que passa por Santana, Arazede, Lemede, Cadima, etc, e que a partir de Cantanhede inflecte para noroeste" (1964, pag. 8).

A uma escala de mais pormenor o mesmo autor reserva a designação de *areias da Gândara* para o manto arenoso de origem eólica, datado do Quaternário, provavelmente do Riss.

Da circunstância de as dunas estarem mal conservadas e com orientações mal definidas a que se associa a existência de solos podzólicos, resulta que toda esta área adquire aspectos característicos que a individualizam das áreas envolventes.

Também no domínio da Etnografia se verifica alguma preocupação no sentido de delimitar a *Gândara*. Salientamos os trabalhos de LEITE DE VASCONCELOS (1936 pags. 50-51 e 1941 pags. 334-358) e JORGE DIAS, F. GALHANO, e E. VEIGA DE OLIVEIRA (1959).

A caracterização, para além de ter uma forte componente física - terras arenosas -, apresenta uma importante componente etnológica. LEITE DE VASCONCELOS privilegia o comportamento dos grupos, a tipologia do vestuário, de que sobressai o chapéu à gandaresa([1]). JORGE DIAS dá especial importância à tipologia da habitação, a ponto de considerar mesmo que existe uma *casa gandaresa*.

Para LEITE DE VASCONCELOS a *Gândara* é uma sub-região situada na Beira Litoral([2]), que abrange:

"1 - Parte do concelho de Mira.

2 - As seguintes freguesias do concelho de Cantanhede: Cadima, parte da de Cantanhede (a outra parte é Bairrada), Covões, Febres, Tocha." (1942, pag. 335).

A demarcação de JORGE DIAS, mais vasta, permite-lhe através da tipologia da habitação, e da diferente aptidão agrícola do solo, definir sub-áreas com características diferentes. Assim, e a "despeito da designação unitária de gandara, abrangendo toda a sub-região compreendida entre os campos do Mondego, ao Sul, a Bairrada a Leste, a Ria de Aveiro ao Norte, e o mar a Oeste, o contraste entre as areias do litoral e as areias do pliocénio determina uma diversidade flagrante de tipos de vida e de aspectos culturais, particularmente sensível no que se refere à habitação" (1959, pag. 148).

Enquanto no Litoral, areias dunares recentes, dominam os *palheiros* (cfr. R.SOEIRO DE BRITO, 1960a), no interior (areias pliocénicas) domina um tipo de habitação rural adaptada aos condicionalismos físicos e económicos da área. Desde a utilização dos materiais de

---

1 - Actualmente pouco utilizado, este chapéu caracteriza-se por ter uma forma redonda, pequeno, preto, com aba direita, frequentemente adornado com uma fita de veludo e uma pena.

2 - LEITE DE VASCONCELOS segue praticamente a divisão regional de A. AMORIM GIRÃO (1922, pags. 168 e seg.), e à qual se fará referência mais adiante.

construção, *adobe*, até à estrutura da habitação, tudo é comandado pelas características "económico-sociais da região".

"Casas construídas com adobos que duram sensivelmente o que dura uma vida humana. Pinhais que os camponeses plantam na infância para derrubar pouco antes de morrer. A própria terra é passageira: dunas modeladas, desfeitas pelo vento."(CARLOS de OLIVEIRA, 1979, pag.207).

Nas suas linhas gerais *a casa gandaresa* é uma casa de pátio fechado cuja funcionalidade está integrada na economia local, apresentando por isso uma estrutura marcadamente rural. São casas térreas, de duas águas, e cuja fachada principal, se compõe quase invariavelmente de janela-porta-janela.([1])

JORGE DIAS regista a ocorrência de algumas particularidades que distinguem a *casa de Mira* da *casa da Tocha*. Pensamos, porém, que as linhas fundamentais que comandam a sua tipologia são aquelas que referimos.

Não será apenas a partir da estrutura da habitação que se torna possível definir limites para a *Gândara*, pois a sua tipologia ultrapassa frequentemente aquela fronteira; trata-se, no entanto, de um indicador importante.

É precisamente com fundamento noutros indicadores, decorrentes no essencial da estrutura económica, da forma como este território foi colonizado e se organizou espacialmente, que alguns geógrafos apresentaram novos limites para a *Gândara*. Casos de AMORIM GIRÃO (1922 e 1933), ALFREDO FERNANDES MARTINS (1949) e JORGE GASPAR (1965/1970).

AMORIM GIRÃO, no estudo BACIA DO VOUGA (1922), tinha apresentado uma cartografia onde se registava, ainda que de forma pouco precisa, a *Gândara* (pag., 168). Para ele, *Gândara* "é a designação que de uma forma especial se aplica à mancha pliocénica que se estende entre o Vouga e o Mondego, cercada a oriente pelos medos de areia litoral". Demarcação muito vasta e pouco precisa, quanto a nós, quase exclusivamente baseada em fenómenos físicos, não faz referência a qualquer indicador da economia local que, como se verá, apresenta características específicas relativamente às áreas envolventes. O mesmo autor no seu estudo *Esboço de uma Carta Regional* (1933, pag.77), refere que a *Gândara* corresponde "aproximadamente ao retalho de Pliocénico que se estende pelo litoral de Aveiro a Coimbra,...". Na Fig. 3, apresenta-se a *Gândara* segundo AMORIM GIRÃO. Está incluída numa área mais vasta a *Marinha* coincidente de forma genérica com a *Beira Litoral*.

---

[1] - Da *casa gandaresa* restam hoje pouco exemplares completamente conservados. Trata-se, no entanto, de uma alteração recente, devida em grande medida ao fluxo migratório dirigido para a Europa, cujos intervenientes ao regressarem com maior poder económico, constroem, não raras vezes, segundo modelos importados.

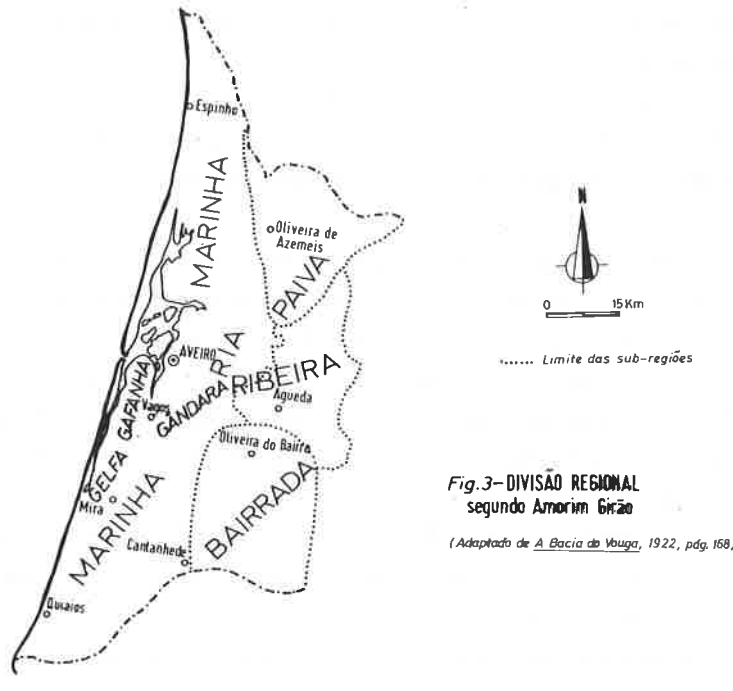



*Fig.3*– DIVISÃO REGIONAL segundo Amorim Girão

*(Adaptado de A Bacia do Vouga, 1922, pág. 168)*

É com F. MARTINS e J. GASPAR que a demarcação da *Gândara*. decorre verdadeiramente de outros fenómenos geográficos que não apenas de ordem física.

Para o primeiro, a *Gândara* desenvolve-se a partir da Serra da Boa Viagem,"sendo uma região arenosa e plana, semeada de matas de pinheiros do lado do mar e cultivado para o interior nos campos intercalados entre pinhais" (1949, pag.49). Trata-se principalmente duma vasta superfície pliocénica, cuja colonização só foi possível através dum trabalho árduo e constante."O gandarês (habitante da Gândara) cumpriu esta tarefa ingrata: ele adubou as terras com agulha de pinheiro e com o estrume dos estábulos; aqueles que tinham mais possibilidades compravam carradas de caranguejo ou de algas para fertilizar as suas terras. Nas dunas quaternárias, evidentemente o esforço foi vão: elas estão plantadas de pinheiros; mas nas areias pliocénicas surgem os campos de milho, de batata e de feijão, não obstante a esterilidade e a secura do solo", (1949, pag.46). Para FERNANDES MARTINS o limite Norte da *Gândara* difere consideravelmente do proposto por A. GIRÃO (cfr. Fig.3): localiza-se apenas a alguns quilómetros a Norte da vila de Mira confrontando com a *Gafanha*.(cfr. 1949, pags.51-52).

A delimitação proposta por JORGE GASPAR (Fig. 4) coloca o limite Setentrional, também, um pouco a Norte de Mira, dando a *Gândara* lugar à *Gafanha*. A Este, a linha que a separa da *Bairrada* passa genericamente por Calvão, Arada (concelho de Vagos), segue para

Sul um pouco a Nascente de Febres e mais afastada de Cantanhede, atravessa praticamente Cadima e Arazede e inflecte depois para o mar, seguindo *grosso-modo* o paralelo de Ferreira-a-Nova. Como afirma o autor, "caminhando de nascente para poente, a Bairrada acaba onde finda o domínio da vinha e do boi de trabalho", (1965/1970, pags.30-31). Para quem hoje se dirija do interior para o litoral, seguindo por exemplo o paralelo de Cantanhede "sentirá" que vai deixando uma área comandada pela economia da vinha e penetra progressivamente noutra onde domina a agro-pecuária. A principal diferença em relação à paisagem gandaresa descrita por J.GASPAR, é que a vaca de trabalho de raça marinha foi quase completamente substituída por gado leiteiro. O milho, a batata e as forragens, continuam a dominar a paisagem.

A *Gândara* constituirá o território em que incidirá a nossa investigação; procurámos, por isso, demarcá-la partindo de outra base metodológica.

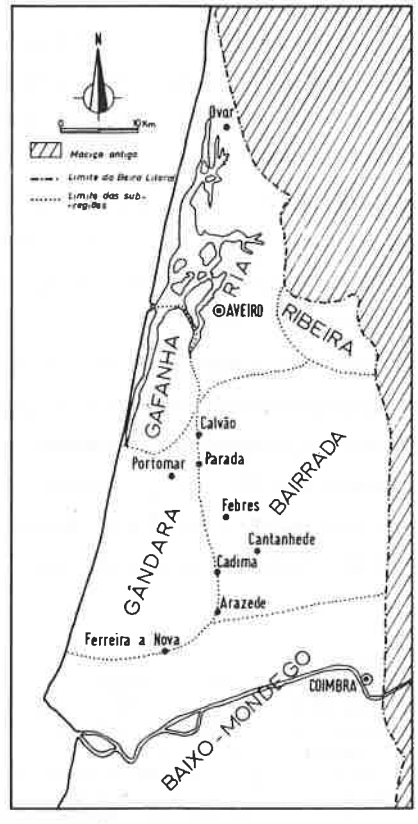



*Fig. 4* – **SUB-REGIÕES DA BEIRA LITORAL** segundo Jorge Gaspar

Fonte: AS FEIRAS DE GADO NA BEIRA LITORAL, 1965 / 1970

## 1.4 - Metodologia Utilizada

Com base na noção popular de "terras da Gândara" e " terras da Bairrada" sugerida por JORGE GASPAR (1965-70, pag.30) lançámos um inquérito (modelo 1 - anexo), cujo objectivo fundamental foi quantificar, no total de inquiridos em cada lugar, o nu'mero de indivíduos que afirmava residir na *Gândara*.

Foram entrevistadas 1032 pessoas distribuídas por 59 lugares (Fig.5). Pretendeu-se assim não só traçar o limite da *Gândara* através do conhecimento popular e local, mas ainda verificar em que medida os habitantes se afirmam ou não identificados com o território onde residem. Isto é, tentámos observar se "dentro" da *Gândara* existem comportamentos diferentes entre grupos sociais e território.

O Quadro 1 sintetiza a informação recolhida: além de se referenciarem os lugares onde se localizaram os inquéritos, regista-se também o total de indivíduos inquiridos em cada núcleo populacional e a percentagem relativa ao número de pessoas que referiu viver na *Gândara*. A partir das percentagens encontradas em cada lugar traçámos, pelo método da triangulação, linhas que unem lugares onde se observou o mesmo valor percentual de respostas afirmativas.([1]) Optámos por um limiar mínimo de 40%, para incluir o lugar na *Gândara*, isto é, abaixo desse valor considerou-se território exterior a ela. A partir daí elaboraram-se classes de modo a corresponder cada uma delas, a uma faixa de território: a primeira, que engloba a zona mais periférica, varia entre 40% e 60%, a segunda entre 60% e 80%, a terceira entre 80% e 90%; a última corresponde às áreas onde a percentagem de respostas afirmativas foi igual a 100%.

Antes de analisarmos a distribuição espacial destes valores, faremos uma referência à estrutura da população inquirida em relação com as respostas obtidas.

Os 1032 indivíduos entrevistados repartiram-se do seguinte modo: 59.3% (612) dos inquiridos são mulheres e 40.7% (420) do sexo masculino. O maior número de entrevistados situa-se num leque etário superior aos 30 anos, já que nele se enquadra 70.9% (731) do total. Destes últimos 452 (61.8%) tinham mais de 50 anos.

---

[1]- Em relação a Palheiros da Tocha não obtivemos informação suficiente. Apenas um indivíduo, proprietário de um café local mas não domiciliado permanentemente neste núcleo, afirmou-nos que Palheiros não está na *Gândara*. Por se tratar apenas de um inquérito não o utilizámos.

Também os valores obtidos na Praia de Mira, num total de 29 inquiridos apenas 2 afirmaram residir na Gândara, merecem alguma reflexão. Trata-se, como se sabe, dum núcleo piscatório onde a agricultura e a criação de gado que caracterizam a ecónomia gandaresa, estão praticamente ausentes. Quase todos os indivíduos entrevistados são pescadores que abandonam durante alguns meses a residência, e como nos afirmaram, um " pescador não faz agricultura". Daí resulta um sentimento de alguma "marginalidade" em relação aos gandareses, razão pela qual afirmam viver na *Praia* e não na *Gândara*.

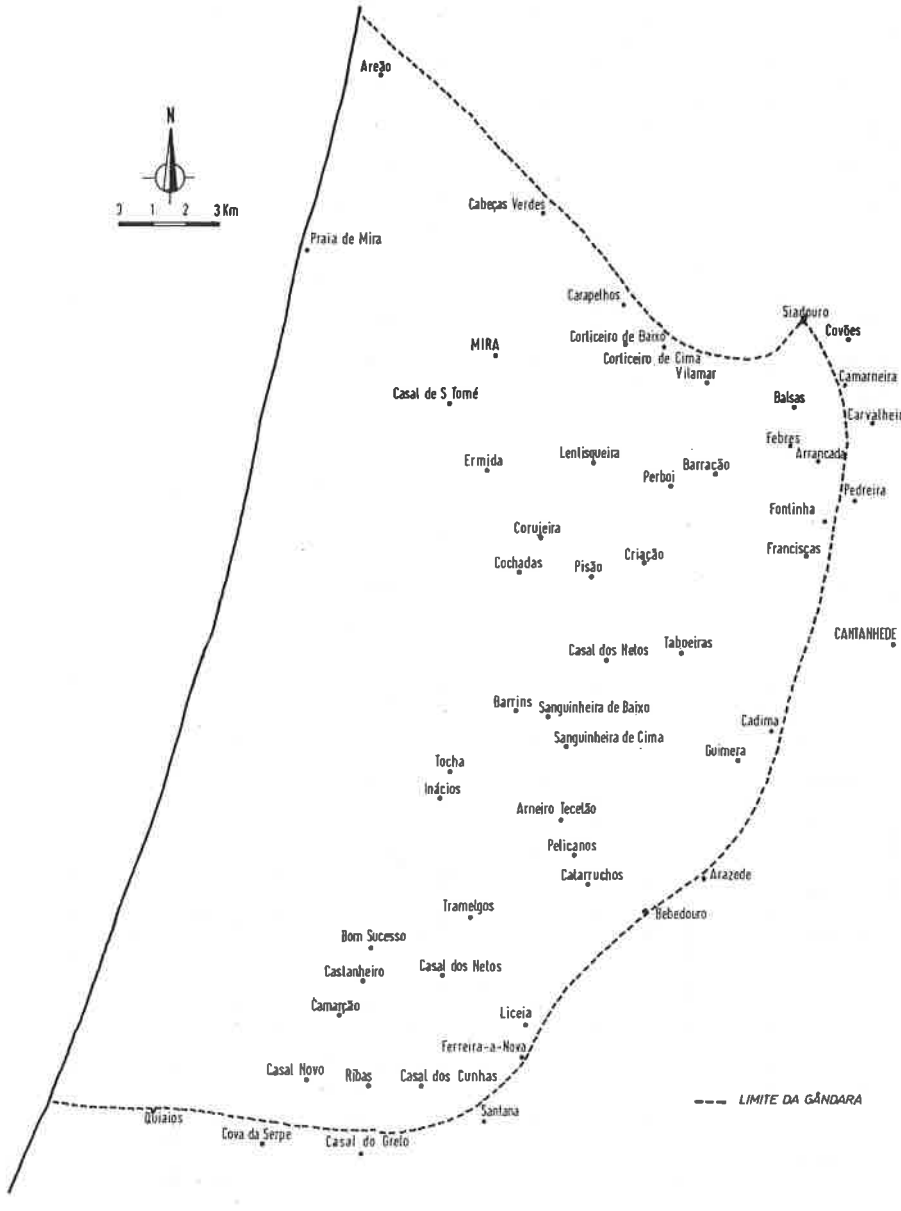



*Fig. 5* — LOCALIZAÇÃO DOS INQUÉRITOS

QUADRO Nº 1 - NÚMERO DE INDIVÍDUOS QUE EM CADA LUGAR AFIRMOU RESIDIR NA GÂNDARA.

| Lugares | Total | Resposta afirmativa | | Lugares | Total | Resposta afirmativa | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | % | Total | | | % | Total |
| Arazede | 34 | 51 | 17 | Covões | 24 | 40 | 10 |
| Areão | 16 | 10 | 2 | Criação | 7 | 82 | 5 |
| Arneiro Tecelão | 21 | 100 | 21 | Ermida | 18 | 92 | 16 |
| Arrancada | 23 | 30 | 7 | Febres | 38 | 80 | 30 |
| Balsas | 31 | 72 | 22 | F.-a-Nova | 14 | 85 | 12 |
| Barracão | 20 | 100 | 20 | Fontinha | 16 | 70 | 11 |
| Barrins | 7 | 100 | 7 | Francisca | 8 | 75 | 6 |
| Bebedouro | 12 | 60 | 7 | Guimera | 7 | 80 | 6 |
| B. Sucesso | 18 | 100 | 18 | Inácio | 12 | 100 | 12 |
| Cab. Verdes | 21 | 23 | 5 | Lentisqueira | 21 | 100 | 21 |
| Cadima | 36 | 73 | 26 | Liceia | 12 | 80 | 9 |
| Camarcão | 12 | 90 | 11 | Mira | 41 | 90 | 36 |
| Camarneira | 17 | 41 | 7 | Pedreira | 10 | 20 | 2 |
| Cantanhede | 42 | 37 | 16 | Pelicanos | 11 | 100 | 11 |
| Carapelhos | 20 | 30 | 6 | Perboi | 14 | 100 | 14 |
| Carvalheira | 17 | 90 | 15 | Prisão | 8 | 100 | 8 |
| C. dos Cunha* | 9 | 60 | 5 | P. de Mira | 29 | 5 | 2 |
| C.dos Cunhas** | 11 | 71 | 8 | Queix. da Rap. | 17 | 100 | 17 |
| C. do Grelo | 9 | 40 | 4 | Quiaios | 29 | 50 | 14 |
| C. dos Netos*** | 12 | 91 | 11 | Ribas | 6 | 62 | 4 |
| C. dos Netos**** | 11 | 100 | 11 | Santana | 17 | 31 | 5 |
| C. Novo | 7 | 90 | 6 | Sanj. BxQ | 21 | 100 | 21 |
| C.S.Tomé | 7 | 75 | 5 | Sanj. Cima | 19 | 100 | 19 |
| Castanheiro | 14 | 91 | 13 | Sardão | 4 | 100 | 4 |
| Catarruchos | 13 | 100 | 13 | Siadouro | 9 | 39 | 3 |
| Cochadas | 15 | 92 | 14 | Taboeira | 14 | 89 | 12 |
| Corticeiro B | 22 | 70 | 20 | Tocha | 31 | 100 | 31 |
| Corticeiro C | 18 | 50 | 9 | Tramelgos | 13 | 100 | 13 |
| Corujeira | 19 | 95 | 18 | Vilamar | 38 | 100 | 38 |
| Cova de Serpe | 10 | 30 | 3 | Total | 032 | 71 | 739 |

* - Freguesia de Ferreira-a-Nova
** - Freguesia de Quiaios
*** - Freguesia de Liceia
**** - Freguesia de Cadima

FONTE - *Inquérito*

As respostas obtidas revelam, para além de diferentes percepções do espaço, uma relação directa com o sexo e com a idade. Na amostra utilizada na população com mais de 30 anos (731), 654 individuos afirmaram residir na *Gândara*, dos quais, 64.7% (423) são mulheres. Daí decorre que, para grande parte da população masculina, a identificação com a *Gândara* deverá ter perdido significado.

A maior mobilidade, quer espacial quer profissional do sexo masculino, poderá em grande medida explicar aqueles resultados. O desvincular progressivo, principalmente em termos culturais, da população que abandona o território acelerou, certamente, a diluição da identidade do indivíduo em relação ao território onde reside. A mulher, ligada quase exclusivamente à criação de gado e à agricultura, tem mantido com o espaço que a envolve uma identificação cultural maior.

A estrutura das respostas em relação à população com menos de 30 anos parece aliás corroborar a mesma conclusão. Dos 301 indivíduos abrangidos por aquele leque etário, apenas 85 afirmam residir na *Gândara*, e as suas respostas repartem-se quase de modo equitativo por homens (51.8%) e por mulheres (48.2%). A menor ligação à terra, a maior mobilidade deste grupo etário, a que se associa por sua vez um padrão de vida consideravelmente diferente do dos seus antecessores, justifica não só o escasso número de respostas afirmativas, como o desinteresse por este tipo de questões, e com que deparámos frequentes vezes. Note-se, que grande parte dos jovens que nos afirmou residir na *Gândara* vive na freguesia de Mira, principalmente no centro urbano e em Portomar, na freguesia de N. Senhora das Febres e em Cadima, lugares em que funcionam, desde há algum tempo, colectividades recreativas que pretendem reactivar manifestações culturais quase perdidas. A acção dessas colectividades, quanto a nós, tem algo a ver com as respostas ali obtidas, pois os mais jovens mostram-se preocupados com alguns valores culturais da sua área, muitos dos quais se identificam com a *Gândara*, em oposição à *Bairrada* ou à *Gafanha*

### 1.5 — A Delimitação da *Gândara*

Como se referiu, a partir dos resultados obtidos definiram-se isolinhas, cujo objectivo foi traçar um zonamento de território consoante a percentagem de respostas afirmativas, com que estabelecemos diversas faixas. A partir delas podemos definir como área de transição da *Gândara*, a faixa compreendida entre as isolinhas de 40% e 60% (Fig. 6 ). Esta área é coincidente com a porção de território que a Norte se situa ligeiramente a Sul da Praia de Mira, inflecte para Norte passando próximo de Cabeças Verdes, toma depois a direcção de Carapelhos e Corticeiro de Cima; fica aquém da povoação de Siadouro, tem o seu limite

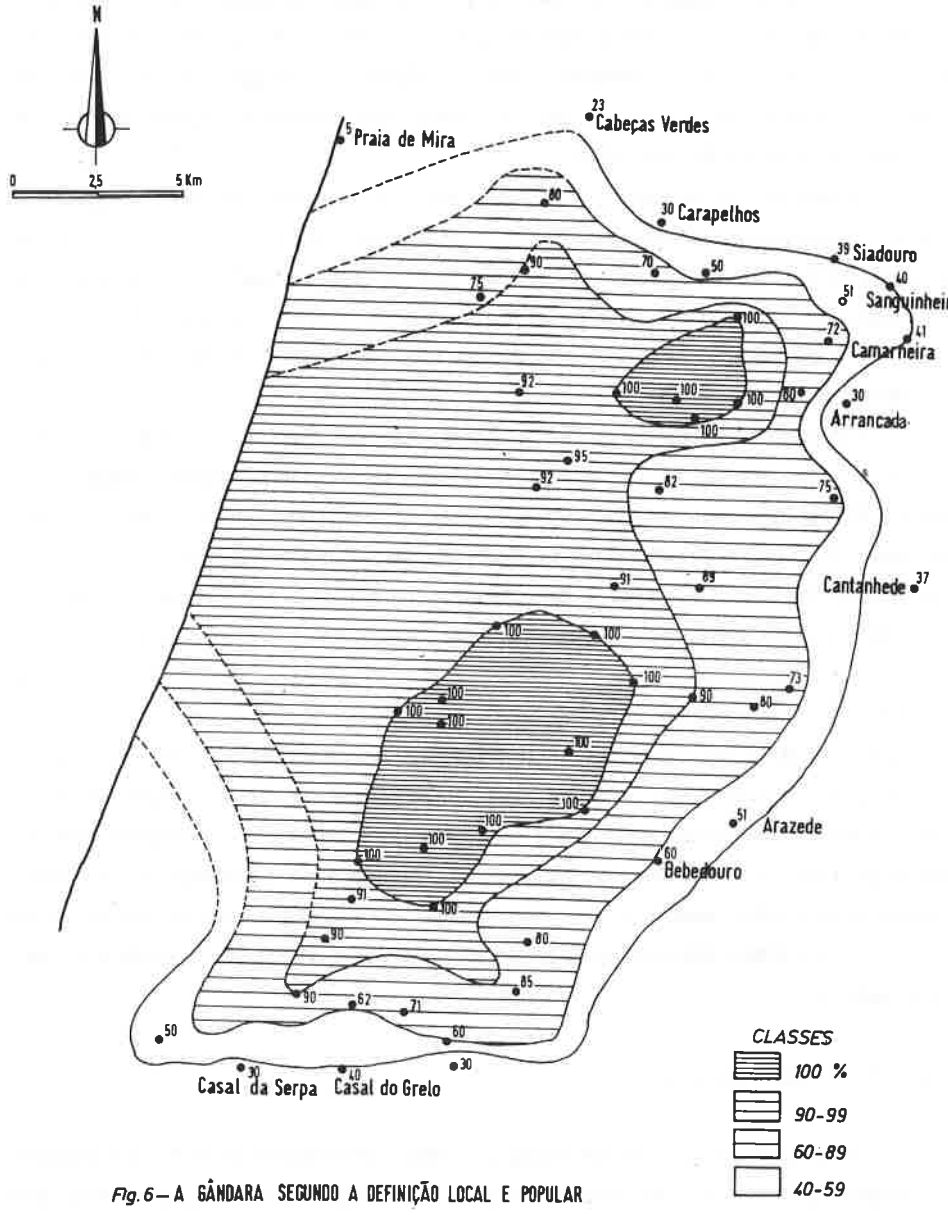



*Fig. 6 — A GÂNDARA SEGUNDO A DEFINIÇÃO LOCAL E POPULAR*

*Fonte: Inquérito*

exterior em Covões e engloba povoações como Sanguinheira e Camarneira. Faz depois uma ligeira incursão para o Litoral, fica aquém de Cantanhede, e segue para Sul no sentido de Arazede de modo a englobar Bebedouro, para um pouco a Sul de Ferreira-a-Nova tomar a direcção do mar. A Sul, a transição da *Gândara* com a Serra da Boa Viagem é feita do mesmo modo pela área definida pelas isolinhas dos 40% e 60% que passam respectivamente por Casal do Grelo e pela povoação de Casal dos Cunhas, da freguesia de Alhadas.

As faixas seguintes 60%-80% e 80%-90% correspondem, em nossa opinião, a um volume de respostas afirmativas que permite considerá-las em pleno território gandarês. A sua distribuição espacial revela, por um lado, a quase ausência de população na vasta mancha de pinhal, que ocupa grande parte das areias quaternárias mais próximas do Litoral; por outro lado, mostra também um estrangulamento situado ligeiramente a Norte de Cantanhede coincidente com a estrada Cantanhede-Mira. A penetração daquelas isolinhas, evidencia uma menor identificação dos inquiridos com a *Gândara*, para a qual devem concorrer a maior acessibilidade a outros centros urbanos e novos mercados de trabalho, bem como maior importância de emprego externo à exploração agrícola. Esses contactos conduzem ao desligar progressivo, ainda que paulatino, das populações em relação ao espaço rural onde ainda residem.

A partir dos lugares onde todas as respostas foram afirmativas definiram-se duas áreas: uma a Norte, mais restrita, que engloba Vilamar, Sanguinheira, Perboi, Barracão e Sardão; a outra, mais vasta, é limitada por uma linha definida por Barrins, Sanguinheira de Baixo, Sanguinheira de Cima, Catarruchos, Casal dos Netos, Bom Sucesso e Tocha, (cfr. Fig.6). A demarcação destas duas áreas corresponde, quanto a nós, a duas formas diferentes de percepção do espaço gandarês, que geram distintas relações de identificação das populações com o território que habitam. Na área situada a Sul, predomina como se verá, um conjunto de indicadores que são frequentemente o referêncial de *Gândara* : agricultura e criação de gado bovino, leiteiro, tipologia da habitação, estrutura do povoamento. Em suma, um conjunto de fenómenos de carácter económico e social que levam os indivíduos que aí residem a considerar-se gandareses. Na área mais a Norte, mais limitada, o significado será outro: trata-se de um espaço quase coincidente com o sector gandarês em que se desenvolveu a partir de finais do séc. XIX uma importante comunidade de ourives ambulantes (F. DELGADO CRAVIDÃO,1986; pags.15-39). Estes percorreram durante largas dezenas de anos quase todo o território nacional dando origem por sua vez a um importante grupo social e económico local. Ao longo da sua actividade, a saída do domicílio, ainda que temporária, levou provavelmente a desenvolver-se um sentimento de alguma forma "regionalista" em relação à sua área de origem, que impediu se diluísse a identificação com o território e contribuiu pelo contrário para o desenvolvimento do sentimento de gandarês.

Em resumo, pensamos que a delimitação da *Gândara* que encontrámos não se afasta de modo significativo das limitações propostas por ALFREDO FERNANDES MARTINS e JORGE GASPAR. Apenas no sector situado ligeiramente a Norte de Cantanhede, e numa área relativamente restrita, surgem algumas divergências. Não incluímos neste território qualquer sector do concelho de Vagos. Ainda que as características físicas, nomeadamente litológicas sejam idênticas, pensamos que a realidade socio-económica é consideravelmente diferente daquela que deparámos no território gandarês. Não será alheia a tal circunstância a maior proximidade da bacia de emprego que tem como polo principal Aveiro. Os contactos motivaram modificações do padrão de vida não generalizadas na *Gândara*

### 1.5.1 — A *Gândara* e a Divisão Administrativa

A Figura 7, mostra que a *Gândara* se insere administrativamente nos concelhos de Cantanhede, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho e Mira, situados no distrito de Coimbra([1]).

No primeiro incluem-se as freguesias de Corticeiro de Cima, S. Caetano, Sanguinheira, Tocha, Vilamar e parte de N. Senhora das Febres, de Cantanhede e de Cadima. Do segundo, abrange a área inserida na nova freguesia do Bom Sucesso, parte de Alhadas e de S. Mamede de Quiaios; no concelho de Montemor-o-Velho ocupa a grande parte das freguesias de Arazede e Liceia; o concelho de Mira, todo ele é território gandarês e está actualmente dividido nas freguesias de Mira, Praia de Mira, Seixo e Carapelhos.

Deve, porém, registar-se que, dada a circunstância de esta divisão administrativa ser bastante recente e de as alterações se terem verificado já no decurso deste trabalho, utilizámos a relativa a 1981, visto toda a informação, quer de carácter estatístico quer de outra índole, nela se ter baseado. Na Fig.8 representa-se a divisão administrativa da *Gândara* em 1981: ao concelho de Mira corresponde apenas uma freguesia; no concelho de Cantanhede ocupa uma pequena parte de Santo António de Covões, a freguesia de Tocha, quase toda a

---

[1] - Registam-se a seguir as alterações administrativas verificadas na *Gândara.*

- No concelho de Cantanhede: Lei nº 95/85, de 4 de Outubro, cria a freguesia S. Caetano; Lei nº 98/85, de 4 de Outubro, a freguesia de Corticeiro de Cima; a Lei nº 115/85, de 4 de Outubro, cria a de Vilamar e a Lei nº 23/86, de 19 de Agosto, a freguesia de Sanguinheira.

- Concelho de Figueira da Foz: a Lei nº 122/85, de 4 de Outubro, cria a freguesia do Bom Sucesso.

- Concelho de Mira: Lei nº 56/84, de 31 de Dezembro, cria a freguesia de Seixo; pela Lei nº 57/84, de 31 de Dezembro, é criada a de Carapelhos e pela Lei nº 66/84, de 31 de Dezembro, a da Praia de Mira.

Acrescente-se ainda que pela Lei nº 62/85, de 25 de Setembro, Tocha foi elevada à categoria de vila.

A *Lei nº 18/88*, de 1 de Fevereiro de 1988 eleva à categoria de vila a povoação de Febres.

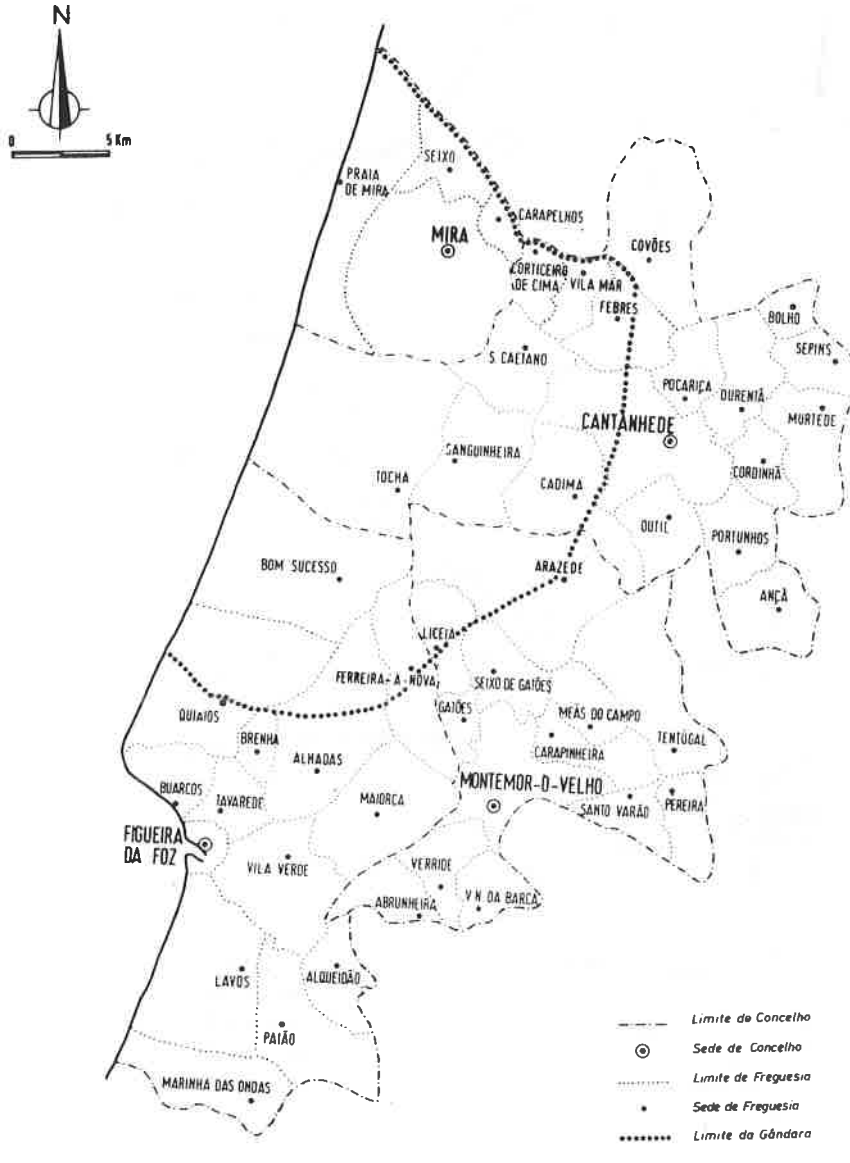



*Fig. 7* — A DIVISÃO ADMINISTRATIVA DA GÂNDARA
-1987-

área de Nª. Senhora das Febres e cerca de metade de Cantanhede e Cadima; no concelho de Figueira-da-Foz abrange quase toda a freguesia de Quiaios e parte de Alhadas e Ferreira-a-Nova; do concelho de Montemor-o-Velho inclui parte de Liceia e Arazede.

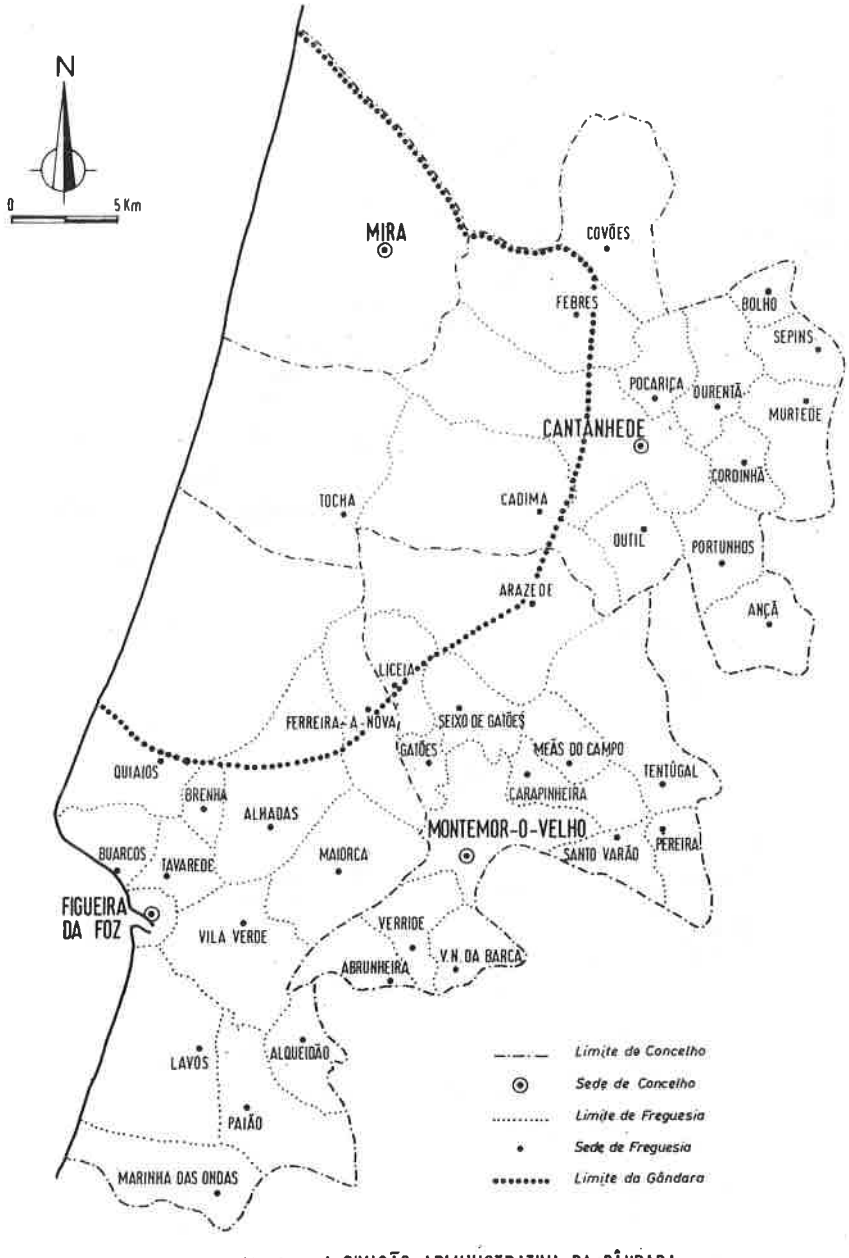



*Fig. 8* — A DIVISÃO ADMINISTRATIVA DA GÂNDARA
-1981-

Com uma superfície ligeiramente superior a 500 Km2, de morfologia plana, onde a altitude raramente ultrapassa os 50 metros, de solos essencialmente arenosos, clima temperado mediterrâneo com influência do Atlântico, a *Gândara* é um espaço recentemente ocupado onde a densidade populacional passou, em cerca de 200 anos, de 7 para quase 100 habitantes por Km2. No entanto, a estrutura económica não evoluiu no sentido de poder

suportar a pressão demográfica. É por isso uma área marcada por intensos fluxos migratórios, principalmente de carácter internacional. Por outro lado, tem-se mantido como uma área marcadamente rural onde as perspectivas de desenvolvimento se foram mantendo ausentes. Em face disso, pensamos que, no conjunto do Litoral português, referência habitual de desenvolvimento do país, a *Gândara* se manteve, e ainda se mantém, como uma área periférica.

## CAPÍTULO II — A OCUPAÇÃO DA *GÂNDARA*

### 1. INTRODUÇÃO

Domínio de extensos areais, de incultos, de matos e baldios, o território da *Gândara* manteve-se praticamente despovoado até ao final da Idade Média. Apesar de existirem alguns núcleos populacionais, estes não conseguiram promover o aparecimento de novos focos de povoamento.

No limite Sul, Quiaios conhecido desde o século IX([1]), tornou-se um dos focos de povoamento mais antigo do Litoral português. A notícia de doação da vila de Mira em 1095, sugere já a preocupação de povoar no século XI esta área do Litoral.([2]) Entre estes dois núcleos e continuando até à foz do Rio Vouga estendia-se um vasto vazio humano. Segundo MARIA OLIMPIA da ROCHA GIL ( 1965, pag. 86 ) "a faixa entre Cantanhede e o mar era uma mancha de deserto baldio - Gândara - que se prolongava quase até Aveiro e onde vinham invernar os rebanhos da Serra da Beira...". A tal respeito, no ano de 1535 RUY FERNANDES afirma na *Descripção do termo em roda da cidade de Lamego duas léguas; suas produções e muitas outras cousas notáveis*: "...Há homens de cento, cento e vinte e cento e cincoenta rêzes vacmes de vacas e touros; os quaes vacas tem esta maneira que do mês de Maio até ao mês de Setembro até mais pastam na Gandara junto ao mar antre Aveiro e Coimbra, que são já tam sentidas no tempo, que se o tempo he quente, e os seus donos os nam vam buscar, muitas se vem por sy e se o tempo he frio, e as nam levam, per sy se vam; e tem lugares desputados no caminho, que se chamam malhados onde dormem...".

A documentação, ainda que dispersa, mostra que o povoamento desta área do Centro Litoral foi tardio, constituindo talvez no conjunto do território nacional um dos espaços

---

1 — Com a data de 807 é referenciada a vila de Quiaios, *D.C.* doc. 12.

2 - A.N.T.T. - *Livro Santo de Santa Cruz de Coimbra* , 57 e 57 v. "A vila de Mira teve-a dona SOLEIMA GODINHO antes de 1095 em préstamo ou atoudo para'a povoar desde a orla marítima atá ao lugar de S. Romão, a Ribeira da Varzeela e ao moinho de Caraboi. Mas em 25 de Fevereiro deste ano o conde D. RAIMUNDO e a Rainha D. URRACA doaram-lha com todos os direitos..."

mais recentemente ocupados. Apesar disso, durante largo tempo, foi disputado quer pela coroa quer por instituições religiosas.

A importância de que Mira disfrutou, mormente durante a Idade Média devido à actividade piscatória e comercial, aliada ao facto de ser uma região rica em caça, deverá justificar o interesse de algumas instituições pela sua posse.

O documento onde é referido o " *Coutamento de Mira e das gandaras d'arredor d'Aveiro*..." mostra quanto era gravoso para as populações transgredirem-no, nomeadamente no que se refere à pesca e à caça. O destino para Arzila ou Tanger era uma das penas apontadas([1]).

Importa pois traçar o percurso da ocupação do espaço gandarês. Muito lento durante centenas de anos, deverá ter adquirido uma nova dinâmica a partir do século XVII. Um deserto humano transforma-se, num período de tempo relativamente curto, num território intensamente ocupado.

A escassez e a dispersão das fontes torna ainda mais difícil reconstituir um "passado" onde ele praticamente não existiu. A toponímia e as informações de índole histórica, não sendo únicas, são as fundamentais para tentar compreender a ocupação e organização deste território.

Segundo RUI AZEVEDO ( 1933, pag. 14) " ... cada povo que passa e deixa assento num território deixa um sedimento toponomástico que o prepassar de novas ondas humanas não logra desgastar por inteiro ...".

Tem sido aliás, através da toponímia que a maioria dos autores tem construído as diversas hipóteses, em relação ao povoamento do território nacional . Mas se nalguns casos foi um elemento privilegiado para acompanhar a "marcha" da ocupação e organização do espaço, noutros, as lacunas com que deparámos foram por vezes inultrapassáveis. Os estudos até agora elaborados, principalmente no domínio da História, contemplam na maioria dos casos, áreas mais vastas ou temporalmente mais limitadas daquela onde nos situamos ([2]).

---

[1] - *Collecção de Inéditos de História Portuguesa* vol.III, pags. 494 e 495. A título de exemplo refiram-se algumas das penas a que estavam sujeitas as populações, caso caçassem ou pescassem na coutada de Mira *e nas gandaras de arredor de Aveiro*: Item. Que nenhua pesoa de qualquer estado, e condiçam que seja nom corra xonte, nem balhestee, pesque, nem caçe em toda a dita coutaria, posto que pera elo Alvaraes de licença tenham, por quamto per esta as ha por revoguados. Item. Qualquer que matar veado, ou veada, corço, ou corça, ou qualquer outra veaçam, pague por cabeça mil reis bramcos, e seja preso, e degradado huum anno para Arzila. Item. Que qualquer homem a que for achado em sua casa pele de veado, pague trezentos reis se nom der donde a ouve. Item. Que nom seja nenhuu tam ousado que mate trouitas nem outro alguu pescado que seja na dita alaguoa de Mira, asy como diz pelo rio acima atee pasante os moinhos da Fervença huu tiro de beesta. Item. Qualquer que achado for lançar algua armadilha pera matar pescado na dita coutada, pague quinhentos reis por cada vez que for achado, e mais preso, e degradado por hum anno pera Tamjer.

[2] As obras em que se baseia o nosso estudo até ao século XIV são a prova do que afirmamos: RUI DE AZEVEDO (1933); MARIA DA GRAÇA DIAS PEREIRA FERNANDES FANTASIA (1972) e MARIA HELENA DA CRUZ COELHO (1983)

A Fig. 9 pretende mostrar através dos topónimos a evolução do povoamento do século IX ao século XIV.

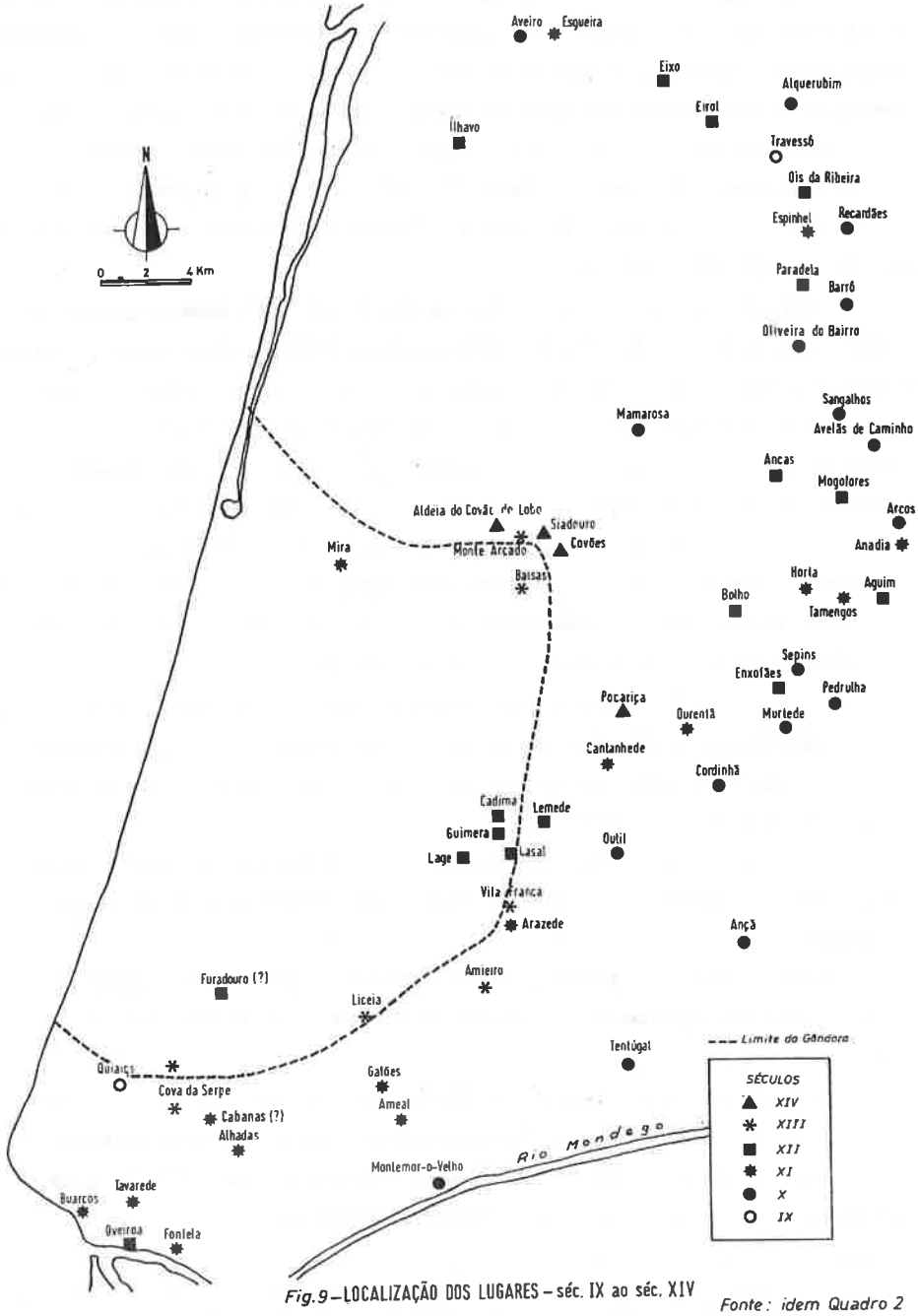



*Fig. 9* – LOCALIZAÇÃO DOS LUGARES – séc. IX ao séc. XIV

*Fonte: idem Quadro 2*

Cabe, entretanto, chamar a atenção para o facto de esta cartografia englobar, como se observa, uma área muito mais vasta que aquela onde se inscreve a *Gândara*.

Pretendeu-se apenas mostrar como, ao longo de alguns séculos, as *areias* iam ficando continuamente por ocupar. Terrenos pobres, quase estéreis, mantêm-se periféricos à ocupação que se processa na maior parte do território nacional. Saliente-se, todavia, que nem sempre um topónimo deverá significar um núcleo de povoação, antes pode corresponder a uma necessidade em dado momento de "...especificar um prédio, ou uma zona mais lata no sentido de o aproveitar e valorizar".. (M. H. COELHO, 1983, pag.8). Significa, no entanto, já um interesse, nomeadamente económico, por esse espaço que poderá ser num momento posterior local de fixação humana.

Para o século X e com base na obra de RUI AZEVEDO([1]) pode concluir-se que um extenso vazio dominava todo o Centro Litoral português. O limite ocidental da ocupação pode fazer-se coincidir com a linha das areias plio-quaternárias, isto é: com os terrenos que quase nenhumas aptidões agrícolas apresentavam. Limitada a Oeste pela linha de costa e a Norte, Este e Sul, grosseiramente, por uma linha que passa pela foz do Rio Vouga, Oliveira do Bairro (*Ulvania*), Sangalhos (*Sangalios*), Sepins (*Cipidis*), Murtede (*Mortede*), Cordinhã (*Cordeniana*), Outil (*Octil*) , (*Laviceto*) e Quiaios, esta vasta superfície era um espaço praticamente despovoado, enquanto o restante território entre Vouga e Mondego, estudado por aquele historiador, se mostrava já consideravelmente ocupado. Note-se que toda esta a área era domínio duma única instituição religiosa - O Mosteiro de Lorvão.

De todos os topónimos cartografados apenas um - Quiaios - poderá ser considerado na *Gândara*, embora situado no seu limite Sul. Referido já em documentação do século IX, o seu aparecimento e desenvolvimento dever-se-á à actividade piscatória, já que nesta época a agricultura teria aqui pouca importância.

Assim, dos 85 topónimos referidos por RUI AZEVEDO no território entre os Rios Vouga e Mondego apenas um - Quiaios - se situa na faixa litoral, mostrando bem a ausência da ocupação humana.

Para as centúrias seguintes as fontes apenas permitem formular algumas hipóteses no domínio da ocupação do espaço, mormente na área compreendida entre aqueles dois rios.

Segundo o mapa elaborado por MARIA DA GRAÇA FANTASIA (1972), no século XI surgem mais 48 topónimos. Apesar das reservas que devem merecer estes valores, eles revelam, sem dúvida, um acréscimo do número de núcleos populacionais. Todavia, na região *gandaresa* não se verifica o aparecimento de novos aglomerados.

---

[1] — Este autor (1933, pag. 27), cartografa todos os topónimos existentes na área compreendida entre os rios Vouga e Mondego, no século X, e que eram pertença do Mosteiro de Lorvão.

Para o século XII e na região entre os cursos do Mondego e do Vouga computámos mais 161 topónimos. Apesar da crítica que sempre estes valores devem merecer, a realidade não deverá andar muito afastada já que "... na região do Baixo Mondego, 20 topónimos existiam no século X; vindos dois já do anterior. Na centúria seguinte juntam-se-lhes outros 26 e no seculo XII, 97"... ( M.H. COELHO, pag. 8). Todavia ao surto de povoamento que os números deixam antever não corresponde, na *Gândara*, uma ocupação de espaço reveladora do mesmo ritmo.

Para Mira e Arazede([1]) as primeiras referências datam do século XI; no XII, surgem alguns núcleos, embora no limite Oriental do território. Furadouro (?), Lage, Casal, Guimera, Cadima, Lemede e Bolho([2]), são alguns exemplos, que poderão indiciar uma progressiva marcha em direcção à linha de costa.

A centúria de duzentos parece corresponder a um momento de intensa ocupação do espaço, nomeadamente em algumas áreas do centro do país. No Baixo Mondego verifica-se um aumento de 173 topónimos (M. H. COELHO, pag. 8), que deverão significar, em grande parte, outros tantos núcleos populacionais. No entanto, não esqueçamos que esta área era privilegiada sob o ponto de vista agrícola, portanto predisposta a uma ocupação mais rápida e mais intensa; não se conclua todavia, que só aqui se tenha processado um surto de colonização no século XIII. Sem atingir valores tão significativos, um proceso idêntico terá ocorrido noutras regiões. De qualquer modo, e considerando apenas a área de estudo, esta continuava um extenso espaço vazio, à semelhança de outras regiões do país. No dizer de A. H. OLIVEIRA MARQUES (1965, pags. 94 e 95 ) no século XIII "... a densidade devia ser mínima nas seguintes regiões: zona ocidental de Trás-os-Montes, correspondente à localização das serras do Marão e do Barroso; parte do chamado Triângulo Litoral Português, tendo como vértice Vagos, Coimbra e Leiria; zonas correspondentes ao vale do Vouga, no seu curso médio e inferior; zonas das Serras da Estrela e Lousã; toda a região para sul do Tejo correspondente aos terrenos de Lezíria, abrangendo parte do Alto Alentejo, e por último a zona do actual Baixo Alentejo.". Será interessante registar - embora com o decorrer do tempo a situação se vá alterar profundamente -, que, nesta época, o Centro Litoral apresenta algumas características muito próximas do interior do país.

---

1— "Em 1087 D. FERNANDO doa à filha ELVIRA duas villas ad integrum Arazed ..." *P.M.H., D.C.*, doc. 677, citado por MARIA DA GRAÇA DIAS PEREIRA FERNANDES FANTASIA, *ob. cit.*, pag. 134.

2 — A título de exemplo citaremos apenas os documentos que fornecem a primeira informação relativamente a Bolho e Cadima. Para o primeiro aglomerado, e à data de 1140, é passada uma carta de couto por D. AFONSO HENRIQUES, em cujas demarcações se lê: "... *et dividit cum Bolio ...*", *D.M.Régios*, doc. 179. Para Cadima reporta-se ao ano de 1114, a primeira informação - *D.M. Particulares* - doc. 489. (Cfr. MARIA DA GRAÇA FANTASIA, *ob. cit.*, pags. 94 e 95). Os topónimos Furadouro, Laje, Casal, Guimera, foram localizados a partir da cartografia elaborada por MARIA HELENA DA CRUZ COELHO, *ob. cit.*, vol. II, Fig. 1.

Se em algumas áreas do território nacional, se assiste durante o século XIII, à difusão de novos focos de povoamento, a *Gândara* continuava praticamente "alheia" a esse facto. No entanto, apesar dessa parca ocupação humana que apresentava, no século XIII surgem alguns novos núcleos. Um documento datado de 14 de Dezembro de 1271 dá conhecimento de todas as décimas, primícias e parte das miúnças das aldeias de *Monte Arcado* e de *Balsas* (cfr.A.E. POIARES, 1963, pag. 175).

No século seguinte o cenário não sofre grandes alterações, até porque se assiste a uma retracção demográfica e económica generalizada. As epidemias, guerras e pestes, (cfr. O. RIBEIRO, 1955, pag. 100) com que Portugal se defrontava explicam em grande parte a contracção verificada. "...A grande escassez de população nos fins do século XIV transparece dos documentos e das narrativas", afirma COSTA LOBO, (1903, pag. 10) - uma realidade que se reflecte, obviamente, no ritmo dos arroteamentos e na conquista de novos espaços. Com base nas *Ordenações Afonsinas*, o autor citado afirma que "...desde a confluência do Nabão com o Zêzere até Tomar e daí em todo o território entre a estrada de Coimbra e o mar até ao Porto, os porcos montezes eram legalmente coutados"([1]), o que pressupõe uma vasta área de matagais e brenhas. Neste sentido, pode supor-se que este terá sido o cenário gandarês, durante longo tempo. Se nos séculos XIV e XV aparecem alguns novos núcleos - Covões e Siadouro são referenciados em 1338 (cfr. A. E. POIARES, 1963, pag. 179) -, a maior parte das informações refere-se apenas aos dois aglomerados, que foram mantendo, ao longo destes séculos, maior importância, Mira e Quiaios.([2]) Acrescente-se ainda que nesta época - provavelmente onde hoje se situa, na freguesia da Tocha, o Hospital Rovisco Pais - existia um pequeno núcleo designado por Quinta da Fonte Quente, propriedade do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Apesar de se começarem a vislumbrar a partir de meados do século XV inequívocos indícios de aumento de população ao nível do território nacional([3]), em meados daquele século Mira é ainda referida como um pequeno núcleo populacional([4]). Por outro lado, segundo ANTÓNIO LUIS HENRIQUE SECO (1853, pag. 20), em 1610, a área que corresponde grosseiramente à actual freguesia da Tocha era "...totalmente erma; pois apenas

---

1 — *Ordenações Afonsinas*, Livro I, tit. LXVII, citado por A. DE SOUSA SILVA COSTA LOBO (1903, pag. 79).

2 — A importância destes dois núcleos decorre em grande parte da actividade piscatória, que na época parece ser considerável. De tal modo que algumas questões surgiram entre o monarca e o clero quanto aos impostos de pescado. Veja-se sobre este mesmo assunto o que diz MARIA HELENA DA CRUZ COELHO, *ob. cit.*, vol. I, pag. 382.

3 — Sobre o mesmo assunto veja-se, A. H. de OLIVEIRA MARQUES (1963, pags. 283-285) e A. DE SOUSA SILVA COSTA LOBO, *ob. cit*, capítulo I.

4 — Um documento datado em Tentúgal de 22 de Setembro de 1442 afirma: " Os moradores de Mira sam previligiados per El-REi dom Affonso porque sa tia e seu tio o Infante D. Pedro a ter desejado e o *povo era pequeno* e nam sofria de pedidos de talhas, Fintas". B.G.V.C. - M.S. 1104, fl. 221. Entenda-se *pequeno* como *pobre*.

havia em seus terrenos de hoje um único lavrador junto à Quinta da Fonte-Quente, já nesse tempo propriedade dos frades Cruzios, ora extintos..."([1]).

Ainda que as informações apontem para uma precária ocupação das *areias*, surgem durante o século XVI novos lugares. Embora em número escasso, situam-se na periferia de Mira, o que parece significar ser este o local de arranque da colonização do territótio gandarês.

## 2 — A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO NO SÉCULO XVI

### — O *Numeramento de1527-1532* —

O *Numeramento de 1527*, além de ser a primeira fonte generalizada para o conhecimento da população portuguesa, deverá também pressupor um aumento demográfico que terá justificado em parte a sua realização .

Marco importante na demografia portuguesa, o documento contém, todavia, lacunas inultrapassáveis([2]). Alguns núcleos, de cujas primeiras notícias as fontes demonstram existir muito antes do século XVI, não são computados pelo censo Joanino. É óbvio que se deve tratar de omissões, e neste sentido foram considerados desde o primeiro momento em que possui informação.

Com o Quadro 2 pretende-se registar os lugares que progressivamente foram aparecendo na *Gândara*, desde o século IX até 1527, pretende-se também referenciar o número de fogos que lhes foi atribuído pelo recenseamento do século XVI - um indicador importante já que permite traçar uma imagem imediata da dimensão dos lugares.

Pela primeira vez são referidos pequenos aglomerados populacionais, cujo baixo número de moradores deixa antever uma recente fixação, (Fig. 10). *Corugeira* contava à data de 1527, 2 moradores, *Moinhos do Ribeiro* com 9, *Portomar* apenas com 1, *Póvoa do Bispo* e

---

[1] — Refira-se que, todo o espaço correspondente ao território *gandarês* foi durante séculos "repartido" por diversas instituições religiosas e pela Coroa. Se até ao século X grande parte da área entre o Vouga e o Mondego pertencia, como vimos, ao Mosteiro de Lorvão, com a decadência deste, a Coroa, os Crúzios, o Mosteiro da Vacariça e ainda o Mosteiro de Almaziva passaram a dominá-la. Para o ano da tomada de Coimbra (1064) há notícias de Murtede na documentação do Mosteiro da Vacariça (VERGÍLIO CORREIA; ANTÓNIO NOGUEIRA GONÇALVES 1952, pags. 35a e b). Metade do couto de Quiaios é doado em 1143 por D. Afonso Henriques aos Crúzios de Coimbra, que detinham já a outra metade (VERGILIO CORREIA, ANTÓNIO NOGUEIRA GONÇALVES, *ob. cit.*, pag. 100 b.). Também Fonte Quente ( Fontem Calidum ), pertenceu como se referiu, àquela ordem religiosa. *Ibidem*, pag.40 a . Embora já a leste da *Gândara*, Cacia era ainda no século XIV propriedade do Mosteiro de Lorvão (A.H. DE OLIVEIRA MARQUES 1978, pag. 71). Mira pertenceu praticamente sempre à Coroa. "... Pertenciam à coroa as coutadas de Mira e da Gândara dos arredores de Aveiro, (...) a tapada do Coelho e a Lagoa de Mira (LUIS AUGUSTO REBELO DA SILVA, 1868, pag. 172).

[2] — Veja-se sobre este assunto, ANTÓNIO DE OLIVEIRA, (1971, pag. 142 e segs.); Padre AVELINO DE JESUS DA COSTA, (1959, pag. 226 e segs). Também ORLANDO RIBEIRO se refere à lacuna do manuscrito quinhentista, (1955, pag. 97 e segs).

## QUADRO Nº 2- POVOAMENTO DO SÉCULO IX AO SÉCULO XVI (1527)

| Séc. IX | Séc. X | Séc. XI | Séc. XII | Séc. III | Séc. XIV | Séc. XV | Séc. XVI (1527) | | Freguesia actual |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | Lugares | Nº de vizinhos | |
| – | – | Arazede | Arazede | Arazede | Arazede | Arazede | Arazede | 27 | Arazede |
| – | – | – | Dolho | Dolho | Dolho | Dolho | Dolho | 25 | Dolho |
| – | – | – | Cadima | Cadima | Cadima | Cadima | Cadima | 1 | Cadima |
| – | – | – | Guimera | Guimera | Guimera | Guimera | ? | – | |
| – | – | – | Lage | Lage | Lage | Lage | ? | – | |
| – | – | Cantanhede | Cantanhede | Cantanhede | Cantanhede | Cantanhede | Cantanhede | 103 | Cantanhede |
| – | – | – | Lemede | Lemede | Lemede | Lemede | Lemede | 50 | |
| – | – | – | – | – | – | – | Moinhos do Ribeiro | 9 | |
| – | – | – | – | – | – | – | Povoa da Lomba | 28 | |
| – | Cordinhã | Cordinhã | Cordinhã | Cordinhã | Cordinhã | Cordinhã | Cordinhã | 27 | Cordinhã |
| – | – | – | – | – | Aldeia do Covão do Lobo | Aldeia do Covão do Lobo | Aldeia do Covão do Lobo | 16 | Covão do Lobo |
| – | – | – | – | – | Covões | Covões | Covões | – | Covões |
| – | – | – | – | Monte Arcado | Monte Arcado | Monte Arcado | Monte Arcado | 27 | |
| – | – | – | – | – | – | – | Malhada | – | |
| – | – | – | – | – | Seadouro | Seadouro | ? | ? | |
| – | – | – | – | Balsas | Balsas | Balsas | ? | – | Febres |
| – | – | Gatões | Gatões | Gatões | Gatões | Gatões | ? | – | Gatões |
| – | – | – | – | Liceia | Liceia | Liceia | ? | – | Liceia |
| – | – | – | – | – | – | – | Corugeira | 2 | Mira |
| – | – | Mira | Mira | Mira | Mira | Mira | Mira | 43 | |
| – | – | – | – | – | – | – | Portomar | 1 | |
| – | – | – | – | – | – | – | Povoa da Ermida | 2 | |
| – | – | Murtede | Murtede | Murtede | Murtede | Murtede | Murtede | 37 | Murtede |
| – | – | Ourentã | Ourentã | Ourentã | Ourentã | Ourentã | Ourentã | 28 | Ourentã |
| – | – | – | – | – | – | – | Povoa do Bispo e outras Povoas | 16 | |
| – | Outil | Outil | Outil | Outil | Outil | Outil | Outil | 21 | Outil |
| – | – | – | – | – | – | Vila Nova de Outil | Vila Nova de Outil | 17 | |
| – | – | – | – | – | Pocariça | Pocariça | Pocariça | 38 | Pocariça |
| – | – | – | – | Cova da* Serpe | Cova da Serpe | Cova da Serpe | ? | – | Quiaios |
| Quiaios | Quiaios | Quiaios | Quiaios | Quiaios | Quiaios | Quiaios | Quiaios | 63 | |
| – | – | – | Escapães | Escapães | Escapães | Escapães | ? | – | Sepins |
| – | Sepins | Sepins | Sepins | Sepins | Sepins | Sepins | Sepins Grande | 17 | |
| – | – | – | – | – | – | – | Sepins pequeno e outros lugares | 29 | |
| – | – | – | – | – | – | Quinta da Fonte Quente | ? | – | Tocha |

*- Pertence actualmente às freguesias de Quiaios e Brenha do concelho da Figueira da Foz.

Fonte: RUI DE AZEVEDO, *O mosteiro de Lorvão na Reconquista Cristã*, Separata do Arquivo Histórico de Portugal, Lisboa, 1933.
AMORIM GIRÃO e PAULO MERÊA, *Territórios portugueses no século XI*, in "Revista Portuguesa de História", tomo II, Coimbra, 1943, pp. 256-263.
JOÃO TELLO DE MAGALHÃES COLAÇO, *Cadastro da População do Reino, 1527. Actas das comarcas Dentre Tejo e Odiana e da Beira*, Lisboa, 1931, sep. da "Revista da Faculdade de Direito de Lisboa", ano II, 1934.
MARIA DA GRAÇA FANTASIA, *O repovoamento das "villas" da área compreendida entre o Vouga e o Mondego, nos séculos IX a XII*, diss. de licenciatura, pol., Coimbra, 1972.
MARIA HELENA DA CRUZ COELHO. *O Baixo Mondego nos Finais da Idade Média*, volume I, Coimbra, 1963.

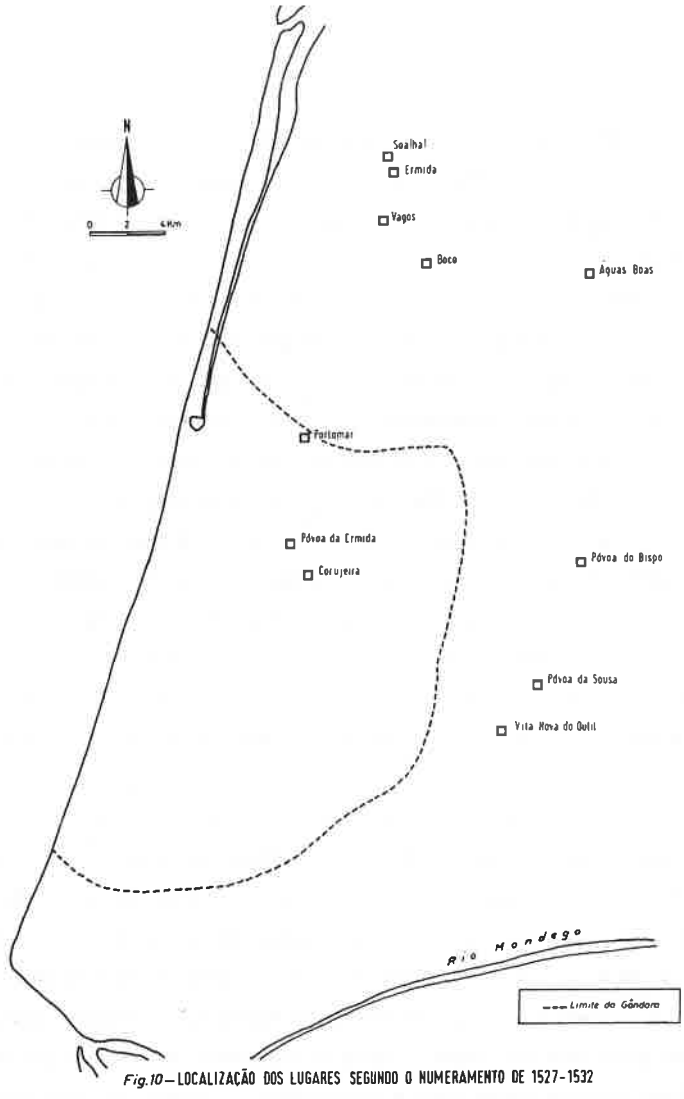



*Fig.10*— LOCALIZAÇÃO DOS LUGARES SEGUNDO O NUMERAMENTO DE 1527-1532

outras *Póvoas* detinham no conjunto 16, *Póvoa da Ermida* 12, a *Aldeia do Covão do Lobo* vem referenciada com 18, enquanto Malhada, *Covões* e *Monte Arcado* têm no total 27. Recorde-se que destes dois últimos núcleos existem notícias respectivamente do século XIII e do século XIV, o que poderá explicar o número mais elevado de *moradores*. *Póvoa da Lomba*, situada na transição entre a *Gandara* e o *Monte* ([1]), é referenciada com o montante de 28 moradores, e constitui também um núcleo vindo já do século anterior.

Registe-se que os "novos" aglomerados têm todos um número de moradores inferior aqueles de cuja existência se tem conhecimento anterior a 1527. *Corugeira* com 2, *Portomar* com 1 e *Póvoa da Ermida* com 2, são disso exemplos. Refira-se, pelo contrário, que àquela

1 — Sobre *Monte* veja-se o que afirmam L. de VASCONCELOS, 1942, pags. 353 e 354 e J. GASPAR, 1965/70, pags. 23 e 24.

data Quiaios (séc.IX) tinha 63 moradores, Arazede (séc. XI) 27 e Cantanhede (séc. XI) detinha 103 vizinhos. Do escasso número de população, poder-se-á concluir que, *Corugeira*, *Portomar* e *Póvoa da Ermida*, aglomerados inseridos no concelho de Mira, são os lugares que marcam o "arranque" da colonização desta área do Centro Litoral do país, no primeiro quartel do século de quinhentos, embora a um ritmo lento. Além disso, o facto de ser referenciado com alguma frequência o topónimo *Póvoa* a integrar a designação de um pequeno núcleo populacional, deverá significar, e neste caso, que se trata de um aglomerado de formação recente. "... Às povoações fundadas de novo, isto é, de fresco ou recentes aplicavam os nossos antepassados, por oposição às preexistentes,o nome de *Póvoas* ..." (cfr. J. L. DE VASCONCELOS, 1936, pags.256-258 e M. O. R. GIL, 1965, pag. 42).

A não referência por parte do *Numeramento Joanino* a qualquer novo núcleo, a Sul de Mira, exceptuando obviamente Quiaios, e o facto apontado por ANTONIO LUIS HENRIQUES SECO, de a área da actual freguesia da Tocha, se encontrar erma ainda nos primeiros anos do século XVII, leva-nos a concluir que o início da colonização desta zona foi mais tardio que o do espaço envolvente de Mira. Por outro lado, se a "marcha" do povoamento se fez preferencialmente de Norte para Sul, como supomos, facilmente se compreende aquela situação.

A progressiva, embora lenta, ocupação da faixa plio-quaternária do Centro Litoral não poderá ser separada, é evidente, do que na altura decorria no território nacional. O Numeramento de 1527 deixa antever, como já se referiu, um aumento demográfico, comprovado, aliás, pelo importante movimento arroteador levado a cabo durante os séculos XVI e XVII (cfr. M. O. R. GIL, 1965, pags. 25 e seg.): o aumento da área de cultivo trará uma produção mais elevada com a qual se poderá relacionar um acréscimo demográfico. Além disso, outras áreas que se tinham mantido despovoadas, devido em grande parte à sua precária aptidão agrícola, começavam a ser aforadas: "... na área de Lavos, os paús aforados por volta de 1525, imbrincavam uns nos outros e eram delimitados, mais ou menos expressamente, pelas confrontações declaradas nos instrumentos de posse" (M. O. R. GIL, 1965, pags.25 e seg.).

O aumento demográfico, o movimento arroteador e, aliado a este, o aumento de produção, devem ter gerado, a partir do século XVI, uma intensa mobilidade da população, orientada na maioria dos casos para as áreas cuja densidade populacional era reduzida. A introdução de novas técnicas e de novas plantas irá por outro lado permitir, e também acelerar, o aproveitamento de novas áreas agrícolas.

A *Gândara* será um dos espaços privilegiados.

As informações fornecidas pelas *Memórias Paroquiais* de 1758 mostram uma ocupação generalizada do território gandarês (Fig.11). Este facto só poderá ser explicado por

uma mobilidade de população a nível regional que permitiu tanto a ocupação de novos espaços como o desenvolvimento de aglomerados que nunca poderiam, em termos demográficos, ter sido sustentados pelos dois núcleos que práticamente dominavam a região - Mira e Quiaios. Se a área da Tocha, como afirmava ANTÓNIO LUÍS HENRIQUES SECO, era erma nos princípios do século XVII (1602), o período de tempo em que se processou o mais importante surto de colonização da *Gândara*, terá que ser necessáriamente mais reduzido que aquele que medeia o censo Joanino (1527) e as Memórias Paroquiais (1758).

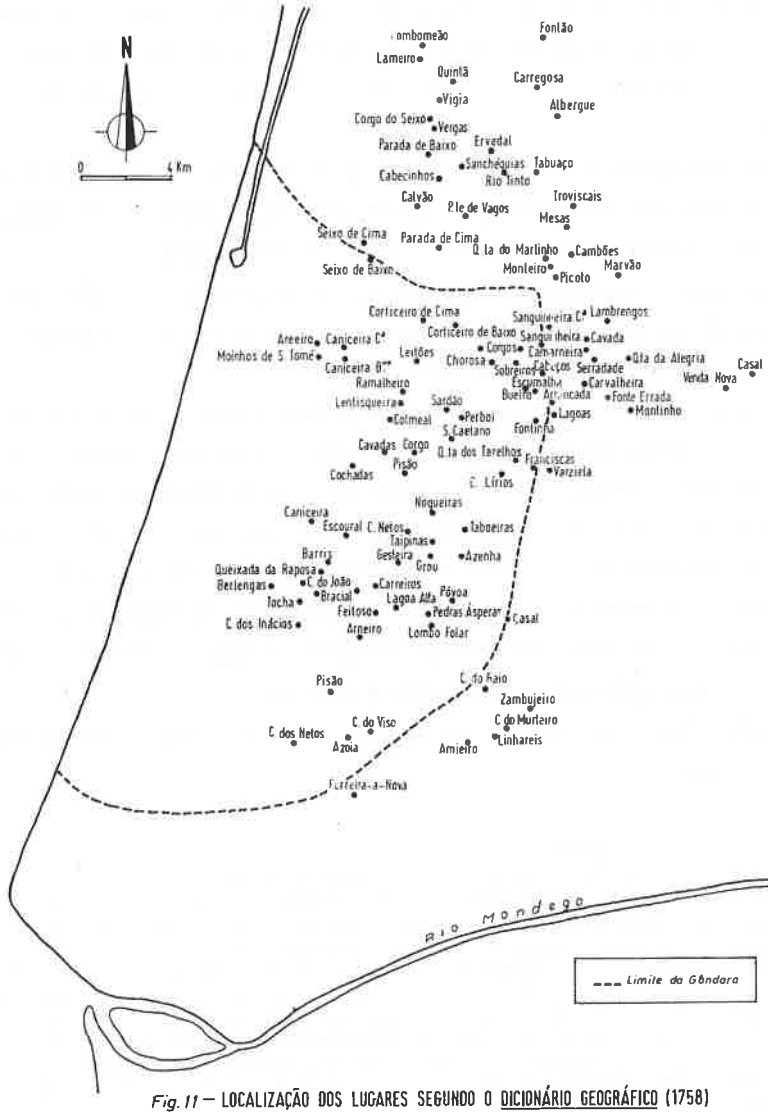



*Fig. 11* — LOCALIZAÇÃO DOS LUGARES SEGUNDO O DICIONÁRIO GEOGRÁFICO (1758)

Os Quadros 3, 4, 5 e 6 pretendem comparar a evolução do número de lugares e fogos registados no século XVI pelo *Numeramento Joanino* e, no século XVIII, pelas *Memórias Paroquiais* (1). Referem-se às freguesias de Mira (Quadro 3), Nossa Senhora das Febres (Quadro 4), Covões (Quadro 5) e S. Mamede de Quiaios (Quadro 6). A análise relativa à freguesia da Tocha teve como base outras fontes. Todas as informações foram transportadas para a actual divisão administrativa. Mira, perdida completamente por Coimbra em 1448, havia passado a pertencer a D. Pedro (M. H. COELHO, 1983, pag. 476); Quiaios, ainda no transpor do primeiro quartel do século XVI, fazia parte do termo de Montemor-o-Velho; Covões, referido simultâneamente com Malhada e Monte Arcado, era pertença do termo de Cantanhede.

A fonte oitocentista, ao fazer o levantamento de "cidades, vilas e paróquias"(2), contempla as freguesias analisadas. Exceptua-se Febres que apenas em 1791 passa a sede de freguesia; na altura inseria-se na freguesia de Covões. Optámos, assim, por fazer a transferência para Febres dos lugares que em 1758 faziam parte de Covões(3). Relembre-se que uma recente alteração administrativa criou a freguesia de Vilamar, reduzindo a área da freguesia de Nossa Senhora das Febres (cfr. Fig. 7).

Numa primeira leitura daqueles quadros verifica-se que, no tempo decorrido entre 1527 e 1758, nas freguesias de Mira, Febres e Covões, o acréscimo do número de lugares é consideravelmente significativo. Em S. Tomé de Mira passa de 4 núcleos populacionais para 21; em Covões de 3 para 18 enquanto que em Febres são referidos dezanove em 1758. Relembro que, no século XVI, em nenhuma das freguesias é referido algum aglomerado que pela posterior alteração administrativa viesse a ser englobado em Febres. Este facto, deixa pressupor que todos os lugares que em 1758 "atribuímos" à freguesia de Nossa Senhora das Febres, devem ter surgido após o levantamento quinhentista.

Outros indicadores revelam a existência do importante surto colonizador que nesta época se processa.

---

1 — A.N.T.T., *Diccionário Geográfico*, em "Mira", "Covões" e "Quiaios".

2 — Veja-se o que afirma, Padre AVELINO DE JESUS DA COSTA, (1979) em "Paróquias".

3 — A freguesia de Covões é actualmente formada pelos seguintes lugares: Areia da Camarneira, Covões, Barreiro da Malhada, Cabeço de Cambões, Camarneira, Campanas, Carvalheira, Cavadas, Covões, Espinheira, Fonte Errada, Labrengos, Malhada de Baixo, Malhada de Cima, Martinhos, Marvão, Monte Arcado, Montouro, Penedos, Picoto, Alto de Covões, Quinta da Alegria, Quinta do Além, Quinta do Cedro, Quinta da Ferreira, Quinta do Marco, Quinta dos Troviscais, Quinta da Camarneira e Siadouro. A freguesia de Febres é constituída pelos os seguintes lugares: Arrancada, Balsas, Barracão, Cabeço Redondo, Cabeços, Carrizes, Chorosa, Corgos, Corticeiro de Cima, Febres, Fontinha, Forno Branco, Lagoas, Pedreira, Sanguinheira, Serredade, Sobreirinho e Vilamar. (*Recenseamento da População de 1981*).

QUADRO Nº 3- EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE FOGOS E LUGARES NA FREGUESIA DE S. TOMÉ DE MIRA ENTRE 1527 e 1758

| Lugares | | Nº de Fogos. | |
|---|---|---|---|
| 1527 | 1758 | 1527 | 1758 |
| – | Aldeia do Arieiro | – | 3 * |
| – | Arneiro | – | 12 |
| – | Atalho | – | 8 |
| – | Cabeço do Portomar | – | 62 |
| – | Carromeu de Cima | – | 21 |
| – | Carromeu de Baixo | – | 11 |
| – | Cavadas | – | 14 |
| – | Colmeal | – | 7 |
| – | Corticeiro | – | 6 |
| Corugeira | Corugeira | 2 | 33 |
| Povoa da Ermida | Ermida | 2 | 46 |
| – | Leitões | – | 9 |
| – | Lentisqueira | – | 5 |
| Mira | Mira | 43 | 251 |
| – | Moinhos de S. Tomé | – | 3 * |
| – | Ponte do Sobrado | – | 4 |
| Portomar | Portomar | 1 | 72 |
| – | Preza de Baixo | – | 11 |
| – | Preza de Cima | – | 46 |
| – | Seixo de Baixo | – | 29 |
| – | Seixo de Cima | – | 12 |
| Total | | 48 | 665 |

* Na fonte utilizada é atribuído aos dois lugares seis moradores, por isso consideramos três em Aldeia do Arieiro e três em Moinhos de S. Tomé.

Fonte: JOÃO TELLO DE MAGALHÃES COLAÇO - *Cadastro da População do Reino, 1527. Actas das Comarcas Damtre Tejo e Odiana e da Beira.* Lisboa, 1931, sep. da"Revista da" Faculdade de Direito de Lisboa", ano II, 1934.

A.N.T.T. - *Dicionário Geográfico*, in "Mira".

QUADRO 4 — EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE FOGOS E LUGARES

NA FREGUESIA DE Nª.SRª. DAS FEBRES, ENTRE 1527 e 1558.

| Lugares | | nº. de fogos - 1758 |
|---|---|---|
| 1527 | 1758 | |
| - | Arrancada | 17 |
| - | Balsas * | 20 |
| - | Boeiro | 26 |
| - | Cambões | 13 |
| - | Carvalheira | 9 |
| - | Choroza | 15 |
| - | Corgos | 6 |
| - | Corticeiro Grande | 25 |
| - | Corticeiro Pequeno | 25 |
| - | Escumalha | 12 |
| - | Fonte Errada | 6 |
| - | Fontinha | 47 |
| - | Forno Branco | 4 |
| - | Lagoas | 11 |
| - | Marco da Sanguinheira | 3 |
| - | Montinho | 9 |
| - | Sanguinheira de Baixo | 20 |
| - | Sanguinheira de Cima | 8 |
| - | Serredade | 5 |
| - | Total | 281 |

* - Embora já referidos em documentos do sêc. XIII não figura no numeramento de 1527.

Fonte: JOÃO TELLO DE MAGALHÃES COLAÇO: - *Cadastro da População do Reino, 1527. Actas das comarcas Dantre Tejo e Odiana e da Beira*, Lisboa, 1931, sep. da "Revista da Faculdade de Direito de Lisboa", ano II, 1934.

A.N.T.T.: - *Diccionário Geográfico*, in "Covões".

QUADRO Nº 5 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE FOGOS E LUGARES NA FREGUESIA DE COVÕES, ENTRE 1527 e 1758

| Lugares | | Fogos | |
|---|---|---|---|
| 1527 | 1758 | 1527 | 1758 |
| — | Aldeia do Arieiro | — | 3 |
| — | Barreira | — | 5 |
| — | Barreiro da Malhada (?) | — | 5 |
| — | Camarneira | — | 81(?) |
| — | Cavadas | — | 6 |
| Covões | Covões | 27* | 26 |
| — | Espinheira | — | 14 |
| — | Lambrengos | — | 29 |
| Malhada | Malhada de Baixo | * | 23 |
| — | Malhada de Cima | — | 19 |
| — | Marvão | — | 26 |
| Monte Arcado | Monte Arcado | * | 22 |
| — | Montouro | — | 37 |
| — | Penedos | — | 5 |
| — | Picoto | — | 23 |
| — | Quinta da Ferreira | — | 3 |
| Siadouro | Siadouro | — | 14 |
| — | Troviscais | — | 9 |
| Total | — | 27 | 350 |

* - O censo Joanino atribui simultaneamente a Covões, Malhada e Monte Arcado 27 fogos.

Fonte: JOÃO TELLO DE MAGALHÃES COLAÇO - *Cadastro da População do Reino, 1527. Actas das Comarcas Damtre Tejo e Odiana e da Beira.* Lisboa, 1931, sep. da "Revista da Faculdade de Direito de Lisboa", ano II, 1934.

A.N.T.T.: - *Dicionário Geográfico*, in "Covões".

QUADRO Nº 6 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE FOGOS E LUGARES NA FREGUESIA DE S. MAMEDE DE QUIAIOS ENTRE 1527 e 1758

| Lugares | | Fogos | |
|---|---|---|---|
| 1527 | 1758 | 1527 | 1758 |
| — | Gandra* | — | 60 |
| Quiaios | Quiaios | 63 | 300 |
| — | Serra | — | 6 ou 7** |
| Total | — | 63 | 367 |

*- Tal como se referiu no texto *Gandra* não deve corresponder a um lugar, mas antes a um conjunto de casais dispersos pela *Gandara*. Optámos, no entanto, pelo texto da fonte utilizada.

**- No que se refere ao número de fogos não é dado um valor exacto. Seis ou sete foi o quantitativo atribuído ao lugar da *Serra*.

Fonte: JOÃO TELLO DE MAGALHÃES COLAÇO - *Cadastro da População do Reino, 1527. Actas das Comarcas Damtre Tejo e Odiana e da Beira*. Lisboa, 1931, sep. da "Revista da Faculdade de Direito de Lisboa", ano II, 1934.

A.N.T.T. - *Dicionário Geográfico*, in "Quiaios".

Em S. Tomé de Mira, o número de fogos, que em 1527 era apenas de 48, passa para 665 em 1758. Um notável crescimento. Será lógico supor que tal ritmo de ocupação do território foi acompanhado por um crescimento demográfico semelhante. Vejamos o aumento por lugares. Portomar, para cujos primeiros momentos de fixação apontámos o primeiro quartel do século XVI, pois tinha apenas 1 fogo em 1527, contava segundo as *Memórias Paroquiais de 1758* com 57 fogos. Ermida é um dos exemplos que melhor nos demonstra o surto de crescimento. Não só passa de 2 fogos para 46, como deixa de ser referida como "*Póvoa*", o que subentende o aumento verificado. O lugar da Corugeira, referido pela fonte Joanina apenas com 2 fogos, tem na fonte oitocentista 33. Só Mira, o maior e mais antigo aglomerado desta área gandaresa, não manifesta um ritmo de crescimento tão acentuado. Nos cerca de 230 anos que medeiam aquelas duas fontes, a povoação de Mira vê-se apenas aumentada de seis vezes, no que se refere ao número de fogos, enquanto o conjunto da freguesia observa um acréscimo 14 vezes superior.

O facto de ser um núcleo vindo já do século XI com alguma prosperidade, poderá explicar até certo ponto a relativa estabilização. Por outro lado, o afastamento em relação à linha da costa (cfr. A. FERNANDES MARTINS, 1946), e o progressivo assoreamento deverão ter provocado uma quebra na principal actividade da população, a pesca. Além disso o desenvolvimento de outros portos, nomeadamente Buarcos e Aveiro, deve ter acelerado a quebra da importância que até então disfrutava.

O Quadro 4 refere-se à freguesia de Nossa Senhora das Febres. Como já foi referido nenhum lugar é registado em 1527, uma situação extrema que poderá não andar muito afastada da realidade. Ao contrário das outras unidades administrativas aqui estudadas, nessa freguesia em 1758, não se observa a ocorrência de qualquer núcleo populacional com um número de fogos que se distancie consideravelmente dos outros. O aglomerado que detém um valor mais alto é Fontinha com 47 fogos, seguido de Corticeiro Grande, Corticeiro Pequeno e Boeiro, respectivamente com 25, 25 e 26. Estes dados indicam concerteza o carácter recente de todos os lugares e também a simultâneadade de povoamento.

Na freguesia de Santo António dos Covões o cenário é praticamente o mesmo (Quadro 5). Com excepção dos lugares de Covões, Malhada, Monte Arcado e Siadouro, conhecidos já dos séculos anteriores([1]), todos os outros apenas aparecem referidos em 1758. Note-se ainda que o censo de quinhentos atribui simultaneamente a Covões, Malhada e Monte Arcado 27 fogos, o que pressupõe uma dimensão pequena e provavelmente idêntica. O total de 27 fogos do século XVI passa para 350 segundo as *Memórias Paroquiais*, observando-se assim um ritmo muito semelhante ao registado para a freguesia de Mira. Dos 18 lugares assinalados no século XVIII, 14 surgiram e desenvolveram-se durante o intervalo de tempo que decorre entre as duas fontes.

Cabe aqui fazer uma reserva relativamente ao número referenciado para o lugar da Camarneira. Os 81 fogos registados em 1758 parecem um valor demasiado elevado, quando a própria sede de freguesia - Covões - apenas apresenta 26. Terá tido aquele núcleo um crescimento mais rápido, vindo a sofrer posteriormente uma retracção demográfica, ou tratar-se-á apenas de uma incorrecção da fonte que se utilizou ?

Uma evolução diferente parece reflectir a leitura do Quadro 6 relativo à freguesia de S. Mamede de Quiaios. A existência em 1527 de um único núcleo - Quiaios - não será uma situação anómala: corroborará a hipótese do povoamento se ter processado na faixa mais litoral da *Gândara* progressivamente de Norte para Sul, sendo portanto aqui mais tardio. Em 1758, são apenas referenciados mais dois topónimos: *Gandra* e *Serra*. O primeiro com 60 fogos e o segundo com "6 ou 7". Além disso afirma-se relativamente à população de Quiaios "...terá trezentos vizinhos e terá mil e quinhentas pessoas"([2]). Quanto ao lugar da Serra é afirmado "...que terá seis ou sete vizinhos". Estes dados e toponímia merecem-nos alguma reflexão. A utilização dos termos *Gandra* e *Serra* parece supor uma generalização: *Gandra* corresponderia à área plana e arenosa da freguesia; *Serra*, pelo contrário, englobaria a àrea

---

[1] — Recorde-se que Siadouro já é conhecido desde o séc. XIV (1378), embora não venha referido no *Numeramento* de 1527-1532.

[2] — A.N.T.T., *Dicionário Geográfico*, em "Quiaios".

situada na serra da Boa Viagem. Considere-se que, ainda hoje esta toponímia é utilizada, a propósito das populações que vivem ou na região baixa ou na serra propriamente dita.

O topónimo *Gandra*, merece mais alguns comentários. Referenciado com 60 fogos, estes não devem corresponder de facto a um só núcleo populacional- note-se que Quiaios não foi englobado espacialmente no território que aquele topónimo sugere -, mas a vários dessiminados pela *Gandra* (*Gândara*), correspondendo possivelmente a pequenos *casais*. Registe-se, na área sul, a existência actual de Casal dos Netos, Casal do Lourenço, Casal dos Chouriços, Casal do Loureiro, Casal dos Cunhas, Casal do Grelo, Casal Novo, Casal da Areia e Casal dos Bentos. Lugares de pequena dimensão dispersos por uma vasta área relacionam-se provavelmente com uma fase mais tardia de ocupacão do espaço. Ainda em 1911, o *Recenseamento da População* desse ano refere para a freguesia de Quiaios 20 lugares, dos quais apenas 8 ultrapassam 150 habitantes([1]).

Por último analisámos a freguesia da Tocha. As lacunas com que deparámos obrigaram-nos a utilizar outras fontes que indirectamente permitem algumas informações a respeito da área que hoje é ocupada por aquela unidade administrativa. Embora haja, como vimos, no século XIV notícias relativas à Quinta da Fonte Quente, esta não constituíu por certo um foco importante de povoamento, ainda que deva ter sido essa a intenção dos Crúzios. São por isso escassas as informações referentes ao núcleo da Tocha. Designada anteriormente por S. João da Quintã, não lhe encontrámos qualquer referência, quer no censo de 1527 quer no *Dicionário Geográfico* de 1758. A este propósito afirma ANTÓNIO BAIÃO: "...mais de quinhentas comunicações paroquiais se extraviaram daquela colecção "(cfr. A.G. ROCHA MADAHIL, 1934, pag. 15) . ROCHA MADAHIL aborda o problema e apresenta um índice das freguesias que não se perderam, no qual não figura qualquer referência a S. João da Quintã ou Tocha. A obra *Portugal Sacro e Profano (1768)* também não lhe faz qualquer alusão - ausência que leva PINHO LEAL a afirmar no *Portugal Antigo e Moderno* (1878), que deverá ter sido por esquecimento "...pois já existia havia muitos anos antes..." da publicação daquela obra. Segundo o *Inventário Artístico de Portugal*, Distrito de Coimbra([2]), a construção da Igreja de Nossa Senhora da Tocha deve ter-se verificado em finais do século XVI ou princípio do século XVII. *Os Registos Paroquiais de baptizados*, cujo primeiro livro referente à freguesia de S. João da Quintã, data de 1622([3]), vem corroborar a

---

1 - Arneiro de Sazes 42; Bom Sucesso 108, Camarção 197, Casal Novo 217, Castanheiro 154, Cova da Serpe 147, Ervedal 136, Gestinha 105, Lomba do Pau 52, Lomba do Poço Frio 161, Loureiros 136, Marianos 74, Martinhas 102, Morros 175, Murtinheira 193, Pedros do Poço Frio 239, Quiaios 1897, Regateiros 120, Saibreira 58, Serra de Santa Marinha 262.

2 - VIRGÍLIO CORREIA, reorganizado e completado por A.NOGUEIRA GONÇALVES (1953, pags. 39 b e 40a).

3 - A.U.C - *Livro de Registos de Baptismo* - S. João da Quintã 1622 .

cronologia apontada naquele inventário. Através dos referidos registos pudemos fazer um levantamento, ainda que precário, do número de baptizados e dos lugares que esporádicamente eram mencionados, como naturalidade dos pais das crianças registadas.

Num primeiro momento, pretendia-se analisar os trinta primeiros anos de registos (1622 a 1652), já que é o período convencionalmente considerado como uma geração. Não foi porém possível fazê-lo duma forma completa, pois faltam os assentos correspondentes aos anos de 1644 a 1665. Num segundo momento, estudámos os registos de 1758, já que era a data correspondente às *Memórias Paroquiais*, e onde, como se viu, não se faz qualquer referência a esta freguesia.

De Fevereiro de 1622 a Abril de 1644 foram baptizadas 126 crianças, a que corresponde uma média próxima dos seis baptismos anuais. Dos lugares referenciados, que fazem parte da actual freguesia da Tocha registámos os seguintes: *Caniceira, Barrins* e *Queixada*. Significa tal facto que já existiam no primeiro quartel do século XVII.

Para 1758, o número de baptismos apresenta um acréscimo significativo: 45, um valor quase 8 vezes superior à média anual encontrada para o período decorrido entre 1622 e 1644. Quanto ao número de lugares, o seu acréscimo deixa antever não só uma importante fase de colonização como uma dispersão no povoamento (ver Fig. 4). Além dos já mencionados no período anterior, outros se lhe acrescentam: *Tocha, Pereirões, Casal das Andorinhas, Cochadas, Berlengas, Casal dos Inácios, Bracial, Casal do João, Escoural, Queixada da Raposa* e *Casal dos Andrades*. Isto é, além dos três núcleos que vinham do século XVII, referem-se em apenas um ano, no de 1758, mais onze, cuja enumeração é reveladora do modo como se estava a processar a colonização desse território. Dos onze topónimos que são referenciados em 1758 nos *Registos de Baptismos*, alguns parecem referir-se a um "património familiar", de que os primeiros povoadores deviam ter sido possidentes([1]). Núcleos como Casal das Andorinhas, Casal dos Inácios, Casal do João e Casal dos Andrades, são disso exemplos e testemunham o modo como foi progressivamente ocupado o território.

Claro que à "pulverização" de povoamento processada dum modo mais intenso e generalizado a partir de meados do século XVII no território *gandarês*, corresponde um significativo aumento demográfico - aumento esse que se inserenuma área mais vasta que é a Beira Litoral e num espaço ainda mais amplo que é o território nacional. Segundo JORGE GASPAR (1965/70, pag. 44), a região da Beira Litoral contava em 1527 com um total de 11448 fogos, "... dos quais 7135 no Baixo Mondego, ficando portanto apenas 4313 no

---

1 - Sobre o termo *Casal*, veja-se entre outros : JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS (1936, pags. 271-278) e ALBERTO SAMPAIO (1979, pag. 72.)

território a norte desta sub-região". Destes, poucos situar-se-iam na *Gândara*, pois, como verificámos, nesta época grande parte da faixa litoral era ainda um "deserto humano". Em 1758 as relações alteram-se. O *Baixo Mondego* conta apenas 7350 fogos e o restante território 16840. Estes valores sugerem que, nas áreas periféricas do curso terminal do Mondego, se teria operado um baixo ritmo de crescimento,enquanto nas regiões a Norte, se verificaria um acréscimo mais acelerado.

A análise feita para as freguesias de Mira, Quiaios, Tocha e Covões leva a crer que grande parte do referido crescimento se deve ter processado nessas áreas já que o restante território correspondente à Beira Litoral apresentava desde a Idade Média uma densidade de povoamento muito superior, onde portanto a pressão demográfica era bastante elevada. Com base apenas nas freguesias definidas como pertencentes à *Gândara*, computámos, para meados do século XVIII, cerca de 4000 fogos. Ora, considerando que JORGE GASPAR (cfr. 1965/70, pag. 44) calculou para a Beira Litoral, com excepção da cidade de Coimbra e Baixo Mondego, 16840 fogos em 1758, parece poder concluir-se que cerca de 1/4 (4000) daqueles fogos se situariam na *Gândara*, facto que está de acordo com o surto colonizador processado entre 1527 e 1758. A expressão será ainda maior, se pensarmos que grande parte desse crescimento deverá ter surgido durante o século XVII e a primeira metade do século XVIII, já que ao tempo do *Numeramento Joanino* o seu número era escasso.

Nas parcas fontes para o período que decorre entre 1527 e 1758, são excassas as referências a quaisquer lugares situados na região *gandaresa*. Assim acontece com os "itinerários" descritos por SEVERIM DE FARIA([1]), e com os lugares referidos por FREI NICOLAU DE OLIVEIRA([2]): nenhum dos núcleos citados se localiza na *Gândara*. Apenas JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO (1975, pags. 228 e segs.) a propósito de um manuscrito datado de 1640 e elaborado quando do domínio filipino em Portugal, acrescenta alguma coisa a um período de tempo parco em informações([3]).

Com base naquele documento, o autor elabora uma lista das *Vilas do Reino* (1640) sem dúvida mais exaustiva que as duas anteriores, mas também incompleta, talvez porque se tratava apenas das Vilas mais importantes do território nacional. De qualquer modo, alguns núcleos são referenciados permitindo documentar uma parte da lacuna que é o século XVII. A Vila de Cantanhede tinha segundo o manuscrito filipino, 400 vizinhos, Tentúgal, na transição

---

1 - *Notícias de Portugal*, ano de 1655.

2 - *Livro das Grandezas de Lisboa*, 1620.

3 - JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO (1975, pag. 228 e segs). O autor elabora também um índice dos lugares referidos por SEVERIM DE FARIA nas suas *Viagens*, e na obra de FREI NICOLAU DE OLIVEIRA, *Livro das Grandezas de Lisboa de 1620.*

entre o *campo* e o *monte*, tinha 300 e Montemor-o-Velho, em pleno *campo*, possuía 1000([1]). Ora, o censo Joanino regista para a vila de Cantanhede e seu termo 299 vizinhos, enquanto em 1640 seriam 400. Em 1758 a sua população rondaria os 1360 vizinhos([2]). Obviamente, nem todos os lugares do termo de Cantanhede se situavam na *Gândara*, mas elevado número situa-se nesta sub-região. O considerável acréscimo, verificado entre 1640 e 1758, documenta o aumento demográfico que se terá operado nesta área, em simultâneo com a "explosão do povoamento". Será mais um elemento a permitir afirmar que foi por certo após a primeira metade do século XVII que o principal surto de ocupação se terá processado. Todavia a generalidade das fontes parece mostrar uma estagnação na população portuguesa, durante os cerca de 100 anos que medeiam o recenseamento de 1527 e o manuscrito Filipino (1640). Segundo ORLANDO RIBEIRO a população portuguesa em 1527, oscilaria entre 1100000 e 1400000 habitantes (1955, pag. 98), valor que estará próximo do apontado por JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO, para a época que precede a Restauração - 1300000 habitantes. Se, no entanto, os números revelam, no território nacional, uma estagnação na evolução demográfica, ou, pelo menos, um acréscimo pouco significativo, regionalmente há exemplos de manifesto crescimento. A região de Coimbra seria um deles (cfr. A. OLIVEIRA, 1971, pags. 142 e seg.). Outros, encontrar-se-iam na faixa Litoral do centro do território nacional, na altura, como vimos, em fase inicial de um intenso povoamento.

O século XVIII revela um aumento generalizado da população portuguesa. Como explicar tal surto de crescimento demográfico, que teria lugar após o domínio Filipino? ORLANDO RIBEIRO vê na "Revolução do Milho" (1967, pags.113 e segs. ), o facto fundamental que poderá explicar, de certo modo, a alteração demográfica operada. A introdução do *milho grosso* veio pôr fim às sucessivas e cíclicas crises dos cereais, responsáveis em grande parte pelas oscilações no ritmo de crescimento da população ( cfr. A. de OLIVEIRA MARQUES, 1968, pags 257-285).

Originária da América ([3]), a nova planta teria entrado pelo *Campo de Coimbra*, no primeiro quartel do século XVI, e propagar-se-ia rápidamente a Norte do Mondego, ultrapassando mesmo os preços dos cereais tradicionais. Apenas o preço do trigo o superava.

---

1 - J. VERRÍSSIMO SERRÃO, *ob. cit.*, pags. 240 e seg. Refira-se que na relação apresentada figuram, além dos "vizinhos", o número de Paróquias, Frades, Freiras, Hospitais, Misericórdias, sendo ainda referida a existência de Feiras anuais.

2 - A.N.T.T., *Dicionário Geográfico* em "Cantanhede".

3 - Grande parte dos estudiosos do assunto atribuiem a origem do *Milho Maiz* à América; vide VITORINO MAGALHÃES GODINHO ( 1963, PAGS. 33-37) E ORLANDO RIBEIRO, (1979) em *Milho*.

Segundo MANUEL SEVERIM DE FARIA, o milho era o "...mantimento mais generalizado na Beira e noutras regiões, nomeadamente o Minho..."(1).

O *Dicionário Geográfico* elucida-nos acerca da importância daquele cereal que, associado a outros produtos, nomeadamente o feijão, não deverá ser alheio ao surto de povoamento. De Quiaios afirma-se em 1758:"...o que mais se recolhe é *milho grosso*, trigo, cevada, feijões e vinho"(2). Em Ferreira-a-Nova a importância do milho também é anotada:"...a maior quantidade é de *milho* a menor de trigo e feijão"(3). Em Cantanhede é ainda o *milho* o cereal com maior importância. Cadima tem no "...milho, feijões e algum vinho"(4) os produtos mais cultivados.

Em Mira, além de o *milho*, o trigo e o feijão serem os produtos mais abundantes, refere-se ainda que:"...os moradores deles se sustentam e vendem...". Este facto pressupõe um excedente de produção, destinado à comercialização, como parece demonstrar a mesma fonte:"...há no arraial do Apóstolo S. Tomé uma feira que só dura um dia, no qual se vendem mercadorias e gados sem que por isso se pague cousa alguma"(5). De outras feiras se faz referências, para a mesma época se bem que na periferia da *Gândara*(6). Já do século anterior vem a notícia da feira que se realizava na Tocha. "No século XVII havia quatro feiras principais no distrito da Alfândega da Figueira, impròpriamente chamada de Buarcos. Eram a de Nossa Senhora de Seiça, a de Nossa Senhora da Saúde, a de Montemor-o-Velho e a de Nossa Senhora da Tocha. Estavam já sujeitas ao imposto dos cinco, sobre os panos nacionais, no caso da Tocha em 1678 foi de 14$000 réis" (7).

Para outros núcleos, como Gatões, Liceia e Seixo, o milho continua a ser um cereal sempre mencionado. Há mesmo, no caso da povoação de Gatões, referência à nova planta: "...há *milho grosso* e em muito menos quantidade trigo, vinho e feijão"(8).

---

1 - "Dos Remédios para a falta de Gente", 1955, em *Antologia dos Economistas Portugueses*, elaborada por ANTÓNIO SÉRGIO.

2 - A.N.T.T., *Dicionário Geográfico* , em"Quiaios".

3 - *Ibidem* , em "Ferreira".

4 -*Iidem*, em "Cadima" .

5 — *Ibidem*, em "Mira".

6 — JORGE GASPAR (1965/70). Veja-se a Fig. 3, onde o autor cartografa as várias feiras que se realizavam na Beira Litoral em meados do séc. XVIII.

7 - "Feiras sujeitas à Alfândega da Figueira da Foz no século XVIII," em *Álbum Figueirense*, ano I, Figueira da Foz, 1934-35.

8 — A.N.T.T., *Dicionário Geográfico*, em "Gatões".

Apesar de apenas em duas freguesias ser mencionado rigorosamente o novo cereal - *milho grosso* -, o mais provável é tratar-se em todas as outras da mesma espécie vegetal; não se compreenderia que, nesta época e com a difusão e aceitação que se tinha verificado, fosse outra que não aquela.

Se a difusão da nova planta - com a alteração que trouxe, nomeadamente na dieta alimentar das populações rurais -, a introdução de novas técnicas agrícolas, os arroteamentos, a estabilidade política de que Portugal disfrutou, podem explicar o generalizado surto de crescimento demográfico no país, o Centro Litoral foi palco de situações que imprimiram, por vezes, uma desaceleração no ritmo de ocupação do território. A instabilidade provocada pela pirataria e as devastações levadas a cabo pelas tropas francesas, durante a Guerra Peninsular, não são alheias à quebra verificada na evolução do povoamento de algumas áreas.

Notícias referentes a ataques de corsários e turcos são frequentes até ao século XVIII. SEVERIM DE FARIA refere, para o final do século XVI (1592), que "a armada da costa era de navios em que havia até 300 homens de peleja; porém crescendo o número de piratas foi necessário também acrescentar o número dos nossos navios".

A este propósito afirma J. PINTO LOUREIRO (1935, pag. 306) que, "durante todo o século XVI, a costa portuguesa encontrava-se infestada de corsários criando os maiores embaraços à navegação e ocasionando angústias inumeráveis às populações do Litoral..." . Muitas das pequenas povoações costeiras foram saqueadas e tiveram de recorrer ao apoio de outros. Na segunda metade do século XVI (Agosto de 1570) a povoação de Buarcos, assolada por piratas de origem francesa, pede a intervenção de Coimbra. O mesmo sucedeu no século seguinte com os piratas ingleses, que chegaram a devastar o cartório da vila (cfr. URIEL SALVADOR, 1931, pag. 150). No século XVIII, ainda a instabilidade era grande no Litoral. Os mouros e os turcos obrigavam por vezes a naufrágios forçados, a fim de as tripulações portuguesas "escaparem à escravidão dos infiéis"([1]).

No início do século XIX, os invasores franceses provocaram também elevados prejuízos no Centro Litoral português, nomeadamente no território *gandarês*, já que uma parte do seu património florestal foi completamente devastado.

Compreende-se que estes acontecimentos devem ter gerado situações locais, com interferência no ritmo de ocupação do espaço, ritmo esse que, como veremos, nunca apresentará quebras significativas, mas que, nas épocas de maior instabilidade, foi indubitavelmente mais lento.

---

1 — *Livro das fianças do Consulado*, (1753-1757, fl. 63 v.) citado por ANTÓNIO DOS SANTOS ROCHA, (1954, pags. 61 e 62).

O crescimento que consentâneamente se manifesta em todo o território nacional vai provocar regionalmente pressões demográficas que obrigam a população a deslocar-se para as áreas que se mantêm precáriamente ocupadas. Na maioria dos casos foi "...das aldeias próximas saturadas de gente ou das terras superpovoadas do Norte..." ( O. RIBEIRO, 1967, pag. 119 ) que se deslocaram, durante largas dezenas de anos, os homens e as mulheres que passariam a ser conhecidos por *gandareses*. Embora o ignorassem, eram os intervenientes do povoamento duma área que terá sido das mais tardiamente ocupadas do país; encerravam simultaneamente um ciclo na história do povoamento da *Gândara*.

## 4 — MOBILIDADE DA POPULAÇÃO E POVOAMENTO

### 4.1 — Introdução

Correntes de compensação entre áreas sobrepovoadas e outras em que a população escasseia, os fluxos migratórios são em grande parte responsáveis pelo padrão que actualmente apresenta a distribuição da população portuguesa. Do Norte para Sul, das Beiras para o Ribatejo e Alentejo a frequência da deslocação de populações deixou marcas vincadas nas características do povoamento, sublinhadas por diversos autores. "... Trata-se duma verdadeira colonização interna, que prossegue ainda, com numerosos e fundos reflexos na fisionomia rural das regiões onde se efectua... " (O. RIBEIRO, 1970, pag. 359). Grande parte, realizam-na trabalhadores sem terra, que pretendem sobretudo alcançar um *foro* em áreas onde a desagregação da propriedade colectiva, *baldios*, o permitia, ou ocupar um espaço recentemente desbravado. Desse modo - afirma-o o autor citado foi "... o povoamento disperso que acompanhou o arroteamento dos Brejos de Azeitão por famílias vindas da Beira Litoral". A mesma origem devem ter os *Casais* que proliferam por todo o Litoral, nomeadamente a Norte do Tejo. Casas dessiminadas pela paisagem, cujo aparecimento se deve vincular ao aproveitamento progressivo dos incultos e "à divisão e apropriação lenta dos baldios".

São inúmeros os exemplos que podem demonstrar essas lentas e anónimas deslocações humanas. Umas ganham progressivamente a costa portuguesa como Mira, Caparica([1]), outras, provenientes mais do interior, dirigem-se em geral para o Alentejo, região

---

[1] — Veja-se o estudo de CARMINDA CAVACO (1981), onde a autora refere a importância das populações naturais principalmente de Lavos (concelho da Figueira da Foz) para o crescimento de algumas freguesias do concelho de Cascais. Também segundo ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA, FERNANDO GALHANO e BENJAMIM PEREIRA eram naturais de Ílhavo e Ovar grande parte dos pescadores que ocuparam progressivamente alguns lugares da costa portuguesa; no mesmo sentido

que, nos séculos XVII e XVIII, mantinha uma escassa população e ulteriormente assiste a graves crises motivadas pelo excesso de mão-de-obra (cfr. A. HENRIQUES da SILVEIRA, 1789, pags. 41 segs.).

O povoamento do território gandarês deverá ser inserido neste cenário geral. Situado na linha de passagem das populações que se deslocavam dos concelhos mais a Norte (Ílhavo, Aveiro, Murtosa, Vagos, etc.), algumas delas deverão ter terminado aqui o seu percurso, enquanto outras seguiam progressivamente para Sul. Das áreas periféricas, isto é, dos concelhos mais interiores, de povoamento mais antigo e onde a pressão demográfica tinha também aumentado([1]) as populações foram também obrigadas a procurar novos espaços de cultura. A fuga à precária situação económica - derivada em parte do acréscimo de população -, às epidemias locais([2]), e a atracção exercida por regiões com novos horizontes de trabalho eram um incentivo forte à partida. Migrações periódicas tornam-se nalguns casos definitivas([3]) aumentando assim o número daqueles que abandonavam o local de origem.

Apenas com dois núcleos populacionais até ao século XVI, Mira e Quiaios, a *Gândara* transforma-se assim, em menos de duzentos anos, num território intensamente ocupado. Espaço repulsivo durante longo tempo, passará a exercer, por razões muitas vezes situadas para além dos seus limites, uma forte atracção quer nas populações periféricas quer noutras mais afastadas. A mobilidade demográfica que se desenvolve, quer a de pequeno raio no espaço intraconcelhio, quer a interconcelhia, é em grande parte responsável pelo acréscimo populacional, que nunca podia ter sido auto-sustentado pelos dois mais antigos núcleos situados na *Gândara*, Mira e Quiaios.

É óbvio que a uma fase de intensa ocupação do território corresponderia uma nova dinâmica na estrutura interna da população. A taxa de natalidade deverá ter sido uma das

---

1 — Recorde-se que em quase todo o território nacional o crescimento demográfico tinha sido manifesto a partir do século XVI. Segundo o Numeramento de 1527 - 1532 a população portuguesa andaria próxima de 1200000 indivíduos, enquanto um cômputo datado de 1732 atribui a Portugal cerca de 2400000 almas. A diferença entre os dois valores mostra que um rápido crescimento demográfico se deve a esse tempo verificado. Se atendermos a que o cômputo de VERÍSSIMO SERRÃO (1640) atribui a Portugal 1300000 habitantes, o crescimento terá sido mais importante a partir de meados do século XVII.

2 — Note-se que uma vasta área a norte da *Gândara*, conhecida normalmente por *região da Ria*, é propícia à ocorrência de epidemias, em parte devido às condições de insalubridade dos seus solos. Também no concelho de Cantanhede a Freguesia de N.ª S.ª das Febres parece dever o seu nome à frequência com que apareciam e se desenvolviam focos de doenças que, na maior parte das vezes, teriam origem nas águas pantanosas frequentes na área.

3 — São inúmeros os estudos elaborados a propósito das migrações internas em Portugal. Referimos apenas alguns: AMORIM GIRÃO, (1960, pags. 281-390; A. GIRÃO e FERNANDA VELHO, (1948) e ORLANDO RIBEIRO, (1940-1941, pags. 318-325).

variáveis onde o acréscimo terá sido maior, concorrendo também para acelerar a ocupação de um espaço que até aí se tinha mantido vazio.

A análise que seguidamente apresentamos, que têm por base as informações fornecidas pelos *Registos Paroquiais*, mostra quanto foi decisiva para a colonização do pequeno espaço do Centro Litoral português que é a *Gândara*, a mobilidade da população.

## 4.2— As Fontes:

A escassez de fontes de outra natureza que permitam analisar a mobilidade da população obrigou-nos a recorrer às informações de carácter eclesiástico. Por isso, utilizámos os *Registos Paroquiais de Baptizados* relativos a algumas das freguesias em estudo. Todavia as dificuldades encontradas nem sempre foram fáceis de ultrapassar. Tivémos que fazer opções, algumas delas possivelmente criticáveis.

Os *Registos Paroquiais* englobam dum modo geral, para cada freguesia, três séries: baptismos, casamentos e óbitos. Analisá-las na totalidade, pareceu-nos um trabalho demasiado exaustivo para o fim que se pretende.

Interessou-nos, num primeiro momento, estudar a mobilidade da população detectada a partir das *naturalidades* . Por isso, pela sua própria estrutura e função, serão os registos de baptismo e casamento que respondem melhor ao nosso objectivo. Mas também aqui tivemos que fazer opções - e fizemo-las pelos assentos de baptismos. A falta de informação relativamente ao crescimento demográfico podia de alguma forma ser preenchida através deles visto permitirem uma imagem do número de nascimentos. Há contudo que ter precaução nas interpretações retiradas: além de outras deficiências de informação, os dados apenas se referem à população baptizada, de que decorre uma contagem por defeito. Apesar de tudo, a sua utilidade ultrapassa as deficiências que contêm. Optámos, por isso, pela análise dos Registos de Baptizados. Permitem, como se referiu, ter uma imagem do que terá sido o número de nascimentos e, pelo facto de ser referida a naturalidade dos pais das crianças baptizadas, é possível traçar algumas hipóteses relativas à mobilidade geográfica da população. Também os Registos de Casamento fornecem alguns elementos mas é limitada a informação que possibilita traçar o cenário, ainda que no domínio da hipótese, do que terá sido o crescimento demográfico.

Porém em relação aos Registos de Baptizados, persiste uma dificuldade: em qualquer das séries, os assentos relativos aos primeiros 100 a 150 anos dão poucas informações, devido não só ao mau estado de conservação dos livros como ao deficiente registo que na época se elaborava. Não parece ter sido utilizado qualquer critério na sua

redacção, o que torna, portanto, muito discrepantes as informações fornecidas. Só a partir de meados do século XVIII se começa a vislumbrar uma certa uniformidade e sistematização. A referência à naturalidade dos pais é praticamente constante, além de se começar a referir também, ainda que de uma forma precária, a sua profissão. Só mais tarde virá a ser registada duma forma sistemática.

As freguesias de S. Tomé de Mira, S. Mamede de Quiaios e Nossa Senhora das Febres foram aquelas em que incidiu o nosso estudo. As razões da escolha vinculam-se ao facto de serem as áreas amostra já anteriormente definidas. Analisámos 21.835 registos de baptismo, valor que deveria corresponder a 43.670 progenitores. Naquele total estão, no entanto, incluídos 644 indivíduos de que não se possui qualquer informação: aparecem considerados como "filhos de pais incógnitos, "filhos da roda" ou "expostos". No tratamento da informação foram incluídos como *indefinidos*.

Saliente-se que, no caso de Febres, porque a sua elevação a freguesia se fez já no século XVIII, 1791, não foi possível fazer um levantamento tão exaustivo como nas outras áreas.

Datam da primeira década do século XVII, os primeiros livros de *Registos de Baptizados*, quer para a freguesia de Quiaios quer para Mira. Para este núcleo, o primeiro ano refere-se a 1602 e para o outro sete anos depois, isto é, 1609.

Pelas características que apresentam - omissões, registos muito incompletos, dificuldade de leitura, etc, algumas das quais já referidas -, foram computados todos os assentos referentes ao século XVII naquelas duas freguesias.

## 4.3 — A Mobilidade da População e a Ocupação Progressiva do Território.

Em Quiaios, ao longo dos 90 anos que decorrem desde o início dos registos até ao terminar do século XVII, foram baptizadas 1669 crianças. Este valor corresponde a uma média anual próxima de 19 registos, cabendo a cada década 185. Ora, o cômputo dos primeiros 50 anos apresenta um total de 944 assentos de baptismo, o que quer dizer que a média anual durante aquele período foi de 19 e em cada década de 189. Cotejando estes valores com os apresentados para os 90 anos, conclui-se que, durante todo este período do século XVII, se manteve praticamente o número de baptismos, o que deverá corresponder a um comportamento demográfico semelhante: um acréscimo populacional em grande parte autosustentado pela freguesia, com fluxos migratórios pouco significativos. Como veremos, só num período ulterior, a mobilidade vai adquirir alguma importância, reflectindo-se no crescimento demográfico e na ocupação de novos espaços.

No decurso de quase um século, de 1609 a 1699, apenas são referidos sete lugares, além da freguesia de Quiaios, como naturalidade dos progenitores das crianças baptizadas. Se, por um lado, a grande maioria dos assentos apenas se limitava a registar o nome da criança e dos pais, até que ponto a não referência à naturalidade significa nalguns casos que todos os indivíduos constantes dos registos eram naturais da freguesia correspondente aos assentos de baptismo? De qualquer modo, do escasso número de lugares referenciados, Brenha, Soza, Cantanhede, Liceia, Vagos, Leiria e Tavarede, do facto de apenas um indivíduo ser natural de cada um daqueles núcleos, com excepção de Tavarede donde eram naturais dois, significa que a atracção exercida por Quiaios durante o século XVII terá sido pouco significativa.

Em Mira, no período decorrido entre 1602 e 1699 foram registadas 2138 crianças, valor consideravelmente superior ao verificado para Quiaios. Ora, em 1527 este núcleo detinha 63 vizinhos e Mira com os lugares que lhe pertenciam tinha 48 (cfr. Quadro 2), o que sugere um comportamento diferente na evolução da população e provavelmente outro ritmo em relação à ocupação do território situado no sector Norte da *Gândara*. Do número de baptismos, 2138, pode concluir-se que a média anual foi de 21, sendo baptizados em cada década aproximadamente 214 crianças. Qualquer destes valores médios é superior ao de Quiaios, o que parece estar de acordo com o que deixava antever o *Numeramento* de 1527: que o aparecimento de pequenos núcleos, como se referiu, queria significar uma dinâmica nova na ocupação do espaço onde actualmente se insere o concelho de Mira e, além disso, temporalmente mais cedo que na freguesia de Quiaios.

Quanto ao número de lugares referenciados como naturalidade dos progenitores, não difere substancialmente do apresentado pela freguesia situada à beira da Serra da Boa-Viagem. Apenas seis são referenciados: Arazede, Aveiro, Lemede, Ílhavo, Vagos e Ançã. Saliente-se, contudo, que o número de progenitores cuja naturalidade não é Mira ultrapassa o apresentado por Quiaios. O que significará, ainda que não de uma forma muito evidente, uma maior mobilidade . De Ílhavo são naturais 4, Aveiro 2, Vagos 2 e Ançã também 2, enquanto de Arazede e Lemede apenas se registou 1 indivíduo de cada núcleo populacional.

Julgamos poder concluir, da análise deste longo período, de quase um século, que as áreas pertencentes actualmente às freguesias de Quiaios e Mira se encontravam em momentos diferentes de desenvolvimento. Incluídas num mesmo vazio humano durante séculos, Mira começa a partir de meados do século XVI a ganhar um novo ritmo de crescimento, cujos registos de baptismo do século XVII parecem demonstrar. Pelo contrário, em Quiaios só mais tarde se operará uma nova dinâmica demográfica.

A análise dos assentos de baptismo de 1700 a 1734 demonstra bem a "explosão" que se estava a verificar na região de Mira e a "inércia" que se mantinha relativamente a

Quiaios. Nésse espaço de tempo computámos para a freguesia de Quiaios 980 registos, equivalendo a uma média anual de 28 baptismos. Este valor, se bem que superior ao verificado no período transacto, não parece demonstrar um crescimento significativo. De qualquer modo, por se tratar de um período consideravelmente mais curto, adquire outra expressão, e deixa antever um acréscimo mais acentuado.

No que se refere à naturalidade dos pais são referidos nove lugares (Fig. 12).

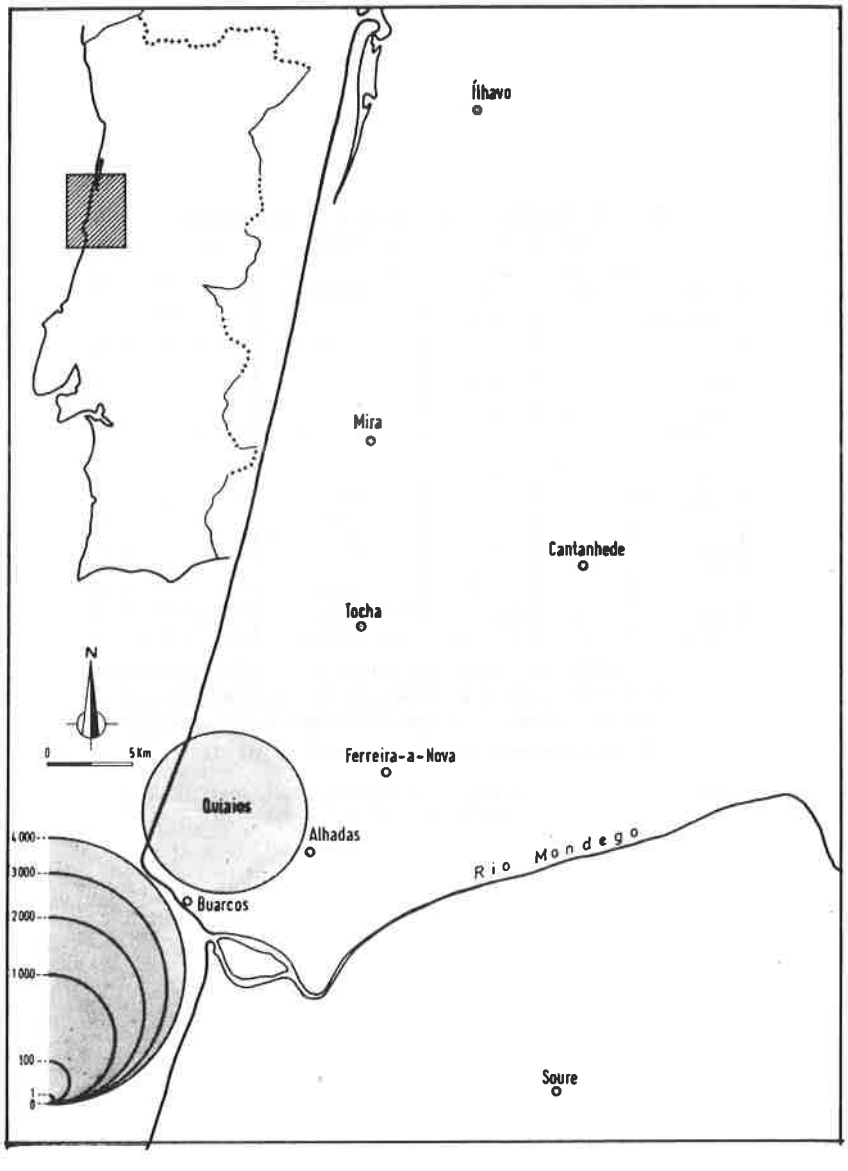



*Fig. 12*– QUIAIOS - NATURALIDADE DOS PROGENITORES (1700-1734) *Fonte: quadro 7*

Se temos de ressalvar também neste período, à semelhança do que acontecera no anterior, registos omissos relativamente à origem dos progenitores (103 assentos), o número de indivíduos naturais daqueles lugares aumenta: de Ílhavo e de Mira eram oriundos 4, das Alhadas 3, de Buarcos 2 e de Ferreira-a-Nova, Arazede, Cantanhede, Tocha e Soure apenas 1 (ver Quadro 7). A percentagem que a freguesia de Quiaios apresenta, 99,1%, é todavia mais que significativa, para demonstrar que grande parte do crescimento demográfico foi suportado pela freguesia.

QUADRO Nº 7 - NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS NA FREGUESIA DE S. MAMEDE DE QUIAIOS DE 1700-1734

| Freguesias | Total | % | Concelhos | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|
| Cantanhede | 1 | 0.05 | Cantanhede | 2 | 0.1 |
| Tocha | 1 | 0.05 | | | |
| Alhadas | 3 | 0.2 | Figueira da Foz | 1943 | 99.0 |
| Buarcos | 2 | 0.1 | | | |
| Ferreira-a-Nova | 1 | 0.05 | | | |
| Quiaios | 1943[x] | 99.1 | | | |
| Ilhavo | 4 | 0.2 | Ilhavo | 4 | 0.2 |
| Mira | 4 | 0.2 | Mira | 4 | 0.2 |
| Soure | 1 | 0.05 | Soure | 1 | 0.05 |
| Total | 1960[x] | 100 | Total | 1960 | 100 |

x - Neste total foram englobados cento e três registos incompletos. Como se trata dum valor elvado para serem considerados *pais incógnitos*, atribui-se-lhe como naturalidade a freguesia amostra, já que grande parte deveria ser natural de Quiaios.

Fonte: A.U.C.: - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de S. Mamede de Quiaios, anos de 1700 a 1734.*

Se exceptuarmos Figueira da Foz, em que se situa a freguesia de Quiaios, Mira e Ílhavo são os concelhos que apresentam valores mais elevados, embora muito afastados dos daquela freguesia. Estes dados sugerem que a mobilidade de pequeno raio - nomeadamente inter-freguesias do mesmo concelho (Figueira da Foz) e em especial entre os lugares da mesma freguesia -, deve ter sido a mais importante.

Apesar de pequenas, as alterações verificadas neste período, quando comparado com o anterior (1602-1700) , porque se trata dum intervalo de tempo muito mais curto, parece mostrar alguma ruptura na "inércia" que caracterizou o século XVII. A análise do período seguinte é, contudo, reveladora da nova dinâmica que se anuncia no comportamento demográfico desta área.

A freguesia de S. Tomé de Mira apresenta, na mesma época, 1700-1734, um cenário diferente do de Quiaios. Se nos primeiros dez anos os assentos de baptismo não referem a naturalidade dos progenitores, nos seguintes essa lacuna deixa de existir. O total de registos de crianças baptizadas é de 2237, que corresponde a uma média de 64 baptismos anuais - valor duplo da média anual observada no período anterior. Por se tratar de um espaço de tempo consideravelmente mais curto, o acréscimo verificado é demasiado alto para ter sido autosustentado pela freguesia de Mira.

O Quadro 8 e a Fig. 13 registam a distribuição dos pais das crianças baptizadas pelas freguesias de origem. A dispersão que se nota, e o total de indivíduos exteriores à freguesia são os factos que imediatamente ressaltam. Enquanto no período transacto tinham sido apuradas seis freguesias, exceptuada Mira, no actual computaram-se 20, o que demonstra o consideravel acréscimo entre 1700 e 1734. Mira detém a maior percentagem (89.5%) bastante afastada das outras freguesias. Seguem-se-lhe Covões com 3.0%, Cantanhede com 1.5%; de Vagos eram naturais 62 indivíduos correspondentes a 1.4%, enquanto a Tocha contribuía com 1.1% do total. É de salientar que a maioria dos lugares pertence a concelhos contíguos ao de Mira, ou estão relativamente próximos. Exceptua-se o Porto, único que está para além da Beira Litoral de onde são naturais 8 indivíduos.

A distribuição por concelhos mostra que as 20 freguesias referidas se repartiam por 9 unidades concelhias, o que representa uma dispersão considerável. Se exceptuarmos Mira que, como seria de esperar, detém um quantitativo que ultrapassa de longe o total dos outros concelhos (89.5%), os oriundos de fora deslocavam-se preferencialmente do concelho de Cantanhede: 235 indivíduos correspondentes a 5.3% do total. Segue-se o concelho de Vagos com 68 progenitores, apresentando um valor percentual mais baixo, 1.5%.

Se cotejarmos com os dados do período anterior (1609 a 1699) verificamos, por um lado, um acréscimo considerável no número de indivíduos oriundos de outros concelhos, por outro a manutenção das mesmas áreas de origem dos pais de alguns indivíduos nascidos na

QUADRO Nº 8 - NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS NA FREGUESIA DE S. TOMÉ DE MIRA de 1700-1734

| Freguesias | Total | % | Concelhos | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|
| Aguada de Cima | 3 | 0.07 | Águeda | 3 | 0.07 |
| Anadia | 2 | 0.04 | | | |
| S. Lourenço do Bairro | 4 | 0.09 | Anadia | 17 | 0.4 |
| Sangalhos | 1 | 0.02 | | | |
| Mogofores | 10 | 0.2 | | | |
| Cadima | 12 | 0.3 | | | |
| Cantanhede | 67 | 1.5 | | | |
| Cordinhã | 2 | 0.04 | | | |
| Covão do Lobo | 12 | 0.3 | | | |
| Covões | 89 | 2.0 | Cantanhede | 235 | 5.3 |
| Ourentã | 2 | 0.04 | | | |
| Pocariça | 1 | 0.02 | | | |
| Tocha | 50 | 1.1 | | | |
| Quiaios | 1 | 0.02 | Figueira da Foz | 1 | 0.02 |
| Ilhavo | 21 | 0.5 | Ilhavo | 21 | 0.5 |
| Mira | 4004 | 89.5 | Mira | 4004 | 89.5 |
| Arazede | 2 | 0.04 | Montemor-o--Velho | 2 | 0.04 |
| Porto | 8 | 0.04 | Porto | 8 | 0.2 |
| Soza | 6 | 0.1 | | | |
| Vagos | 62 | 1.4 | Vagos | 68 | 1.5 |
| Indefinidos | 115* | 2.5 | Indefinidos | 115 | 2.5 |
| Total | 4474 | 100 | Total | 4474 | 100 |

* - Este valor refere-se em grande parte (93) aos dez primeiros anos da amostra.

Fonte: A.U.C.: - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de S. Tomé de Mira, anos de 1700-1734.*

*Gândara*. Os concelhos de Montemor-o-Velho, Aveiro, Cantanhede, Ílhavo e Vagos, referidos no século XVII, continuam os mais referenciados . Apenas o concelho de Aveiro não se regista entre 1700-1734.

Do aumento do número de baptismos neste curto espaço de tempo, da dispersão

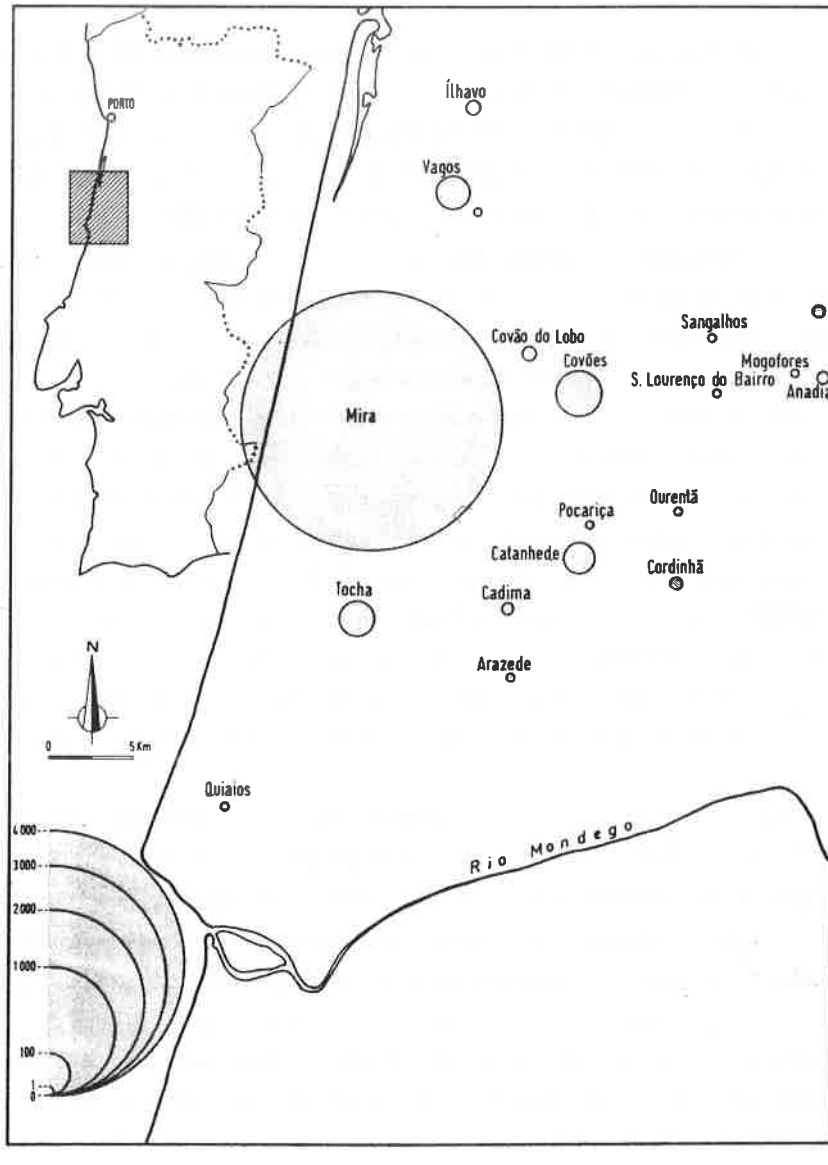



*Fig. 13* — MIRA — NATURALIDADE DOS PROGENITORES [1700-1734] *Fonte: quadro 8*

apresentada pela naturalidade dos progenitores não naturais de Mira e do acréscimo que se verificou no número de indivíduos oriundos de outros concelhos, 355 (8.0%), deverá concluir-se que, na transicção do século XVII para o século XVIII, na área Norte da *Gândara*, se assistia a um aumento progressivo da ocupação do espaçó - uma conclusão que aliás a dessiminação de lugares, referidos pelas *Dicionário Geográfico* de 1758, tinha sugerido (cfr. Fig. 11).

O período seguinte (1735-1744), mostra em certa medida o que já tínhamos previsto: a ruptura que se começara a delinear na freguesia de S. Mamede de Quiaios no início do século XVIII. Mira, por seu lado não evidencia grandes alterações. Os indicadores encontrados mostram que, nesta área do litoral português, o processo de colonização, já iniciado há algumas dezenas de anos, se encontrava numa fase de irreversibilidade.

O levantamento da década que decorre de 1735 a 1744, relativamente à freguesia de Quiaios, mostra que o número de crianças baptizadas foi de 334: uma média anual de 34 baptismos. Trata-se de um valor que, embora não muito superior ao do período transacto, deverá corresponder a um crescimento, embora pequeno, da população.

Todavia, mais importante que o número de crianças baptizadas, é sem dúvida a grande dispersão verificada na naturalidade dos progenitores. Significará ela o início de um importante afluxo de população a esta freguesia (Fig.14, Quadro 9), algumas dezenas de anos mais tarde do que em Mira. Vinte e quatro freguesias são agora referenciadas, enquanto no período anterior tinhamos apenas nove. Quiaios detém o quantitativo mais elevado (463, correspondentes a 69.3%), seguido de longe por Ilhavo com 13.5% do total. Dos outros lugares, merecem referência, por um lado, aqueles donde era natural um quantitativo considerável de indivíduos: Alhadas 38, Brenha 12 e Buarcos 9; por outro, os que se encontram bastante afastados das áreas periféricas desta freguesia: Batalha, Braga, Pinhel e Évora.

Se até ao inicio do século XVIII a mobilidade intra-concelhia tinha sido a mais relevante, entre 1735 e 1744 o concelho de Ílhavo tem uma posição privilegiada com 13.5% do total. Relativamente ao número de indivíduos que se deslocaram para a freguesia de Quiaios, 56.7% pertenciam ao sexo masculino, pelo que a participação das mulheres pouco menor era. A sex-rátio dos progenitores deverá significar uma deslocação em grande parte de agregados familiares, o que pressupõe o abandono definitivo do local de origem. No caso do concelho da Figueira da Foz, donde são naturais 525 indivíduos, a maior parte é do sexo masculino. Pode, por isso, concluir-se , que nesta mobilidade de pequeno raio são os homens preferencialmente a deslocar-se.

Em conclusão, as informações retiradas dos *Livros de Registos de Baptismo*, permitem situar no início do século XVIII a consolidação do povoamento da região Sul da *Gândara*. O aumento de número de nascimentos e a diversificação da naturalidade dos pais das crianças registadas parecem indicar que um intenso afluxo migratório se processava. Veremos posteriormente que este se insere num panorama mais vasto que abrange parte do território nacional.

QUADRO Nº 9 - NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS NA FREGUESIA DE S. MAMEDE DE QUIAIOS de 1735-1744

| Freguesias | Total | % | Concelhos | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|
| Batalha | 2 | 0.3 | Batalha | 2 | 0.3 |
| Braga | 2 | 0.3 | Braga | 2 | 0.3 |
| Cadima | 4 | 0.6 | | | |
| Cantanhede | 1 | 0.1 | Cantanhede | 6 | 0.8 |
| Covão do Lobo | 3 | 0.4 | | | |
| Coimbra | 1 | 0.1 | | | |
| S.João do Campo | 1 | 0.1 | Coimbra | 5 | 0.6 |
| Trouxemil | 3 | 0.4 | | | |
| Évora | 1 | 0.1 | Évora | 1 | 0.1 |
| Alhadas | 38 | 5.7 | | | |
| Brenha | 12 | 1.9 | | | |
| Buarcos | 9 | 1.3 | Figueira da Foz | 532 | 79.7 |
| Ferreira-a-Nova | 7 | 1.0 | | | |
| Quiaios | 463 | 69.4 | | | |
| Tavarede | 3 | 0.4 | | | |
| Ilhavo | 90 | 13.6 | Ilhavo | 90 | 13.6 |
| Mira | 4 | 0.6 | Mira | 4 | 0.6 |
| Arazede | 9 | 1.4 | | | |
| Liceia | 3 | 0.4 | Montemor-o-Velho | 12 | 1.8 |
| Pinhel | 1 | 0.1 | Pinhel | 1 | 0.1 |
| Louriçal | 3 | 0.4 | | | |
| Pombal | 1 | 0.1 | Pombal | 4 | 0.5 |
| Soure | 2 | 0.3 | Soure | 2 | 0.3 |
| Indefinidos | 7 | 1.1 | Indefinidos | 7 | 1.1 |
| Total | 668 | 100* | Total | 668 | 100* |

* - Contêm um erro por defeito igual a 0.2

Fonte: A.U.C. : - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de S. Mamede de Quiaios, anos de 1735-1744.*

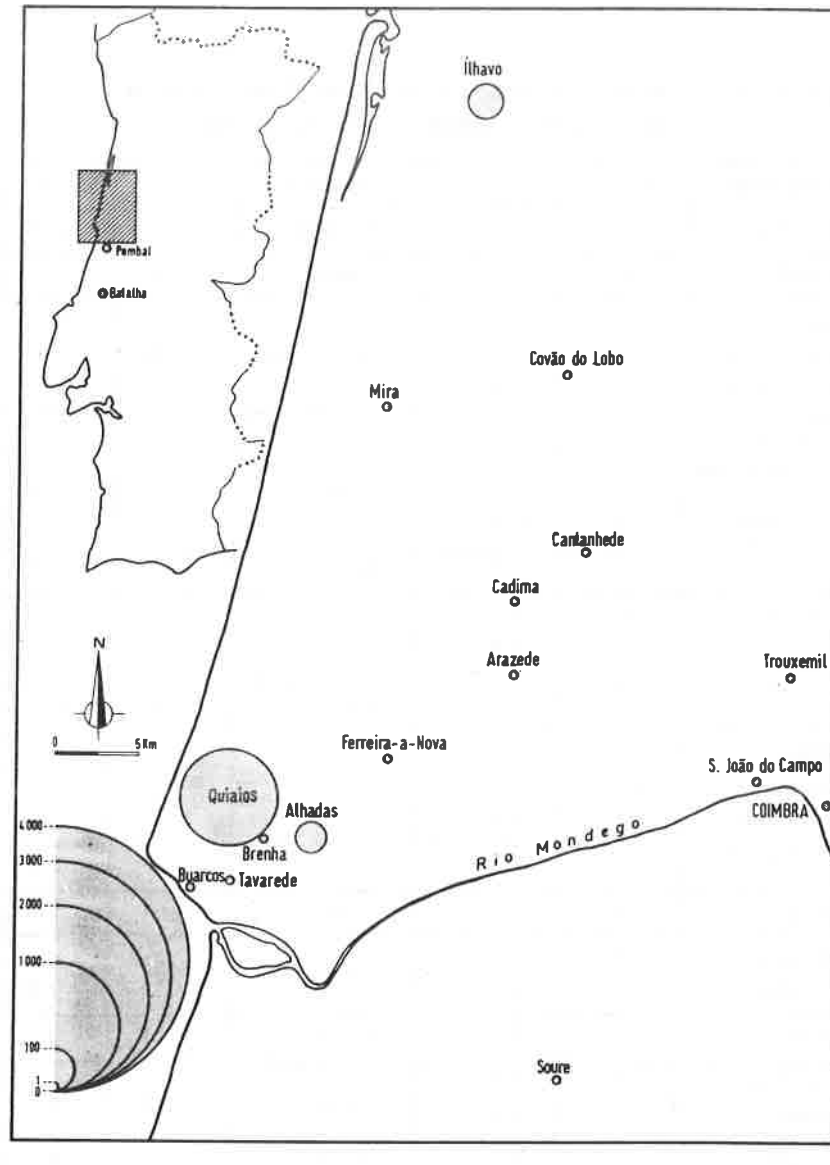



*Fig. 14* – QUIAIOS – NATURALIDADE DOS PROGENITORES [1735-1744] *Fonte: quadro 9*

Se para a freguesia de Quiaios se pode afirmar que o segundo quartel do século XVIII terá sido a fase decisiva da colonização do seu território, em Mira, na mesma época verificava-se uma continuidade no processo já iniciado.

Nesta freguesia, situada no limite Norte da *Gândara*, entre 1735-1744 o número de baptismos foi de 931 crianças, que corresponde a uma média anual de 93, enquanto nas três décadas anteriores tinha sido de 64.

Na Fig.15 e no Quadro 10 representa-se a distribuição dos progenitores segundo a naturalidade. Mira tem, como seria de esperar, o valor percentual mais elevado (85.5%) que, no entanto, é inferior ao verificado para o período decorrido entre 1700-1735, sinal de uma maior atracção exercida por aquela freguesia. Os concelhos de Vagos e Cantanhede participam com os maiores quantitativos de população deslocada, respectivamente 3.7% e 7.3%. Note-se que a repartição por sexos não se apresenta do mesmo modo para aqueles

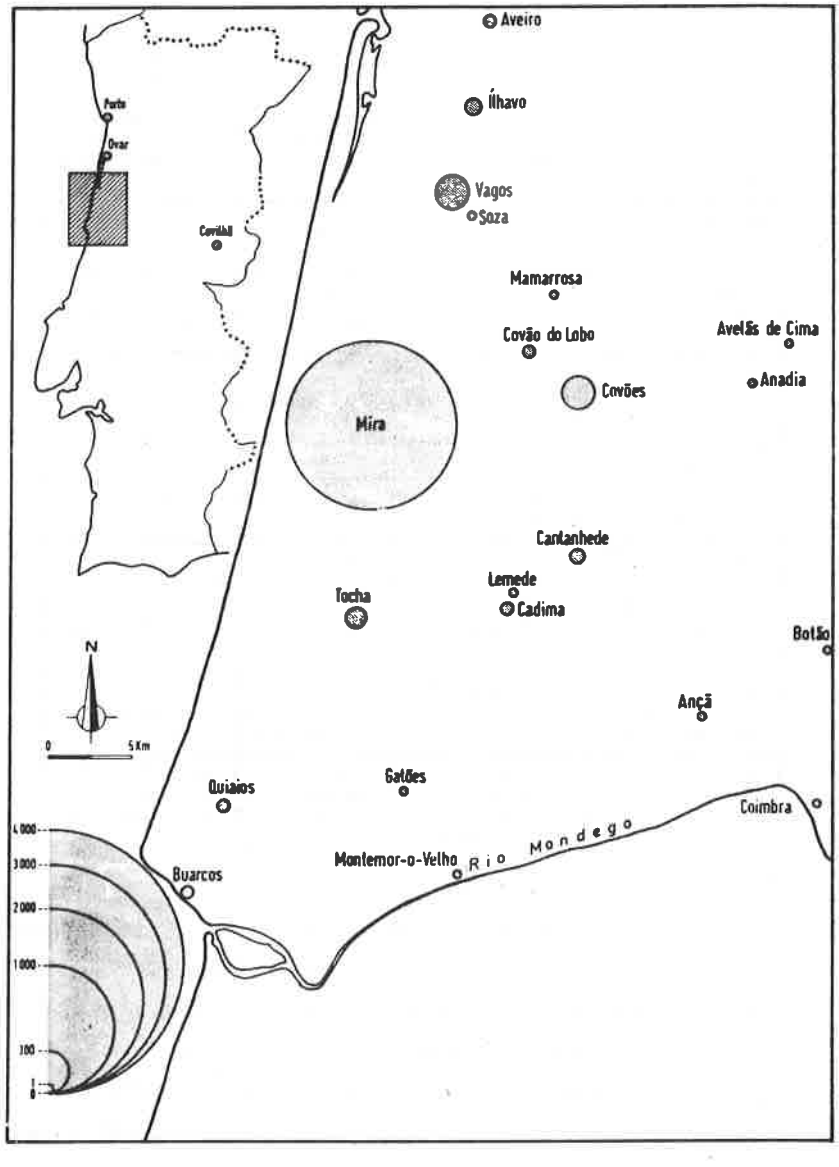



*Fig. 15* – MIRA – NATURALIDADE DOS PROGENITORES (1735-1744) *Fonte: quadro 10*

QUADRO Nº 10 - NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS NA FREGUESIA DE S. TOMÉ DE MIRA, 1735-1744

| Freguesias | Total | % | Concelhos | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|
| Avelãs de Cima | 2 | 0.1 | Anadia | 2 | 0.1 |
| Aveiro | 11 | 0.5 | Aveiro | 11 | 0.5 |
| Ançã | 3 | 0.2 | | | |
| Cadima | 11 | 0.6 | | | |
| Cantanhede | 30 | 1.6 | | | |
| Covões | 68 | 3.6 | Cantanhede | 13.5 | 7.6 |
| Lemede | 1 | 0.5 | | | |
| Tocha | 22 | 1.1 | | | |
| Coimbra | 2 | 0.1 | Coimbra | 2 | 0.1 |
| Covilhã | 3 | 0.2 | Covilhã | 3 | 0.2 |
| Buarcos | 1 | 0.05 | | | |
| Quiaios | 2 | 0.1 | Figueira da Foz | 3 | 0.15 |
| Ilhavo | 8 | 0.4 | Ilhavo | 8 | 0.4 |
| Mira | 1592 | 85.4 | Mira | 1592 | 85.4 |
| Gatões | 2 | 0.1 | | | |
| Montemor-o--Velho | 7 | 0.4 | Montemor-o--Velho | 9 | 0.5 |
| Mamarrosa | 1 | 0.05 | Oliveira do Bairro | 1 | 0.05 |
| Ovar | 2 | 0.1 | Ovar | 2 | 0.1 |
| Porto | 3 | 0.2 | Porto | 3 | 0.2 |
| Calvão | 4 | 0.2 | | | |
| Covão do Lobo | 12 | 0.6 | Vagos | 69 | 3.6 |
| Soza | 3 | 0.2 | | | |
| Vagos | 50 | 2.6 | | | |
| Indefinidos | 22 | 1.1 | Indefinidos | 22 | 1.1 |
| Total | 1862 | 100 | Total | 1862 | 100 |

Fonte: A.U.C.: - *Livros de Registos Paroquiais, Baptizados, freguesia de S. Tomé de Mira, anos de 1735-1744.*

dois concelhos. Se dos naturais de Vagos 53.7% eram homens, para os oriundos do concelho de Cantanhede a percentagem de indivíduos do sexo masculino subia para 75.5%.

A semelhança apresentada pela sex-ratio dos indivíduos naturais dos concelhos de Vagos e de Ílhavo que se dirigiram respectivamente para as freguesias de Mira e de Quiaios, em confronto com a de Cantanhede, parece evidenciar que a mobilidade demográfica, orientada de Norte para Sul, apresentaria características um pouco distintas da que se faria do Interior para o Litoral.

Das outras unidades concelhias, merece referência Aveiro, de onde eram naturais 11 indivíduos, e o Porto do qual continuam a afluir a Mira elementos. Se os números não são muito relevantes, é-o pelo menos a frequência com que esse centro populacional é referido, pois já entre 1700-1735 foram registados 8 indivíduos.

Analisados praticamente todos os registos, desde o seu início até 1744, para as freguesias de S. Tomé de Mira e S. Mamede de Quiaios, retomámos o seu levantamento a partir de 1795 até 1864, não de uma forma exaustiva, mas por períodos de dez anos, respeitando sempre o mesmo intervalo de tempo entre cada série temporal.

A escolha de 1795 decorre do facto de a freguesia de Nª. Senhora das Febres já existir nesta altura: recorde-se que a sua elevação a freguesia se deu em 1791. Além disso, trata-se de um período imediatamente anterior às Invasões Francesas, que geraram nesta área grande instabilidade, com reflexo no comportamento demográfico e na ocupação do território. Recordo que no dia 23 de Junho de 1808, uma coluna proveniente de Coimbra expulsa os franceses, alojados na Figueira da Foz, que em princípios de Agosto as tropas inglesas desembarcam em Lavos([1]), e que uma grande parte da floresta que cobria a região Norte da Figueira da Foz foi praticamente devastada pelas Invasões Francesas, quer devido a corte quer a fogo lançado ( cfr. M. ALBERTO REI, 1924, pag. 9 ).

Toda esta instabilidade provocou seguramente uma retenção na mobilidade geográfica. Não esqueçamos, todavia, que, no sector Norte da *Gândara*, a ocupação do território no final do século XVIII estaria praticamente consolidada. A Sul, desenha-se ainda um fluxo migratório que, apesar de mais atenuado, mostra como foi mais tardia a fixação de população na secção meridional do território gandarês.

Para a freguesia de Quiaios, na década que decorre de 1795 a 1804, o total de crianças baptizadas foi de 1037, que corresponde portanto a uma média anual próxima das 104. Relembre-se que o último período analisado (1735-1744) apresentava um valor consideravelmente mais baixo: 334 foi o total de registos nesses anos. A diferença explicar-se-à pela nova dinâmica que os fluxos migratórios imprimiram no movimento natural da população.

O facto mais importante que resulta da observação do Quadro 11 e da Fig.16 reside na elevada percentagem que cabe à própria freguesia de Quiaios, 85.2%, este valor é tanto mais significativo se comparado com o determinado para a década de 1735-1744: nessa altura, apenas 69.3% eram naturais daquela freguesia. Dos dados referidos parece poder

---

[1] — As Invasões francesas provocaram em todo o Centro Litoral português, elevados prejuízos que se devem ter reflectido no ritmo de ocupação do espaço. Sobre o assunto veja-se Padre MIGUEL DE OLIVEIRA (1945) e A. A. DÓRIA (1979) em "Guerras Peninsulares.

concluir-se que a mobilidade da população deve ter sofrido um retrocesso evidenciado pelo aumento dos naturais daquela área.

A diversificação dos lugares demonstra que se manifestava ainda um certo afluxo de população, sem contudo atingir valores muito significativos. É de sublinhar que da freguesia das Alhadas eram naturais 99 indivíduos (4.8%). Se se trata de um valor de certa forma elevado, o facto de aquela freguesia se situar no mesmo concelho e ser além disso contígua à de Quiaios dá-lhe um significado diferente: a atracção exercida pela freguesia situada na parte Sul da *Gândara* manifestava-se preferencialmente nas freguesias limítrofes.

QUADRO Nº 11- NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS NA FREGUESIA DE S. MAMEDE DE QUIAIOS, 1795-1804.

| Freguesias | Total | % | Concelhos | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|
| Aljubarrota | 1 | 0.05 | Alcobaça | 1 | 0.05 |
| S. Lourenço do Bairro | 2 | 0.1 | Anadia | 2 | 0.1 |
| Aveiro | 2 | 0.1 | Aveiro | 2 | 0.1 |
| Cadima | 15 | 0.7 | Cantanhede | 49 | 2.3 |
| Tocha | 34 | 1.6 | | | |
| Coimbra | 1 | 0.05 | Coimbra | 1 | 0.05 |
| Condeixa-a-Nova | 2 | 0.1 | Condeixa-a-Nova | 2 | 0.1 |
| Alhadas | 99 | 4.8 | Figueira da Foz | 1900 | 91.7 |
| Brenha | 6 | 0.3 | | | |
| Buarcos | 1 | 0.05 | | | |
| Ferreira-a-Nova | 26 | 1.3 | | | |
| Quiaios | 1767 | 85.2 | | | |
| Tavarede | 1 | 0.05 | | | |
| Guarda | 3 | 0.1 | Guarda | 3 | 0.1 |
| Ilhavo | 38 | 1.8 | Ilhavo | 38 | 1.8 |
| Lisboa | 1 | 0.05 | Lisboa | 1 | 0.05 |
| Arazede | 23 | 1.1 | Montemor-o-Velho | 28 | 1.35 |
| Maiorca | 1 | 0.05 | | | |
| Montemor-o-Velho | 2 | 0.1 | | | |
| Santo Varão | 1 | 0.05 | | | |
| V.Nova da Barca | 1 | 0.05 | | | |
| Soure | 2 | 0.1 | Soure | 2 | 0.1 |
| Indefinidos | 45 | 2.2 | Indefinidos | 45 | 2.2 |
| Total | 2074 | 100 | Total | 2074 | 100 |

Fonte: - A.U.C.: - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de S.Mamede de Quiaios, anos de 1795 a 1804.*

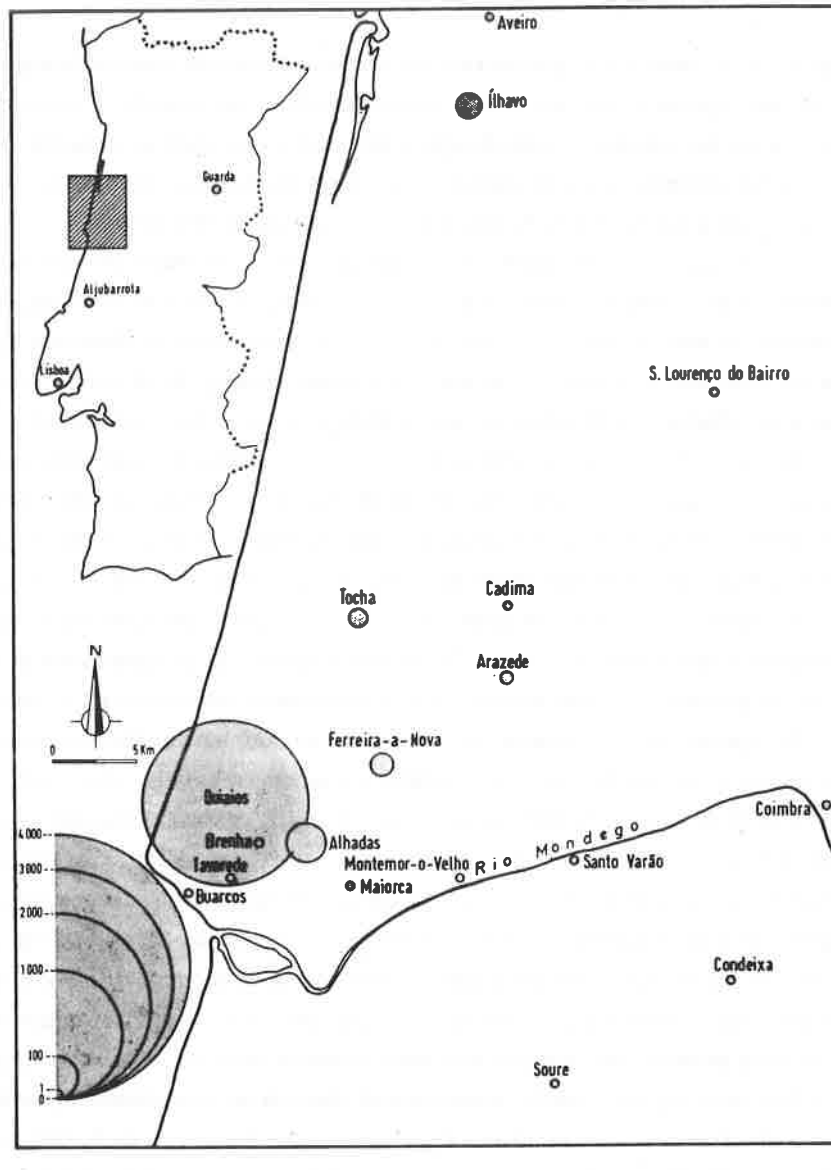



*Fig. 16*— QUIAIOS — NATURALIDADE DOS PROGENITORES [1795–1804] *Fonte: quadro 11*

A mesma conclusão se retira dos dados relativos ao concelho de Montemor-o-Velho que também apresenta um quantitativo elevado, 54 indivíduos (2.6%). Contudo, a maioria pertence às freguesias de Arazede 23 (1.1%) e Ferreira-a-Nova 26 (1.3%) que, como Alhadas, confrontam com S. Mamede de Quiaios.

Do concelho de Cantanhede eram oriundos 49 indivíduos (2.4 %), 34 pertencentes à freguesia da Tocha (1.6%) e 15 a Cadima (0.7 %). Das restantes áreas, Ilhavo merece uma

reflexão especial: continua a ocupar um lugar importante relativamente à naturalidade dos pais das crianças baptizadas, não obstante a mobilidade externa ao concelho a que pertence Quiaios, ter perdido significado. Esta situação adquire outra expressão se se pensar que se trata do único concelho que, sem pertencer ao distrito de Coimbra, vem mantendo uma corrente migratória orientada de Norte para Sul, pouco afastada da linha da costa.

Se analisarmos a população deslocada por sexos, verificam-se, distribuições diferentes, como já tinha sucedido em períodos anteriores. Dos 49 indivíduos naturais de Cantanhede, 36 eram do sexo masculino, isto é, 73.4%. Do concelho de Montemor-o-Velho tinham saído 54, dos quais 38 eram homens, isto é 70.4%. Relação semelhante se verifica na freguesia de Alhadas: dos 99 indivíduos que se dirigiram para Quiaios, 68.6% eram do sexo masculino. No que respeita ao concelho de Ílhavo, a *sex-ratio* é diferente. Com uma repartição quase equitativa, parece, como já tínhamos notado para Mira, demonstrar uma mobilidade estruturalmente diferente. Dos 38 indivíduos 18 são mulheres (47.4%). Tal relação deverá significar, por um lado, a deslocação do agregado familiar, por outro, inserir-se num cenário sócio económico diferente daquele que envolvia os indivíduos naturais das freguesias/concelhos mais do interior. Os primeiros ligavam-se principalmente à pesca, enquanto os segundos deveriam estar quase exclusivamente relacionados com a agricultura.

A freguesia de Mira reserva para o mesmo período, um cenário particularmente diferente, não só em relação aquele que ela própria anteriormente apresentara, como no que concerne ao verificado para S. Mamede de Quiaios. O total de crianças baptizadas no período que decorre entre os anos de 1795 a 1804 é de 1062. Este valor é muito próximo do verificado para a década de 1735 a 1744: 931 registos. Se cotejarmos agora os quantitativos referentes às duas freguesias no período de tempo correspondente ao transpor do século XVIII para o século XIX, verificamos que: Quiaios apresentava uma média anual de 104 baptismos e Mira um valor quase idêntico, 106. Dos dados expostos pode concluir-se que Mira, no início do século XIX, era uma área pouco atractiva, enquanto a freguesia de Quiaios apresentava ainda alguma importância como polo de chegada de alguns fluxos migratórios.

A observação do Quadro 12 e da Fig. 17 mostra que à freguesia de S. Tomé de Mira cabiam 98.1% dos pais das crianças registadas: um valor que exprime, só por si, até que ponto o crescimento demográfico da freguesia era autosustentado pela população oriunda da própria área.

As outras áreas registadas quase não apresentam significado, devido aos escassos quantitativos observados: apenas 4 são naturais de outras freguesias. Recorde-se que, no período anterior, a "naturalidade" repartia-se por 22 freguesias, exceptuada a de Mira. Estamos perante um indício claro da menor atracção que progressivamente esta área estava a exercer nas populações exteriores aos seus limites administrativos.

QUADRO Nº 12- NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS NA FREGUESIA DE S. TOMÉ DE MIRA, 1795-1804

| Freguesia | Total | % | Concelhos | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|
| Pocariça | 1 | 0.05 | Cantanhede | 3 | 0.15 |
| Tocha | 2 | 0.1 | | | |
| Alhadas | 2 | 0.1 | Figueira da Foz | 2 | 0.1 |
| Mira | 2085 | 98.1 | Mira | 2085 | 98.1 |
| Vagos | 2 | 0.1 | Vagos | 2 | 0.1 |
| Indefinidos | 32 | 1.55 | Indefinidos | 32 | 1.55 |
| Total | 2124 | 100 | Total | 2124 | 100 |

Fonte.: A.U.C.: - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de S. Tomé de Mira anos de 1795 a 1804.*

Aliás, a distribuição por concelhos mostra como a participação externa no crescimento da área de Mira foi diminuta. De Cantanhede, Vagos e Figueira da Foz, eram naturais respectivamente e apenas 3,2 e 2 indivíduos.

A freguesia de Nossa Senhora das Febres, pertencente ao concelho de Cantanhede, é criada em 1791 com lugares que se inscreviam até então na freguesia de Covões. Este facto talvez indique que, àquela data, a ocupação do território estaria de tal modo consolidada que justificaria o aparecimento de outra unidade administrativa. A análise dos registos de baptismos da nova freguesia para aquela década, parece ir ao encontro dessa situação. Entre 1795 e 1804 foram registadas 673 crianças, correspondentes a um total de 1346 progenitores. Destes, 1338 eram naturais da própria freguesia, isto é, 99.4%. Ao concelho de Mira pertenciam 2 e tinham naturalidade desconhecida 6. São valores que demonstram, por um lado, a inexistência de fluxos migratórios importantes e, por outro, mostram um crescimento demográfico realizado à custa da própria freguesia. (Fig.18 e Quadro 13).

Além disso, a análise dos assentos de baptismos para as diferentes décadas 1815-1824, 1835-1844 e 1855 1864, mostra que: nos dois primeiros períodos o número de registos foi de 968 e 1055 respectivamente, enquanto que para a última década se verifica uma quebra : 879 registos, isto é, menos 176 crianças baptizadas. Tal como tinha acontecido para os dez anos compreendidos entre 1795 e 1804, Febres continua a apresentar sempre

uma percentagem superior a 95%, no que se refere à naturalidade dos progenitores: no espaço de tempo decorrente entre 1815-1824 cabem-lhe 99.1% do total; no período de 1835-1844, 99% dos pais das crianças registadas são também naturais daquela freguesia; entre 1855 e 1864, apesar do decréscimo verificado no número de assentos, os naturais de Febres continuam a deter valores muito próximos do valor máximo. Nesse período, 97% provêm da freguesia de residência, Febres.

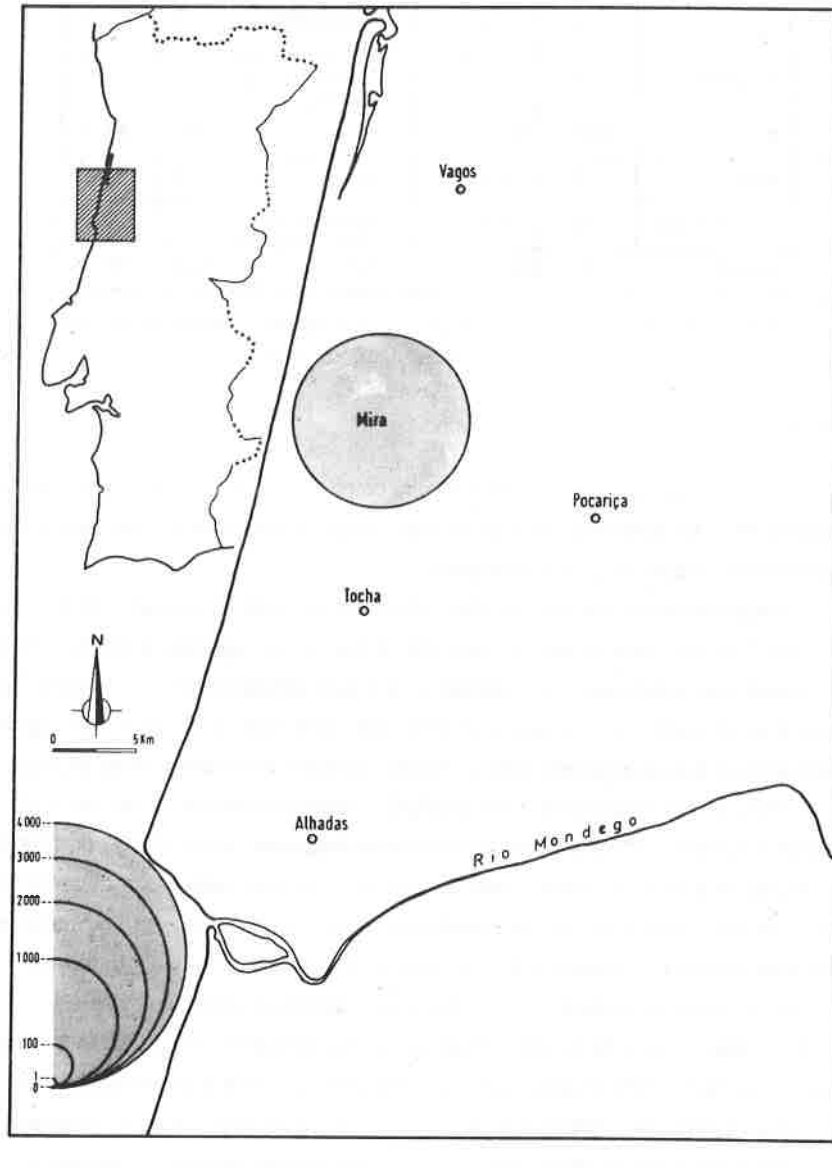



*Fig.17*– MIRA – NATURALIDADE DOS PROGENITORES [1795–1804] *Fonte: quadro 12*

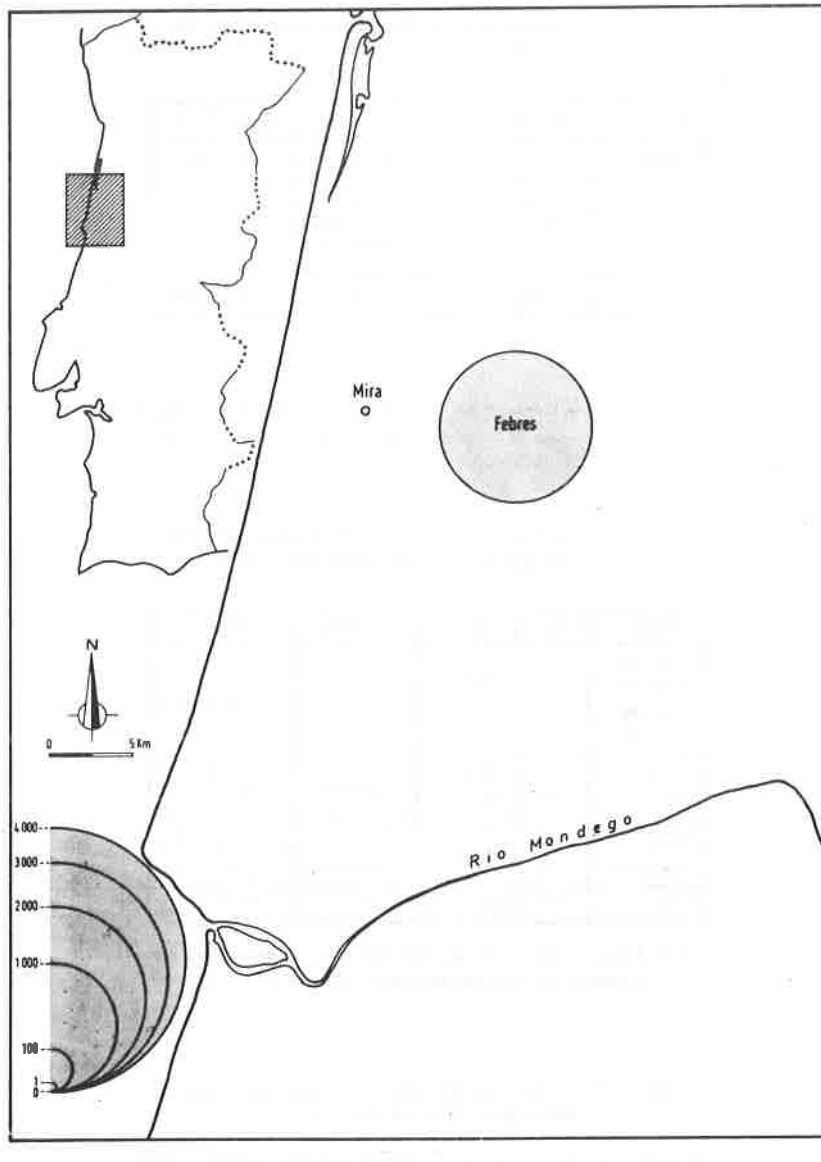



*Fig. 18* — FEBRES – NATURALIDADE DOS PROGENITORES [1795-1804] *Fonte: quadro 13*

Os Quadros 14, 15 e 16 e as Figs. 19, 20 e 21, mostram como terá ter sido pouco atractiva a freguesia de Nossa Senhora das Febres até 1864. Excepção feita ao concelho de Cantanhede donde é natural quase toda a população registada, apenas dos de Anadia, Vagos e Mira vieram alguns indivíduos. Contudo, os quantitativos quase não têm significado. Nas três séries analisadas o número de "indefinidos" é sempre superior ao número de indivíduos que de outros concelhos se deslocaram para a freguesia em análise.

QUADRO Nº. 13 - NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS NA FREGUESIA DE Nª. SENHORA DAS FEBRES, 1795-1804

| Freguesias | Total | % | Concelhos | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|
| Febres | 1338 | 99.4 | Cantanhede | 1338 | 99.4 |
| Mira | 2 | 0.1 | Mira | 2 | 0.1 |
| Indefinidos | 6 | 0.5 | Indefinidos | 6 | 0.5 |
| Total | 1346 | 100 | Total | 1346 | 100 |

FONTE: A.U.C. - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de Nª Senhora das Febres, anos 1815 a 1824.*

QUADRO Nº 14 - NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS FREGUESIA DE Nª. Sª. DAS FEBRES, 1815-1824

| Freguesias | Total | % | Concelhos | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|
| S. Lourenço do Bairro | 3 | 0.2 | Anadia | 4 | 0.3 |
| Vilarinho do Bairro | 1 | 0.1 | | | |
| Cadima | 2 | 0.1 | Cantanhede | 1921 | 99.2 |
| Febres | 1919 | 99.1 | | | |
| Covão do Lobo | 2 | 0.1 | Vagos | 2 | 0.1 |
| Indefinidos | 9 | 0.4 | Indefinidos | 9 | 0.4 |
| Total | 1936 | 100.0 | Total | 1936 | 100.0 |

Fonte: A.U.C.: - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de Nª. Senhora das Febres anos de 1815 a 1824.*

QUADRO Nº 15 - NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS NA FREGUESIA DE Nª Sª. DE FEBRES, 1835-1844.

| Freguesias | Total | % | Concelhos | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|
| Vilarinho do Bairro | 2 | 0.1 | Anadia | 2 | 0.1 |
| Cantanhede | 1 | 0.05 | Cantanhede | 2090 | 99.05 |
| Febres | 2089 | 99.0 | | | |
| Covão do Lobo | 2 | 0.1 | Vagos | 2 | 0.1 |
| Indefinidos | 16 | 0.75 | Indefinidos | 16 | 0.75 |
| Total | 2110 | 100 | Total | 2110 | 100 |

Fonte: - A.U.C.: *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de Nª. Senhora das Febres anos de 1835-1844.*

O decréscimo verificado na última década (1855-1864), menos 76 registos, justificar-se-á talvez pela conjugação de uma série de situações que afectaram a dinâmica demográfica nomeadamente no Litoral do distrito de Coimbra. Assim, a epidemia de cólera que grassou no distrito no ano de 1833 e que tem a sua expressão máxima em concelhos como o da Figueira da Foz, Mira e Cantanhede, atingiu preferencialmente indivíduos de grupos etários jovens e velhos, (J. LOURENÇO ROQUE, 1982, pags. 338-347). A elevada

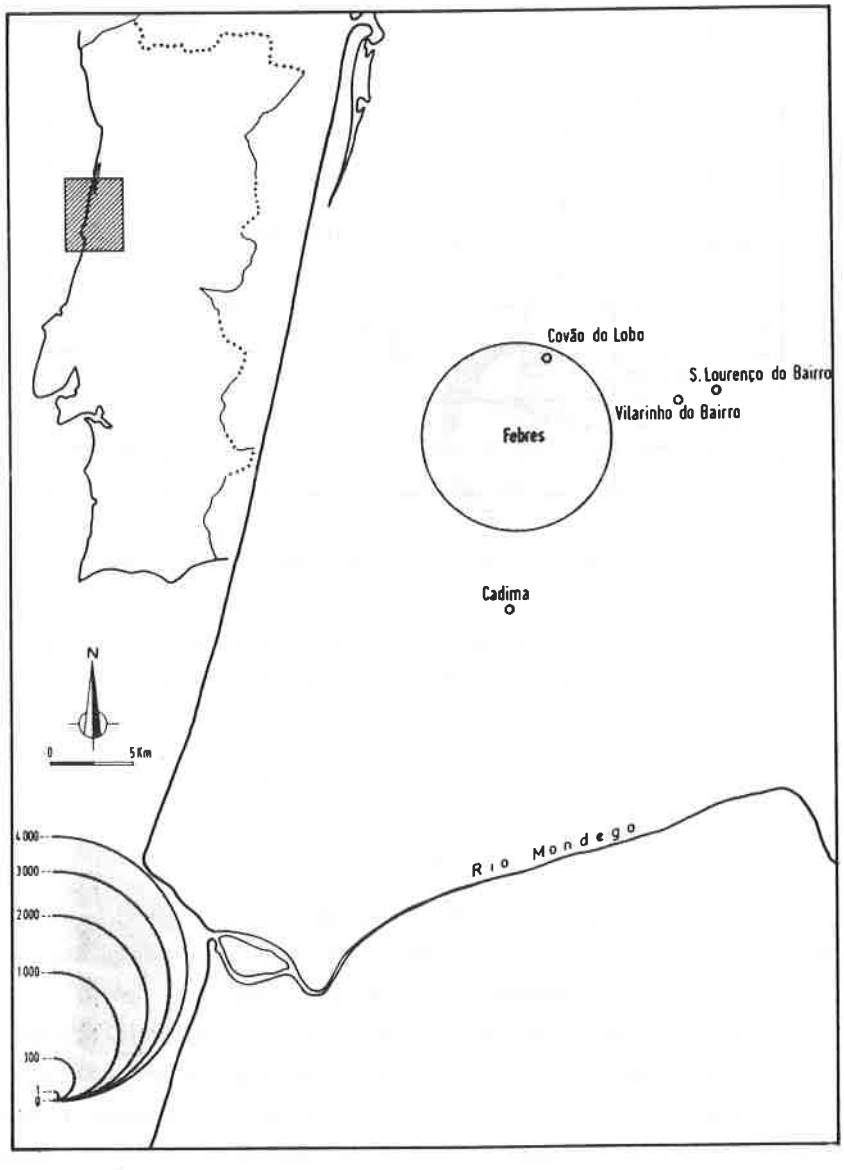



*Fig. 19* FEBRES – NATURALIDADE DOS PROGENITORES [1815-1824] *Fonte: quadro 14*

taxa de mortalidade infantil verificada, deve ter-se reflectido, anos mais tarde, nos quantitativos das classes etárias compreendidas entre os 18 e 25 anos, e desse modo afectado, ainda que à distância, a taxa de nupcialidade e a de natalidade.

QUADRO 16 — NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS NA FREGUESIA DE Nª. SRª. DAS FEBRES, 1855-1864.

| Freguesias | Total | % | Concelhos | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|
| Bolho | 2 | 0.1 | Cantanhede | 1716 | 97.6 |
| Cantanhede | 6 | 0.3 | | | |
| Febres | 1704 | 97.0 | | | |
| Outil | 4 | 0.2 | | | |
| Mira | 6 | 0.3 | Mira | 6 | 0.3 |
| Covão do Lobo | 12 | 0.7 | Vagos | 12 | 0.7 |
| Indefinidos | 24* | 1.4 | Indefinidos | 24 | 1.4 |
| Total | 1758 | 100 | Total | 1758 | 100 |

*- Nove registos não têm qualquer informação. Apenas se refere o nome do indivíduo baptizado sem haver referência aos progenitores.

Fonte: A.U.C.: - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de Nª Senhora de Febres anos de 1855-1864.*

Por outro lado, como veremos adiante, iniciava-se nesta época um importante fluxo migratório para o Brasil, com o ocasionar de decréscimo nas classes jovens que viria a afectar a taxa de natalidade e a reflectir-se também no número de assentos de baptismos.

Os Quadros 17, 18 e 19 referem-se à naturalidade dos progenitores na freguesia de S. Mamede de Quiaios nas últimas três décadas analisadas. Da sua observação conclui-se que não se verificaram fluxos migratórios importantes, pois mantém-se uma elevada percentagem relativamente ao número de indivíduos naturais da freguesia. É oriunda do concelho da

Figueira da Foz a maior parte dos indivíduos que se desloca e vislumbra-se entre 1855 e 1864 uma certa mobilidade inter-freguesias do mesmo concelho, em que Alhadas ocupa o primeiro lugar. De qualquer modo, os valores apresentados têm pouco significado (ver Figs. 22, 23 e 24). Importa também realçar que, tal como tinha acontecido para Febres há uma quebra no número de baptismos na década de 1855-1864. As mesmas razões apontadas para aquela freguesia devem, em parte, justificar este facto.

QUADRO Nº 17- NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS NA FREGUESIA DE S. MAMEDE DE QUIAIOS ENTRE 1815-1824.

| Freguesias | Total | % | Concelhos | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|
| Tocha | 2 | 0.1 | Cantanhede | 2 | 0.1 |
| Alhadas | 6 | 0.3 | Figueira da Foz | 2019 | 97.2 |
| Ferreira-a Nova | 2 | 0.1 | | | |
| Quiaios | 2013 | 96.8 | | | |
| Ilhavo | 3 | 0.1 | Ilhavo | 3 | 0.1 |
| Arazede | 3 | 0.1 | Montemor-o--Novo | 3 | 0.1 |
| Indefinidos* | 51 | 2.5 | Indefinidos | 51 | 2.5 |
| Total | 2080* | 100 | Total | 2080 | 100 |

* - Englobam para além dos filhos de *pais incógnitos*, 27 registos de que não é dada qualquer informação.

Fonte: - A.U.C.: - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de S. Mamede de Quiaios anos de 1815-1824.*

QUADRO Nº 18- NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS NA FREGUESIA DE S. MAMEDE DE QUAIOS, 1835-1844.

| Freguesias | Total | % | Concelhos | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|
| Aveiro | 1 | 0.04 | Aveiro | 1 | 0.04 |
| Quiaios | 2343 | 99.9 | Figueira da Foz | 2343 | 99.9 |
| Indefinidos | 2 | 0.09 | Redefinidos | 2 | 0.09 |
| Total | 2346 | 100* | Total | 2346 | 100* |

* - Contêm um erro por excesso igual a 0.03

Fonte: - A.U.C: - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de S. Mamede de Quiaios ano de 1835 a 1844.*

QUADRO Nº 19- NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS NA FREGUESIA DE S. MAMEDE DE QUIAIOS ENTRE 1855-1864

| Freguesias | Total | % | Concelhos | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|
| Cadima | 1 | 0.06 | Cantanhede | 11 | 0.66 |
| Tocha | 10 | 0.6 | | | |
| Alhadas | 17 | 1.0 | Figueira da Foz | 1760 | 98.4 |
| Brenha | 3 | 0.2 | | | |
| Buarcos | 11 | 0.6 | | | |
| Ferreira-a-Nova | 4 | 0.2 | | | |
| Lavos | 2 | 0.1 | | | |
| Quiaios | 1723 | 96.4 | | | |
| Arazede | 2 | 0.1 | Montemor-o-Velho | 2 | 0.1 |
| Indefinidos | 15* | 0.8 | Indefinidos | 15 | 0.8 |
| Total | 1788 | 100** | Total | 1788 | 100** |

* - Dois foram registados como *expostos*.

** - Contêm um erro por excesso igual a 0.06.

Fonte: - A.U.C.: - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de S. Mamede de Quiaios anos de 1855-1864.*

Segundo JOÃO LOURENÇO ROQUE, (1982, pag. 344), a epidemia de cólera que no ano de 1833 atacou cerca de 16500 pessoas no distrito de Coimbra matando praticamente metade daquela população terá também afectado alguns anos mais tarde a taxa de natalidade, nomeadamente nos concelhos onde atingiu maior expressão. Aliás, o Quadro 18 referente aos anos decorridos entre 1835-1844, mostra uma perda de importância na atracção exercida por Quiaios. Praticamente toda a população da amostra é natural daquela freguesia, o que poderá reflectir uma retracção da mobilidade, motivada em parte por aquela doença, já que, no concelho de Figueira da Foz, a cólera apresentou uma elevada taxa de incidência. Tinha aí

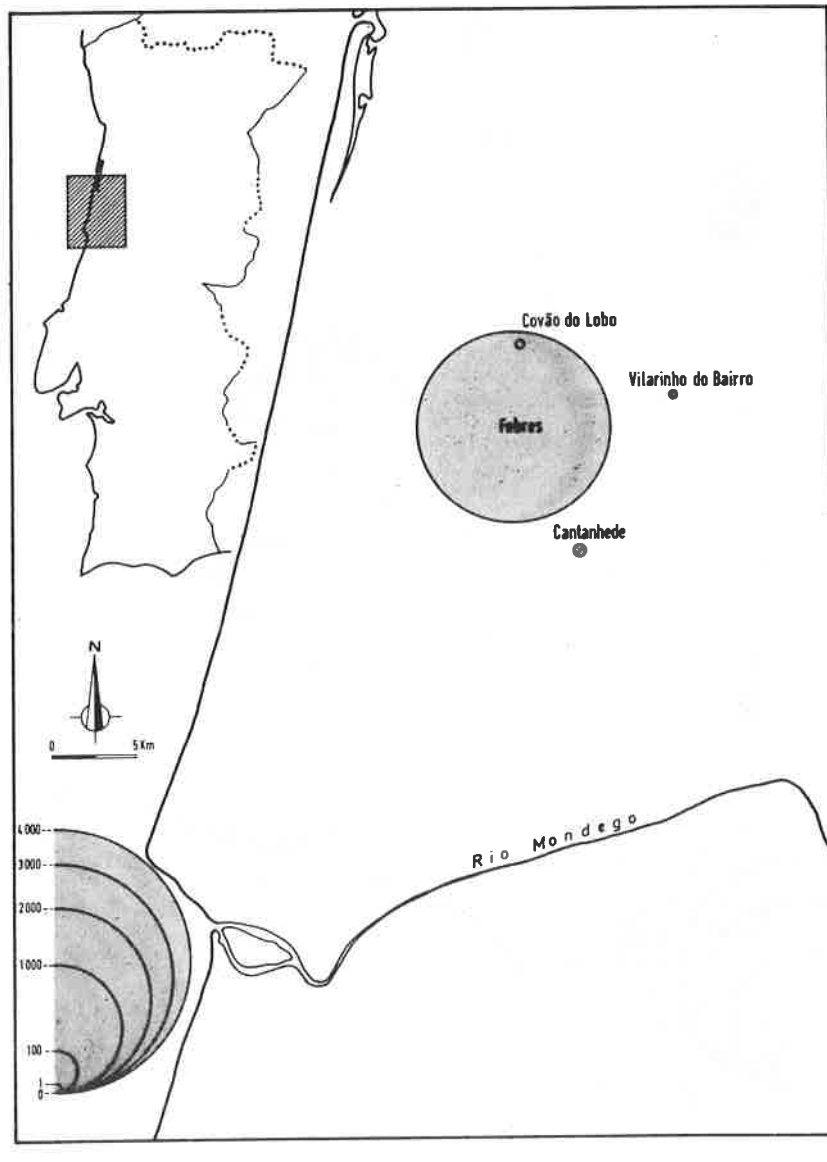



*Fig. 20* — FEBRES - NATURALIDADE DOS PROGENITORES (1835-1844) : *Fonte: quadro 15*

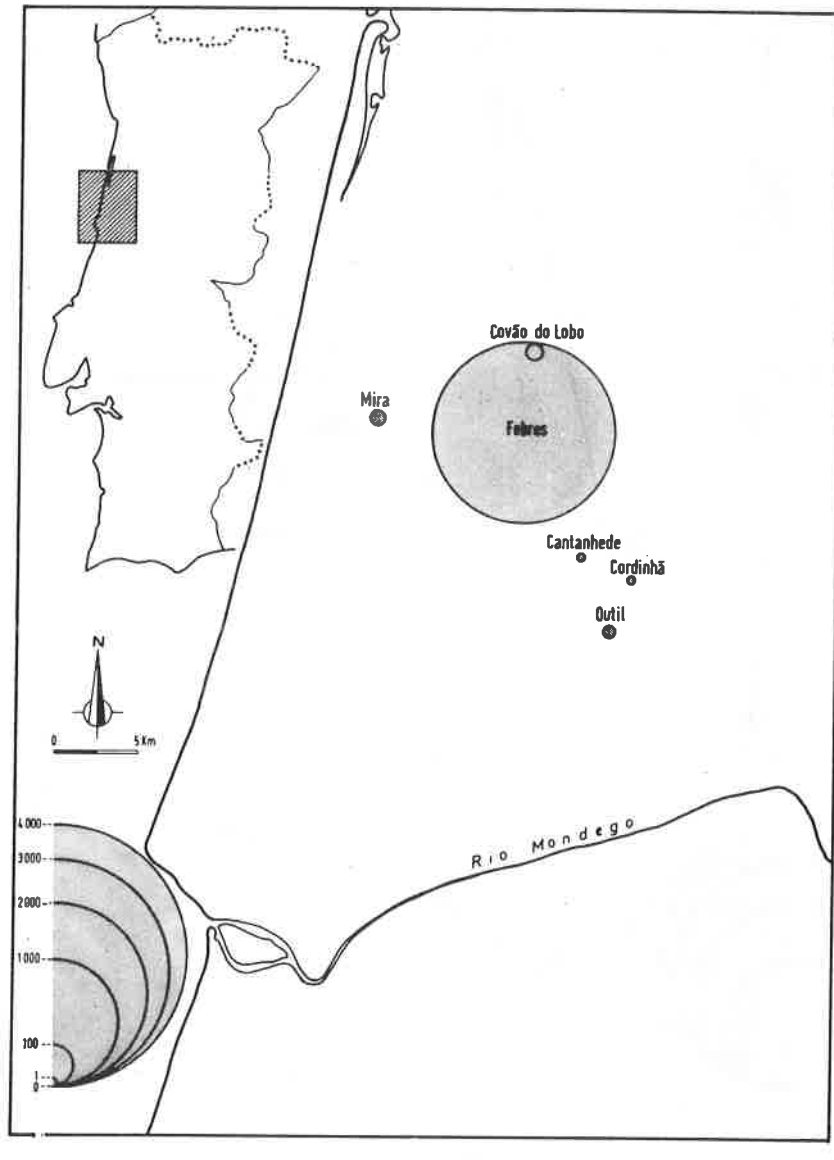



*Fig. 21* **FEBRES — NATURALIDADE DOS PROGENITORES [1855-1864]** *Fonte: quadro 16*

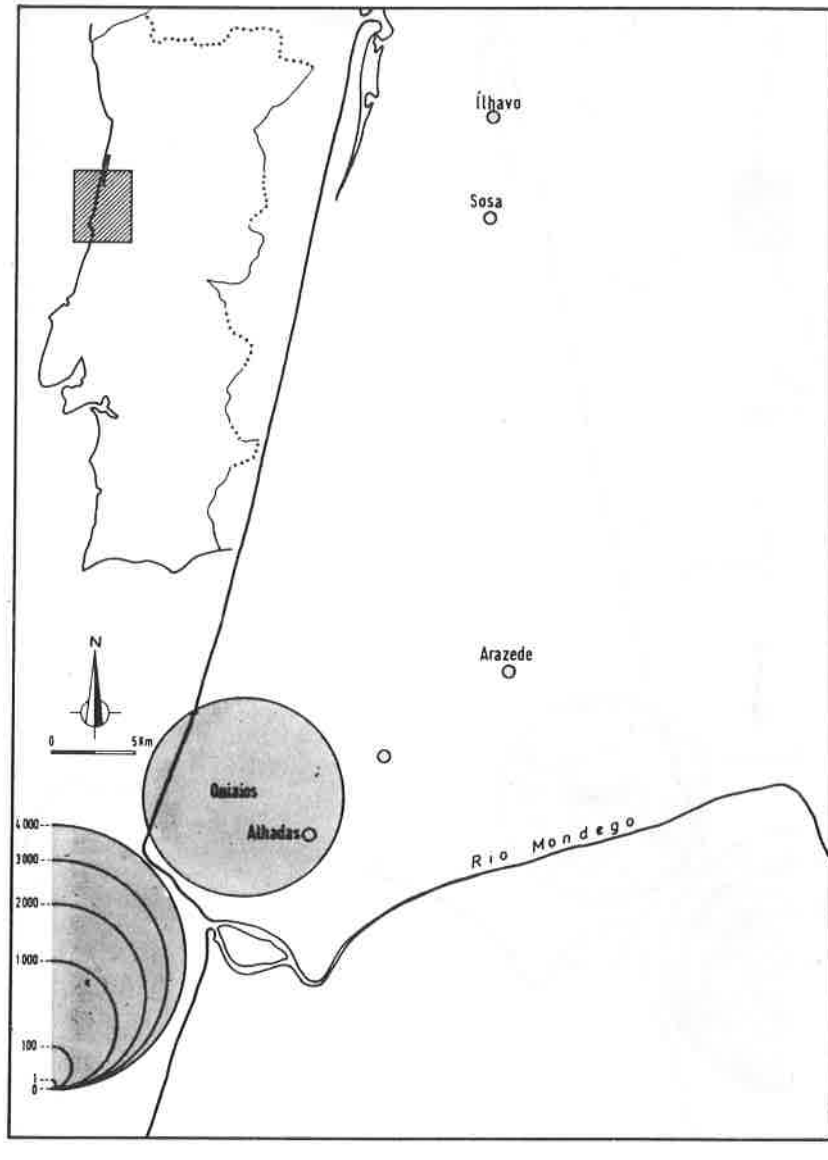



*Fig. 22* QUIAIOS — NATURALIDADE DOS PROGENITORES (1815-1824) *Fonte: quadro 17*

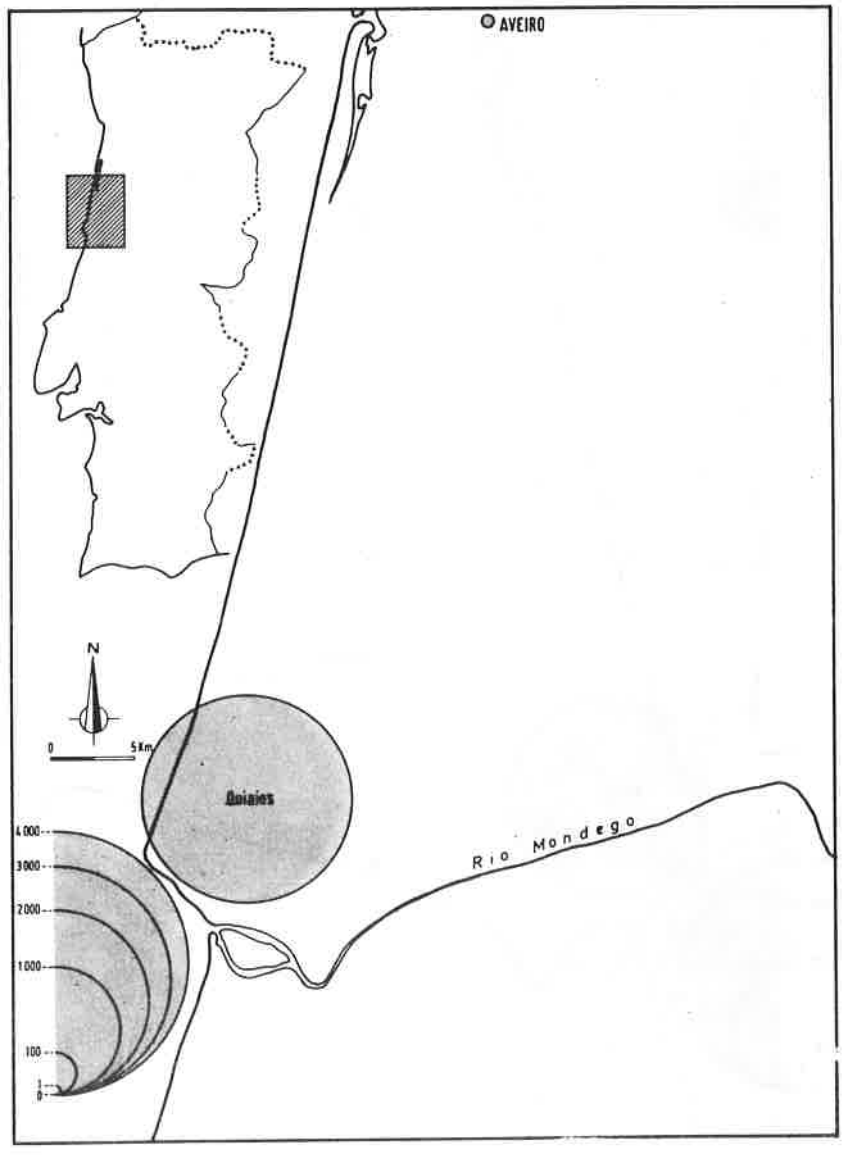



*Fig. 23* QUIAIOS — NATURALIDADE DOS PROGENITORES [1835-1844] *Fonte: quadro 18*

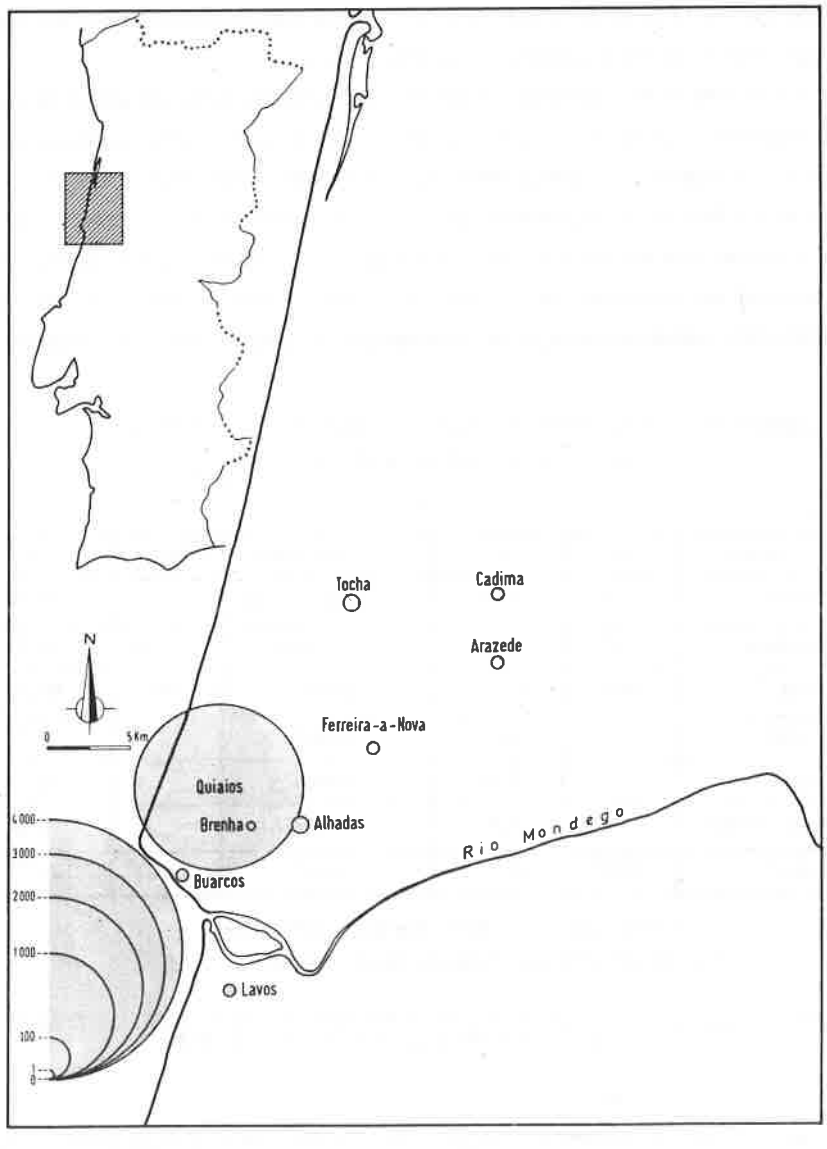



*Fig. 24* — QUIAIOS — NATURALIDADE DOS PROGENITORES [1855-1864] *Fonte: quadro 19*

uma área privilegiada, pois os portos são sempre um excelente local de difusão deste tipo de doenças.

Mas não terá sido esta a única razão que explicará uma possível diminuição da população durante 1855-1864. Também aqui, e com uma expressão ainda maior, a emigração para o estrangeiro afectou o comportamento demográfico.

O concelho de Mira continua a evidenciar um comportamento um pouco diferente. À grande dispersão, que se verificou até quase ao final do século XVIII, corresponde uma retração na mobilidade demográfica entre 1795-1805 e 1815-1824. Aliás, entre 1815 e 1824 observa-se um decréscimo significativo do número de baptismos (de 1062 para 814), o que deverá significar também um decréscimo no total da população (Quadro 20, Fig. 25). As consequências da passagem das Invasões Francesas devem ter provocado, se não um retrocesso, pelo menos uma estagnação, na ocupação progressiva desta área do Litoral.

QUADRO Nº 20- NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS NA FREGUESIA DE S. TOMÉ DE MIRA, 1815-1824

| Freguesias | Total | % | Concelhos | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|
| Tocha | 1 | 0.06 | Cantanhede | 1 | 0.06 |
| Coimbra | 2 | 0.1 | Coimbra | 2 | 0.1 |
| Mira | 1607 | 98.7 | Mira | 1607 | 98.71 |
| Vagos | 2 | 0.1 | Vagos | 2 | 0.1 |
| Viseu | 1 | 0.06 | Viseu | 1 | 0.06 |
| Indefinidos | 15* | 0.9 | Indefinidos | 15 | 0.9 |
| Total | 1628* | 100** | Total | 1628 | 100** |

* - Sete registos não contêm qualquer informação.

**- Contêm um erro por defeito igual a 0.08.

Fonte: - A.U.C.: - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de S. Tomé de Mira anos de 1815 a 1824.*

As informações dadas pelos registos de baptismo, para as duas últimas décadas, 1835-1844 e 1855-1864, parecem demonstrar a existência de nova fase no que se refere à ocupação do território inscrito no concelho de Mira. Nova fase de ocupação que geográficamente se situará muito mais próxima da linha de costa, uma vez que o "interior" do concelho estaria praticamente ocupado. O número de registos demonstra um considerável

aumento na década de 1835-1844 (Quadro 21). Sublinhe-se, que entre 1815 e 1824 tinham sido computados, 814 e nesta 1902. Além disso, verifica-se uma maior diversificação na naturalidade das populações atraídas por Mira, e convém chamar a atenção para o acréscimo observado na atracção inter-concelhos, (Fig. 26). Dos concelhos de Ílhavo e Murtosa eram naturais, entre 1835-1844, 34 e 14 indivíduos respectivamente, que devem ter-se dirigido para o novo aglomerado que entretanto surgia junto ao mar - Palheiros de Mira.

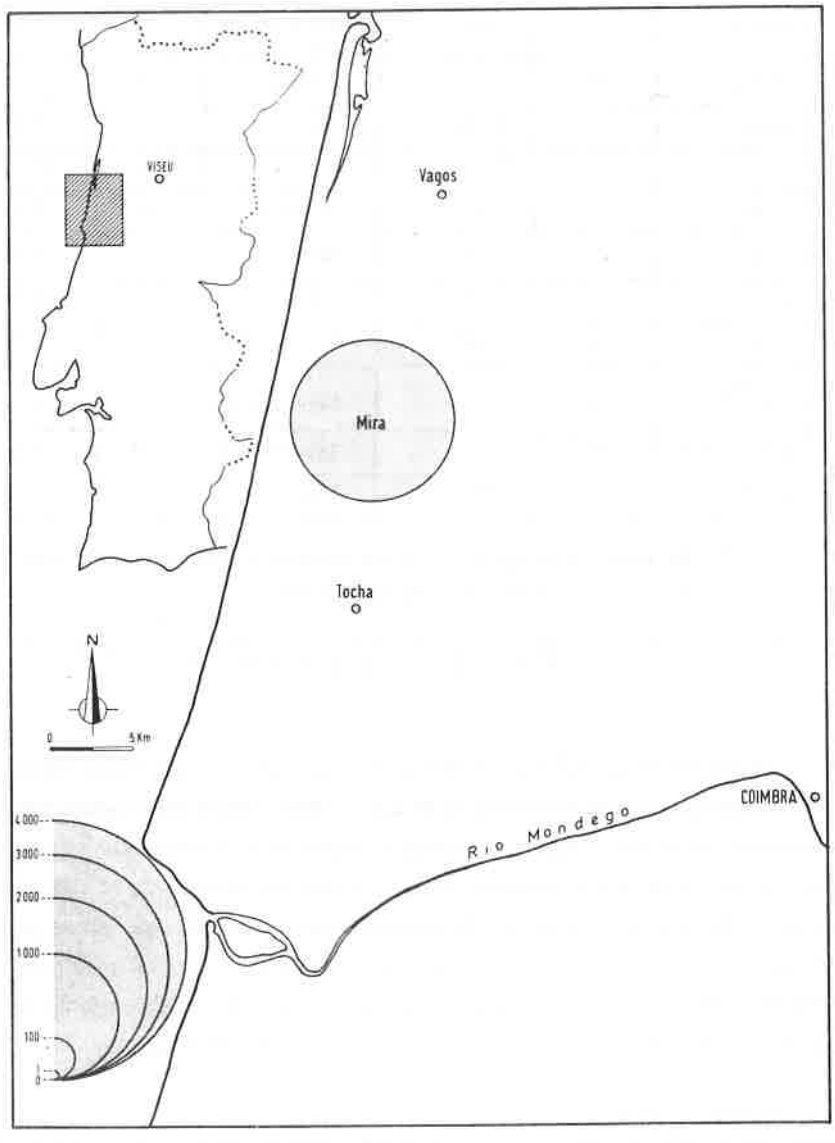



*Fig. 25* - MIRA — NATURALIDADE DOS PROGENITORES [1815-1824] *Fonte: quadro 20*

QUADRO Nº 21- NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS NA FREGUESIA DE S. TOMÉ DE MIRA, 1835-1844.

| Freguesias | Total | % | Concelhos | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|
| Braga | 2 | 0.05 | Braga | 2 | 0.05 |
| Ançã | 1 | 0.025 | Cantanhede | 2 | 0.05 |
| Cantanhede | 1 | 0.025 | | | |
| Quiaios | 2 | 0.05 | Figueira da Foz | 2 | 0.05 |
| Ilhavo | 34 | 0.9 | Ilhavo | 34 | 0.9 |
| Leiria | 1 | 0.025 | Leiria | 1 | 0.03 |
| Mira | 3712 | 97.6 | Mira | 3712 | 97.0 |
| Murtosa | 14 | 0.4 | Murtosa | 14 | 0.4 |
| Porto | 3 | 0.08 | Porto | 3 | 0.08 |
| Vagos | 3 | 0.08 | Vagos | 2 | 0.08 |
| Viseu | 1 | 0.025 | Viseu | 1 | 0.025 |
| Estrangeiros (Badajoz) | 1 | 0.025 | Estrangeiros | 1 | 0.025 |
| Indefinidos | 29 * | 0.8 | Indefinidos | 29 | 0.8 |
| Total | 3804 | 100** | Total | 3804 | 100** |

* - No total de *indefinidos* 4 são referidos como "filhos da roda".

** - Contêm um erro por excesso igual a 0.07

Fonte: - A.U.C.: - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de S. Tomé de Mira, anos de 1835-1844.*

Segundo RAQUEL SOEIRO DE BRITO (1960a, pags. 32 e 33), "1835 marca o início de nascimentos na Costa do Mar (Praia de Mira)"([1]). Muito embora nessa época fosse ainda uma povoação temporária, o registo de baptizados indica "que os pescadores se deslocavam à praia com as famílias e que durante os meses de bom tempo uma vida normal animava a povoação...". Durante a primeira fase do desenvolvimento daquele aglomerado piscatório, devem ter sido Ílhavo e Murtosa os fornecedores de grande parte dos seus povoadores. Inicialmente com uma dualidade de residência - na Praia tinham domicílio apenas durante o período do ano mais quente -, transformam-se mais tarde numa população fixa.

1 — Note-se que a data apontada por aquela autora está abrangida pela época que analisámos e onde Ilhavo tem alguma importância relativamente à naturalidade dos progenitores. Deverá ser portanto para o novo núcleo que se terá orientado a mobilidade da população que os registos indiciam.

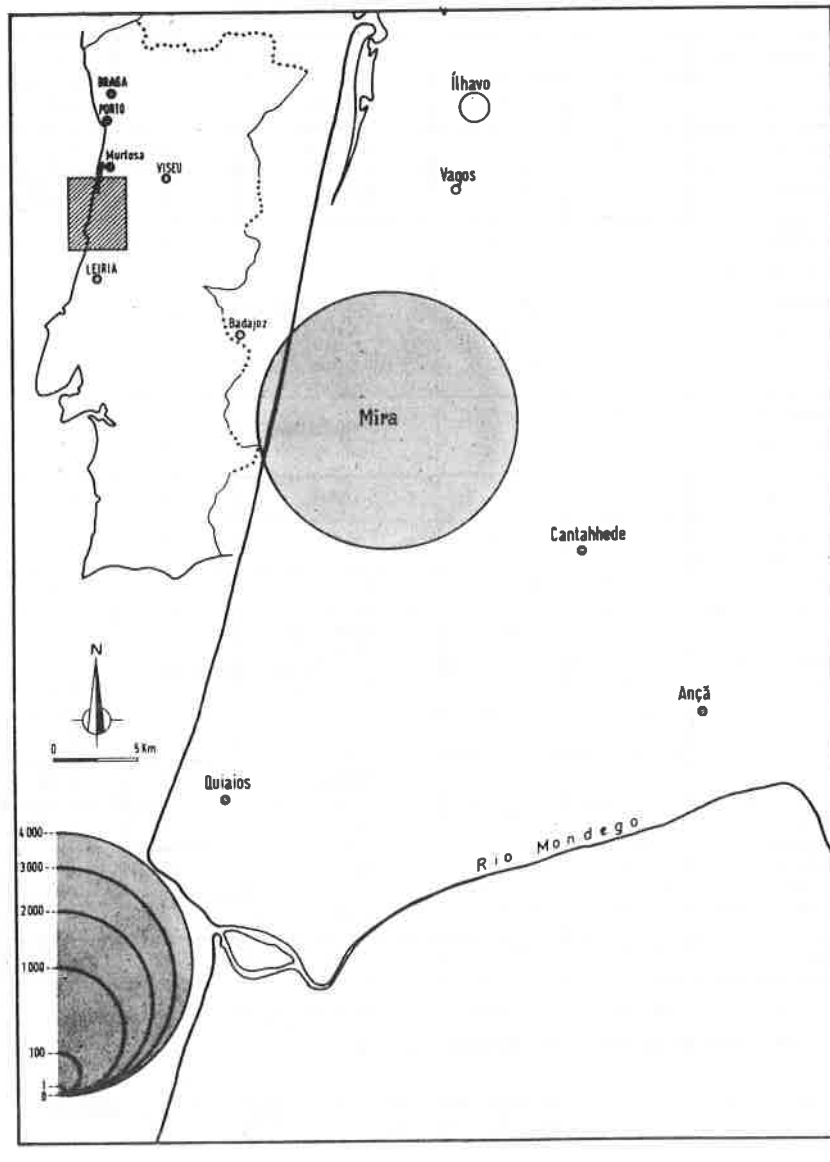



*Fig. 26* — MIRA — NATURALIDADE DOS PROGENITORES [1835-1844] *Fonte: quadro 21*

A leitura do Quadro 22 permite concluir que houve um acréscimo no número de assentos de baptismo , mais 147, devido à chegada de populações de outros concelhos. A diminuição percentual que Mira apresenta nesta década relativamente à anterior - de 98% para 94.5%- (Fig. 27) deverá relacionar-se com o aumento de atracção exercida por esta freguesia e com a ocorrência de um novo surto de povoamento, situado junto à linha de costa. Por outro

QUADRO Nº 22 - NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS NA FREGUESIA DE S. TOMÉ DE MIRA 1855-1864

| Freguesias | Total | % | Concelhos | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|
| Águeda | 3 | 0.07 | Agueda | 3 | 0.07 |
| Aveiro | 9 | 0.2 | Aveiro | 9 | 0.2 |
| Braga | 2 | 0.05 | Braga | 2 | 0.05 |
| Cadima | 1 | 0.02 | | | |
| Cantanhede | 26 | 0.6 | | | |
| Covões | 2 | 0.05 | Cantanhede | 54 | 1.3 |
| Febres | 16 | 0.4 | | | |
| Tocha | 9 | 0.2 | | | |
| Buarcos | 3 | 0.07 | | | |
| Quiaios | 11 | 0.3 | Figueira da Foz | 14 | 0.3 |
| Ilhavo | 19 | 0.5 | Ilhavo | 19 | 0.5 |
| Lisboa | 4 | 0.09 | Lisboa | 4 | 0.1 |
| Mira | 3871 | 94.6 | Mira | 3871 | 94.6 |
| Arazede | 1 | 0.02 | Montemor-o--Velho | 1 | 0.02 |
| Murtosa | 6 | 0.1 | Murtosa | 6 | 0.1 |
| Ovar | 6 | 0.1 | Ovar | 6 | 0.1 |
| Porto | 2 | 0.05 | Porto | 2 | 0.05 |
| Tomar | 2 | 0.05 | Tomar | 2 | 0.05 |
| Vagos | 26 | 0.6 | Vagos | 26 | 0.6 |
| Indefinidos | 79* | 1.9 | Indefinidos | 79 | 1.9 |
| Total | 4098 | 100** | Total | 4098 | 100** |

* - Em 23 registos não é dada qualquer informação.

** - Contém um erro por defeito igual a 0.03.

Fonte: A.U.C.: - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de S. Tomé de Mira, anos de 1855-1864.*

lado, JOÃO LOURENÇO ROQUE (1982, pag. 199) afirma que em 1859 a taxa de nupcialidade em Mira foi a mais elevada do distrito de Coimbra: se em sua opinião a média do distrito era de 7/000, naquele concelho cifrou-se em 12/000 . Será que estes dois indicadores, aumento do número de registos de baptismo e elevada taxa de nupcialidade, correspondem a um novo surto de colonização? Julgamos que sim, já que nesta época (1855-1864) Palheiros de Mira era um núcleo com população permanente. Neste sentido,

parece-nos lógico concluir que a elevada taxa de nupcialidade e o aumento de registos de baptismos poderá relacionar-se com o desenvolvimento daquele núcleo piscatório.

Durante a década de 1855-64 o concelho de Cantanhede tem alguma importância nos quantitativos de população deslocada para Mira, importância que tinha sido perdida nas duas décadas anteriores. Num total de 54 indivíduos, 26 eram da freguesia onde se situa a sede concelhia, enquanto 16 pertenciam a Febres. Tal como vem acontecendo quando se trata de freguesias mais afastadas do Litoral, a mobilidade masculina é sempre bastante superior à feminina. Neste caso, 68.5% eram indivíduos do sexo masculino.

É também de salientar que, durante este período, vieram fixar-se no sector Norte da Gândara indivíduos naturais de concelhos consideravelmente afastados. Aveiro, Braga, Lisboa e Porto são alguns exemplos. Apesar dos seus quantitativos baixos, mostram até que ponto o concelho de Mira se apresentava atractivo para além das áreas mais periféricas.

Tentámos sintetizar no Quadro 23 grande parte da informação referente às três freguesias amostra. A sua análise permite verificar que se teria situado na área de Mira o início da fase decisiva para a colonização da Gândara que, temporalmente, se deve colocar notranspor do século XVII para o século XVIII. Durante o século de seiscentos apenas 0.3% dos indivíduos, de que se obteve informação, eram naturais de outros concelhos que não o de Mira. Nos primeiros 35 anos do século seguinte, a atração exercida por esse concelho é bastante mais expressiva, já que 7% dos progenitores das crianças baptizadas tinham nascido fora dele. Simultâneamente verifica-se um acentuado acréscimo no número de nascimentos, o que também está de acordo com uma nova dinâmica demográfica.

Para a freguesia de Quiaios, mais a Sul, o povoamento das "gandras" foi certamente mais tardio, apresentando, como vimos, uma certa "inércia" durante um período mais longo. A ruptura dever-se-á situar próximo de meados do século XVIII (1735-1744). Nessa altura, verificou-se certamente uma intensa mobilidade geográfica, que facilmente se observa através da elevada percentagem de população natural de outros concelhos que não o da Figueira da Foz: 20.4%, contra os 0.2 e 0.7% dos períodos anteriores, isto é, de 1609 a 1699 e de 1700 a 1734.

No transpor do século XVIII para o século XIX a freguesia de S. Mamede de Quiaios apresenta ainda uma elevada percentagem de população extra-concelhia, 14.4%. Mira, pelo contrário, manifesta uma quebra acentuada: de 13.3% (1735-1744) passa para 0.3% no período seguinte (1795-1804). A área deve ter sofrido uma recessão de meados do século XVIII até ao final do primeiro quartel do século XIX. As epidemias, as Invasões Francesas e a pirataria que até muito tarde atacou as costas portuguesas, terão sido, como se viu, algumas das razões que explicam aquela recessão.

QUADRO 23 — QUADRO RESUMO DA NATURALIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS BAPTIZADAS[1].

| Freguesias | Século XVII | | | | | | | | 1700-1734 | | | | | | | | 1735-1744 | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total[2] | M anual | Naturalidade 3 | | | | | | Total[2] | M anual | Naturalidade 3 | | | | | | Total[2] | M anual | Naturalidade 3 | | | | | |
| | | | da freguesia | | do concelho | | doutros concelhos | | | | da freguesia | | do concelho | | doutros | concelhos | | | da freguesia | | do concelho | | doutros concelhos | |
| | | | Total | % | Total | % | Total | % | | | Total | % | Total | % | Total | % | | | Total | % | Total | % | Total | % |
| Nª Senhora das Febres | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — |
| S.Tomé de Mira | 4 2130 | 21 | 4264 | 99.7 | 4264 | 99.7 | 12 | 0.3 | 2237 | 64 | 4004 | 89.5 | 4004 | 89.5 | 287 | 7.3 | 931 | 93 | 1542 | 84.5 | 1592 | 85.5 | 248 | 13.3 |
| S.Mamede de Quiaios | 5 1669 | 18 | 3330 | 98.2 | 3332 | 99.8 | 6 | 0.2 | 980 | 28 | 1942 | 99.0 | 1947 | 99.3 | 13 | 0.7 | 334 | 33 | 463 | 69.3 | 525 | 78.6 | 136 | 20.4 |
| Totais | 3807 | | 7594 | | 7596 | | 18 | | 3217 | | 5946 | | 5951 | | 300 | | 1265 | | 2055 | | 2117 | | 384 | |

| | 1815-1824 | | | | | | | | 1835-1844 | | | | | | | | 1855-1864 | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 2 Total | M anual | Naturalidade 3 | | | | | | 2 Total | M | Naturalidade 3 | | | | | | 2 Total | M anual | Naturalidade 3 | | | | | |
| | | | da freguesia | | do concelho | | doutros concelhos | | | | da freguesia | | do concelho | | doutros | concelhos | | | da freguesia | | do concelho | | doutros concelhos | |
| | | | Total | % | Total | % | Total | % | | | Total | % | Total | % | Total[3] | % | | | Total | % | Total | % | Total | % |
| | 968 | 97 | 1919 | 99.1 | 1921 | 99.2 | 6 | 0.3 | 1055 | 105 | 2088 | 98.9 | 2090 | 99.0 | 4 | 0.2 | 879 | 88 | 1704 | 97.0 | 1716 | 97.6 | 16 | 1.0 |
| | 814 | 81 | 1607 | 98.7 | 1607 | 98.7 | 6 | 0.4 | 1902 | 190 | 3712 | 98 | 3712 | 98.0 | 63 | 1.7 | 2049 | 205 | 3871 | 94.5 | 3871 | 94.5 | 148 | 3.6 |
| | 1040 | 104 | 2013 | 96.8 | 2019 | 97.1 | 11 | 0.5 | 1173 | 117 | 2343 | 99.9 | 2343 | 99.9 | 1 | 0.04 | 894 | 89 | 1723 | 96.4 | 1756 | 98.2 | 17 | 1.0 |
| | 2822 | | 5539 | | 5437 | | 23 | | 4130 | | 8143 | | 8145 | | 68 | | 3822 | | 7298 | | 7343 | | 183 | |

1 - Recorde-se que apenas em 1791 Febres passa a sede de freguesia.

2 - Este total refere-se ao número de registos, isto é ao quantitativo de crianças baptizadas.

3 - Os totais relativos à *naturalidade* referem-se ao *pai* e à *mãe* do indivíduo registado. Isto é, se os registos de baptismo estivessem completos este valor deveria ser rigorosamente igual ao dobro do anterior. O desfazamento observado deve-se às omissões da *fonte* utilizada.

4 - Este total refere-se aos anos decorridos entre 1602 e 1699.

5 - Este total refere-se aos anos decorridos entre 1609 e 1699.

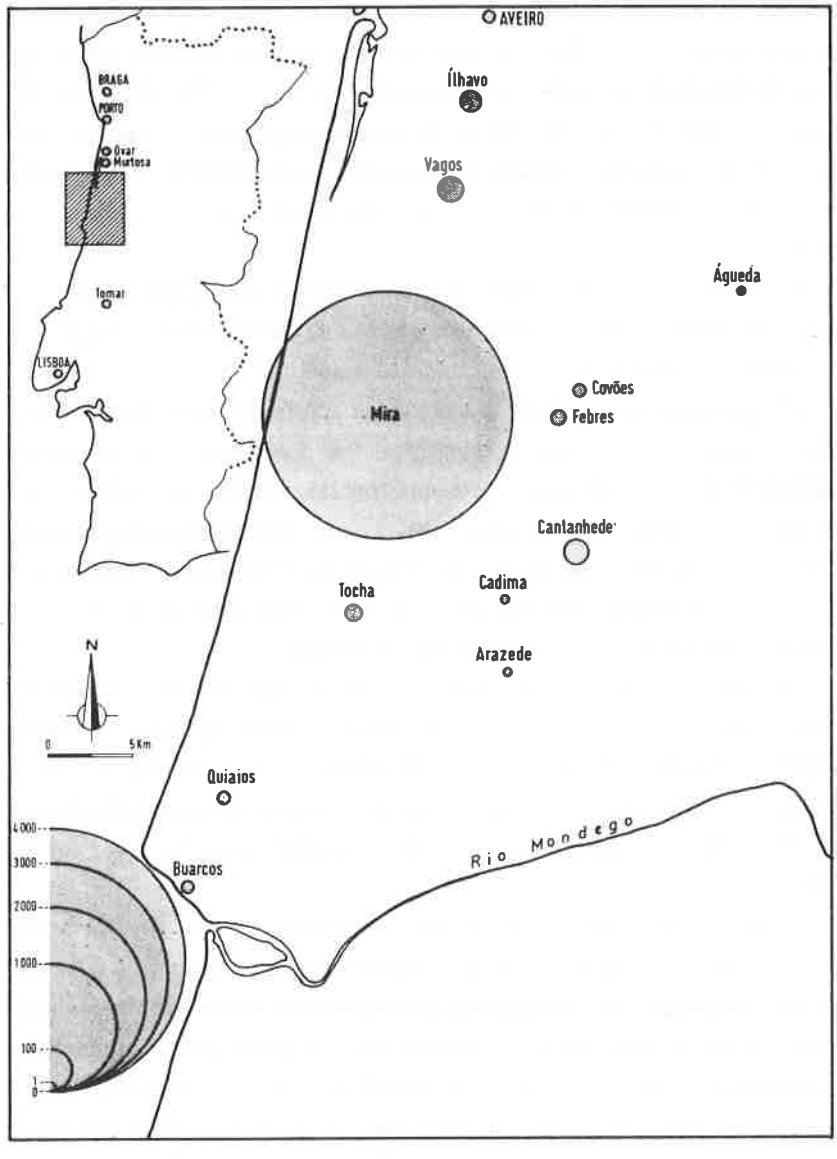



*Fig. 27*— MIRA — NATURALIDADE DOS PROGENITORES (1855-1864) *Fonte: quadro 22*

Convém, contudo, não esquecer que a diminuição de população foi um facto generalizado em todo o território nacional, durante os primeiros vinte anos do século XIX. Depois do acréscimo comprovado pelo censo de 1801 (Conde de Linhares) assiste-se a uma retracção demográfica em todo o país. Segundo GERARD PERY (1875, pag. 79) se a população, que em 1732 era de 1793000 habitantes, subiu em 1801 para os 2966000 já referidos, em 1822 o total da população cifrava-se próximo dos 2980000, o que significa uma quebra no ritmo de crescimento. Assim segundo aquele autor, o acréscimo situou-se apenas em 0.03%.

A partir de 1835 retoma-se novo ritmo. A ele não fica alheia a área onde centramos o nosso estudo, nomeadamente a faixa mais próxima da linha de costa, já que o restante território gandarês estaria demograficamente "estabilizado".

A freguesia de Nossa Senhora das Febres apresenta uma certa estabilidade em relação ao número de registos de baptismos. Por outro lado, a fraca percentagem correspondente à população natural de outros concelhos deverá significar que a própria freguesia e o concelho autosustentaram em grande parte o crescimento demográfico. Isto é, a maior frequência de fluxos de população situar-se-á em movimentos de pequeno raio, inter-freguesias do mesmo concelho, prova do fraco poder atractivo que esta freguesia manifestava relativamente a movimentos de maior amplitude.

Com excepção das freguesias mais próximas da costa, deve ter sido à custa dessas deslocações de pequena dimensão que uma parte da colonização da *Gândara* se terá processado nesta altura. Freguesias como Arazede, Liceia, Ferreira-a-Nova e Covões, algumas focos de povoamento medieval, devem ter "avançado" progressivamente para Leste à custa de si próprias e outras populações vindas de preferência das áreas contíguas do "interior".

A análise da naturalidade dos pais das crianças baptizadas demonstrou também que, no pequeno território gandarês , se desenvolveram situações diferentes no que se refere à mobilidade da população. Se nas freguesias correspondentes à faixa mais interior da Gândara são, como se viu, os movimentos de pequeno raio, percorridos por uma população ligada preferencialmente à agricultura, no Litoral desenvolve-se um cenário diferente. Para a freguesia de S. Mamede de Quiaios deslocaram-se indivíduos, ainda que em número reduzido, dos concelhos de Évora, Guarda, Pinhel, Braga e Lisboa. Todavia, é sem dúvida dos concelhos de Ílhavo, Cantanhede e Montemor-o-Velho que se deve em grande parte a colonização do sector Sul da *Gândara*. Deslocações de amplitude média, cujos intervenientes terão ocupado espaços diferentes, embora na mesma freguesia de chegada.

Os naturais de Cantanhede e Montemor-o-Velho, em grande parte homens, deviam ligar-se à agricultura, enquanto os oriundos do Norte, repartindo-se quase equitativamente

por homens e mulheres, teriam na pesca a actividade principal. Enquanto os primeiros se terão disseminado pelas *gandras* de Quiaios, os segundos fixaram-se junto à costa (Fig.28). Saliente-se ainda que da freguesia de Buarcos deslocaram-se alguns indivíduos para Quiaios, mas pelo facto de pertencerem ao mesmo concelho a situação aparece "diluída".

Cenário idêntico ter-se-á desenvolvido na área de Mira (Fig. 29). Deslocações de grande amplitude tiveram aquela freguesia como ponto de chegada, para as quais contribuiram de forma decisiva os concelhos de Vagos, Ílhavo, Aveiro, Murtosa e Cantanhede, num fluxo inserido em movimento muito mais vasto que afectou grande parte da população portuguesa.

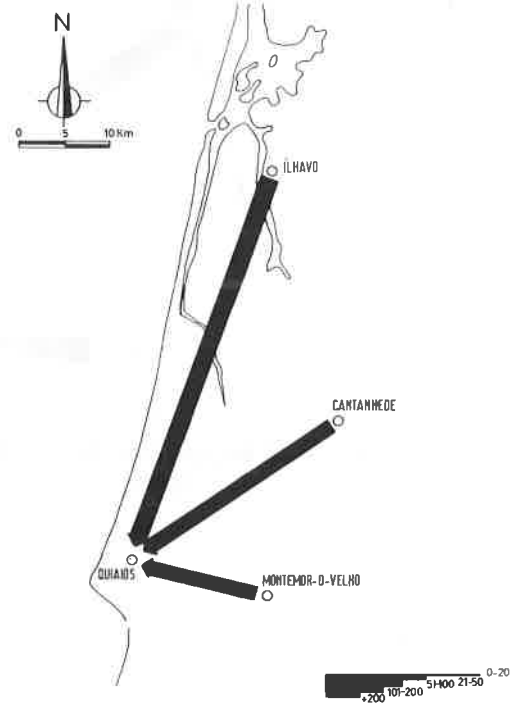



*fig. 28*- MOBILIDADE DA POPULAÇÃO COM DESTINO À FREGUESIA DE S MAMEDE DE QUIAIOS 1609-1864

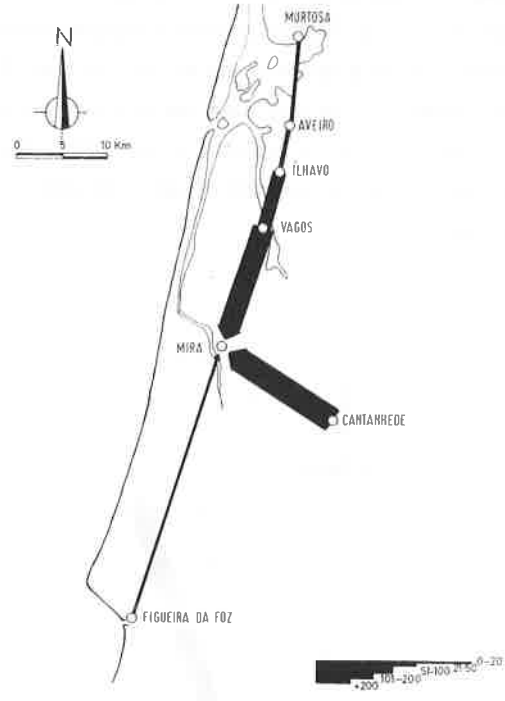



*fig. 29* - MOBILIDADE DA POPULAÇÃO COM DESTINO À FREGUESIA DE MIRA
1602-1864

Situada numa linha de passagem de populações que se deslocavam de Norte para Sul, a *Gândara*, território por "conquistar", apresenta-se no final do século XIX como um espaço pulverizado de lugares de pequena dimensão que não conseguiram suportar o crescimento demográfico. Com uma situação económica precária, a população é obrigada a procurar, quer temporáriamente no país, quer para além das fronteiras do território nacional, novos locais de trabalho.

A análise da evolução das densidades permite verificar como se processou o crescimento demográfico no espaço correspondente à *Gândara*.

## 4.4 — A Ocupação do Território a Partir das Densidades Populacionais

No Quadro 24, mostra-se a evolução da densidade populacional por freguesias, desde 1527 até 1864. Utilizámos as fontes que nos pareceram fundamentais. Assim, foi a partir do *Numeramento de 1527-1532*, do *Dicionário Geográfico de 1758* e do *Censo da População de 1864* que se elaborou a análise referida.

Tomou-se como base a divisão administrativa actual que corresponde praticamente à que se verificava em meados do século XIX. Contudo, nem sempre foi fácil a transposição para o enquadramento actual. Baseados em objectivos e critérios diferentes e em "situações administrativas" completamente díspares, procurámos transpor para os limites actuais os lugares que eventualmente eram referidos em 1527 e em 1758, já que em 1864 a população é referida por freguesias.

Recorde-se que grande parte desta área pertenceu a Instituições Religiosas - Mosteiro de Lorvão e posteriormente Santa Cruz, e que a Coroa era também aí um grande proprietário. Cantanhede, que se integra inicialmente no termo de Coimbra, torna-se reguenga e posteriormente formaria um termo próprio. Em 1527, pertenciam à vila os lugares de: Lemede, Póvoa da Lomba, Moinhos do Ribeiro, Pocariça, Ourentã, Póvoa do Bispo e outras póvoas, Monte Arcado, Covões e Malhada. Contudo, no século XVII, a sua área dilata-se, de modo a englobar as actuais freguesias de Covões, Ourentã, Pocariça, alguns lugares da actual freguesia do Bolho, Murtede, Sepins, Mamarrosa, Bentos, Covão do Lobo e Vilarinho do Bairro (cfr. VIRIATO FRAGOSO, 1949). Apenas em 1898 o actual concelho de Cantanhede vê o seu território delimitado tal como hoje se apresenta.

Apesar das reservas que alguns valores devem merecer, a imagem evolutiva do crescimento demográfico é perceptível através dos cartogramas das densidades.

As lacunas que encerra o *Numeramento de 1527*, impede nalguns casos o cálculo da população. Refere-se por exemplo ao Couto de Cadima, que pertencia à vila de Montemor-o-Velho, não precisando o número de moradores. Julgamos contudo, pelas informações de 1758, que já no século XVI seria uma área razoavelmente ocupada, pois se situa parcialmente na periferia da Gândara que, como vimos, tem um povoamento mais antigo e na qual a densidade da população era certamente superior à observada no território em estudo. A Montemor-o-Velho pertenciam também os territórios hoje ocupados pelas freguesias de Ferreira-a-Nova e Liceia, mas das quais nenhuma referência é feita naquele

QUADRO Nº 24 - POPULAÇÃO E DENSIDADE POPULACIONAL, 1527-1864.

| Freguesias | Área (ha) | 1527 | | 1758 | | 1798** | | 1802 | | 1838 | | 1854 | | 1864 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Total* Pop. | Densid. | Pop. Total | Densid. | Total Pop. | Densid. | Pop. Total | Densid. | Total Pop. | Densid. | Total Pop. | Densid. | Total Pop. | Densid. |
| Alhadas | 39.25 | 527 | 13.4 | 2095 | 53.3 | - | - | - | - | - | - | 4064 | 103.5 | 3983 | 101.4 |
| Arazede | 52.72 | 122 | 2.3 | 653 | 12.4 | 3334 | 63.2 | 3472 | 65.9 | 4100 | 77.7 | 3720 | 70.6 | 3686 | 69.9 |
| Cadima | 53.25 | - | - | 2400 | 45 | 3320 | 62.3 | 3408 | 64.0 | 3719 | 69.8 | 3800 | 71.3 | 3786 | 71.0 |
| Cantanhede | 62.77 | 855 | 13.6 | 1893 | 30.1 | 2856 | 45.5 | 2864 | 45.6 | 3420 | 54.4 | 3948 | 62.9 | 3968 | 63.2 |
| Covões | 35.92 | 122 | 3.4 | 1575 | 43.8 | 1844 | 51.3 | 1896 | 52.8 | - | - | 2900 | 80.7 | 2719 | 75.7 |
| Febres | 34.88 | - | - | 1265 | 36.2 | 1664 | 47.7 | 1884 | 54.0 | - | - | 3468 | 99.4 | 3506 | 100.5 |
| Fer.-a-Nova | 21.16 | - | - | 492 | 23.3 | - | - | 1088 | 51.4 | 1310 | 61.9 | 1476 | 69.8 | 1375 | 65.0 |
| Liceia | 13.20 | - | - | 388 | 29.8 | - | - | 684 | 51.8 | 739 | 55.9 | 676 | 51.2 | 722 | 54.7 |
| Mira | 122.01 | 216 | 1.8 | 2170 | 17.8 | 4228 | 34.7 | - | - | - | - | 6628 | 54.3 | 6014 | 49.2 |
| Quiaios | 112.97 | 284 | 2.5 | 1500 | 13.4 | 2536 | 22.4 | 2700 | 23.9 | 3856 | 34.1 | 4148 | 36.7 | 4427 | 39.2 |
| Tocha | 78.88 | - | - | - | - | 1804 | 22.9 | - | - | 2442 | 30.9 | 2680 | 33.9 | 2303 | 29.2 |

* - População calculada, utilizando o índice 4.5

** - O total de população relativo a 1798 parece-nos demasiado, por isso deve ser considerado com algumas reservas.

Fonte: - "*Censo de Pina Manique*, 1798. Fundação Calouste Gulbenkian, Paris.

A.U.C.: - *Documentação do Governo Civil de Coimbra*, Caixas 1-2, "População".

*Ibidem*; maço 11, "Extracto do auto de Arbitramento das Congruas dos Párocos das freguesias do Concelho de Cadima..., 1838".

*Ibidem*: maço 10, "Relação do Arbitrio das Congruas [...] do Concelho da Figueira da Foz, 1838".

ANTÓNIO LUIZ DE SOUSA HENRIQUES SECO; *Um Mappa do Distrito Administrativo de Coimbra* [...], 1854.

*Censo da População de 1864*, Lisboa, 1866.

*Numeramento* nem, por outro lado, se cita núcleo algum que actualmente fizesse parte daquelas freguesias. De qualquer modo, deveriam ser áreas com densidades populacionais muito reduzidas, à semelhança dos territórios contíguos de Arazede e Quiaios. Da actual freguesia de Nossa Senhora das Febres inscrita, na altura, no termo de Cantanhede, não é referenciado qualquer lugar. O mesmo não acontece com Covões que, como vimos, tinha já alguns núcleos populacionais vindos principalmente do século XIV.

Apesar da precaridade das informações uma certeza nos fica: a *Gândara* era em meados do século XVI um território com uma densidade populacional extremamente baixa, (Fig. 30)([1]). A faixa litoral que corresponde às freguesias de Mira, Tocha e Quiaios teria uma densidade cujo valor oscilaria entre 1 e 3 hab/Km 2. Na freguesia de S. Tomé de Mira registava-se uma reduzida ocupação, pois a densidade era de 1.8 hab./ Km 2; em S. Mamede de Quiaios, devido à maior dimensão do núcleo principal, aquele valor era um pouco mais elevado, 2.5 hab/Km2, não deixando todavia de significar uma parca ocupação humana Arazede, embora mais afastada da linha da costa, apresentava também uma densidade próxima daqueles valores: 2.3 habitantes por km 2. A área ocupada pela actual freguesia da Tocha, de que não se possui qualquer informação para a época, e se sabe apenas ter sido um território Crúzio, o número de habitantes por Km2 seria inferior ao de Mira e Quiaios, já que naquela freguesia não existia qualquer núcleo importante, ao contrário do observado nas áreas das outras duas. A comprovar a fraca ocupação das areias da *Gândara* refira-se que a densidade nas áreas de Tentúgal e Buarcos era, no século XVI, respectivamente de 10.64 fogos por km2 e 12.5 fogos por km2, (cfr. M. H. COELHO, 1983, pag. 40). Relativamente às freguesias de Alhadas e Cantanhede corresponderiam, provávelmente, ao espaço com maior ocupação humana, no território gandarês, não pela existência de numerosos núcleos populacionais, mas pela dimensão de alguns aglomerados, nomeadamente as actuais sede de freguesia. A sua densidade andaria entre 10.1 e 15 hab./ Km 2, um valor consideravelmente superior ao apresentado pelas unidades administrativas anteriores. Numa área mais priveligiada sob o ponto de vista agrícola, e sem estar sujeita às vicissitudes do Litoral, compreende-se que tais lugares tenham sido ocupados mais cedo, e que apresentem por isso uma maior densidade de povoamento. No caso da freguesia de Alhadas, a "elevada" densidade deve-se aos núcleos de povoamento que se situavam na " serra ", já que a área que se situava na *Gândara*, apresentaria concerteza um cenário idêntico ao das freguesias do Litoral, nomeadamente S. Mamede de Quiaios.

---

[1] — No caso das freguesias de Nª Sª das Febres, Cadima, Liceia e Ferreira-a-Nova, de que não se possui informação para o ano de 1527, optámos por considerar a densidade populacional igual à observada no território onde se inseriam administrativamente.

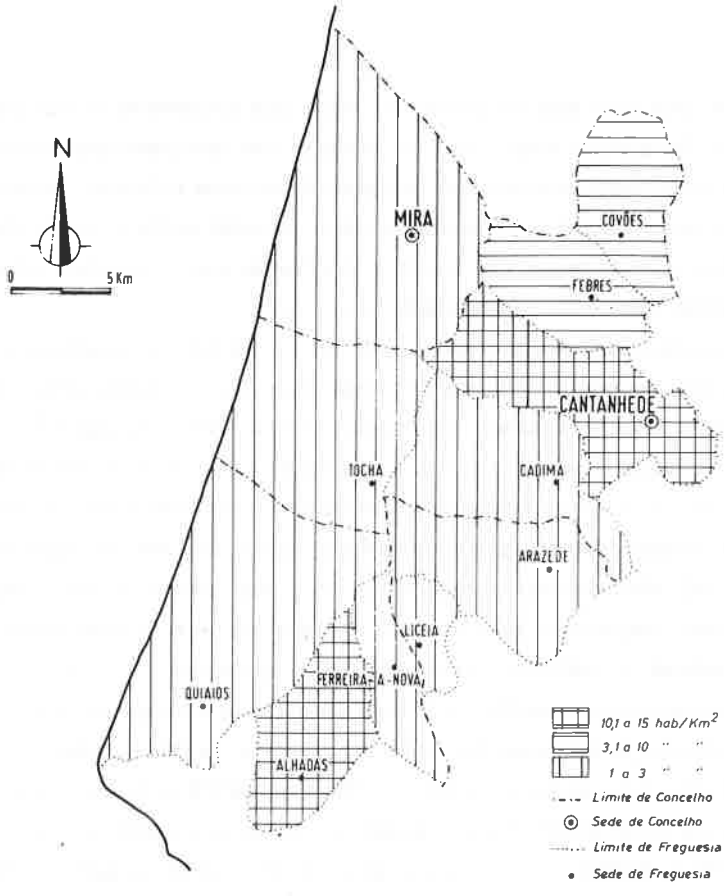



*Fig.30*-DENSIDADE DA POPULAÇÃO NA GÂNDARA POR FREGUESIAS
-1527- *Fonte: QUADRO Nº 24*

Neste sentido, apenas com as informações dadas pelo Censo Joanino, pode concluir-se que a *Gândara* teria nesta época uma densidade média que não se afastaria muito dos 7 hab./ km2. Seria portanto um espaço precariamente habitado, já que o território nacional apresentava na mesma altura um valor quase duplo: cerca de 13.5 hab. Km 2.

No aumento da densidade populacional até ao século XVIII, 1758, reflecte o ritmo de crescimento demográfico que se operou, ao qual corresponde , como se viu, uma intensa ocupação do território (Fig. 31)([1]). São as áreas, com densidades mais reduzidas no século XVI, que em 1758 apresentam um acréscimo mais expressivo. Pelo contrário, nos sectores situados no limiar Este da *Gândara*, portanto mais próximos de territórios intensamente ocupados, observa-se um crescimento mais paulatino, não obstante o valor das densidades se situar acima do registado junto ao Litoral.

Cantanhede, que em 1527 teria uma densidade próxima dos 13 hab./ Km 2, apresentava em 1758, 28.8 hab./ Km 2. Cadima, para a qual não dispomos de informação no

1 — Na área correspondente à actual freguesia da Tocha considerou-se a densidade populacional igual à registada para a freguesia de S. Mamede de Quiaios.

século XVI, tem segundo o *Dicionário Geográfico* 2 400 pessoas, tendo por isso uma densidade próxima de 45 hab./ Km2 . A freguesia de Santo António dos Covões, com 3.5 hab./ Km 2 em 1527, teria em meados do século XVIII cerca de 43 hab/Km2, subida que reflecte bem o crescimento demográfico operado no período que decorre entre aquelas duas fontes. No caso da freguesia de Nossa Senhora das Febres, para a qual não foi possível obter informação relativa ao século XVI, supomos que a evolução da densidade se terá processado segundo uma linha semelhante à observada em Covões. Também para Ferreira-a-Nova e Liceia não é possível traçar numericamente o cenário evolutivo. Contudo, os valores encontrados em 1758, 23.3 hab./ Km2 e 29.8 hab./ Km2, respectivamente, situam-se próximo da densidade média apresentada pela *Gândara* naquela data: 23.3 hab./ Km 2, o que poderá sugerir uma evolução idêntica.

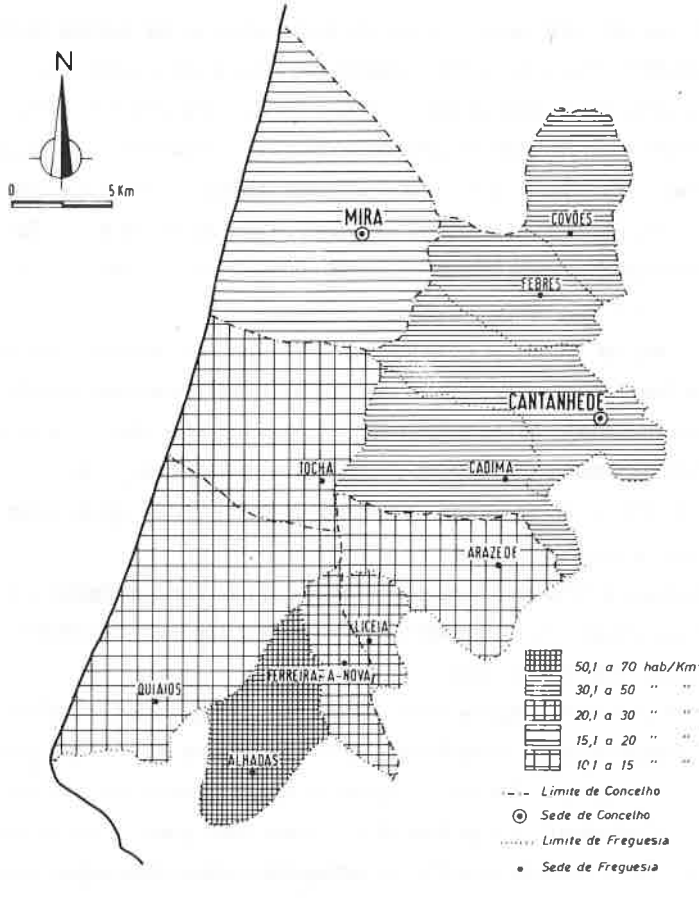



*Fig.31* - DENSIDADE DA POPULAÇÃO NA GÂNDARA POR FREGUESIAS
—1758—

*Fonte*: *QUADRO Nº 24*

Quanto às freguesias situadas junto à costa manifestam um notável crescimento, embora inferior ao apresentado por Covões e Febres. No século XVI Mira com 43 vizinhos era praticamente o único núcleo no território onde actualmente se inscreve o concelho. O Censo Joanino refere, como se viu, Povoa da Ermida com 2 vizinhos, e os lugares da Corujeira e Portomar respectivamente com 2 e 1 moradores. Trata-se, por isso, duma área de fraca ocupação humana. Até meados do século XVIII operou -se um importante acréscimo, já que, segundo a fonte de 1758, a densidade situar-se-ía próximo dos 18 hab. por $Km^2$.

Mais lenta e tardia foi a ocupação da área de S. Mamede de Quiaios: em 1527 a densidade situava-se em 2.5 hab./ Km 2 e em 1758 cifrava-se em 13.4 hab./km2. No caso da freguesia da Tocha a evolução das densidades estará, ao que supomos, mais próxima da registada em Quiaios do que da verificada na área de Mira. De resto, o facto de HENRIQUES SECO referir que em 1610 esta área era de uma "região erma" parece confirmar que a acupação deste território era ainda mais reduzida que a das áreas envolventes.

Em resumo, por meados do século XVIII a Gândara era uma área consideravelmente ocupada. Com um maior ritmo de crescimento na faixa mais a Ocidente e nas freguesias mais a Norte - Febres e Covões -, o território gandarês apresenta em 1758 uma densidade populacional praticamente igual à do país. Relembre-se que, no século XVI, a *Gândara* detinha apenas um valor sensivelmente igual a metade do verificado no território nacional, - 7 hab./ Km 2 para 13.5 -, o que revela bem o crescimento verificado.

O Censo de 1864 dá-nos informações precisas acerca dos quantitativos demográficos. Naquele ano, a população total do país foi computada em 3986558 indivíduos, o que dá uma densidade de 44.5 hab./ Km2. Cotejando este valor com as informações relativas a 1758, verifica-se um aumento praticamente para o dobro. Convém salientar que o distrito de Coimbra apresentava, segundo o Censo de 1864, uma densidade consideravelmente superior à do país: 72.8 hab./ Km2.

Na *Gândara* a densidade populacional era muito superior à do distrito e do Continente, pois situava-se próximo dos 93 hab./km2. Revelava, por isso, um crescimento demográfico com uma dinâmica diferente da registada no país (Fig. 32).

Será interessante comparar estes valores com os registados em outras áreas, que, nos alvores da Idade Moderna, simultâneamente com a *Gândara*, eram as que denotavam mais baixos índices de ocupação. Em 1864 o distrito de Bragança tinha um valor próximo dos 24 hab./Km 2, o de Santarém 29 e o de Beja 13.4 (G. Pery, 1875, pag.81). Daí se conclui que, no território em estudo, o ritmo de crescimento demográfico ultrapassou largamente o de outras áreas do país.

Nas diferentes freguesias que constituem a *Gândara*, a evolução entre 1758 e 1864 revela algumas diferenciações. Em Arazede, Cantanhede, Febres, Ferreira-a-Nova, Mira e

Quiaios, o acréscimo foi mais acentuado: na primeira quase seis vezes superior, nas restantes praticamente triplo em relação a 1758. Em 1864, Cantanhede apresentava uma densidade de 92 hab/Km2 e Febres 100.5; Covões 75.7, enquanto Alhadas se situava nos 101 hab/Km2.

Tratou-se, contudo, de um crescimento efémero. Espaço economicamente limitado, a *Gândara* não suportará por muito tempo a pressão demográfica que entretanto se desenvolveu. Com uma estrutura social onde praticamente apenas existem duas classes - um campesinato numeroso e pobre e uma pequena burguesia rural -, uma parte da população inicia, a partir de meados do século XIX, um movimento contrário àquele que, durante cerca de 150 anos, transformou uma " terra de ninguém" num espaço intensamente ocupado.

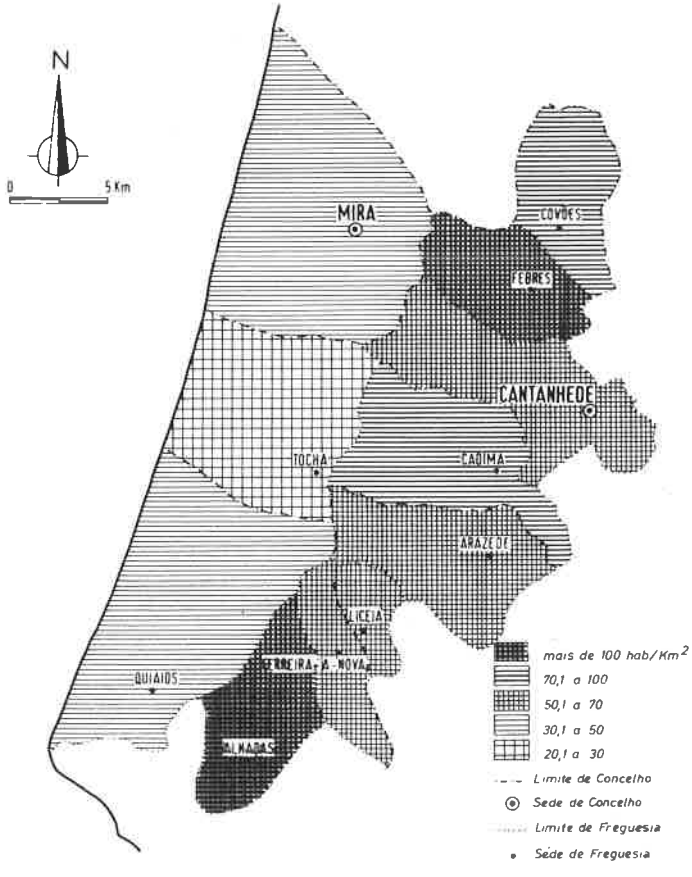



*Fig 32*- DENSIDADE DA POPULAÇÃO NA GÂNDARA POR FREGUESIAS
-1864-

*Fonte*: *QUADRO Nº 24*

# CAPÍTULO III — A ESTRUTURA SÓCIO-PROFISSIONAL DA POPULAÇÃO NO SÉCULO XIX.

## 1 — INTRODUÇÃO

Ao tempo do Numeramento de quinhentos apenas 14 aglomerados em todo o país teriam entre 4 000 e 10 000 habitantes: Santarém, Elvas, Aveiro, Estremoz, Viana do Castelo, Vila do Conde, Tavira, Guimarães, Coimbra, Lagos, Portalegre, Setúbal e Olivença. Acima dos 10 000 apenas Évora, Porto e Lisboa; para o primeiro destes centros urbanos a população rondaria 12 600 habitantes, para o segundo seria ligeiramente superior: 13 500. Lisboa apresentava-se consideravelmente distanciada, com uma população próxima dos 70 000 indivíduos. Capital do Império e voltada para o mercado mundial, situava-se à escala das grandes cidades europeias de então. De resto, esta tendência ir-se-á acentuar nos séculos seguintes, constituindo talvez a principal característica da rede urbana contemporânea, decorrente em grande parte das assimetrias verificadas no desenvolvimento regional.

Seria nos centros urbanos de então que a maioria da população se ligava aos sectores secundário e terciário, já que as exigências ao nível da especialização do trabalho seriam nestes núcleos mais marcadas. Grande parte da população activa era constituída por artífices e indivíduos que se ligavam preferencialmente ao comércio e transportes (cfr. J. B. DE MACEDO, 1963, pags. 90-24 e M. L. A. NETO, 1959 e 1967).

Ao contrário do mundo urbano, a paisagem rural tinha como base a exploração agrícola e as actividades afins. Em Trás-os-Montes, no final do século XVIII, 66% da população ligava-se ao sector primário. É uma região em que a "...ordem de importância dos vários sectores - primário, terciário, secundário - é sempre a mesma, quer no conjunto da província, quer nas suas diferentes comarcas..." (JOEL SERRÃO E COLAB., 1976, pag. 754). Como veremos, no final do século XIX esta será também a ordem apresentada pelos diferentes sectores de actividade nos concelhos onde se insere o território gandarês.

No país e para apoiar as comunidades agrárias, existiria um conjunto de artífices, cuja produção se virava fundamentalmente para a economia local, mais raramente o mercado alargava-se, a ponto de chegar a adquirir, em algumas circunstâncias, importância regional.

Apesar do efémero surto de industrialização que se verifica a partir do início da segunda década do século XIX, em 1864 "... os ocupados na agricultura representam 72% da população activa e em 1890 essa percentagem baixou apenas para 61%, e assim se mantém em 1900."(V. M. GODINHO,1971, pag. 144). Quanto à indústria, o seu crescimento não tem praticamente significado. De 18.4% em 1890 passa na década seguinte para 19.4%, valores que só por si demonstram como Portugal continuava alheio ao surto de desenvolvimento que se processava na Europa.

De qualquer modo, o *Recenseamento de 1890* (pag. LIV) revela que em Lisboa 43.7% dos seus habitantes tinham nascido noutras localidades, enquanto que, para o Porto, aquele valor se situava em 40.1%. Estes indicadores deverão significar uma atracção urbana sobre o mundo rural, atracção essa que se relacionaria com o desenvolvimento industrial, então a processar-se nos dois mais importantes núcleos urbanos portugueses (cfr. A. A. GIRÃO e F. L. VELHO, 1948).

Todavia, a população portuguesa continua, na sua maior parte, ligada ao sector primário onde os *trabalhos agrícolas* ocupam o quantitativo mais importante de mão-de-obra. Segundo aquela fonte, nos 62.9% dos indivíduos que estavam abrangidos por aquele grande sector de actividade apenas 1.7% se dedicava à pesca e caça, enquanto 0.2% tinha na *extracção de materiais minerais da superfície do solo* a principal ocupação. Isto é, no total da população activa portuguesa em 1890, 61.0% tinha nos *trabalhos agrícolas* a actividade fundamental (Quadros 25 e 26)([1]). O sector secundário apenas registava 18.5% da população activa , enquanto o terciário ocupava 18.6%.

Pela leitura do Quadro 27 conclui-se que nos concelhos onde se insere a *Gândara*, a estrutura da população activa apresentava no ano de 1890 algumas diferenciações inter-concelhias e certo afastamento também do padrão geral do país: em Cantanhede o sector primário englobava 75.3% do total, em Montemor-o-Velho 75.5% e em Mira registava-se um valor bastante mais elevado: 86.5%. Apenas no concelho de Figueira da Foz o sector primário tinha uma expressão menor que no Continente: absorvia apenas 58.9% da mão-de-obra activa.

---

1 — Segundo a classificação adoptada no Recenseamento de 1890, torna-se por vezes difícil quantificar rigorosamente determinados grupos profissionais. Julgamos que, no conjunto geral do país, a percentagem de população agrícola seria possivelmente superior. Nos *improdutivos/indefenidos* e *trabalhos domésticos* deverão ter sido englobados alguns indivíduos que, possivelmente, exerceriam aquela actividade, pelo menos durante algum período do ano. O facto de a população classificada como executando *trabalhos domésticos* vir a ser considerada no sector terciário, deturpará também o real valor que este representaria no território nacional.

QUADRO Nº 25- POPULAÇÃO NO CONTINENTE SEGUNDO AS DIVISÕES PROFISSIONAIS E POR SEXO. 1890.

| Profissões | Indivíduos por profissão | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | Homens | | Mulheres | |
| | Total | % | Total | % | Total | % |
| Trabalhos agrícolas | 2847284 | 61.0 | 1881283 | 56.0 | 966001 | 34.0 |
| Pesca e caça | 54894 | 1.7 | 29529 | 53.8 | 25365 | 46.2 |
| Extracção de mat.minerais | 5495 | 0.2 | 5945 | 62.6 | 3550 | 37.4 |
| Indústria | 860826 | 18.5 | 420189 | 48.8 | 440636 | 51.9 |
| Transportes | 119420 | 2.5 | 66405 | 55.6 | 53015 | 44.4 |
| Comércio | 231191 | 4.9 | 110083 | 47.6 | 121108 | 52.4 |
| Força pública | 62622 | 1.3 | 45577 | 72.8 | 17045 | 27.2 |
| Administraçao pública | 50436 | 1.1 | 24577 | 48.7 | 25859 | 51.3 |
| Profissoes Liberais | 76771 | 1.5 | 35038 | 45.6 | 41733 | 54.4 |
| Pessoas vivendo excl.seu rend. | 63129 | 1.4 | 26486 | 42.0 | 36643 | 58.0 |
| Trab.domésticos | 118829 | 2.5 | 7089 | 6.0 | 111740 | 94.0 |
| Improdutivos e indeterminados | 165199 | 3.4 | 75246 | 45.5 | 89953 | 54.5 |
| Total | 4660095 | 100.0 | 2727447 | 58.5 | 1932648 | 41.5 |

Fonte: *Censo da População do Reino de 1890.*

QUADRO Nº 26–DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SECTORES DE ACTIVIDADE NO CONTINENTE - 1890.

| Sectores de actividade | Total | % | Homens | | Mulheres | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | Total | % | Total | % |
| Primário | 2911673 | 62.9 | 1916757 | 65.3 | 994916 | 34.7 |
| Secundário | 860825 | 18.5 | 420189 | 48.8 | 440636 | 51.9 |
| Terciário | 887597 | 18.6 | 390501 | 44.0 | 497096 | 56.0 |
| Total | 4660095 | 100.0 | 2727447 | 58.5 | 1932648 | 41.5 |

Fonte: *Censo da População do Reino de 1890*

QUADRO Nº 27 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE E SEXO, NOS CONCELHOS, 1890.

| Sector da Actividade | Concelho de Cantanhede | | | | | | Concelho da Figueira da Foz | | | | | | Concelho de Mira | | | | | | Concelho de Montemor-o-Velho | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Homens | | Mulheres | | Total | % | Homens | | Mulheres | | Total | % | Homens | | Mulheres | | Total | % | Homens | | Mulheres | |
| | | | Total | % | Total | % | | | Total | % | Total | % | | | Total | % | Total | % | | | Total | % | Total | % |
| Primário | 20515 | 75.3 | 9669 | 41.2 | 10846 | 58.8 | 23122 | 50.9 | 11782 | 50.9 | 11340 | 49.1 | 6294 | 86.5 | 2923 | 46.4 | 3371 | 53.6 | 17217 | 75.5 | 7988 | 49.3 | 8229 | 50.7 |
| Secundário | 3124 | 11.6 | 1613 | 51.6 | 1511 | 48.4 | 6858 | 17.5 | 3305 | 48.1 | 3553 | 51.9 | 582 | 7.9 | 278 | 47.7 | 304 | 52.3 | 1924 | 9.0 | 969 | 50.4 | 955 | 49.6 |
| Terciário | 3595 | 13.1 | 1231 | 34.2 | 2364 | 68.4 | 9271 | 23.6 | 3309 | 35.7 | 5962 | 64.3 | 407 | 5.6 | 179 | 44 | 228 | 56 | 3339 | 15.5 | 1017 | 30.4 | 2322 | 69.6 |
| Total | 27234 | 100 | 12513 | 45.9 | 14721 | 54.1 | 39251 | 100 | 18396 | 46.9 | 20855 | 53.1 | 7283 | 100 | 3380 | 46.4 | 3903 | 53.6 | 21480 | 100 | 9974 | 46.4 | 11506 | 53.6 |

Fonte: *Censo da População do Reino de 1890.*

Em relação aos outros sectores de actividade, é de salientar, além da sua fraca representação, que no concelho de Mira o sector secundário apenas emprega 7.9% da população activa, o de Montemor-o-Velho 9.0%, o de Cantanhede 11.6%; e que se observa o valor mais elevado na Figueira da Foz: 17.5%. Este é ligeiramente superior ao que se registou no mesmo ano para o distrito de Coimbra, 16.7%, e pouco inferior ao que se observou no Continente: 18.5% (cfr. Quadro 28).

O sector terciário tem, dum modo geral, uma expressão inferior à do distrito (18.1%) e à do país (18.6%), pois em Mira apenas engloba 5.6% da população activa, enquanto em Cantanhede, Montemor-o-Velho e Figueira da Foz o seu montante é, respectivamente, de 13.1%, 15.5% e 23.6% do total de população com actividade económica. Verifica-se pois a mesma ordem de outras áreas do país, isto é, primário, terciário e secundário.

QUADRO Nº 28–DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SECTORES DE ACTIVIDADE NO DISTRITO DE COIMBRA, 1890.

| Sectores de actividade | Total | % | Homens | | Mulheres | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | Total | % | Total | % |
| Primário | 206419 | 65.2 | 102709 | 49.8 | 103710 | 50.2 |
| Secundário | 52837 | 16.7 | 23614 | 44.7 | 29223 | 53.3 |
| Terciário | 57368 | 18.1 | 21669 | 37.8 | 35699 | 62.2 |
| Total | 316624 | 100.0 | 147992 | 46.7 | 168632 | 53.3 |

Fonte: *Censo da População do Reino de 1890.*

## 2 — A ESTRUTURA ECONÓMICA DA POPULAÇÃO

### — ANÁLISE CONCELHIA —

A ausência de elementos estatísticos a nível de freguesia obriga-nos a utilizar, como unidade de análise, o concelho. Porém, como no caso de Mira toda a área se inclui na *Gândara*, é possível formular algumas hipóteses relativamente à estrutura da população activa gandaresa, tendo como fonte os vários recenseamentos publicados no final do séc. XIX. Posteriormente se fará uma análise de maior pormenor, utilizando outras fontes de informação.

A análise da população recenseada por profissões (Quadro 29) permite verificar que, dos 75.3% do concelho de Cantanhede, englobados no sector primário, 75.2% foram considerados nos *trabalhos agrícolas* e apenas 0.09% na *caça* e *pesca*. Na indústria extractiva não foi registado qualquer indivíduo. Situação idêntica se regista em Montemor-o-Velho, já que dos 75.5%, 74.7% foram distribuídos pelos *trabalhos agrícolas* e apenas 0.8% pela caça e pesca. Tal como acontecera para o concelho anterior, também neste a indústria extractiva não apresenta qualquer efectivo.

Cenário diferente observa-se na Figueira da Foz e em Mira. Embora apresentem entre si quantitativos bastante afastados relativamente à população do sector primário - no concelho da Figueira da Foz aquele sector contava com 58.9% do total da população activa, enquanto Mira ocupava um número de efectivos consideravelmente mais elevado: 86.5% -, a repartição dos efectivos por profissões não mostra uma disparidade tão vincada, já que à pesca e caça se dedicava um considerável número de indivíduos. É óbvio que, neste grupo profissional, estarão abrangidos principalmente trabalhadores ligados à actividade piscatória, já que a caça não disfrutava nestes concelhos de qualquer importância. Na Figueira da Foz, ligados à pesca, foram computados 3558 indivíduos num total de 23.122 trabalhadores do sector primário: isto é, dos 58.9% que cabem a este sector, 9.1% tinham naquela actividade a ocupação principal. Ainda que com valores mais baixos, também em Mira a actividade piscatória apresentava alguma importância, pois, dos 86.5%, 4.7% podiam ser considerados como *pescadores*.

A importância da pesca é de resto confirmada através do Quadro 30 que sintetiza algumas das informações fornecidas por A.A.BALDAQUE DA SILVA (1886, pags. 417 e 418). Da sua leitura pode verificar-se que, na Figueira da Foz, 1203 indivíduos empregavam-se na pesca, enquanto em Mira o seu número era de 550. Estes valores afastam-se daqueles que são apresentados pelo *Recenseamento de 1890*. Neste, devem ter sido considerados apenas os indivíduos que se dedicavam exclusivamente à pesca, enquanto BALDAQUE DA SILVA pretenderá referir, além dos que se dedicavam exclusivamente àquela actividade, também os que sazonalmente a exerciam.

Apesar disso o Quadro 30 reforça a situação referida inicialmente, de que no final do século XIX a pesca tinha uma importância considerável naqueles dois concelhos. Importância que, no caso do concelho da Figueira da Foz, se centrava principalmente no porto de Buarcos. Em 1885, o valor total do pescado foi de 38687$000 réis enquanto que para a Figueira da Foz se cifrou em 25096$000 réis (Quadro 30). Saliente-se que Mira apresentava o valor de 30980$000 réis, que lhe permitia situar-se imediatamente a seguir a Buarcos. Só mais

QUADRO NO. 29 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO SEGUNDO AS DIVISÕES PROFISSIONAIS E DISTINGUINDO O SEXO, NOS CONCELHOS DE CANTANHEDE, FIGUEIRA DA FOZ, MIRA E MONTEMOR-O-VELHO, 1890.

| | Cantanhede | | | | | | Figueira da Foz | | | | | | Mira | | | | | | Montemor-o-Velho | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Indivíduos por profissão | | | | | | Indivíduos por profissão | | | | | | Indivíduos por profissão | | | | | | Indivíduos por profissão | | | | | |
| Profissões | Total | % | H. | % | M. | % | Total | % | H. | % | M. | % | Total | % | H. | % | M. | % | Total | % | H. | % | M. | % |
| Trabalhos agric. | 20489 | 75.2 | 9656 | 47.1 | 10833 | 52.9 | 19062 | 48.6 | 9482 | 49.7 | 9580 | 50.3 | 5960 | 81.7 | 2747 | 46.2 | 3203 | 53.8 | 16042 | 74.7 | 7895 | 49.2 | 8147 | 50.8 |
| Pesca e caça | 26 | 0.09 | 13 | 50. | 13 | 50 | 3558 | 9.1 | 2007 | 56.4 | 1551 | 43.6 | 344 | 4.7 | 176 | 51.2 | 168 | 48.8 | 175 | 0.8 | 93 | 53.1 | 82 | 46.9 |
| Extracção de materiais mineiros da sup. solo | - | - | - | - | - | - | 502 | 1.3 | 293 | 58.4 | 209 | 41.6 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Indústria | 3124 | 11.6 | 1613 | 51.6 | 1511 | 48.8 | 6858 | 17.5 | 3305 | 48.1 | 3553 | 51.9 | 582 | 8 | 278 | 47.7 | 304 | 52.3 | 1924 | 8.9 | 969 | 50.4 | 955 | 49.6 |
| Transportes | 316 | 1.2 | 169 | 53.6 | 147 | 46.5 | 1551 | 3.9 | 812 | 52.4 | 739 | 47.6 | 81 | 1.1 | 40 | 49.4 | 41 | 50.6 | 335 | 1.6 | 163 | 48.7 | 172 | 51.3 |
| Comércio | 790 | 2.9 | 340 | 43 | 450 | 57 | 1939 | 4.9 | 713 | 36.8 | 1226 | 63.2 | 131 | 1.8 | 57 | 43.5 | 74 | 56.5 | 495 | 2.3 | 212 | 42.8 | 283 | 57.2 |
| Força pública | 29 | 0.1 | 20 | 69 | 9 | 31 | 218 | 0.6 | 122 | 56 | 96 | 44 | 41 | 0.5 | 23 | 56 | 17 | 44 | 21 | 0.1 | 11 | 52.3 | 10 | 47.7 |
| Administração pública | 74 | 0.3 | 33 | 45 | 41 | 55 | 614 | 1.6 | 290 | 47.2 | 324 | 52.8 | 22 | 0.3 | 10 | 45.5 | 12 | 54.5 | 213 | 1 | 97 | 45.5 | 116 | 54.5 |
| Prof. liberais | 257 | 0.9 | 114 | 44.3 | 143 | 55.7 | 502 | 1.3 | 201 | 40 | 301 | 60 | 37 | 0.5 | 19 | 51.3 | 18 | 48.7 | 257 | 1.2 | 105 | 40.8 | 152 | 59.2 |
| Pessoas vivendo exclus. do seu rendimento | 301 | 1.1 | 127 | 42.1 | 174 | 57.9 | 854 | 2.1 | 307 | 35.9 | 547 | 64.1 | 9 | 0.1 | 3 | 33.3 | 6 | 66.7 | 16 | 0.07 | 9 | 56.2 | 7 | 43.8 |
| Trabalhos domésticos | 890 | 3.3 | 8 | 0.9 | 882 | 99.1 | 1932 | 4.9 | 43 | 2.2 | 1889 | 97.8 | 18 | 0.2 | 18 | 100.0 | - | - | 1125 | 5.2 | 50 | 4.4 | 1075 | 95.6 |
| Improdutivos- | 938 | 3.4 | 420 | 44.8 | 518 | 55.2 | 1661 | 4.2 | 821 | 49.4 | 840 | 50.6 | 68 | 1 | 27 | 39.9 | 41 | 59.0 | 877 | 4.1 | 370 | 42.2 | 507 | 57.8 |

Fonte:- *Censo da População do Reino de 1890.*

QUADRO Nº 30 - IMPORTÂNCIA ECONÓMICA DA ACTIVIDADE PISCATÓRIA NOS CONCELHOS DE CANTANHEDE, FIGUEIRA DA FOZ, MIRA E MONTEMOR-O-VELHO, 1866.

| Portos, rios e estações de pesca (Concelhos) | Nº de pessoas empregadas na pesca | Nº de embarcações e jangadas | Pescaria explorada durante o ano | | Valor material da pesca (Réis) | | Valor representativo da importância dos portos de pesca |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | Quantidade Kilog. | Valor Reis | Embarcações e jangadas | Aparelhos de pesca | |
| Cantanhede | 200 | 9 | 48200 | 3379$000 | 720$000 | 2400$000 | 6499$000 |
| Figueira da Foz | 1203 | 112 | 962000 | 75578$567 | 16125$000 | 16426$000 | 107369$000 |
| Mira | 550 | 14 | 444000 | 31080$000 | 1220$000 | 7600$000 | 39900$000 |
| Montemor-o-Velho | 146 | 35 | 14500 | 1380$000 | 720$000 | 290$000 | 2390$000 |

Fonte: A.A. Baldaque da Silva - *Estado actual da pesca em Portugal, compreendendo a pesca marítima, fluvial e lacustre em todo o Continente do Reino, referido no ano de 1886*, Lisboa, 1892.

tarde o porto da Figueira da Foz se virá a valorizar relativamente ao seu vizinho. Com o desenvolvimento da pesca do bacalhau "entre 1903 e 1911 são criadas 6 companhias pesqueiras", (R. CASCÃO, 1980, pag. 185), que vão contribuir de modo decisivo para o desenvolvimento da actividade piscatória nesse centro urbano.

Apesar de na Figueira da Foz o número de embarcações ser bastante superior ao de Mira, 52 e 14 respectivamente, a diferença no valor total do pescado deve relacionar-se com o facto de ao primeiro daqueles concelhos pertencer um importante núcleo de pesca fluvial, Lavos, com um elevado número de embarcações, mas com pouco significado económico. "Exercida como actividade fundamental, mas também como ocupação mista - como sucedia, entre outros, por exemplo com grande parte dos trabalhadores da freguesia de Lavos -, a pesca não traria, geralmente, à massa dos tripulantes e pescadores senão uma existência precária e acidentada, condicionada como estava por múltiplos factores naturais e sociais". (J.L.ROQUE, 1982, pags. 56-57).

O concelho de Cantanhede é o que menor número de efectivos apresenta relativamente à pesca e à caça : 26 (cfr. Quadro 29). Também aqui o valor apresentado por BALDAQUE DA SILVA é consideravelmente diverso, possivelmente por, do mesmo modo ter incluído os indivíduos que a exerciam apenas durante alguns meses do ano. Só assim se compreende que aquele autor tenha registado 200 pescadores (cfr. Quadro 30).

Praticamente localizada na Tocha, a actividade piscatória apresentava pouca importância económica: 6.499$000 réis no ano de 1886 ([1]).

Apesar do elevado número de efectivos apresentado por BALDAQUE DA SILVA e de o total de embarcações ser de 10, o baixo valor apresentado relativamente ao pescado parece sugerir o pouco significado da pesca neste núcleo situado no território gandarês, ilação aliás consentânea com o número de efectivos considerado pelo Recenseamento de 1890.

Para o concelho de Montemor-o-Velho os valores apresentados pelo Censo de 1890 e BALDAQUE DA SILVA, não são muito díspares. A primeira fonte atribui à pesca 175 efectivos e a segunda 146.

Em síntese pode concluir-se que, nos concelhos onde se insere a *Gândara*, a população tem nos *trabalhos agrícolas* a ocupação fundamental. A este nível de análise, com excepção do concelho da Figueira da Foz, a percentagem de efectivos englobados pelo sector primário ultrapassa quer a do distrito quer a do Continente. A pesca apresentava também no final do século XIX alguma importância. Contudo limitava-se a pequenos núcleos vocacionados para o abastecimento local, que raramente terão ultrapassado este nível de mercado.

Na *Gândara*, Mira, Quiaios e Tocha são os três aglomerados em que tal actividade terá disfrutado de alguma importância. A análise que posteriormente se fará ao nível de freguesia virá corroborar este facto.

## 2.2 — A Indústria Extractiva

Na indústria extractiva, apenas o concelho da Figueira da Foz apresenta algum significado. A exploração das minas do Cabo Mondego e de algumas pedreiras na freguesia de Quiaios bem como a indústria do sal, devem explicar os 502 indivíduos recenseados em 1890.

Relativamente à exploração mineira, "...só a doCabo Mondego registava uma exploração de grande envergadura e relativamente progressiva, pagando em 1892 55.9% do total de impostos de todas as minas do distrito de Coimbra e, em 1895, 70.9%" (J. M. AMADO MENDES, 1984, pag. 118). Quanto ao sal, a sua importância na área da Figueira da Foz é

---

[1]— Segundo J. L. ROQUE (1982, pags. 55-56), ao contrário do que sucedia noutros concelhos, "no de Cantanhede (e anteriormente no de Cadima), a pesca exercer-se-ia de forma bem mais limitada. O seu único centro, a costa da Tocha, que chegou, é certo a ter algum relevo (...) encontrava-se mesmo em declínio. (...) Aliás, algumas informações da autoridade administrativa concelhia apontam também, se não propriamente para a recessão local da actividade pescatória, ao menos para a reduzida margem dos seus níveis, sublinhando a curta duração estacional do tempo de pesca e a falta de resultados compensadores".

demonstrada pelo movimento comercial da linha da Beira Alta. Além disso, nos anos de 1886-87 foram exportadas para portos estrangeiros cerca de 2.840 toneladas daquele produto. (cfr. J. L. ROQUE, 1982, pags. 55-56 e J. M. A. MENDES, 1984, pags. 127-128).

## 2.3 — O Sector Secundário

No final do século XIX, o sector secundário está praticamente ausente nos concelhos por onde se distribui o território em estudo. Apenas no da Figueira da Foz algumas indústrias conhecem um certo desenvolvimento.

Como vimos, no Continente, em 1890, 18.5% da população activa pertencia àquele sector de actividade. Para o distrito de Coimbra tinham sido computados 16.7%.

O concelho de Cantanhede apresentava um total de 11.6%, Montemor-o-Velho tinha apenas 8.9%, enquanto em Mira o número de efectivos era ainda inferior: 8%. Só o concelho da Figueira da Foz registava um quantitativo mais elevado: 17.5%, que o situava próximo do do distrito (16.7%) e do do Continente (18.5%). Aliás, já em 1881, segundo o *Inquérito Industrial* (pag. 451), era nesse concelho que o sector secundário apresentava uma maior dimensão.

Segundo a mesma fonte, não "...foram recebidos relatórios das comissões concelhias de Mira e Montemor-o-Velho", o que parece significar a ausência ou a escassa importância da "indústria" naquelas áreas administrativas. O mesmo parece sugerir a informação transmitida pela comissão encarregada da organização do Inquérito no concelho de Montemor-o-Velho, segundo a qual não era necessário "... distribuir os questionários por não haver ali oficinas ou casas de trabalho a que se referem as instruções (.. .). Do boletim distribuído para o inquérito consta existirem 1 *albardeiro*, 24 *alfaiates*, 1 *cordoeiro*, 6 *ferradores*, 5 *ferreiros*, 2 *funileiros*, 9 *padeiros*, 32 *sapateiros*, 7 *serralheiros*, 2 *tamanqueiros* e 7 *tanoeiros* ". Desta relação pode concluir-se pela existência de pequenas oficinas que provavelmente, empregavam um único indivíduo, na maioria dos casos o proprietário. Integrado no mundo rural a que pertence, este conjunto de artífices trabalharia em grande parte para o consumo local, pois raramente existiria um excedente de produção que permitisse o alargamento de mercado.

Para o concelho de Cantanhede, o Relatório da Comissão Distrital, apresentado para a elaboração do *Inquérito* [...] *de 1881*, refere que "...não tem indústrias fabris nem manufactureiras, existindo apenas como indústria importante a da cal, sendo ainda assim, a sua produção temporária na maior parte dos fornos. "O referido *Inquérito* apresenta para o mesmo concelho, com sede na Pocariça, uma indústria de curtumes, aliás já com certa tradição na área, mas que veio a sofrer forte recessão no final do século XIX. Em 1813, 90% dos

estabelecimentos de curtumes do distrito de Coimbra situavam-se naquela freguesia. Após o primeiro quartel do século passado entra em decadência, de tal modo que o *Inquérito Industrial de 1890* já não lhe faz qualquer referência. (cfr. J.M.AMADO MENDES, 1984, pags. 232-233 e V. SÁ FRAGOSO, 1939, pag. 129).

A exploração de cal seria a mais importante, já que é a única referida naquela fonte. A restante população activa ligada ao sector secundário distribuía-se por pequenas oficinas que, como veremos, será a característica fundamental durante todo o século XIX.

Segundo o *Recenseamento da População de 1890*, o concelho de Montemor-o-Velho apresenta apenas 9% da população ligada à "indústria", embora no *Inquérito Industrial* do mesmo ano nada conste relativamente àquele sector. Das informações dadas pela comissão de realização do inquérito, parece deduzir-se que a exploração de cal seria a única actividade que alguma mão-de-obra reteria. Datam já do primeiro quartel do século XX as primeiras instalações industriais referenciadas para aquele concelho, de que é exemplo a serração de madeiras localizada na freguesia de Arazede. De resto, à semelhança do que aqui aconteceu, também em Cantanhede, no período decorrido entre 1921 e 1924, se instalaram numerosas serrações nomeadamente nos lugares de Lemede, Covões e S. Caetano (cfr.J.M.A. MENDES, 1984, pag. 220).

Em Mira o cenário não se afasta muito do apresentado pelos dois últimos concelhos. Contudo, o número de efectivos ligados ao sector secundário é ainda inferior, 7.9%. Segundo o *Inquérito de 1890*, apenas a *Alfaiataria, Carpintaria, Moagem* e *Serralharia* apresentavam quantitativos superiores a 10: respectivamente com 12, 29, 28 e 13 indivíduos. Note-se, no entanto, que, para cada um daqueles ofícios, haveria tantas oficinas quantos os artífices. Isto é, cada estabelecimento deveria comportar quase sempre um trabalhador que seria simultâneamente proprietário e artífice. Além disso, e esta observação poderia aplicar-se genéricamente a toda a população não urbana do país, raramente aquelas actividades seriam exercidas em exclusividade. A agricultura ocuparia por certo, pelo menos nos períodos que requerem mais mão-de-obra, uma boa parte da população recenseada como pertencente ao sector secundário.

## 2.4 — O Sector Terciário

O *Recenseamento de 1890* permite, ainda que com algumas reservas, analisar a distribuição da população pelo sector terciário. Dos quatro concelhos em análise, é em Mira que se verifica um menor número de activos: 5.6%. Para o da Figueira da Foz, 23.6% da população foi recenseada como pertencente àquele sector de actividade. Cantanhede, com

13.1%, e Montemor-o-Velho, com 15.5%, situam-se numa posição intermédia e reflectem assim situação idêntica entre si no que se refere ao desenvolvimento do comércio e serviços.

Se os valores encontrados demonstram ser o concelho de Mira aquele em que o sector primário ocupa o maior número de efectivos, a distribuição da população terciária por profissões , mostra também que, naquela unidade administrativa, o tecido social seria diferente do apresentado pelos outros concelhos. Se considerarmos apenas os indivíduos recenseados como *trabalhadores domésticos*, verifica-se que, em Cantanhede, eles representavam 3.3% do total, na Figueira da Foz 4.9%, em Montemor-o-Velho 5.2% e em Mira apenas 0.2%.( cfr. Quadro 29). Isto é, nos três primeiros concelhos existiria um grupo social economicamente privilegiado, já que um quantitativo considerável devia abranger as *criadas de servir*. Tal sugere o facto de grande parte da mão-de-obra ser feminina, pois mais de 95% daquele grupo profissional era constituído por mulheres. Pelo contrário, em Mira, além do total de indivíduos considerados como trabalhadores domésticos ser insignificante, são todos do sexo masculino. Neste concelho, como se verá, existia uma pequena burguesia rural, constituída em grande parte por proprietários; talvez devamos relacionar os trabalhadores domésticos do sexo masculino com os criados que nas terras dessa burguesia executavam a maioria das tarefas agrícolas.

Por outro lado, grande parte da população recenseada em tal grupo profissional deveria empregar-se nas sedes concelhias , já que nelas residiria a camada social, a quem prestariam os serviços. A divergência observada nos quantitativos daquela mão-de-obra, nos quatro concelhos em análise, corrobora a ideia de que Mira, para além da sua menor dimensão, se situaria hierarquicamente abaixo das outras sedes concelhias e seria também a unidade administrativa onde os quantitativos de população urbana teriam menor significado.

De qualquer modo, se não fosse o elevado número de indivíduos ligados àquela profissão, apenas o concelho da Figueira da Foz se apresentaria distanciado relativamente aos outros, já que nele aos *transportes* e *comércio* pertenciam, respectivamente, 3.9% e 4.9% - valores que em grande parte se deverão relacionar com o porto marítimo e com os caminhos de ferro.

Saliente-se, no entanto, que não obstante a análise ao nível de concelhos pareça evidenciar algumas assimetrias, ao nível de freguesia tal não deverá ser tão evidente. Basta por exemplo, para citar o caso extremo, subtrair ao concelho da Figueira da Foz a população do núcleo urbano. Logo se nos depara um cenário idêntico ao apresentado pelo concelho de Mira, onde praticamente toda a população se encontra ligada a uma precária economia rural. De resto, veremos posteriormente que a freguesia de S. Mamede de Quiaios se deveria encontrar, sob o ponto de vista económico e social, muito mais próxima do concelho de Mira do que do padrão geral apresentado pelo concelho da Figueira da Foz ao qual pertence

administrativamente. A distribuição da mão-de-obra activa por sexo deixa aliás antever de algum modo tal situação. A circunstância de o sector feminino ter aqui grande importância deverá em parte ser justificada pelo fluxo emigratório que em toda a região Litoral vinha apresentando valores cada vez mais elevados, sintoma da precária situação económica que aí se tinha desenvolvido.

Em resumo, pode concluir-se que, nos quatro concelhos por onde se distribui a *Gândara*, a população tem nos *trabalhos agrícolas* a ocupação fundamental. A pesca adquire alguma importância nos concelhos da Figueira da Foz e de Mira.

O sector secundário tem pouco significado. Excepção feita a algumas indústrias de maior dimensão situadas no concelho da Figueira da Foz, a grande maioria circunscrevia-se a pequenas oficinas que comportariam em geral um único trabalhador: artífice/proprietário.

O sector terciário apresenta-se com um número de efectivos superior ao secundário, à semelhança aliás do que acontecia no restante território nacional. Contudo, deve notar-se que os trabalhadores domésticos representavam um elevado quantitativo no total dos indivíduos considerados como pertencentes àquele sector de actividade. Apenas no concelho de Mira essa situação não se observa. Aí o número de efectivos recenseados com aquela profissão era bastante baixo, uma escassez que possivelmente se alargava a toda a *Gândara*, mas que a circunstância do *Recenseamento de 1890* não contemplar a informação por freguesias impede se faça essa análise.

Exceptuado o núcleo urbano da Figueira da Foz, a distribuição da mão-de-obra apresentou quase sempre nas mulheres maiores efectivos. Este facto relacionar-se-á com a maior mobilidade ao nível da população masculina, resultante fundamentalmente "...de um desfazamento entre o crescimento demográfico e o desenvolvimento económico..." (M. H. PEREIRA, 1971, pag. 45). Tal desiquilíbrio marcará um novo ciclo no território gandarês, já que ao acelerado crescimento demográfico, verificado principalmente a partir do século XVIII, não correspondeu igual crescimento no aparelho produtivo.

Assim, a análise que a seguir se fará pretende mostrar que, na *Gândara*, a estrutura social e económica da população se situa próxima das linhas gerais encontradas para o concelho de Mira, a partir do *Recenceamento de 1890* e do *Inquérito Industrial de 1881 e 1890*. Embora se utilizem outras fontes, nomeadamente os *Registos Paroquiais de 1860-64* e o *Recenseamento Eleitoral de 1876*, a circunstância de privilegiarem a análise ao nível de freguesia permite a sua incidência na região gandaresa, o que não é possível quando tratada ao nível do concelho.

## 3 — A ESTRUTURA SÓCIO-PROFISSIONAL DA POPULAÇÃO GANDARESA NO FINAL DO SÉCULO XIX

### 3.1 — As Fontes

Apesar de se tratar de fontes com estrutura e função diferentes, julgamos que o cruzamento da informação fornecida pelos *Registos Paroquiais de Baptismo* e pelo *Recenseamento Eleitoral* permite clarificar algumas hipóteses relativamente à estrutura social e económica da população da *Gândara*. Torna-se no entanto, necessário alertar para algumas limitações que acompanham os resultados obtidos. A primeira relaciona-se com a idade dos indivíduos registados como pais de crianças baptizadas, que naturalmente estão confinados a um leque etário coincidente com a idade de procriação e cujas franjas terão um índice de ocorrência muito menor. Deste facto, resultará que a idade dos indivíduos analisados se situará numa faixa mais estreita do que aquela que teoricamente abrange a idade de reprodução, o que reduz, como é óbvio, o valor da amostra. Além disso, ao longo do período de tempo estudado, talvez se verifiquem repetições para alguns dos progenitores, já que, durante os anos analisados, é provável que o mesmo indivíduo tenha tido mais que um filho. Esta circunstância podia ser eliminada, se se fizesse um levantamento que contemplasse o nome dos progenitores de modo a permitir a sua contagem apenas uma vez. Todavia, julgamos que as conclusões a que se chegaria não se afastavam muito daquelas que encontrámos, além de que depararíamos com outros problemas na discrepância que frequentemente se observa no texto que compõe cada registo.

Uma outra dificuldade deriva do facto de o início da referência à profissão dos pais variar consoante a freguesia considerada e de a profissão da mãe da criança baptizada começar a ser registada muito mais tarde que a do pai. De resto, as lacunas de informação ocorrem com maior frequência na população feminina.

É destas limitações, acrescidas do facto de os totais de população serem bastante díspares nas três freguesias, que se poderá explicar a considerável diferença no número de indivíduos de que se tem conhecimento da sua actividade profissional([1]).

Recorde-se que, em 1864, a freguesia de S. Tomé de Mira tinha uma população total de 6.014 indivíduos, Nossa Senhora das Febres 3506 e S. Mamede de Quiaios apresentava um total de 4.427 habitantes. O quantitativo de elementos do sexo masculino e feminino, para

---

[1]— Além disso os valores apurados deveriam corresponder ao dobro do quantitativo de registos. Só que, não obstante as lacunas já referenciadas, outras circunstâncias limitam a dimensão da amostra. Além dos filhos de pai ou pais incógnitos, há também o número de expostos; sobre eles também não há qualquer referência à profissão dos pais. Saliente-se que, nas três freguesias onde incide esta análise, sempre que uma criança era filha de uma mulher cuja profissão era *criada de servir*, o pai vinha sempre registado como incógnito.

os quais consta a profissão, é em Mira de 1 407, em Febres de 557 e em Quiaios 497 - Quadros 31, 32 e 33. Por outro lado, na primeira, a profissão do pai começa a ser referenciada a partir de 1860, enquanto para as mulheres o primeiro registo data de 25 de Maio de 1862. Em Febres, a actividade profissional do pai é apenas referida a partir de Janeiro de 1861, enquanto na população feminina se verifica dois anos mais tarde, isto é, em 1863. Em S. Mamede de Quiaios data de 3 de Março de 1861 o primeiro assento onde consta a profissão do pai da criança registada, enquanto que para a mãe só se verifica em 24 de Julho de 1862. Todavia trata-se, neste caso, de referências esporádicas, pois só no ano seguinte a informação passa a ser mais completa.

Apesar de todas as lacunas que os Registos Paroquiais comportam, tal como afirma B.J. O'NEILL (1984, pag. 411), eles "... proporcionam testemunhos abundantes de uma estratificação social.". Aliás, as hipóteses sugeridas pela sua análise vêm ao encontro do que tínhamos observado ao nível de concelho e não se afastam muito de outras áreas do país marcadamente rurais.

### 3.2 — A Estrutura Sócio-profissional da População a Partir dos Registos Paroquiais

A leitura dos Quadros 31, 32 e 33 coloca-nos perante situações diversas.

A população de Mira apresenta-se pulverizada por 26 actividades profissionais. Nestas, o maior quantitativo distribui-se pelas ocupações ligadas ao sector primário. Nos homens 33.4% (320) são *pescadores*, 35.9% (344) foram registados como *seareiros* e 15.3% (146) como *lavradores*, valores que mostram a importância destes grupos sociais na área. De notar ainda que, no conjunto de todas as profissões, aos jornaleiros cabe um quantitativo importante: 4.4%. Trabalhando à jorna pertencem ao conjunto de trabalhadores sem terra incluindo-se simultâneamente no grupo social que tem uma situação económica mais precária. Não muito diferente seria a dos seareiros aos quais corresponde no sector primário o maior quantitativo de mão-de-obra masculina e feminina (Quadro 31). No total de registos, 48.1% da população activa está referenciada como exercendo aquela actividade. Segundo J. de SANTA ROSA VITERBO, *Elucidário* (...) *1798*, *Seareiro* é "... o que faz a sua lavoura com bois alheios. Este só pagava a quarta parte da jugada inteira. Em algumas terras nada pagava." A reiterar por um lado, a sua débil situação económica e, por outro, a sua importância como mão-de-obra disponível na economia local, está o facto de no século XVI se encontrarem isentos de alguns impostos, como se conclui da leitura do Foral de Mira, datado de 1514: "E por eyradega se pagam ora oyto alqueires, a saber, de trigo quatro E dous alqueires de çenteo. E dous de mjlho. A quall eyradega nom paguarão os seareyros. E mais cada lavrador

QUADRO Nº 31- DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR PROFISSÕES E SEXO, NA FREGUESIA DE S. TOMÉ DE MIRA (1860-1864).

| Profissões* | H. | M. | Total | % | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | H. | M. | H.M. |
| Albardeiro | 2 | - | 2 | 0.2 | - | 0.1 |
| Alfaiate | 4 | - | 4 | 0.4 | - | 0.3 |
| Almocreve | 25 | - | 25 | 2.7 | - | 1.9 |
| Alveitor | 1 | - | 1 | 0.1 | - | 0.1 |
| Barqueiro | 2 | - | 2 | 0.2 | - | 0.1 |
| Calafate | 1 | - | 1 | 0.1 | - | 0.1 |
| Carpinteiro | 13 | - | 13 | 1.4 | - | 0.9 |
| Cordoeiro | 2 | 1 | 3 | 0.2 | 0.2 | 0.2 |
| Costureira | - | 2 | 2 | - | 0.4 | 0.1 |
| Criada de servir | - | 9 | 9 | 2.0 | - | 0.6 |
| Empregado Público | 6 | - | 6 | 0.6 | - | 0.4 |
| Ferrador | 1 | - | 1 | 0.1 | - | 0.1 |
| Ferreiro | 6 | - | 6 | 0.6 | - | 0.4 |
| Guarda | 1 | - | 1 | 0.1 | - | 0.1 |
| Jornaleiro | 42 | 30 | 72 | 4.4 | 6.7 | 5.1 |
| Lavrador | 146 | 67 | 213 | 15.4 | 14.9 | 15.2 |
| Marítimo | 1 | - | 1 | 0.1 | - | 0.1 |
| Moleiro | 12 | 4 | 16 | 1.3 | 0.9 | 1.1 |
| Negociante | 6 | 3 | 9 | 0.6 | 0.7 | 0.6 |
| Pescador | 320 | - | 320 | 33.4 | - | 22.7 |
| Proprietário | 7 | 1 | 8 | 0.7 | 0.2 | 0.6 |
| Sapateiro | 7 | - | 7 | 0.7 | - | 0.5 |
| Seareiro | 344 | 333 | 667 | 35.9 | 74.0 | 48.1 |
| Serrador | 5 | - | 5 | 0.5 | - | 0.4 |
| Serralheiro | 1 | - | 1 | 0.1 | - | 0.1 |
| Trabalhador | 2 | - | 2 | 0.2 | - | 0.1 |
| Total | 957 | 450 | 1407 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

*A profissão do pai começa a ser referenciada a partir de 1860. Note-se, que inicialmente não é registada de forma sistemática. Relativamente à profissão das mulheres só começa a ser referida a partir de 25 de Maio de 1862.

Fonte: A.U.C., *Livro de Registos Paroquiais Baptizados* - S. Tomé de Mira, anos de 1860-1864.

QUADRO Nº 32 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR PROFISSÕES E SEXO, NA FREGUESIA DE S. MAMEDE DE QUIAIOS (1861-1864).

| Profissões[1] | H. | M. | H.M. | % | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | H. | M. | H.M. |
| Almocreve | 9 | - | 9 | 2.7 | - | 1.8 |
| Arrais | 6 | - | 6 | 1.8 | - | 1.2 |
| Barbeiro | 1 | - | 1 | 0.3 | - | 0.2 |
| Carpinteiro | 10 | - | 10 | 3.0 | - | 2.0 |
| Cirurgião | 1 | - | 1 | 0.3 | - | 0.2 |
| Costureira | - | 4 | 4 | - | 2.5 | 0.8 |
| Criada de servir | | 3 | 3 | - | 1.8 | 0.5 |
| Cultivador | 8 | 4 | 12 | 2.4 | 2.4 | 2.4 |
| Jornaleiro | - | 2 | 2 | - | 1.2 | 0.4 |
| Lavrador | 56 | 13 | 69 | 16.8 | 7.9 | 13.9 |
| Moleiro | 2 | - | 2 | 0.6 | - | 0.4 |
| Operário | 1 | - | 1 | 0.3 | - | 0.2 |
| Pescador | 92 | - | 92 | 27.6 | - | 18.5 |
| Pedreiro | 8 | - | 8 | 2.4 | - | 1.6 |
| Proprietário | 2 | 1 | 3 | 0.6 | 0.6 | 0.6 |
| Sapateiro | 1 | - | 1 | 0.3 | - | 0.2 |
| Seareiro | 15 | 10 | 25 | 4.6 | 6.1 | 5.0 |
| Serrador | 3 | - | 3 | 0.9 | - | 0.6 |
| Taberneiro | 1 | - | 1 | 0.3 | - | 0.2 |
| Trabalhador | 117 | 127 | 244 | 35.1 | 77.5 | 49.2 |
| Total | 333 | 164 | 497 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

1. Para os indivíduos do sexo masculino começa a ser referida a actividade profissional a partir de 3 de Março de 1861. Nas mulheres a profissão aparece pela primeira vez registada em 24 de Julho de 1862, contudo trata-se de referências esporádicas. Só a partir de 1863 a informação começa a ser mais completa.

Fonte: A.U.C., *Livro de Registos Paroquiais de Baptizados, freguesia de S. Mamede de Quiaios*, anos de 1861-1864.

QUADRO Nº 33 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR PROFISSÕES E SEXO, NA FREGUESIA DE Nª. SENHORA DAS FEBRES (1861-1864).

| Profissões[1] | H | M | HM | % | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | H | M | HM |
| Alfaiate | 5 | - | 5 | 1.2 | - | 0.9 |
| Alveitor | 2 | - | 2 | 0.5 | - | 0.4 |
| Criada de servir | - | 3 | 3 | - | 2.0 | 0.5 |
| Ferreiro | 4 | - | 4 | 1.0 | - | 0.7 |
| Governanta de sua casa | - | 146 | 146 | - | 96.6 | 26.2 |
| Jornaleira | 273 | 1 | 274 | 67.3 | 0.7 | 49.2 |
| Lavrador | 35 | 1 | 36 | 6.6 | 0.7 | 6.5 |
| Negociante | 3 | - | 3 | 0.7 | - | 0.5 |
| Prof.Primário | 1 | - | 1 | 0.2 | - | 0.2 |
| Seareiro | 68 | - | 68 | 16.8 | - | 12.2 |
| Trabalhador | 15 | - | 15 | 3.7 | - | 2.7 |
| Total | 406 | 151 | 557 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

1. A profissão dos homens só é referenciada a a partir de Janeiro de 1861. Para as mulheres apenas em 1863 começa a ser registada.

Fonte: A.U.C., *Livro de Registos Paroquiais de Baptizados, freguesia de Nª. Senhora das Febres*, anos de 1861-1864.

que paga eyradega. paga hum capam." (L. F. C. DIAS, 1962, pags. 88-89). Ainda que seja uma informação referente ao século XVI, não deixa de ter significado, já que sugere a inexistência de grandes alterações na estrutura social da população, durante o largo período de tempo que decorre do século de quinhentos aos finais do século XIX; indica ainda que este grupo social tem mantido importância nesta área do território.

Quanto aos *lavradores*, pode concluir-se a sua expressão a partir do quantitativo apresentado, quer nos homens quer nas mulheres, respectivamente 146 e 67 indivíduos. De resto, no total da população activa, encontram-se imediatamente a seguir aos seareiros e pescadores, grupos que detinham maior número de activos. A situação económica dos *lavradores* seria consideravelmente superior à dos *jornaleiros* e *seareiros*. Além de possuírem, na maior parte dos casos, uma junta de vacas tiveram acesso à posse da terra, o que deverá ter acontecido quase sempre por herança. Ainda hoje, para a população mais idosa, ser lavrador significa ter terras e ser possuidor de uma ou mais juntas de vacas que muitas vezes se alugavam aos seareiros para lavrar a terra.

Ao contrário do que sucede por exemplo no Alentejo, onde os lavradores "constituem simultâneamente o grupo mais reduzido e abastado". (J. CUTILEIRO, 1972, pag. 273), aqui eles deverão fazer parte dum grupo intermédio entre os *trabalhadores* sem terra e os *proprietários*, à semelhança, aliás, do que acontecia noutras áreas, nomeadamente em Trás-os-Montes (cfr. J.B.O'NEILL, 1984, pags.100-103). Aí, "um homem dispondo de algum terreno que cultivasse para seu sustento e da sua família, já seria considerado lavrador". (J.M.AMADO MENDES, 1980, pag. 123).

Poderá pois deduzir-se que o sector primário, na freguesia de S. Tomé de Mira, se distribuia por quatro grupos profissionais em que os *seareiros* apresentam o maior quantitativo, 48.1%, com a distribuição por sexos quase equitativa.

À pesca dedicava-se também um número importante de indivíduos, já que no total de população activa registada, 27.7% constam como *pescadores*. Como *lavradores* e *jornaleiros* são referidos respectivamente 15.1% e 5.1% (cfr. Quadro 31). Isto é, no conjunto geral e segundo os *Registos de Baptismo*, 90.5% da população activa da freguesia de S. Tomé de Mira pode ser considerada como pertencente ao sector primário.

Na freguesia de S. Mamede de Quiaios, o tecido socio-profissional não se apresenta muito diferente daquele que se observou em Mira. Da leitura do Quadro 32 conclui-se que são também os grupos profissionais constituídos pelos *trabalhadores*, *pescadores*, *lavradores* e *seareiros* que englobam maior número de população activa, já que lhes correspondia respectivamente 49.2%, 18.5%, 13.9% e 5%.

Se exceptuarmos os *pescadores*, que pertencem todos ao sexo masculino, verifica-se que a mão-de-obra feminina tem uma expressão significativa nos outros grupos. Nos 244 *trabalhadores*, 127 (52.0%) são mulheres; em 25 seareiros, 10 (40%) são também do sexo feminino; no grupo formado pelos *lavradores*, o peso do sexo masculino é maior: dos 69 registados 56 (81.2%) são homens.

Deve salientar-se que, nesta freguesia, os *trabalhadores* 244 (49.2%) constituiam um importante grupo, ao contrário do verificado em Mira, visto que aqui só foram registados 2. Realce-se porém, que não é fácil definir as linhas que separam os vários grupos profissionais; a diversidade apresentada deve justificar-se principalmente pela terminologia local. Alguns dos *trabalhadores* registados em Quiaios seriam em S. Tomé de Mira, englobados nos *seareiros* e, provavelmente, também nos *jornaleiros*. Considerámo-los como *trabalhadores agrícolas*, à semelhança, de resto, do que se conclui de outros estudos (cfr. J.M.NAZARETH e F.SOUSA, 1981, pag. 370 e 1983, pags. 60-63).

Tal como se tinha verificado na freguesia de S. Tomé de Mira, a população residente na freguesia de Quiaios tem também na agricultura e pesca as principais actividades económicas.

O Quadro 33 apresenta alguma divergência relativamente à estrutura profissional da população, com o que se viu para as áreas de Mira e Quiaios. Descontada a ausência de actividade piscatória, outro critério deve ter existido para classificar as profissões. Deste facto terá resultado o numeroso grupo de *governantes de sua casa*, que abrange 96.7% do total de população feminina. Ora, provavelmente deste conjunto, fará parte elevado número de mulheres que exerciam outras actividades, nomeadamente agrícolas, à semelhança das outras freguesias. A confirmar a presença de um critério diferente de classificação, estará também o elevado quantitativo de *jornaleiros* e *seareiros*, 264 e 68 respectivamente (cfr. Quadro 33), que não encontrámos nas outras áreas amostra. Apesar disto, a distribuição da população registada nos assentos de baptismo, por profissões, mostra também na área de Febres o domínio das actividades agrícolas. Seria afinal um facto comum a toda a *Gândara*.

Relativamente aos outros sectores de actividade, a freguesia de Mira apresenta uma relativa diversificação de profissões, correlacionada com o facto de comportar um quantitativo demográfico mais elevado e de ser simultâneamente sede de um concelho. De realçar a existência de 12 grupos profissionais considerados como pertencentes ao sector secundário. Constituído em grande parte por *artífices*, o baixo quantitativo apresentado por cada profissão parece significar que toda a produção devia estar voltada para o consumo local. Exceptuam-se, todavia, os *carpinteiros* com 13 efectivos, os *moleiros* com 12, os *ferreiros* com 6 e os *sapateiros* com 7, cujo quantitativo sugere uma produção excedentária, possívelmente para consumo das populações vizinhas.

Em Quiaios o sector secundário engloba seis grupos profissionais, sendo o maior número constituído por *carpinteiros* (10) e *pedreiros* (8) .

Em Febres apenas 11 indivíduos (2.0%) podem ser considerados como exercendo profissões abrangidas pelo sector secundário. Este valor situa-se abaixo dos verificados em Mira (4.3%) e em Quiaios (5.0%) e está, além disso, também consideravelmente afastado das percentagens observadas nos concelhos próximos - Cantanhede (11.6%), Figueira da Foz (17.5%) e Montemor-o-Velho (9.0%) -, no distrito (16.7%) e no Continente (18.5%), (Quadro 34).

A ausência de algumas actividades, no caso da freguesia de Febres, poderá ser explicada pelo facto de não serem exercidas em exclusividade. A circunstância de se encontrar relativamente próximo da sede concelhia - Cantanhede -, poderá ter retardado o aparecimento de algumas profissões, pelo menos a tempo inteiro, já que não seriam económicamente compensadoras.

QUADRO Nº 34 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE NO FINAL DO SÉCULO XIX.

| Sector de Actividade | Freguesias | | | | | | Concelhos | | | | | | | | Distrito | | Continente | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Febres | | Mira | | Quiaios | | Cantanhede | | Fig. da Foz | | Mira | | Montemor-o-Velho | | Coimbra | | | |
| | H.M | % | H.M. | % | H.M. | % | H.M. | % | H.M. | % | H.M. | % | H.M. | % | H.M. | % | H.M. | % |
| Primário | 393 | 96.3 | 1284 | 91.1 | 450 | 90.5 | 20515 | 75.3 | 23122 | 58.9 | 6294 | 86.5 | 16217 | 75.5 | 206419 | 65.2 | 2911673 | 62.5 |
| Secundário | 11 | 2.9 | 60 | 4.3 | 25 | 5.0 | 3124 | 11.6 | 6858 | 17.5 | 582 | 7.9 | 1924 | 9.0 | 52837 | 16.7 | 860825 | 18.5 |
| Terciário | 4 | 0.8 | 63 | 4.5 | 22 | 4.4 | 3595 | 13.1 | 9271 | 23.6 | 407 | 5.6 | 3339 | 15.5 | 57368 | 18.1 | 887597 | 19.0 |
| Total | 408 | 100.0 | 1407 | 100.0 | 497 | 100.0 | 27234 | 100.0 | 39251 | 100.0 | 7283 | 100.0 | 21480 | 100.0 | 316624 | 100.0 | 4660095 | 100.0 |

Fonte: A.U.Q., - *Livros de Registos Paroquiais de Baptismo.*

- *Censo da População do Reino de 1890.*

Finalmente deve salientar-se a fraca ocorrência de mão-de-obra feminina neste sector de actividade. À excepção de S. Tomé de Mira, onde se registaram 5 mulheres, 4 *moleiras* e uma *cordoeira*, para as freguesias de S. Mamede de Quiaios e Nossa Senhora das Febres, é nula a existência de mulheres no sector secundário.

A função administrativa de Mira está bem marcada na distribuição dos grupos profissionais pelo sector terciário. Neste sentido se poderá explicar o registo de 6 funcionários públicos e um guarda. Apesar disso, o total da população activa ligada àquele sector de actividade não difere do apresentado por Quiaios.

Em Mira 4.5% da população estava nele englobada enquanto na segunda freguesia o índice era práticamente o mesmo: 4.4%.

De realçar o número de indivíduos registados como almocreves: em Quiaios computaram-se 9, isto é, 1.8% do total de população activa e 40.9% da população exercendo uma actividade ligada ao sector terciário; em Mira contaram-se nos registos 25 habitantes com aquela profissão que correspondem, no conjunto geral da população, a 1.8% - uma percentagem igual à observada para Quiaios - e a 39.7% do total de indivíduos ligados àquele sector de actividade, portanto um valor também muito próximo do verificado para a freguesia anterior (40.9%).

Tal como afirma J. BORGES DE MACEDO (1963, pag. 133), "as funções do almocreve tornavam-no presente em todo o país, em especial nos aglomerados da costa e nos portos alfandegários da fronteira terrestre", pertencendo-lhe quase exclusivamente o transporte do peixe e do sal (cfr. H.BAQUERO MORENO, 1979, pag. 189).

O comércio e os serviços, tinham no princípio da segunda metade do século XIX, pouca representatividade na área de Febres. Apenas 1 *professor primário* e 3 *negociantes*, provavelmente de gado, podiam ser considerados como incluídos no sector terciário, quantitativos que correspondem a 0.9% da população activa.

Sintetizando: das informações retiradas dos *Registos Paroquiais*, baptizados, concluiu-se que mais de 90% da população activa da *Gândara* se ligava ao sector primário (Fig. 33) e que os outros sectores de actividade tinham pouca expressão.

A Figura 34 mostra bem a diferença entre a estrutura económica da população gandaresa e a verificada no distrito de Coimbra e no Continente. Ao nível do país a repartição da população activa era a seguinte: 62.5% pertenciam ao sector primário, 18.5% ao secundário e 19% ao terciário. Muito próximos destes se situam os valores observados para o distrito de Coimbra: respectivamente 65.2%, 16.7% e 18.1%.

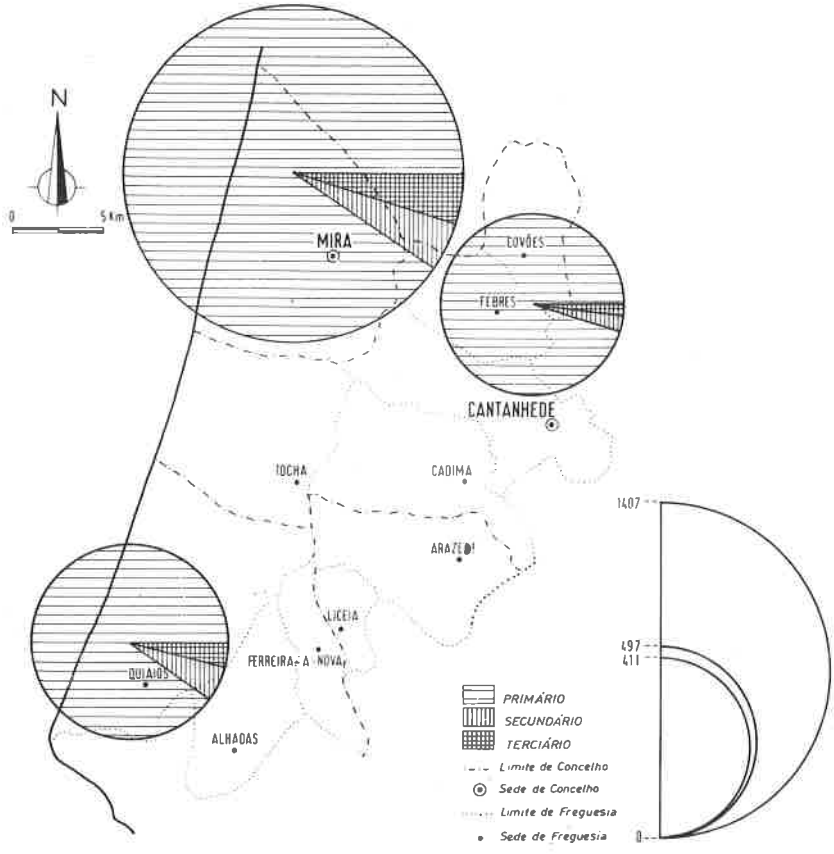



*Fig. 33* – REPARTIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SECTORES DE ACTIVIDADE 1860-1864

*Fonte: A.U.C.–livros de registos paroquiais [...]*

Todavia, à escala das unidades concelhias, verifica-se uma situação que traduz um peso cada vez maior da agricultura. Com excepção do concelho da Figueira da Foz onde, como vimos, a população residente no núcleo urbano deverá em grande parte mascarar os valores encontrados, em todos os outros concelhos mais de 75% da população estava englobada naquele sector de actividade.

Apesar de as informações se referirem ao ano de 1890, o tecido sócio-profissional não seria muito diferente do observado à data a que se reportam os registos. Para tal apontam aliás os valores apresentados pelo concelho de Mira, no início da última década do século XIX,

já que ao sector primário pertenciam 86.5% da população activa, ao secundário 7.9% e ao terciário 5.6%. Isto é, valores pouco afastados dos verificados algumas dezenas de anos antes nas freguesias de S. Mamede de Quiaios, Nossa Senhora das Febres e S. Tomé de Mira. Recorde-se que, nesta última - porque fazia parte de um concelho apenas com uma freguesia e portanto contemplada, ainda que indirectamente, pelo *Recenseamento de 1890* -, àqueles sectores de actividade cabiam respectivamente 91.1%, 4.3% e 4.5% da população, de que é dado conhecimento da actividade profissional.

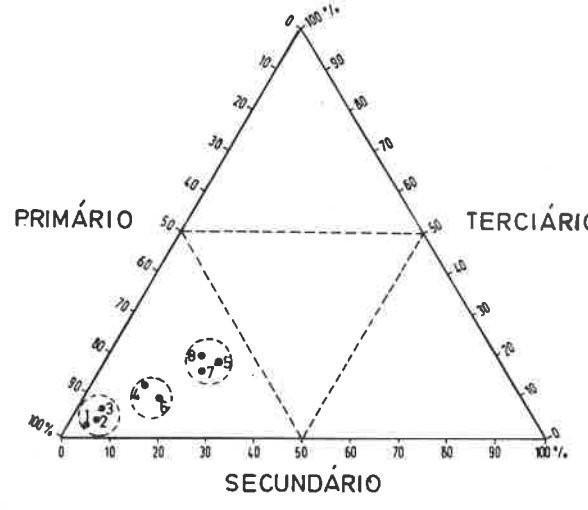



FIG. 34 - Distribuição da população activa por sectores de actividade por freguesias, concelhos, no distrito e no continente (1861 - 1864)

LEGENDA

| | |
|---|---|
| 1 - Febres | 5 - Figueira da Foz |
| 2 - Mira | 6 - Mont.-o-Velho |
| 3 - Quiaios | 7 - Distrito de Coimbra |
| 4 - Cantanhede | 8 - Continente |

Não obstante tratar-se de uma amostra que abrange um universo bastante limitado, ao contrário do que sucede com o Recenseamento, poder-se-á supor que as conclusões a que chegámos por via dos *Registos Paroquiais* não devem afastar-se da realidade sócio-economica verificada no território gandarês.

A breve análise que se apresenta de seguida elaborada a partir do *Recenseamento Eleitoral de 1876* vem reiterar a afirmação anterior, de que, no dealbar do século XX, a economia gandaresa assentava na agricultura, que aí tinha um significado consideravelmente superior ao das áreas envolventes.

## 3.3 — A Estrutura Sócio-profissional da População Segundo o *Recenseamento Eeitoral de 1876* ([1])

### 3.3.1 —A Lei Eleitoral

Em consequência das alterações à *Carta Constitucional de 1826*, é publicado em 1852 um documento designado por *Acto Adicional* (cfr. M.SOARES, 1979), que consagra além de outras reformas introduzidas, a eleição directa dos deputados ao contrário do que até então se verificava. É no seu seguimento que se publica a *Lei Eleitoral* datada de 1 de Outubro de 1852, que refere no seu artigo primeiro: " a nomeação de deputados é feita, por eleição directa, pelos cidadãos portuguezes que têm direito a votar". Todavia, salvo as excepções previstas pela referida lei, só podiam votar indivíduos com mais de 25 anos e que pagassem, de contribuição anual, pelo menos mil réis, isto é, teriam de auferir durante aquele período de tempo uma renda mínima de dez mil réis. Esta circunstância vai permitir, por um lado, a análise da distribuição dos impostos por eleitor e, por outro, possibilita também o estudo do rendimento colectável por profissões, já que estas estão contempladas pelas listas do recenseamento. No entanto, por essa fonte de informação, apenas se tem conhecimento da camada de população que usufrui duma situação económica mais privilegiada, pois, os indivíduos situados nos grupos sociais de níveis mais baixos não constam das referidas listas.

Do facto de os eleitores estarem abrangidos por um leque etário, cujo limite inferior é consideravelmente elevado, 25 anos, além das restrições de índole económica impostas pela lei eleitoral, decorre que o universo analisado deverá ser bastante restrito.

O cruzamento da informação fornecida pelas listas do *Recenseamento de 1876* com a que foi anteriormente analisada a partir dos assentos de baptismos permite, ainda que com

---

[1]— Com base nesta fonte de informação, elaborámos há já algum tempo um pequeno estudo. Vide F. DELGADO CRAVIDÃO (1985, pags. 97-114).

algumas reservas, definir o tecido sócio-profissional da população gandaresa no final do século XIX. A razão de ter sido utilizado o *Recenseamento Eleitoral de 1876*, deve-se à circunstância de ser o que mais próximo se encontra do *Censo da População de 1878*, que permite a análise ao nível da freguesia.

A partir das listas dos eleitores foi possível distribuí-los por grupos profissionais, para além de se ter determinado o respectivo imposto médio (Quadro I).

Nas três freguesias que constituem a base do universo analisado o número de eleitores distribuía-se da seguinte forma: Nossa Senhora das Febres apresentava 347 indivíduos com possibilidade de votar, em S. Tomé de Mira eram 686, em Quiaios apenas 289 indivíduos tinham, pelo menos formalmente, voz na vida pública. Atendendo a que a população total era, em 1878, de 3.625 indivíduos em Febres, 6.371 em Mira e 4.310 em Quiaios, conclui-se que apenas um leque restrito de população usufruía do direito de voto. Em Febres a população recenseada correspondia a 9.6% do total, em S. Tomé de Mira a 10.6%, em Quiaios o número de eleitores representava até uma expressão inferior a 6.7%(1).

Se considerarmos apenas a população, cuja idade era igual ou superior a 25 anos, portanto aquela que, salvo as excepções previstas na Lei, podia votar, em Nª. Senhora das Febres os eleitores representavam 41.2%, em Mira 51.8% e em S. Mamede de Quiaios 31.2%. Isto significa que quase 60% da população de Febres e 70% da de Quiaios não usufruía o rendimento mínimo que lhe permitisse exercer o direito de voto. Embora menos expressivo, em Mira também um numeroso quantitativo de cidadãos (48.2%) estava impedido de o fazer.

De salientar o baixo valor registado em S. Mamede de Quiaios, já que parece indiciar uma situação económica mais precária que nas outras freguesias, de acordo aliás com o que tinha sugerido a distribuição das profissões, segundo os Registos Paroquiais (2).

---

1— A fim de se concretizar a verdadeira representatividade destes valores, basta cotejar com os índices relativos a 1976, aquando da eleição para a Assembleia da República. Na freguesia de S. Tomé de Mira o número de cidadãos com capacidade de votar correspondia a 60% do total de população, 8139 eleitores inscritos para 13581 hab.; em Febres podiam exercer o direito de voto 64%, 3709 eleitores numa população de 5795 indivíduos; S. Mamede de Quiaios apresentou em 1976 um índice mais elevado num total de 5346, 3804 podiam escolher os seus representantes, isto é, 71,2% do total de população residente.

2— A população base refere-se ao Recenseamento de 1878, apesar de decorrerem dois anos após a elaboração do Recenseamento Eleitoral, as alterações não terão sido significativas.

### 3.3.2 — A Estrutura Etária dos Eleitores

O Quadro 35 e a Fig. 35 mostram que a maioria dos eleitores tem idade superior a 40 anos.

Na freguesia de Nossa Senhora das Febres apenas 3.2% da população eleitora tem idade inferior ou igual a 30 anos; para S. Tomé de Mira aquela classe etária apenas abrange 1.8%; em S. Mamede de Quiaios ficam englobados nessa faixa 2.1% dos eleitores. Na franja dos 31 aos 40 anos, o quantitativo de população recenseada cifra-se em 14.4% na primeira, 21% na segunda e 12.1% na freguesia de S. Mamede de Quiaios. Os baixos valores apresentados por aquelas classes etárias significam, portanto, que a grande maioria da população com direito de voto se situa para além dos 40 anos. Na freguesia de Febres 82.4% dos recenseados têm uma idade igual ou superior a 41 anos, cabendo a maior percentagem (35.7%) aos que contam mais de 60 anos. Em Mira o cenário não diverge, já que, 77.2% da população com possibilidade de votar está também acima dos 40 anos. A distribuição pelas idades mais altas mostra-se, contudo, diferente da observada na freguesia anterior. No conjunto dos indivíduos que dobraram os 60 anos apenas se registam 99 eleitores, isto é, 14.4% do total de população recenseada, pelo que é entre os 41 e 60 anos que se verifica a maior frequência: 62.7%.

S. Mamede de Quiaios é, no conjunto das três unidades da amostra, aquela que apresenta uma população eleitora mais envelhecida. Nas três últimas classes etárias encontram-se 85.8% dos cidadãos com capacidade de voto; os elementos com mais de 60 anos apresentam um índice igual ao da classe compreendida entre os 41 e 50 anos: 27.3%. Embora com algumas reservas, a distribuição detectada nesta última freguesia deixa transparecer também algumas diferenças económicas relativamente às outras unidades administrativas, visto só em idade mais avançada a população de S. Mamede de Quiaios usufruir de situação económica que lhe permitia votar. Uma explicação para isso deverá encontrar-se na circunstância, já referida, de ser pelas partilhas que grande parte dos cidadãos ascendia economicamente. No mesmo sentido aponta a distribuição da população eleitora pelos grupos profissionais, visto os quantitativos mais elevados de cidadãos que podiam exercer o direito de voto se situarem por um lado, no sector primário e, por outro, nos indivíduos colectados com o menor imposto. Relacionado o facto com a sua estrutura etária, parece dar forma à ideia de que seria, através da posse da terra, que se processava alguma ascensão social.

QUADRO Nº 35- DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ELEITORA POR CLASSES ETÁRIAS, NAS FREGUESIAS DE FEBRES, MIRA E QUIAIOS - 1876.

| Classes etárias | Nasª de Febres | | S.Tomé Mira | | S.Mamede Quiaios | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total eleit. | % | Total eleit. | % | Total eleit. | % |
| até 30 anos | 11 | 3.2 | 13 | 1.8 | 6 | 2.1 |
| 31-40 | 50 | 14.4 | 144 | 21 | 35 | 12.1 |
| 41-50 | 91 | 26.2 | 218 | 31.8 | 79 | 27.3 |
| 51-60 | 71 | 20.5 | 212 | 31 | 90 | 31.2 |
| + 60 | 124 | 35.7 | 99 | 14.4 | 79 | 27.3 |
| Total | 347 | 100 | 686 | 100 | 289 | 100 |

Fonte: A.U.C. - *Documentação do Governo Civil*, "Recenseamento Eleitoral de 1876".

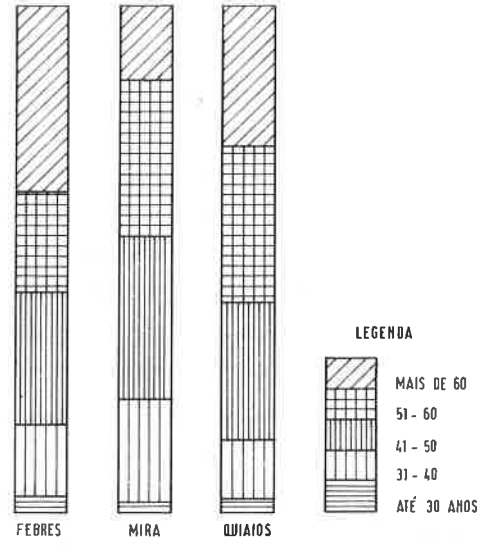



*Fig. 35*— ESTRUTURA ETÁRIA DOS ELEITORES, segundo o Recenseamento Eleitoral de 1876

### 3.3.3 — A Estrutura Profissional da População Eleitora

No Quadro 36 apresenta-se a distribuição dos eleitores segundo os sectores de actividade na freguesia de Nossa Senhora das Febres (cfr. Quadro II). A sua leitura permite verificar que 92.5% do universo analisado pode considerar-se incluido no sector primário, cabendo aos *lavradores* 70.8% deste sector, aos *seareiros* 22.7% e aos *trabalhadores* 6.2%. Convém recordar que, segundo os *Registos Paroquiais*, àquele mesmo sector de actividade pertenciam 96.3% do total da população. No entanto, como vimos, este valor deveria ser ligeiramente diferente, já que a classificação utilizada para a mão-de-obra feminina alterava a distribuição. Por outro lado, o maior grupo social cabia aos *jornaleiros*, dos quais, nas listas do *Recenseamento Eleitoral*, apenas um tinha possibilidade de exercer o direito de voto. Este facto não deverá significar a ausência de indivíduos com aquela actividade profissional; reforça antes a ideia de que, economicamente, se situavam nos níveis mais baixos. Isto é, não usufruíam da renda mínima para serem considerados eleitores.

QUADRO Nº 36 - POPULAÇÃO POR SECTORES DE ACTIVIDADE E SEGUNDO O IMPOSTO MÉDIO COLECTADO, FREGUESIA DE Nª.Sª. DE FEBRES , 1876.

| Sectores de Act. | Total eleit. | % | Imposto médio (réis) |
|---|---|---|---|
| Primário | 321 | 92.5 | 1 989$500 |
| Secundário | 8 | 2.3 | 3 072$500 |
| Terciário | 18 | 5.2 | 5 403$000 |
| Total | 347 | 100.0 | 3 488$330 |

Fonte: A.U.C., *Documentação do Governo Civil de Coimbra*, "Recenseamento Eleitoral de 1876".

Quanto ao sector secundário apresenta-se, segundo a fonte de 1876, com pouco significado, à semelhança aliás do que já tinha acontecido com os assentos de baptismo. Segundo as listas eleitorais, apenas 2.3% da população estava por ele englobada, valor que praticamente não se afasta do observado nos *Livros de Registos Paroquiais* (2%).

O valor do sector terciário, 5.2% (cfr. Quadro 36) é superior ao observado a partir dos *Registos Paroquiais* (0.4%). Esta situação explica-se em parte pelos elevados níveis etários dos negociantes, que por isso se situavam fora do leque que abrange a idade dos pais dos indivíduos registados.

Convirá salientar, nesta freguesia, os 27.8% que cabiam a esse grupo social não só pelo quantitativo, mas pelo elevado imposto médio com que foram colectados, a colocá-los quase no topo da hierarquia social (cfr. Quadro II).

Na freguesia de S. Tomé de Mira (Quadro 37 e Quadro III), verifica-se uma larga variedade de grupos profissionais que deverá traduzir uma maior diversidade de funções.

QUADRO Nº 37 - POPULAÇÃO POR SECTORES DE ACTIVIDADE E SEGUNDO O IMPOSTO MÉDIO COLECTADO, FREGUESIA DE S. TOMÉ DE MIRA, 1876.

| Sectores de Act. | Total eleit. | % | Imposto médio (réis) |
|---|---|---|---|
| Primário | 547 | 79.8 | 6 000$750 |
| Secundário | 54 | 7.8 | 2 258$700 |
| Terciário | 85 | 12.4 | 10 539$133 |
| Total | 686 | 100.0 | 6 266$194 |

Fonte: A.U.C. - *Documentação do Governo Civil*, Recenseamento Eleitoral de 1876".

A distribuição da população eleitora por profissões mostra-se diferente daquela que se observou entre 1860 e 1864. Assim, segundo o *Recenseamento Eleitoral de 1876*, pertenciam ao sector primário 79.8%, ao secundário 7.8% e ao terciário 12.4%. Recorde-se que esta distribuição se mostra mais próxima da apresentada em 1890 quer para o distrito quer para o Continente. Só que se trata de uma amostra que contempla apenas a população economicamente mais privilegiada. Saliente-se de novo que aproximadamente metade da população com idade igual ou superior a 25 anos (48.2%) não podia, por razões económicas, fazer ouvir a sua voz junto dos poderes públicos, já que lhe estava vedado o direito de voto.

Além da não alusão a outros grupos profissionais, nota-se a quase ausência de *pescadores* nos cadernos eleitorais: apenas um é referido. Trata-se de uma circunstância que adquire significado sócio-economico, já que nesta freguesia eles constituíam uma comunidade numerosa. Recorde-se que, segundo as listas dos registos de baptismo, portanto num universo circunscrito a um determinado leque etário, eles formavam o segundo maior grupo, imediatamente a seguir aos *seareiros*. O não aparecerem praticamente referidos no *Recenseamento Eleitoral de 1876* talvez se explique pelo facto de fazerem parte dos estratos sociais economicamente mais baixos, à semelhança, aliás, do que se tinha observado com os *jornaleiros*, na freguesia de Nossa Senhora das Febres.

De registar também, na freguesia de Mira, a ocorrência de 45 (8.2%) *proprietários*, que correspondem ao segundo quantitativo mais importante do sector primário e cujo imposto

médio, 14.958 mil réis, é consideravelmente superior à média observada naquele sector de actividade, 6000$750 réis (cfr. Quadro 37).

No sector secundário, o grupo formado pelos *moleiros* detém 50% do total daquele sector - importância já observada no período anteriormente analisado. Note-se que, desde a Idade Média, são relativamente frequentes as referências àquela actividade, o que poderá traduzir a sua importância, quer na economia local, quer mesmo regional (cfr. A. FERNANDES MARTINS, 1949, pag. 45).

É de salientar, além das profissões que se correlacionam com a função administrativa, a importância dos *almocreves*. Grupo que se liga directamente com a situação geográfica desta freguesia, eles representavam 44.6% dos indivíduos colectados.

À semelhança do que se tinha observado na freguesia de Nª. Senhora das Febres, também aqui os *negociantes* constituíam não só um grupo numeroso como detinham economicamente uma posição privilegiada, uma vez que eram abrangidos por uma classe de impostos relativamente elevada.

Julgamos que, nestas duas freguesias e de certa forma em todo o "interior" do território gandarês, o número de *negociantes* deveria ser considerável, já que se ligavam preferencialmente ao comércio de gado. Segundo o *Recenseamento Geral dos Gados de 1870*, predominava nesta área o gado marinhão, designação que corresponde ao "gado bovino que se produz, cria e recria, trabalha e engorda em toda a beira mar do distrito de Aveiro e Coimbra, fora das dunas do litoral, nas terras da gandra e das marinhas".

Se bem que fosse um comércio com real importância na economia gandaresa, o negócio do gado tinha possivelmente um maior significado na região Norte, como parece deduzir-se do *Recenseamento de 1870*, onde se afirma: há "na gandara entre Cantanhede e Mira, e principalmente na freguesia de Febres, lavradores, que compram bois magros depois de terminado o serviço das sementeiras e os tratam até estarem em regular estado de nutrição. Os lucros da ceva quando o estado de carnes das rezes cevandas não é extremamente mau no começo da operação, e os animaes estão ainda de boa idade, são suficientemente remuneradores".

A reiterar a ideia de que, por um lado, os negociantes se ligavam preferencialmente ao comércio de gado e, por outro, que a sua importância económica era maior a Norte, parece estar o facto de praticamente não aparecerem contemplados nas listas do *Recenseamento Eleitoral* referentes à freguesia de S. Mamede de Quiaios. Nesta, apenas 1 indivíduo é referido como *negociante* (Quadro 38 e Quadro IV), mas colectado com um imposto inferior ao verificado no mesmo grupo em Febres e Mira.

QUADRO Nº 38- POPULAÇÃO POR SECTORES DE ACTIVIDADE E SEGUNDO O IMPOSTO MÉDIO COLECTADO, FREGUESIA DE S. MAMEDE DE QUIAIOS , 1876.

| Sectores de Act. | Total eleit. | % | Imposto médio (réis) |
|---|---|---|---|
| Primário | 232 | 80.3 | 2 188$800 |
| Secundário | 17 | 5.9 | 1 903$165 |
| Terciário | 40 | 13.8 | 5 913$000 |
| Total | 289 | 100.0 | 3 334$883 |

Fonte: A.U.C. - *Documentação do Governo Civil*, "Recenseamento Eleitoral de 1876".

Os *almocreves* constituíam um grupo considerável, já que, em número de 32, correspondiam a 80% do sector terciário. Refira-se que, no conjunto da população recenseada, 13.8% pertencia a esse sector de actividade, 5.9% ao secundário e 80.3% foi englobada no sector primário. Não obstante os *pescadores* constituírem aqui uma comunidade importante, como de resto se verificou nos *Registos de Baptismo*, apenas quatro aparecem como eleitores. Significará o facto que formariam uma comunidade economicamente débil, à semelhança do que se observou em S. Tomé de Mira e, como veremos sucede na freguesia da Tochà.

Raros eram também os artífices que podiam exercer o direito de voto (cfr. Quadro IV). Se por um lado, a sua diminuta frequência poderá indicar que constituíam grupos humildes, por outro, é possível que, nalguns casos, não exercessem a sua profissão em exclusividade, podendo ter sido referenciados noutro sector nomeadamente no primário.

Ainda que sem grandes divergências, a distribuição da população eleitora por grupos profissionais reflecte de certa forma o "litoral" e o "interior" da *Gândara*. À maior concentração profissional verificada em Febres e que deverá ser também a característica das freguesias gandaresas que não contactam com o mar, opõe-se uma diversidade maior em Mira e Quiaios, relacionada directamente com a proximidade da linha de costa, onde *almocreves* e *pescadores* tem grande expressão. Apesar disso, julgamos que o tecido sócio-profissional da *Gândara* não divergia consideravelmente. É talvez possível, ainda que com algumas reservas, emitir a ideia de que, no sector Sul do território gandarês, a situação económica da população era mais precária, como parece sugerir a análise dos impostos colectados na população

eleitora. É possível também, ainda que de uma forma pouco rígida, detectar alguma diversificação económica e social dentro dos mesmos grupos profissionais.

### 3.3.4 — A Distribuição dos Impostos por Eleitores

A circunstância de, para cada eleitor, vir referida a respectiva décima permite determinar o imposto médio de cada grupo profissional, distribuído conforme se observou no Quadro I.

Nas três freguesias que servem de base de amostragem, o maior quantitativo de eleitores do mesmo grupo profissional cabia aos *seareiros* de Mira: 492 (71.7%) indivíduos colectados com o imposto médio de 2 870 réis. Em Febres os lavradores correspondiam a 65.4% da dimensão da amostra, com um imposto de 3 271 réis, enquanto em S. Mamede de Quiaios o mesmo grupo era colectado com 1 611 réis, num conjunto que abrangia 40.8% da população eleitora.

Todavia, a distribuição dos impostos dentro de cada grupo profissional parece sugerir, nalguns casos e ao nível económico, uma certa diferenciação interna. Ainda que os 227 lavradores de Febres tenham sido colectados com um imposto médio de 3 271 réis, o facto é que a quase totalidade não atingia dois mil réis, pois apenas 18 ultrapassavam os dez mil réis.

Em Mira o conjunto constituído pelos *seareiros* não apresenta uma diferenciação tão marcada. Para além de serem colectados com o imposto médio mais baixo, são poucos os que ultrapassam os cinco mil réis.

As listas do recenseamento da freguesia de S. Mamede de Quiaios referem, como já vimos, 118 *lavradores* com um imposto médio de 1 611 réis, onde 62.7% (74) não atingia três mil réis. Esta situação e outros indicadores - como seja a baixa percentagem de população eleitora, isto é, a existência de um grande número de indivíduos sem possibilidade de votar, bem como o facto de ser a freguesia que apresenta impostos mais baixos -, parecem estar consonantes com a ideia de que, no conjunto das três unidades administrativas e muito provavelmente na *Gândara*, Quiaios pertencerá ao grupo das freguesias "mais pobres".

No conjunto da amostra, o imposto mais baixo era pago por um *jornaleiro*: 1 080 réis, precisamente em Quiaios, onde no total de população activa o seu número devia ser consideravelmente avultado. Os *pescadores*, apesar de constituirem uma importante comunidade em Mira e Quiaios, eram referidos com pouca frequência e aparecem colectados com impostos bastantes baixos: 1 150 réis e 1 293 réis respectivamente. Não possuíam pois o mínimo de riqueza colectável, à semelhança, de resto, com o que acontecia com os *jornaleiros*.

Quanto aos impostos mais elevados, à excepção de um *professor* de Mira colectado com cem mil réis, todos os outros eram inferiores a 15 mil. Julgamos, porém, que aquela quantia será relativa ao facto de se tratar de um *proprietário*, pois exercendo apenas a profissão de professor não seria colectado com imposto tão elevado. Em Febres o grupo que correspondia ao valor mais alto, 10 062 réis, era formado pelos *negociantes* com cinco efectivos. Em S. Tomé de Mira cabia aos 45 proprietários o valor médio mais avultado: 14 958 réis. No entanto, o mesmo grupo profissional, constituído por 16 indivíduos, era colectado em Quiaios com um valor consideràvelmente mais baixo: 5 015 réis. Nesta última freguesia, os impostos mais elevados eram pagos por um *cirurgião* e um *farmacêutico*, correspondendo-lhes respectivamente 14 697 e 8 415 réis.

Embora com um significado mais restrito, o imposto médio determinado para cada sector de actividade poderá ser mais um indicador a corroborar a ideia de que a maior parte da população que ocupava a parte Sul do território da *Gândara* se encontrava economicamente em níveis mais baixos.

No conjunto das três freguesias, Quiaios apresenta em termos médios o valor mais baixo (3 334$883), seguida de Febres com 3 488$330 réis; em Mira era de 6 266$194. Será importante realçar que, em relação à distribuição do imposto médio da população abrangida pelo sector primário, Mira apresenta um quantitativo superior a Febres e Quiaios, respectivamente 6 000$750, 1 989$500 e 2185$800. O mesmo não se verifica no sector secundário: em Febres o imposto situava-se em 3 072$500, era em S. Mamede de Quiaios de 1 903$165, em S. Tomé de Mira de 2 258$700. Já no sector terciário a situação é de novo idêntica à registada no sector primário: Mira apresenta o valor médio mais elevado, 10539$133, enquanto em Febres e em Quiaios a população eleitora foi colectada respectivamente com 5 403$000 e 5 913$000 réis.

A concluir julgamos poder afirmar que o cruzamento da informação colhida nas fontes utilizadas - *Recenseamento da População de 1890*, *Registos de Baptismos de 1860-1864* e *Recenseamento Eleitoral de 1876* -, nos permite esboçar uma imagem do tecido social da população gandaresa no final do século XIX, apesar das várias limitações que este tipo de fontes encerram.

A população gandaresa tinha na agricultura a actividade principal. Em alguns pontos, o contacto com o mar está expresso na importância que a pesca adquire. Embora esta, ao nível de concelho, apareça de certa forma diluída, os indicadores encontrados, quer para Mira quer para Quiaios, atribuem-lhe significado na economia local. Todavia, dever-se-ia tratar de uma comunidade economicamente débil, tal como parece concluir-se da sua fraca representatividade nas listas do *Recenseamento Eleitoral*. Além disso os *pescadores* com possibilidade de votar estão colectados, como vimos, com alguns dos impostos mais baixos.

A proximidade da linha de costa traduz-se ainda noutros grupos profissionais. O mais importante deles, excepção feita aos *pescadores*, é sem dúvida o dos *almocreves*. O quantitativo que apresentam na faixa litoral da *Gândara* talvez seja um indício de que a sua importância económica ultrapassava o nível local e adquiria um significado regional.

A *Gândara* "interior" apresentava possivelmente um cenário mais próximo do que foi observado na freguesia de Nossa Senhora das Febres. Isto é, maior concentração da população activa no sector primário, nomeadamente nas actividades agrícolas. Aqui, cabia aos *jornaleiros*, *lavradores* e *seareiros* os maiores efectivos de mão-de-obra.

No conjunto das freguesias em análise, a de S. Mamede de Quiaios parece ser a que se situava, economicamente, no nível mais baixo, e talvez constituisse um reflexo de situação idêntica em todo o Sul do território gandarês. Da circunstância de se apresentar com o menor índice de população eleitora, do avultado quantitativo de *jornaleiros* e *pescadores* que praticamente não constam das listas do *Recenseamento Eleitoral*, do facto de ser nesta freguesia que se observam os impostos médios mais baixos e uma menor diferenciação das profissões, parece poder concluir-se que nela, em termos sociais, predominava uma vasta camada pobre e relativamente homogénea.

Um campesinato numeroso e pobre e uma pequena burguesia rural, que teria nos *proprietários* e *lavradores* os principais representantes, constituiriam sem dúvida os traços mais importantes da estrutura social da população da *Gândara*. No conjunto de todo o território, e se é possível traçar algumas distinções, julgamos ser em Mira que essa pequena burguesia tinha maior expressão.

Finalmente, pensamos poder afirmar que, ao grande surto de crescimento demográfico verificado principalmente a partir do século XVIII, não se observou um correspondente crescimento económico. A ruptura verificada, coincidindo com a abertura de novos horizontes de trabalho, pelo menos durante algum tempo, vai originar, como se verá, um fluxo migratório que tem o Brasil por principal ponto de chegada.

# PARTE II

## - A POPULAÇÃO E A ESTRUTURA DO POVOAMENTO A PARTIR DE 1864 -

## CAPÍTULO I — A ESTRUTURA DEMOGRÁFICA A PARTIR DE 1864

### 1 — A EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO

Com o território praticamente ocupado a *Gândara* passará, durante o período que decorre entre 1864 e 1981, por fases distintas relativamente à dinâmica demográfica, que correspondem em linhas gerais ao comportamento da população portuguesa durante o mesmo espaço de tempo.

A Fig. 36 mostra a evolução da população nas freguesias em que se distribui o território gandarês. A sua análise permite detectar, ritmos diferentes na evolução dos quantitativos populacionais.

Em cada freguesia a curva demográfica parece sugerir um fraco crescimento até 1920-1930, precedido de nítida queda entre 1911 e1920, para cuja explicação concorreram a forte emigração, a epidemia de pneumónica e, com menor importância, as perdas motivadas pela Primeira Guerra Mundial. A partir de 1930 é evidente o acréscimo de população, cujos máximos se situam dum modo geral entre 1940 e 1960. À semelhança do país, regista-se também a diminuição de população entre os anos de 1960 e 1970 ([1]). O rápido aumento dos fluxos emigratórios, agora orientados para a Europa, explica quase completamente a quebra observada no *Recenseamento* de 1970.

Entre 1970 e 1981 não há um padrão no comportamento demográfico dos habitantes da *Gândara*. Se nalguns casos a tendência parece ser idêntica à anterior (Mira, Covões e Febres continuam a perder população), noutras freguesias parece observar-se uma certa recuperação, enquanto em Cadima os quantitativos de população se revelam estacionários.

---

[1] — A população portuguesa sofreu entre 1960 e 1970 um decréscimo de cerca de 150 000 habitantes, devido quase exclusivamente aos fluxos migratórios com destino à Europa.

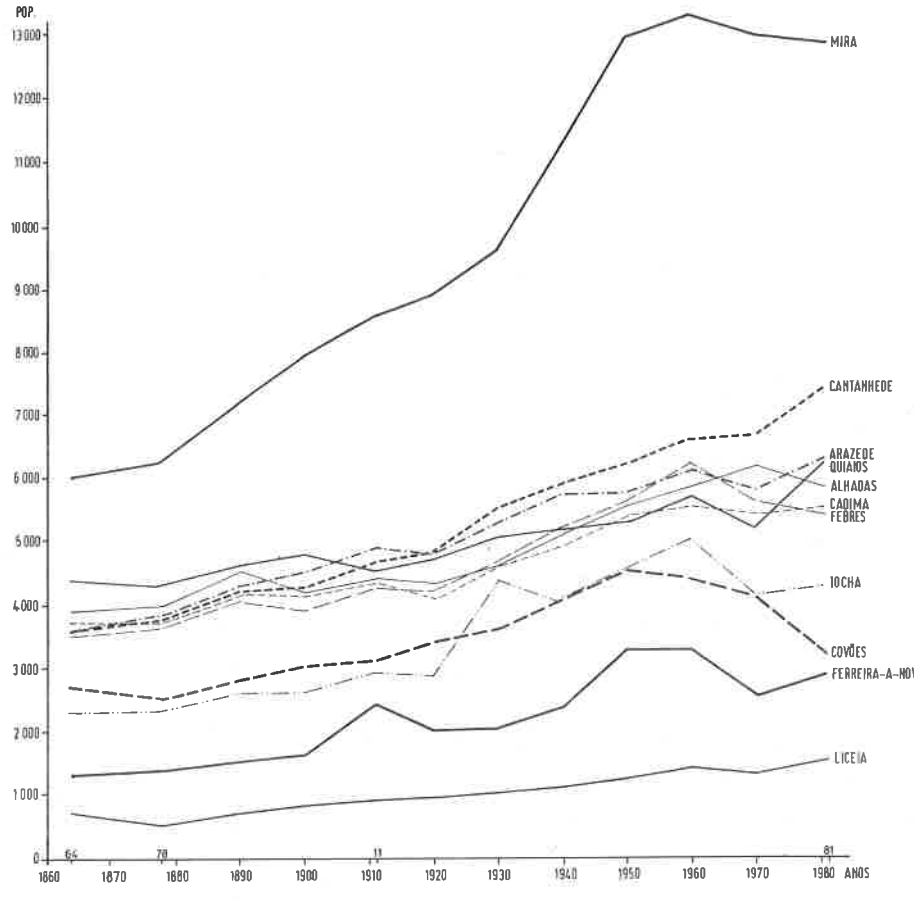



*Fig.36* – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO POR FREGUESIAS
1864-1981

*Fonte:* RECENSEAMENTOS DA POPULAÇÃO

Embora todos os sectores do território tenham apresentado um acréscimo considerável entre 1864 e 1981, nalguns casos superior à variação concelhia, os ritmos demográficos observados em cada área variam consideravelmente durante o período em análise.

A leitura do Quadro 39 permite concluir que entre 1864-1981 as freguesias de acréscimo mais acentuado foram Liceia com 118.5%, Mira com 116.5%, Ferreira-a-Nova com 109.2 % e Tocha 90.1 %. Nas outras áreas o crescimento é significativamente menor: Alhadas 47.6%, Cadima 45.7 % e Nossa Senhora das Febres 54.1 %, S. Mamede de Quiaios 41.3 %.

QUADRO Nº 39 - VARIAÇÃO INTERCENSITÁRIA DA POPULAÇÃO, POR FREGUESIAS, 1864 a 1981, %.

| ANOS | 1864/1878 | | 1878/1890 | | 1890/1900 | | 1900/1911 | | 1911/1920 | | 1920/1930 | | 1930/1940 | | 1940/1950 | | 1950/1960 | | 1960/1970 | | 1970/1981 | | 1864/1981 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| FREGUESIAS | variação absoluta | % | variação absoluta | % | variação absoluta | % | variação absoluta | % | variação absoluta | % | variação absoluta | % | variação absoluta | % | variação absoluta | % | variação absoluta | % | variação absoluta | % | variação absoluta | % | variação absoluta | % |
| Alhadas | +16 | +0.40 | +553 | +13.8 | -271 | -5.95 | +212 | +4.95 | -11 | -0.24 | +141 | +3.1 | +525 | +11.37 | +380 | +7.38 | +317 | +5.73 | +435 | +7.44 | -399 | -6.35 | +1698 | +47.65 |
| Arazede | -171 | -4.64 | +529 | +13.71 | +217 | +4.94 | +317 | +6.88 | -23 | -0.47 | +392 | +8.00 | +421 | +7.96 | - 1 | -0.01 | +417 | +7.30 | -301 | -4.91 | +532 | +9.13 | +2671 | +74.46 |
| Cadima | - 4 | -0.11 | +386 | +10.20 | + 16 | +0.38 | +283 | +6.76 | -301 | -6.74 | +473 | +11.35 | +358 | +7.72 | +405 | +8.10 | +183 | +3.39 | -170 | -3.04 | +104 | +1.92 | +1733 | +45.77 |
| Cantanhede | -229 | -5.8 | +549 | +14.68 | + 28 | +0.65 | +438 | +10.14 | + 53 | +1.11 | +766 | +15.93 | +391 | +7.02 | +274 | +4.59 | +392 | +6.28 | +165 | +2.49 | +703 | +10.34 | +1349 | +21.93 |
| Covões | -170 | -6.25 | +258 | +10.13 | +260 | +9.26 | +101 | + 3.29 | +277 | +8.75 | +162 | +4.71 | +511 | +14.17 | +437 | +10.61 | - 99 | -2.17 | -259 | -5.81 | -851 | -20.29 | + 625 | +22.95 |
| Febres | +119 | +3.39 | +498 | +13.73 | -130 | -3.15 | +369 | +9.24 | -124 | -2.84 | +539 | +12.75 | +462 | +9.69 | +549 | +10.50 | +441 | +7.63 | -534 | -8.59 | -282 | - 4.96 | +1897 | +54.10 |
| Fer.-a-Nova | + 22 | +1.6 | +130 | + 9.30 | +119 | +7.79 | +1339 | +81.35 | -962 | -32.22 | + 55 | +2.72 | +350 | +16.84 | +939 | +38.67 | - 42 | -1.25 | -775 | -23.31 | +327 | +12.82 | +1502 | +109.23 |
| Liceia | -176 | -24.37 | +203 | +37.18 | + 54 | +7.21 | + 107 | +13.33 | + 20 | +2.19 | + 88 | +9.46 | +172 | +16.90 | +106 | +8.91 | +130 | +10.03 | - 56 | - 3.93 | +208 | +15.18 | + 856 | +118.56 |
| Mira | +357 | +5.94 | +912 | +14.31 | +686 | +9.42 | +541 | +6.79 | +420 | +4.93 | +697 | +7.81 | +1772 | +18.41 | +1553 | +13.62 | +432 | +3.33 | -209 | - 1.56 | -152 | -1.15 | +7009 | +116.54 |
| Quiaios | -122 | -2.76 | +308 | + 7.15 | +193 | +4.18 | -210 | -4.37 | +129 | +2.81 | +350 | +7.41 | + 160 | 3.15 | + 88 | +1.68 | +462 | +8.68 | -535 | - 9.25 | +1007 | +19.18 | +1830 | +41.33 |
| Tocha | + 26 | +1.13 | +319 | +13.69 | + 37 | +1.19 | +300 | +11.17 | - 55 | -1.84 | +1516 | +51.74 | - 902 | -20.28 | + 988 | +27.06 | +487 | +10.75 | -899 | -17.91 | + 259 | +6.27 | +2076 | +90.14 |

FONTE: *Recenseamentos da População. [...].*

Destes valores afasta-se Arazede com 74.4%, bem como Cantanhede e Covões onde o índice de crescimento foi ainda mais baixo: respectivamente 21.9 % e 22 9 %., (cfr. Quadro V).

Uma análise de maior pormenor permite detectar ao longo do tempo as variações registadas.

O período decorrido entre 1864 e 1920 é marcado por grandes oscilações da curva evolutiva. Em Alhadas, o acréscimo mais acentuado situou-se entre 1878-1890 com mais 553 indivíduos (13.8 %). Nos outros períodos as variações ou se manifestam por ligeiros acréscimos (1864-1878=0.40%; 1900-1911=4.9 %) ou então por perdas de população. Entre 1890-1900 diminui 0.2 %, isto é 11 habitantes.

A freguesia de Arazede apresenta também variações significativas. À semelhança de Alhadas foi entre 1878-1890 que se observou o maior crescimento percentual, 13.71%, enquanto entre 1890-1900 e 1900-1911 é ligeiramente inferior: respectivamente 4.9% e 6.8% Entre 1864-1878 e 1911-1920 o crescimento é negativo. No primeiro período de - 4.6% e no segundo -0.5 %.

Para Cadima é também o período de tempo que decorre entre 1878 e 1890 o que revela maior acréscimo: mais 10.2% (386 indivíduos). Seguem-se os anos de 1900 a 1911 com um aumento de 6.7 % (283). Entre 1864-1878 houve uma perda de 0.1% e entre 1911-1920 uma diminuição maior, 6.7%, que corresponde a menos 301 indivíduos.

A tendência evolutiva da freguesia de Cantanhede alinha na generalidade, pelo que se observou nas áreas anteriores. A emigração para o Brasil e a crise vinícola motivada pela filoxera, explicam em grande parte os valores encontrados para os anos que decorrem entre 1864-1878. Esta freguesia perde 229 indivíduos (-5.8%), diminuição que justificará em parte, tal como nas outras áreas geográficas, o acréscimo entre 1878-1890 de 540 habitantes que correspondem a 14.6 %. No período intercensitário subsequente o crescimento foi de 0.6 %; entre 1900-1911 situou-se acima, 10.1 % (438), enquanto entre 1911-1920 o aumento cifrou-se apenas em 1.1 % (53). Embora não revele, neste período, a perda que se verificou no país, o índice de crescimento foi relativamente baixo.

A freguesia de Covões mostra também até 1920, um comportamento semelhante, embora se possam detectar menores oscilações na curva que o define. O primeiro período analisado (1864-1878) é o único em que perde população, -6.2 % (170), enquanto nos seguintes se regista sempre acréscimo que apresenta, no entanto, ritmos diferentes. Entre 1878-1890 aumenta 10.1 % (258 hab.), durante os anos que decorrem entre 1890-1900 o acréscimo é de 9.2 % isto é, mais 260 indivíduos, enquanto a variação intercensitária de 1900 a 1911 é de 3.2 % (101), para se situar em 8.7 % (277) entre 1911-1920.

Ao contrário do padrão geral, Febres revela um acréscimo de população entre 1864-1878 de 3.3%; equivale isso a um aumento de mais 119 habitantes, que ainda se torna mais significativo nos anos posteriores. A variação entre os *Recenseamentos* de 1878 e 1890 foi de mais 13.7%, que corresponde a 498 indivíduos. Todavia, entre 1890-1900 e 1911-1920 perde população, respectivamente -3.1% (130) e -2.8 % (124). As freguesias de Ferreira-a-Nova e Tocha, onde desde 1864 a 1911 a população evoluiu sempre segundo uma linha ascendente, revelam também dinâmicas diferentes. No primeiro caso, o acréscimo mais acentuado verifica-se entre 1900-1911, 81.3 % (1339), e é sensivelmente inferior nos outros intervalos intercensitários de 1864 a 1878 sobe 1.6% (22), de 1878 a 1890 9.3% (130), para se situar em 7.7 % (119) entre 1890-1900.

À semelhança de quase todas as freguesias gandaresas, a Tocha apresenta no período em causa (1864-1920) também a máxima expansão demográfica entre 1878-1890. Para os outros anos considerados, merece realce o aumento de 11.7% (300) entre 1900-1911, enquanto 1.1 % (26) em 1864-1890 e 1.4 % (37) em 1890-1900 reflectem o fraco crescimento operado nesses anos. Entre 1911-1920 observa-se uma perda de 55 pessoas (-1.8%); significa isso possivelmente que o saldo fisiológico não conseguiu compensar a elevada mortalidade motivada pelo surto de pneumónica.

A freguesia de S. Tomé de Mira é a única onde se regista um acréscimo demográfico entre 1864-1920. Entre 1864-1878 o aumento é de 5.9 %, isto é, mais 357 habitantes; no período seguinte a subida é ainda maior, aliás a mais elevada até 1920, relativamente ao período intercensitário anterior, aumenta 14.3 % , isto é, 912 indivíduos. Entre 1890-1900 a variação da evolução da população reflecte um crescimento de 9.4 % (686); no período decorrido entre 1900-1911 mostra uma subida de 6.7% (571). Ao contrário da generalidade das outras freguesias, Mira não perdeu população entre 1911-1920, mas aumenta 4.9 %, isto é, 420 indivíduos. Como veremos, este facto deve interligar-se com a atracção exercida pelo núcleo piscatório da praia, que entretanto se começara a desenvolver.

Nos anos decorridos entre 1864 e 1920, a freguesia de S. Mamede de Quiaios revela significativas oscilações em relação aos ritmos de crescimento, para além de ser no conjunto das áreas analisadas, aquela onde este parece ter sido menor.

De qualquer modo, é também entre 1878-1890 que o acréscimo é mais acentuado: 7.1 % (308). Em relação aos outros anos, a variação foi negativa entre 1864-1878 e entre 1900-1911. No primeiro caso perde 122 indivíduos (-2.7 %) e no segundo 210 (-4.3%). Nos outros períodos a variação cifra-se em mais 4.1% (193) entre 1890-1900, enquanto entre 1911-1920 o acréscimo foi ligeiramente inferior: 2.8 % (129).

Assim parece poder concluir-se que o comportamento demográfico, observado nas onze freguesias entre 1864 e 1920, revela em termos gerais um padrão comum: terá sido um

período marcado por oscilações da curva que o define, sem grandes expansões demográficas, e cujas taxas de variação reflectem também fenómenos que afectaram a dinâmica de quase toda a população portuguesa: emigração, pneumónica e Primeira Grande Guerra.

Parece-nos, no entanto que a freguesia de Mira merece uma análise particular, já que os valores apresentados sugerem uma evolução diferente. Trata-se, segundo cremos, duma situação localizada, que deverá "mascarar" um comportamento que terá sido idêntico ao observado na *Gândara* . Apenas o aglomerado da Praia seria excepção nesta área (cfr. RAQUEL SOEIRO DE BRITO 1960 a, pags. 33-35). Parece pois poder inferir-se que o aumento demográfico que os números traduzem se fez em grande parte à custa do crescimento do recente núcleo piscatório. Com um poder atractivo muito superior aos restantes lugares da freguesia, não é difícil supor que a maior parte dos 357 indivíduos, correspondentes ao acréscimo verificado, tenha sido recenseada em Palheiros de Mira.

Se os quase sessenta anos que englobam a época analisada podem ser caracterizados por uma evolução demográfica marcada por anos de crescimento e anos de perda de população, o período que abrange os trinta anos seguintes é marcado por uma nova e importante fase na dinâmica demográfica gandaresa.

Numa primeira análise (cfr. Quadro 39) verifica-se que, à excepção de Arazede com menos 1 habitante entre 1940-1950 e Tocha com uma perda de 902 indivíduos entre 1930-1940, nenhuma outra freguesia perde população, o que parece significar que se atingiram elevados valores da taxa de natalidade, enquanto a taxa de mortalidade iniciava uma curva descendente. É, de resto, do comportamento destas duas variáveis que depende em grande parte o crescimento demográfico já que a *Gândara* não é nesta época um território de atracção demográfica.

Julgamos, que o período correspondente às décadas de 30, 40 e 50 marca, em termos de crescimento demográfico, a última e importante fase na ocupação do território gandarês. Como se verá, em 1950 a densidade populacional média das freguesias em análise atinge 110 ha/Km 2, e em 1960 sobe para 115, valor que segundo as informações disponíveis não voltou a ser atingido (Quadro 40). Entre 1930-1940, exceptuando S. Mamede de Quiaios com um acréscimo de 3.15%, todas as outras freguesias registam um aumento superior a 7%; Covões, Ferreira-a-Nova, Liceia e Mira atingem até valores bastante mais altos: respectivamente 14.7% (511), 16.8 % (350), 16.9% (172) e 18.4 % (1772).

A década seguinte é também marcada por um importante surto de crescimento. Covões, Febres, Ferreira-a-Nova, Mira e Tocha apresentam índices superiores a 10%, devendo realçar-se os 38.6 % observados em Ferreira e os 27.8 % na freguesia da Tocha. O aumento verificado em S. Tomé de Mira revela-se também significativo: 13.6 %, mais 1553

indivíduos. À semelhança do sucedido para o final do século XIX, julgamos também que uma parte daquele quantitativo se relacionará com o núcleo da Praia. Segundo a autora de *Palheiros de Mira*, o maior desenvolvimento verifica-se "a partir do segundo quartel deste século". Embora nesta época o crescimento se tenha operado principalmente à custa da população do mesmo concelho e portanto da freguesia de S. Tomé de Mira, é provável que aí tenha ocorrido uma maior taxa de natalidade. Além disso, o desenvolvimento daquele centro piscatório, terá atraído população doutros concelhos, embora sem atingir os quantitativos observados no final do século anterior.

A variação dos efectivos demográficos entre 1950 e 1960 deixa já transparecer um novo ciclo. Para além do crescimento ser menos acentuado, algumas freguesias apresentam uma evolução negativa, de que são exemplo Covões -2.1 % (99) e Ferreira-a- Nova -1.2 % (42). Nas áreas onde a evolução é positiva, apenas Liceia e Tocha apresentam um valor praticamente igual a 10%: a primeira com um aumento de 10.0 % (130) e a segunda de 10.7 % (475). Nos outros sectores o crescimento situa-se entre 3% e 8%.

A década de sessenta será marcada, à semelhança de quase todo o território nacional, por um novo e importante surto de emigração. Sem nunca ter deixado de se manifestar desde o final do século XIX, afectará dum modo significativo toda a estrutura demográfica gandaresa. A quebra que se começa a vislumbrar entre 1950-1960 (cfr. Fig. 36 e Quadro 39) torna-se uma realidade entre 1960-1970. À excepção de Alhadas e Cantanhede, todas as freguesias perdem população, devendo realçar-se Covões -5.8 % (259), Febres -8.5 % (534), Ferreira-a-Nova -23.3 % (775), Quiaios -9.2 % (535) e Tocha com menos 899 habitantes (17,9%). É evidente que estes quantitativos não se devem apenas à emigração. As perdas motivadas pelas saídas em direcção a outras áreas do território nacional terão sido também uma das causas do crescimento negativo. Todavia, o seu valor quase perde significado, em função do elevado número de indivíduos que abandonou o país.

Entre 1970-1981 o comportamento demográfico apresenta-se diversificado. Se nalguns casos os números sugerem uma recuperação relativamente à década anterior, noutros continua a verificar-se uma perda de população, que atinge em Covões, Febres e Alhadas valores acentuados: respectivamente -20.2 % (851), - 4.9 % (282) e -6.3 % (399) indivíduos. Também a freguesia de S. Tomé de Mira perde população: -1.15%, isto é, menos 152 habitantes. Se este índice não é por si elucidativo, julgamos, no entanto, que ele adquire algum significado, já que se trata duma área onde só a partir de 1960 se verificam quebras relativas aos quantitativos demográficos, parecendo dar consistência à ideia de que deve ter sido à custa do aparecimento e efémero desenvolvimento de Palheiros de Mira, que se explicam os valores verificados a partir de 1864.

QUADRO Nº 40—EVOLUÇÃO DA DENSIDADE POPULACIONAL, POR FREGUESIAS, ENTRE 1864 e 1981

| Freguesias | Área ($Km^2$) | 1864 | | 1878 | | 1890 | | 1900 | | 1911 | | 1920 | | 1930 | | 1940 | | 1950 | | 1960 | | 1970 | | 1981 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Pop. T. | D | Pop. T. | D | Pop. T. | D | Pop. T. | D | Pop. T. | D. | Pop. T. | D. | Pop. T. | D. | Pop. T. | D | Pop. T. | D. | Pop. T | D. | Pop. T. | D. | | |
| Alhadas | 39.25 | 3983 | 101.4 | 3999 | 101.88 | 4552 | 115.97 | 4281 | 109.07 | 4493 | 114.47 | 4482 | 114.19 | 4623 | 117.78 | 5148 | 131.15 | 5528 | 140.84 | 5845 | 148.9 | 6280 | 160.0 | 5881 | 149.83 |
| Arazede | 52.72 | 3686 | 69.9 | 3857 | 73.16 | 4386 | 83.19 | 4603 | 87.31 | 4920 | 93.32 | 4897 | 92.88 | 5289 | 100.32 | 5710 | 108.31 | 5709 | 108.3 | 6126 | 116.20 | 5825 | 110.48 | 6357 | 120. 58 |
| Cadima | 53.25 | 3786 | 71.09 | 3782 | 71.02 | 4168 | 78.27 | 4184 | 78.57 | 4467 | 83.88 | 4166 | 78.23 | 4639 | 87.12 | 4997 | 93.84 | 5402 | 101.45 | 5585 | 104.88 | 5415 | 101.69 | 5519 | 103.64 |
| Cantanhede | 62.77 | 3968 | 63.21 | 3739 | 59.57 | 4288 | 68.31 | 4316 | 68.31 | 4316 | 68.76 | 4754 | 75.73 | 4807 | 76.58 | 5573 | 88.78 | 5964 | 95.38 | 6630 | 105.62 | 6795 | 108.25 | 7498 | 119.45 |
| Covões | 35.99 | 2719 | 75.55 | 2547 | 70.77 | 2805 | 77.93 | 3065 | 85.16 | 3166 | 87.96 | 3443 | 95.67 | 3605 | 100.17 | 4116 | 114.36 | 4553 | 126.50 | 4454 | 123.75 | 4195 | 116.56 | 3344 | 92.91 |
| Febres | 34.88 | 3506 | 100.51 | 3625 | 103.92 | 4123 | 118.21 | 3993 | 114.48 | 4362 | 125.05 | 4228 | 121.22 | 4767 | 136.67 | 5229 | 149.91 | 5778 | 165.66 | 6219 | 178.30 | 5685 | 162.98 | 5403 | 154.90 |
| Fer.-a-Nova | 21.16 | 1375 | 64.98 | 1397 | 66.02 | 1527 | 72.16 | 1646 | 77.79 | 2985 | 141.06 | 2023 | 95.60 | 2078 | 98.20 | 2428 | 114.74 | 3367 | 159.12 | 3325 | 157.14 | 2550 | 120.51 | 2877 | 135.96 |
| Liceia | 13.20 | 722 | 54.69 | 546 | 41.36 | 749 | 56.74 | 803 | 60. 8 | 910 | 68.94 | 930 | 70.45 | 1018 | 77.12 | 1190 | 90.15 | 1296 | 98.2 | 1426 | 108.03 | 1370 | 103.79 | 1578 | 119.55 |
| Mira | 122.01 | 6014 | 49.29 | 6371 | 52.22 | 7283 | 59.70 | 7969 | 65. 31 | 8510 | 69.75 | 8930 | 73.19 | 9627 | 78.90 | 11390 | 93.35 | 12952 | 106.16 | 13171 | 107.90 | 13175 | 107.98 | 13023 | 106.74 |
| Quiaios | 112.97 | 4427 | 39.18 | 4305 | 38.11 | 4613 | 40.83 | 4806 | 42.54 | 4596 | 40.68 | 4725 | 41.83 | 5075 | 44.92 | 5235 | 46.34 | 5323 | 47.12 | 5795 | 51.20 | 5250 | 46.47 | 6257 | 55.39 |
| Tocha | 78.88 | 2303 | 29.19 | 2329 | 29.53 | 2648 | 33.57 | 2685 | 34.04 | 2985 | 37.84 | 2930 | 37.15 | 4446 | 56.36 | 3544 | 44.92 | 4532 | 57.45 | 5019 | 63.62 | 4120 | 52.23 | 4379 | 55.51 |
| TOTAL | 672.08 | Dens. Méd. | 68.52 | Dens. Méd. | 64.32 | Dens. Méd. | 73.17 | Dens. Méd. | 74.89 | Dens. Méd. | 85.33 | Dens. Méd. | 81.54 | Dens. Méd. | 89.66 | Dens. Méd. | 98.73 | Dens. Méd. | 110.02 | Dens. Méd. | 115.21 | Dens. Méd. | 108.27 | Dens. Méd. | 110.41 |

PT - População Total
D - Densidade ($h/km^2$)

Fonte: - *Recenseamentos da População* [...].

A freguesia de S. Mamede de Quiaios merece particular atenção. Entre 1970-1981 a curva demográfica reflecte uma variação positiva de 19.1 %, isto é, um acréscimo de 1007 indivíduos. Este valor não significa qualquer alteração na capacidade atractiva de Quiaios, mas justifica-se, por um lado, pelas perdas observadas entre 1960-1970, por outro, com a fixação de indivíduos vindos das ex-colónias. Algumas unidades hoteleiras da Figueira da Foz receberam várias centenas de retornados no momento imediato à sua chegada, alguns acabaram por se fixar no concelho e Quiaios foi a freguesia que recolheu maior número de famílias. Segundo informações prestadas pela Cruz Vermelha da Figueira da Foz foram alojados naquela freguesia cerca de 80 agregados familiares, valor que ajuda a explicar o aumento registado pelo *Recenseamento de 1981* .

Em resumo pode concluir-se que, após a década de 20, se inicia uma nova fase de expansão demográfica prolongando-se até 1950-1960. Embora com ritmos diferentes, a generalidade das freguesias gandaresas apresenta uma certa semelhança relativamente à evolução da curva da população. O cotejo com as variações intercensitárias concelhias, parece revelar que o acréscimo foi maior no território gandarês (Figuras 37 e 38). Por outro lado, as perdas têm maior significado nas freguesias analisadas, donde parece supor-se que os fluxos emigratórios pós 1960 terão afectado, dum modo mais evidente, a *Gândara* do que as freguesias situadas para além desta sub-unidade regional. Este facto sugere que as solicitações do mercado internacional de mão- de-obra tiveram, num primeiro momento, maior impacto nas áreas onde se tinha verificado um rápido crescimento demográfico e onde a estrutura económica não teve capacidade de resposta.

## 1.1 — Elementos Naturais da População

### 1.1.1 — As Fontes

A ausência de informação estatística relativa à evolução da natalidade e da mortalidade por freguesias obrigou-nos a utilizar como fonte de informação o *Registo Civil*. Utilizámos os registos de nascimento e os registos de óbitos; dado que de trata até 1911 de registos paroquiais, contemplanm apenas a população católica. Mesmo os valores recolhidos com base no *Registo Civil* devem merecer, em alguns casos, certa prudência. A partir de meados da década de setenta, observa-se uma quebra brusca no número de nascimentos em algumas freguesias. Embora a natalidade apresente uma tendência para valores cada vez mais baixos, a diminuição observada ultrapassa o padrão geral. Este facto deve-se à circunstância de grande parte dos nascimentos ocorrerem em estabelecimentos de saúde e os nascituros

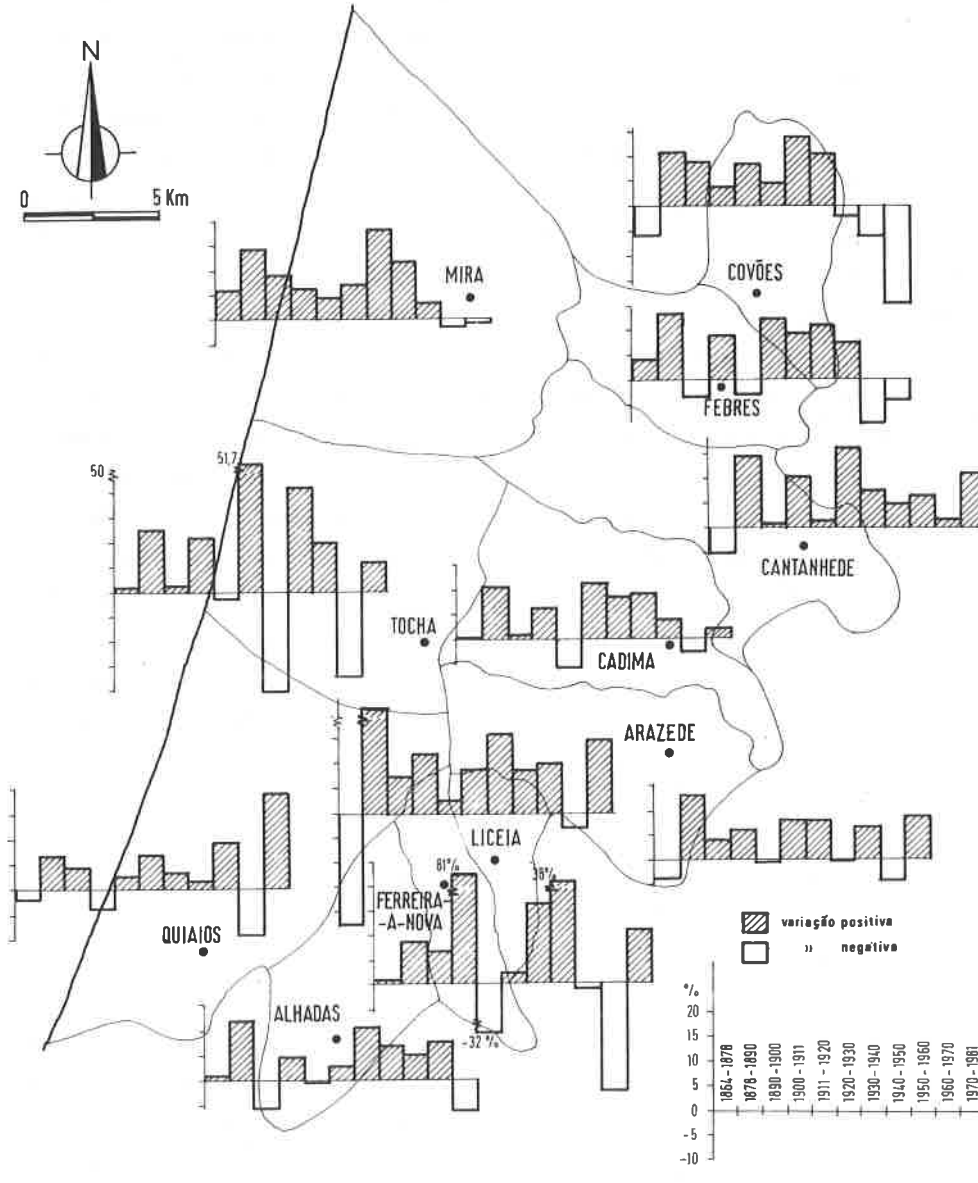



*Fig. 37* — VARIAÇÕES INTERCENSITÁRIAS DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR FREGUESIAS (%)
1864-1981

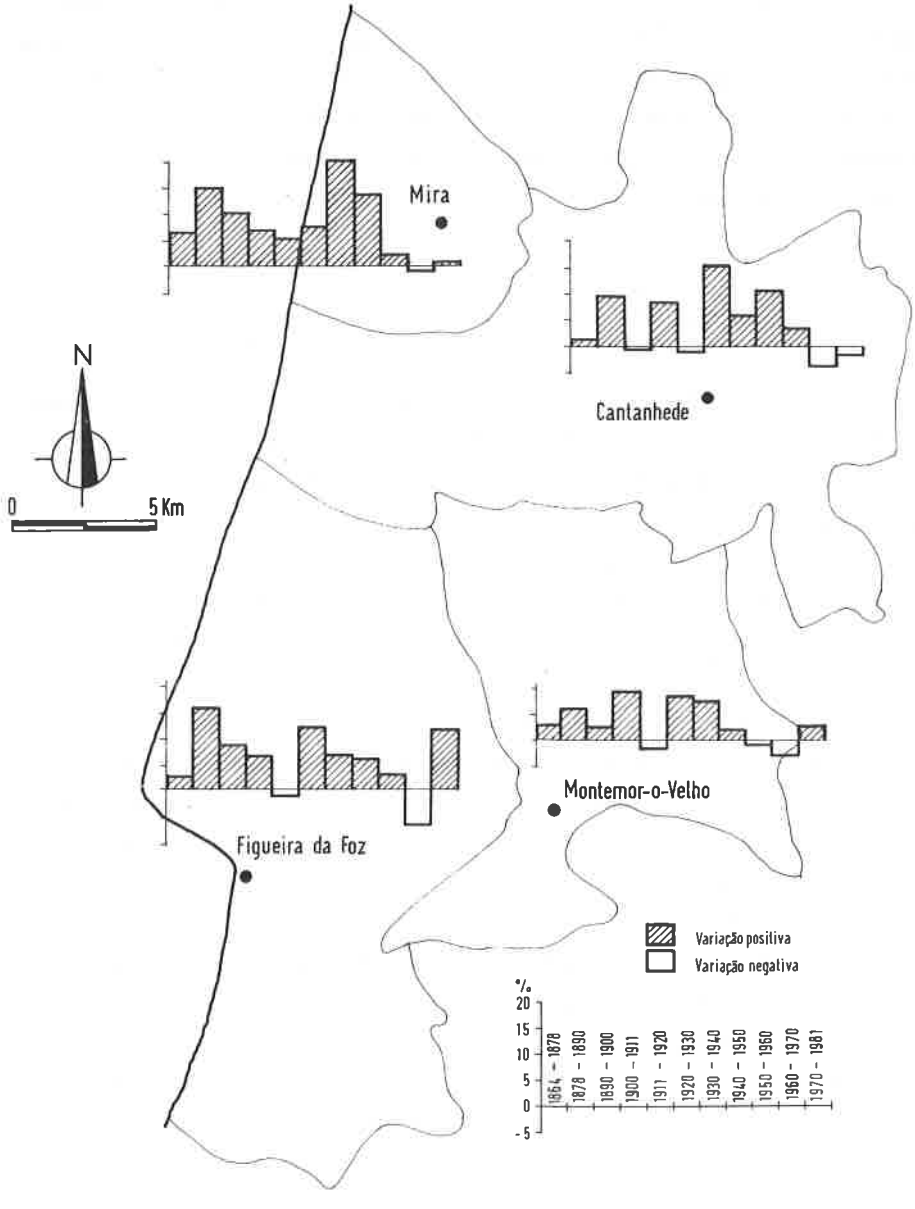



*Fig. 38* — VARIAÇÕES INTERCENSITÁRIAS DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR CONCELHOS (%)
1864 - 1981

terem sido registados no local onde aqueles se localizam. É o que sucede com a freguesia de Cantanhede onde existe uma unidade hospitalar. A partir de 1983 a situação altera-se, já que a naturalidade da criança registada passa a ser obrigatoriamente a da residência da mãe ou do pai, que na maioria dos casos é a mesma([1]). Esta alteração vai provocar, como é evidente, uma modificação na linha evolutiva do número de nascimentos por freguesia. A leitura da Fig. 39 deve merecer, por isso, alguma precaução entre 1970 e 1983.

### 1.1.2 — O Crescimento Natural

Nos Quadros VII e VIII está registado o número de nascimentos e óbitos verificados entre 1864 e 1985 nas onze freguesias em análise. A Fig. 39 permite observar, para além do comportamento daquelas variáveis, também o modo como se tem processado a evolução do saldo fisiológico.

O ano de 1918, marcado pela crise de pneumónica, provocou um elevado número de óbitos em toda a área, superando em todos os sectores o número de nascimentos. Merece, no entanto, realce a freguesia de Arazede, onde morreram 409 indivíduos, contra 162 nascimentos verificando-se por isso, um saldo negativo de 247 indivíduos. Além disso, julgamos também que o final da década de 20 marca o términus de um período demográfico onde as grandes oscilações do ritmo de nascimentos e de óbitos são a característica mais saliente. Dum modo geral, os ritmos de crescimento apresentam uma grande irregularidade, a ponto de em alguns anos se observarem saldos fisiológicos negativos. Às oscilações da mortalidade e natalidade associou-se a forte emigração do final do século XIX e primeiros anos do século XX.

A partir sensivelmente do início dos anos vinte a evolução do número de óbitos e nascimentos deixa transparecer uma dinâmica diferente da população, para além de se detectar uma fase de franca expansão populacional. Para estes factos deverão ter concorrido de forma decisiva a diminuição da taxa bruta da mortalidade e a diminuição da taxa de mortalidade infantil. Além disso, processou-se, como veremos, um recuo da corrente emigratória que desse modo minimizou a sua incidência na estrutura interna da população.

---

[1] — As disposições relativas à competência para lavrar o registo de nascimento, que determinavam que a naturalidade do registando correspondesse à área da Conservatória onde o nascimento tivesse ocorrido não foram alteradas quer pelo *Decreto-Lei* nº 47678, de 5 de Março de 1967, que aprova o *Código de Registo Civil* de 1967 e que matém a orientação dos Códigos anteriores, quer o *Código de Registo Civil* de 1978, aprovado pelo *Decreto-Lei* nº 51/78, de 30 de Março. Só com as alterações introduzidas a este último Código pelo *Decreto-Lei* nº 379/82, de 14 de Setembro, devido ao crescente número de crianças nascidas em estabelecimentos de saúde situados fora da área de residência dos pais, o nº 2 do *Artº* 125 deste diploma refere que, nestas circunstâncias a naturalidade do nascituro corresponda ao lugar de residência habitual da mãe à data do nascimento.

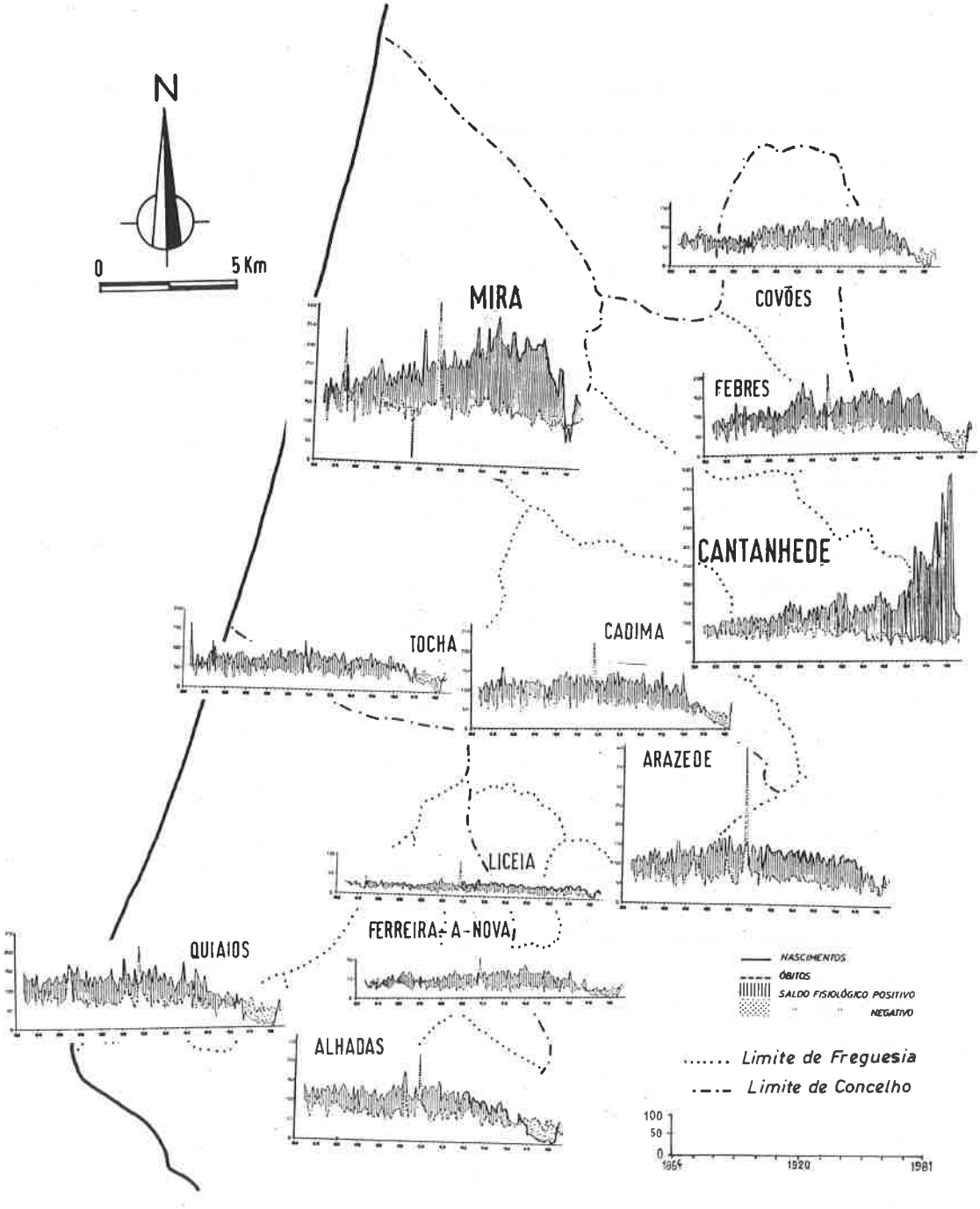



*Fig.39*— EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE NASCIMENTOS, ÓBITOS E SALDO FISIOLÓGICO POR FREGUESIAS 1864-1985

*Fonte:* Quadros VII e VIII

Na freguesia da Tocha observa-se um desvio relativamente ao comportamento geral. Tal como se mostra na Fig. 40, no final da década de 30 e início dos anos quarenta, aumenta a taxa de mortalidade, passando de 10.70‰ para 11.14‰. (cfr. Quadros 41 e 42). A explicação residirá na instalação do Hospital Colónia Rovisco Pais que entrou em funcionamento em 1938, para onde foi encaminhado um significativo número de indivíduos portadores da doença de Hansen (lepra), facto que veio a aumentar os óbitos da freguesia([1]).

A corroborar a expansão demográfica operada na *Gândara* até final dos anos cinquenta, está ao que parece o facto de o crescimento natural médio dos concelhos, de Cantanhede, Figueira da Foz e Montemor-o-Velho, ser menor que no território em estudo.(cfr. Quadros IX e X).

Analisemos o concelho de Cantanhede que pela circunstância de seis das suas doze freguesias se situarem na *Gândara*, adquire maior significado. Entre 1920 e 1930, 77.9% do acréscimo natural daquele concelho situou-se nas freguesias de Arazede, Cadima, Cantanhede, Covões, Febres e Tocha; entre 1930-1940 o índice é ainda maior: (81.2%), para atingir o valor mais elevado na década seguinte: 82%. Entre 1950-1960 observa-se uma ligeira diminuição, 80.9%, que no entanto constitui ainda um valor bem elucidativo do crescimento operado nas freguesias gandaresas. Apesar de a *Gândara* não coincidir com os limites administrativos correspondentes a algumas daquelas áreas, não deixa de ter significado, no conjunto do concelho, o acréscimo demográfico operado naquele território.

Nos concelhos de Montemor-o-Velho e Figueira da Foz os valores não adquirem uma expressão idêntica, porque a sua área administrativa na *Gândara* é consideravelmente inferior. Realce-se que nos referimos apenas ao espaço habitado já que, na freguesia de Quiaios, de 112.97km2, uma extensa faixa é ocupada por matas que pertencem ao foro dos Serviços Florestais. No final dos anos cinquenta e início da década seguinte a evolução do saldo fisiológico deixa transparecer alterações na dinâmica interna da população. A emigração operou modificações na estrutura demográfica, que se reflectem quase de imediato, na diminuição da taxa da natalidade. Em grande parte das freguesias em análise, o número de nascimentos por cada mil habitantes sofre um decréscimo acentuado.

---

[1] — Em 15 de Novembro de 1938 o *Decreto-Lei* n. 29 112 cria a Leprosaria Nacional Rovisco Pais "destinada ao internamento e tratamento de leprosos de ambos os sexos de todo o País, e ao estudo da profilaxia e cura da lepra". Este hospital situa-se na antiga Quinta da Fonte Quente, propriedade dos Crúzios até à abolição das Ordens Religiosas em 1834.(Cfr. M. SANTOS SILVA, 1962). Acrescente-se também, que toda a "região das areias", a Norte da Figueira da Foz, era uma área endémica de lepra. Segundo URIEL SANTOS (1931, pag. 145) "... no concelho da Figueira as dificuldades que se apresentam, mesmo a um leprologo que pretende fazer um censo da lepra derivam de três circunstâncias. Em primeiro lugar a falta absoluta de meios de comunicação na área do concelho mais afectada, que é a que se encontra situada a norte (...) da Serra de Nossa Senhora da Boa Viagem, ou Serra de Buarcos, torna extremamente difícil o acesso às povoações, onde mais se tem difundido a doença...".

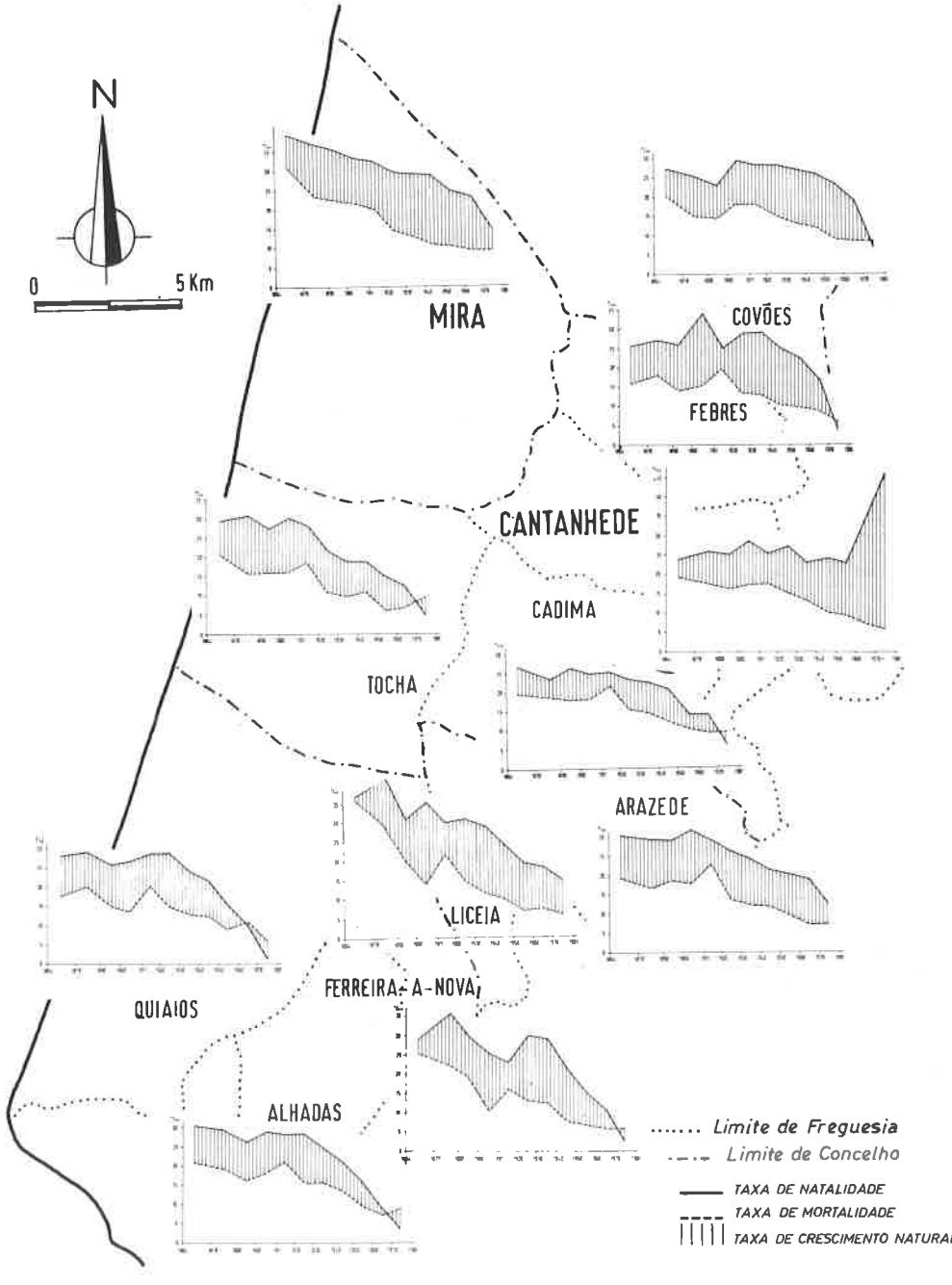



*Fig. 40* – EVOLUÇÃO DAS TAXAS DE NATALIDADE E MORTALIDADE POR FREGUESIAS
1864–1981

FONTE: QUADROS VII E VIII
RECENSEAMENTOS DA POPULAÇÃO

QUADRO Nº 41 –TAXAS DE NATALIDADE (‰) POR FREGUESIAS, DE 1864 a 1981.

| Anos / Freguesias | 1864/78 | 1878/90 | 1890/1900 | 1900/1911 | 1911/1920 | 1920/30 | 1930/40 | 1940/50 | 1950/60 | 1960/70 | 1970/81 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Alhadas | 35.57 | 29.01 | 26.67 | 29.97 | 28.19 | 28.62 | 24.81 | 20.06 | 15.56 | 8.65 | 2.07 |
| Arazede | 31.29 | 29.89 | 29.44 | 32.66 | 28.73 | 26.51 | 24.17 | 22.33 | 20.14 | 19.34 | 12.07 |
| Cadima | 30.65 | 27.42 | 31.00 | 29.19 | 29.80 | 25.82 | 22.77 | 20.52 | 13.89 | 13.89 | 4.44 |
| Cantanhede | 24.91 | 26.41 | 25.33 | 28.95 | 25.14 | 27.93 | 23.78 | 24.84 | 23.70 | 35.08 | 48.4 |
| Covões | 27.72 | 26.15 | 23.06 | 29.72 | 28.32 | 28.34 | 27.94 | 26.30 | 23.78 | 19.07 | 7.6 |
| Febres | 26.08 | 27.62 | 26.36 | 34.63 | 25.42 | 28.68 | 29.13 | 25.58 | 23.55 | 17.22 | 4.54 |
| F.a-Nova | 29.58 | 36.93 | 29.56 | 25.00 | 23.20 | 30.14 | 29.07 | 22.19 | 15.66 | 11.37 | 2.06 |
| Liceia | 37.85 | 42.47 | 32.47 | 35.49 | 30.86 | 31.51 | 29.61 | 24.37 | 19.39 | 18.24 | 15.46 |
| Mira | 39.72 | 37.41 | 36.04 | 34.07 | 32.11 | 28.66 | 27.01 | 27.10 | 23.51 | 22.47 | 15.49 |
| Quiaios | 28.63 | 29.51 | 26.88 | 27.97 | 28.79 | 28.26 | 24.52 | 22.20 | 15.23 | 10.25 | 2.29 |
| Tocha | 29.79 | 31.26 | 27.33 | 30.58 | 28.27 | 22.56 | 19.87 | 19.56 | 15.24 | 12.34 | 5.4 |

Fonte: - *Quadro VII*
- *Recenseamentos da População [...].*

QUADRO Nº 42–TAXAS DE MORTALIDADE (‰) POR FREGUESIAS, DE 1864 a 1981.

| Anos / Freguesias | 1864/1878 | 1878/1890 | 1890/1900 | 1900/1911 | 1911/1920 | 1920/1930 | 1930/40 | 1940/50 | 1950/60 | 1960/70 | 1970-81 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Alhadas | 21.29 | 18.71 | 16.30 | 17.55 | 21.83 | 15.82 | 15.15 | 13.11 | 9.4 | 8.9 | 9.54 |
| Arazede | 19.88 | 16.01 | 18.46 | 15.96 | 23.02 | 14.52 | 12.36 | 12.08 | 9.24 | 8.86 | 7.71 |
| Cadima | 19.02 | 18.11 | 17.72 | 17.10 | 21.77 | 15.44 | 14.32 | 12.69 | 10.19 | 8.91 | 9.33 |
| Cantanhede | 19.20 | 17.44 | 16.04 | 17.19 | 17.15 | 15.03 | 13.52 | 10.16 | 9.48 | 8.49 | 7.42 |
| Covões | 20.51 | 16.44 | 15.33 | 17.33 | 17.24 | 15.60 | 13.73 | 12.69 | 9.99 | 9.71 | 9.55 |
| Febres | 16.82 | 18.32 | 14.78 | 16.75 | 20.25 | 14.67 | 14.21 | 11.99 | 10.0 | 9.74 | 8.29 |
| F.a-Nova | 25.25 | 23.93 | 18.30 | 10.79 | 16.77 | 13.16 | 13.31 | 10.00 | 8.07 | 6.46 | 7.37 |
| Liceia | 36.27 | 29.34 | 20.62 | 14.01 | 23.91 | 15.40 | 12.68 | 10.45 | 7.35 | 7.86 | 6.78 |
| Mira | 30.81 | 24.37 | 23.06 | 21.43 | 19.83 | 14.44 | 12.84 | 11.41 | 10.03 | 9.9 | 9.6 |
| Quiaios | 18.55 | 20.40 | 15.07 | 14.89 | 20.60 | 15.51 | 13.57 | 13.07 | 9.54 | 11.05 | 8.86 |
| Tocha | 21.15 | 16.07 | 16.13 | 16.57 | 17.24 | 12.74 | 10.76 | 11.14 | 8.79 | 12.25 | 10.18 |

Fonte : - Quadro VIII
- *Recenseamentos da População [...].*

Se considerarmos apenas o período até 1970, devido às razões apontadas para explicar a quebra do número de nascimentos por freguesias, a diminuição é mais acentuada em quase todas as áreas em estudo, do que no distrito de Coimbra e no Continente, (cfr. Quadros 43 e XI). Em Alhadas, Covões, Ferreira-a-Nova e Tocha a evolução entre 1950-60 e 1960-70 evidencia quebras consideráveis: respectivamente -6.91%, - 4.71%, - 6.33% , - 4.29%, - 4.98% e -2.9%. Para o mesmo período, ao nível de concelho a perda maior, registou-se em Cantanhede, 2.42%, provavelmente à custa do território em estudo.

A taxa de mortalidade revela também nos últimos anos uma quebra acentuada. A partir do final da década de 50 é quase sempre inferior à observada nos concelhos e no distrito de Coimbra, podendo inferir-se, da conjugação dos dois indicadores demográficos, que a população gandaresa, além de apresentar uma tendência geral para um decréscimo em relação aos seus efectivos, evolui no sentido de um envelhecimento progressivo.

A análise que se fará de seguida, relativa à estrutura etária, vem confirmar que, no território em estudo, a população tem vindo a sofrer um envelhecimento, uma tendência que se acentuou nos últimos anos e cujos índices se situam quase sempre acima dos encontrados nas áreas envolventes.

QUADRO Nº 43-EVOLUÇÃO DAS TAXAS DE NATALIDADE E MORTALIDADE (‰) NOS CONCELHOS, DE 1866 a 1981.*

| ANOS | 1886-1890 | | 1911-1920 | | 1920-1930 | | 1930-1940 | | 1940-1950 | | 1950-1960 | | 1960-1970 | | 1970-1981 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Conc. | Taxa Nat. | Taxa Mort. | Taxa Nat. | Taxa Mort. | Taxa Nat. | Taxa Mort. | Taxa Nat. | Taxa Mort. | Taxa Nat. | Taxa Mort. | Taxa Nat. | Taxa Mort. | Taxa Nat. | Taxa Mort. | Taxa Nat. | Taxa Mort. |
| Canta-nhede | 29.36 | 19.19 | 28.71 | 19.34 | 28.41 | 14.82 | 26.32 | 14.10 | 24.39 | 12.58 | 22.15 | 10.25 | 19.73 | 9.95 | 14.41 | 10.43 |
| Fig. Foz | 34.25 | 22.71 | 27.94 | 20.88 | 26.18 | 16.48 | 21.98 | 14.82 | 18.76 | 12.71 | 20.17 | 10.96 | 19.77 | 11.67 | 17.17 | 12.00 |
| Mira | 36.32 | 22.41 | 32.11 | 19.83 | 28.66 | 11.44 | 27.01 | 12.84 | 27.10 | 11.41 | 23.51 | 10.03 | 22.47 | 9.9 | 15.49 | 9.6 |
| Mont.V. | 32.30 | 23.57 | 28.20 | 19.17 | 26.58 | 13.60 | 24.67 | 13.85 | 19.93 | 12.70 | 16.88 | 10.17 | 15.64 | 10.51 | 12.57 | 11.79 |

* - Entre 1886 e 1890 considerou-se a população média a partir dos *Recenseamentos da População* de 1878 e 1890.

## 2 — A ESTRUTURA ETÁRIA

A informação estatística não contempla em geral a estrutura etária da população desagregada por freguesias. Utilizámos o *Recenseamento de 1878* e os dados disponíveis relativos a 1981. Porque se dispunha de elementos do início do século XIX, 1802, procedeu-se também à sua análise. Embora se trate apenas de população católica e não se possua informação para algumas freguesias, é uma base de comparação importante.

Deve chamar-se a atenção para o facto de as classes etárias do último *Recenseamento* (dados disponíveis) se referirem à população com 12 anos e mais. Esta circunstância levou-nos a considerar apenas uma classe dos 0-14 cuja distribuição por sexos foi elaborada a partir da *sex-ratío* referente à população total. Além disso, há também um desfazamento em relação a alguns grupos etários. Isto é, em 1981 a primeira classe abrange os indivíduos dos 0-14 anos e as sucessivas escalonam-se de 5 em 5 anos; em 1802 e 1878, no entanto, já o primeiro grupo etário se distribui pela população dos 0-15 anos, o que provoca um avanço em relação aos grupos seguintes. Julgamos, todavia, que este desfazamento não interfere de modo significativo na análise da estrutura etária da população. Por outro lado, visto ser possível traçar a evolução relativamente aos concelhos e o de Mira estar na totalidade incluído na *Gândara*, a sua análise permite sem grandes desvios esboçar as linhas gerais que têm comandado a evolução etária da população gandaresa.

A observação das pirâmides etárias relativas aos anos de 1802, 1878 e 1981 (Figs. 41A, 41B e 41C) permite concluir que a população na *Gândara* apresenta uma tendência generalizada para o envelhecimento. Em 1981 a distribuição por grupos etários fez-se segundo um perfil muito próximo do rectângulo: portanto uma distribuição percentual de *jovens*, de *adultos* e de *velhos* bastante próxima. Apenas a primeira classe etária apresenta algum desfazamento. As razões do facto já foram apontadas.

Do comportamento observado desde 1802 pode concluir-se, além disso, que a população tem apresentado dinâmicas diferentes. A diminuição progressivamente operada na classe dos 0-14 anos (ou 0-15 anos) reflecte o decréscimo da taxa de natalidade, que não tem sido compensado pela diminuição da taxa de mortalidade infantil, embora esta tenha sofrido nos últimos anos uma redução significativa. Em Portugal, (MANUELA SILVA, 1986, Quadro 1.4), os valores das taxas de mortalidade infantil passaram de 51.3‰ para 24.3‰, respectivamente entre 1969-1972 e no ano de 1980. Por outro lado, em 1802 todas as pirâmides etárias, e apesar das reservas que os valores devem conter, apresentam perfis que indiciam uma evolução bastante irregular. Os grupos etários não diminuem em correlação com o envelhecimento, mas reflectem um comportamento que terá dependido provavelmente de situações económicas a que eram alheios. Esta situação seria idêntica à generalidade do

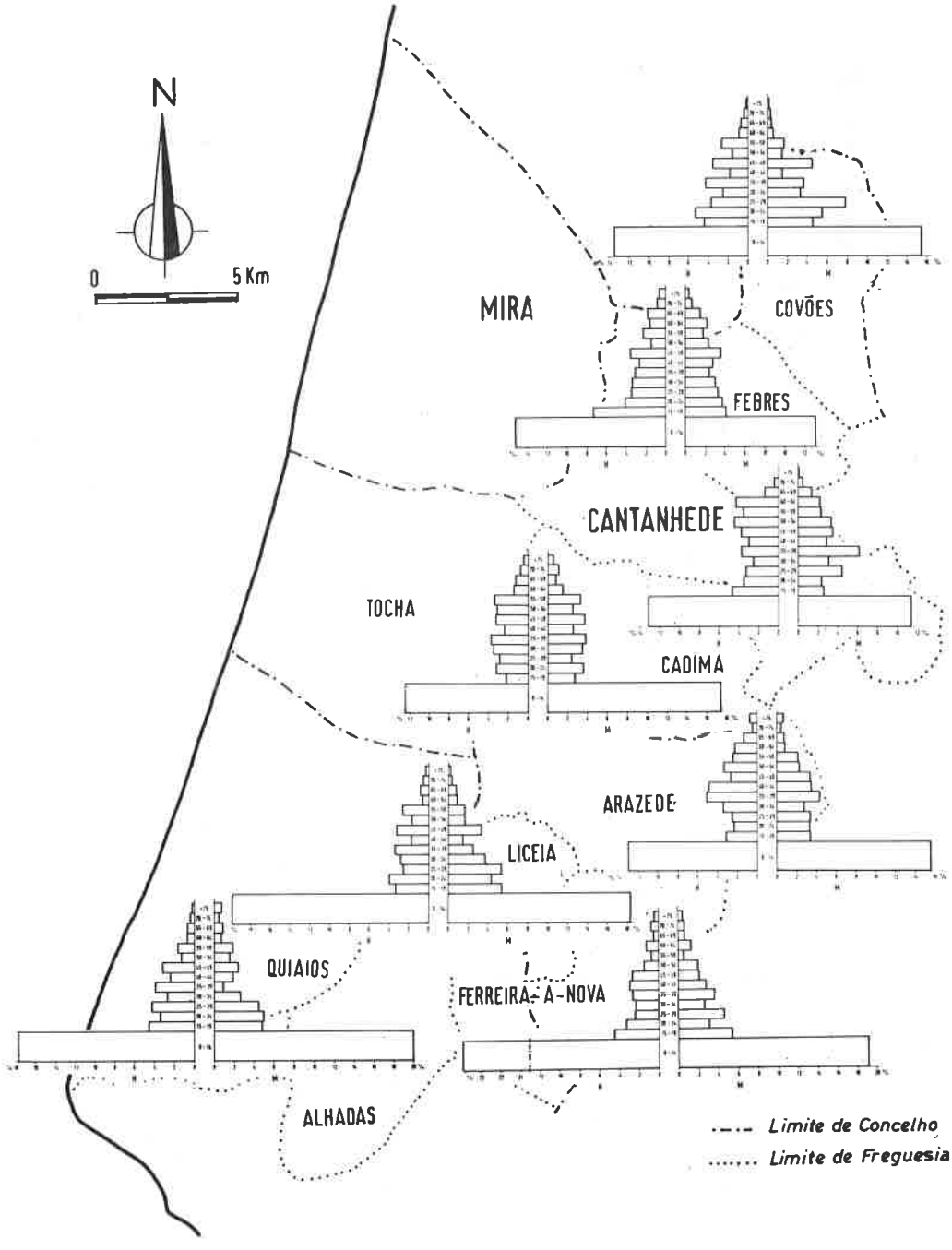



*Fig. 41-A* EVOLUÇÃO DA COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SEXOS E CLASSES ÉTARIAS 1802

*FONTE: A U.C. "Mapas de População" C...]*

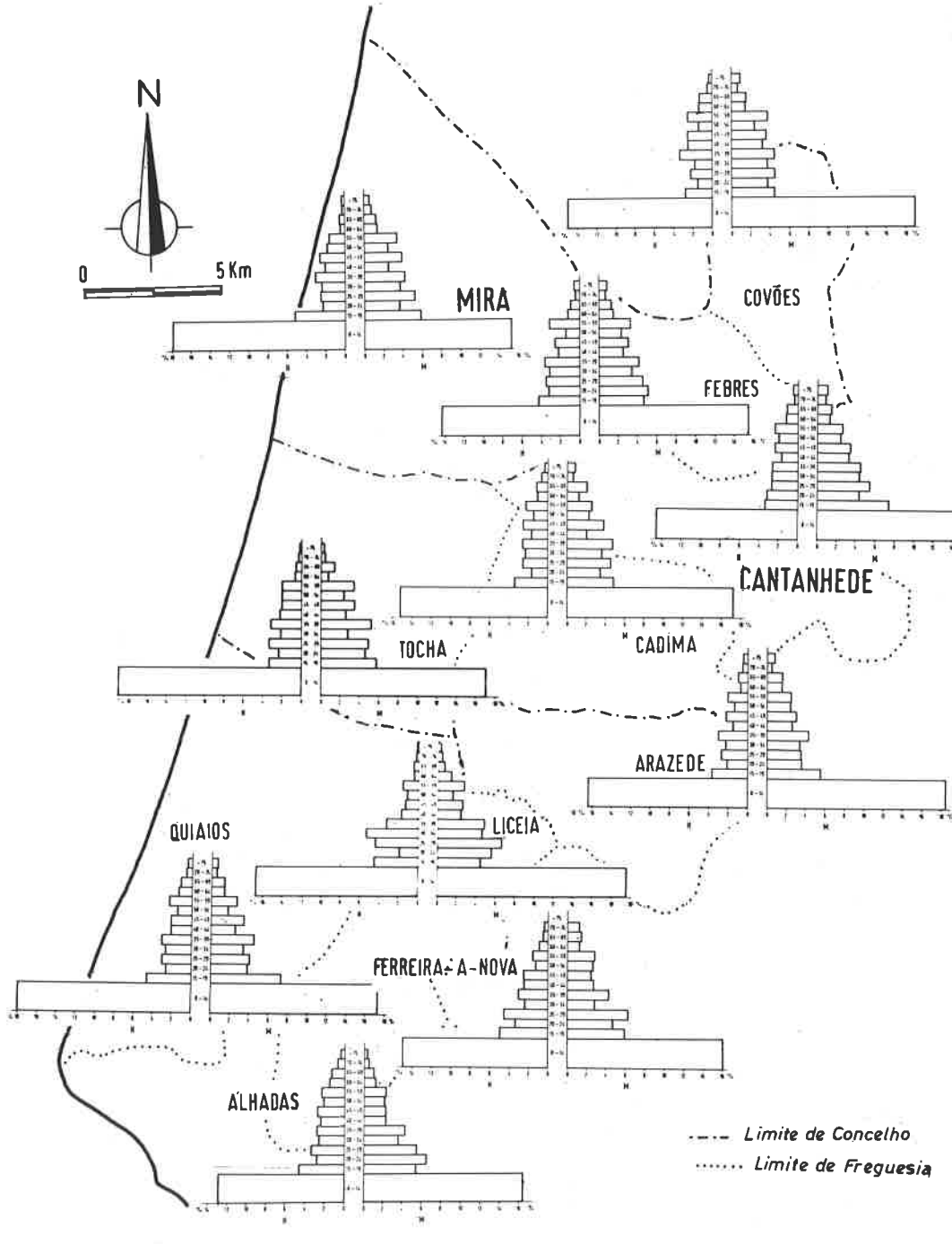



*Fig. 41-B* EVOLUÇÃO DA COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SEXOS E CLASSES ÉTARIAS 1878

*FONTE: Recenseamentos da População — 1878*

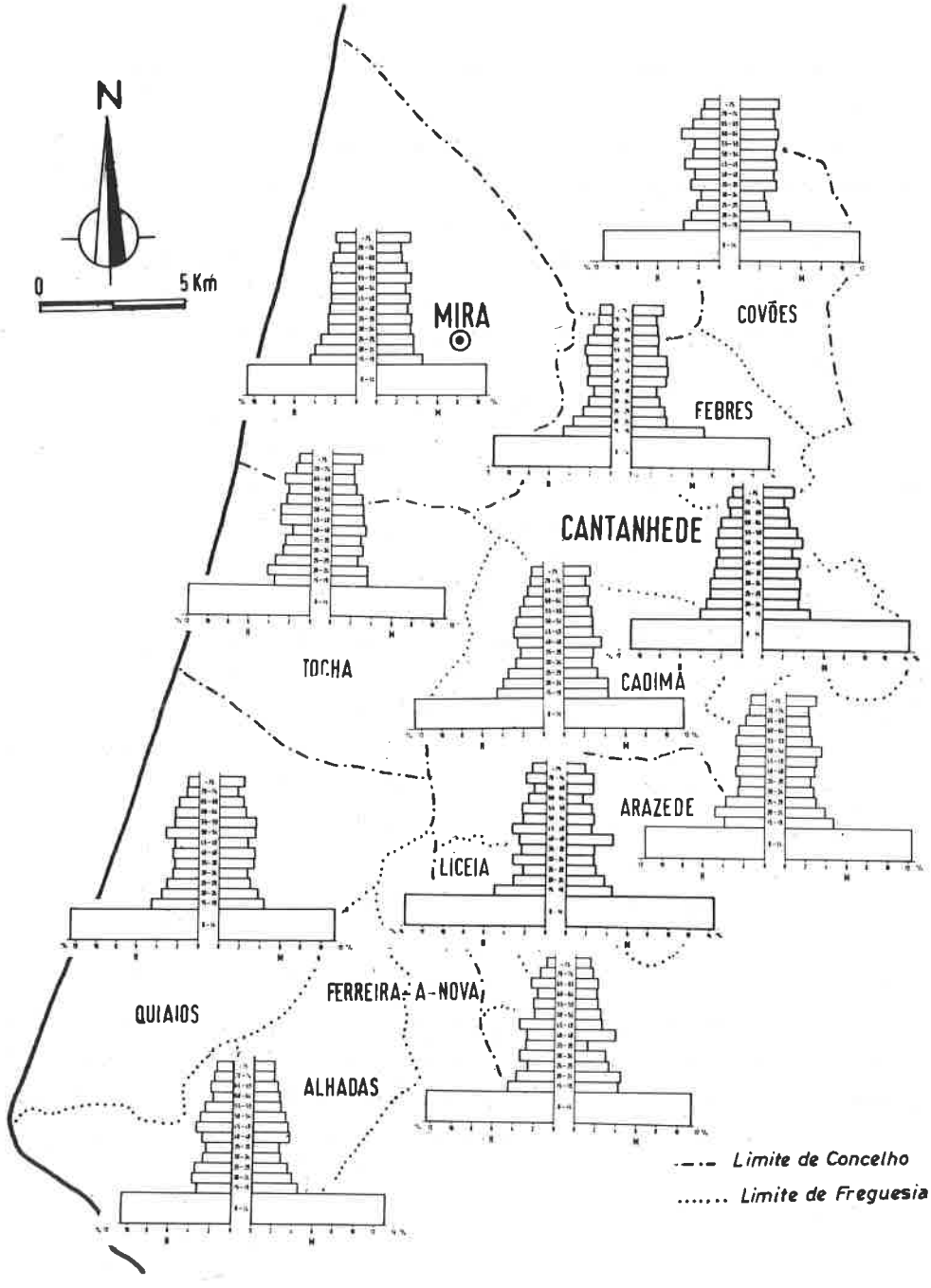



*Fig. 41-C* EVOLUÇÃO DA COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SEXOS E CLASSES ÉTARIAS 1981

FONTE: Recenseamentos da População — 1981

território nacional, e inserir-se-ia nas características do antigo regime demográfico (cfr.M.A.PEREIRA, 1971, pags. 33 e 34).

Pela grande irregularidade evidenciada merece chamar-se a atenção para as pirâmides etárias relativas às freguesias de Arazede, Liceia, Febres e Covões. Além disso é também de realçar a percentagem de jovens (0-25 anos) registada para algumas das áreas em análise. Em Quiaios, Ferreira-a-Nova, Liceia, Febres e Covões, mais de 50% da população tinha idade inferior a 26 anos: respectivamente 60.2%, 56.1%, 51.1% e 50.1% (Quadro 44).

Embora com oscilações menos significativas, as pirâmides etárias referentes ao ano de 1878 expressam em primeiro lugar uma diminuição quase generalizada do número de homens. Aliás, os valores da *sex-ratio* entre 1864 e 1878 (Quadro 45) exprimem bem as perdas operadas no sexo masculino. Em todas as freguesias há uma quebra acentuada daquele indicador, sendo de salientar o baixo valor apresentado pela freguesia de Covões 73.2, bem evidenciado no perfil da pirâmide etária do mesmo ano. Os fluxos emigratórios que, após 1870, afectaram quase todo o território nacional e duma forma particular o Litoral português explicam, em grande parte, o comportamento demográfico observado([1]).

Em 1878 é ainda notória alguma irregularidade observada pelos diferentes grupos etários. Menos nítida que a anterior evidencia ainda a importância da mortalidade em quase todos as classes etárias. Deve-se também registar o peso manifestado pela classe dos 0-15 anos. Apesar da taxa de mortalidade infantil ser bastante elevada, o número de nascimentos por cada mil mulheres ultrapassaria bastante aquele valor; assim se explica a importância daquele grupo etário.

Como já foi referido as pirâmides etárias referentes ao ano de 1981 evidenciam o envelhecimento da população.

A comparação dos diagramas triangulares (Fig. 42) ([2]) mostra a população da *Gândara* por grandes grupos etários que evidenciam algumas diferenciações espaciais. Além disso, distingue-se uma variação importante na composição da população do século XIX, relativamente aos valores de 1981. Em quase todas as freguesias a distribuição dos *jovens* , *adultos* e *velhos* está bem patente na posição progressivamente ocupada no diagrama. Isto é, a tendência geral aponta para a diminuição gradual do grupo dos 0-25 e o aumento do número de indivíduos com mais de 65 anos. Deve realçar-se que, em Ferreira-a-Nova, Covões,

---

1 — Mais adiante, quando tratarmos da mobilidade da população, estudaremos a emigração do final do século XIX.

2 — Não se dispõe de informação relativa a 1802 nas freguesias de Alhadas, Tocha e Mira. Neste último caso cartografou-se toda a informação disponível, pois, como se trata de um concelho, consta dos diversos *Recenseamentos da População*.

QUADRO Nº 44–EVOLUÇÃO (%) DOS JOVENS, ADULTOS E VELHOS, ANOS DE 1802, 1878 e 1981.

| Anos | 1802 | | | 1878 | | | 1981 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Freguesias | 0 - 25 | 26-65 | + 65 | 0-25 | 26-65 | + 65 | 0-25 | 26-65 | + 65 |
| Alhadas | — | — | — | 51.8 | 45.9 | 2.3 | 39.5 | 47.7 | 12.8 |
| Arazede | 43.3 | 52.1 | 4.6 | 53.1 | 35.1 | 11.8 | 40.8 | 45.8 | 13.4 |
| Cadima | 43.9 | 49.6 | 6.5 | 50.6 | 43.7 | 5.7 | 41.4 | 45.3 | 13.3 |
| Cantanhede | 43.4 | 53.2 | 2.9 | 48.6 | 45.2 | 6.2 | 41.1 | 47.4 | 11.5 |
| Covões | 50.1 | 47.1 | 2.8 | 48.4 | 45.8 | 5.8 | 36.8 | 47.1 | 16.1 |
| Febres | 51.1 | 42.8 | 6.1 | 49.5 | 45.6 | 4.9 | 42.9 | 39.7 | 17.4 |
| F.-a-Nova | 59.2 | 38.1 | 2.7 | 52.5 | 44.4 | 3.1 | 40.9 | 43.3 | 15.8 |
| Liceia | 56.1 | 36.7 | 7.2 | 53.2 | 45.6 | 1.2 | 45.8 | 42.5 | 11.7 |
| Mira | — | — | — | 49.8 | 44.8 | 5.4 | 41.3 | 45.8 | 12.9 |
| Quiaios | 60.2 | 36.8 | 3.0 | 51.9 | 46.0 | 2.1 | 41.5 | 47.1 | 11.4 |
| Tocha | — | — | — | 52.3 | 43.9 | 3.8 | 39.0 | 48.4 | 12.6 |

Fonte: *Quadros, XII, XIII e XIV.*

QUADRO Nº 45 - EVOLUÇÃO DA SEX-RATIO POR FREGUESIAS, 1864 a 1981.

| Freguesias \ Anos | 1864 | 1878 | 1890 | 1900 | 1920 | 1930 | 1940 | 1960 | 1970 | 1981 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Alhadas | 94.6 | 86.5 | 89.8 | 91.5 | 83.0 | 88.38 | 86.5 | 94.1 | 93.3 | 87.9 |
| Arazede | 91.3 | 84.1 | 84.6 | 79.9 | 78.9 | 79.4 | 82.8 | 89.3 | 83.7 | 92.1 |
| Cadima | 90.9 | 82.5 | 87.8 | 81.9 | 75.2 | 81.2 | 80.7 | 88.1 | 89.0 | 89.5 |
| Cantanhede | 84.9 | 80.1 | 82.6 | 79.7 | 81.8 | 80.5 | 82.7 | 87.9 | 91.4 | 89.1 |
| Covões | 87.1 | 73.2 | 78.7 | 77.4 | 80.3 | 78.4 | 82.6 | 68.7 | 78.1 | 83.9 |
| Febres | 93.9 | 91.0 | 93.5 | 88.9 | 80.9 | 81.3 | 83.5 | 85.8 | 82.5 | 82.0 |
| F.-a-Nova | 97.5 | 91.6 | 88.5 | 95.4 | 82.5 | 82.1 | 87.6 | 85.8 | 98.4 | 92.1 |
| Liceia | 83.2 | 77.9 | 85.3 | 88.1 | 90.5 | 93.1 | 87.9 | 97.7 | 82.5 | 92.9 |
| Mira | 89.7 | 84.6 | 85.2 | 81.2 | 82.2 | 82.3 | 84.0 | 84.5 | 84.4 | 90.1 |
| Quiaios | 93.2 | 87.0 | 91.6 | 85.1 | 81.2 | 82.8 | 81.3 | 89.8 | 90.9 | 90.0 |
| Tocha | 89.7 | 80.9 | 80.9 | 71.6 | 72.8 | 77.3 | 78.3 | 87.8 | 83.5 | 103.3 |

Fonte: *Recenseamentos da População* [...].

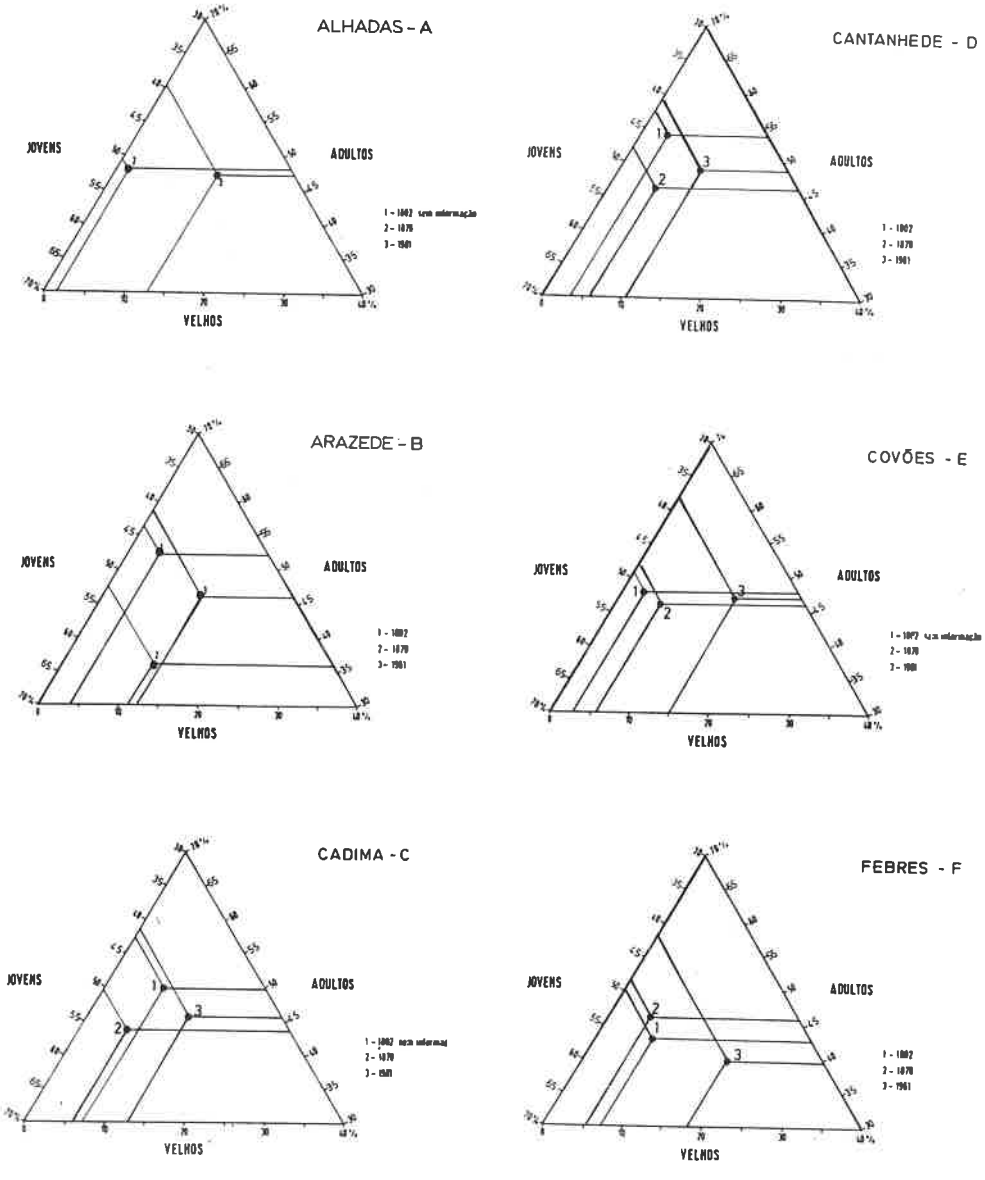



FIG. 42 - Evolução da composição da população por grandes grupos etários, por freguesias (%), 1802, 1878 e 1981.

FONTE: QUADRO XVIII

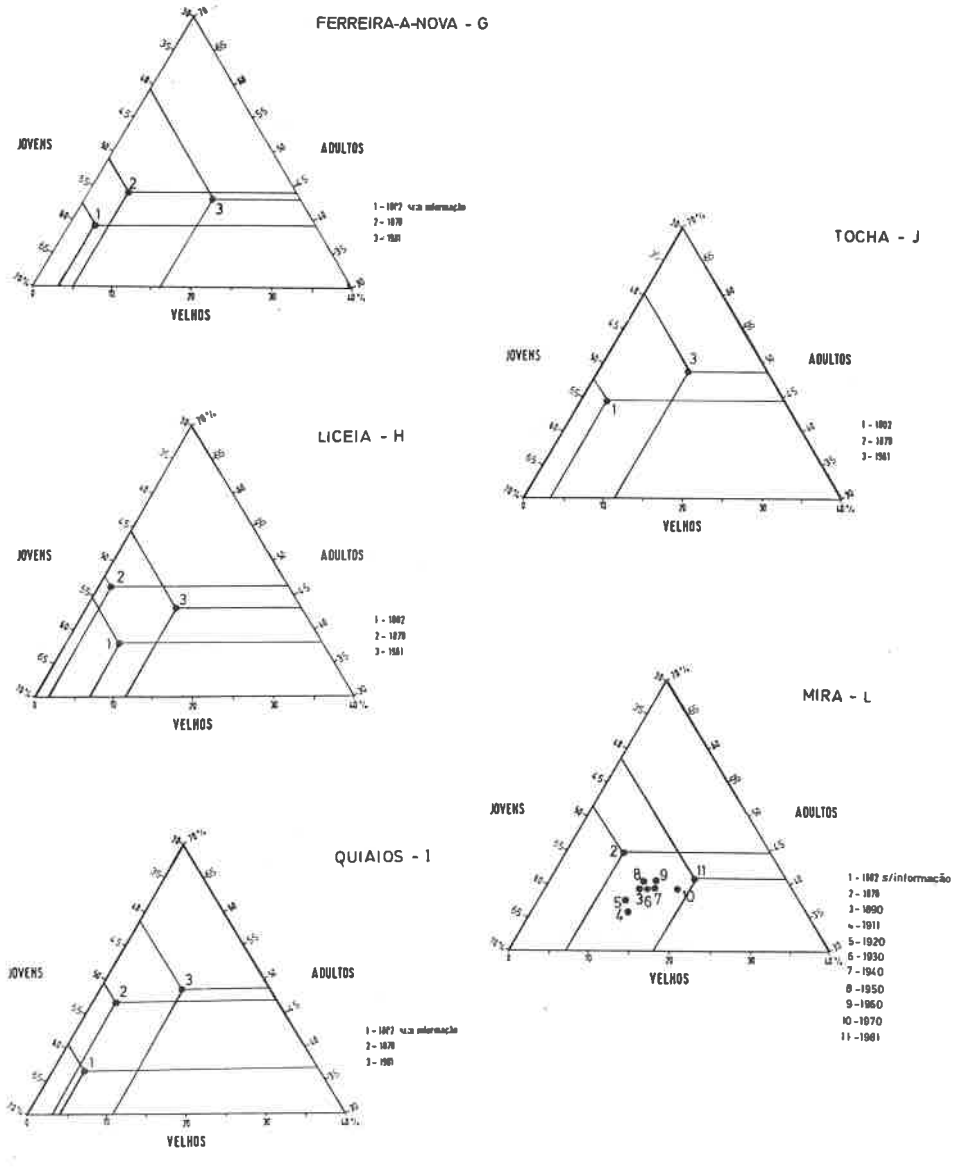



FIG. 42 - Evolução da composição da população por grandes grupos etários, por freguesias (%), 1802, 1878 e 1981.

FONTE: QUADRO XVIII

Febres, a percentagem de *velhos* em 1981 ultrapassou os 15%, atingindo na última freguesia quase 20%.

O confronto com os indicadores concelhios (Figs. I, II e III) mostra que, em algumas freguesias da *Gândara* , o envelhecimento é mais acentuado, pois a par de uma percentagem elevada de *idosos* , apresenta um baixo quantitativo de *jovens* . Esta situação é particularmente importante em Covões, em Ferreira-a-Nova e em Febres. De resto, a leitura da Fig. 43 e do Quadro 46, permite concluir que Covões é a freguesia onde o índice de

QUADRO Nº. 46 - ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO E RELAÇÃO DE SUBSTITUIÇÃO , 1981.

| Áreas Geográficas | | Indice Envelhecimento | Relação Substituição |
|---|---|---|---|
| Freguesias | Alhada | 52.4 | 1.14 |
| | Arazede | 55.3 | 1.24 |
| | Cadima | 48.7 | 1.47 |
| | Cantanhede | 47.3 | 1.24 |
| | Covões | 74.5 | 0.87 |
| | Febres | 48.3 | 1.18 |
| | F.-a-Nova | 44.5 | 0.55 |
| | Liceia | 36.5 | 1.25 |
| | Mira | 52.6 | 1.30 |
| | Quiaios | 35.7 | 1.24 |
| | Tocha | 59.3 | 1.43 |
| Concelhos | Cantanhede | 54.5 | 1.25 |
| | Fig. da Foz | 57.0 | 1.25 |
| | Mira | 52.6 | 1.30 |
| | Montemo-Velho | 68.1 | 1.09 |
| Distrito | Coimbra | 55.6 | 1.60 |

* - As informações referentes à estrutura etária por freguesias foram fornecidas pelo I.N.E.

Fonte: *Recenseamento da População* de 1981.

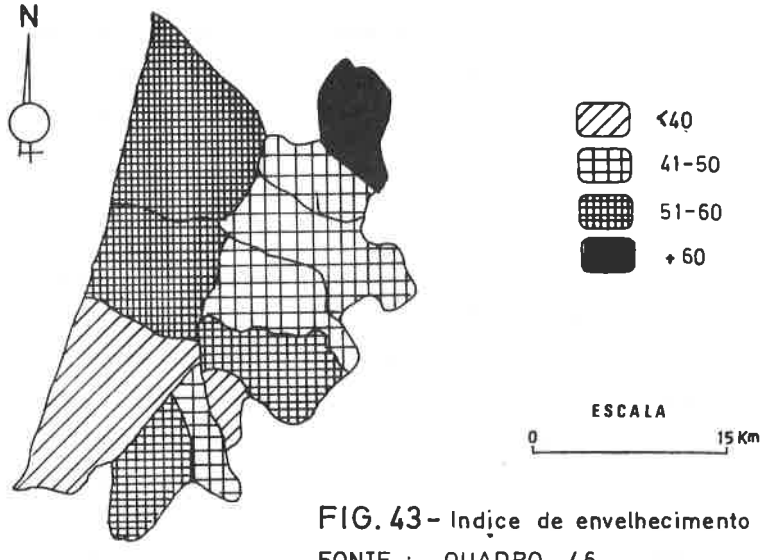



FIG. 43 - Indice de envelhecimento 1981
FONTE : QUADRO 46

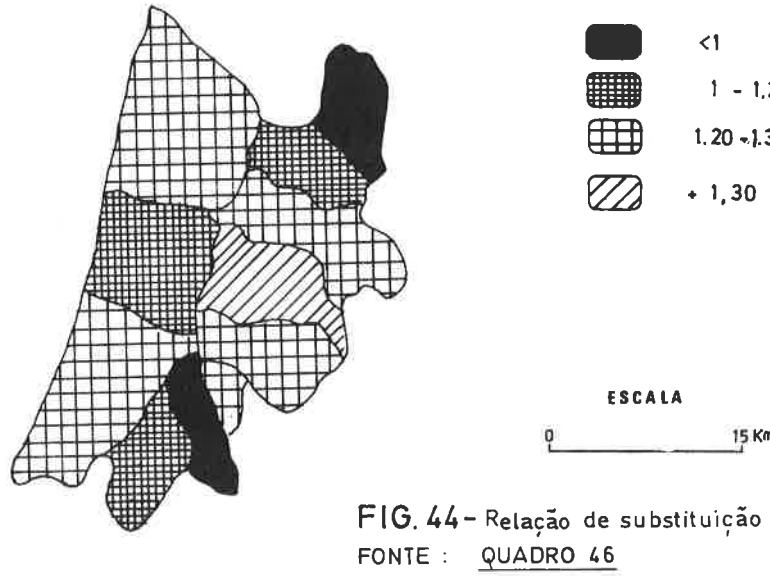



FIG. 44 - Relação de substituição 1981
FONTE : QUADRO 46

envelhecimento é mais elevado, 74.5, índice que ultrapassa os valores concelhios, (Cantanhede 54.3, Figueira da Foz 57.0, Mira 52.6, Montemor-o-Velho 69.1) e é também superior ao do distrito (55.6) e do Continente (34.3). Das outras áreas, Mira, Tocha, Arazede e Alhadas apresentam também um índice elevado, já que aí os valores se situam entre 51 e 60([1]).

A distribuição espacial dos valores apresentados pela relação de substituição([2]), está de acordo com o índice anterior. Assim em Covões e Liceia é inferior a 1, o que significa não estar assegurada a substituição de gerações; também em Febres, Tocha e Alhadas os resultados apurados exprimem uma capacidade de substituição relativamente baixa, (Fig. 44). De salientar que todas as freguesias apresentam índices mais baixos que o distrito de Coimbra (1.60) e que apenas Tocha (1.43) e Cadima (1.47) ultrapassam os valores apurados para Cantanhede (1.25), Figueira da Foz (1.25) e Mira (1.30). De notar ainda o baixo valor registado no concelho de Montemor-o-Velho (1.09), indício de envelhecimento da sua população.

Em conclusão, a análise da estrutura etária da população da *Gândara* apresenta valores que sugerem um maior envelhecimento que as áreas envolventes. Para explicação desse facto concorrem várias razões: o intenso fluxo emigratório que se operou neste território, o facto de a *Gândara* continuar a ser um espaço pouco atractivo, para onde portanto os fluxos de população estão praticamente ausentes; finalmente a quebra generalizada da taxa de natalidade e da taxa de mortalidade, fenómeno que de resto é comum a todo o país.

## 3 — ESTRUTURA DA POPULAÇÃO ACTIVA

### 3.1 — Introdução

A disparidade dos critérios utilizados nos Recenseamentos da população, com vista à classificação dos activos, dificulta uma análise cronológica do efectivo demográfico por sectores de actividade.

Se os censos referentes a 1890, 1900 e 1911 obedecem ao mesmo critério, o de 1930 altera de forma significativa a distribuição dos activos. No primeiro caso a população é classificada em *grandes divisões profissionais* , enquanto em 1930 é distribuída segundo o

---

1 — Indíce de envelhecimento = $\frac{\text{Pop. resid. com 60 ou mais anos}}{\text{Pop. resid. com menos de 20 anos}} \times 100$

Quanto maior for o valor encontrado mais envelhecida se encontra a população.

2 — A relação de substituição obtêm-se pelo quociente da população dos 15 aos 39 anos com a população dos 40 aos 64 anos. Permite verificar qual a possibilidade das gerações em substituir-se. Quando este valor for inferior à unidade, a substituição está dificilmente assegurada.

*grupo profissional em que exerce a respectiva actividade* ; classificação sem dúvida mais elaborada, mas, ao divergir do critério anterior, ocasiona dificuldades na repartição da população com actividade económica.

Ao contrário dos anteriores, o *Recenseamento* de 1940 não refere a população activa por concelhos. Seguindo uma divisão profissional, ainda que diferente, apenas regista o número de indivíduos "maiores de 10 anos que exerciam uma actividade, ou tinham uma condição susceptível de proveito económico imediato"([1]). Desta definição decorrerá, como veremos, um aumento na taxa de actividade relativamente a 1930

Em 1950, nova metodologia se utiliza, de que ressalta a exclusão da mulher "que exerce apenas uma actividade no lar ou ajudando o marido na agricultura ou noutro mester..." (L. CAETANO, 1985, VOL. I, pag. 225).

Tentaram-se superar algumas destas dificuldades, tomando como padrão a classificação adoptada pelo *Recenseamento* de 1981. Segundo os dados disponíveis relativos a esse *Recençeamento* (1981), é possível analisar a *população activa civil a exercer uma profissão segundo os sectores de actividade* por concelhos e por freguesias, permitindo deste modo uma maior incidência na área de estudo. É aliás o único caso em que é possível estudar a distribuição a esta escala, pois, se exceptuarmos 1940, onde apenas se refere a população activa por distritos, todos os outros recenseamentos têm como unidade de análise o concelho. Tentou-se de minimizar esta situação recorrendo às informações relativas ao *Registo Civil.* Neste considerámos apenas os *nascimentos* e fizemos, para cada freguesia, um levantamento das profissões dos pais das crianças registadas. Apenas se computaram os anos de 1930, 1940, 1950 e 1960. Esta escolha decorre, por um lado, do facto de ser a partir de 1930 que o crescimento demográfico adquire maior expressão, por outro, por os referidos anos serem os correspondentes a *Recenseamentos da População.* Não se considerou 1970, porque a partir sensivelmente desta data, como aliás se verificou anteriormente, muitas crianças passam a nascer em estabelecimentos hospitalares e são também registadas no local em que eles se situam; daí algumas modificações relativamente à naturalidade.

Trata-se, todavia, de uma amostra limitada, quer no espaço quer no tempo que abrange, quer ainda no leque de indivíduos considerados. Situa-se por isso muito longe do que seria o total da população activa de cada freguesia. De qualquer modo, a tendência que se observa na distribuição das profissões deve andar próxima da distribuição apresentada pelos activos nas freguesias da *Gândara* . Por outro lado, o comportamento do concelho de Mira continua a ser um bom indicador.

---

[1] —*Recenseamento da População de 1940*, volume *Distrito de Coimbra* , pag. 8.

Deve finalmente chamar-se a atenção para a circunstância de os limites etários da população activa terem divergido, do que decorrem oscilações que se reflectem no total da população com actividade económica.

### 3.2 — Taxa de Actividade

A evolução da relação entre o número de activos e a população residente deverá,em princípio, reflectir o sentido do desenvolvimento económico e social duma área. O seu valor será tanto mais elevado quanto maior for o número de activos e irá diminuindo à medida que a escolaridade obrigatória vá aumentando e a idade de reforma decrescendo. Além disso, as oscilações da taxa de actividade reflectem também a mobilidade da população activa. O seu decréscimo por saída de mão-de-obra é em geral consentâneo com crises económicas,quer de carácter regional quer de carácter mais vasto.

O fenómeno migratório que mais terá afectado a estrutura da população activa foi, pelas características de que se revestiu, a emigração processada durante o final do século XIX e princípios do seguinte e, mais recentemente, a observada nos anos sessenta.

O Quadro 47, apresenta a evolução da taxa de actividade nos concelhos onde se insere a *Gândara*. Em 1890 os valores registados nos quatro concelhos em análise situam-se entre o valor do Continente (52.1%) e o do distrito de Coimbra (41.8%). Cantanhede, Figueira da Foz, Mira e Montemor-o-Velho apresentavam, respectivamente, 50.6%, 46.9%, 49.2% e 45.6%. Até 1911 é evidente a diminuição da taxa de actividade. Cantanhede passa de 50.6% em 1890 para 41.9% em 1911; Figueira da Foz diminui de 46.9% para 42.1%. No concelho de Mira verifica-se a perda mais acentuada: de uma taxa de 49.2% em 1890 baixa em 1911 para 39.8%. Em Montemor-o-Velho o decréscimo é também significativo pois de 45.6% desce para 39.5%. O comportamento manifestado durante o mesmo período de tempo no distrito de Coimbra, revela também uma diminuição, embora com menor significado. Em 1890 a taxa de actividade era de 41.8%, enquanto em 1911 o número de activos por cada cem habitantes era de 38.6%. Quebra mais acentuada opera-se no Continente: de 52.1% desce para 43.3%.

Não havendo, como se referiu, modificações importantes nos critérios de classificação da população activa relativamente aos censos em análise, a evolução observada revela alterações na estrutura da população activa portuguesa. A saída de algumas centenas de milhar de portugueses será provavelmente a principal explicação para a evolução observada. Será contudo de chamar a atencão para a maior expressão registada nas perdas referentes a

Cantanhede (-8.7%) e Mira (-9.4%), o que parece indicar uma maior incidência na mobilidade da população.

QUADRO Nº 47 - EVOLUÇÃO DAS TAXAS DE ACTIVIDADE DA POPULAÇÃO, 1890-1981.

| | Áreas Geográficas | 1890 | 1900 | 1911 | 1930 | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1981 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Concelhos | Cantanhede | 50.6 | 46.7 | 41.9 | 57.8 | 68.6 | 35.2 | 36.6 | 34.1 | 46.2 |
| | Fig. da Foz | 46.9 | 43.3 | 42.1 | 60.4 | 68.9 | 38.4 | 36.3 | 34.1 | 38.3 |
| | Mira | 49.2 | 54.9 | 39.8 | 63.9 | 65.2 | 34.2 | 33.5 | 32.6 | 47.2 |
| | Mont.-o-Velho | 45.6 | 41.1 | 39.5 | 70.6 | 69.8 | 34.2 | 35.9 | 33.8 | 38.4 |
| Distrito Coimbra | | 41.8 | 41.6 | 38.6 | 59.8 | 68.8 | 35.3 | 35.2 | 34.4 | 37.6 |
| Continente | | 52.1 | 46.2 | 43.3 | 57.6 | 36.8 | 37.3 | 38.1 | 36.9 | 42.8 |

Fonte: *Quadros, XIX, XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV e XXVI.*

Os anos de 1930 e 1940 revelam um aumento acentuado da taxa de actividade. É, no entanto, importante recordar que será mais devido a utilização de novos critérios que a um crescimento efectivo do número de activos. Nas duas décadas subsequentes,1950 e 1960,a relação entre o número de activos e o total de população residente não evidencia grandes oscilações. Em 1950,a menor taxa de actividade cabe a Mira 34.2%, e Montemor-o-Velho, 34.2% , enquanto Cantanhede, com 35.2%, se encontra próximo do distrito (35.3%). O concelho da Figueira da Foz apresentava um valor mais elevado: 38.4%, que se situa acima do observado no Continente: 37.3%. Os valores referentes ao ano de 1960 parecem indicar alguma disparidade inter-regional. Nos concelhos de Cantanhede e Montemor-o-Velho regista-se um crescimento do número de activos, respectivamente, de 1.4% e 1.7%. Na Figueira da Foz e Mira detecta-se uma quebra: o primeiro diminui 2.1% e o segundo 0.7%.

A oscilação verificada no distrito tem pouco significado: com 35.3% de taxa de actividade em 1950 regista em 1960 um valor sensivelmente igual de 35.2%. No Continente, pelo contrário, observa-se um acréscimo: de 37.3% para 38.1%.

A década seguinte apresenta uma quebra generalizada. A saída de mão-de-obra activa para a Europa reflecte-se nos quantitativos de população com actividade económica. Será no entanto de realçar que o comportamento não foi idêntico nos quatro concelhos. Mira, que apresenta a taxa de actividade mais baixa, constitui a área onde o decréscimo foi menor, - 0.9%. No concelho de Cantanhede a quebra é acentuada, -2.5%, no da Figueira da Foz cifra-se em -2.2% e no de Montemor-o-Velho em -2.1%. Isto é, à excepção de Mira, todas as

outras unidades administrativas apresentam uma diminuição da população activa mais acentuada que no distrito (-0.8%) e no Continente (-1.2%).

Os resultados referidos a 1981 evidenciam um crescimento nos quantitativos de população activa. Todos os concelhos apresentam valores acima do observado no distrito (37.6%): Figueira da Foz aumenta de 34.1% para 38.3%; Montemor-o-Velho tem um acréscimo acentuado: de 33.8%, em 1970 para 38.4% em 1981; Cantanhede ultrapassa de modo expressivo o valor do distrito, já que a taxa de actividade atinge os 46.2%. Note-se a posição do concelho de Mira: autarquia com os valores mais baixos até então, tem em 1981 uma taxa igual a 47.2%, portanto a mais elevada das áreas analisadas.

As informações disponíveis relativas ao *Recenseamento da População de 1981* permitem comparar o número de activos por cada cem habitantes nas freguesias por onde se distribui a *Gândara* (Quadro 48). É nas freguesias da Tocha, Covões e Liceia que se observam valores mais elevados, respectivamente 55.6%, 53.3% e 50.6%. Valores ainda bastante altos registam-se nas freguesias de Nossa Senhora das Febres (44.6%), S. Mamede de Quiaios (47.0%), S. Tomé de Mira (47.2%) e Cadima (47.7%). Consequentemente, parece poder concluir-se que, em 1981, a *Gândara* apresentava uma taxa de actividade bastante elevada, a situar-se nalguns casos muito acima da média concelhia.

Porque apresentam valores relativamente mais baixos, merecem referência as freguesias de Ferreira-a-Nova, Arazede e Alhadas, respectivamente, com 38.7%, 38.7%, e 39.0%. Parece-nos, no entanto, que estes valores não denunciam situações diferentes, mas são reflexo das áreas de transição onde se situam. O principal núcleo da freguesia das Alhadas não está incluído na *Gândara*, tal como 18 lugares no conjunto de 35 que constituem a freguesia. Situação idêntica deverá observar-se na freguesia de Arazede, onde progressivamente e no sentido poente-nascente, as areias da *Gândara* deixam adivinhar os barros da *Bairrada*.

O sector primário apresenta uma maior expressão nas freguesias onde é mais elevada a taxa de actividade. Como exemplo refira-se que, na área de Covões, onde o número de activos por 100 habitantes é de 53.3%, aquele sector abrange 77.7% da população activa; na Tocha, os valores são, respectivamente, de 55.6% e 59.2%. Pensamos aliás que será da importância deste sector de actividade que decorrem as variações daquele indicador económico. Em conclusão, os valores registados no ano de 1981, indicam que na *Gândara*, o número de activos é de um modo geral superior aos observados nas áreas envolventes, situação que decorrerá da importância da agricultura.

QUADRO Nº 48 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA, POR SEXOS E POR SECTORES DE ACTIVIDADE, 1981*

| | Áreas Geográficas | População Residente | População activa | | | Taxa de actividade | | | Sector Primário | | | | | | Sector Secundário | | | | | | Sector terciário | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Total | Total | Hom. | Mul. | Total | Hom. | Mul. | Total | % | Hom. | % | Mul. | % | Total | % | Hom. | % | Mul | % | Total | % | Hom. | % | Mul. | % |
| Freguesias | Alhadas | 5922 | 2310 | 1552 | 758 | 39.0 | 26.2 | 12.8 | 765 | 33.1 | 274 | 35.8 | 491 | 64.2 | 1069 | 46.3 | 912 | 85.3 | 157 | 14.7 | 476 | 20.6 | 366 | 76.8 | 110 | 23.1 |
| | Arazede | 6381 | 2472 | 1689 | 783 | 38.7 | 26.4 | 12.3 | 1254 | 50.7 | 590 | 47.0 | 664 | 53.0 | 745 | 30.1 | 722 | 96.9 | 23 | 3.1 | 473 | 19.2 | 377 | 79.7 | 96 | 20.3 |
| | Cadima | 5604 | 2676 | 1541 | 1135 | 47.7 | 27.5 | 20.2 | 1759 | 66.7 | 716 | 40.7 | 1043 | 59.3 | 573 | 21.4 | 537 | 93.7 | 36 | 6.3 | 344 | 12.9 | 288 | 83.7 | 56 | 16.3 |
| | Cantanhede | 7534 | 3062 | 1944 | 1118 | 40.6 | 25.8 | 14.8 | 808 | 26.4 | 407 | 50.4 | 401 | 49.6 | 901 | 29.4 | 739 | 82.0 | 162 | 18.0 | 1353 | 44.2 | 798 | 59.0 | 555 | 41.0 |
| | Covões | 3332 | 1778 | 904 | 874 | 53.3 | 27.1 | 26.1 | 1381 | 77.7 | 587 | 42.5 | 794 | 57.5 | 197 | 11.1 | 181 | 91.9 | 16 | 8.1 | 200 | 11.2 | 136 | 68.0 | 64 | 32.0 |
| | Febres | 5463 | 2436 | 1352 | 1084 | 44.6 | 24.7 | 19.9 | 1223 | 50.2 | 364 | 29.8 | 856 | 70.2 | 643 | 26.4 | 567 | 88.2 | 76 | 11.8 | 570 | 23.4 | 421 | 73.9 | 149 | 26.1 |
| | F.-a-Nova | 2979 | 1153 | 839 | 314 | 38.7 | 28.1 | 10.6 | 426 | 36.9 | 175 | 40.1 | 251 | 59.9 | 456 | 39.5 | 429 | 94.1 | 27 | 5.9 | 271 | 23.6 | 235 | 86.7 | 36 | 13.3 |
| | Liceia | 1547 | 783 | 449 | 334 | 50.6 | 29.0 | 21.6 | 436 | 55.6 | 125 | 28.7 | 311 | 71.3 | 257 | 32.8 | 247 | 96.1 | 10 | 3.9 | 90 | 11.6 | 77 | 85.6 | 13 | 14.4 |
| | Mira | 13299 | 6267 | 3439 | 2828 | 47.2 | 25.9 | 21.2 | 3615 | 57.7 | 1309 | 36.2 | 2306 | 63.8 | 1152 | 18.3 | 1023 | 88.8 | 129 | 11.2 | 1500 | 24.0 | 1107 | 73.8 | 393 | 26.2 |
| | Quiaios | 5563 | 2616 | 1452 | 1164 | 47.0 | 26.1 | 20.9 | 1258 | 48.1 | 339 | 26.9 | 919 | 73.1 | 840 | 32.1 | 741 | 88.2 | 99 | 11.8 | 518 | 19.8 | 372 | 71.8 | 146 | 28.2 |
| | Tocha | 4338 | 2411 | 1242 | 1169 | 55.6 | 28.6 | 27.0 | 1427 | 59.2 | 447 | 31.3 | 980 | 68.7 | 503 | 20.9 | 455 | 90.4 | 48 | 9.6 | 481 | 19.9 | 340 | 70.7 | 141 | 29.3 |
| Concelhos | Cantanhede | 38717 | 17888 | 10269 | 7619 | 46.2 | 26.5 | 19.7 | 9812 | 54.8 | 3901 | 39.8 | 5911 | 80.2 | 4154 | 23.2 | 3686 | 88.7 | 468 | 11.3 | 3922 | 22.0 | 2682 | 68.4 | 1240 | 31.6 |
| | Fig.-da-Foz | 58559 | 22400 | 14915 | 7485 | 38.3 | 25.4 | 12.9 | 5441 | 24.3 | 2782 | 51.1 | 2659 | 48.9 | 8802 | 39.3 | 7084 | 80.5 | 1718 | 19.5 | 8157 | 36.4 | 5049 | 61.9 | 3108 | 38.1 |
| | Mira | 13299 | 6267 | 3439 | 2828 | 47.2 | 25.9 | 21.3 | 3615 | 57.7 | 1309 | 36.2 | 2306 | 63.8 | 1152 | 18.3 | 1023 | 88.8 | 129 | 11.2 | 1500 | 24.0 | 1107 | 73.8 | 393 | 26.2 |
| | Montemor-o-Velho | 27274 | 10466 | 7189 | 3277 | 38.4 | 26.4 | 12.0 | 4036 | 38.6 | 1918 | 47.5 | 2118 | 52.5 | 3260 | 31.1 | 2845 | 87.3 | 415 | 12.7 | 3170 | 30.3 | 2426 | 76.5 | 744 | 23.5 |

* - Os dados referentes às freguesias foram fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística

FONTE: XII *Recenseamento Geral da População e II Recenseamento Geral da Habitação*, I.N.E., 1981.

## 3.3 — A População Activa por Sectores de Actividade

A comparação dos diagramas triangulares representados nas Figs. 45, 46, 47 e 48, permite verificar que, nos concelhos de Mira, Montemor-o-Velho e Cantanhede, a evolução da população activa por sectores de actividade entre 1890 e 1960 foi relativamente semelhante, sendo de salientar a importância do sector primário.

O concelho da Figueira da Foz reflecte, ao longo do mesmo período, uma distribuição menos desiquilibrada, facto que deverá relacionar-se com o quantitativo de população urbana que trabalhava nas actividades ligadas ao comércio, transportes e turismo. Nesse concelho, se exceptuarmos 1911, todos os anos mostram a importância do sector terciário, já que o total de activos se situa acima dos 20%. A partir de 1960 a evolução da população por sectores de actividade é claramente diferente. Se o concelho da Figueira da Foz revela um crescimento industrial entre 1970 e 1981, respectivamente 30.4% e 44.4%, nas outras áreas não sucede o mesmo. As modificações operadas devem-se principalmente ao crescimento do sector terciário, que terá no pequeno comércio e nos serviços de saúde os maiores efectivos.

Parece-nos, no entanto, importante chamar a atenção para a distribuição ocorrida em Mira e Cantanhede. Com uma evolução idêntica entre 1890 e 1981, aqueles dois concelhos devem aproximar-se do processo evolutivo verificado no território em estudo. A permamente importância do sector primário parece vir corroborar a ideia anterior de que a taxa de actividade na população agrícola deveria ser em quase toda a *Gândara* , além de idêntica, bastante elevada. Entre 1890 e 1960 mais de 70% da população activa do concelho de Mira estava englobada naquele sector de actividade. Na década de setenta verifica-se um decréscimo (56.3%), para se registar em 1981 de novo um aumento de efectivos: 57.6%. Em Cantanhede o cenário não é muito diferente; mostra mesmo em 1970 um maior peso do sector primário, 60.2%. Ao contrário de Mira, em 1981 apresenta um decréscimo (54.7%) em relação a este sector de actividade económica.

Até 1960 a indústria tem uma escassa importância nestas duas áreas. Sem nunca atingir 12% da população activa, o valor mais elevado observa-se no ano de 1911 (Cantanhede 11.4% e Mira 11.6%), enquanto o mais baixo se regista em 1930, respectivamente 8.2% e 7.9%. Aliás, deste decréscimo parece ser testemunha a notícia inserida na *GAZETA de CANTANHEDE* de 9 de Setembro de 1933. Segundo o autor, naquele concelho "18 fábricas, ou melhor 18 unidades industriais (...) desapareceram em meia dúzia de anos". Constituía a maior parte deste número as fábricas de serração, moagem e aparelhos de madeira ([1]).

---

[1]– "(...Assistimos à morte da *Fábrica de Serração, Moagem e Aparelho de Madeira*, ali instalada perto do caminho de ferro por um grupo de homens capazes de vencerem todos os obstáculos, porque

No ano de 1970 Cantanhede tinha 17.1% da sua população activa no sector secundário, valor que sobe para 23.2% em 1981. No concelho de Mira este sector de actividade ainda tem menos expressão. Em 1970 apenas 12.9% e em 1981 18.4%. Pensamos todavia, que estes números não reflectem, na sua totalidade, um aumento de unidades industriais; devem antes relacionar-se com uma maior mobilidade da população que tem na área envolvente o local de trabalho, nomeadamente na área industrial de Aveiro e no centro urbano de Cantanhede.

O sector terciário apresenta algum crescimento naqueles concelhos; os valores apurados são, no entanto, inferiores aos registados para Figueira da Foz e Montemor-o-Velho, e situam-se também abaixo dos índices do distrito.

Em 1890, 4.2% da população activa de Mira pertencia ao sector terciário; em 1900 o acréscimo não tem significado, pois sobe para 5.0%. As informações referentes ao ano de 1911 revelam um ligeiro aumento (8.6%), à semelhança do sucedido nas outras áreas. O total de activos no sector terciário, relativo a 1930, 18.6%, parece-nos demasiado elevado, e deve-se, ao critério utilizado na classificação dos activos.

Entre 1960 e 1981 a evolução do comércio e serviços revela algum crescimento: no ano de 1960 situa-se em 18.4%, em 1970 aumenta para 30.8% e em 1981 o sector terciário engloba 24% da população com actividade económica. Estes valores são, no entanto, inferiores aos verificados no distrito, respectivamente 25.7%, 34.3% e 37.3%. (Quadros XXIV, XXV e XXVI).

---

eram os legitimos detentores da política, do prestígio pessoal e moral, da força intelectual e capital desta vila, fábrica montada com todos os requisitos e que era uma honrosa nota de vitalidade para a nossa terra, mas que *Destino* marcou com o signo do azar. Aqui mesmo dentro da vila, foi instalada e começou a sua laboração com bons augurios e abertos e desanuviados horisontes, uma *fábrica de pregaria e serração de madeira*, anexa, de que foi fundador o Snr. João Duarte dos Reis Júnior. O imício da sua elaboração deu, à vila, uma justificada impressão de vida longa. Pois, morria passados mezes! Em Lemede (estação) existiu uma grande fábrica de serração e moagem, que um incêndio destruiu e nunca mais foi refeita. Em Ançã funcionaram uma fábrica de cerâmica, outra de serração, e uma bem montada casa de cinema, e, qualquer d'elas poucas dias teve de vida. Houve em Cadima uma fábrica de moagem; em Febras uma de serração e uma moagem; em Covões duas de serrção; em Outil, um lagar de azeite com motor e prensa hidráulica; em Bolho, serração e lagar; em Lemede iniciou a construção d'um grande edifício, destinado a função indústrial, que nem chegou a ser concluido!

Liquidou ainda em Cantenhede, uma fábrica de refrigerantes de que foi proprietário o finado Raúl Braga e parece também ter dado a alma ao creador, um salão cinematográfico que aqui tem funcionado com certa irregularidade.

Isto é: 18 fábricas, ou melhor 18 unidades industriais que desapareceram em meia dúzia de anos! Não ficámos, porém sem indústria. Mantemos ainda, com orgulho, a próspera indústria da cal; as fábricas de curtumes na Pocariça; a fábrica de Serpins; a de moagem, anexa à Central Electrica, desta vila; a oficina mecânica de serralharia, da mesma empresa; duas companhias de pesca, na Tocha; fábrica de refrigerantes de Porto Sobreiro; fábrica de pirolitos, de Cantanhede; lagar de azeite com motor, do Poço do Lôbo e lagar de azeite com motor na Venda Nova"),. GAZETA DE CANTANHEDE, de 9 de Setembro de 1933.




Fig. 45 – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE 1890-1981

*Fonte: quadros XIX a XXVI*

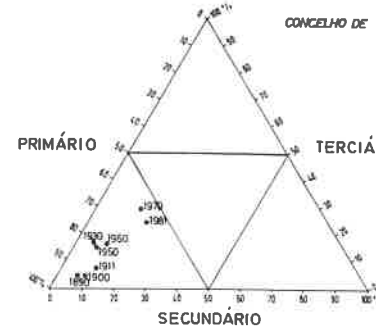



Fig. 47 – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE 1890-1981

*Fonte: quadros XIX a XXVI*




Fig. 46 – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE 1890-1981

*Fonte: quadros XIX a XXVI*




Fig. 48 – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE 1890-1981

*Fonte: quadros XIX a XXVI*

Em Cantanhede a situação não é muito divergente em relação àquele sector de actividade: em 1890, 11.9%; no ano de 1900 apenas 6.3%; na década seguinte sobe para 10.7% e em 1930 para 22.6%. O ano de 1950 revela um decréscimo, 16.6%, enquanto em 1960 quase 20% da população activa daquele concelho foi classificada como terciária (19.5%). Os valores apurados para 1970 e 1981 não apresentam significativas oscilações: respectivamente 22.7% e 22.1%.

Em resumo, a repartição da população activa por sectores de actividade económica, nos concelhos de Cantanhede e Mira, revela mais uma vez a importância do sector primário, algum acréscimo no comércio e serviços a partir de 1960, e o pequeno significado do sector secundário. Aliás, o levantamento elaborado a partir do *Registo Civil* entre 1930 e 1960 nas freguesias gandaresas vem mostrar que a importância da agricultura é um facto que se vem mantendo, e apresenta um peso superior ao das áreas que delimitam a *Gândara* (1). Embora utilizando fontes diferentes, o cotejo das Figs. 49 e 50 mostra que no território gandarês os sectores secundário e terciário têm uma expressão menor que nos concelhos de Cantanhede, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho e no distrito de Coimbra. No conjunto das onze freguesias em análise, apenas Cantanhede e Febres se apresentam mais afastadas do padrão observado na *Gândara* . Acrescente-se que na última freguesia a percentagem do sector terciário é em parte conseguida à custa de acentuado número de ourives que exerciam o comércio ambulante do ouro (cfr. Quadro XXXII).

Para o ano de 1981 é possível traçar a linha fundamental da estrutura da população com actividade económica. Na Fig. 51 destaca-se o conjunto formado pelas freguesias de Cantanhede, Ferreira-a-Nova e Alhadas. A primeira evidencia a importância daquele centro urbano como centro de emprego. Com um total de 3 062 activos, 29.4% (901) foram classificados no sector secundário e 4.2% (1 353) no sector terciário. Para Ferreira-a-Nova, julgamos que a explicação residirá, como se referiu , no lugar de Santana: além de ser o de maior dimensão, situa-se numa área de maior acessibilidade relativamente a centros de emprego externos à *Gândara* . Situação semelhante ocorrerá em Alhadas, onde a população activa ligada ao sector secundário tem importância (46.3%). Se fosse possível determinar para cada lugar o quantitativo de activos por sector de actividade , julgamos que, nestas freguesias, a distribuição relativa aos lugares situados no território gandarês seria idêntica à das outras

1 — Como já se referiu, o levantamento elaborado a partir do *Registo Civil* apenas contempla os anos de 1930, 1940, 1950 e 1960, não sendo portanto possível comparar com os valores concelhios e distritais relativos a 1970 e 1981. De qualquer modo, e na ausência de fontes estatísticas, os resultados apurados deveram apresentar a tendência geral da composição da população activa gandaresa.

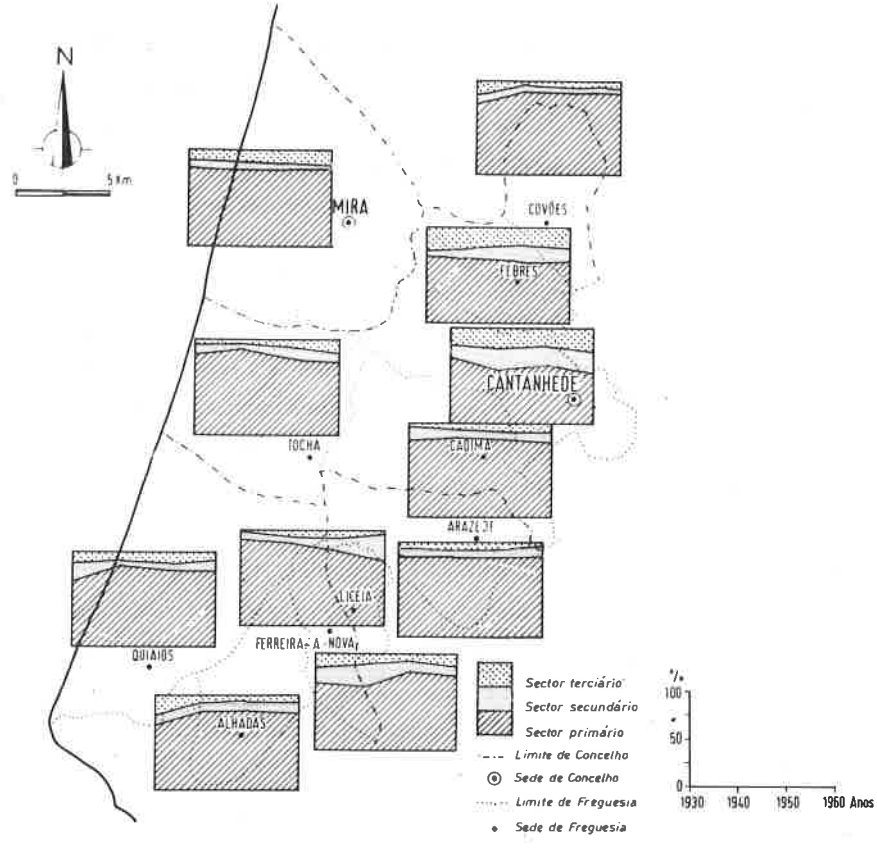



*Fig. 49* — EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR GRANDES SECTORES DE ACTIVIDADE POR FREGUESIAS
( segundo o Registo Civil )

*Fonte: Quadros XXVII a XXXVII*

áreas (Fig. 50). Nestas, parece-nos de realçar a posição ocupada por Covões e Cadima onde a importância do sector primário é respectivamente de 77.7% e 65.7%.

É importante notar que, na freguesia de Febres, o total de indivíduos ligados a *serviços relacionados com actividades económicas*. Em 2 436 activos, 570 (23.4%) pertencem ao sector terciário e, destes, 436 (76.5%) estão incluídos naqueles serviços.

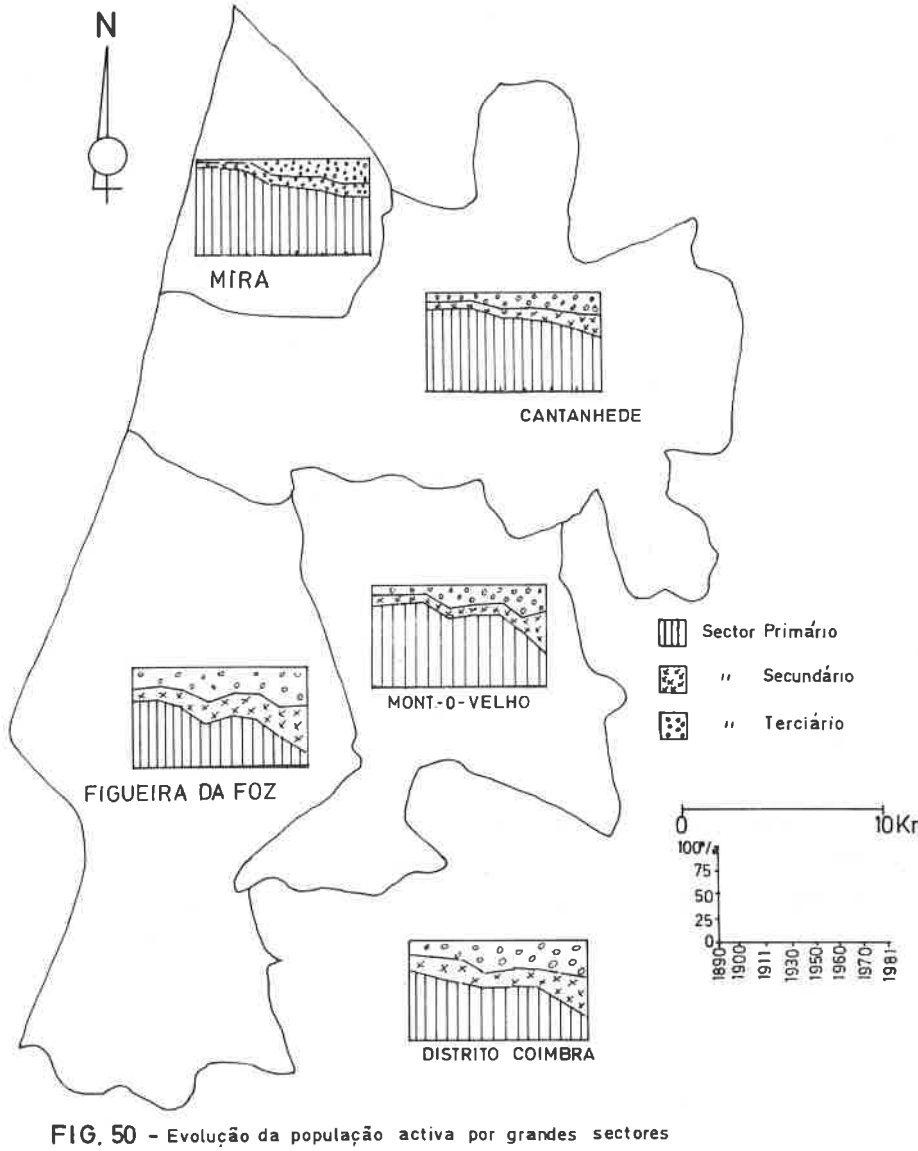



FIG. 50 - Evolução da população activa por grandes sectores de actividade, nos concelhos e distrito (1890-1981).

FONTE: QUADROS XIX a XXVI

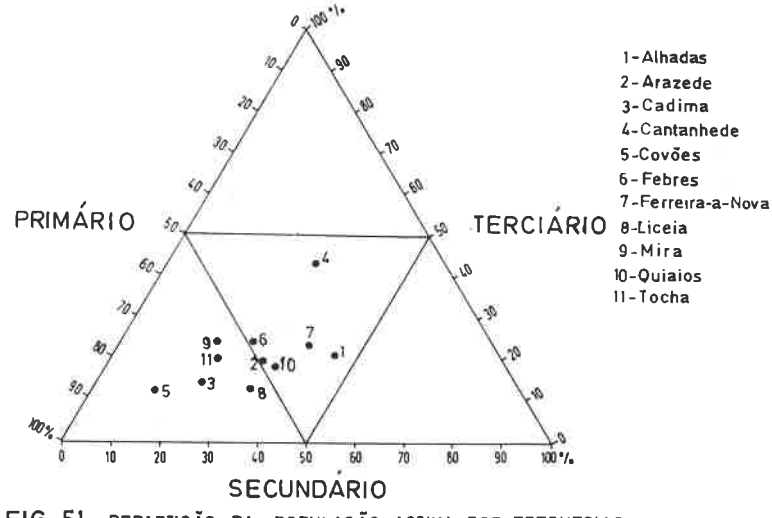



FIG. 51 - REPARTIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR FREGUESIAS E POR SECTORES DE ACTIVIDADE, 1981.

FONTE : QUADRO 48

Pensamos que estes valores se relacionam com a imporância adquirida pelo comércio do ouro e relojoaria, já indiciada no registo de nascimentos e a que posteriormente se fará referência.

Em resumo, parece-nos que, da evolução observada, a principal conclusão a tirar será a importância que a agricultura tem mantido na *Gândara* . Pelo contrário, a indústria não tem praticamente significado. Quanto ao comércio e serviços o seu crescimento parece indicar a progressiva importância de alguns centros urbanos ou para-urbanos, onde Mira, Portomar, Praia de Mira, Tocha e Febres serão, na *Gândara* , os mais expressivos.

### 3.4 — Distribuição da Mão-de-Obra Activa por Sexo

A repartição da mão-de-obra por sexos nem sempre é fácil de determinar. A limitação das fontes estatísticas impede frequentemente que seja avaliada a participação da mulher nas actividades económicas.

Esta questão põe-se com maior acuidade no sector primário pois as mulheres são frequentemente consideradas como *domésticas* , quando a sua participação na agricultura é na realidade importante.

Considerando apenas os dois concelhos com maior expressão na *Gândara*, verifica-se que a distribuição da mão-de-obra por sexos no sector primário não sugere a importância que as mulheres têm tido na economia agrícola gandaresa. Nos *Recenceamentos de 1890, 1900 e 1911* o número de mulheres activas é muito inferior ao dos homens. Saliente-se, no entanto, que em Mira, no ano de 1911, 53.2% dos activos do sector primário eram mulheres, circunstância provavelmente relacionada com o intenso fluxo migratório que naquela época se verificou para o Brasil. Até 1970, os valores revelam os diferentes critérios utilizados na elaboração dos *Recenceamentos* e também a deficiente classificação do trabalho feminino.

Em 1981, no concelho de Cantanhede, 60.2% da mão-de-obra activa do sector primário era feminina, situando-se ligeiramente acima o concelho de Mira (63.8%).

A análise por freguesias permite verificar que na *Gândara* a participação das mulheres na agricultura é mais elevada. Em Quiaios 73.2% da mão-de-obra é feminina, em Liceia 71.3%, na Tocha as mulheres correspondem a 68.7% da mão-de-obra agrícola e em Alhadas registam também uma expressão significativa: 64.2%. Nas restantes freguesias, apenas em Cantanhede a percentagem de mulheres é inferior: 49.6% (cfr. Quadro 48 e Fig. 52-A).

O sector secundário, a além de ser o menos representado na área, é também aquele onde a mão-de-obra feminina regista quantitativos menos expressivos (Fig. 52-B).

O crescimento do sector terciário tem absorvido progressivamente algumas mulheres.(Fig. 52-C) Será, no entanto, de realçar que é nos *serviços de natureza social* que o seu contributo tem sido maior (Quadro 49), também no pequeno comércio a mão-de-obra feminina deverá ter aumentado. Em Mira, onde se dispõe de informação para 1981, dos 426 indivíduos ligados ao *comércio de retalho* 106 (24.8%) eram mulheres; em 191 registados nos *serviços de educação* , 141 (73.8%) pertenciam ao sexo feminino, tal como 39.3% da mão-de-obra ligada aos *serviços de saúde* .

Em conclusão, a análise da estrutura da população activa na *Gândara*, vem corroborar o carácter periférico desta área: predominância do sector primário com progressiva feminização da agricultura; a quase ausência de população ligada à indústria, situação que se mantém praticamente desde que há informação disponível; o acréscimo do sector terciário, ligado principalmente ao comércio, e à melhoria progressiva dos serviços de educação e saúde. Apenas as áreas mais próximas de centros de emprego importantes, como Aveiro, Cantanhede e Figueira da Foz, apresentam valores menos afastados dos apurados para os

concelhos e para o distrito de Coimbra, isto é, menor importância do sector primário e acréscimo da população activa ligada à indústria ao comércio e aos serviços.

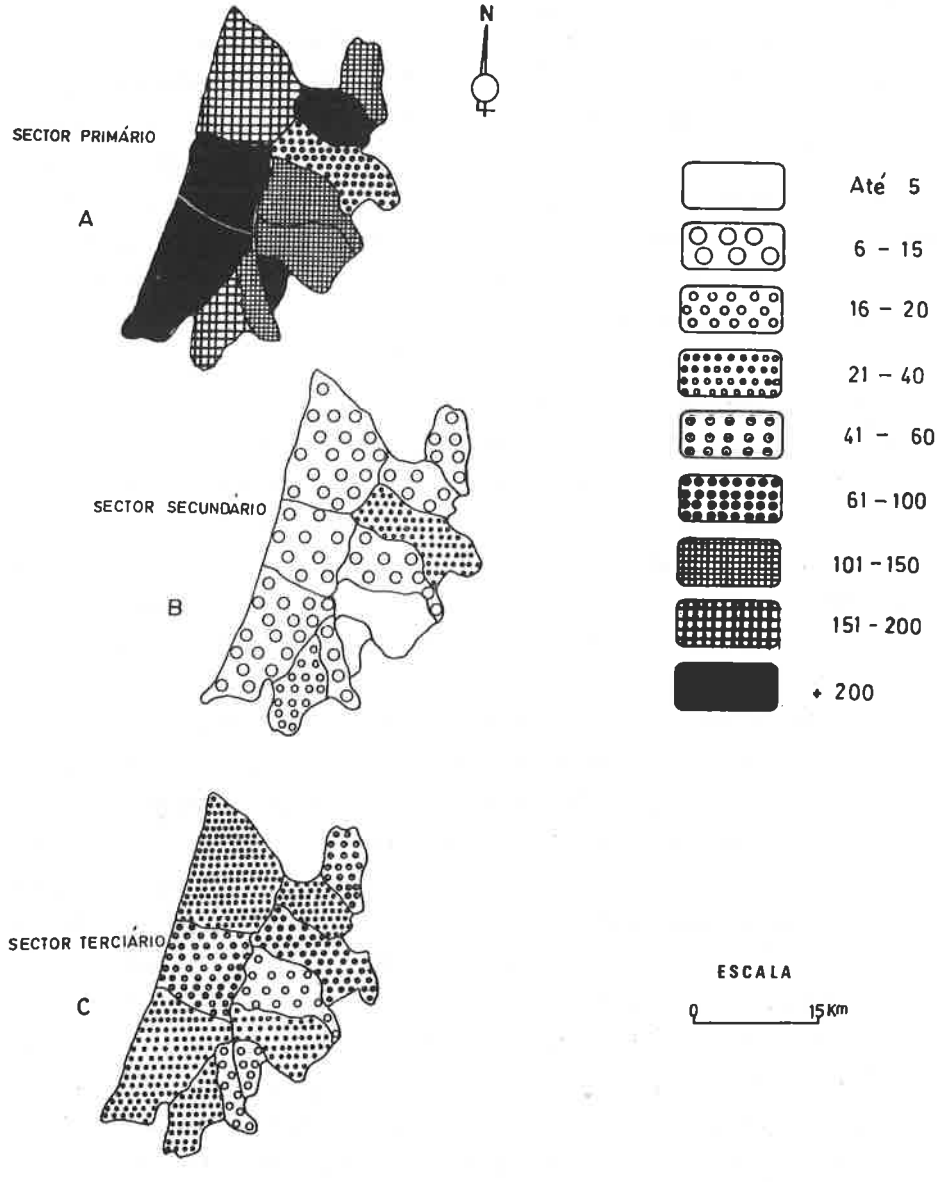



FIG. 52 - Sex Ratio por sectores de actividade por freguesias em 1981.

FONTE : QUADRO XXXVIII

QUADRO Nº 49 — DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE ACTIVA NO SECTOR TERCIÁRIO, 1981

| Áreas Geográficas | | Total | H | M | Serviços de natureza social | | | | Serviços relacionados com actividade económica | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | Total | % | H | M | Total | % | H | M |
| Freguesias | Alhadas | 476 | 366 | 110 | 155 | 32.6 | 92 | 63 | 321 | 67.4 | 274 | 47 |
| | Arazede | 473 | 377 | 96 | 163 | 34.5 | 119 | 44 | 310 | 65.5 | 258 | 52 |
| | Cadima | 344 | 288 | 56 | 128 | 37.2 | 95 | 33 | 216 | 62.8 | 193 | 23 |
| | Cantanhede | 1353 | 798 | 555 | 552 | 40.8 | 198 | 354 | 801 | 59.2 | 600 | 201 |
| | Covões | 200 | 136 | 64 | 50 | 25.0 | 19 | 31 | 150 | 75.0 | 117 | 33 |
| | Febres | 570 | 421 | 149 | 134 | 23.5 | 47 | 87 | 436 | 76.5 | 374 | 62 |
| | F .--A-Nova | 271 | 235 | 36 | 89 | 32.8 | 66 | 23 | 182 | 67.2 | 169 | 13 |
| | Liceia | 90 | 77 | 13 | 24 | 26.7 | 17 | 7 | 66 | 73.3 | 60 | 6 |
| | Mira | 1500 | 1107 | 393 | 509 | 33.9 | 276 | 233 | 991 | 66.1 | 831 | 160 |
| | Quiaios | 518 | 372 | 146 | 200 | 38.6 | 128 | 72 | 318 | 61.4 | 244 | 74 |
| | Tocha | 481 | 340 | 141 | 253 | 52.6 | 158 | 95 | 228 | 47.4 | 182 | 46 |
| Concelhos | Cantanhede | 3922 | 2682 | 1240 | 1443 | 36.8 | 676 | 767 | 2479 | 63.2 | 2006 | 473 |
| | Fig. da Foz | 8157 | 5049 | 3180 | 3323 | 40.7 | 1577 | 1746 | 4834 | 59.3 | 3472 | 1362 |
| | Mira | 1500 | 1107 | 393 | 509 | 33.9 | 276 | 233 | 991 | 66.1 | 831 | 160 |
| | Mont.-O-Velho | 3170 | 2426 | 744 | 1157 | 36.5 | 713 | 444 | 2013 | 63.5 | 1713 | 300 |

Elementos fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatistica e referentes ao XII Recenseamento da População e II da Habi tação, 1981.

## CAPÍTULO II — **A MOBILIDADE DA POPULAÇÃO**

> "A oferta de mão-de-obra aumentaria em Corrocovo, as levas dos emigrantes e dos ganhões engrossariam e o povo das terras areentas debandaria em massa. Ao fim da caminhada, a gente da gândara encontraria os esteiros do Tejo, os valados lodosos, as febres do arroz. Ou o chão alheio dum novo continente."
>
> CARLOS DE OLIVEIRA, *Casa da Duna*

### 1 — INTRODUÇÃO

Ao longo da história do território gandarês torna-se possível observar vários tipos de comportamento migratório. O primeiro, decisivo para a ocupação e organização do espaço, tinha na *Gândara* o ponto de chegada e processou-se principalmente durante o século XVIII e parte do século XIX. O segundo deverá ter-se desenvolvido em consequência do anterior: o território não suporta a pressão demográfica e começa a desenvolver-se uma movimentação de sentido oposto. O Brasil e outros estados do Continente Americano, em paralelismo aliás com a dinâmica geral do país, surgem, no final do século XIX e grande parte do XX, como os principais receptores de emigrantes gandareses. Todavia, durante a década de cinquenta, encerra-se esse ciclo na emigração portuguesa. Simultâneamente um outro se abre: o destino passa a ser então a Europa. Paralelamente, porém, outras formas de mobilidade se desenvolvem .

A nível interno, a *Gândara* tem-se mantido ao longo de muitos anos como área de recrutamento de mão-de-obra. Com uma agricultura limitada e sem outras oportunidades de emprego, a deslocação sazonal para áreas onde aquele periodicamente abunda, torna-se a solução para se ir mantendo uma agricultura camponesa com poucas perspectivas de desenvolvimento. O Alentejo e o Ribatejo são as principais áreas receptoras de indivíduos que, de Janeiro a Julho, abandonaram a *Gândara* . Mas, se neste caso a mobilidade de

mão-de-obra se ligava à agricultura, no sector Nordeste da *Gândara* desenvolve-se uma outra forma de características distintas. Apoiada no comércio do ouro, trata-se, em grande parte dos casos, de uma actividade ambulante, mas que concorreu de modo decisivo para a difusão do comércio do ouro em Portugal. Como se verá, numerosos habitantes da freguesia de Nossa Senhora das Febres abandonavam temporariamente o local de residência habitual, com o objectivo de transaccionarem um produto que, de outro modo, dificilmente seria comercializado em muitas áreas do território nacional. Mais tarde, muitos daqueles comerciantes ambulantes vêm a fixar-se nas suas áreas de mercado e, progressivamente, transformam uma deslocação periódica numa migração definitiva.

Cabe também fazer uma referência ao facto de a *Gândara* , após a fase de colonização do seu território, não ter apresentado uma capacidade atractiva que mereça uma análise particular. Apenas num período curto e num espaço limitado afluíram outras populações, que ocasionaram, como se viu, o aparecimento e desenvolvimento de Palheiros de Mira.

A mobilidade ligada à mudança de residência de um dos cônjugues por via do casamento, ainda que numericamente tenha alguma expressão, pelo facto de se realizar inter-freguesias do mesmo concelho, perde algum significado.

Depois da colonização do território, a emigração é sem dúvida a característica mais importante relativamente à mobilidade espacial da população. O estudo que se fará merece, no entanto, algumas reflexões decorrentes das fontes utilizadas.

Como se referirá, os fluxos emigratórios registaram no território nacional uma maior expressão a partir de 1870. Até ao eclodir da Primeira Grande Guerra, o quantitativo de emigrantes que procuravam no Novo Mundo outros mercados de trabalho não cessou de aumentar. Embora com ritmos diferentes, a curva da emigração portuguesa expressa até à década de cinquenta a importância que aquele fluxo migratório foi mantendo ao longo de mais de meio século. Todavia, a viragem operada nos anos sessenta fez que, em pouco mais de uma década, tenham abandonado o país quase tantos emigrantes como aqueles que sairam, durante algumas dezenas de anos atrás.

Neste sentido, parece-nos que o estudo do fenómeno emigratório na *Gândara* deve incidir nos dois momentos mais significativos: isto é, entre 1870 e 1914 e a partir de meados da década de cinquenta. Deve chamar-se porém a atenção para o seguinte: como a unidade de análise é a freguesia e não existe informação estatística a este nível, foram utilizados os *Registos de Passaportes* , quer para o primeiro período estudado, quer para o mais recente. Por outro lado, enquanto entre 1870 e 1914 analisámos três freguesias, Febres, Mira e

Quiaios, no segundo momento coleccionámos toda a informação, de 1956 até 1985, respeitante às 11 freguesias por onde se distribui a *Gândara* (1).

Parece-nos também oportuno fazer uma abordagem do fenómeno emigratório no território nacional, já que a sua incidência na *Gândara* se articula com o que se passava no país.

Entre 1914 e 1956 houve, como se sabe, uma retracção nos fluxos migratórios. Sem nunca estarem ausentes, há de facto uma quebra no número de indivíduos que abandonaram o país. Também na *Gândara* essa recessão se verifica. Dado que nos pareceu pouco oportuna uma análise a nível de freguesia, foi elaborada assim, durante aquele período, apenas a nível concelhio. De qualquer modo não deixará de mostrar que o território em estudo foi sempre uma área de constantes fluxos migratórios.

## 2 — A MOBILIDADE INTERNA DA POPULAÇÃO

### 2.1 — A *Gândara* Território de Fraca Capacidade Atractiva

A capacidade atractiva da *Gândara* teve a sua maior expressão durante a fase de ocupação do seu território. A partir da segunda metade do século XIX, paralelamente à saída para o estrangeiro, muitos gandareses procuram no país, ainda que na maior parte dos casos sazonalmente, outros mercados de trabalho. Neste sentido, a atracção deste território tem tido muito pouco significado. Embora se conheçam as dificuldades para a sua quantificação, os valores observados em algumas estatísticas revelam bem a sua pouca expressão. Se compararmos os Quadros50e51, relativos aos *Recenseamentos de 1890 e 1930*, únicos onde é possível uma análise a nível de freguesia, facilmente se conclui que, no final do século passado, quase toda a população era natural do concelho de residência, já que na maioria das freguesias cerca de 99% da população tinha nascido no concelho onde habitava. O valor mais baixo, 93%, refere-se à freguesia de Liceia. Além disso, deve salientar-se que a freguesia de S. Mamede de Quiaios apresentava um comportamento muito mais próximo das freguesias

1 — Como se verá, a estrutura dos *Registos de Passaportes* difere consideravelmente ao longo do tempo. Este facto não deixará de se reflectir na análise a que se procedeu. Queremos,no entanto, chamar desde já a atenção para o seguinte: há uma desigualdade de tratamento relativamente aos fluxos emigratórios do início do século e aos que se processaram para a Europa partir dos anos sessenta. Este desiquilíbrio resulta principalmente da diferença de qualidade da informação fornecida pelos registos. Se para o início do século as fontes são relativamente completas, as relativas à mobilidade pós anos cinquenta são quase sempre parcas em informação. Embora se reconheça esse desiquilíbrio, optámos por explorar o melhor possível as fontes utilizadas, já que permitem uma análise mais completa daqueles fluxos. Além disso, como se realizou um inquérito directo a alguns ex-emigrantes, superaram-se algumas das lacunas presentes na informação mais recente.

QUADRO Nº 50 - POPULAÇÃO PRESENTE SEGUNDO A NATURALIDADE EM 1890

| | Áreas Geográficas | Naturais do concelho de residência | | Naturais de outro concelho do mesmo distrito | | De outra naturalidade | | Estrangeiros | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Freguesias | Alhadas | 4516 | 99.2 | 26 | 0.5 | 8 | 0.2 | 2 | 0.1 |
| | Arazede | 4277 | 97.5 | 85 | 1.9 | 22 | 0.5 | 2 | 0.1 |
| | Cadima | 4154 | 99.7 | 9 | 0.2 | 5 | 0.1 | | |
| | Cantanhede | 4206 | 98.1 | 2 | 0.2 | 74 | 1.6 | 6 | 0.1 |
| | Covões | 2786 | 99.3 | 5 | 0.2 | 14 | 0.5 | | |
| | Febres | 4117 | 99.8 | 4 | 0.1 | 2 | 0.1 | | |
| | Fer.-a-Nova | 1485 | 97.2 | 34 | 2.2 | 8 | 0.6 | | |
| | Liceia | 700 | 93.5 | 48 | 6.4 | 1 | 0.1 | | |
| | Mira | 7167 | 98.4 | 49 | 0.7 | 62 | 0.8 | 5 | 0.1 |
| | Quiaios | 4594 | 99.6 | 11 | 0.2 | | | 8 | 0.1 |
| | Tocha | 2625 | 99.1 | 7 | 0.2 | 16 | 0.6 | | |
| Concelhos | Cantanhede | 26822 | 98.5 | 160 | 0.6 | 239 | 0.8 | 13 | |
| | Fig.da Foz | 36460 | 92.9 | 1215 | 3.1 | 1348 | 3.4 | 228 | 0.6 |
| | Mira | 7167 | 98.4 | 49 | 0.7 | 62 | 0.8 | 5 | 0.1 |
| | Mont-o-Velho | 20833 | 96.9 | 485 | 2.3 | 156 | 0.7 | 6 | 0.1 |

Fonte: *Censo da população do reino de 1890.*

QUADRO Nº 51 - POPULAÇÃO PRESENTE SEGUNDO A NATURALIDADE EM 1930

| | Áreas Geográficas | Naturais do concelho de residência | | Naturais de outro concelho do mesmo distrito | | De outra naturalidade | | Estrangeiros | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Freguesias | Alhadas | 4587 | 99.2 | 2 | 0.1 | 34 | 0.7 | | |
| | Arazede | 5188 | 98.1 | 56 | 1.1 | 42 | 0.7 | 3 | 0.1 |
| | Cadima | 4580 | 98.7 | 28 | 0.6 | 26 | 0.5 | 5 | 0.2 |
| | Cantanhede | 5067 | 90.9 | 201 | 3.6 | 287 | 5.1 | 18 | 0.4 |
| | Covões | 3489 | 96.8 | 15 | 0.4 | 100 | 2.7 | 1 | 0.1 |
| | Febres | 4625 | 97.0 | 32 | 0.7 | 102 | 2.1 | 8 | 0.2 |
| | Fer.-a-Nova | 2010 | 96.7 | 26 | 1.3 | 39 | 1.9 | 3 | 0.1 |
| | Liceia | 995 | 97.7 | 17 | 1.7 | 6 | 0.6 | - | |
| | Mira | 9707 | 97.7 | 70 | 0.7 | 146 | 1.5 | 4 | 0.1 |
| | Quiaios | 5017 | 98.8 | 16 | 0.3 | 40 | 0.8 | 2 | 0.1 |
| | Tocha | 4366 | 98.2 | 31 | 0.7 | 49 | 1.1 | - | |
| Concelhos | Cantanhede | 32718 | 96.5 | 420 | 1.2 | 722 | 2.1 | 42 | |
| | Fig.da Foz | 45329 | 90.8 | 1095 | 2.2 | 3347 | 6.7 | 149 | 0.3 |
| | Mira | 9407 | 97.7 | 70 | 0.7 | 146 | 1.5 | 4 | 0.1 |
| | Mont-o-Velho | 24773 | 97.6 | 317 | 1.2 | 279 | 1.1 | 9 | 0.1 |
| | Distrito Coimbra | 357962 | 92.3 | 8419 | 2.2 | 20799 | 5.4 | 628 | 0.1 |

FONTE: *Censo da População, 1930*, Lisboa, 1933.

gandaresas que do concelho onde se insere. No concelho da Figueira da Foz 92.9% eram dele naturais; em Quiaios residiam 99.6% de naturais daquele concelho.

As informações referentes ao ano de 1930 (cfr. Quadro 51) mostram que a *Gândara* continua a ser um território de pouca atracção demográfica. Exceptuando a freguesia de Cantanhede, onde 90.9% do total da população era natural daquele concelho, todas as áreas manifestam um fraco poder em captar população fora das fronteiras em que se inserem, já que mais de 95% da população tinha nascido no concelho onde residia. Estes valores omitem, em geral, a mobilidade relacionada com o casamento mas, como se verá, esta processa-se frequentemente inter-freguesia do mesmo concelho não sendo contempladas pelas informações dos *Recenseamentos*.

Os valores apurados nos *Recenseamentos de 1950 e 1960* , embora incidam numa análise concelhia (Quadros 52 e 53), revelam uma vez mais que a mobilidade geográfica na *Gândara* se relaciona principalmente com a saída de população; o movimento contrário continua a ser pouco expressivo. Em tal domínio o concelho de Mira é o que manifesta menor capacidade atractiva: em 1950 residiam neste concelho 4.8% de indivíduos naturais de áreas situadas para além da sua fronteira administrativa, valor situado abaixo dos observados em Cantanhede (8%), Figueira da Foz (14.8%) e Montemor-o-Velho (5.4%).

O índice apresentado pelo concelho de Mira pode ser um indicador relativamente ao restante território da área de estudo, pois, como se tem verificado noutras circunstâncias, o seu comportamento anda relativamente próximo do observado na *Gândara* .

Conclusões idênticas podem tirar-se da leitura do Quadro 53, a confirmarem portanto a ideia de que a *Gândara* se tem mantido um território com pouca capacidade atractiva.

Os resultados apurados pelo *Recenseamento* de 1981 (Quadros 54 e 55), elaborados embora com critério diferente, corroboram a mesma ideia. Ainda que não se refira a população natural do concelho de residência, o desfazamento dos valores observados na *população que não mudou de concelho* , relativamente aos anos de 1973 e 1979, é revelador da mobilidade dominante na área. Enquanto no início da década de setenta, nos concelhos de Cantanhede, Figueira da Foz e Mira, o total de população que não tinha mudado de concelho andava próximo dos 70%, (cfr. Quadro 54), em 1979 situa-se nos 95% (Quadro 55), valores que se explicam no primeiro caso, pela emigração e, no segundo, pelo movimento de retorno de emigrantes.

Grande parte da população que "entra" nos concelhos em estudo é proveniente do estrangeiro, mobilidade inserida numa dinâmica diferente daquela que se associa à capacidade atractiva duma região. De resto, o saldo migratório é em grande parte suportado

pelo retorno de emigrantes, já que a diferença entre o número de imigrantes provenientes do país e o número de indivíduos que saem para outros concelhos, quase que se anula([1]).

QUADRO Nº 52–POPULAÇÃO PRESENTE SEGUNDO A NATURALIDADE, NOS CONCELHOS, 1950.

| Concelhos | Naturais do concelho da residência | | Naturais de outro concelho do mesmo distrito | | De outra naturalidade | | Estrangeiros | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Cantanhede | 36313 | 92.0 | 1212 | 3.1 | 1888 | 4.8 | 59 | 0.1 |
| Fig.da Foz | 47851 | 85.2 | 2733 | 4.9 | 5507 | 9.8 | 84 | 0.1 |
| Mira | 12326 | 95.2 | 262 | 2.0 | 349 | 2.7 | 15 | 0.1 |
| Mont.o-Velho | 26159 | 94.6 | 936 | 3.4 | 535 | 1.9 | 20 | 0.1 |
| Distrito de Coimbra | 374934 | 86.8 | 21339 | 4.9 | 35258 | 8.2 | 513 | 0.1 |

FONTE: *IX Recenseamento Geral da População, 1960*, Lisboa, 1952.

QUADRO Nº 53 - POPULAÇÃO PRESENTE SEGUNDO A NATURALIDADE NOS CONCELHOS, 1960

| Concelhos | Naturais do concelho da residência | | Naturais de outro concelho do mesmo distrito | | De outra naturalidade | | Estrangeiros | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Cantanhede | 38040 | 92.1 | 1117 | 2.7 | 2069 | 5.0 | 77 | 0.2 |
| Fig.da Foz | 50002 | 86.8 | 2412 | 4.2 | 5098 | 8.8 | 119 | 0.2 |
| Mira | 12871 | 96.2 | 238 | 1.8 | 249 | 1.9 | 26 | 0.1 |
| Mont.o-Velho | 26745 | 95.8 | 708 | 2.5 | 454 | 1.6 | 18 | 0.1 |
| Distrito de Coimbra | 378626 | 87.3 | 19487 | 4.5 | 34683 | 8.0 | 858 | 0.2 |

FONTE: *X Recenseamento Geral da População, 1960*, Lisboa, 1963.

Em relação ao ano de 1973, e referindo apenas a mobilidade interna, o concelho de Cantanhede apresenta um saldo negativo de 123 indivíduos, enquanto no concelho de Mira a diferença se situava apenas em mais 100 habitantes (cfr. Quadro 54). Ainda que no ano de

[1] — O movimento de retorno será analisado posteriormente através do inquérito directo.

1979 (cfr. Quadro 55), o balanço seja positivo em Cantanhede (+77 indivíduos), no concelho de Mira, a diferença entre saídas e entradas foi apenas de 30 habitantes.

Se apenas os *Recenseamentos* de 1890 e 1930 permitem uma análise ao nível de freguesias, os resultados daí colhidos e os apurados ao nível concelhío para datas posteriores possibilitam concluir que a *Gândara* tem sido, desde o final do século XIX, um território onde a atracção demográfica tem pouco significado. Pelo contrário, constituiu quase sempre um reservatório permanente de mão-de-obra, quer para o território nacional quer para o estrangeiro.

QUADRO Nº 54- POPULAÇÃO RESIDENTE, SEGUNDO AS MIGRAÇÕES (RELATIVAMENTE A 1973), POR CONCELHOS DE RESIDÊNCIA HABITUAL À DATA DE 16.3.81.

| Concelhos | Pop. resid. 1981 | População que não mudou de concelho | | Imigrantes no concelho Provenientes do País | | Imigrantes no concelho Provenientes do estrangeiro | | Emigrantes do concelho para outro concelho | | Saldo Migratório |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | |
| Cantanhede | 38717 | 30377 | 74.5 | 1152 | 3.0 | 2792 | 7.2 | 1275 | 3.3 | + 2669 |
| Fig. da Foz | 58559 | 43917 | 75.0 | 2247 | 3.8 | 5887 | 10.1 | 2224 | 3.8 | + 5910 |
| Mira | 13299 | 10149 | 76.3 | 476 | 3.5 | 1068 | 8.0 | 376 | 2.8 | + 1168 |
| Mont.-o-Velho | 27264 | 22749 | 83.1 | 964 | 3.5 | 757 | 2.8 | 926 | 3.4 | + 795 |
| Distrito de Coimbra | 436324 | 336734 | 77.1 | 21416 | 4.9 | 30787 | 7.1 | 21887 | 5.0 | + 30316 |

FONTE: *XII Recenseamento Geral da População, II Recenseamento Geral da Habitação*, 1981, Lisboa, 1983.

QUADRO Nº 55- POPULAÇÃO RESIDENTE, SEGUNDO AS MIGRAÇÕES (RELATIVAMENTE A 1979), POR CONCELHOS DE RESIDÊNCIA HABITUAL À DATA DE 16-3-81.

| Concelhos | Pop. resid. 1981 | População que não mudou de concelho | | Imigrantes no concelho Provenientes do País | | Imigrantes no concelho Provenientes do estrangeiro | | Emigrantes do concelho para outro concelho | | Saldo Migratório |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | |
| Cantanhede | 38717 | 36993 | 95.5 | 564 | 1.5 | 443 | 1.1 | 487 | 1.2 | + 317 |
| Fig. da Foz | 58559 | 55960 | 95.6 | 1084 | 1.8 | 498 | 0.8 | 959 | 1.6 | + 623 |
| Mira | 13299 | 12658 | 95.2 | 206 | 1.5 | 160 | 1.2 | 176 | 1.3 | + 190 |
| Mont.-o-Velho | 27274 | 26116 | 96.1 | 488 | 1.9 | 107 | 0.3 | 357 | 1.3 | + 238 |
| Distrito de Coimbra | 436324 | 416841 | 95.5 | 9012 | 2.1 | 3016 | 0.7 | 8915 | 2.0 | +3113 |

FONTE: *XII Recenseamento Geral da População, II Recenseamento Geral da habitação, 1981*, Lisboa, 1983.

## 2.2 — A Mobilidade Sazonal

A partir de meados do século passado são frequentes as notícias referentes à ida de gandareses para os campos do Alentejo e Ribatejo.

Segundo JOÃO LOURENÇO ROQUE (1982, pags. 568-569), "o concelho de Mira enviava algumas centenas de trabalhadores, durante largo período do ano", com destino aos arrozais. Ainda segundo o mesmo autor, que cita uma notícia inserta no *Conimbricense* no ano de 1868, "o administrador de Mira conseguiu obter da real companhia dos caminhos de ferro portugueses a viagem para 600 homens do seu concelho, nos caminhos de ferro, para o Alentejo com o abatimento de 50% sobre o preço ordinário". Cereal de Verão com grandes necessidades de água, as áreas de distribuição do arroz são em regra coincidentes com intensos focos de paludismo fàcilmente difundido pelos *caramelos de ir e vir* que, oriundos da Beira Litoral, sazonalmente, se dirigiam para os arrozais alentejanos (cfr. O. RIBEIRO, 1965, pag. 77).

No início de década de vinte, do concelho de Mira saiem numerosos grupos de indivíduos com destino ao Sul do país. Segundo FILIPE DA SILVA MENDES (1922, pag. 8), daquele concelho", "a maior parte dos trabalhadores correm para o Alentejo". Mostram assim que a *Gândara* continuava a ser uma área de recrutamento sazonal de mão-de-obra agrícola. A situação, de resto, vai prolongar-se já que, segundo o *INQUÉRITO AGRíCOLA e FLORESTAL*, Conc. de MIRA, ( 1955, pag. 93)," esta saída entrou nos hábitos de muitos, e pelo mês de Janeiro começam a sair os ranchos (...) para regressarem pelo mês de Junho ". No mesmo estudo (pag. 99) refere-se que só do concelho de Mira devem sair 300 homens que se dirigiam principalmente para Alcácer do Sal, Ourique, Elvas, Samora Correia, Salvaterra de Magos, etc.

À semelhança daquela área gandaresa, também do concelho de Cantanhede numerosos trabalhadores procuravam no Alentejo e Ribatejo o trabalho que escasseava no seu local de residência. Segundo o *INQUÉRITO* relativo ao concelho de Cantanhede (1955, pag. 109), da " zona das areias correspondente sobretudo às freguesias de Febres, Cadima e Tocha e parte de Cantanhede os serviços agrícolas ficam em parte entregues às mulheres e muitos homens deslocam-se para vários locais do Ribatejo e do Alentejo".

No concelho de Montemor-o-Velho, e segundo o mesmo estudo (1955, pag. 111), as freguesias de Arazede e Liceia forneciam " o maior contingente da zona das areias (...) supondo-se que o número de emigrados possa atingir cerca de 400 pessoas ". Com destinos diversos, estes entroncam todavia num cenário comum: Alentejo, Comporta, Coruche ou Ourique constituem os locais de chegada de centenas de trabalhadores gandareses.

A mesma fonte continua a elucidar, agora para o concelho da Figueira da Foz, que, "da sub-zona da Gândara a que correspondem as povoações de Bebedouro, Pedros, Castanheiro, Casal Novo, Netos, Queridas, Ribas, etc., saiem muitos homens para o Ribatejo e Alentejo " (cfr. *INQUÉRITO AGRÍCOLA e FLORESTAL, CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ*, (1955 pags. 133-134).

Embora seja impossível quantificar a atracção exercida sazonalmente pelo Alentejo e Ribatejo na população gandaresa, a sua expressão, quer pelos milhares de indivíduos que os diversos estudos sugerem, quer pelo facto de se ter desenvolvido durante cerca de um século, deve ter sido significativa e pode afirmar-se que constituiu um importante ciclo, em termos de mobilidade espacial, que apenas se encerra quando o ciclo europeu se abre.

Paralelamente, desenvolvem-se na *Gândara* outras formas de mobilidade não ligadas à agricultura. A mais importante, pelas características de que se revestiu e pelo facto de ter dado origem a um grupo social e económico distinto, relaciona-se com o comércio ambulante do ouro, exercído em grande parte dos casos por indivíduos naturais da freguesia de Febres.

## 2.3 — A Mobilidade da População e a Difusão do Comércio do Ouro em Portugal

### 2.3.1 — Introdução(1)

Localizada tradicionalmente nos dois principais centros urbanos do país, a manufactura e comercialização do ouro em Portugal voltou-se quase sempre para a média e alta burguesia.

As sucessivas crises que o país atravessou, principalmente durante os séculos XVIII e XIX, contribuem para o esfriamento de todas as artes, a que a ourivesaria não se furta. As Corporações de ourives, que tinham um papel disciplinador no trabalho de ouro e prata, perdem grande parte da sua importância. Todavia,em 1886, é publicado o *Regulamento das Contrastarias* que permitirá o alargamento do comércio dos metais preciosos. Os processos de fabrico evolucionam e aumenta o número de oficinas. Surge a *ourivesaria popular* , que tem na população rural o seu principal mercado. Aparecerá então, em finais do século XIX, um novo elemento na comercialização do ouro em Portugal: os *ourives ambulantes* .(2).

---

1 — Queremos deixar aqui expresso o nosso agradecimento nomeadamente aos Srs. Armando Patrão, Fernando Patrão, Lino Cruz e Manuel Marques, além de todos os comerciantes que amavelmente responderam ao inquérito que lhes enviámos. Sem a sua colaboração esta análise não teria sido possível.

2 — Vide:"Regulamento para o serviço das contrastarias e do fabrico e comércio de barras e obras de ouro e prata,"*Diário do Governo* de 19 de Fevereiro de 1886.

A partir do concelho de Cantanhede, e particularmente das actuais freguesias de Nª. Senhora das Febres e Vilamar, irá difundir-se no país uma importante comunidade de ourives. Além de concorrerem para o aparecimento local de um grupo social com maior poder económico e político, contribuíram de modo decisivo para a difusão do comércio do ouro em Portugal.

Para quem percorra o território gandarês, a povoação de Vilamar, apesar das alterações que ultimamente se verificaram, furta-se quase completamente ao padrão que apresenta a generalidade das outras povoações rurais. Um número elevado de habitações deixa transparecer um estilo que se demarcará temporalmente pelos anos 5O/6O e a existência de um poder económico invulgar na *Gândara* . É de um modo geral à emigração, nomeadamente para o Brasil, que se atribuem tais alterações, verificadas quer no padrão geral de construção,quer na subida social e económica que aquele deixa transparecer. Todavia, naquele núcleo populacional, a arquitectura não corresponde à que normalmente anda associada à casa construída pelo *brasileiro* . Se a freguesia de Nossa Senhora das Febres foi consideravelmente afectada pela emigração para o Brasil e para outros países da América, a taxa emigratória da povoação de Vilamar deve ter sido das mais baixas daquela área. A explicação dever-se-á, pois, procurar em outras circunstâncias que não na mobilidade geográfica, pelo menos na que se processou para o Continente Americano.

Ao concelho de Cantanhede pertence um grande número de comerciantes ligados ao ramo da ourivesaria, que se encontram distribuídos por todo o país, a grande maioria natural da freguesia de Nossa Senhora das Febres. A povoação de Vilamar, por sua vez, detém um lugar privilegiado no que se refere àquela actividade, não só porque aí residem algumas das famílias com as quais se deverá correlacionar, em parte, o desenvolvimento da *ourivesaria popular*, como é naquele núcleo populacional que grande parte dos ourives espalhados pelo país se abastece. Ou seja, é em Vilamar que se localizam alguns dos principais armazenistas do ouro([1]) que se transacciona no território nacional.

Deve pois relacionar-se com esta actividade o apogeu económico de que aquele lugar terá disfrutado, e cujo significado será mais relevante se enquadrado na área onde se situa. "Na Gândara há aldeolas êrmas, esquecidas entre pinhais, no fim do mundo. Nelas vivem homens, semeando e colhendo, quando o estio poupa as espigas e o inverno não desaba em chuva e lama. O inverno e a morte. Então são ramagens torcidas, barrancos, solidão, na terra dos homens". (C.OLIVEIRA, 1943,pag. 7). Tal apogeu é comprovado pela alteração

1 — Saliente-se que não são apenas objectos de ourivesaria que estão englobados neste tipo de comércio. A relojoaria teve e tem uma importância considerável. Inicialmente, quando um ourives ambulante pretendia estabelecer-se, recorria também à relojoaria, já que o investimento era menor. Progressivamente ia-a abandonando para se dedicar quase exclusivamente à venda de ouro. Nos últimos anos, devido à subida de preço daquele metal e à diminuição do poder de compra, a relojoaria retoma de certo modo o lugar que manteve durante algum tempo.

que se verifica na toponímia local. Até 1940, o núcleo populacional que corresponde actualmente a Vilamar designava-se por Escumalha, nome cujos habitantes consideravam de certa forma insultuoso, tanto mais que aí residiam alguns dos armazenistas de ouro, que tinham conquistado uma posição económica incomparavelmente superior ao cenário geral que se verificava na *Gândara*.

A imprensa regional foi, aliás, porta voz frequente quer das aspirações da população em alterar a designação inicial,(1) quer de notícias que deixam antever uma situação económica privilegiada. Tal se conclui,por exemplo,do relato da inauguração da luz eléctrica na Escumalha em 26 de Dezembro de 1934, no qual se afirma que todas as despesas foram pagas pela população (*GAZETA de CANTANHEDE* de 5 de Janeiro de 1935). Refira-se ainda que aquele núcleo populacional foi dos primeiros a ser electrificado no concelho a que pertence.

### 2.3.2 — A Importância da Freguesia de Nossa Senhora das Febres

Só através dos inquéritos, das entrevistas e da imprensa regional, foi possível acumular um número de informações que permita analisar um tipo de mobilidade circunscrita a uma área limitada, mas cuja importância económica ultrapassou largamente as suas fronteiras administrativas(2).

Esta não é, todavia, uma situação inédita no país. São inúmeras as áreas que se especializaram em determinados ramos de actividade. Nuns casos a população não chega a abandonar o local de residência, como acontece na região de Lorvão com o fabrico de palitos, noutros abandona-a temporariamente, como aconteceu na primeira fase do comércio do ouro, exercido pelos indivíduos naturais deste sector da *Gândara* . Outros exemplos se podem referir,como seja o dos *azeiteiros* do concelho de Poiares que, de vendedores ambulantes, passaram, nalguns casos, a proprietários de armazéns de azeite. Da serra da Lousã era natural um grande número de *estivadores* do porto de Lisboa, que só esporadicamente regressavam à terra de origem.

---

1 — Veja-se, por exemplo, a notícia inserida na *GAZETA de CANTANHEDE* em 7 de Abril de 1934, onde se propõe a altèração do nome daquela povoação da freguesia de Febres.

2 — Refira-se a existência de uma pequena comunidade de ourives ambulantes no concelho de Porto de Mós, situada na povoação de Cabeça Veada, freguesia da Mendiga.
Segundo as informações recolhidas, um ourives ambulante natural de Febres que frequentemente percorria aquela área lá se fixou há uns 50 anos,pois aí contraíu matrimónio. Embora de início tivesse alguns empregados, veio, passados alguns anos, a abandonar a actividade. Hoje, apenas 4 ou 5 indivíduos se dedicam àquele tipo de comércio, mas como actividade subsidiária.

Como já se referiu, residem em Vilamar alguns dos principais armazenistas do ouro que se transacciona em grande parte do território nacional. Exceptuam-se as cidades de Lisboa e Porto que, como adiante veremos,se revestem de características especiais. Tivemos acesso aos ficheiros de alguns dos comerciantes residentes em Vilamar. Para cada cliente existe um registo em que se refere a naturalidade e a residência actual. Computámos 168 indivíduos que adquirem parte ou a totalidade da sua mercadoria naquele núcleo populacional. Note-se que alguns comerciantes estão referenciados em vários armazenistas, já que comercializam com um número variado de intermediários. Contudo, e sempre que nos foi possível, a sua contagem processou-se apenas uma vez.

A partir daqueles registos, verifica-se assim que, no total de comerciantes de ourivesaria, 67 são naturais da freguesia de Nossa Senhora das Febres, correspondendo a 39.9% do total de fichas a que nos foi dado acesso. Note-se no entanto, que é frequente, no caso de centros de maior dimensão,a ocorrência de várias casas comerciais cujos proprietários são oriundos daquela área administrativa. Na Fig. 53, em que se pretende mostrar a difusão dos ourives a partir das informações que nos foram facultadas, apenas considerámos os locais onde se encontram estabelecidos e não o número de proprietários (Quadro 56 e Fig. 53).

Apesar das limitações da amostra,julgamos que a Fig. 53 dá uma imagem da frequência com que a freguesia de Nossa Senhora das Febres é referida como naturalidade dos comerciantes de ouro e da sua difusão pelo país. Refira-se que alguns indivíduos ligados àquela actividade, e naturais da mesma freguesia, se estabeleceram nas ex-colónias, mantendo simultâneamente casas comerciais em Angola e Moçambique. Também na capital da actual República da Guiné Bissau, se radicou um comerciante natural de Febres, que se abastecia em Vilamar. Por outro lado, segundo alguns dos nossos interlocutores, ainda actualmente se dedicam ao comércio do ouro indivíduos naturais de Febres que emigraram nos anos 40 e 50 para o Brasil, Venezuela e Estados Unidos.

Com base ainda nos referidos ficheiros, enviámos um inquérito (modelo 2 em anexo), a 94 comerciantes espalhados pelo território nacional. Responderam 42, isto é, 44.7%. O objectivo central do inquérito foi recolher informação com vista a determinar o itinerário traçado por cada comerciante, desde o início da actividade até se estabelecer. Outra fonte privilegiada de informação residiu nas entrevistas que nos concederam quer os actuais armazenistas, quer ex-ourives ambulantes, hoje desligados da actividade exercída durante alguns anos, quer ainda proprietários de casas comerciais ligadas ao mesmo ramo de actividade.

QUADRO Nº 56 - DISTRIBUIÇÃO DE OURIVES NATURAIS DA FREGUESIA DE Nª. SRª. DAS FEBRES PELO TERRITÓRIO NACIONAL

| Local onde se estabeleceram | Nº de indivíduos | Local onde se estabeleceram | Nº de indivíduos |
|---|---|---|---|
| Águeda | 1 | Mogadouro | 1 |
| Albufeira | 1 | Monção | 1 |
| Alcobaça | 2 | Nazaré | 1 |
| Almada | 2 | Niza | 1 |
| Almeirim | 1 | Olhão | 1 |
| Arganil | 1 | Parede | 1 |
| Arraiolos | 1 | Penamacor | 1 |
| Barreiro | 1 | Portalegre | 1 |
| Beja | 1 | Régua | 1 |
| Borba | 1 | Rio Maior | 2 |
| Caldas da Rainha | 1 | Sabugal | 2 |
| Carregal do Sal | 1 | Salvaterra de Magos | 1 |
| Cascais | 2 | Seia | 1 |
| Coimbra | 9 | Setúbal | 2 |
| Condeixa-a-Nova | 1 | Sines | 1 |
| Covilhã | 1 | Sintra | 1 |
| Cuba | 1 | Sobral de Monte Agraço | 1 |
| Estarreja | 1 | Soure | 1 |
| Faro | 2 | Tavira | 1 |
| Ferreira do Alentejo | 1 | Torres Novas | 1 |
| Grândola | 1 | Valença | 1 |
| Ílhavo | 1 | Vila Real | 1 |
| Lamego | 1 | Vila Real de Santo António | 2 |
| Leiria | 3 | Viseu | 2 |
| — | — | Total | 67 = 39,9% (168 = 100.0%) |

Fonte: *Ficheiros de armazenistas locais.*

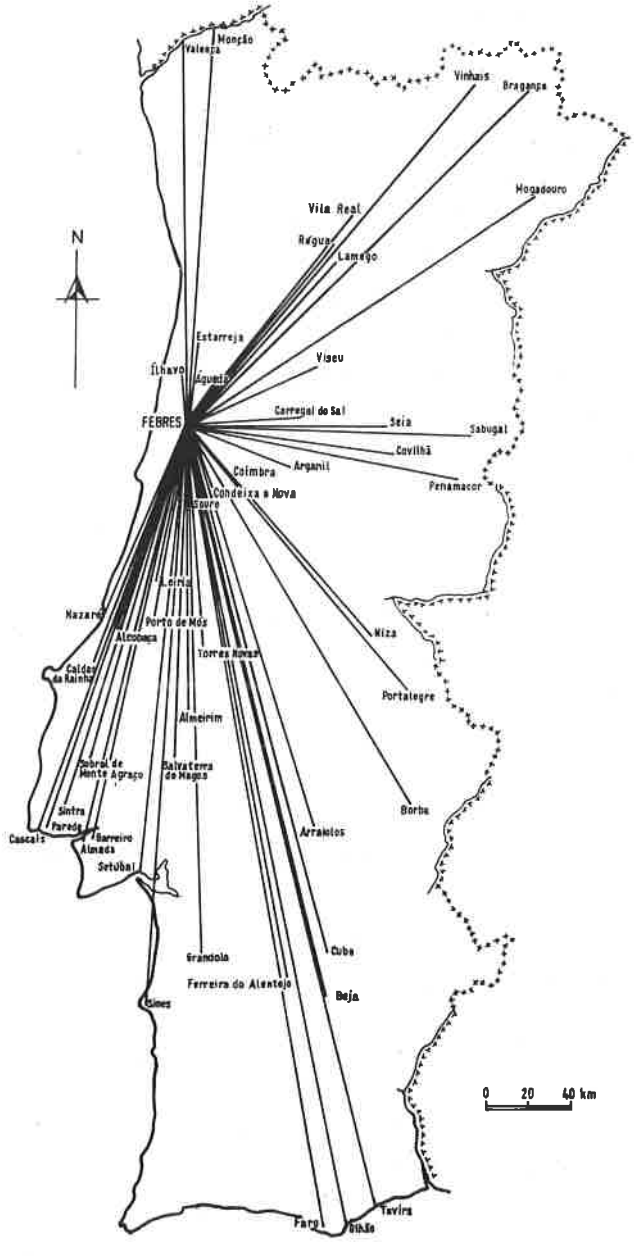



FIG. 53 - Difusão dos ourives a partir da freguesia de N$^{a}$ S$^{ra}$ dos Febres

FONTE : F. DELGADO CRAVIDÃO (1986).

2.3.3 — A Análise da Amostra

A Fig. 54 e o Quadro 57 mostram a distribuição dos ourives segundo a naturalidade e a freguesia onde se estabeleceram como comerciantes([1]). Da sua observação pode concluir-se que a grande maioria dos indivíduos inquiridos é natural do concelho de Cantanhede 27 (76,5%). Contudo, da distribuição que se verifica pelas freguesias do concelho emerge a importância da freguesia de Nossa Senhora das Febres. Desta, são naturais 20 indivíduos o que corresponde a 74.1% do total do concelho a que pertence. Da freguesia de Cantanhede são naturais 5, enquanto apenas um diz ter nascido na freguesia de S. António de Covões. Isto é, apesar da grande maioria dos inquiridos ser natural daquele concelho, é na freguesia de Febres que se verifica a maior frequência relativa à naturalidade. Analisando agora apenas esta freguesia, verificamos que a referência a Vilamar ocorre 8 vezes, ou seja, 40% dos indivíduos naturais daquela unidade administrativa são oriundos daquele núcleo populacional. Este facto tem ainda mais significado,se pensarmos que a freguesia tem 25 lugares.

Quanto às freguesias situadas fora do concelho de Cantanhede, de Mira e Vagos são naturais dois indivíduos; do Fundão, da Guarda, de Gouveia e de Vinhais é apenas natural um inquirido (ver Fig. 54).

Em resumo, pode concluir-se que a maioria dos ourives inquiridos é natural duma pequena área do Centro Litoral Português, correspondente aos concelhos de Mira, Vagos e Cantanhede, na qual este detém uma importância privilegiada. Deve também salientar-se ser Febres a freguesia em que se verifica a maior frequência, e Vilamar o núcleo mais importante.

Por outro lado,a análise da informação parece sugerir que grande parte dos inquiridos passou no decurso da sua actividade profissional por dois momentos. O primeiro relacionado com o período de tempo, durante o qual exerceram o comércio como ambulantes: trabalham de início em geral por conta de outrem e só posteriormente o fazem por conta própria. O segundo momento corresponde já ao comerciante estabelecido, normalmente na área onde, como ambulante, transaccionava a sua mercadoria. Acrescente-se que, ainda actualmente, alguns ourives fazem as feiras próximas do local onde se fixaram, mantendo uma clientela que muitas vezes ainda vem da *volta*([2]).

Das respostas ao inquérito conclui-se que 73.5% dos proprietários actuais tinham sido *ambulantes*. Dos restantes, uns ou passaram de empregados para proprietários, em geral por

---

1 — Embora tenhamos recebido 42 inquéritos, apenas em 34 foi possível recolher informação referente à naturalidade e à sua actual residência.

2 — Designa-se por *Volta* o período de tempo, durante o qual o *ourives ambulante* se ausentava da sua residência para se dedicar ao comércio do ouro e que variava de alguns dias a vários meses.

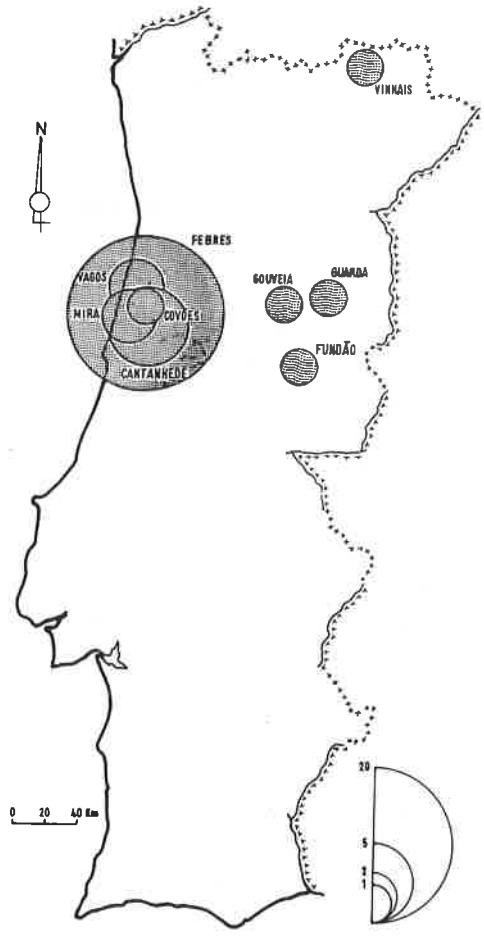



FIG. 54 - Distribuição dos ourives segundo a naturalidade

FONTE: F. DELGADO CRAVIDÃO (1986)

herança; outros eram empregados de diferentes ramos do comércio e, em determinado momento, enveredaram pela ourivesaria. Contudo, o quantitativo de indivíduos nestas circunstâncias é diminuto. Além disso, os que foram ambulantes estão na generalidade ligados à actividade por laços de parentesco. Do total da amostra, 21 (50%) são filhos de indivíduos ligados ao comércio do ouro, todos eles *ourives ambulantes.* Foi, aliás com os pais (ambulantes) que se iniciaram na actividade. Dos restantes, 18 são filhos de agricultores pobres, alguns dos quais se deslocavam,durante uma parte do ano, para outros concelhos como *serradores.* Mais de metade dos indivíduos que se dedicavam à agricultura exercia complementarmente aquela actividade. *Tecelão*, *funcionário público* e *carpinteiro* são as outras actividades referidas para os pais dos inquiridos.

QUADRO Nº 57 - DISTRIBUIÇÃO DOS OURIVES SEGUNDO A NATURALIDADE E O LOCAL ONDE SE ESTABELECERAM

| Naturalidade (freguesia) | Local onde se estabeleceram |
|---|---|
| Cantanhede | Portalegre |
| Cantanhede | Albufeira |
| Cantanhede | Leiria |
| Cantanhede | Ferreira-do-Alentejo |
| Cantanhede | Águeda |
| Covões | Cova da Piedade |
| Febres (Vilamar) | Olhão |
| Febres (Vilamar) | Alcobaça |
| Febres (Vilamar) | Parede |
| Febres (Vilamar) | Cuba |
| Febres (Vilamar) | Covilhã |
| Febres (Vilamar) | Coimbra |
| Febres (Vilamar) | Caldas da Rainha |
| Febres (Vilamar) | Nazaré |
| Febres (Vilamar) | Marinha Grande |
| Febres | Viseu |
| Febres | Carregal do Sal |
| Febres | Setúbal |
| Febres | Alcobaça |
| Febres | Almada |
| Febres | Moscavide |
| Febres | Arganil |
| Febres | Mogadouro |
| Febres | Lamego |
| Febres | Borba |
| Febres | Rio Maior |
| Fundão | Grândola |
| Gouveia | Gouveia |
| Guarda | Guarda |
| Mira | Vila Real |
| Mira | Sintra |
| Vagos | Beja |
| Vagos | Santarém |
| Vinhais | Bragança |

Total = 34

Fonte: *Inquérito.*

Embora se trate de uma amostra que, pela sua dimensão, obriga a algumas reservas, a sua análise parece sugerir que uma grande parte dos actuais ourives, oriundos da freguesia de Febres ou das áreas limítrofes, foi num primeiro momento *ambulante*; na generalidade, são filhos de pais com a mesma actividade e que, salvo algumas excepções.nunca se vieram a estabelecer. Por outro lado, deve ainda notar-se que,na geração anterior à inquirida, muitos dos *ourives ambulantes* tinham sido *serradores*, actividade que os obrigava a estarem afastados da sua residência alguns meses durante o ano.

Parece ser a geração por nós analisada aquela que corresponde a uma época áurea desta actividade. Pois, a passagem de *ourives ambulante* a estabelecido deverá significar para a maioria dos casos uma ascenção económica que grande parte dos seus antecessores não conseguiu atingir.

A Fig. 55 pretende relacionar a estrutura etária dos inquiridos e a idade com que se fixaram com comércio de retalho. Entenda-se que, numa fase transitória, muitos comerciantes mantiveram, ainda que mais limitado, o comércio ambulante, para não perderem a clientela que dificilmente os procuraria no local onde se fixaram. Contudo, o processo modifica-se gradualmente e poucos são hoje os que periodicamente se deslocam aos locais onde transaccionavam uma boa parte da sua mercadoria. Apenas algumas feiras mantêm este tipo de comércio que todavia vai progressivamente desaparecendo.

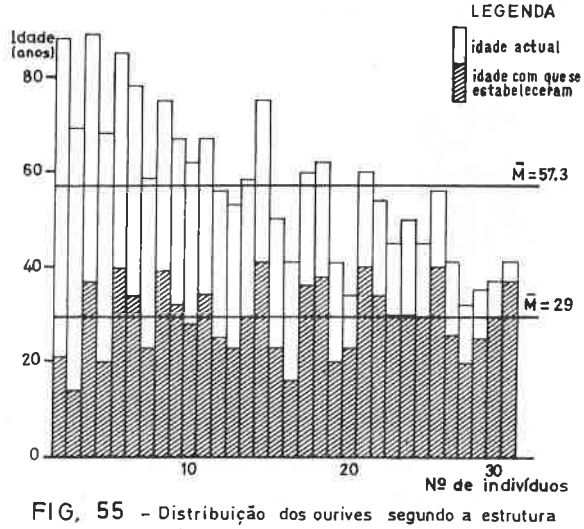



FIG. 55 - Distribuição dos ourives segundo a estrutura etária e a idade com que se estabeleceram

FONTE: F. DELGADO CRAVIDÃO (1986)

Apresentando uma média de idade próxima dos 58 anos, grande parte dos comerciantes inquiridos deverá ter-se estabelecido com cerca de trinta anos (cfr. Fig. 55). Por outro lado, a idade com que se iniciam no comércio do ouro tem a sua frequência máxima na classe etária que varia entre 12 e 19 anos: 68%. Dos 20 anos aos 25 apenas 28% entraram para aquela actividade, enquanto que com mais de 25 anos apenas 4% começaram a trabalhar como ourives ambulantes. A média da idade é portanto relativamente baixa, 18.7 anos, situando-se antes da prestação do serviço militar.

Quanto ao período de tempo em que se dedicavam exclusivamente ao comércio ambulante é bastante variável. Apesar da média se situar próxima dos 12 anos, um dos inquiridos apenas durante dois anos foi ambulante, enquanto que outros ultrapassaram os 20 anos. Um dos casos da amostra chegou a estar ligado, durante três décadas, às feiras e ao comércio ambulante.

A frequência com que se foram estabelecendo ao longo dos anos está representada na Fig. 56.

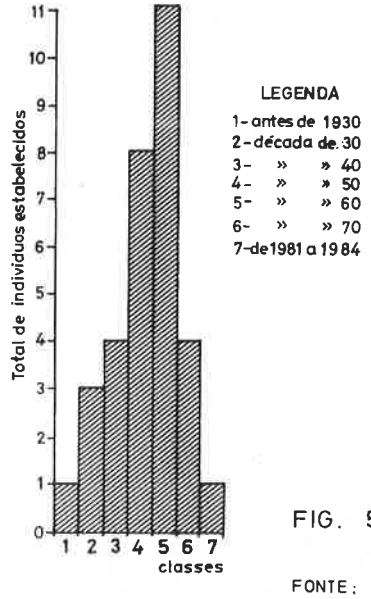



FIG. 56 – Distribuição da frequência com que se estabeleceram os ourives

FONTE: F. DELGADO CRAVIDÃO (1986).

A década de 60 corresponde ao período de tempo em que um maior número de ourives ambulantes se fixa(11), logo seguido da década de 50 com 8 e das décadas de 40 e 70 que apresentam um valor significativamente mais baixo: 4 . Os outros anos correspondem, por um lado, ao período de tempo em que a actividade estava em desenvolvimento progressivo e que culminaria nas décadas de 50 e 60; por outro, a uma fase mais recente, que corresponde simultaneamente à decadência deste tipo de comércio. Aliás, da expansão

desta actividade da década de 30 a finais da de 50,"falam os números, entre os quais por mais expressivos, avultam os pesos de metais transformados no Norte". (G.F.MARQUES, 1960, pag.67). Em 1938 foram transformados 985 quilos de ouro enquanto em 1958 o quantitativo atingia 8390 quilos.

A partir de 1970 assiste-se à sua decadência gradual, para a qual terão concorrido várias circunstâncias a que posteriormente nos referiremos.

### 2.3.4 — A Difusão dos Ourives

Ainda que do concelho de Cantanhede seja natural um numeroso quantitativo dos ourives distribuídos pelo país, actualmente as freguesias de N. S.a das Febres e Vilamar não são senão um ponto de passagem entre o local de manufactura e o restante território nacional. Em Vilamar não existem ourivesarias, mas grandes armazenistas, isto é, intermediários que se abastecem principalmente no Norte e fornecem grande parte dos comerciantes de ouro do país. De resto,nas onze oficinas existentes naquela povoação, apenas se trabalha em *consertos* , quer de artigos de relojoaria quer de objectos de ouro e prata.

Refira-se todavia que, apesar da importância daquela freguesia relativamente à difusão dos ourives, nas áreas de Lisboa e Porto a sua penetração encontrou algumas resistências por parte de comerciantes ligados ao mesmo ramo de actividade. No caso de Lisboa, essas dificuldades eram acrescidas pelo facto de aí habitar uma clientela mais exigente, situada preferencialmente na média e alta burguesia, cujos gostos não obedecem ao padrão que normalmente acompanha a *ourivesaria popular* . De resto, obter uma casa comercial por trespasse não estava ao alcance de um indivíduo que tinha passado alguns anos como *ourives ambulante*. Daí que se situem numa área periférica as ourivesarias que são propriedade de naturais do concelho de Cantanhede. Cascais, Parede, Oeiras, Moscavide, Almada, Cova da Piedade são alguns exemplos de núcleos onde, oriundos daquele concelho, se instalaram comerciantes de ouro, prata e relojoaria que, num primeiro momento, foram *ambulantes*.

Excluídas as duas situações, que correspondem simultâneamente aos dois centros mais antigos de manufactura e comercialização do ouro em Portugal, poder-se-á questionar como a partir de Febres se distribuiu pelo país o numeroso grupo de indivíduos que se dedica àquele tipo de comércio.

Viu-se que, numa primeira fase da sua actividade, quase todos os ourives inquiridos tinham sido ambulantes. Trabalhando inicialmente por conta de outrem a quem alugavam a

*mala* (1), eram encaminhados pelos *mieiros* para regiões onde este tipo de comércio ainda não tinha chegado ou onde só muito raramente afluía. Era-lhes assim "atribuída" uma área no país, onde permaneciam durante algum tempo com a finalidade de transaccionarem a sua mercadoria. Na amostra que analisámos, alguns dos inquiridos chegavam a estar afastados da sua residência 6 meses. Apenas um afirmou demorar a *fazer a volta* 8 dias. A média, determinada em função das informações recebidas,situa-se próxima dos 70 dias por *volta*. Numa época em que o desenvolvimento dos transportes motorizados era incipiente,grande parte do percurso era feito a pé e/ou de bicicleta. Utilizando nalguns casos o caminho de ferro, este apenas os transportava para os centros mais próximos da sua área de mercado. Daí que as notícias referentes a assaltos tenham sido frequentes na imprensa da época. A informação mais antiga que encontrámos data de 5 de Agosto de 1917 no jornal *Defesa de Mira* , onde é referido o assassinato de um ourives de Balsas (Febres), de 17 anos, cujo crime terá sido cometido em Arronches.

Com áreas perfeitamente demarcadas no território nacional, estes homens foram adquirindo progressivamente uma clientela fixa e obtendo uma melhoria na sua situação económica. De comerciantes ambulantes por conta de outrem passam a trabalhar por conta própria, tornando-se posteriormente proprietários de uma casa comercial.

De notar que este comércio se revestia por vezes de aspectos particulares. Iniciada a *volta* com determinado peso em ouro na *mala*, regressavam em geral, se o negócio corria bem, com a mesma quantidade, só que constituída por artigos adquiridos por troca: *cascalho* e moedas antigas na maioria dos casos. Recorde-se que, no final do século XIX, as moedas de ouro tinham saído de circulação, devido à reorganização do Banco de Portugal. Frequentemente pesado à mão, o ouro assim adquirido, no caso de não trabalharem por conta própria, era depois entregue ao indivíduo para quem comercializavam.

Tendo como objectivo principal tornarem-se proprietários duma casa ligada ao mesmo tipo de comércio, compreende-se que tenha sido na área onde já o exerciam, embora como *ambulantes*, que se tenham vindo a fixar. Do total de inquiridos, 73.5% afirmam que se estabeleceram na área onde já tinham clientela, vindo o casamento nalguns casos a consolidar a fixação. Mantêm, todavia, ainda que a nível comercial, relações com a freguesia donde são naturais. Cerca de 50% dos indivíduos referentes à amostra continuam a abastecer-se em Vilamar, apesar do Porto, Gondomar, Cantanhede ou Coimbra serem importantes mercados . Lisboa é apenas referida por dois individuos como centro abastecedor.

---

1 — O termo *mala* aplica-se a um pequeno baú fabricado em folha de Flandres, onde os ourives ambulantes transportavam os objectos de ouro e, mais raramente, relógios que transaccionavam nas suas áreas de mercado.

Actualmente, são já raros os que se dedicam ao comércio ambulante. Os que o fazem exercem-no como actividade subsidiária. Para alguns casos, será ainda o resíduo dum comerciante ambulante que nunca conseguiu ascender a proprietário de uma casa comercial. Contudo, nalgumas áreas interiores do país existe ainda o ourives que periodicamente lá se desloca de motorizada ou automóvel e mantem, simultâneamente, a casa comercial que, na maior parte dos casos, se situa na sede concelhia.

Apesar de uma parte da população que se dedica ao comércio do ouro ter abandonado o concelho da sua naturalidade, a importância de que aquele ainda hoje disfruta é significativa. Basta,por exemplo, comparar o número de indivíduos que, segundo o *Recenseamento Geral da População*, 1981, se dedicam à joalharia, ourivesaria, lapidação de pedras preciosas e trabalhos similares. A sua distribuição por distritos está representada no Quadro 58.

QUADRO Nº 58- Nº DE INDIVIDUOS QUE NO PAÍS SE DEDICAM Á JOALHARIA, OURIVESARIA, [...], 1981.

| Distrito | Total |
|---|---|
| Aveiro | 22 |
| Beja | 11 |
| Braga | 152 |
| Bragança | 15 |
| Castelo Branco | 9 |
| Coimbra | 105 |
| Évora | 12 |
| Faro | 8 |
| Guarda | 8 |
| Leiria | 24 |
| Lisboa | 662 |
| Portalegre | 5 |
| Porto | 2124 |
| Santarém | 32 |
| Setúbal | 123 |
| Viana do Castelo | 9 |
| Vila Real | 39 |
| Viseu | 40 |

FONTE: - *Recenseamento da população, 1981.*

Ora, segundo a mesma fonte, no concelho de Cantanhede existem 60% dos indivíduos registados para o distrito de Coimbra: isto é, 63 num total de 105, valor que mostra bem a sua importância no que se refere àquelas profissões. Por outro lado, verifica-se ainda que aquele concelho tem uma posição privilegiada relativamente à maioria dos distritos do território nacional. Exceptuando Coimbra, apenas Braga, Lisboa, Porto e Setúbal o ultrapassam. Este facto tem tanto mais significado, se pensarmos,por um lado,que são unidades administrativas muito mais vastas e,por outro, que se trata das sedes tradicionais da manufactura e comercialização do ouro em Portugal.

### 2.3.5 — As Feiras e o Desenvolvimento Económico do Comércio do Ouro

Não é fácil encontrar uma explicação definitiva que justifique o desenvolvimento atingido pelo comércio do ouro no concelho de Cantanhede, com maior incidência nas freguesias de Nossa Senhora das Febres e Vilamar. Temporalmente, deverá ser um fenómeno recente. É possível ter-se iniciado no final do século XIX ou nos primeiros anos do século XX.

A notícia mais antiga que encontrámos, referente a um indivíduo natural do concelho de Cantanhede com a profissão de ourives, data de 17 de Julho de 1863, e consta dum registo de passaporte para o Brasil([1]). Só em 1912 aquela actividade volta a ser atribuída de novo a um emigrante. Natural de Febres, abandona o país em Outubro de 1912 com destino à cidade de Santos ([2]).

Embora nos *Registos de Passaportes* sejam referenciados dois indivíduos como *ourives*, julgamos que o seu significado não é relevante: por um lado, os registos estão separados um do outro quase meio século,por outro, os seus detentores deveriam usufruir duma situação económica, possivelmente superior ao padrão geral apresentado pelos emigrantes. A constituírem, pois, já uma comunidade numerosa, seria pouco provável que viessem referidos nos registos de emigrantes. Pelo contrário deveriam constar das listas do *Recenseamento Eleitoral*, devido à circunstância de só poderem ser eleitores indivíduos que usufruíssem dum rendimento anual mínimo de dez mil réis. Ora, no *Recenseamento Eleitoral*

---

1 — A.U.C., *Documentação do Governo Civil de Coimbra* "Livros de Registos de Passaportes", 1.o volume, anos de 1835-1867.

2 — A.U.C., *Documentação do Governo Civil de Coimbra*, "Livros de Registos de Passaportes",69º volume, de 17-8-1912 - 28-10-1912.

de 1886 não consta qualquer indivíduo com aquela profissão(1). Por outro lado, não verificámos qualquer referência àquela actividade nos *Registos Paroquiais de Baptismo* (2).

Estes factos parecem sugerir que no final do século XIX, a existência de *ourives ambulantes* na freguesia de Nossa Senhora das Febres seria pouco provável, ou então o seu número bastante escasso. Dessa escassez seria testemunho o *ourives* que em Julho de 1863 emigrou para o Brasil.

Segundo o Presidente do Grémio dos Industriais de Ourivesaria do Norte, (G. F. MARQUES 1960, pag. 21) "... surgiu à volta de 1900 um novo elemento desta actividade ou seja os *ambulantes* que deram a percorrer regiões, onde principalmente os artigos de ouro não tinham chegado às feiras e aos mercados, constituindo esses vendedores falange numerosa". Julgamos, pois, que terá sido na transicção do século XIX para o XX que se deverá situar o aparecimento desta actividade. Com um escasso número de elementos à partida, foi adquirindo gradualmente maior importância, chegando o seu número a ser de tal modo elevado que, na freguesia de Febres foi fundada uma Associação de Ourives que no início da década de 40, os orgãos do poder pretenderam transformar em organismo corporativo. Perante a oposição dos seus sócios, veio posteriormente a ser encerrada.

Em abono da hipótese de que será uma actividade iniciada, possivelmente, vai para um século, parece ser a escassez de notícias referentes a ourives. Pelo contrário, a frequência com que aparecem a partir da segunda década deste século, quer a relatar numerosos assaltos quer a informar de outros acontecimentos que envolvem *ourives ambulantes*, parece significar que constituiam já uma comunidade numerosa.

De resto, julgamos que o desenvolvimento do comércio ambulante de ouro não poderá ser desligado das alterações que,no final do século XIX, se verificaram no sistema bancário português. Embora existindo há já algum tempo, o Banco de Portugal sofre a sua mais importante reorganização em 1887, que o torna o único banco emissor do país. "...Não admira que com a criação do autêntico Banco de Portugal (...) a moeda de ouro visível que ainda durante todo o século XIX correra(...) tivesse desaparecido..." (L.R.SOARES, 1971, pag. 72), sendo substituída pelo papel-moeda.

Esta circunstância motivou por certo nalgumas regiões do interior do país, de menor acessibilidade, a retenção de moedas de ouro que depois foram adquiridas, por troca, por indivíduos que posteriormente as transaccionavam nas feiras da sua área. Julgamos que, numa primeira fase os *serradores* terão desempenhado o papel decisivo, já que se deslocavam com alguma frequência para o interior do país e eram naturais duma área onde a

---

1 — A.U.C., *Documentação do Governo Civil de Coimbra*, "Recenseamento Eleitoral -1886- freguesia de N.a S.a de Febres"

2 — Refira-se que, a partir do século XVIII , é praticamente sempre mencionada a profissão dos progenitores. No levantamento que realizámos até 1864 nenhum indivíduo foi registado como *ourives*.

função das feiras sempre foi fundamental, quer pelo número elevado das que lá se realizam, quer pela diversidade dos produtos transaccionados.

Região onde ainda predominam lugares de pequena dimensão e pouco hierarquizados, as feiras são agentes fundamentais do comércio desta área, com que se deverá interligar o aparecimento e desenvolvimento do comércio do ouro. Refira-se que, segundo alguns dos nossos interlocutores, era frequente, nos dias da realização de feiras locais, a deslocação de comerciantes de ouro, prata e relojoaria que do Norte vinham abastecer os seus clientes, alguns dos quais ambulantes. Por outro lado, no caso da feira de Cantanhede, aquela em que na região provavelmente se transaccionava mais ouro, alguns dos intermediários do Norte permaneciam vários dias na sede concelhia,para aí poderem realizar as suas transacções comerciais.

Elucidativo da importância de tal actividade, verifica-se ainda, a partir da década de 30, a publicação de anúncios relacionados com a venda de ouro; transcreve-se mesmo um diálogo entre um empregado dum importante armazenista local e um agricultor, em que este se queixa da sua precária situação económica comparada com a do seu interlocutor ([1]).

A frequência com que aparecem as mais diversas notícias, deixa transparecer, por um lado, a ascenção económica de alguns indivíduos ligados ao comércio do ouro e, por outro, demonstra que era cada vez mais elevado o quantitativo de indivíduos que se ligava a tal actividade.

A corroborar o apogeu que possivelmente se verificou pela década de 40, está, para além da Associação de Ourives, o facto de em 1945 e 1947 dois ourives naturais de Febres terem marcas de contraste registadas, (M.G.VIDAL, 1958): Manuel António Rosete com o número 5118 e Luciano Cruz com o número 4867, num conjunto próximo dos 6 000 registos, em que a quase totalidade pertencia a comerciantes de Lisboa, Porto e alguns centros do Norte. Este facto revela bem até que ponto o comércio do ouro se tinha desenvolvido na freguesia de Febres.

Numa relação apresentada anteriormente (L. COSTA, 1920, pag. 75), apenas havia contrastes de ouro e prata em Lisboa, Porto, Braga, Guimarães, Évora, Setúbal e Beja, o que significa que àquela data a freguesia de Febres ainda não detinha a importância que veio a conquistar.

Há todavia outra hipótese - que, pela informação disponível, nos parece menos provável -, para explicar a ocorrência do comércio do ouro nomeadamente na freguesia de Febres, já que se relaciona com o lugar da *Escumalha* , hoje Vilamar. Referida no *Dicionário*

---

1 — *GAZETA de CANTANHEDE*, 9 de Outubro de 1943 .

*Geográfico* , 1758, com 12 vizinhos ([1]), Escumalha deveria o seu nome à existência de uma fábrica que fabricava pez e breu. Ora, segundo alguns dos nossos interlocutores, aquela designação relaciona-se não com a referida fábrica, mas com a provável existência duma colónia de Judeus que ali se teria furtado às perseguições da Inquisição. Apesar de aqueles serem tradicionalmente comerciantes de pedras preciosas e de constituirem "uma parte importante do artesanato nacional, dedicando-se sobretudo a técnicas especializadas como por exemplo a ourivesaria", (A.J.SARAIVA, 1979), esta hipótese é, em nossa opinião, menos provável: a manufactura de artigos em ouro nunca foi tradicional em Vilamar. De resto, as oficinas que lá existem apenas se dedicam a *consertos* . Parece mais provável que o comércio do ouro começou a desenvolver-se e a estender-se por todo o território nacional, graças à afluência de comerciantes que se deslocavam do Norte às feiras locais e aliciavam a mão-de-obra pobre e disponível,impossibilitada de emigrar e conhecedora, em alguns casos, doutras regiões do país.

Em síntese, actividade com larga tradição em Portugal, a ourivesaria manteve-se quase exclusivamente ligada aos dois principais centros urbanos do país. Passando por sucessivos períodos de apogeu e decadência,a manufactura de objectos de ouro voltou-se quase sempre para a classe com maior poder económico . Daí, que a produção de artigos de custo reduzido fosse restrita, tal como o número de indivíduos que os adquiria.

Todavia, a partir do final do século XIX, o cenário da manufactura e comercialização do ouro em Portugal altera-se. A publicação do *Regulamento das Contrastarias* em 1886 irá, em parte, facilitar tal actividade. O desenvolvimento da *ourivesaria popular*, voltada para um mercado que não o tradicional, leva ao aparecimento duma nova classe de comerciantes que percorrerá grande parte do território nacional em busca duma clientela que, até aí e por razões económicas, não lhe tinham acesso. Surgem assim os *ourives ambulantes*. Esta nova classe de comerciantes percorrerá o país durante largas dezenas de anos, inserindo-se numa forma de mobilidade espacial que, como se viu, se reveste de características particulares. Com áreas perfeitamente demarcadas no país, passarão posteriormente a exercer o comércio permanente, distribuindo-se por todo o território e privilegiando as áreas onde tinham uma clientela assegurada. De tal forma o comércio ambulante do ouro assumiu significado que deu origem à formação de um importante grupo social e económico, os *ourives*, cuja expressão é comprovada pelo facto de Vilamar, de modo particular, e a freguesia de Febres de uma maneira geral, constituirem dois dos principais centros abastecedores do mercado nacional.

---

[1] — A.N.T.T., *Dicionário Geográfico*, 1758, em "Soza".

## 3 — A EMIGRAÇÃO

### 3.1 — A Emigração no Século XIX e Princípios do Século XX

#### 3.1.1 — Características Gerais

Com o intenso fluxo emigratório iniciado principalmente a partir da segunda metade do século XIX, abre-se um novo ciclo na região gandaresa.

O desajustamento entre o crescimento económico e o surto de crescimento demográfico, processado a partir do século XVIII, provocou uma ruptura entre o território e a população. Deste facto resultará uma importante mobilidade populacional que levou alguns milhares de gandareses a abandonar o seu local de origem.

Inserida num espaço mais vasto que é o território nacional, a *Gândara* não se furta aos numerosos contingentes emigratórios que serão provavelmente a característica mais marcante no cenário demográfico do país, de 1870 até ao início da Primeira Guerra Mundial.

A dinâmica da população portuguesa foi, durante o último quartel de oitocentos e princípios do seguinte, condicionada pelos fluxos de população que procuraram no Novo Mundo melhores perspectivas de vida. Embora internamente se observem deslocamentos do meio rural para os núcleos urbanos (cfr. A. GIRÃO e F. VELHO, 1948) e deslocações de carácter sazonal que no Sul procuram periodicamente o trabalho que escasseia no Norte, (cfr. A. GIRÃO, 1960, pags. 299-307; O. RIBEIRO, 1941, pags. 318-325 e S. PICÃO, 1947, pags.191-209), a característica mais importante da mobilidade da população portuguesa, no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, terá sido o intenso fluxo emigratório dirigido para o Continente Sul Americano. É da conjugação de condicionalismos sociais, económicos e políticos, nacionais e internacionais, que a onda emigratória se acelera, provocando regionalmente alterações marcadas nos quadros demográficos tradicionais.

De resto, os grandes contingentes de população emigrada, inserem-se num quadro mais vasto em que os países da bacia mediterrânea ocupam os primeiros lugares. Segundo o *PRIMEIRO INQUÉRITO PARLAMENTAR SOBRE EMIGRAÇÃO* (1873, pag. 12), em 1870, o número de emigrantes entrados no Brasil pelo porto do Rio de Janeiro foi de 9 642, em que 6 110 eram portugueses, 986 italianos, 549 franceses, 427 ingleses e 364 espanhóis. Lugar de destaque ocupavam também os alemães com 291 indivíduos.

O estado de S. Paulo é o grande receptor de emigrantes italianos, constituindo talvez a maior comunidade de estrangeiros no Brasil. Segundo R. H. LOBO (1968, pag. 67), "o maior contingente emigratório, a partir dessa época (1871), se compõe de italianos radicados de preferência em S. Paulo, onde os seus descendentes, além de constituírem a maioria em

importantes cidades, como Campinas, Santo André, Jundiaí e outras, formam uma fracção deveras considerável da população do Estado". Para RAQUEL SOEIRO DE BRITO (1960 b, pag. 19), "nos setenta e dois anos que decorrem entre 1884 e 1955, dos 4666700 imigrantes do Brasil, 1496800 (32%) são Italianos.

Se os portugueses se dirigiam preferencialmente para o Brasil, Montevideu e Buenos Aires eram os grandes portos de chegada dos emigrantes europeus. Segundo aquele *RELATÓRIO* (pag. 51), entre 1866 e 1868 entraram na capital do Uruguai 19 111 italianos, 7 875 espanhóis e 520 franceses.

Mas, na década seguinte o Brasil sobrevaloriza-se, relativamente aos emigrantes europeus que até então se dirigiam para outros países da América Latina, representando para os imigrantes italianos "um papel progressivamente crescente", (cfr. O. MARTINS,1956, pags. 241-245).

Portugal não fica alheio a todo este movimento que se dirige para o Novo Mundo. Embora, para a primeira metade do século de oitocentos, as informações sejam escassas, a partir da década de 50 os números revelam a importância dos fluxos emigratórios na dinâmica da população portuguesa. Para além de mostrarem uma fuga mais ou menos generalizada nalgumas regiões do país, observa-se também uma *viragem* na estrutura da população emigrada.

Segundo JOEL SERRÃO (1969, pag. 4), "a saída de portugueses inteiramente desprovidos de bens só deve ter ocorrido no decurso da segunda metade do século XIX". Partindo anteriormente como *colono* , depois dos anos cinquenta a "emigração portuguesa é constituída por gente cada vez mais pobre (...) que vai servir de massa de mão-de-obra para os empreendimentos económicos do Novo Mundo" (M. V. CABRAL, 1974, pag. 52).

A espectacular subida dos contingentes emigratórios e a alteração no padrão social e económico apresentada pelos emigrantes portugueses não são senão o espelho das modificações que entretanto se operavam na estrutura económica portuguesa. A penetração, ainda que lenta, do modo de produção capitalista no mundo rural levou não só à destruição de pequenas indústrias, ideia que parece ser corroborada pelo aumento do número de *artífices* nos contingentes emigratórios, como empobreceu os *mais pobres* . Segundo M. V. CABRAL (1979, pag. 54) a "...emigração oculta frequentemente um processo de expropriação dos camponeses pobres, o qual parece atingir proporções consideráveis nos momentos de crise aguda".

De resto, a elaboração do *PRIMEIRO INQUÉRITO PARLAMENTAR SOBRE EMIGRAÇÃO*, em 1873, é afinal um dos reflexos do clamor que contra a emigração se tinha instalado nas classes possidentes, nomeadamente junto dos grandes proprietários rurais. Dependentes, ainda que sazonalmente, da mão-de-obra que do Norte afluía ao Ribatejo e

Alentejo, viam escapar uma grande parte da reserva de braços a que recorriam durante alguns meses do ano. É aliás, neste contexto que devemos integrar as diversas tentativas de promover o povoamento de algumas áreas do Sul do país, de que o projecto levado a cabo por JOSÉ MARIA DOS SANTOS, a partir de 1860, na região de Pinhal Novo é um dos exemplos (cfr. A. GAMA, G. SANTOS e I. PIRES, 1981, pags. 535-557).

São porém tentativas que raramente resultam, pois só muito tardiamente se verifica um abrandamento na fuga das populações à pobreza das comunidades rurais, mais por condições internacionais (Primeira Grande Guerra) do que pela melhoria da situação nacional.

Os valores apresentados pela emigração que conhecemos com mais rigor a partir de 1855, sugerem a sua importância na dinâmica da estrutura demográfica portuguesa. Segundo RODRIGUES DE FREITAS, citado por JOEL SERRÃO (1972, pag. 35), o número de indivíduos que tinha abandonado o país entre 1855 e 1865 foi o seguinte:

| ANOS | Nº DE EMIGRANTES |
|---|---|
| 1855 | 11557 |
| 1856 | 10288 |
| 1857 | 9861 |
| 1858 | 8963 |
| 1859 | 9309 |
| 1860 | 6524 |
| 1861 | 5945 |
| 1862 | 5674 |
| 1863 | 4411 |
| 1864 | 4517 |
| 1865 | 4170 |

Posteriormente o *PRIMEIRO INQUéRITO PARLAMENTAR SOBRE EMIGRAÇÃO* (1873, pag. 495) apresenta para os anos de 1866 a 1871 os seguintes valores:

| | |
|---|---|
| 1866 | 4124 |
| 1867 | 4805 |
| 1868 | 4782 |
| 1869 | 6035 |
| 1870 | 7310 |
| 1871 | 10388 |

Mais tarde, os números publicados por LUCIANO CORDEIRO (1883, pag. 88) revelam o início de uma fuga generalizada de população. Segundo esse autor são os seguintes os valores referentes ao movimento emigratório:

| | |
|---|---|
| 1872 | 17283 |

| | |
|---|---|
| 1873 | 12987 |
| 1874 | 14834 |
| 1875 | 15434 |
| 1876 | 11027 |
| 1877 | 11054 |
| 1878 | 9925 |
| 1879 | 13207 |
| 1880 | 12596 |
| 1881 | 14635 |

Nos primeiros 25 anos, verifica-se que, à excepção de 1855 e 1866 - anos em que o número de emigrantes é muito elevado, 11 557 e 10 288 respectivamente - até 1870 os valores raramente ultrapassam os 6 000 indivíduos anuais. A partir de 1871 já o total é superior a 10 000 portugueses; em 1872 cifra-se em 17 284, o que corresponde - relativamente a 1866, ano em que se observa o valor mais baixo (4124) -, a um aumento de 319.1%. À excepção do ano de 1878, cujo número de emigrantes se ficou ligeiramente abaixo dos 10 000 (9 926), a emigração portuguesa não parará de crescer atingindo em 1912 quase 80 000 indivíduos (ver Quadro XXXIX).

A análise que se fará de seguida incidirá temporalmente em dois momentos: o primeiro abrange o período que decorre entre 1870-1879 e o segundo entre 1906 - 1912. Tal escolha baseia-se na circunstância de ser a partir da década de setenta que se começam a delinear as características que vão definir a emigração portuguesa, durante o longo período que decorre até 1950, altura em que nova *viragem* se opera nos fluxos emigratórios. A escolha da segunda série temporal, 1906-1912, além de coincidir também com grandes fluxos emigratórios, foi motivada sobretudo pela circunstância de politicamente se terem observado, nesse período, alterações na sociedade portuguesa. Contudo, e como se verá, a implantação da República em nada vem alterar a saída de população que, desde meados do século de oitocentos, tinha começado a abandonar o país. O que parece significar que a sociedade portuguesa, embora a monarquia tivesse findado em 1910, não tinha conseguido resolver as contradições herdadas do Antigo Regime.

### 3.2 — A Distribuição Espacial dos Fluxos Emigratórios

País com cenários demográficos, económicos e sociais distintos, não é provável que a emigração afectasse do mesmo modo todo o território nacional. Apesar de mais de um milhão de indivíduos ter abandonado Portugal, no período que abrange a segunda metade do século XIX e os primeiros anos do século XX, grande parte dos contingentes emigratórios têm a sua origem a Norte do rio Tejo. Apresentando também aqui diferenciações regionais, foram os distritos do Litoral que, duma forma constante, alimentaram as correntes migratórias que se

dirigiam para o Continente Americano. Embora algumas regiões interiores, como Trás-os-Montes, tenham concorrido de forma decisiva para engrossar o fluxo de população que abandonava o país, é nas áreas de maior pressão demográfica que se observam as mais elevadas taxas emigratórias([1]). De tal modo essa relação é evidente que ORLANDO RIBEIRO (1962, pag. 43) afirmaria: "com uma densidade de população moderada, um solo inteiramente ocupado (...) uma agricultura pobre, uma indústria reduzida a população portuguesa vive dentro de horizontes de trabalho muito apertados: em relação aos recursos a pressão demográfica é muito forte e a emigração aparece como o seu inevitável remédio".

Da leitura do Quadro 59, pode concluir-se que entre 1870-1879 os distritos que apresentam maiores valores absolutos, relativamente ao número de emigrantes, foram, em primeiro lugar, o Porto (31 601), depois Braga (12 695), Lisboa e Aveiro (respectivamente, 11 625 e 11 624 indivíduos). O distrito de Viseu com 8 937 e Coimbra com 7 067 aparecem também como grandes fornecedores de emigrantes, tal como, não obstante apresentarem valores mais baixos, Vila Real e Viana do Castelo, respectivamente com 6 834 e 6 714 indivíduos.

A Fig. 57 mostra a dicotomia entre o *Norte* e o *Sul* , relativamente à média anual de emigrantes por cada mil habitantes no período que dêcorre entre 1870 e 1879. Se, para esta época, o valor se cifrou em 3.4 indivíduos no território a *Norte* do Tejo e 0.5 para o *Sul*, entre 1906 e 1912 a dicotomia é ainda mais marcada (Fig. 58, Quadro 60), já que o aumento observado em relação ao período anterior é práticamente suportado pelos distritos situados a *Norte* daquele rio. Neste aspecto, salientam-se os distritos da Guarda e de Bragança. No primeiro, entre 1870-1879, saíram legalmente apenas 508 indivíduos, e no período de 1906-1912 são já computados 22 354. O de Bragança apresenta uma subida ainda mais espectacular: de 250 emigrantes legais passa para 26 915. De resto, são estes os distritos, onde se observa um aumento mais acentuado, já que os do *Litoral* mantiveram sempre elevados fluxos emigratórios. No ano de 1912, isto é, dois anos após a implantação da República, regista-se o maior número de saídas (77 745), cujos maiores fluxos incidem nas áreas abrangidas pelos distritos de Bragança e Viseu (Quadro XL). De notar que, na primeira daquelas regiões administrativas, em 1906, apenas 908 indivíduos foram registados como emigrantes legais, enquanto em 1912 se observa o segundo valor mais alto do país:11 532. Nesse mesmo ano, no topo dos contingentes emigratórios distritais, situa-se Viseu com 11 764. Aliás, já no ano de 1911 se observara um crescimento em relação à tendência geral observada nos anos anteriores, indício talvez de que a implantação da República veio agudizar um fenómeno já considerado alarmante.

---

[1] — A taxa emigratória é igual ao número médio anual de emigrantes por cada mil habitantes.

QUADRO Nº 59 - TOTAL DE EMIGRANTES LEGAIS NO CONTINENTE, POR DISTRITOS, ENTRE 1870-1879.

| Distritos | População total 1875 | Total emig. 1870-1879 | $\bar{M}$ anual | Taxa emigratória |
|---|---|---|---|---|
| Aveiro | 252563 | 11624 | 1162.4 | 1.6 |
| Beja | 137489 | 28 | 2.8 | 0.02 |
| Braga | 321303 | 12695 | 1269.5 | 4.0 |
| Bragança | 164060 | 250 | 25 | 0.2 |
| Cast. Branco | 165473 | 91 | 9.1 | 0.05 |
| Coimbra | 282573 | 7067 | 706.7 | 25 |
| Évora | 104149 | 2 | 0.2 | 0.002 |
| Faro | 179509 | 156 | 15.6 | 0.09 |
| Guarda | 217545 | 508 | 50.8 | 0.2 |
| Leiria | 180120 | 533 | 53.3 | 0.3 |
| Lisboa | 459049 | 11625 | 1162,5 | 2.5 |
| Portalegre | 100504 | 3 | 0.3 | 0.003 |
| Porto | 423567 | 31601 | 3160.1 | 7.5 |
| Santarém | 201001 | 56 | 5.6 | 0.03 |
| V.do Castelo | 204347 | 6714 | 671.4 | 3.3 |
| Vila Real | 221073 | 6834 | 683.4 | 3.1 |
| Vizeu | 367675 | 8937 | 893.7 | 2.4 |
| Total | 3614325 | 98724 | 9872.4 | 2.7 |

FONTE: *Anuário Estatístico de 1875 e 1884.*

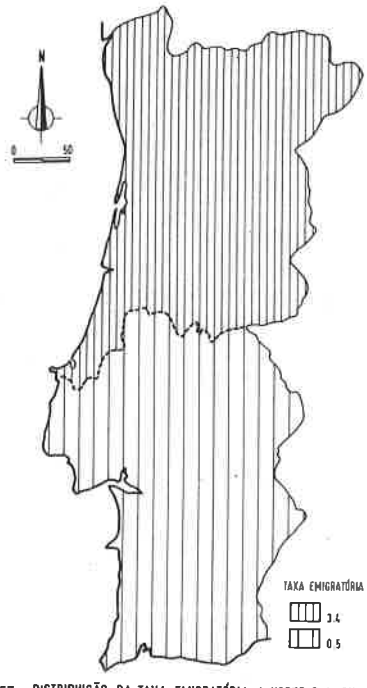



*Fig. 57* — DISTRIBUIÇÃO DA TAXA EMIGRATÓRIA A NORTE E A SUL
1870-1879

FONTE: Quadro 59

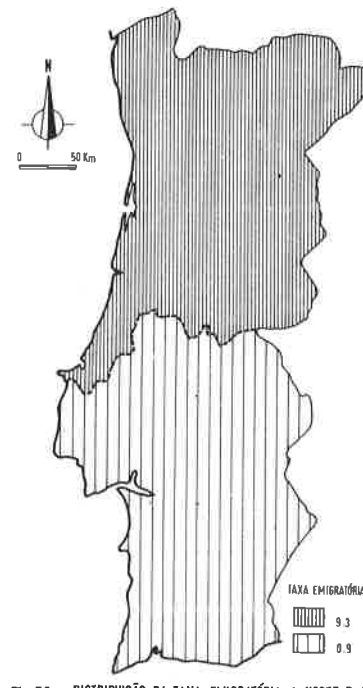



*Fig. 58* — DISTRIBUIÇÃO DA TAXA EMIGRATÓRIA A NORTE E A SUL
1906-1912

FONTE: Quadro 60

Do confronto das Figs. 59 e 60, conclui-se que, entre 1870-1879, era maior a importância dos distritos Litorais Norte, com maior incidência nos do Porto, Aveiro e Braga. Com uma posição intermédia encontravam-se os distritos que lhes estão contíguos: Viana do Castelo, Vila Real e Coimbra. Exceptuando o distrito de Lisboa, com uma taxa emigratória igual a 2.5, todos os outros apresentavam uma taxa inferior a 1, isto é, em termos médios, em cada mil habitantes não chegava a sair um indivíduo por ano durante a década que decorre entre 1870-1879. Do exposto se deduz que, apesar de o *Norte* ser o grande fornecedor de emigrantes, era *gente do litoral* que fornecia a maior parte dos fluxos emigratórios.

No período subsequente, além da dicotomia entre *Norte* e *Sul* ser mais marcada, a distribuição da taxa emigratória a Norte do Tejo sugere uma dinâmica diferente da observada no final do século XIX. A assimetria entre *Litoral* e *Interior* é agora pouco significativa. De resto, é no distrito de Bragança que se observa a maior taxa emigratória: (20.0), seguido do de

Vila Real que, de 3.3 no período anterior, passa para 16.9. Também no distrito da Guarda se processou um considerável acréscimo. Com um valor igual a 0.2 na década de setenta,apresenta para os sete anos que decorrem entre 1906 e 1912 um valor bastante elevado: 11.8.

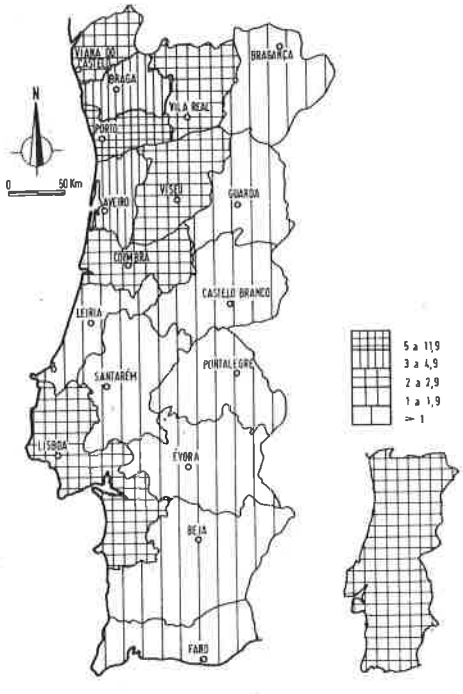



*Fig.59* — DISTRIBUIÇÃO DA TAXA EMIGRATÓRIA POR DISTRITOS 1870-1879

*Fonte: quadro 59*

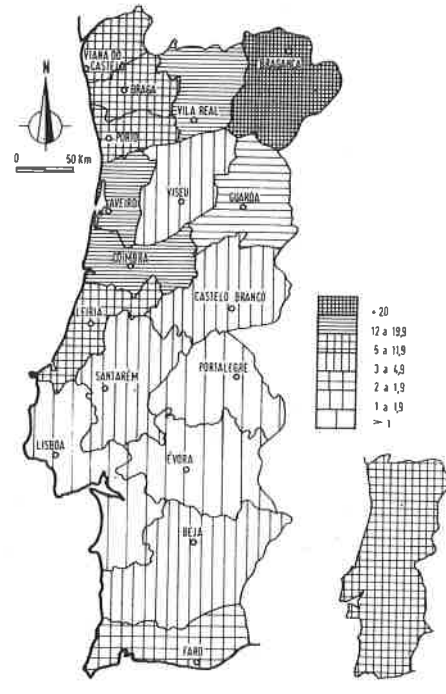



*Fig.60* — DISTRIBUIÇÃO DA TAXA EMIGRATÓRIA POR DISTRITOS 1906-1912

*Fonte: quadro 60*

Quanto aos distritos do *Litoral* continuam com importantes índices de emigração, apesar do crescimento entre os dois períodos analisados não ser tão marcado, não por se observar um decréscimo na população emigrada, mas pela circunstância de apresentarem, desde o final do século XIX, elevadas taxas emigratórias, participando portanto dum modo mais ou menos constante com elevados quantitativos de migrantes. Além da importância observada nos distritos de Bragança, Vila Real, Aveiro, Coimbra e Guarda, merece realce o seguinte: o decréscimo observado entre 1906 e 1912 na taxa emigratória, em relação às áreas distritais de Porto e Lisboa, deve explicar-se em parte pela atracção que o mundo urbano exercia no rural.

QUADRO Nº. 60 - TOTAL DE EMIGRANTES LEGAIS, TAXA EMIGRATÓRIA, NO CONTINENTE POR DISTRITO ENTRE 1906 E 1912.

| Distritos | População 1911 | Total emig. 1906-1912 | $\bar{M}$ anual | Taxa emigratória |
|---|---|---|---|---|
| Aveiro | 336243 | 32348 | 4621.1 | 13.7 |
| Beja | 192499 | 1925 | 275 | 1.4 |
| Braga | 382276 | 21180 | 3025.7 | 7.9 |
| Bragança | 192024 | 26915 | 3845 | 20.0 |
| Cast. Branco | 241184 | 1889 | 269.9 | 1.1 |
| Coimbra | 359387 | 30108 | 4301.1 | 12.0 |
| Evora | 148295 | 110 | 15.7 | 0.1 |
| Faro | 272861 | 4610 | 658.6 | 2.4 |
| Guarda | 271616 | 22354 | 3193.4 | 11.8 |
| Leiria | 262632 | 15239 | 2177 | 8.3 |
| Lisboa | 852354 | 2942 | 420.3 | 0.5 |
| Portalegre | 141481 | 146 | 20.9 | 0.1 |
| Porto | 679540 | 33833 | 4833.3 | 7.1 |
| Santarém | 325775 | 2254 | 322 | 1.0 |
| V. do Castelo | 227250 | 13391 | 1913 | 8.4 |
| Vila Real | 245547 | 29045 | 4149.3 | 16.9 |
| Vizeu | 416744 | 44985 | 712.1 | 1.7 |
| Total | 5547708 | 283274 | 40467.8 | 7.3 |

FONTES: *Recenseamento da População de 1911.*
- *Emigração Portuguesa, anos de 1906, 1907, 1908, 1909, 1910, 1911 e 1912.* Ministério das Finanças, Direcção Geral de Estatística, Lisboa.

Segundo o *Censo* de 1911, num total de 852 354 indivíduos recenseados naquele distrito, 26.4% (224 946) eram naturais de outros distritos do país, o que parece indicar outras formas de mobilidade, que não terão deixado de se reflectir nos fluxos emigratórios.

Saliente-se uma vez mais a pouca importância dos distritos do *Sul*. Note-se também os insignificantes índices do distrito de Castelo Branco. Apesar de ter sido considerado no *Norte* apresenta um comportamento semelhante ao observado nos distritos situados a Sul do rio Tejo. Área de transição entre o *Norte* e o *Sul*, julgamos no entanto que os fluxos emigratórios apresentariam aqui maior significado do que aquele que os números sugerem.

Só que se trataria, por um lado, de emigração clandestina e, por outro, de saídas pela fronteira terrestre, com ponto de apoio nos portos espanhóis. Estão por isso omissas nos registos de passaporte. Segundo FERNANDO EMYGDIO DA SILVA (1917, pag. 113), "o número de emigrantes resulta das declarações dos passaportes e estes são apenas exigidos aos viajantes marítimos; quer dizer, ficaram de fora os que emigram seguindo via terrestre e os que foram, fugidos, embarcar em portos do vizinho reino (emigração clandestina)". Esta circunstância, fará com que os valores apresentados pelos distritos situados junto à fronteira terrestre devam estar ainda mais afastados da realidade do que os relativos aos distritos, embora, como já referimos, todos os valores sejam apurados por defeito.

Para explicar os fluxos emigratórios que afectaram grande parte do território nacional, principalmente a partir do segundo quartel do século XIX, é necessário não só procurar explicações de carácter regional, mas sobretudo mostrar a sua articulação com a dinâmica da conjunctura internacional. Se internamente a ruptura entre o crescimento demográfico e o sector produtivo agrícola deverá ser uma das causas fundamentais para a compreensão da fuga de gente a *Norte* do Tejo, internacionalmente as alterações operadas no jogo de forças do mercado mundial e as modificações políticas da América Latina, nomeadamente a abolição da escravatura brasileira em 1888, (cfr. M. H. PEREIRA, 1981, pags. 7-28), deverão constituir o principal motor de toda a mobilidade espacial que marcou profundamente os quadros demográficos nacionais. Os índices apresentados por aquela historiadora (1971, pags. 50-53) revelam, para além do envelhecimento da população, uma taxa de feminilidade([1]), em 1911, que é a maior da Europa: 110.7.

O desgaste provocado pela corrente emigratória é patente através das informações fornecidas pelo primeiro censo realizado depois da implantação da República. Se a taxa de feminilidade sugere uma maior componente masculina nos fluxos migratórios, o decréscimo observado nos grupos etários intermédios e o aumento dos grupos constituídos pela população mais idosa mostram o envelhecimento que se operava na população portuguesa. Utilizando os índices apurados por aquela autora, verifica-se que em 1864 e 1911, o número de indivíduos com idade compreendida entre os 0-25 anos, por cada mil habitantes,era, respectivamente, de 508.30 e 526.23. Todavia, na classe dos 26 aos 50 anos, o decréscimo torna-se evidente: em 1864 a relação cifrava-se em 342.90 em cada mil, enquanto em 1911 era apenas de 296.36. Pelo contrário, para a população mais idosa, à data da realização do primeiro censo da população, 1864, 148.80 em cada mil habitantes tinham 50 ou mais anos, enquanto em 1911 esse valor aumentava para 177.41. Os índices revelam, pois, o envelhecimento que a emigração tinha operado.

---

[1] — Número de mulheres por cada 100 homens.

### 3.2.1 — A Emigração e a Estrutura da Propriedade

O Quadro 61 representa a distribuição, por distritos, dos prédios rústicos por classes de superfície e respectiva taxa emigratória no ano de 1910. A sua leitura evidencia a Norte do Tejo a reduzida dimensão da propriedade aliada à elevada taxa emigratória, ao contrário do que se observa a Sul daquele rio (cfr. C. A. MEDEIROS, 1982, pags. 325-347). Aliás, a correlação (R) entre as taxas emigratórias e a dimensão da propriedade, mostra que há uma correlação inversa entre as duas variáveis, já que R é igual -0.51 ([1]). Este valor está de acordo com o que afirmava FERNANDO EMYGDIO DA SILVA (pag. 158) a propósito da relação entre a dimensão da propriedade e a emigração. Também segundo este autor, a divisão da propriedade entre 1890 e 1910 processou-se nalguns distritos do Norte de forma assustadora, ao contrário do Sul que permanecia alheio a tal fragmentação. Nos distritos em que a divisão foi mais marcada, salientam-se os de Bragança, Castelo Branco e Viseu.

O facto de no Nordeste transmontano se observar um elevado indice de fragmentação está de acordo com a elevada taxa emigratória operada nos primeiros anos do século XX.

O distrito de Castelo Branco surge um pouco desligado do conjunto dos distritos do *Norte*. Todavia, julgamos que a circunstância de os números indicarem um acréscimo no quantitativo de prédios rústicos, deverá concordar com a reserva já sugerida em relação ao significado da taxa emigratória neste distrito. Nos distritos do *Sul*, pelo contrário, quanto maior é a dimensão da propriedade menor é a emigração. O caso extremo refere-se ao distrito de Évora, pois é simultâneamente a área onde a propriedade rústica tem uma superfície média mais elevada, (10 092 ha.) e a taxa emigratória regista o valor mais baixo do país entre 1906-1912: 0.1. Era de tal modo acelerada a divisão da terra no Norte, ao contrário do que sucedia no Sul, que ANSELMO DE ANDRADE afirmaria em 1902: "o progresso da fragmentação não pára nos distritos do norte, e a sua divisão não se faz nos distritos do sul" (cfr. F. E. SILVA, *ob.cit*, pag. 158 e M. V. CABRAL, 1979, pag. 155).

Mas se o empobrecimento progressivo das comunidades rurais, de que a divisão sucessiva da propriedade poderá ser um indicador, terá tido um papel decisivo no êxodo que afectou o país, regionalmente desenvolvem-se alguns condicionalismos que vão funcionar como aceleradores das correntes migratórias. Deverá ter sido o caso dos distritos de Coimbra, Viseu, Vila Real, Porto e Aveiro no final do século oitocentista. As crises subsequentes à invasão da filoxera e as dificuldades financeiras, verificadas devido à contracção económica decorrente do encerramento de alguns mercados mundiais, afectaram não só as regiões

---

1 — O índice de correlação varia entre ±1. Se y tende a aumentar quando x cresce, então a correlação é positiva; se y tende a diminuir quando x aumenta então a correlação é negativa ou inversa.

invasão da filoxera e as dificuldades financeiras, verificadas devido à contracção económica

vinícolas, mas sobretudo as áreas onde a pecuária tinha uma importante função económica (cfr. M. V. CABRAL, 1979, pags. 66-72 e M. H. PEREIRA, 1971, pags. 149-178).

QUADRO Nº 61 - SUPERFÍCIE MÉDIA DA PROPRIEDADE E TAXA EMIGRATÓRIA, POR DISTRITOS.

| Distritos | Superfície média da propriedade rústica 1910 | Taxa emigratória (1906-1912) |
|---|---|---|
| Aveiro | 0.183 | 13.7 |
| Beja | 7.420 | 1.4 |
| Braga | 0.281 | 7.9 |
| Bragança | 0.299 | 20.0 |
| Castelo Branco | 0.526 | 1.1 |
| Coimbra | 0.262 | 12.0 |
| Évora | 10.092 | 0.1 |
| Faro | 0.867 | 2.4 |
| Guarda | 0.560 | 11.8 |
| Leiria | 0.300 | 8.3 |
| Lisboa | 1.881 | 0.5 |
| Portalegre | 5.886 | 0.1 |
| Porto | 0.438 | 7.1 |
| Santarém | 0.953 | 1.0 |
| V.do Castelo | 0.147 | 8.4 |
| V. Real | 0.236 | 16.9 |
| Viseu | 0.182 | 1.7 |

FONTE : - Segundo FERNANDO EMYGDIO DA SILVA, *Emigração Portuguesa*, Lisboa, 1917, pp. 156-157.

O distrito de Coimbra foi, tal como o de Aveiro, dos maiores fornecedores de emigrantes para o Continente Sul Americano. A *Gândara* não escapa a toda esta movimentação, de tal modo que julgamos poder afirmar que um novo ciclo se abre relativamente à demografia e à ocupação do espaço gandarês. É nas áreas onde a difusão do milho e da batata mais concorreram para o intenso crescimento demográfico, operado durante o século XVIII e princípios do seguinte, que se verifica uma maior incidência nos fluxos emigratórios.

## 4 — O DISTRITO DE COIMBRA NO CONTEXTO DO FENÓMENO MIGRATÓRIO DOS FINAIS DO SÉC. XIX PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX.

A Fig. 61 mostra a distribuição da taxa emigratória nos concelhos do distrito de Coimbra, no período que decorre entre 1870 e 1875. Utilizámos os elementos apurados por JOÃO LOURENÇO ROQUE (1982, pags. 574-575). Em relação aos concelhos por onde se distribui a *Gândara*, coleccionámos a informação dos *Registos de Passaporte entre 1870 e 1879*, já que foi o período inicialmente definido (Quadro 62).

Os índices relativos à taxa emigratória, determinados a partir das informações recolhidas pelo citado autor para o tempo decorrido entre 1870-1875, não se afastam significativamente dos que apurámos para a década de setenta. Em Cantanhede o número médio de emigrantes por ano e em cada mil habitantes foi de 5.4, no concelho da Figueira da Foz de 1.8, para Mira de 3.2 e em Montemor-o-Velho de 1.1 (cfr. Quadro XLIII). Ora, a leitura do Quadro 62 permite observar valores muito próximos para os anos decorridos entre 1870-1879. Aqueles concelhos apresentavam, respectivamente, 5.4, 1.7, 2.4 e 1.4. Apenas em Mira se observa um maior desvio, em relação ao valor anterior; a explicação deve residir no facto de os anos de 1872 e 1875 apresentarem os maiores quantitativos de emigrantes. Os concelhos de Penela com 7.0, Miranda do Corvo com 6.9, e Cantanhede com 5.4, constituem as três unidades administrativas mais afectadas pelo fluxo emigratório daquela época. Note-se que apenas o último concelho se situa no Litoral do distrito, enquanto Penela e Miranda do Corvo estão no limiar da região interior da área distrital de Coimbra.

Será interessante referir que, a partir de 1865, se regista uma quebra nos salários em quase todos os concelhos do distrito de Coimbra, com maior significado nos *trabalhos rurais* que nas *artes mecânicas*. ([1]) Tratando-se dum distrito onde grande parte da população activa era mão-de-obra agrícola, compreende-se que esta terá sido a mais afectada, facto que não deve ser alheio à mobilidade da população verificada quer internamente quer na saída para o estrangeiro.

Segundo JOÃO LOURENÇO ROQUE *ob.cit*, pag. 567), "a emigração de trabalhadores atingia sobretudo alguns concelhos da sua parte interior (distrito de Coimbra), designadamente os de Arganil, Gois, Lousã, Oliveira do Hospital e Pampilhosa": procuravam periódicamente no Alentejo e Ribatejo o trabalho que escasseava no Norte. Não se julgue que a circunstância de regionalmente os fluxos internos apresentarem maior significado é sinónimo de ausência de correntes emigratórias. As notícias referentes ao concelho de Mira,

---

1 — Sobre a relação entre salários e preços veja-se o estudo de CARLOS PIMENTA, 1983, pags. 50-69.

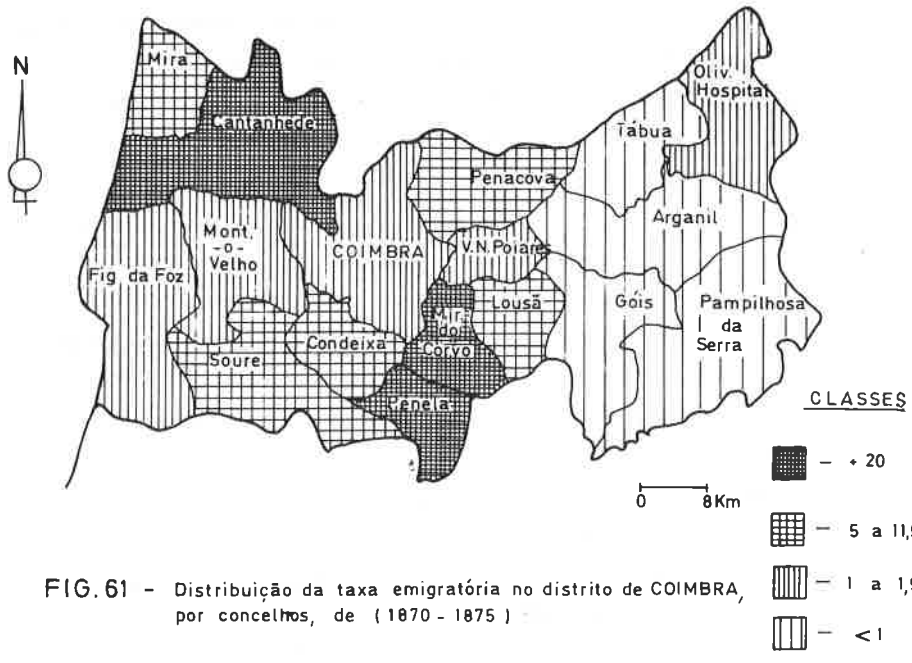



FIG. 61 - Distribuição da taxa emigratória no distrito de COIMBRA, por concelhos, de (1870 - 1875)

QUADRO Nº 62 - EMIGRAÇÃO POR CONCELHOS ENTRE 1870 E 1879 *

| Anos | Cantanhede | Fig.da Foz | Mira | Mont.-o-Velho | Distrito Coimbra |
|---|---|---|---|---|---|
| 1870 | 41 | 40 | - | 11 | 263 |
| 1871 | 173 | 32 | 11 | 7 | 498 |
| 1872 | 162 | 54 | 38 | 20 | 629 |
| 1873 | 72 | 41 | 18 | 26 | 668 |
| 1874 | 84 | 63 | 13 | 14 | 699 |
| 1875 | 264 | 120 | 37 | 54 | 1344 |
| 1876 | 100 | 60 | 2 | 41 | 776 |
| 1877 | 74 | 57 | 13 | 54 | 620 |
| 1878 | 209 | 45 | 16 | 55 | 830 |
| 1879 | 159 | 55 | 6 | 30 | 855 |
| TOTAL | 1338 | 567 | 154 | 312 | 7182 |

* O somatório entre 1870 e 1875 difere no concelho de Cantanhede em 2 unidades, no da Figueira da Foz em 3, no de Mira também 3 e em Montemor-o-Velho de 2, em relação aos totais apresentados por J. LOURENÇO ROQUE, *ob. cit.*, (Cfr. quadro XIII).

FONTE: A.U.C., *Livros de Registos de Passaporte, anos de 1870 a 1879.*

onde, recorde-se, a taxa emigratória ocupava uma posição intermédia relativamente aos concelhos que compõem o distrito, são reveladores de que, também desta área era frequente a deslocação de trabalhadores para o Sul do país. O que parece sugerir que uma parte da população desta área da *Gândara* se encontrava depauperada. Circunstância que poderá explicar os contingentes emigratórios que, no transpor do século XIX para o século XX, abandonaram esta região, inserindo-se, num processo que afectava já grande parte do território nacional.

O Quadro 62 reflecte a importância da emigração nos concelhos de Cantanhede e Mira entre 1870 e 1879, donde saíram 1942 indivíduos, isto é 20.8% do distrito de Coimbra (7182). Situado em parte na região vinícola da Bairrada , o concelho de Cantanhede também não se furtou às crises que, durante uma parte do século XIX, afectaram a produção de vinhos em Portugal([1] ).

As notícias referentes à situação que se instalara naquela região vinhateira, além de frequentes, são ainda testemunhos da queda observada na produção. Em 1868 o *Archivo Rural* (pag. 446), pela voz de ALBANO COUTINHO, fazia eco de tal facto afirmando que: "a cultura das vinhas desta localidade (Mogofores) chegou quasi a completo abandono e, se tem melhorado alguma coisa, está muito longe do que fora em 1844 e 1845". Daí se infere que seria nas freguesias do concelho de Cantanhede que tinham na cultura da vinha a base da sua economia que mais significado terão tido os fluxos migratórios. Isto é, nas freguesias inseridas na *Gândara* a taxa emigratória deveria aproximar-se da apresentada pelo concelho de Mira (3.2).

## 5 — A EMIGRAÇÃO NA *GÂNDARA* NO FINAL DO SÉCULO XIX

### 5.1 — As Fontes

Tratando-se dum estudo centrado num espaço não delimitado administrativamente, as dificuldades na recolha de informação apresentam-se acrescidas. Embora a caracterização dos fluxos emigratórios verificados nos concelhos por onde se distribui a *Gândara*, tenha sido elaborada a partir das estatísticas disponíveis, *Anuários Estatísticos* de 1875 e 1884 e *Boletins de Emigração Portuguesa* de 1901 a 1912 publicados pela Direcção Geral de

[1] — O oídio que foi pela primeira vez detectado em Portugal no ano de 1852, destroi completamente a cultura da vinha da Bairrada em 1856; a filoxera, de cujas primeiras notícias se tem conhecimento nos Estados Unidos em 1851, propaga-se rapidamente à Europa e é registada em Portugal pela primeira vez em 1867 no concelho de Sabrosa (Vila Real) sendo detectada no ano de 1883 em Tamengos (Bairrada). Alguns anos mais tarde (1889) o míldio ataca também grande parte da área bairradina (cfr. M.M. BETTENCOURT, 1965 e J. T.MONTALVÃO MACHADO, 1975).

Estatística e dos Próprios Nacionais, a análise feita para algumas freguesias gandaresas teve por base os *Livros de Registos de Passaportes* que fazem parte do espólio do Governo Civil de Coimbra, depositado no Arquivo da Universidade. Trata-se, no entanto, de informação que deve ser considerada com algum cuidado: não se observa, durante um período relativamente extenso, qualquer critério no preenchimento das fichas de emigrantes. Por outro lado, como foi referido, os passaportes referem, na maioria dos casos, apenas o seu titular, ocultando frequentemente a saída do agregado familiar, ou de alguns dos seus membros, principalmente quando se tratava de menores. Este facto perde algum significado a partir do início do século XX, devido ao maior rigor dos registos. Também a circunstância de as fichas de passaportes apenas contemplarem a população que abandonava o país por via marítima obriga a alguma prudência nos resultados obtidos.

O desconhecimento real do número de retornados coloca por outro lado novas dificuldades. Esse movimento, no entanto, deve compensar em parte a emigração clandestina que, tal como tinha sucedido para o país e segundo alguns autores, seria um terço da legal (cfr. EZEQUIEL DE CAMPOS, 1913, pags. 98-98; F. E. SILVA, 1917, pags. 114-115 e O. MARTINS, 1956 , pags. 254-258), fosse em parte compensada pelo movimento de retorno.

Todavia, uma das maiores lacunas observadas refere-se à estrutura profissional dos emigrantes. Só muito tardiamente passa a ser referida de um modo sistemático. Além disso, a classificação das profissões encerra dúvidas, já que, frequentemente, à população emigrada atribui-se a ocupação de *trabalhador*. No caso da *Gândara*, raramente deverá corresponder a outras que não trabalhador agrícola. Deve, porém, salientar-se que as lacunas de informação são tanto mais abundantes quanto mais antigos são os registos de passaporte, isto é, a partir do início do século XX, é possível determinar o cenário social do fluxo emigratório já que, de um número avultado de emigrantes, se conhece a idade, o sexo, a profissão e mais raramente o grau de instrução.

Cabe finalmente fazer uma curta referência às informações relacionadas com o destino geográfico dos emigrantes. Como se verá, frequentemente refere-se apenas o país ou continente a que o titular do registo de passaporte se dirige, facto que dilui diferenciações locais, relativamente às regiões para onde se pretende emigrar. Apesar de o Brasil ser o grande objectivo, observam-se algumas tendências ao nível das comunidades emigratórias, relativamente aos principais centros urbanos brasileiros.

Não obstante todas as limitações, porque todos os indicadores se encontram apurados por defeito, julgamos que os resultados obtidos confirmam que o intenso crescimento demográfico observado na *Gândara* provocou no final do século XIX uma ruptura,

agravada pela circunstância de, em quase todo o território nacional, ela também já se ter instalado.

## 5.2 — A Emigração nas Freguesias de S. Tomé de Mira, S.Mamede de Quiaios e Nossa Senhora das Febres entre 1870-1879

A Fig. 62 mostra a evolução do número de emigrantes legais nas freguesias que constituem a amostra. Embora os indicadores observados tenham sido apurados com base nos *Registos de Passaportes*, para cuja reserva de leitura já alertámos, os resultados obtidos permitem formular algumas hipóteses relativamente à emigração gandaresa.

Como se observa, a distribuição dos indivíduos registados não se processou do mesmo modo. Enquanto em Febres e Mira os anos de maior número de saídas são 1872 e 1875, em Quiaios quase todos abandonaram o país em 1875 e 1876. (Quadro XLIV). Além disso, os valores apresentados pela taxa emigratória mostram que o fenómeno, nesta área do litoral português, adquiriu maior expressão que nos restantes concelhos do distrito.

Entre 1870 e 1879, o número médio de emigrantes em cada mil habitantes foi de 3.9 em Febres, 3.0 em S. Mamede de Quiaios e de 2.4 em S. Tomé de Mira. Ora apenas o concelho de Cantanhede apresenta um índice mais elevado (5.4), pois a Figueira da Foz e Montemor-o-Velho registaram respectivamente, 1. 7 e 1.4, o que os situa abaixo do valor distrital (2.5).

No restante território gandarês o cenário deveria ser idêntico ao observado nas áreas amostra. A freguesia de Nossa Senhora da Tocha apresentava, provavelmente, um índice muito próximo de S. Mamede de Quiaios e S. Tomé de Mira. Em Covões e Cantanhede, pela sua proximidade com a *Bairrada*, o número de emigrantes em cada mil habitantes avizinhar-se-ia do observado em Febres. Cadima, Arazede, Liceia, Ferreira-a-Nova e Alhadas traduziriam, uma maior semelhança com os índices apurados para Quiaios e Mira, 2.4 e 3.0, respectivamente.

Em termos sintéticos, julgamos poder afirmar que se terá iniciado, no último quartel do século XIX, um importante fluxo migratório que tinha no Brasil o principal ponto de chegada. Não obstante os valores das taxas emigratórias sugerirem um quantitativo relativamente baixo, os índices apurados nas freguesias gandaresas, situam-se quase sempre acima dos observados para os concelhos do distrito de Coimbra. Febres e Mira ultrapassam a tendência média, 2.4, enquanto em S. Mamede de Quiaios se regista o mesmo valor.

Nos anos subsequentes, a população emigrada atinge índices cada vez mais elevados. Ao iniciar-se o século XX, abandonam o país milhares de indivíduos. Os valores

encontrados para o território da *Gândara* testemunham o significado que, em termos demográficos, os fluxos emigratórios adquiriram e mostram bem que, neste território, o recrutamento de mão-de-obra atingia índices superiores aos verificados nas áreas envolventes.

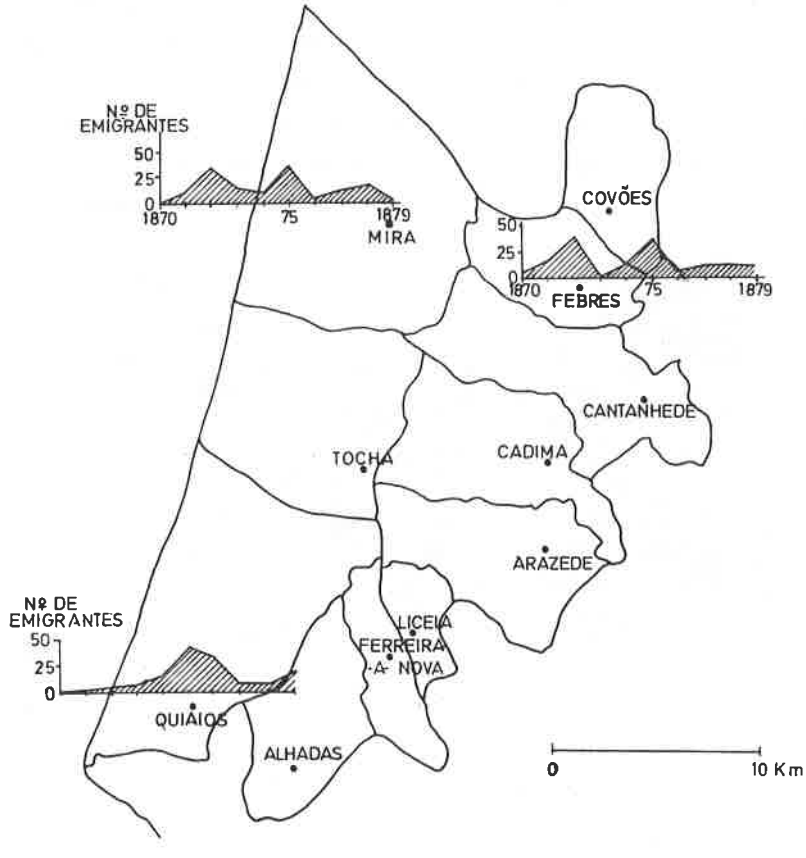



FIG. 62 - Evolução da emigração legal nas freguesias de N. S.ra dos Febres S. Tomé de Mira e S. Mamede de Quiaios - (1870 - 1879).

FONTE: ARQUIVO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA - Livros dos registos de Passaportes

## 5.3 — A Emigração nos Primeiros Anos do Século XX

### 5.3.1 — O Enquadramento a Nível Regional

Uma breve análise da distribuição regional das taxas emigratórias no distrito de Coimbra permite concluir que, entre 1906 e 1912, se observou um acréscimo generalizado no número de emigrantes (Fig. 63), sendo Mira o concelho com a taxa emigratória mais elevada: 28.7. O valor observado no concelho de Cantanhede (17.4) situa-se bastante acima do índice distrital (12.0), denunciando uma vez mais a importância dos fluxos migratórios nesta área. Nos outros concelhos por onde se distribui o território em estudo, também é notório o aumento do número de saídas. Figueira da Foz sofre um acréscimo na taxa emigratória de 1.8 para 10.8, enquanto em Montemor-o-Velho a subida é ainda mais expressiva: de 1.1 para 14.7.

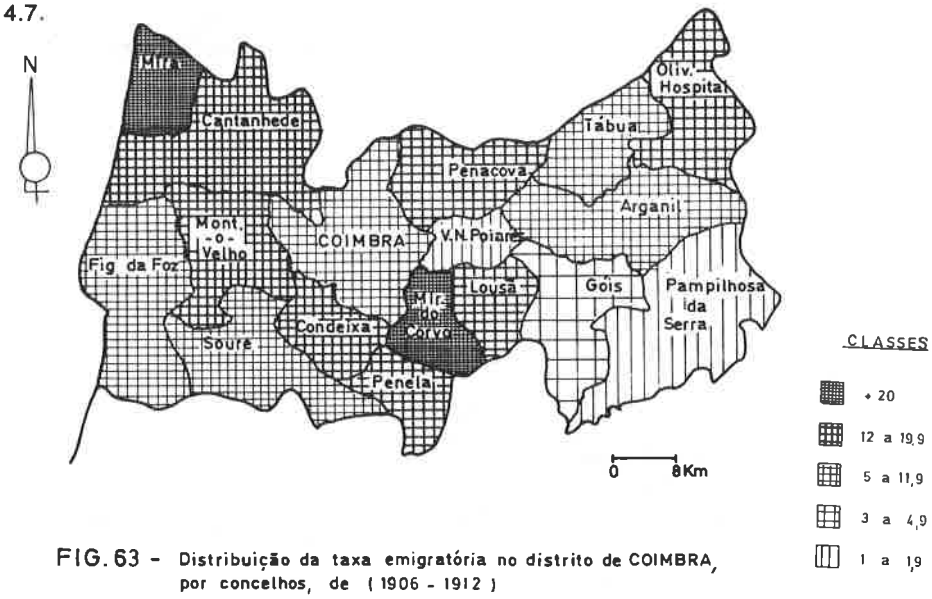



FIG. 63 - Distribuição da taxa emigratória no distrito de COIMBRA, por concelhos, de (1906 - 1912)

FONTE: QUADRO

Os índices observados nos outros concelhos do distrito revelam também a importância deste fluxo nos primeiros anos do século XX. Da sua distribuição espacial conclui-se que a corrente emigratória se tinha generalizado a todo o distrito, ainda que dum modo menos significativo nos concelhos de Arganil, Góis, Pampilhosa da Serra e Tábua. Apesar destes valores sugerirem uma menor mobilidade para fora das fronteiras, internamente aqueles concelhos inseriam-se noutra dinâmica que tinha por principal componente a atracção exercida por Lisboa, Setúbal, e em menor escala, o Porto.

Segundo ALBERTO ALARCÃO (1964, pag. 527), no distrito de Coimbra a repulsão populacional no decénio compreendido entre 1921-1930 foi máxima nos concelhos de Arganil, Oliveira do Hospital, Tábua, Penacova e Góis, que perderam em favor dos centros urbanos, respectivamente, 2 449, 2 312, 1 494, 1 325 e 1 155 indivíduos. Embora se trate dum período posterior ao analisado julgamos que os indicadores apresentados por aquele autor têm significado; não só correspondem a um lapso de tempo próximo do estudado, mas porque o elevado quantitativo de indivíduos que abandona o concelho de residência deverá ser um fenómeno já decorrente dos anos anteriores. Nesse sentido, parece poder inferir-se que, nos concelhos onde as taxas emigratórias eram mais elevadas, a atracção urbana teria sido menor, o que terá sucedido nas áreas administrativas situadas a Ocidente de Coimbra. Pelo contrário, no interior do distrito, a população teria sido solicitada pelos principais centros urbanos do país. Ainda segundo o mesmo autor, nos concelhos onde se inscreve a *Gândara*, a perda de população em favor de outras áreas do território nacional foi das de menor significado no distrito de Coimbra. Entre 1921-1930, o concelho da Figueira da Foz apresenta o valor mínimo: 116; Mira perde 689 indivíduos, enquanto em Montemor-o-Velho se observa um quantitativo mais elevado: 1 563.

A informação sugere pois que, no ínicio do século XX, em termos demográficos, a *Gândara* foi principalmente afectada pela emigração. Não obstante internamente a mobilidade da população ter tido algum significado, tratar-se-ia de movimentações sazonais que teriam a Sul do Tejo o principal mercado de trabalho. Alimentadas pela diferença dos calendários agrícolas, estas deslocações não produziam no comportamento demográfico desiquilíbrios tão marcados, como aqueles que serão observados em consequência dos fluxos emigratórios.

### 5.3.2 — A Emigração na *Gândara* entre 1905 e 1914

Da leitura do Quadro 63([1]), conclui-se que entre 1905 e 1914 saíram das freguesias de Febres, Mira e Quiaios, respectivamente, 567, 2 161 e 724 indivíduos.

Recorde-se que o período, para o qual se analisou, a emigração nos concelhos do distrito de Coimbra, contemplou os anos de 1906 a 1912; deve-se o facto à circunstância de a

---

1 — Os quantitativos referidos no Quadro 63 foram coleccionados em função das informaçoẽs dos *Registos de Passaportes* . No entanto, deve salientar-se o seguinte: os números apurados para as freguesias e concelhos contemplam todos os elementos constantes de cada registo, isto é, sempre que numa ficha era registado mais de um indivíduo, fez-se a sua contagem. Este facto observa-se, quando o titular do registo se fazia acompanhar ou de menores ou do agregado familiar. Neste sentido, os índices obtidos são superiores ao número de registos de passaportes.

Direcção Geral de Estatísticas e dos Próprios Nacionais ter publicado, entre 1901 e 1912, boletins referentes à emigração concelhia. Como a unidade utilizada neste estudo é a freguesia recorreu-se, como já se referiu, aos registos de passaportes. Neste sentido, pareceu-nos correcto alargar temporalmente a série, já que se contemplariam os anos com maior incidência migratória, além de se abranger os anos de 1913 e 1914, período que marca o início de uma contracção neste importante fluxo. Compreende-se assim que, no concelho de Mira,o total de emigrantes computado anteriormente, em 1 723 indivíduos, difira daquele que agora se apresenta, já que este se refere a um período mais alargado, como de resto sucede nos outros concelhos.

QUADRO Nº 63 - NÚMERO DE EMIGRANTES SEGUNDO OS REGISTOS DE PASSAPORTE ENTRE 1905 E 1914.

| Áreas geográficas | | Anos | | | | | | | | | | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 1905 | 1906 | 1907 | 1908 | 1909 | 1910 | 1911 | 1912 | 1913 | 1914 | |
| Freguesias | Febres | 21 | 37 | 48 | 51 | 48 | 17 | 54 | 140 | 89 | 62 | 567 |
| | Mira | 75 | 99 | 196 | 265 | 190 | 243 | 268 | 435 | 296 | 94 | 2161 |
| | Quiaios | 47 | 64 | 76 | 79 | 31 | 56 | 112 | 190 | 45 | 24 | 724 |
| Concelhos | Cantanhede | 265 | 310 | 466 | 373 | 400 | 335 | 480 | 626 | 500 | 172 | 3927 |
| | Fig. da Foz | 239 | 256 | 342 | 391 | 290 | 376 | 502 | 724 | 508 | 108 | 3736 |
| | Mira | 75 | 99 | 196 | 265 | 190 | 243 | 268 | 435 | 296 | 94 | 2161 |
| | M.-o-Velho | 68 | 112 | 265 | 283 | 206 | 164 | 329 | 521 | 336 | 78 | 2382 |
| Distrito de Coimbra | | 2176 | 2232 | 3380 | 3298 | 2749 | 3067 | 4298 | 5833 | 4426 | 1349 | 32808 |

FONTE: A.U.C., *Livro de Registo de Passaporte*, [...].

Os valores relativos às taxas emigratórias mostram que, na *Gândara*, a emigração teve uma maior incidência que nas áreas envolventes, com destaque para Mira com um valor igual a 25.4, muito superior ao dos outros concelhos e ao do distrito de Coimbra (9.2).

Em S. Mamede de Quiaios o índice apurado (16.1) apresenta-se também bastante mais elevado do que o do concelho a que pertence (8.3), a indicar que Quiaios estará muito mais próximo do comportamento demográfico da *Gândara* que do do território que lhe fica a Sul, no qual administrativamente se inclui.

A freguesia de Febres tem entre 1905 e 1914 uma taxa emigratória ligeiramente inferior à observada no concelho de Cantanhede: 12.8 e 13.2, respectivamente . Mira apresenta, como já se referiu a taxa mais elevada do distrito (25.4). A Fig. 64 pretende mostrar a evolução do número de emigrantes nas freguesias amostra, durante o período decorrido entre 1905 e 1914.

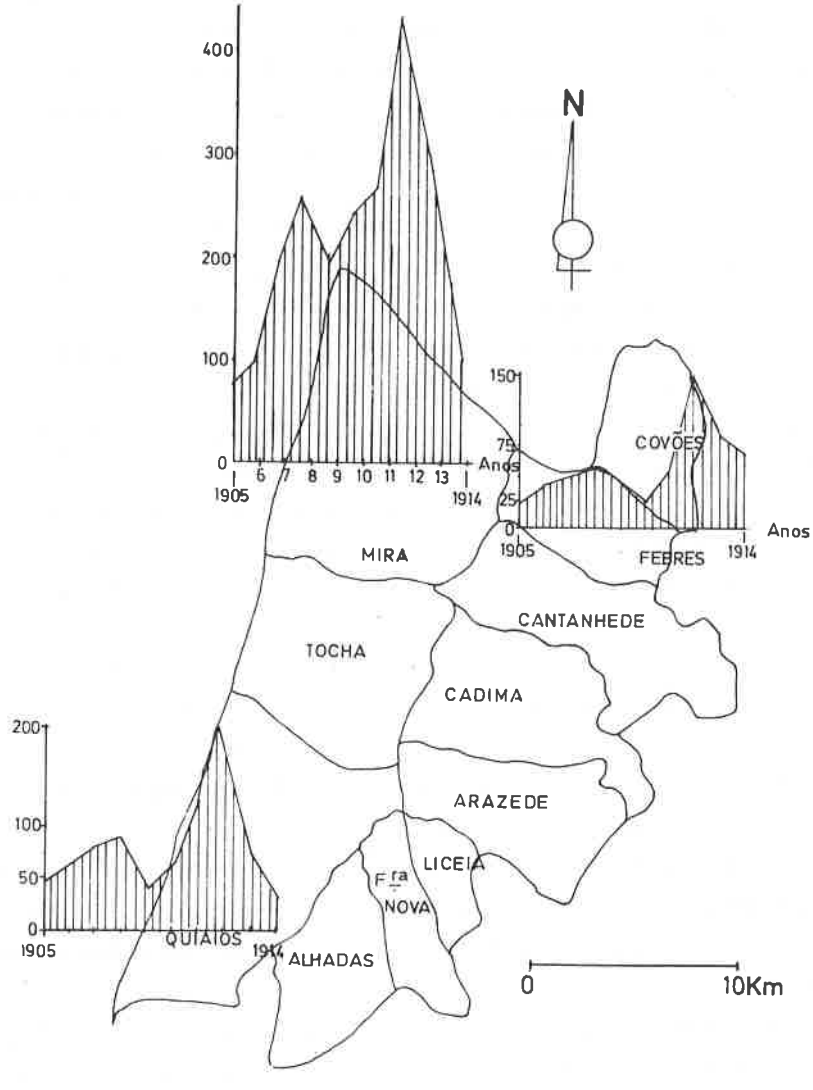



FIG.64- Evolução do número de emigrantes legais, nas freguesias de Febres, Mira e Quiaios(1905-1914).

FONTE : QUADRO 63

Em Mira, de 1906 a 1913, regista-se o maior número de saídas. Excepção feita ao ano 1909, em que se verifica uma ligeira contracção na corrente emigratória, o ritmo de saída mostra um acréscimo progressivo. De notar o ano de 1912, que marca, por um lado, o período em que maior número de indivíduos abandona o concelho com destino ao estrangeiro (435) e, por outro, o início do abrandamento que entretanto se vai operar na saída de portugueses. Em 1913 o total de indivíduos registados é já consideravelmente inferior ao de 1912, apenas 296 emigrantes. No ano seguinte, 1914, o número baixa ainda mais, 94 registos computados.

As freguesias de Febres e Quiaios apresentam um comportamento semelhante. Na primeira, são apurados 567 emigrantes e na segunda 724, com máximos em 1912: respectivamente, 140 e 190 emigrantes. Também aqui e, a partir de 1913, se verifica uma retracção na corrente emigratória. Tal como se tinha observado em Mira, no ano de 1909 saíram menos indivíduos de S. Mamede de Quiaios, apenas 31. Essa quebra só um ano mais tarde se verifica em Nossa Senhora das Febres, de onde, em 1910 saem apenas 17 indivíduos, também o valor mais baixo observado na freguesia entre 1905 e 1914.

A Fig. 65([1]) mostra o desiquilíbrio demográfico operado no concelho de Mira de 1905 a 1914. Entre 1907 e 1913, o saldo fisiológico não consegue absorver a corrente emigratória. O maior desiquilíbrio verifica-se, em 1912, ano em que se regista máximo valor do fluxo emigratório. De resto, o mesmo se verifica para o distrito de Coimbra. Segundo FERNANDO EMGYDIO DA SILVA (*ob. cit.*, pag. 141), em 1912 a emigração naquele distrito absorveu por completo o excesso fisiológico e provoca mesmo uma perda de 3 077 indivíduos. O concelho de Mira contribuiu com 10.5% (324) do total do distrito. O facto adquire maior significado pela circunstância de ser o concelho com menor efectivo populacional no conjunto distrital: 8 580 indivíduos em 1911. Embora sem considerar a atracção exercida por aquele concelho nas populações externas à sua fronteira administrativa, mesmo assim os resultados obtidos revelam a importância dos fluxos emigratórios na estrutura demográfica. Do cotejo das informações censitárias parece deduzir-se que, em termos atractivos, aquele concelho pouco significado teria.

A evolução da população entre 1900 e 1920 testemunha a pouca importância da componente imigratória. Em 1900 o total de indivíduos foi computado em 7 969, em 1911 de 8 150 e em 1920 de 8 930. Isto é, o acréscimo médio anual entre os dois primeiros censos foi de 0.2%, enquanto entre 1911 e 1920 se situou em 1.05%, valores que revelam o fraco significado daquela variável. Para os anos seguintes, entre 1921 e 1930, ALBERTO ALARCÃO (*ob. cit.*, pag. 528) não refere qualquer índice de atracção para o concelho de Mira, o que parece estar de acordo com a pouca importância da imigração na dinâmica da

---

[1] — Desprezou-se a imigração, já que nesta época a atracção exercida pela área de Mira tinha pouco significado.

população. Permite por outro lado, inferir uma vez mais que a emigração é a componente mais importante nas modificações operadas na estrutura demográfica.

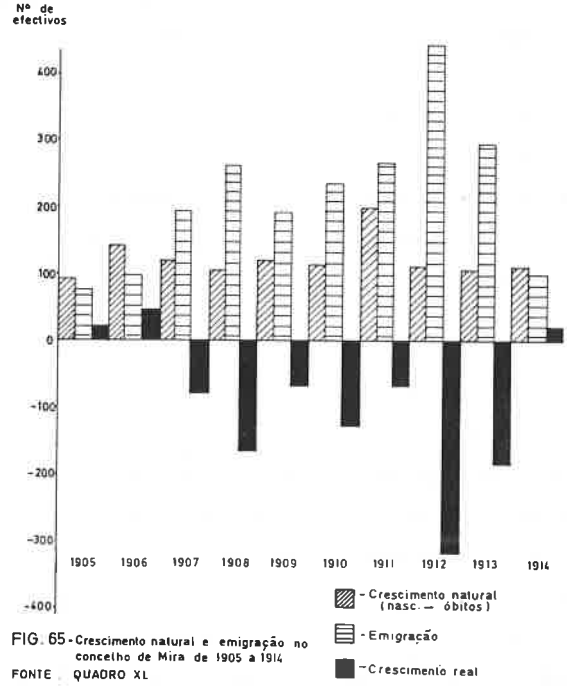



FIG. 65 - Crescimento natural e emigração no concelho de Mira de 1905 a 1914
FONTE - QUADRO XL

Parece-nos entretanto oportuno referir a importância da mortalidade infantil relativamente aos óbitos apurados entre 1905 e 1914. Num total de 1 303 indivíduos, 583 tinham menos de 6 anos, isto é, 44.7% . Como causas mais frequentes referidas nos registos, salientam-se as doenças pulmonares, a gastroenterite e tétano.

Com alguma prudência pode determinar-se um valor médio anual de emigrantes entre 1870 e 1914 nas freguesias que constituem a amostra (cfr. Quadro XLVII). Assim, a média anual observada na freguesia de Febres seria de 35.3, em Mira de 115.7, enquanto Quiaios tinha perdido anualmente por emigração um quantitativo próximo dos 43 indivíduos. Com estes valores determinou-se uma média para as três freguesias: 64.6. Aplicando este índice a todas as freguesias por onde se distribui a *Gândara*, apesar das limitações que o tipo de análise encerra, julgamos poder determinar um valor que exprime o quantitativo aproximado dos indivíduos que abandonaram esta área.

Considerando que a emigração média foi de 64.6 por ano, ao longo dos 45 anos decorridos entre 1870 e 1914, cada freguesia perdeu 2 907 indivíduos. Isto significa que, das

onze freguesias por onde administrativamente se distribui o território, saíram num período inferior a meio século 31 977 indivíduos. Deve ressalvar-se o facto de algumas daquelas unidades administrativas não se encontrarem totalmente englobadas pela *Gândara*, o que provocará, em termos absolutos, uma diminuição daquele total. De qualquer modo, porque se trata de uma área restrita, julgamos que os cerca de 32 000 emigrantes apurados demonstram a importância que os fluxos emigratórios tiveram nesta área do Centro Litoral

Acrescente-se que, segundo o *Censo de 1911*, o total de população recenseada naquelas freguesias era de 46 148 habitantes.

Embora seja um fenómeno que afecta, dum modo geral, todas as camadas etárias e grupos profissionais, as maiores frequências situam-se nos jovens adultos que tem na agricultura a ocupação principal.

## 5.4 —A Sex-Ratio dos Emigrantes

Os indicadores apurados sugerem o padrão geral que caracterizava os fluxos emigratórios, de resto, não muito afastado do observado no distrito de Coimbra e também próximo da tendência observada no território nacional.

A informação fornecida pelos Quadros 64 e 65 mostra que, segundo os *Registos de Passaportes*, as mulheres não emigram nos dez anos decorridos entre 1870 e 1879, nas freguesias de Mira, Nossa Senhora das Febres e S. Mamede de Quiaios. Pode ser que da restante área gandaresa se tenha observado emigração feminina, pensamos, no entanto, que a ter existido foi de pouco significado. Pelo contrário, entre 1905 e 1914 as mulheres constituem 23.2% da população emigrada na freguesia de Febres, 23.6% em Mira, já em Quiaios apenas 16.4% do total de emigrantes é composto por mulheres.

Segundo OLIVEIRA MARTINS (1956, pag. 226), entre 1872 e 1879, o total de emigrantes foi de 105 775 em que 15 573 eram mulheres; cabe-lhes portanto 14.7% do total de população legalmente emigrada (Quadro XVLIII). Segundo os valores apresentados por EZEQUIEL DE CAMPOS (1913, pag. 75), entre 1900 e 1911 a percentagem de mulheres que faz parte dos contingentes emigratórios é relativamente superior: em cada 100 indivíduos 19.3 são elementos do sexo feminino. Apresentando uma distribuição regional muito heterogénea, o valor máximo em relação à percentagem de mulheres observa-se em Beja, com 46.2%, enquanto o índice mais baixo se situa no distrito de Castelo Branco com 10.7%. O distrito de Coimbra participa com 15.6 mulheres em cada 100 indivíduos emigrados, entre 1900 e 1911. Este índice é revelador da importância da emigração feminina nas freguesias de S. Tomé de Mira e Nossa Senhora das Febres, já que apresentam valores superiores aos

observados no distrito: respectivamente 23.2% e 23.6%. A freguesia de S. Mamede de Quiaios aproxima-se da tendência apresentada pelo distrito. Situa-se portanto abaixo do índice apurado para as outras áreas da *Gândara*

QUADRO Nº 64 - DISTRIBUIÇÃO DOS EMIGRANTES LEGAIS POR CLASSES ETÁRIAS E SEXO NAS FREGUESIAS DE FEBRES, MIRA E QUIAIOS - 1870-1879.

| Classes etárias | Febres | | Mira | | Quiaios | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | H | M | H | M | H | M |
| 0-4 | - | - | - | - | - | - |
| 5-9 | - | - | - | - | - | - |
| 10-14 | 1 | - | - | - | 11 | - |
| 15-19 | 12 | - | 13 | - | 18 | - |
| 20-24 | 35 | - | 35 | - | 28 | - |
| 25-29 | 24 | - | 34 | - | 31 | - |
| 30-34 | 28 | - | 31 | - | 10 | - |
| 35-39 | 12 | - | 12 | - | 11 | - |
| 40-44 | 18 | - | 14 | - | 14 | - |
| 45-49 | 5 | - | 6 | - | 4 | - |
| 50-54 | 2 | - | 5 | - | 4 | - |
| 55-59 | 1 | - | 3 | | 1 | - |
| 60-64 | - | - | 1 | - | 1 | - |
| 64-69 | - | - | - | - | - | - |
| 70 e + | - | - | - | - | - | - |
| TOTAL | 138 | - | 154 | - | 133 | - |

FONTE: A.U.C., *Livro de Registos de Passaportes*, nºs 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56 e 57; Sep. II; Secção 2ª D; Est. 6; tab. 2.

No conjunto do território gandarês, o cenário seria provavelmente o mesmo; isto é, a percentagem de mulheres que constituiria os fluxos emigratórios deveria situar-se numa posição intermédia, já que o concelho de Mira tem apresentado sempre um desvio positivo, em relação ao que se verifica nos concelhos do distrito, enquanto Quiaios tem acompanhado quase sempre os índices distritais. Neste sentido, parece-nos que na *Gândara* o número de mulheres, que em cada 100 indivíduos abandonou o país, poderá colocar-se acima do valor

apurado por EZEQUIEL DE CAMPOS para o distrito de Coimbra e abaixo do observado no concelho de Mira.

QUADRO Nº 65 - DISTRIBUIÇÃO DOS EMIGRANTES LEGAIS POR CLASSES ETÁRIAS E SEXO NAS FREGUESIAS DE FEBRES, MIRA E QUIAIOS DE 1905 A 1910.

| Classes Etárias | Febres | | Mira | | Quiaios | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | H | M | H | M | H | M |
| 0-4 | 27 | 21 | 68 | 66 | 12 | 10 |
| 5-9 | 26 | 16 | 90 | 80 | 17 | 17 |
| 10-14 | 19 | 15 | 65 | 39 | 16 | 9 |
| 15-19 | 25 | 6 | 127 | 48 | 61 | 12 |
| 20-24 | 103 | 19 | 430 | 42 | 180 | 12 |
| 25-29 | 70 | 10 | 257 | 58 | 102 | 19 |
| 30-34 | 60 | 16 | 206 | 57 | 70 | 12 |
| 35-39 | 45 | 8 | 145 | 47 | 57 | 10 |
| 40-44 | 12 | 8 | 108 | 19 | 46 | 9 |
| 45-49 | 22 | 4 | 66 | 20 | 18 | 6 |
| 50-54 | 10 | 2 | 45 | 16 | 14 | – |
| 55-59 | 12 | 3 | 18 | 8 | 7 | – |
| 60-64 | 2 | 2 | 11 | 5 | 2 | – |
| 65-69 | 1 | 1 | 8 | 2 | 3 | 2 |
| 70 e + | 1 | 1 | 6 | 4 | – | 1 |
| TOTAL | 435 | 132 | 1650 | 511 | 605 | 119 |
| TOTAL H.M. | 567 | | 2161 | | 724 | |

FONTE: A.U.C., *Livro de Registos de Passaporte*, nºs. 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37,38, 39, 40, 41, 42 e 43; Dep. II; Secção 2ª D; Est. 6;Tab. 3.

Os valores apurados para algumas freguesias gandaresas, sugerem-nos uma questão: até que ponto a relativa importância da emigração feminina poderá relacionar-se com uma estrutura familiar, onde a mulher tem tido, simultâneamente com o homem, um papel decisivo na economia doméstica? O facto de nos situarmos numa área de colonização recente, onde a função da mulher está para além do seu papel tradicional, poderá interligar-se com os elevados índices de participação feminina nos contingentes emigratórios?

## 5.5 — A Estrutura Etária dos Emigrantes

Entre 1870 e 1879 o número de emigrantes com idade inferior a 14 anos não tem praticamente significado em Febres e Mira. (cfr. Quadros 64 e 65) . Apenas na primeira freguesia um indivíduo consta dos registos. Pelo contrário, em S. Mamede de Quiaios 11 indivíduos, foram registados na classe etária dos 10 aos 14 anos, o que equivale a 8.3% do total de saídas. Nas outras áreas, só na classe etária seguinte se verifica um maior número de emigrantes. Em Febres, com idade compreendida entre 15 e 19 anos, emigram 12 indivíduos; em Mira 13 e em S. Mamede de Quiaios 18. Isto é, com idade inferior a 19 anos saiem da primeira freguesia 9.4% (13) e na segunda 8.4% (13); em Quiaios a percentagem dos menores de 19 anos emigrados é bastante maior: 21.8%.

Em Febres e Mira o maior número de saídas regista-se nos indivíduos com uma idade compreendida entre 20 e 34 anos, incidindo portanto o máximo de emigração nos jovens adultos. Entre 1870 e 1879 naquele escalão etário abandonam aquelas freguesias, respectivamente, 63% (87) e 64.9% (100) do total de emigrantes.

Em Quiaios a média da idade dos emigrantes é mais baixa: 66.2% (88) estão compreendidos entre os 10 e os 29 anos. Poderá significar este valor um índice de maior pobreza na freguesia situada na região Sul da *Gândara*. ?

Entre 1905 e 1914 o cenário altera-se. As modificações operadas no quadro tradicional da emigração portuguesa reflectem-se também no território gandarês.

O número de crianças, considerando apenas a classe dos 0 aos 9 anos, relacionado com o aumento da população feminina, sugere,à semelhança do país, a importância da emigração familiar. Em Febres 15.9% (90) do total de emigrados tinha menos de 9 anos; em S. Tomé de Mira aquele grupo atingiu 304, que corresponde a 14.1%; quanto a Quiaios a percentagem cifrou-se em 7.7% (56).

Por outro lado, e como mostra a Fig. 66, as classes mais afectadas situam-se nos jovens adultos, com o máximo registado nos indivíduos cuja idade estava compreendida entre 20 e 24 anos. Em Febres estavam nestas circunstâncias 122 indivíduos, isto é, 21.5% do total; em Mira, 21.8%; em S. Mamede de Quiaios 192 (26.5%) dos 724 emigrantes legais encontravam-se abrangidos por aquela classe etária. Este deveria ser também o padrão geral apresentado pela população gandaresa que abandonou o país. Era, de resto, o elevado quantitativo de população jovem e o aumento progressivo da emigração familiar que mais preocupava as autoridades de então. A fuga ao serviço militar e a crise económica que se instalara no país seriam concerteza as razões que explicavam os elevados contingentes emigratórios. Segundo LINO NETTO, citado por MANUEL VILLAVERDE CABRAL (1979,

pag. 158), "em 1906, de 9 000 refractários ao serviço militar, 6 000 teriam emigrado clandestinamente".

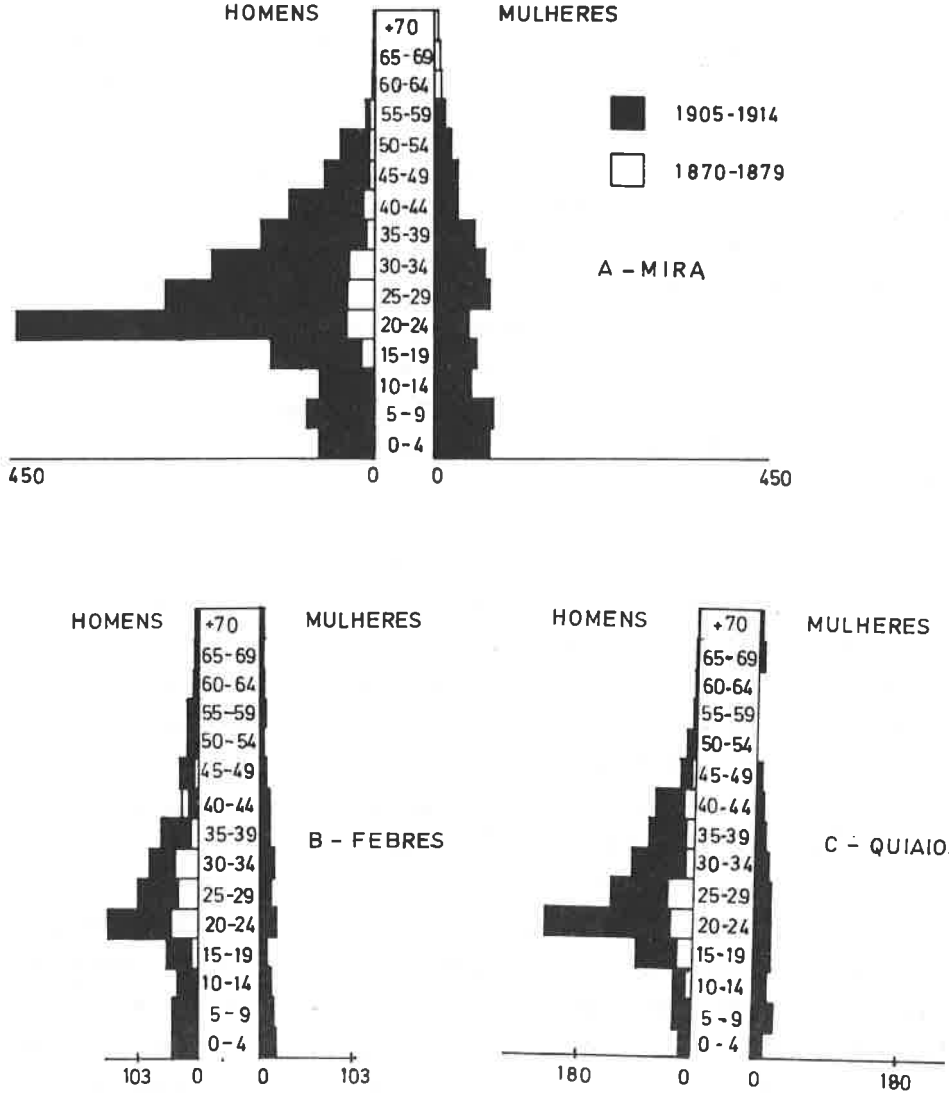



FIG. 66 Estrutura etária dos emigrantes por sexo e por freguesias (1870-79 e 1905-14).

FONTE: QUADROS 64 e 65

Quanto à emigração familiar, FERNANDO EMGYDIO DA SILVA (1917, pag. 149), depois de concluir do "agravamento do fenómeno da emigração por famílias" entre 1900 e 1913, afirma que "em três distritos do litoral (Porto, Aveiro e Coimbra) a marcha do fenómeno, apesar de não ser tão brusca nem tão intensa, adquire no entanto também um aspecto que não deixa de ser inquietador".

## 5.6 — A Estrutura Sócio-Profissional dos Emigrantes Gandareses

Não é fácil apresentar uma lista completa das actividades profissionais dos emigrantes gandareses. As lacunas de informação, principalmente na primeira série analisada, permitem apenas traçar uma imagem do que terá sido a composição socio-profissional dos indivíduos que noutros países procuraram melhores horizontes de trabalho. Além disso, a classificação utilizada em alguns registos merece certas reservas. Como veremos, uma grande percentagem de população registada foi considerada como *trabalhador*, o que deverá significar que, na sua grande maioria, se tratava de população agrícola. Para o período que decorre entre 1905 e 1914, a omissão da actividade profissional tem pouco significado. O número de indivíduos com idade superior a 14 anos que abandonaram as freguesias de Nossa Senhora das Febres, S. Tomé de Mira e S. Mamede de Quiaios foi, respectivamente, de 443, 1753 e 643. Ora, na primeira daquelas áreas, é referenciada a profissão para 432, na segunda para 1705 e na última para 623 (cfr. Quadro XLIX).

### 5.6.1 — De1870-1879

A Fig. 67 mostra que a composição socio-profissional dos emigrantes não deveria diferir de modo significativo. Na freguesia de Nossa Senhora das Febres 97.6% da população, emigrada durante 1870-1879, pertencia ao sector primário: os *trabalhadores* englobavam 87.8% do total, aos *lavradores* apenas cabiam 6.5%, enquanto os 4 *serradores* registados correspondiam 3.3%.

Em S. Tomé de Mira o cenário é idêntico. Ao sector primário pertenciam 90.5%, cuja distribuição por grupos profissionais mostra a importância dos trabalhadores: 71.6%. Com menos efectivos,mas constituindo em termos relativos um conjunto importante, situavam-se os *pescadores* e *seareiros* respectivamente, com 7.4% e 6.1%. O sector secundário apresenta nesta freguesia o índice mais elevado: 8.8% do total. Tal como se tinha registado a

partir dos Assentos de Baptismo e Recenseamento Eleitoral, também aqui se verifica uma maior diversificação nos grupos profissionais.

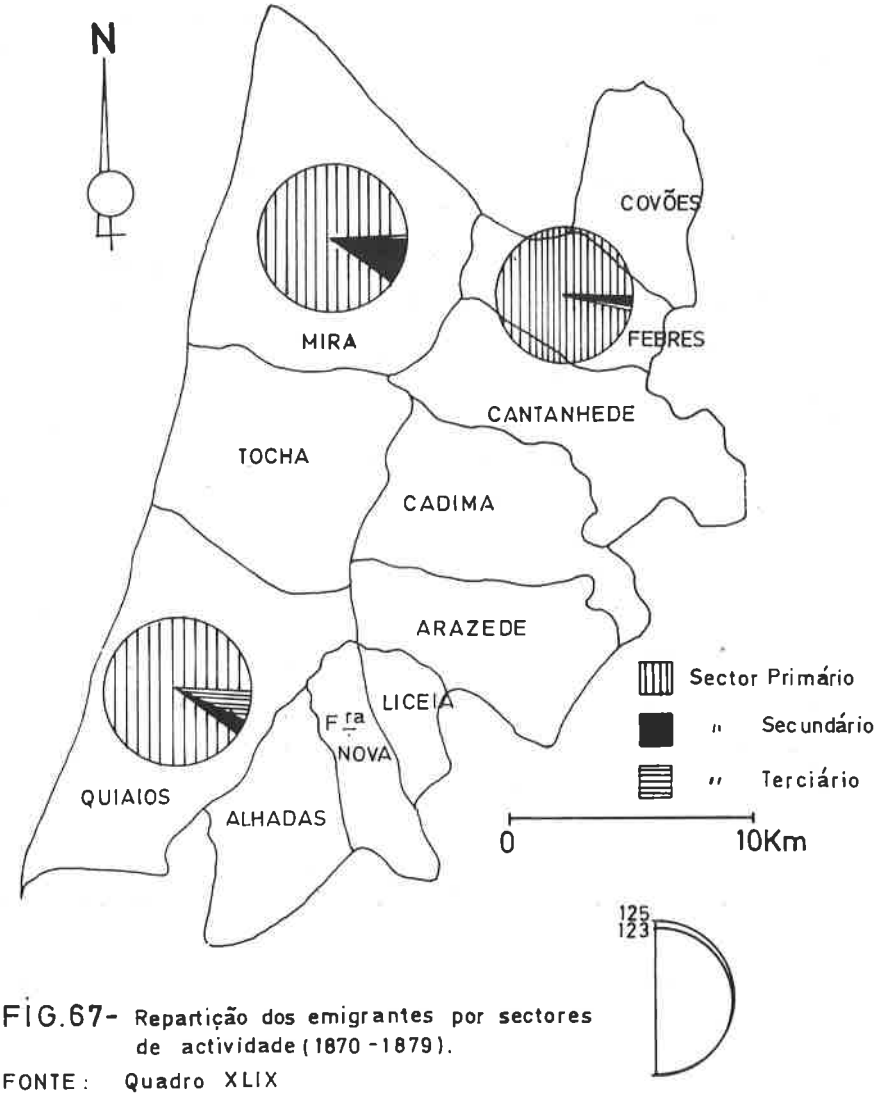



FIG.67- Repartição dos emigrantes por sectores de actividade (1870 - 1879).

FONTE: Quadro XLIX

Também em S. Mamede de Quiaios quase todos os emigrantes pertenciam ao sector primário (90.4%), cabendo aos *trabalhadores* o maior quantitativo: 106 (84.8%). Note-se que os *pescadores* não tinham praticamente representatividade nos emigrantes legais. Apenas 1 abandona esta freguesia entre 1870 e 1879. O sector secundário concorre com 3.2% (4), repartidos por quatro grupos profissionais: *alfaiate, canteiro, ferreiro e sapateiro*

O comércio e serviços têm pouca representação na população emigrada. Apenas um negociante, natural de Mira, abandona o país entre 1870 e 1879, enquanto em Quiaios foram registados 2 marchantes e um negociante .

Do confronto com a distribuição profissional dos emigrantes do distrito de Coimbra entre 1870-1875 (Cfr. J. L. ROQUE, 1982, VOL.I, Tomo II, pags. 583-584), emerge a ideia de que na *Gândara* o número de indivíduos ligados à agricultura era, em termos relativos, superior ao do distrito. Aqui, segundo aquele autor, não atingiam 70%, valor bastante afastado do apurado para as freguesias, por onde se distribui o território em estudo. Pelo contrário, o número de artífices deveria ser muito mais baixo na *Gândara* . Para Febres cifrava-se em 1.6%, em Quiaios 3.2% e 8.8% em Mira. Estes índices são reveladores da pouca importância do sector secundário na área de estudo, vêm, por isso, ao encontro do que já se tinha concluído. No distrito de Coimbra, o número de *artífices* diversos atingia 13.24% dos 4095 emigrantes, saídos entre 1870 e 1875 (Cfr. J. L. ROQUE, ob. cit., pags. 579-584), enquanto o sector terciário contribuía com 214 individuos (5.23%), em que 103 eram caixeiros . Segundo OLIVEIRA MARTINS (1956, pags. 230-231), no ano de 1887 o número de indivíduos ligados à agricultura constituía naquele distrito (Coimbra) o maior grupo no conjunto do país, 1075, logo seguido do de Viseu com 877. Os *caixeiros*, os *negociantes* e os *proprietários* formavam um grupo numeroso, já que naquele ano, do distrito de Coimbra, partiram 133, 49.6% dos quais pertenciam à última categoria profissional.

Em resumo, no final do século XIX, da *Gândara*, saíam preferencialmente indivíduos ligados à agricultura. Deve salientar-se a ausência ou o pouco significado de alguns grupos profissionais, já que *jornaleiros* e *pescadores* praticamente não emigram. Constituindo importantes comunidades no litoral gandarês, o facto de não constarem dos contingentes emigratórios legais parece significar que constituiriam um grupo economicamente débil, como indiciavam, as listas do *Recenseamento Eleitoral*, onde praticamente não vinham registados.

5.6.2 — De 1905-1914

A análise da Fig. 68 revela, além do acréscimo no número de emigrantes, algumas modificações na estrutura profissional. Embora não sejam alterações muito marcantes julgamos que adquirem algum significado, quer pelo aumento relativo dos sectores secundário e terciário, quer também porque se observa uma maior diversificação dos grupos profissionais. O considerável número de mulheres que abandona o local de residência com destino ao estrangeiro constitui também uma nova e importante componente nos fluxos emigratórios do início do século.

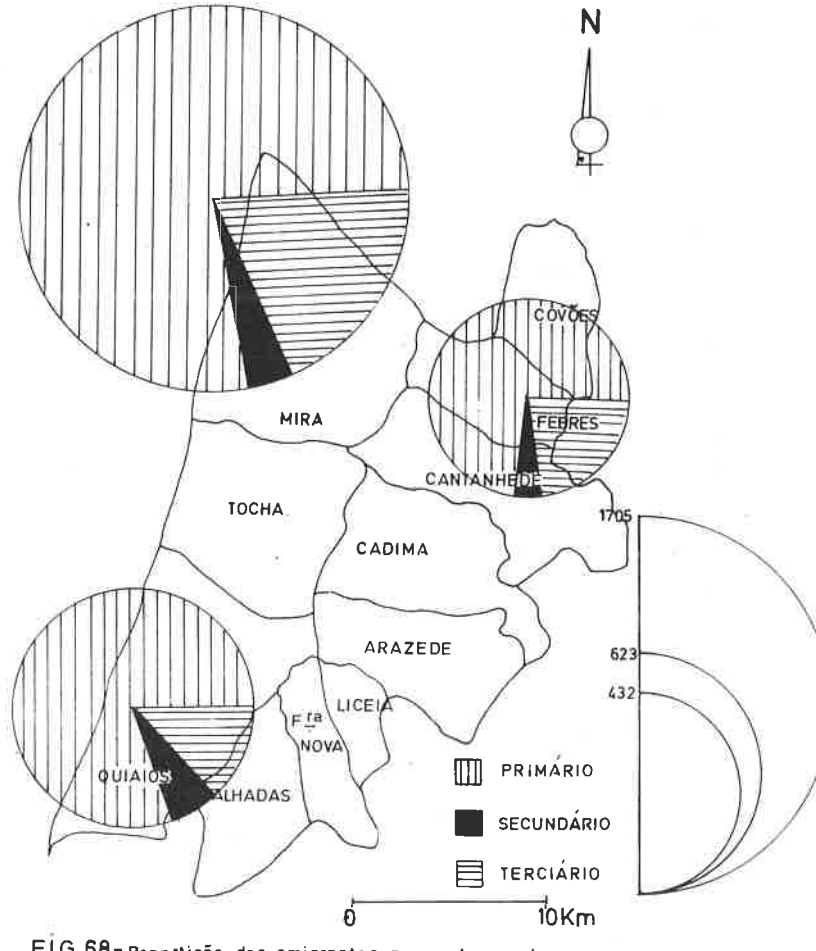



FIG.68- Repartição dos emigrantes por sectores de actividade (1905 – 1914).

FONTE: QUADRO XLIX

A quebra operada no sector primário é sugerida pelos índices apurados na década que decorreu entre 1905 e 1914. Na freguesia de Nossa Senhora das Febres, o decréscimo foi naquele sector de 23.7%, afectando de preferência talvez o grupo profissional formado pelos *trabalhadores* . De 87.8% que lhe correspondia no período anterior passa nesta segunda série analisada para 41.9%. Por outro lado, deve salientar-se a considerável comunidade de *serradores* que abandonam esta freguesia: o seu número subiu de 4 (3.3%) indivíduos para 37 (8.6%) entre 1905 e 1914. Este valor sugere que constituiriam localmente um grupo importante.

O sector secundário, embora pouco representado, apresenta algum acréscimo, no qual o número de *carpinteiros* 8 ( 1.9%) é o mais significativo.

Quanto ao sector terciário, a maior participação da mulher nos fluxos emigratórios concorre para que o seu peso seja maior relativamente aos cômputos do século XIX.

Em S. Tomé de Mira a estrutura profissional da população emigrada apresenta uma tendência idêntica a Febres. Como deveria suceder em toda a *Gândara*, a quebra verificada no número de indivíduos ligados à agricultura dever-se-á mais ao acréscimo dos outros grupos profissionais do que à perda efectiva do sector primário. Nesta freguesia constata-se um decréscimo de 90.5% para 77.9%, cabendo aos *agricultores e trabalhadores* a participação mais importante: respectivamente, 292 (17.1%) e 1014 (59.5%). O grupo dos *pescadores*, constituía um conjunto formado apenas por 13 indivíduos, 0.8% do total. A representatividade dos *artífices* é escassa: correspondem-lhes apenas 2.8% do total de emigrantes legais, valor quase exclusivamente formado por *carpinteiros* 26 (1.5%) e *alfaiates* 13 (0.8%).

À semelhança do verificado para Febres, a população feminina contribui para o aumento do sector terciário: 268 mulheres (15.7%). Há todavia que salientar o aparecimento de um novo grupo profissional, os *caixeiros* 8 (0.5%), além dos *proprietários* e *negociantes* que continuam a formar categorias profissionais numerosas, 33 (2.0%) e 13 (0.8%) efectivos, respectivamente.

Cenário idêntico observa-se na freguesia de S. Mamede de Quiaios. Esta circunstância poderá alicerçar a ideia de que, em toda a *Gândara*, o padrão socio-profissional dos emigrantes não sofreria grandes desvios relativamente às freguesias analisadas. Entre 1905 e 1914 emigram em S. Mamede de Quiaios 623 indivíduos, que se distribuem profissionalmente do seguinte modo: o sector primário participava com 80.4%, o secundário com 5.9% e o terciário com 13.7%. Se o quantitativo de mulheres 57 (8.7%) mostra o aumento de mão-de-obra feminina, o acréscimo verificado em algumas categorias profissionais revela, por seu lado, que a emigração tinha passado a afectar um leque mais variado de grupos sociais. Tal como sucedeu em Febres e Mira, os *trabalhadores e*

*agricultores* formam o grupo mais numeroso de emigrantes: respectivamente, 57% e 16.7% do total de população registada nos livros de passaportes. Deve salientar-se o conjunto de 35 *pedreiros* (5.6%) e a fraca participação de *pescadores* (0.6%), que constituíriam, como se tem referido, excepção na comunidade em que se inseriam.

No sector secundário, 5.9% do total de emigrantes activos, os maiores quantitativos eram fornecidos pelos *carpinteiros* 24 (3.9%), e pelos *canteiros* 7 (1.1%). Os 7 *negociantes* formavam por sua vez o grupo profissional mais numeroso do sector terciário.

Relativamente à estrutura socio-profissional dos emigrantes gandareses, apesar da análise incidir apenas em três freguesias, julgamos que, da pouca divergência dos resultados, é possível fazer-se uma generalização. Assim, poder-se-á concluir da importância das actividades agrícolas na população emigrada, quer na série analisada no século XIX, quer na do início do século XX. Aos *trabalhadores* e *agricultores* caberiam os maiores contingentes de mão-de-obra. Além disso, os índices de 1905 e 1914 parecem revelar alterações na composição da população registada nos *Livros de Passaportes* . O maior quantitativo de elementos do sexo feminino e o acréscimo no número de indivíduos com idade inferior a 14 anos, sugerem uma importância crescente da emigração familiar.

Por outro lado, observa-se também uma diversificação progressiva de grupos profissionais. O número de *artífices*, em que ressalta a importância dos *pedreiros*, e *carpinteiros*, e o numeroso grupo de *proprietários*, *negociantes* e *caixeiros* parece significar que, também na *Gândara*, o fenómeno emigratório se tinha alargado progressivamente a quase todas a profissões. Apenas a população situada na base da hierarquia social escapava às solicitações difundidas a partir dos países do Novo Mundo. *Jornaleiros*, *seareiros* e *pescadores*, grupos profissionais com grande importância na economia local, não constam praticamente dos *Registos de Passaportes*, tal como não constavam do *Recenseamento Eleitoral* . Deste facto, infere-se que, apesar do empobrecimento progressivo observado na população que abandonava o país, eram os mais pobres que ficavam ou pelo menos procuravam em outras áreas do país ou mais tardiamente no estrangeiro outras perspectivas de vida. Dever-se-á entretanto salvaguardar a emigração clandestina, na qual possivelmente aqueles grupos teriam alguma representatividade: como a generalidade da população portuguesa que saía legalmente, encaminhava-se para o vasto mercado de trabalho que o Brasil oferecia.

## 5.7 — Para Onde Emigra a População Gandaresa?

ALEXANDRE HERCULANO afirmava, quase no final do século XIX, (1875.pag. 112) que o Brasil era " a nossa melhor colónia depois de deixar de ser colónia nossa". O domínio daquele país era praticamente absoluto em relação ao destino dos portugueses.

Segundo OLIVEIRA MARTINS (1956, pags. 232-234), entre 1880 e 1889, dirigem-se para a América 137 108 indivíduos, enquanto a África apenas absorve 4 436, a Oceânia 3 684, a Europa 2 871, a Ásia o escasso número de 155 emigrantes. Referindo-se aos distritos de Aveiro, Coimbra e Viseu, aquele autor afirma que, para a Europa, se tinham dirigido 70 emigrantes, "para a Ásia 8, para a África 337 e para o Brasil 32 435". De resto, as informações posteriores continuam a confirmar a crescente importância da nação brasileira como país receptor. Dos 443 432 indivíduos, que legalmente abandonaram o país entre 1901 e 1913, 410 890 se dirigiram para o Brasil, isto é, 92.7% do total. A América do Norte, ao receber 11 239 portugueses (2.5%), ocupa, como país receptor, o segundo lugar.

Tal como a quase toda a população portuguesa emigrada, também grande parte dos indivíduos que abandonam a *Gândara* têm no Brasil o principal país de acolhimento, e nas cidades de Rio de Janeiro e Santos os maiores centros receptores.

Os Quadros 66, 67 e 68([1]) mostram segundo a profissão e o destino, a distribuição dos naturais de Febres, Mira e Quiaios, que entre 1870-1879 emigraram do país. Apesar das omissões observadas nos registos de passaporte, relativamente à actividade profissional e ao local para onde se dirigiam, é possível traçar uma imagem do percurso daquela população.

Na freguesia de Nª. Senhora das Febres todos os indivíduos de que se conhece o local de destino (133), encaminham-se para o Brasil. 38.1%, pelo menos no momento imediato, dirigiam-se, para Santos, 31.6%, para a cidade do Rio de Janeiro. Deve notar-se, que, no cômputo geral, não obstante o maior quantitativo ser formado por *trabalhadores*, se observa uma maior diversificação profissional nos gandareses que se encaminham para o Rio de Janeiro. Esta cidade era também o local de chegada para grande parte dos naturais de Mira (51.6%) e, como aconteceu para Febres, também os elementos com esse destino denotam uma maior diversificação profissional. Em 78 registos, 58 eram *trabalhadores*, 4 *seareiros*, 1 *sapateiro*, 6 *pescadores*, 1 *pedreiro*, 1 *negociante*, 3 *lavradores*, 1 *ferrador* e 1 *caneiro* . Os emigrantes naturais da freguesia de S. Mamede de Quiaios dirigiam-se preferencialmente para a cidade de Santos. Entre 1870 e 1879, escolheram essa cidade 102, isto é 77.3%, enquanto Rio de Janeiro apenas 17.4% (23) a preferiram.

---

[1] — Na elaboração destes quadros manteve-se o critério utilizado nos Registos; isto é, quando a informação refere apenas Brasil como ponto de chegada optou-se por fazer a sua contagem isoladamente; quando refere centros urbanos respeitou-se a desagregação utilizada nas fontes.

QUADRO Nº 66 - DISTRIBUIÇÃO DOS EMIGRANTES POR PROFISSÕES E DESTINO. 1870-1879 - FEBRES.

| Profissões / Destino | Alfaiate | Carpinteiro | Carreiro | Criado serv. | Lavrador | Serrador | Trabalhador | Indiferenc. | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Brasil | — | — | — | — | 6 | 3 | 24 | 4 | 37 | 27.8 |
| Rio de Jan. | 1 | — | 1 | 1 | 2 | — | 33 | 4 | 42 | 31.6 |
| R.Grande do Sul | — | — | — | — | — | — | 3 | — | 3 | 2.3 |
| Santos | — | 1 | — | — | — | 2 | 48 | — | 51 | 38.3 |

FONTE: A.U.C., *Livros de Registo de Passaporte, anos de 1870 a 1879.*

QUADRO Nº 67 - DISTRIBUIÇÃO DOS EMIGRANTES POR PROFISSÕES E DESTINO, 1870-79 - MIRA.

| Profissões / Destino | Cabouqueiro | Carpinteiro | Carreiro | Ferrador | Ferreiro | Lavrador | Moleiro | Negociante | Pedreiro | Pescador | Sapateiro | Seareiro | Trabalhador | Indiferenc. | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Brasil | — | 2 | — | — | — | 4 | — | — | — | 3 | 6 | 2 | 13 | 1 | 31 | 20.5 |
| Rio de Jan. | — | — | 1 | 1 | 1 | 3 | — | 1 | 1 | 6 | 1 | 4 | 58 | 1 | 78 | 51.6 |
| Santos | 1 | — | — | — | — | — | 1 | — | — | 2 | — | 3 | 34 | — | 41 | 27.2 |
| S. Paulo | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | 1 | — | 1 | 0.7 |
| Total | 1 | 2 | 1 | 1 | 1 | 7 | 1 | 1 | 1 | 11 | 7 | 9 | 106 | 2 | 151 | 100 |

FONTE: - A.U.C., *Livros de Registo de Passaportes, anos de 1870 a 1879.*

QUADRO Nº 68 - DISTRIBUIÇÃO DOS EMIGRANTES POR PROFISSÕES E DESTINO, FREGUESIA DE S. MAMEDE DE QUIAIOS, 1870-1879.

| Profissões / Destino | Alfaiate | Canteiro | Ferreiro | Lavrador | Marchante | Negociante | Pedreiro | Pescador | Proprietário | Sapateiro | Trabalhador | Indiferenc. | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Brasil | — | 1 | 1 | — | — | — | — | 1 | 2 | — | 2 | — | 7 | 5.3 |
| Rio de Jan. | — | — | — | 1 | — | 1 | 2 | 1 | — | — | 18 | — | 23 | 17.4 |
| Santos | 1 | — | — | 2 | 2 | — | 1 | — | 3 | 1 | 88 | 4 | 102 | 77.3 |
| Total | 1 | 1 | 1 | 3 | 2 | 1 | 3 | 2 | 5 | 1 | 108 | 4 | 132 | 100 |

FONTE: A.U.C., *Livros de Registo de Passaporte, anos de 1870 a 1879.*

Em resumo, nos anos decorridos entre 1870 e 1879, quase todos os emigrantes naturais das freguesias em análise se dirigiam para as cidades de Santos e do Rio de Janeiro. Para S. Paulo, constam 3 registos, enquanto apenas 1 indivíduo declarou pretender ir para o estado do Rio Grande do Sul. Do facto de aqueles dois centros urbanos serem os referidos com mais frequência, como aliás sucedia para a generalidade dos emigrantes do território nacional, poderá supor-se um comportamento idêntico em todo o território da *Gândara*.

De resto, a atracção exercida por Santos tornar-se-á mais nítida a partir do início do século XX, sobrevalorizando-se em relação ao Rio de Janeiro (Quadros 69, 70 e 71).

Entre 1905 e 1914 o Brasil continua a ser o grande receptor de população. Contudo, Santos e o Rio de Janeiro não constituem já o objectivo quase exclusivo dos emigrantes. Apesar daqueles núcleos absorverem a maior parte dos trabalhadores da *Gândara* que tinham procurado naquele país melhores perspectivas de vida, verifica-se uma maior difusão pelo espaço brasileiro

A leitura dos Quadros 69, 70 e 71 permite concluir que dos 360 indivíduos naturais de Febres, e de que se tem informação, 322 (89.4%) dirigiram-se para Santos, 27 (7.5%) para o Rio de Janeiro, enquanto para Manaus foram registados 7 emigrantes (1.9%). Procurando provavelmente no percurso geográfico e económico da borracha condições de sobrevivência, o emigrante gandarês só por um curto período de tempo procurou em Manaus ascender economica e socialmente; acompanhou, de resto, o efémero, mas intenso, crescimento que se verificou naquela região brasileira. Entre 1905 e 1914 também a cidade de Santos revela uma maior atracção nos emigrantes de S. Tomé de Mira: se absorve entre 1870-1879 apenas 27.2% do total, acolhe agora 84.1% (322), enquanto à cidade do Rio de Janeiro apenas chegavam 12.5% (27). O Uruguai é outro importante receptor de mão-de-obra gandaresa, pois de Mira eram naturais 15 indivíduos (1.1%), que se dirigiram para aquele país.

QUADRO Nº 69- DISTRIBUIÇÃO DOS EMIGRANTES POR PROFISSÕES E DESTINO
FREGUESIA DE Nª. Sª. DAS FEBRES, 1905-1914.

| Profissões / Destino | Agricultor | Alfaiate | Alveitar | Barbeiro | Caixeiro | Carpinteiro | Maquinista | Negociante | Ourives | Proprietário | Sapateiro | Serrador | Trabalhador | Indetermi. | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Brasil | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | 2 | 2 | — | 4 | 11 |
| Manaus | — | — | — | — | — | — | — | — | — | 3 | 1 | — | 2 | 1 | 7 | 1.9 |
| Rio de Jan. | 5 | — | 1 | — | — | 1 | — | — | — | 2 | — | 1 | 16 | 1 | 27 | 7.6 |
| Santos | 92 | 3 | — | 1 | 1 | 7 | 1 | 5 | 1 | 15 | 1 | 34 | 161 | — | 322 | 89.4 |
| Total | 97 | 3 | 1 | 1 | 1 | 8 | 1 | 5 | 1 | 20 | 2 | 37 | 181 | 2 | 360 | 100 a |

FONTE: - A.U.C. , *Livros de Registo de Passaporte, anos de 1905 a 1914.*

QUADRO Nº 70- DISTRIBUIÇÃO DOS EMIGRANTES POR PROFISSÕES E DESTINO, 1905-1914 - MIRA

| Profis. / Destino | Agricultor | Alfaiate | Caixeiro | Carpinteiro | Carreiro | Comerciante | Cortador | Emp. Comerc. | Farmacêutico | Ferreiro | Funileiro | Jornaleiro | Negociante | Pescador | Proprietário | Sapateiro | Seareiro | Serrador | Trabalhador | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Argent. | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 3 | 3 | 0.2 |
| Brasil | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 24 | 24 | 1.7 |
| Campina | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 | – | – | – | – | – | 1 | 0.1 |
| Manaus | – | – | – | – | – | – | – | 1 | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 | 1 | 3 | 0.2 |
| R.Jan. | 17 | 1 | – | 1 | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 | – | 1 | – | 2 | – | 156 | 179 | 12.5 |
| Santos | 271 | 12 | 8 | 25 | 1 | 3 | – | – | 1 | 3 | 2 | 1 | 13 | 12 | 32 | 3 | 5 | – | 809 | 1201 | 84.1 |
| Urug. | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 15 | 15 | 1.1 |
| Lour.Marques | – | – | – | – | – | – | 1 | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 | 2 | 0.1 |
| Total | 288 | 13 | 8 | 26 | 1 | 3 | 1 | 1 | 1 | 3 | 2 | 1 | 14 | 13 | 33 | 3 | 7 | 1 | 1009 | 1428 | 100 |

FONTE: - A.U.C., *Livros de Registos de Passaporte, anos de 1905 a 1914.*

QUADRO Nº 71- DISTRIBUIÇÃO DE EMIGRANTES POR PROFISSÕES E DESTINO 1905-1914 - QUIAIOS.

| Profissões / Destino | Agricultor | Alfaiate | Caixeiro | Canteiro | Carpinteiro | Comerciante | Criado serv. | Maquinista | Marítimos | Negociante | Pedreiro | Pescador | Proprietário | Sapateiro | Serrador | Trabalhador | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Brasil | – | – | – | – | 1 | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 12 | 13 | 2.3 |
| Manaes | 1 | – | – | – | 4 | – | – | – | – | – | 3 | – | 1 | 2 | 1 | 27 | 39 | 6.9 |
| Minas Gerais | – | – | 1 | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.9 |
| Pará | – | – | – | – | 1 | – | – | – | – | – | 1 | – | – | – | – | – | 2 | 0.4 |
| Pernambuco | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 | 1 | 0.2 |
| Rio de Janeiro | 8 | 1 | 1 | 4 | 6 | 1 | 1 | | 1 | 1 | 16 | 1 | 1 | 2 | 1 | 36 | 81 | 14.3 |
| Santos | 92 | 1 | 2 | 3 | 12 | 1 | – | 1 | 1 | 6 | 15 | 2 | 11 | – | 1 | 279 | 427 | 75.5 |
| Europa | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 | – | – | – | 1 | 0.2 |
| Total | 101 | 2 | 4 | 7 | 24 | 2 | 1 | 1 | 2 | 7 | 35 | 3 | 14 | 4 | 3 | 355 | 565 | 100 |

FONTE: - A.U.C. *Livros de Registo de Passaporte, anos de 1905 a 1914.*

S. Mamede de Quiaios mantém, de certa forma, o cenário observado no final do século XIX. À cidade de Santos chegam entre 1905 e 1914, 427 indivíduos (75.6%), ao Rio de Janeiro 14.3% (81), enquanto Manaus recebe 6.9% (39), revelando-se assim, e durante o início do século XX, o terceiro maior centro receptor de emigrantes da *Gândara* .

A relação entre a actividade profissional e o destino não se mostra muito afastada nas três freguesias em análise. Considerando apenas os indivíduos de que é dada informação precisa, poder-se-á inferir que o sector secundário apresentava uma maior participação nos emigrantes que tinham na cidade de Santos o ponto de chegada, ao contrário, recorde-se, do que se observou nos anos decorridos entre 1870 e 1879: nesse período foi a cidade do Rio de Janeiro que absorveu grande parte dos artífices naturais de Febres e Mira; agora, da última das referidas freguesias, dirigiram-se para Santos 12 *alfaiates* num total de 13, 25 *carpinteiros* de um grupo de 26 indivíduos, 13 dos 14 *negociantes* registados e 32 *proprietários* num conjunto de 33. Também os 8 *caixeiros* que constam dos registos escolheram todos aquela cidade como ponto de chegada. Em Febres observa-se uma distribuição semelhante: para Santos emigram todos os *alfaiates* (3), todos os *negociantes* (5), e praticamente todos os *carpinteiros* (7 num total de 8), tal como quase todos os *proprietários* (15 num grupo de 20) e também a grande maioria dos *serradores*, já que, dos 37 registados, 34 dirigiram-se para aquele importante centro urbano. A cidade de Santos é ainda, no final do século XIX, o principal ponto de chegada dos emigrantes naturais da freguesia de S. Mamede de Quiaios, embora sejam referenciados outros locais de destino. Nos grupos com maior representatividade são de salientar-se os 35 *pedreiros* repartidos quase equitativamente por Santos e Rio de Janeiro; os *carpinteiros* que se dirigiram para Santos, Rio de Janeiro e Manaus, respectivamente 12,6 e 4 indivíduos; e ainda os 11 *proprietários* que declaram pretender embarcar para o primeiro daqueles centros.

Em função dos valores encontrados, as cidades de Santos e Rio de Janeiro constituíam o destino quase exclusivo da população emigrada. Observam-se, contudo, no início do século XX, pequenas variações no quadro geográfico representativo do local de chegada da população oriunda da *Gândara*. Além da cidade de Manaus, também o Uruguai surge com algum significado, nomeadamente para indivíduos naturais de Mira. Minas Gerais, Campina, Pernambuco ou Argentina são outras referências que sugerem uma maior difusão dos imigrantes entrados na América do Sul e em especial no território brasileiro.

Para as colónias portuguesas de então não se verificam praticamente saídas. É certo que, a partir de 25 de Abril de 1907, foi abolida a obrigatoriedade de passaporte, pelo que tais saídas deixam de constar, a partir dessa data, dos *Registos*, mas entre 1905 e Abril de 1907 apenas dois indivíduos terão saído da freguesia de S. Tomé de Mira com destino a África

(Lourenço Marques): um indício, talvez, do fraco poder atractivo que os territórios africanos sob administração portuguesa exerciam na população migrante.

## 5.8 — A Recessão dos Fluxos Emigratórios após os Anos Vinte

Vários acontecimentos, como a Primeira Grande Guerra e a crise económica do final de década de vinte, provocam um abrandamento nos fluxos emigratórios.

A ausência de informação a nível de concelhos obriga a uma análise geral no período subsequente. Todavia, ela expressa sem dúvida o comportamento da emigração portuguesa e provavelmente o padrão geral do fenómeno emigratório gandarês até ao final dos anos cinquenta.

Como se conclui da Fig. 69, no distrito de Coimbra, é notável o decréscimo observado nos quantitativos de emigrantes entre 1930 e meados dos anos 50. Apesar de a quebra ser acentuada, deve salientar-se que apenas os anos de 1943 e 1944 apresentam valores praticamente sem significado: respectivamente, 30 e 32 emigrantes (cfr. Qadro LI). Nos outros anos, o movimento de saídas situou-se sempre acima dos 300 indivíduos. De qualquer modo, saliente-se que, apesar do decréscimo, nunca a corrente emigratória cessou completamente, e ganha nova aceleração nos anos imediatos à Segunda Guerra Mundial.

O destino geográfico dos emigrantes continuava a ser preferencialmente o Brasil. Desde 1940, ano a partir do qual as informações são mais completas em relação ao país receptor, aquele Estado era ainda o objectivo de grande parte dos indivíduos que abandonavam o distrito de Coimbra (cfr. Quadro LII). Nos anos que decorrem entre 1941 e 1954, mais de 90% das saídas são referenciadas para aquele país. Dos restantes, uma grande parte vai para a Venezuela.

A partir de 1957 a Europa começa a ter alguma expressão. Nesse ano dirigiram-se para lá 3.5%; no ano seguinte, 3.8%; em 1959, 3.2%; e em 1960, 7.9%. Este valor não cessará de aumentar nos anos seguintes de modo a operar-se uma modificação do percurso que até aí tinha definido a emigração portuguesa, (cfr. M.L.PORTO e F.M. COSTA, 1984, pags.45-59).

Como se referiu, durante algumas dezenas de anos não há informação relativa ao fenómeno emigratório a nível de concelhos. Apesar disso pensamos que, na *Gândara*, o padrão foi idêntico ao observado no distrito de Coimbra, como já o fora na série anteriormente analisada.

Porque a partir de 1960 o fenómeno emigratório adquire novas características, justifica-se uma análise mais completa do modo como incidiu na área de estudo. Por isso, a

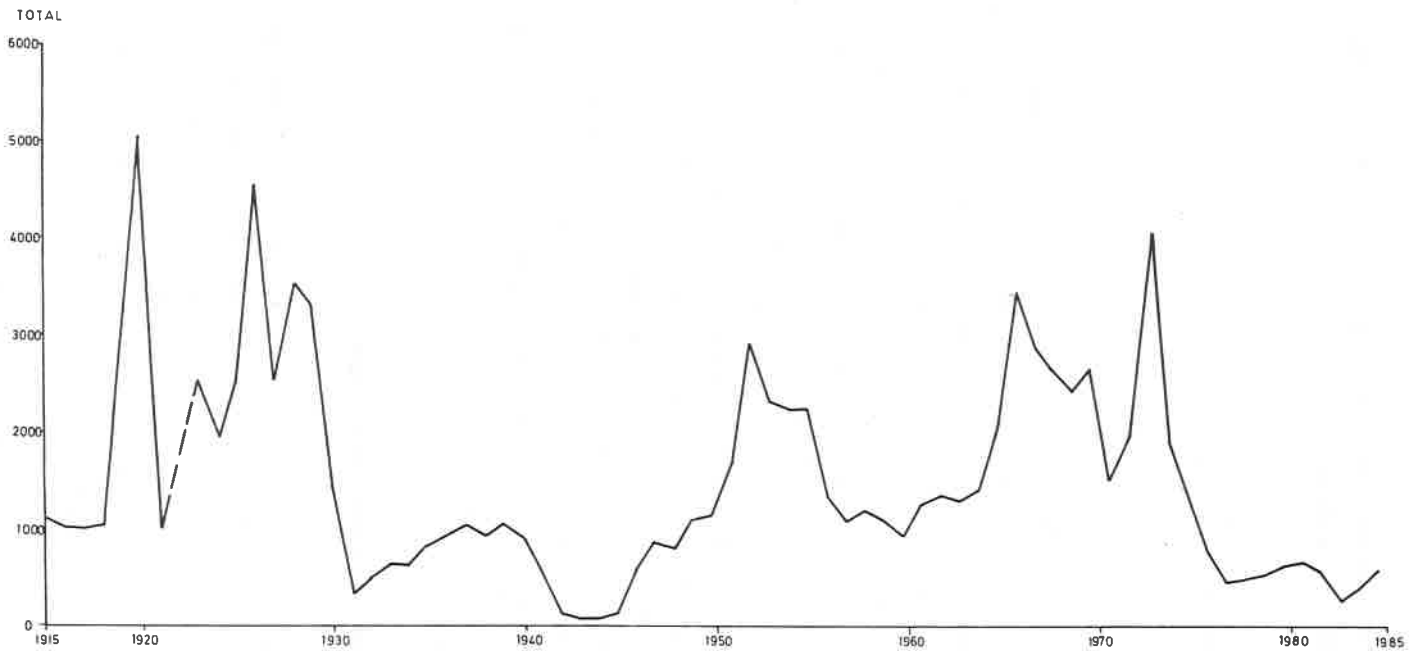



FIG. 69 – EMIGRAÇÃO LEGAL NO DISTRITO DE COIMBRA (1915 - 1985)

FONTE: QUADRO LI

informação recolhida tem, como base, a freguesia e, como fonte, os *Registos de Passaportes* existentes nas Câmaras Municipais.

## 6 — A EMIGRAÇÃO NA *GÂNDARA* A PARTIR DE 1956

### 6.1 — As Fontes

Como se tem referido ao longo do texto a escala de análise dificulta a recolha de informações. No caso da emigração existem os *Registos de Passaportes* que permitem uma análise de maior pormenor. Convém, no entanto, tecer algumas considerações a respeito da sua estrutura, pois dela depende, na totalidade, o valor da informação recolhida. Como se viu, os registos do final do século XIX e princípio do século XX apresentam-se estruturados de forma a poder conhecer-se frequentemente a idade, a naturalidade, a profissão, o estado civil, o grau de instrução, o destino, além de outras informações relativas ao indivíduo. Pelo contrário, os registos mais recentes limitam-se a fornecer o nome, a naturalidade e o país de acolhimento. Raramente é registada a profissão, nunca a idade, e muito poucas vezes se especifica o destino de forma completa: apenas se regista França, América, etc. Deste facto decorre uma diferença notável entre a qualidade da informação do início do século e aquela que se recolheu a partir de 1956, circunstância que não deixará de se reflectir na abordagem dos fluxos emigratórios mais recentes. Julgamos porém, que uma parte das lacunas, que não deixarão de estar presentes, foram superadas pelo inquérito directo que realizámos e cuja análise constitui a última parte deste trabalho

### 6.2 — Evolução dos Quantitativos Emigratórios

A Fig. 70 apresenta a evolução da emigração legal no território gandarês, entre 1956 e 1984. O acréscimo de emigrantes está bem expresso a partir de 1960. Dos 8 764 indivíduos que sairam durante aquele período (Quadro 72 ), 48.7% (4 272) emigram entre 1965 e 1970, equivalendo à média anual de 712 indivíduos; 68.7% (6 020) abandona o país entre 1965 e 1974, ou seja, 602 indivíduos em cada ano. Note-se que, entre 1965 e 1970, no distrito de Coimbra, foram registados 15 525 (cfr. Quadro LI), que dá uma média anual de 2 588 indivíduos. Do exposto se deduz que, durante aquele período (1965-1970), as onze freguesias em análise contribuiram, num conjunto de 193, com 27.5% da emigração distrital.

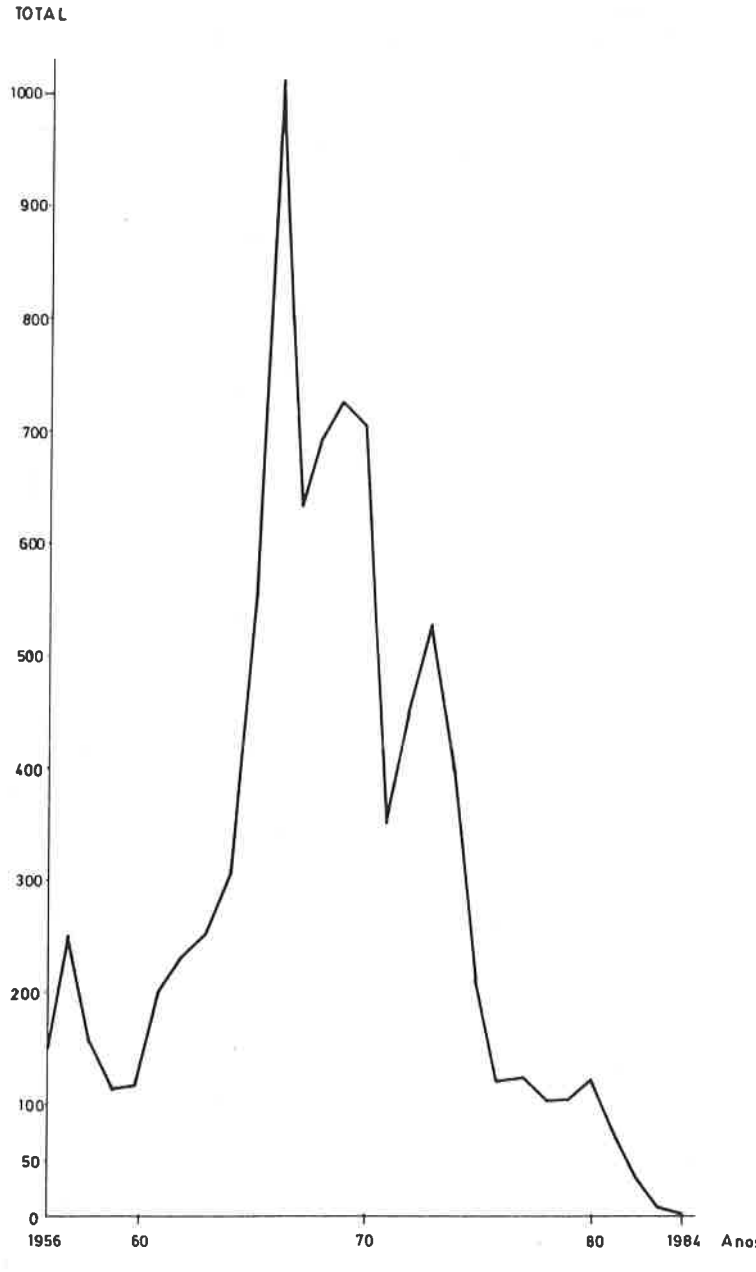



FIG. 70 - Emigração legal na Gândara entre (1956-1984)

FONTE : QUADRO 72

QUADRO Nº 72 - EMIGRAÇÃO LEGAL POR FREGUESIAS, 1956-1984

| Anos / Freguesias | 1956 | 1957 | 1958 | 1959 | 1960 | 1961 | 1962 | 1963 | 1964 | 1965 | 1966 | 1967 | 1968 | 1969 | 1970 | 1971 | 1972 | 1973 | 1974 | 1975 | 1976 | 1977 | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | 1962 | 1983 | 1984 | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Alhadas | 7 | 2 | 1 | 3 | 1 | 2 | 1 | 1 | 7 | 12 | 18 | 11 | 22 | 21 | 21 | 11 | 15 | 16 | 11 | - | - | 3 | - | 1 | 2 | - | - | - | - | 189 |
| Arazede | - | 9 | 11 | 5 | 4 | 2 | 2 | 6 | 10 | 14 | 25 | 16 | 26 | 31 | 32 | 11 | 18 | 12 | 8 | 14 | 7 | 1 | 2 | 2 | 1 | - | 1 | - | 2 | 272 |
| Cadima | 20 | 28 | 13 | 13 | 20 | 11 | 16 | 17 | 14 | 13 | 37 | 39 | 53 | 45 | 60 | 29 | 24 | 24 | 24 | 19 | 9 | 9 | 4 | 7 | 11 | 1 | 1 | 2 | 1 | 564 |
| Cantanhede | 13 | 14 | 11 | 8 | 9 | 14 | 18 | 16 | 27 | 72 | 100 | 53 | 59 | 76 | 73 | 40 | 38 | 31 | 30 | 25 | 14 | 8 | 6 | 4 | 4 | - | 2 | - | - | 765 |
| Covões | 41 | 67 | 51 | 54 | 50 | 47 | 39 | 49 | 72 | 117 | 177 | 111 | 85 | 112 | 109 | 60 | 52 | 29 | 13 | 14 | 3 | 8 | 5 | 3 | 6 | 2 | 4 | 2 | - | 1382 |
| Febres | 17 | 27 | 17 | 8 | 14 | 22 | 36 | 25 | 87 | 174 | 197 | 133 | 127 | 108 | 109 | 50 | 75 | 63 | 40 | 40 | 34 | 20 | 11 | 2 | 15 | 1 | 4 | 9 | 1 | 1466 |
| Fer.-a-Nova | 1 | 1 | - | - | - | 2 | 2 | 2 | 1 | 1 | 3 | 7 | 8 | 10 | 15 | 6 | 7 | 22 | - | 1 | 5 | 9 | 5 | 2 | 5 | - | - | - | 1 | 116 |
| Liceia | | 1 | - | - | - | 3 | - | 1 | - | 1 | - | - | - | - | 2 | 1 | 4 | 4 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 17 |
| Mira | 41 | 84 | 45 | 35 | 32 | 89 | 79 | 110 | 58 | 122 | 296 | 191 | 213 | 203 | 142 | 107 | 155 | 265 | 250 | 79 | 39 | 57 | 57 | 80 | 78 | 68 | 23 | - | - | 2998 |
| Quiaios | 7 | 13 | 5 | 1 | - | 5 | 23 | 10 | 23 | 40 | 59 | 48 | 85 | 74 | 88 | 32 | 41 | 42 | 12 | 12 | 12 | 10 | 9 | 3 | 2 | 3 | 4 | 3 | 6 | 672 |
| Tocha | 5 | 7 | 2 | 3 | 4 | - | 9 | 3 | 7 | 17 | 30 | 10 | 27 | 42 | 50 | 21 | 25 | 18 | 12 | 7 | 7 | 9 | 2 | 1 | - | 1 | 2 | 2 | - | 323 |
| TOTAL | 152 | 253 | 156 | 130 | 134 | 197 | 225 | 240 | 306 | 583 | 942 | 629 | 695 | 722 | 701 | 368 | 454 | 526 | 400 | 211 | 130 | 134 | 101 | 105 | 124 | 76 | 41 | 18 | 11 | 8764 |

FONTE: - CÂMARA MUNICIPAL DE CANTANHEDE: - *Livros de Registos de Passaporte, anos 1956 a 1984.*
CÂMARA MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ: - *Livros de Registos de Passaporte, anos 1956 a 1984.*
CÂMARA MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-VELHO: - *Livros de Registos de Passaporte, anos 1956 a 1984.*
PARA O CONCELHO DE MIRA UTILIZAM-SE AS SEGUINTES PUBLICAÇÕES OFICIAIS: *Boletim da Junta de Emigração, 1956-1969; Boletim Anual do Secretariado Nacional da Emigração, 1970-1972; Boletim da Secretaria de Estado da Emigração, 1973-1975; Boletim da Secretaria de Estado da Emigração, 1976-1981; Boletim da Secretaria de Estado da Emigração.*

O confronto com o Quadro LIII permite corroborar a importância da emigração gandaresa nos quantitativos distritais. Durante os anos decorridos entre 1956 e 1982, abandonaram os concelhos de Cantanhede, Figueira da Foz, Mira e Montemor-o-Velho 18 668 indivíduos. Portanto quase 50% era natural da área em estudo,já que aos 8 764 emigrantes registados correspondem 46.9% daquele total.

Há no entanto, que chamar a atenção para a forma como se repartiram espacialmente os indivíduos emigrados, pois verificam-se assimetrias na sua distribuição.

Da Fig. 71 e do Quadro 73, além do significativo acréscimo operado a partir de 1965 e da quebra observada após 1974, concluiu-se também, com base nas taxas emigratórias, que, nas freguesias de Alhadas, Arazede e Liceia a emigração adquiriu pouco significado e que apresenta pelo contrário, expressão notável em Covões, Febres, Cantanhede, S. Mamede de Quiaios e Mira, já que essas freguesias ultrapassaram de forma clara a taxa emigratória do distrito e do concelho a que pertencem, (Fig. IV e Quadro LIX). Em Cadima e Tocha os valores daquele índice situam-se relativamente abaixo, mas revelam ainda, a importância dos fluxos emigratórios. Em Ferreira-a-Nova o número médio anual de emigrantes por cada mil habitantes é inferior e não atinge sequer o pouco significado de Alhadas, Arazede ou Liceia.

A leitura do Quadro 74 permite relacionar o saldo fisiológico com a emigração legal entre 1956 e 1974. Assim, já em 1957, na freguesia de S. António dos Covões, o crescimento natural não conseguiu obsorver o número de saídas, situação que se repetirá a partir de 1962. Recorde-se que esta freguesia apresenta o mais elevado índice de envelhecimento da *Gândara*, além de ser simultâneamente o local em que se verificam as mais altas taxas emigratórias. Em 1964 é ainda mais significativa a incapacidade do saldo fisiológico compensar a emigração. Na maior parte das freguesias, a relação é negativa, embora no conjunto do território o número de emigrantes legais seja ainda absorvido pelo crescimento natural.

Em 1965, no conjunto formado pelas 11 freguesias, apenas se regista uma diferença de 11 indivíduos: isto é, na *Gândara*, o crescimento natural foi de 574 e a emigração de 583. A partir desse ano, 1965, excluindo 1971, a relação foi sempre negativa: sempre a emigração se superiorizou ao saldo fisiológico. De salientar, pelos valores atingidos, os anos de 1966, 1967, 1968, 1969, 1970, 1972, 1973 e 1974, em que a diferença foi, respectivamente de, -451, -68,- 177,- 245,- 311- 158,-330 e -146 indivíduos. Chama-se a atenção, uma vez mais para o facto de ocorrerem nascimentos em estabelecimentos de saúde, o que provoca, como já se notou, uma quebra acentuada nos valores apurados em algumas freguesias. A partir de 1983 o número de crianças regista um acréscimo decorrente das alterações relativas à *naturalidade*[1]. Em Alhadas, porém, o número de nascimentos é cada vez menor. Ganha por

---

1 — Veja-se a nota da pag.

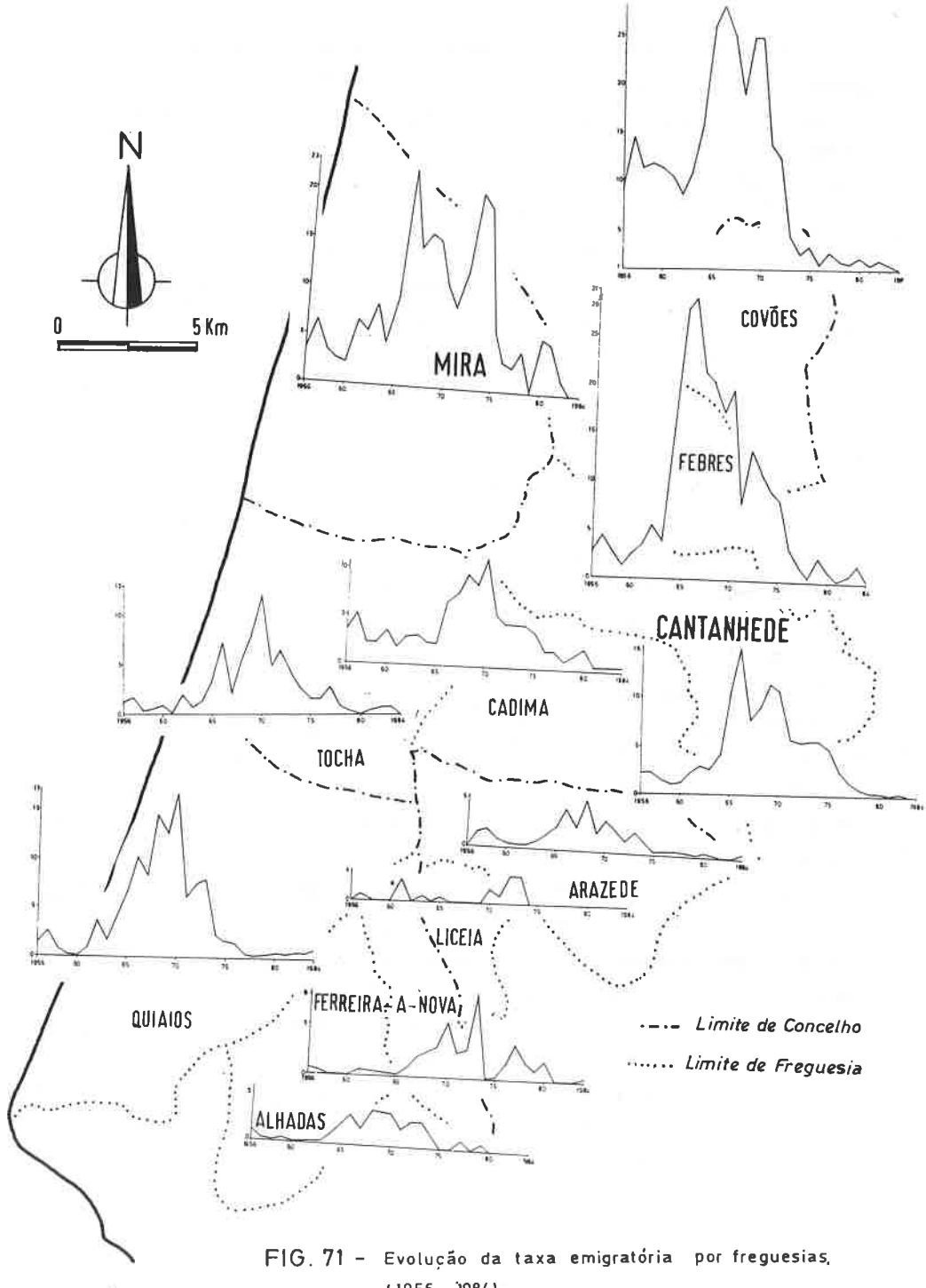



FIG. 71 - Evolução da taxa emigratória por freguesias, (1956 - 1984).

FONTE: QUADRO 73

UADRO Nº 73 - Nº. TAXA EMIGRATÓRIA POR FREGUESIAS, ANOS DE 1956 a 1984.

| Anos | 1956 | 1957 | 1958 | 1959 | 1960 | 1961 | 1962 | 1963 | 1964 | 1965 | 1966 | 1967 | 1968 | 1969 | 1970 | 1971 | 1972 | 1973 | 1974 | 1975 | 1976 | 1977 | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Alhadas | 1.3 | 0.4 | 0.2 | 0.5 | 0.1 | 0.2 | 0.1 | 0.1 | 1.2 | 2.1 | 3.1 | 1.9 | 3.7 | 3.6 | 3.3 | 1.8 | 2.4 | 2.5 | 1.7 | - | - | 0.5 | - | 0.6 | 0.3 | - | - | - | - |
| Arazede | - | 1.5 | 1.9 | 0.8 | 0.6 | 0.3 | 0.3 | 0.9 | 1.6 | 2.3 | 4.1 | 4.2 | 2.6 | 5.1 | 5.5 | 1.9 | 3.1 | 2.1 | 1.4 | 2.2 | 1.1 | 0.2 | 0.3 | 0.3 | 0.1 | - | 0.1 | - | 0.3 |
| Cadima | 3.7 | 5.1 | 2.4 | 2.4 | 3.5 | 1.9 | 2.8 | 3.0 | 2.5 | 2.3 | 6.6 | 7.0 | 9.5 | 8.1 | 11.1 | 5.4 | 4.4 | 4.4 | 4.4 | 3.3 | 1.5 | 1.5 | 0.7 | 1.3 | 2.0 | 0.2 | 0.2 | 0.3 | 0.2 |
| Cantanhede | 2.1 | 2.2 | 1.7 | 1.2 | 1.3 | 2.1 | 2.7 | 2.4 | 4.1 | 10.8 | 15.1 | 7.9 | 8.9 | 11.5 | 10.7 | 5.9 | 5.6 | 5.7 | 5.5 | 4.6 | 2.6 | 1.2 | 0.8 | 0.6 | 0.6 | - | 0.3 | - | - |
| Covões | 9.0 | 14.7 | 11.2 | 11.8 | 11.2 | 10.6 | 8.7 | 11.0 | 16.2 | 26.3 | 39.7 | 24.9 | 19.1 | 25.1 | 25.9 | 14.3 | 12.4 | 4.3 | 1.9 | 2.1 | 0.4 | 1.9 | 1.1 | 0.7 | 1.4 | 0.6 | 1.2 | 0.6 | - |
| Febres | 2.9 | 4.6 | 2.9 | 1.3 | 2.3 | 3.5 | 5.7 | 4.0 | 14.0 | 28.0 | 31.6 | 21.3 | 20.4 | 17.4 | 19.2 | 8.8 | 13.2 | 11.8 | 9.5 | 9.5 | 8.1 | 3.5 | 1.9 | 0.4 | 2.6 | 0.2 | 0.7 | 1.7 | 0.2 |
| F.a-Nova | 0.3 | 0.2 | - | - | - | 0.6 | 0.6 | 0.6 | 0.3 | 0.3 | 0.9 | 2.1 | 2.4 | 3.0 | 5.9 | 2.4 | 2.7 | 8.6 | - | 0.2 | 1.9 | 3.5 | 1.9 | 0.8 | 1.9 | - | - | - | 0.3 |
| Liceia | - | 0.7 | - | - | - | 2.1 | - | 0.7 | - | 0.7 | - | - | - | - | 1.4 | 0.7 | 2.9 | 2.9 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Mira | 3.1 | 6.4 | 3.4 | 2.7 | 2.3 | 6.6 | 5.9 | 8.2 | 4.3 | 9.1 | 22.1 | 14.2 | 15.9 | 15.2 | 10.6 | 8.4 | 12.2 | 20.1 | 18.9 | 6.1 | 3.0 | 2.7 | 4.3 | - | 5.6 | 5.2 | 1.5 | - | - |
| Quiaios | 1.3 | 2.4 | 0.9 | 0.2 | - | 0.8 | 3.9 | 1.7 | 4.0 | 6.9 | 10.2 | 8.3 | 14.7 | 12.8 | 16.7 | 6.1 | 7.8 | 8.0 | 2.3 | 2.3 | 2.3 | 1.9 | 1.7 | 0.5 | 0.4 | 0.5 | 0.6 | 0.4 | 0.9 |
| Tocha | 1.1 | 1.5 | 0.4 | 0.6 | 0.8 | - | 2.0 | 0.6 | 1.4 | 3.4 | 7.3 | 2.0 | 5.4 | 8.4 | 12.1 | 5.1 | 6.1 | 4.4 | 2.9 | 1.7 | 1.7 | 2.2 | 0.9 | 0.2 | - | 0.2 | 0.5 | 0.5 | - |

isso, consistência a ideia de que nesta freguesia a mobilidade interna se tem mantido mais importante do que a emigração.

Dos valores encontrados, conclui-se que as freguesias situadas na região Norte do território têm apresentado uma maior incidência do fenómeno emigratório. Além disso, também as áreas mais próximas do litoral apresentam taxas emigratórias mais elevadas. Pelo contrário, a incidência tem sido menor nas freguesias que fazem a transicção com outras unidades sub-regionais. São disso exemplo Alhadas, Arazede, Liceia e Ferreira-a-Nova.

## 6.3 — A Estrutura Sócio-Profissional dos Emigrantes a partir de1956

Como se referiu, ao contrário do que acontece nos *Registos de Passaportes* do início deste século, as informações referentes à emigração por freguesias não fornecem qualquer elemento relativo à profissão dos emigrantes, no momento da partida. Este facto impede-nos, assim, de fazer uma análise a uma escala local; por isso utilizámos as informações publicadas pelos *Boletins de Emigração*. Mas mesmo estes, só a partir de 1964 referem os sectores de actividade, pelos quais se distribuíam profissionalmente os migrantes.

Embora a análise incida nas quatro unidades concelhias, é evidente que Cantanhede e Mira adquirem maior expressão devido a área que acupam no território em estudo. Optámos por distribuir a informação por duas séries temporais: 1964-1974 e 1975-1982, pois trata-se de períodos com significado diferente nos fluxos emigratórios.

Relativamente à estrutura profissional dos emigrantes, os principais factos que merecem ser realçados são a importância dos *Indiferenciados e Inactivos* e o peso do sector primário, principalmente na primeira série temporal. Assim, entre 1964 e 1974, o conjunto de indivíduos englobados naquele grupo era em Cantanhede de 40.6% (1 975), na Figueira da Foz de 38.3% (1 449), em Mira de 41.7% (655) e no concelho de Montemor-o-Velho 23.3% (152 indivíduos) (Quadro 75). Isto é, nos concelhos onde se insere a maior parte da *Gândara*, aquele valor ultrapassa 40%, situando-se ligeiramente acima do distrito de Coimbra, 39.5% (8 635).

Entre 1975-1982 a importância daquele grupo é ainda maior. Em Cantanhede registou-se 66.0% (314), no concelho da Figueira da Foz 56.6% (192), em Mira 79.9% (111) e em Montemor-o-Velho 73.6% (337). Exceptuando Figueira da Foz, todos os valores se situam acima dos observados no distrito: 60.0% (2 447). O acréscimo relaciona-se em parte com uma maior participação das mulheres no contingente emigratório, no sentido do reagrupamento familiar. Além disso, o facto de a saída para trabalhar no estrangeiro ser

QUADRO Nº 74 - SALDO FISIOLÓGICO E EMIGRAÇÃO LEGAL, POR FREGUESIAS, 1956 a 1974.

| Anos | 1956 | | | 1957 | | | 1958 | | | 1959 | | | 1960 | | | 1961 | | | 1962 | | | 1963 | | | 1964 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Freguesias | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b |
| Alhadas | 39 | 7 | 32 | 35 | 2 | 33 | 47 | 1 | 46 | 51 | 3 | 48 | 16 | 1 | 15 | 12 | 2 | 10 | 4 | 1 | 3 | 8 | 1 | 7 | 5 | 7 | -2 |
| Arazede | 37 | - | 37 | 73 | 9 | 64 | 66 | 11 | 55 | 91 | 5 | 86 | 54 | 4 | 50 | 64 | 2 | 62 | 68 | 2 | 66 | 59 | 6 | 53 | 64 | 10 | 54 |
| Cadima | 55 | 20 | 35 | 62 | 28 | 34 | 52 | 13 | 39 | 38 | 13 | 25 | 98 | 20 | 78 | 53 | 11 | 42 | 39 | 16 | 23 | 11 | 17 | -6 | 7 | 14 | -7 |
| Cantanhede | 61 | 13 | 48 | 114 | 14 | 100 | 129 | 11 | 118 | 120 | 8 | 112 | 91 | 9 | 82 | 125 | 14 | 111 | 160 | 18 | 142 | 147 | 16 | 131 | 244 | 27 | 217 |
| Covões | 53 | 41 | 12 | 47 | 67 | -20 | 61 | 51 | 10 | 69 | 54 | 15 | 94 | 56 | 38 | 59 | 47 | 12 | 25 | 39 | -14 | 49 | 0 | 34 | 72 | -38 | 34 |
| Febres | 62 | 17 | 45 | 75 | 27 | 48 | 79 | 17 | 62 | 80 | 8 | 72 | 92 | 14 | 78 | 78 | 22 | 56 | 55 | 36 | 19 | 44 | 25 | 19 | 47 | 87 | -40 |
| Ferreira-a-Nova | 6 | 1 | 5 | 27 | 1 | 26 | 19 | - | 19 | 14 | - | 14 | 46 | - | 46 | 29 | 2 | 27 | 26 | 2 | 24 | 9 | 2 | 7 | 6 | 1 | 5 |
| Liceia | 21 | - | 21 | 15 | 1 | 14 | 24 | - | 24 | 22 | - | 22 | 11 | - | 11 | 10 | 3 | 7 | 21 | - | 21 | 13 | 1 | 12 | 12 | - | 12 |
| Mira | 137 | 41 | 96 | 162 | 84 | 78 | 168 | 45 | 123 | 200 | 35 | 165 | 187 | 32 | 155 | 175 | 89 | 86 | 180 | 79 | 101 | 198 | 110 | 88 | 198 | 58 | 140 |
| Quiaios | 21 | 7 | 14 | 9 | 13 | -4 | 6 | 5 | 1 | 31 | 1 | 30 | 32 | - | 32 | 25 | 5 | 20 | 24 | 23 | 1 | 18 | 10 | 8 | 23 | 23 | 0 |
| Tocha | 38 | 5 | 33 | 23 | 7 | 16 | 57 | 2 | 55 | 25 | 3 | 22 | 3 | 4 | -1 | 17 | - | 17 | 9 | 9 | 0 | -3 | 3 | -6 | 10 | 7 | 3 |
| TOTAL | 530 | 152 | 378 | 642 | 253 | 389 | 708 | 156 | 552 | 633 | 130 | 503 | 724 | 134 | 590 | 647 | 197 | 450 | 611 | 225 | 386 | 553 | 240 | 313 | 650 | 306 | 344 |

| 1965 | | | 1966 | | | 1967 | | | 1968 | | | 1969 | | | 1970 | | | 1971 | | | 1972 | | | 1973 | | | 1974 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b | Saldo fisiol. (a) | Emig. Legal (b) | a-b |
| 25 | 12 | 13 | -2 | 18 | 20 | -11 | 11 | -22 | 5 | 22 | 17 | -38 | 21 | -59 | -41 | 21 | -62 | -47 | 11 | -58 | -41 | 15 | -56 | -55 | 16 | -71 | -43 | 11 | 54 |
| 73 | 14 | 59 | 58 | 25 | 33 | 65 | 26 | 39 | 67 | 16 | 51 | 60 | 31 | 29 | 59 | 32 | 27 | 59 | 11 | 48 | 74 | 18 | 56 | 11 | 12 | -1 | 20 | 8 | 12 |
| 34 | 13 | 21 | 30 | 37 | -7 | 2 | 39 | -37 | 19 | 53 | -34 | 4 | 45 | -41 | 3 | 60 | -57 | 3 | 29 | -26 | -13 | 24 | -37 | -6 | 24 | -30 | -23 | 24 | -47 |
| 222 | 72 | 150 | 135 | 100 | 35 | 216 | 53 | 163 | 215 | 59 | 156 | 209 | 76 | 133 | 191 | 73 | 118 | 191 | 40 | 151 | 206 | 38 | 168 | 224 | 31 | 107 | 307 | 30 | -277 |
| 117 | -83 | 48 | 177 | -129 | 38 | 111 | -73 | 16 | 85 | -69 | 29 | 112 | -83 | 24 | 24 | 109 | -85 | 24 | 60 | -36 | 17 | 52 | -35 | 1 | 29 | -28 | -5 | 13 | -18 |
| 14 | 174 | -160 | 35 | 197 | -162 | 32 | 133 | -101 | 28 | 127 | -99 | 37 | 108 | -71 | 22 | 109 | -87 | 22 | 50 | -28 | -20 | 75 | -95 | -12 | 63 | -75 | -25 | 40 | -65 |
| 8 | 1 | 7 | 6 | 3 | 3 | 31 | 7 | 24 | 6 | 8 | -2 | -1 | 10 | -11 | -12 | 15 | -27 | -12 | 6 | -18 | -20 | 7 | -27 | -15 | 22 | -37 | -5 | - | -5 |
| 10 | 1 | 9 | 9 | - | 9 | 16 | - | 16 | 18 | - | 18 | 23 | - | 23 | 14 | 2 | 12 | 14 | 1 | 13 | 18 | 4 | 14 | 10 | 4 | 6 | 19 | - | 19 |
| 180 | 122 | 58 | 163 | 296 | -133 | 209 | 191 | 18 | 160 | 213 | -53 | 166 | 203 | -37 | 140 | 142 | -2 | 140 | 107 | 33 | 133 | 155 | -22 | 89 | 265 | -176 | 77 | 250 | 173 |
| -8 | 40 | -48 | 11 | 59 | -48 | -53 | 48 | -101 | -21 | 85 | -106 | -30 | 74 | -104 | -31 | 88 | -119 | -31 | 32 | -63 | -43 | 41 | -84 | -26 | 42 | -68 | -33 | 12 | -45 |
| 2 | 17 | -15 | -2 | 30 | -32 | 16 | 10 | 6 | 5 | 27 | -22 | 18 | 42 | -24 | 21 | 50 | 31 | 21 | 21 | 0 | -15 | 25 | -40 | -25 | 18 | -43 | -35 | 12 | 47 |
| 594 | 583 | 11 | 491 | 942 | -451 | 561 | 629 | -68 | 518 | 695 | -177 | 477 | 722 | -245 | 390 | 701 | -311 | 384 | 368 | 16 | 296 | 454 | -158 | 196 | 526 | -330 | 254 | 400 | -146 |

Fonte: - Quadros, 72, VII e VIII.

QUADRO Nº 75 - EMIGRANTES DE 10 E MAIS SEGUNDO OS GRANDES SECTORES DE ACTIVIDADE - 1964-1982

| Áreas Geográficas | | 1964 - 1974 | | | | | | | | | 1975 - 1982 | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Sector Primário | | Sector Secundário | | Sector Terciário | | Indiferenciados e inactivos | | TOTAL | Sector Primário | | Sector Secundário | | Sector Terciário | | Indiferenciados e inactivos | | TOTAL |
| Concelhos | Cantanhede | 1604 | 33.0 | 1065 | 29.9 | 217 | 4.5 | 1975 | 40.6 | 4861 | 42 | 8.8 | 100 | 21.0 | 20 | 4.2 | 314 | 66.0 | 476 |
| | Fig. da Foz | 751 | 19.8 | 1252 | 33.1 | 334 | 8.8 | 1449 | 38.3 | 3786 | 38 | 11.2 | 81 | 23.9 | 28 | 8.3 | 192 | 56.6 | 339 |
| | Mira | 512 | 32.6 | 342 | 21.8 | 61 | 3.9 | 665 | 41.7 | 1570 | 10 | 7.2 | 16 | 11.5 | 2 | 1.4 | 111 | 79.9 | 139 |
| | Montemor-o-Velho | 129 | 22.4 | 242 | 41.9 | 54 | 9.4 | 152 | 26.3 | 577 | 34 | 7.4 | 49 | 10.7 | 38 | 8.3 | 337 | 73.6 | 458 |
| Distrito de Coimbra | | 5 639 | 25.7 | 5 946 | 27.1 | 1 695 | 7.7 | 8635 | 39.5 | 2 1915 | 272 | 6.7 | 1 142 | 28.0 | 218 | 5.3 | 2 447 | 60.0 | 4 979 |

Fonte: *Quadros, LV, LVI, LVII, LVIII e LIX.*

facilitada aos indivíduos sem actividade económica, levou a que muitos trabalhadores declarassem ser não activos.

A importância do sector primário é outro facto a realçar, nomeadamente entre 1964-74. Em Cantanhede 33.0% (1 604) dos indivíduos registados declararam pertencer àquele sector, na Figueira da Foz 19.8% (751), em Mira 32.6% (512) e em Montemor-o-Velho 22.4% (129). Registe-se que apenas Cantanhede e Mira se situam acima do valor distrital, 25.7% (5 639). Pensamos ainda que a representatividade daquele sector seria ainda mais expressiva, já que os *indiferenciados* deviam englobar um avultado número de trabalhadores ligados à agricultura. À semelhança do final do século XIX e princípio do século XX, a estrutura socio-profissional dos indivíduos que abandonam a *Gândara* com destino a outros países continua a ser a mesma. Grande parte dos *indiferenciados* actuais deverão corresponder aos *trabalhadores* de então. Entre 1975 e 1982 há uma quebra acentuada na importância relativa do sector primário, em concordância aliás com maiores índices de emigração feminina e com os decréscimos registados nos quantitativos emigratórios.

Os outros sectores de actividade têm, também em termos relativos, uma expressão praticamente idêntica, quer entre 1964-74, quer no período seguinte. No concelho de Cantanhede o sector secundário está representado, respectivamente, com 29.9% (1 065) e 21.0% (100); na Figueira da Foz, com 33.1% (1 252) e 23.9% (81); no concelho de Mira verifica-se uma quebra significativa entre as duas séries temporais : 21.8% (342) na primeira e 11.5% (16) na segunda. O valor observado em Montemor-o-Velho até 1974 é o mais elevado, 41.9% (242), mas nos anos seguintes cifra-se apenas apenas em 10.7% do total, isto é 49 indivíduos.

O comércio e serviços está, como vimos, pouco representado na população activa destes concelhos, tendo também pouca expressão nos contingentes emigratórios. Em qualquer das unidades concelhias nunca atinge 10% dos emigrantes activos, quer entre 1964-74, quer nos anos decorridos entre 1975 e 1982. Embora a análise da estrutura sócio-profissional tenha incidido a uma escala mais vasta, do comportamento dos concelhos de Cantanhede e Mira pode concluir-se que a distribuição dos emigrantes, por sectores de actividade económica, revela o peso da actividade agrícola. Com menos significado que na transição do século XIX para o século XX, a agricultura continua a fornecer o maior número de mão-de-obra para o mercado internacional. Este facto não deixará de se sentir ao nível de todo o sistema produtivo gandarês, levando em alguns casos a uma diminuição progressiva da superfície agrícola útil e ao progressivo abandono da terra.

6.4 —O Destino Geográfico dos Emigrantes

A Fig. 72 revela as modificações operadas no itinerário dos emigrantes gandareses.Tal como sucedeu para todo o território nacional, o Brasil absorve grande parte dos fluxos emigratórios até meados da década de cinquenta. A partir desta data é à Europa, recém saída da Guerra, que chegam os milhares de indivíduos que abandonam o país.

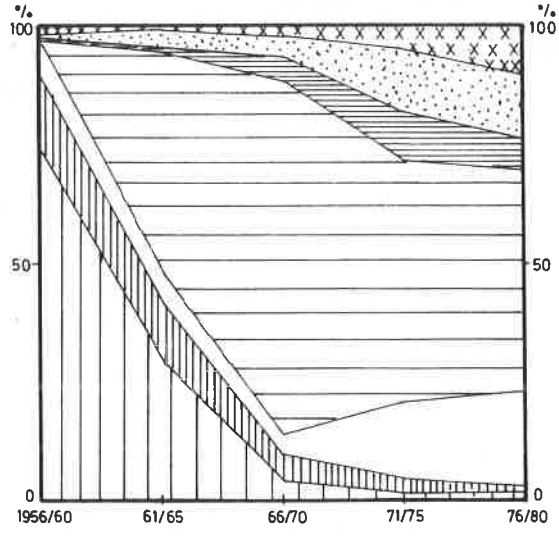
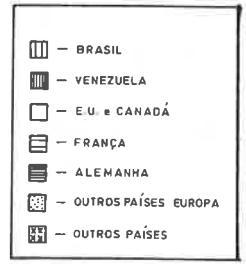



FIG. 72 - DESTINO GEOGRÁFICO DOS EMIGRANTES NATURAIS DA GÂNDARA, (1956-1980)

FONTE: QUADROS: LX, LXI, LXII, LXIII, LXIV.




Entre 1956-1960 saiem da *Gândara* para o Brasil 72% do total de emigrantes (Quadro LX), enquanto no período seguinte apenas 29.1% o fizeram (Quadro LXI). Será de realçar, no entanto, a pouca participação dos indivíduos naturais das freguesias de Nª. Senhora das Febres e S. António dos Covões nos contingentes migratórios que se dirigiram para aquele país. Nesse período saíram dessas freguesias, respectivamente, 49.4% e 56%, enquanto nas outras aquele valor ultrapassou quase sempre os 80% dodotal de saídas. A Venezuela

foi, para estas áreas, também um importante receptor de população, já que naqueles anos dirigiram-se para este país 39.2% e 20.5%, respectivamente. No período seguinte, embora se tenha observado uma quebra em relação ao estado brasileiro, regista-se, mesmo assim, se bem que localmente, a importância deste país. De Cadima são referenciados 78.9% e de Mira 46.7%.

Nos anos seguintes é o domínio quase exclusivo da França e, com menos significado, da Alemanha e do Luxemburgo. Os Estados Unidos e o Canadá são também referenciados, com alguma frequência (Quadros LXII, LXIII e LXIV). Note-se que a maioria dos emigrantes gandareses que se dirigem para a América do Norte, partiu das freguesias de Cantanhede, Covões e Febres. Por outro lado, deve observar-se que, para o Luxemburgo, foram principalmente indivíduos do Sul do território. Entre 1971 e 1975, período em que aquele país tem maior expressão nos fluxos emigratórios, sairam de Alhadas, Ferreira-a-Nova e Quiaios, respectivamente, 49.1%, 69.4% e 35.3% (cfr. Quadro LXIII), valor acima dos referenciados para a França.

Entre 1975 e 1980, além da quebra nos quantitativos emigratórios, verificam-se mudanças no percurso dos emigrantes, países como Estados Unidos e Canadá parecem retomar alguma expressão relativamente à recepção de indivíduos naturais do Centro Litoral Português. Um facto merece contudo realce: a circunstância de o Brasil continuar a ser uma referência permanente na emigração da *Gândara*.

O confronto das Figs. 72, 73, 74, 75, 76 e 77 permite concluir que, na *Gândara*, os fluxos emigratórios têm mostrado um comportamento diferente do observado nos concelhos onde aquele território se insere. Apenas Mira (Fig. 75), como se comprende, apresenta uma evolução mais próxima. Embora o Brasil tenha absorvido grande parte da mão-de-obra emigrante até 1965, no concelho da Figueira da Foz a sua expressão é menos significativa: 52.3% e 14.0%, respectivamente, nos anos 1956-60 e 1961-65. Do concelho de Cantanhede dirigiram-se para aquele país, no final dos anos cinquenta, 74.6% da população emigrada, de Mira 83.5% e de Montemor-o-Velho 94.4%.

Entre 1961-65 o Brasil absorve ainda quase metade dos emigrantes naturais daquelas áreas, já que de Cantanhede sairam 37.4%, de Mira 46.7% e de Montemor-o-Velho 51%, (Quadro LXVI).

Nos períodos posteriores a França tem maior capacidade atractiva na *Gândara* do que nas áreas envolventes. Além, disso será de frisar a importância de outros países - Venezuela, Estados Unidos e Canadá -, como fonte de chegada de emigrantes naturais do concelho de Cantanhede (cfr. Fig. 73), em concordância, aliás, com os valores observados nas freguesias gandaresas que aí se inscrevem.

A concluir, julgamos que o fluxo emigratório, que desde largas dezenas de anos tem sido uma constante na dinâmica da área, deverá ter nos próximos anos novos desenvolvimentos. Ainda que o movimento de retorno possa ter alguma expressão, a evolução recente dos quantitativos emigratórios indicia um acréscimo progressivo de saídas, sendo, ao que tudo indica, provavelmente o Continente Americano a acolher maior número de emigrantes (1).

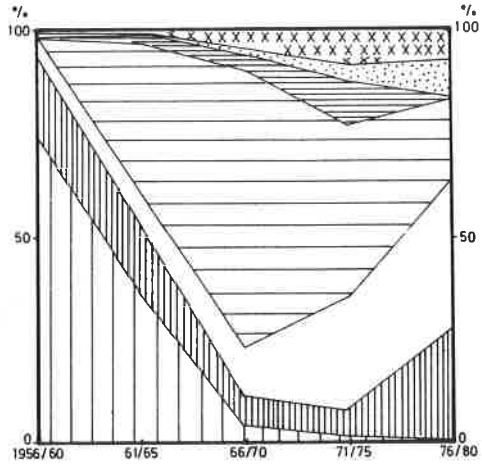



FIG. 73 - DESTINO GEOGRÁFICO DOS EMIGRANTES NO CONCELHO DE CANTANHEDE ( 1956-1980 )

FONTE: QUADROS: LX, LXI, LXII, LXIII e LXIV

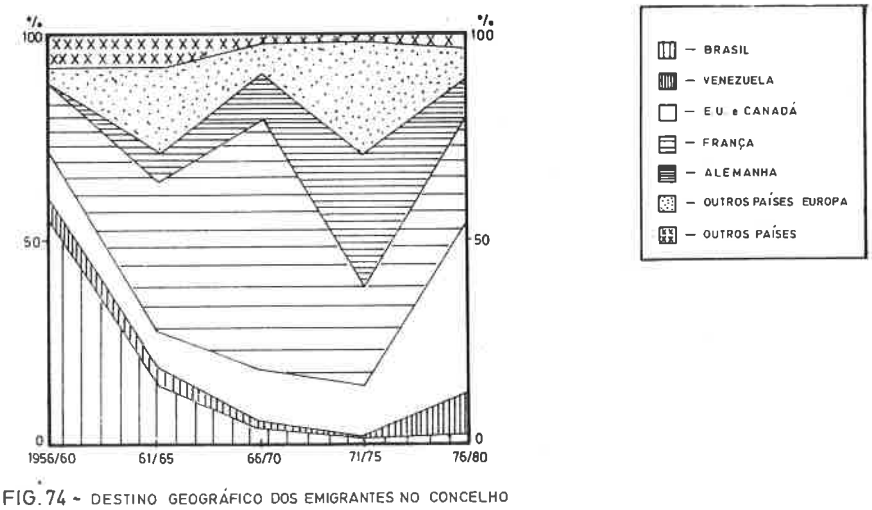



FIG. 74 - DESTINO GEOGRÁFICO DOS EMIGRANTES NO CONCELHO DE FIG. - FOZ, ( 1956-1980 )

FONTE: QUADROS LX, LXI, LXII, LXIII e LXIV

1 — Começa a tomar alguma importância a emigração clandestina para a América do Norte, nomeadamente para os Estados Unidos, cuja entrada se tem feito, em alguns casos, pela fronteira Mexicana

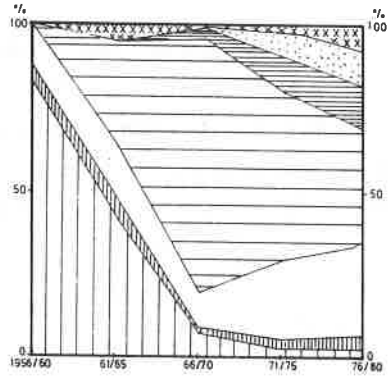



FIG. 75 - DESTINO GEOGRÁFICO DOS EMIGRANTES NO CONCELHO DE MIRA, (1956-1980)

FONTE: QUADROS: LX, LXI, LXII, LXIII e LXIV

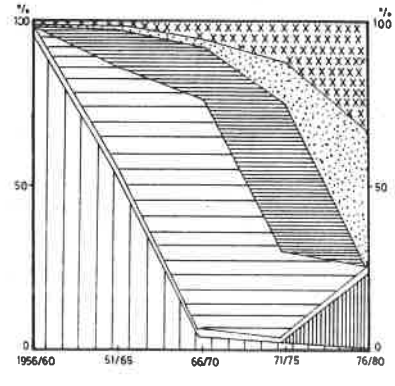
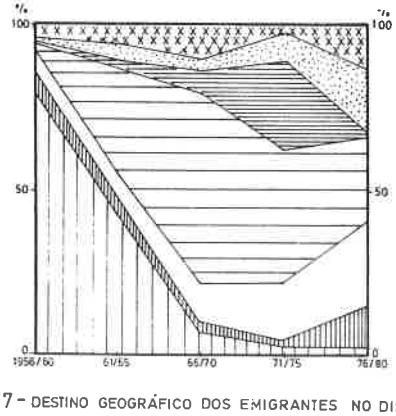



FIG. 76 - DESTINO GEOGRÁFICO DOS EMIGRANTES NO CONCELHO DE MONT-O-VELHO (1956-1980)

FONTE: QUADROS: LX, LXI, LXII, LXIII e LXIV



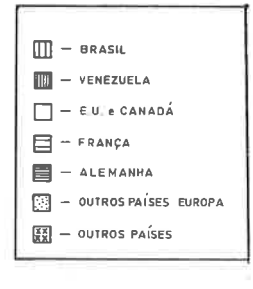




FIG. 77 - DESTINO GEOGRÁFICO DOS EMIGRANTES NO DISTRITO DE COIMBRA, (1956-1980)

FONTE: QUADROS: LXV, LXVI, LXVII, LXVIII e LXIX

Território que vem tendo, quase exclusivamente, na agricultura o seu suporte económico - um sector produtivo que não sofreu nem está a sofrer modificações significativas -, tudo leva a supor que a *Gândara* se manterá como uma das áreas deprimidas do Litoral Português, na qual, a médio prazo, a capacidade de retenção de população e a capacidade atractiva dificilmente se virão a desenvolver. Esta situação poderá agudizar-se se não forem promovidas medidas de reconversão agrícola com o fim de rendibilizar este sector económico, pois o confronto com o mercado europeu poderá vir acentuar o periferismo desta área

# CAPÍTULO III — A ESTRUTURA DO POVOAMENTO

## 1 — INTRODUÇÃO

O modo como a população se organiza no espaço tem sido um tema constante em Geografia. É com ALBERT DEMANGEON (1920, 1927, 1934 e 1939) que se sistematiza uma classificação e se propõem algumas fórmulas matemáticas com o objectivo de determinar índices que reflictam a dispersão ou a concentração do povoamento. Esta finalidade é expressa pela fórmula: I=PxN/T, em que P é a população total dos aglomerados populacionais com excepção da sede, N é o número de lugares e T a população total. Este índice tem o valor mínimo,quando toda a população reside na sede, e então é igual a zero; tem o valor máximo (numa hipótese teórica),quando a expressão atingir o seu valor limite, isto é, todos os núcleos têm 1 habitante e ninguém habita na unidade administrativa considerada. Entre os dois casos extremos existe uma infinidade de valores para os quais é necessária alguma reflexão crítica. A mais importante decorre do facto de ser possível, através deste método, obter resultados iguais, mesmo que se utilizem valores diferentes: o mesmo índice corresponde, portanto, a formas de povoamento distintas.

J.M.P. DE OLIVEIRA (1958, pags. 103-108), introduziu um índice de correcção à fórmula de A. DEMANGEON a partir da expressão K = E x N/T x S, " em que E representa a população dos lugares habitados à excepção da sede; N o número desses lugares; T a população total da freguesia; S a respectiva superfície " sendo K o índice de dispersão. Posteriormente (1967), o mesmo autor faz uma nova proposta definida pela fórmula K = N/M x P x 100 A, em que A é igual " ao número de hectares (contidos) totais da área "; N é igual " ao número de hectares com 1 a 9 sinais de casas "; M corresponde ao " número de hectares com mais de 9 sinais de casas e P é igual a N + M". Este método apresenta, quanto a nós, algumas limitações, dado não incluir a variável população e utilizar o número de casas por determinada superfície. Ora uma análise de povoamento terá de privilegiar a população residente no território, já que aquele reflecte o modo como os homens se organizam no espaço. Concordamos também com as críticas formuladas a propósito deste índice por JOSÉ

A. A. RODRIGUES e ALBERTO J.P. LABRADOL (1987, pags. 597-604); além disso, pretendemos reforçar a ideia de que, à semelhança da Galiza, a *Gândara* é uma área marcada pela forte corrente emigratória o que retira significado ao "número de casas" pois não entra em consideração com o facto de muitas se encontrarem desabitadas durante grande parte do ano.

Para além das críticas já apontadas, qualquer destes métodos coloca, no caso da *Gândara*, outras questões, com saliência sobretudo para facto de quase 1/3 do território ser ocupado por uma mancha florestal onde não existe qualquer estabelecimento humano, daí resulta que os resultados obtidos revelam um valor afastado da realidade. Por outro lado, a determinação do índice "dispersão-aglomeração" a partir da carta militar 1/25000, não é, neste caso, metodologicamente correcta, porque nem todas as folhas estão actualizadas. A ter como base a mesma data de levantamento, 1947, estávamos a utilizar uma fonte de informação que apresenta discrepâncias relativamente à situação actual.

O desenvolvimento de novas técnicas, que privilegiam a análise matemática e estatística, levou a que, também no domínio do povoamento, se desenvolvessem novos métodos. Um dos mais conhecidos é designado pelo "método do vizinho mais próximo" e "compara a média das distâncias observadas entre cada ponto e o vizinho mais próximo, com a média esperada dessa distância" (D. ABREU, 1978, pag. 42). O fundamento matemático deste método foi desenvolvido pela primeira vez por dois botânicos (P.J. CLARK e F.C. EVANS, 1954), com o objectivo de estudar a distribuição das plantas num determinado território. Foi, porém, com o geógrafo M.F. DACEY (1962) que iniciou a sua aplicação aos padrões de povoamento.

A fórmula que exprime o índice de vizinhança, Rn, é-nos dada pela seguinte equação $Rn = Dob/De$, em que $Dob = \Sigma d/N$, e $De = \frac{1}{2\sqrt{N/A}}$ cujas equivalências são as seguintes:

d - é a distância observada entre cada ponto e o seu vizinho mais próximo (em Km);
De é o espaçamento médio;
N é igual ao número de pontos;
A é a área considerada em km2.

Os valores extremos de Rn situam-se em 0 (zero) e 2.1491. O primeiro reflecte o somatório das distâncias ($\Sigma d$) igual a zero,e corresponde, por isso, à concentração máxima, isto é, um lugar; o segundo regista-se quando a distribuição de todos os pontos é de tal forma regular que aqueles constituem os vértices de triângulos equiláteros. Quando Rn for igual a 1

o padrão de povoamento é aleatório, (cfr. P. HAGGETT, 1965, pags. 104 e 105; R. HAMMOND e P. MACULLACH, 1974, pags. 273-243).

Uma das principais vantagens deste método reside no facto de a escala de observação não ter praticamente significado, o que anula algumas interpretações de carácter subjectivo presentes em outros tipos de classificação. Trata-se de um método mais rigoroso e objectivo, embora se não deva esquecer que convém alguma ponderação na sua aplicação, reflexão, nomeadamente em áreas de povoamento misto.

No caso da *Gândara*, a utilização do método do "vizinho mais próximo" coloca algumas questões. Se frequentemente não é difícil definir o "ponto" que representa cada aglomerado populacional - por exemplo, o local de convergência de maior número de vias de comunicação -, no território em estudo, surgem algumas dificuldades. No sector Norte as povoações ordenam-se não raras vezes ao longo das vias de comunicação, muitas vezes de modo contíguo, dificultando por isso o traçado do seu limite.

Dificuldades coloca-as ainda a ocorrência de sub-áreas, onde a dimensão dos lugares e a morfologia das povoações diferem, de que são exemplos a "área de Mira" e o Sul do território. A determinação do coeficiente de variabilidade possibilita conhecer os limites de variação de *Rn*, sendo por isso possível definir um padrão que mais se aproxime do povoamento deste território.

## 2 — O POVOAMENTO DA *GÂNDARA* ATRAVÉS DA ANÁLISE DO "VIZINHO MAIS PRÓXIMO"

Com base nos *Recenseamentos* de 1911, 1970 e 1981, determinou-se o valor de Rn para todos os lugares da *Gândara* com mais de 100 habitantes ([1]). Estes constituem cerca de 75% do total de aglomerados e contêm quase 80% da população. Em 1981 o número de núcleos, cujos efectivos demográficos variavam entre 100 e 200, era de 28.7% do total de estabelecimentos humanos: entre 200 e 500, a relação era de 35.7%; de 7.7%, o número de lugares, cuja população variava entre 500 e 1000 habitantes, e de 2.0% os núcleos com mais de mil indivíduos.

---

1 — A utilização da informação relativa aos *Recenseamentos da População* de 1911, 1970 e 1981, deve-se às seguintes razões: o *Recenseamento* de 1911 é o primeiro a fornecer dados populacionais a nível de lugar; o de 1970 situa-se, temporalmente, num período posterior a importante modificação em relação à dinâmica interna da população; 1981 trata-se do último ano de que se dispõe informação desagregada por lugares.

Parece-nos dispensável utilizar os dados relativos aos anos de 1940 e 1960, pois como se consideram os lugares com mais de 100 habitantes, e não tendo em consideração as suas diferentes dimensões, os valores encontrados não devem sugerir modificações importantes na estrutura do povoamento.

No Quadro 76 está registada a evolução de *Rn*, para os anos considerados, e nas Figs. 78, 79 e 80 representa-se a forma como se processa, no espaço, a relação de vizinhança. Da sua observação conclui-se que, na *Gândara*, o padrão de povoamento anda muito próximo de 1, o que significa poder considerar-se como aleatório. A evolução dos valores do coeficiente de variabilidade, de 0.55 em 1911, 0.41 em 1970 e 0.39 em 1981, mostra, por seu lado, que os limites de variação de *Rn* se têm aproximado - indício de uma tendência para maior uniformidade na estrutura do povoamento da área.

QUADRO Nº 76 - ÍNDICE DO "VIZINHO MAIS PRÓXIMO", Rn, NA *GÂNDARA*.

| ANOS | Nº lugares mais 100 h. | Dist. ao vizinho mais próximo | | Distância Média teórica (DE) | Índice de viz. (Rn) | Coef. de variab. (CV) | Limites variação | Tipo de Padrão de povoamento |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Média (dob). | Desv. Pad. (sd) | | | | | |
| 1911 | 88 | 1.06 | 0.64 | 1.17 | 0.91 | 0.55 | 1.46-0.36 | Aleatório |
| 1970 | 111 | 0.95 | 0.46 | 1.12 | 0.85 | 0.41 | 1.26-0.44 | " " " |
| 1981 | 106 | 0.95 | 0.45 | 1.16 | 0.82 | 0.39 | 1.21-043 | " " " |

Embora a evolução aponte para uma maior homogeneidade, será importante realçar que a leitura das Figs. 78, 79 e 80 permite detectar no território gandarês sub-áreas, onde a distância entre um lugar e o seu vizinho mais próximo evidencia alguma diferenciação. Isto é, no território situado a Sul do paralelo que passa por Cadima, a distância entre os lugares é menor. Encontra-se assim acentuado, por um lado, o carácter aleatório do povoamento e, por outro, o domínio dos pequenos lugares. Pelo contrário, a Norte, além do número de lugares ser menor, a distância é relativamente superior: no sector Norte da *Gândara* o carácter dessiminado do povoamento está, pois, menos marcado que a Sul.

Os valores apurados sugerem que a *Gândara* é uma área pouco estruturada, que além da hierarquização entre lugares estar pouco marcada apresenta um reduzido grau de urbanização. A análise que se fará de seguida, com base na dimensão dos lugares, mostra, de facto, que nesta área do Centro Litoral Português dominam os *pequenos lugares*.

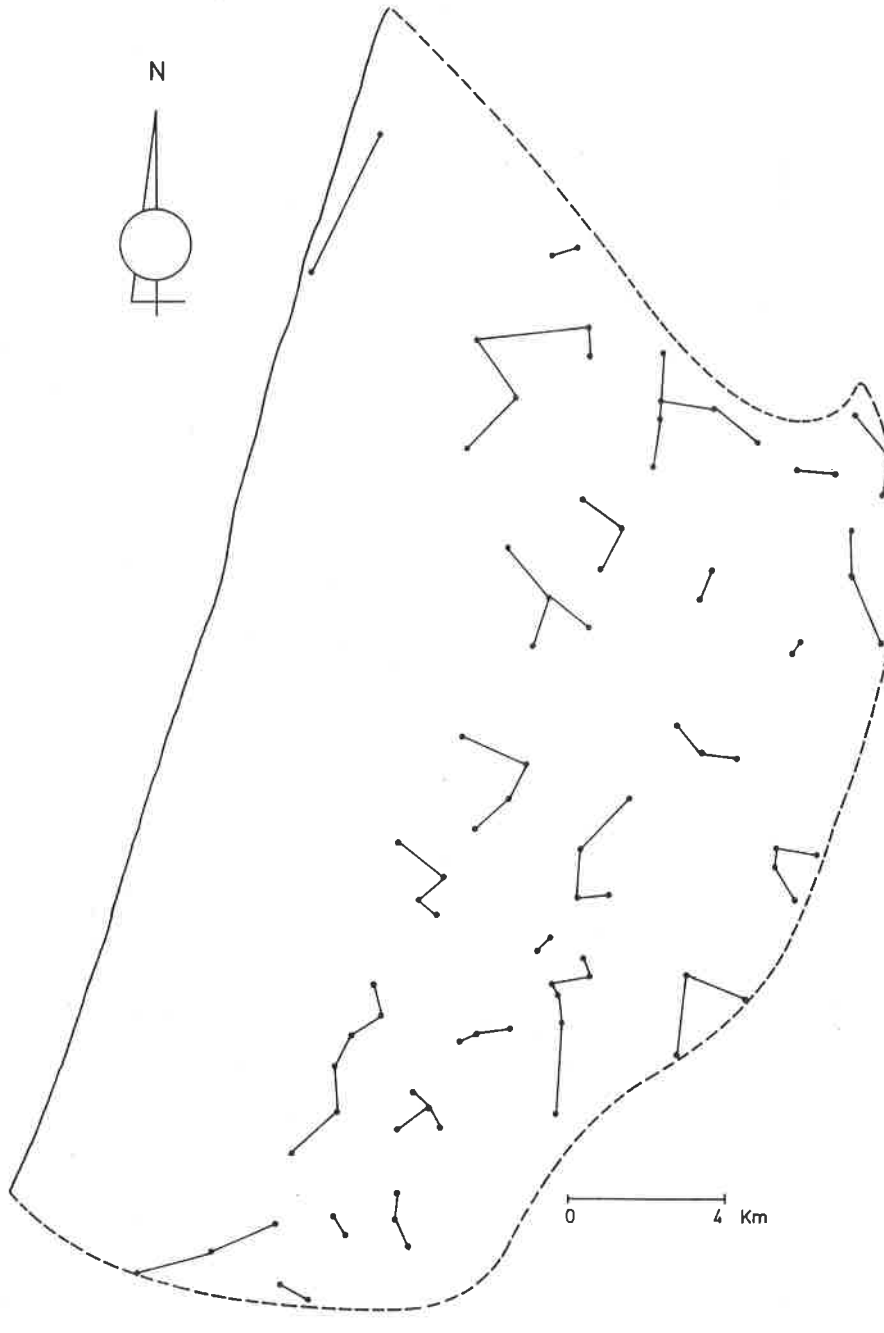



FIG. 78 - Indice do vizinho mais próximo na Gândara, 1911.
Rn = 0.91

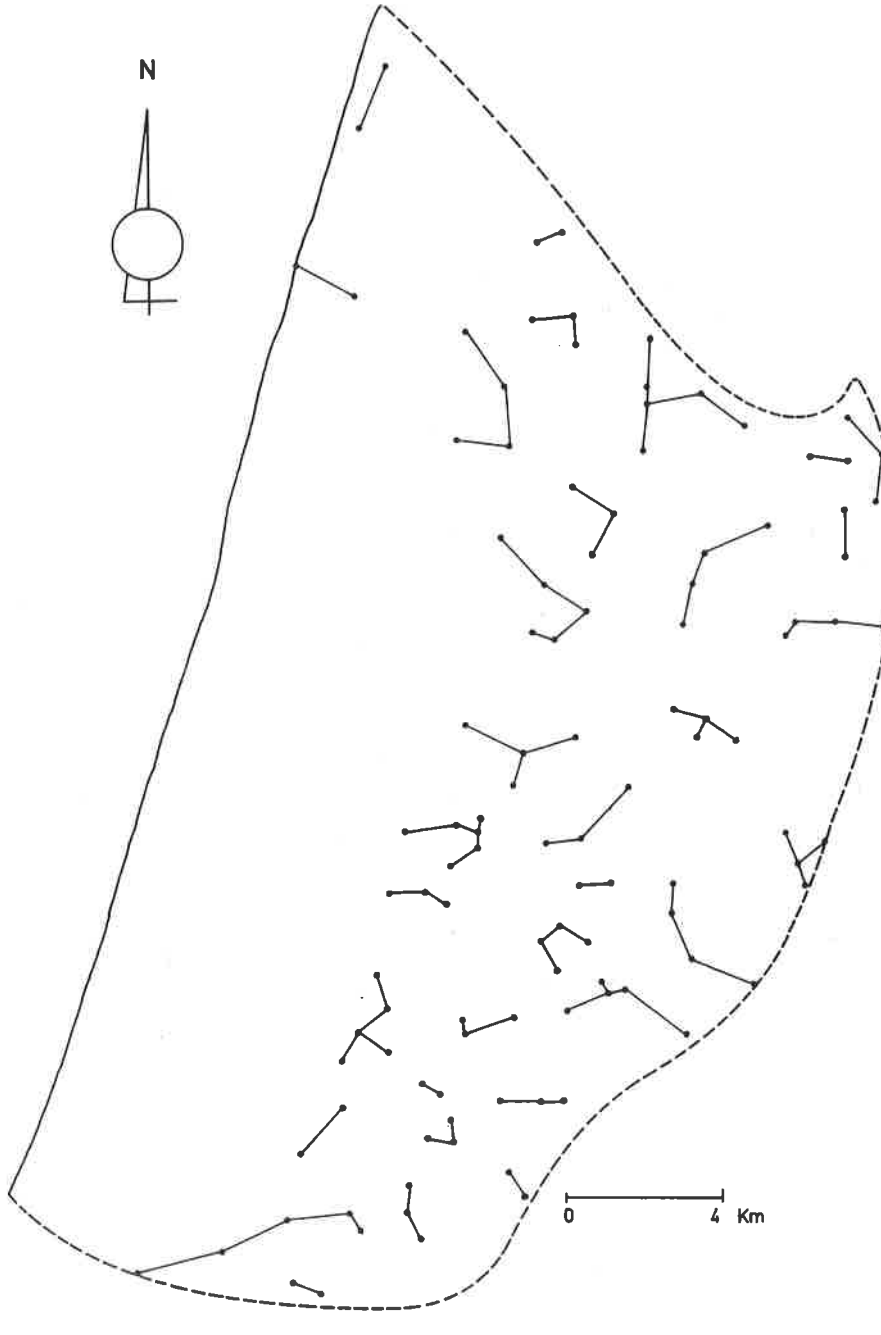



FIG. 79 - Indice do vizinho mais próximo na Gandara, 1970
Rn = 0.85

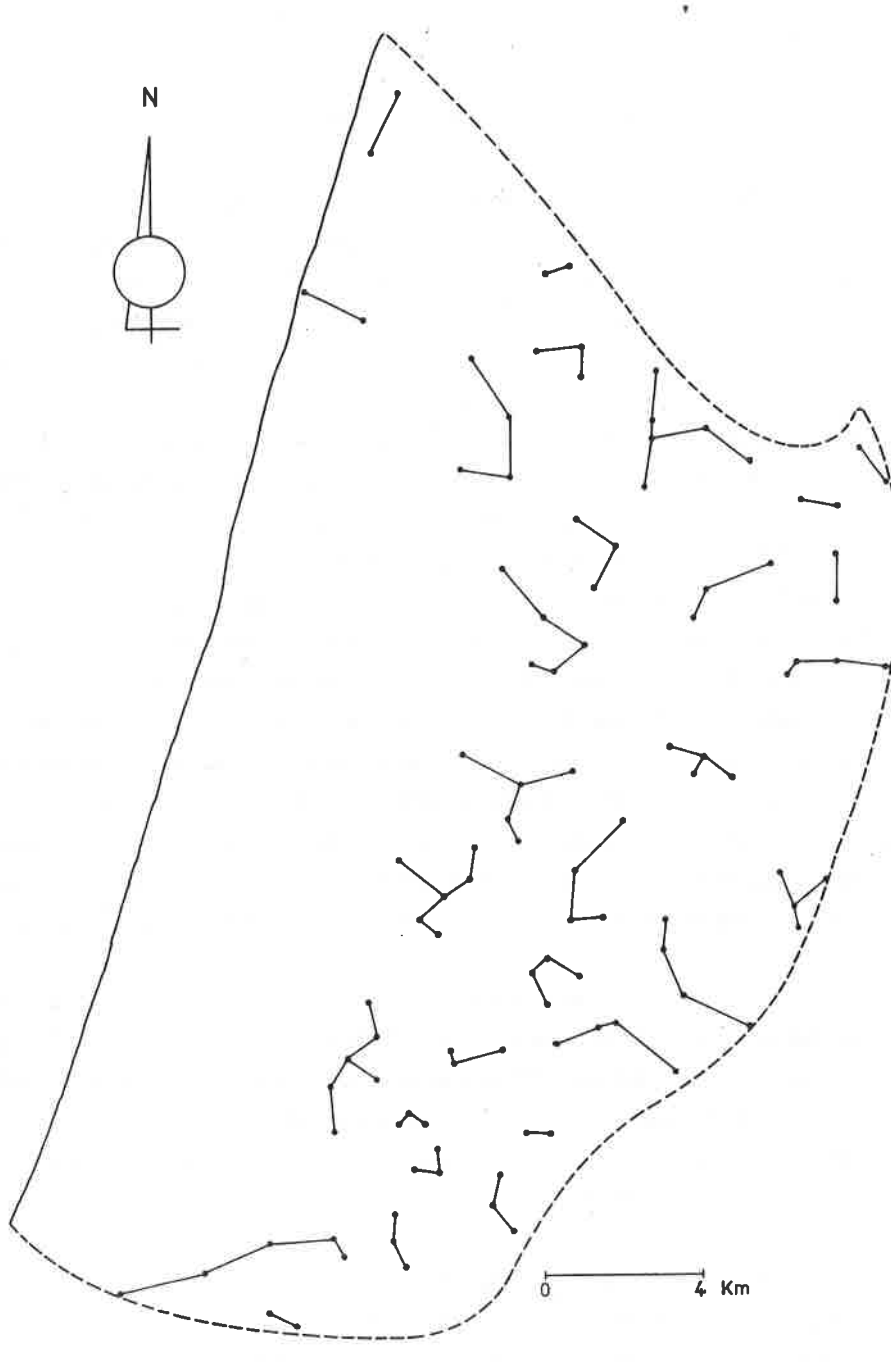



FIG.80 - Indice do vizinho mais próximo na Gândara, 1981
Rn = 0.82

## 3 — O DOMÍNIO DOS PEQUENOS LUGARES

### 3.1 — Evolução do Número de Lugares por Classe de Dimensão

Num território onde, segundo o *Recenseamento da População de 1981*, existem 143 lugares e onde apenas 3 núcleos populacionais têm mais de 1 000 habitantes - Praia de Mira, Quiaios e Mira, respectivamente, com 1 632, 1 713 e 2 019 indivíduos -, a hierarquização por classes de dimensão terá de privilegiar os lugares de dimensão reduzida. Foi neste sentido que se estabeleceram as seguintes classes: até 100 habitantes, de 101 a 200, de 201 á 500, de 501 a 1000, de 1000 a 2000 e mais de 2000 habitantes.

Da leitura do Quadro 77, conclui-se que em 1911, na *Gândara*, existiam 145 lugares distribuídos do seguinte modo: 39.3% (57) com uma população que não ultrapassava os 100 indivíduos; 28.3% (41) em que os efectivos populacionais oscilavam entre 101 e 200 habitantes; de salientar, além disso, que estas duas classes abrangem 33.6% da população total (Quadro 78). Expressão relativamente maior apresentam os lugares que se situam entre 201 e 500 habitantes: segundo o *Censo* de 1911, na *Gândara*, existiam 39 desses lugares o que correspondem a 26.9% do total, e era neles que vivia o maior quantitativo de população: 44.4% (cfr. Quadro 78). Apenas 6 lugares se situavam entre 501 e 1000 habitantes, e albergavam sómente 10.3% dos efectivos populacionais. Só Mira e Quiaios estão abrangidos pela classe seguinte, com 11.3% da população total. Com mais de 2000 habitantes, não se regista qualquer núcleo, o que evidencia bem o carácter rural de toda a área. Acrescente-se que, segundo aquele *Censo*, no Continente, a percentagem de população por lugares até 1 999 habitantes era de 68.06%, enquanto com mais de 2 000 habitantes se cifrava em 23.68% (cfr. D. ABREU, 1978, pag. 10).

Será interessante comparar os valores apurados com os registados em uma area interior do país. Assim, na Cova da Beira (BOURA, I., GASPAR, J., GOULD, P., JACINTO, R. e PIRES, A., 1983, pags. 51), apenas 24.1% da população residia em lugares de menos de 500 habitantes, valor consideravelmente afastado do registado na *Gândara*, já que aqui, para além de não se registar qualquer núcleo com mais de 2 000 habitantes, quase toda a população (78.4%) reside em lugares com menos 500 indivíduos, ao todo 137 aglomerados (94.5% do total).

A leitura da Fig. 81 revela, na *Gândara*, algumas disparidades sectoriais, relativamente à distribuição dos lugares por escalões de dimensão. No Sul dominam os núcleos de dimensão reduzida, dessiminados pelo território, enquanto no sector mais a Norte se regista tendência para uma menor dispersão, diminuindo por isso o carácter dessiminado do povoamento. Saliente-se ainda, e com excepção dos núcleos mais antigos, a localização dos

QUADRO Nº 78 - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO POR CLASSE DE DIMENSÃO DOS LUGARES - GÂNDARA

| Classes de dimensão dos lugares | 1911 | | | 1940 | | | 1960 | | | 1970 | | | 1981 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Popul. | % | nº lug. | Popul. | % | nº lug. | Popul. | % | nº lug. | Popul. | % | nº lug. | Popul. | % | nºlug |
| até 200 hab. | 9305 | 33.6 | 98 | 8956 | 26.4 | 86 | 8978 | 21.1 | 82 | 9302 | 22.6 | 82 | 9237 | 22.6 | 78 |
| 201-500 | 12387 | 44.8 | 39 | 13263 | 39.0 | 46 | 16057 | 37.7 | 47 | 16970 | 41.2 | 51 | 17772 | 43.5 | 51 |
| 501-1000 | 2846 | 10.3 | 6 | 7630 | 22.5 | 12 | 12236 | 28.7 | 19 | 9556 | 23.2 | 14 | 7680 | 18.8 | 11 |
| 1001-2000 | 3126 | 11.3 | 2 | 1971 | 5.8 | 1 | 3183 | 7.5 | 2 | 3345 | 8.1 | 2 | 1713 | 4.2 | 1 |
| + 2000 | - | - | - | 2166 | 6.3 | 1 | 2190 | 5.0 | 1 | 2019 | 4.9 | 1 | 4414 | 10.9 | 2 |
| TOTAL | 27664 | 100.0 | 145 | 33986 | 100.0 | 146 | 42644 | 100.0 | 151 | 41192 | 100.0 | 150 | 40816 | 100.0 | 143 |

FONTE: *Recenseamentos da população*, anos de 1911, 1940, 1960, 1970 e 1981; Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

QUADRO Nº 77 - EVOLUÇÃO DO Nº DE LUGARES POR CLASSE DE DIMENSÃO NA GÂNDARA.

| Classes de dimensão | 1911 | | 1940 | | 1960 | | 1970 | | 1981 | | VARIAÇÃO ABSOLUTA | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | total | % | total | % | total | % | total | % | total | % | 1911/1940 | 1940/1960 | 1960/1970 | 1970/1981 | 1911/1981 |
| até 100 hab. | 57 | 39.3 | 45 | 30.8 | 41 | 27.2 | 39 | 26.0 | 37 | 25.9 | -12 | -4 | -2 | -2 | -20 |
| 101-200 | 41 | 28.3 | 41 | 28.1 | 41 | 27.2 | 43 | 28.7 | 41 | 28.7 | 0 | 0 | +2 | -2 | 0 |
| 201-500 | 39 | 26.9 | 46 | 31.5 | 47 | 31.1 | 51 | 34.0 | 51 | 35.7 | +7 | +1 | +4 | 0 | +12 |
| 501-1000 | 6 | 4.1 | 12 | 8.2 | 19 | 12.6 | 14 | 9.3 | 11 | 7.7 | +6 | +7 | -5 | -3 | +5 |
| 1001-2000 | 2 | 1.4 | 1 | 1.4 | 2 | 1.3 | 2 | 1.3 | 1 | 0.7 | 0 | 0 | 0 | -1 | -1 |
| + 2000 | - | - | 1 | - | 1 | 0.6 | 1 | 0.7 | 2 | 1.3 | - | +1 | 0 | +1 | - |
| TOTAL | 145 | 100.0 | 146 | 100.0 | 151 | 100.0 | 150 | 100.0 | 143 | 100.0 | +1 | +5 | -1 | -7 | -3 |

FONTE: *Recenseamentos da População*, anos de 1911, 1940, 1960, 1970 e 1981; Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

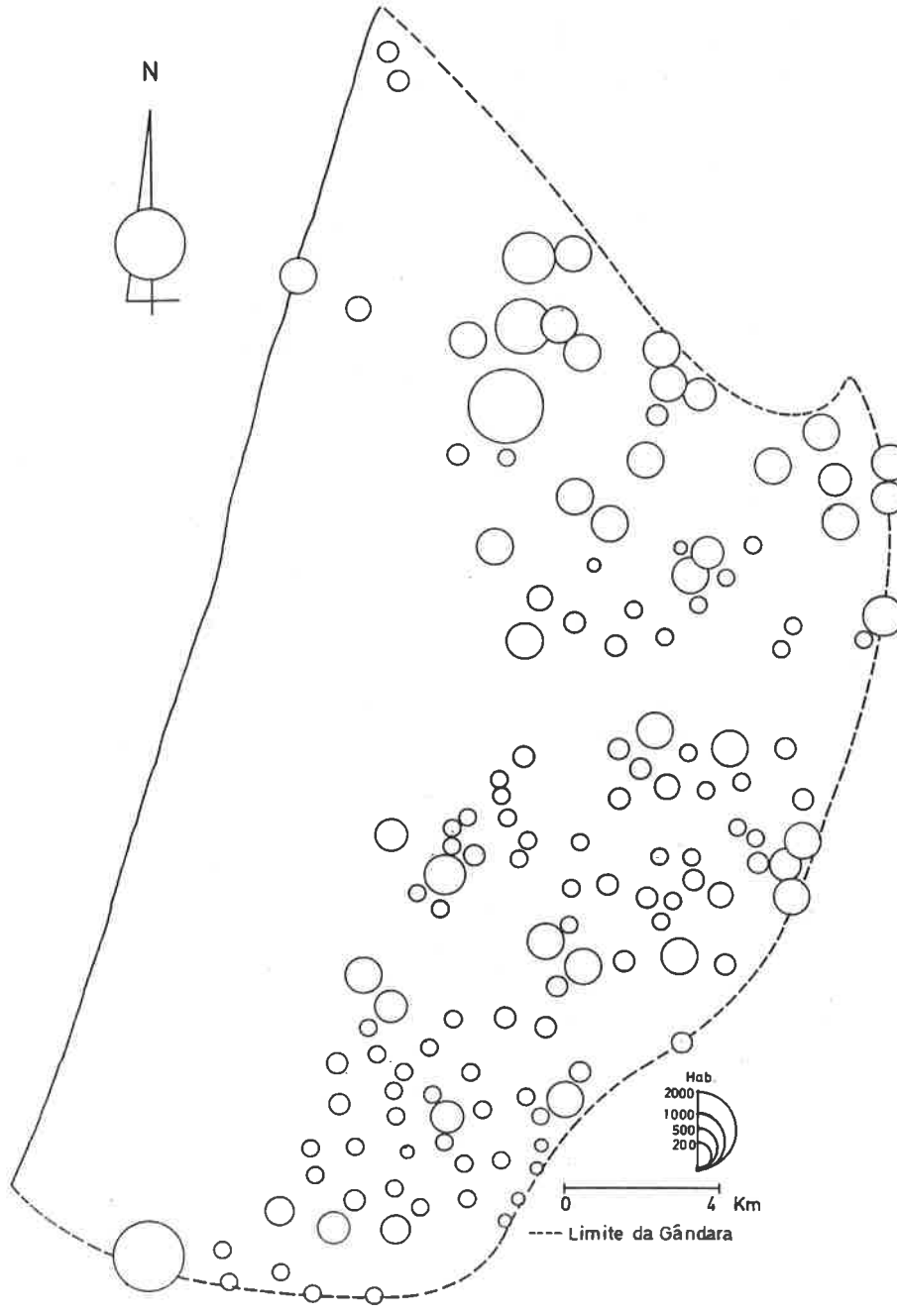



FIG 81 – Distribuição dos lugares por dimensão na Gândara, 1911

FONTE: Recenseamento( ...) 1911

lugares de maior dimensão nas áreas de transição com outras sub-unidades regionais. Este facto sugere, tal como já se afirmou, que as areias foram um obstáculo tardiamente ultrapassado; a sua ocupação terá sido, por isso, levada a cabo de um modo progressivo e à custa de pequenos lugares, ainda hoje uma característica fundamental do povoamento da *Gândara* . Acrescente-se a isto que alguns dos núcleos de maior dimensão se situam junto às principais vias que cruzam o território. Neste contexto, refira-se que a estrada nacional que liga Figueira da Foz a Aveiro, actualmente uma via alternativa a parte da Estrada Nacional nº. 1, levou o primeiro revestimento betuminoso no início dos anos 40, um facto bem revelador da precaridade de vias de comunicação nesta área do Centro Litoral, e que mais lhe vem marcar ainda a sua periferia([1]).

Uma análise mais pormenorizada evidencia, de facto, a disparidade revelada pela Fig. 81. Na freguesia de Ferreira-a-Nova, em 1911, todos os lugares estão abrangidos pelas três classes de dimensão mais reduzida. Significa pois que nenhum núcleo tinha população superior a 500 habitantes. De resto, apenas a povoação de Netos ultrapassa 200 habitantes, com um total de 207 indivíduos.

Na freguesia de Liceia a situação é praticamente a mesma: os núcleos populacionais têm uma dimensão muito reduzida, pois dos 7 aglomerados registados no *Censo de 1911*, 6 têm até 200 habitantes e absorvem 75.9% da população. Apenas Viso tinha 283 indivíduos. É bem elucidativo ainda que 5 lugares se situassem na classe de dimensão mais reduzida; portanto 71.4% dos lugares desta área não ultrapassavam os 100 habitantes.

Na freguesia de Cadima, a situação também não é muito divergente das anteriores: de novo predominam os lugares de dimensão muito pequena. Nesta área, dos 29 lugares registados em 1911, nenhum ultrapassa os 500 habitantes, e entre estes apenas 5 têm entre 201 e 500 indivíduos. Isto é, 60.7% da população vive em lugares até 200 habitantes.

Mesmo no limite Sul, a área inserida na freguesia das Alhadas apresenta uma estrutura de povoamento idêntica às freguesias anteriores. Com 11 lugares, 4 não ultrapassam os 100 habitantes, 5 estão incluídos na classe de dimensão seguinte, enquanto dois têm uma população cujo quantitativo se situa entre 201 e 500 indivíduos. Também aqui, e à semelhança dos núcleos já referidos, toda a população reside em núcleos muito pequenos. A freguesia de Quiaios regista uma excepção relativamente ao padrão de povoamento dominante no Sul do território. O núcleo principal, vindo já do século IX, merece uma atenção especial, já que apresentava em 1911 1 187 indivíduos, situando-se portanto muito acima da dimensão predominante neste sector do território. Dos restantes aglomerados 14.1% têm

---

[1] — Anote-se que na *Tabela das Estradas Nacionais* de 1ª e 2ª classes definida pelo Decreto nº 16:075 de 30 de Setembro de 1928, aquela via (estrada nº 109) não consta; vindo a ser referida no *Plano Rodoviário* criado pelo Decreto-Lei nº 34:593 de 11 de Maio de 1945.

menos de 200 habitantes e abrangem 40.9% da população total, 3 contêm 22% dos efectivos demográficos e incluem-se no grupo de lugares, cuja dimensão se situa entre 201 e 500 indivíduos.

A estrutura do povoamento do sector situado mais a Norte (cfr. Fig. 81), apresenta alguma diferenciação, nomeadamente em relação à dimensão dos lugares.

No caso de Mira, num total de 24 lugares, 20 (83.3%) têm uma população abaixo dos 500 indivíduos, embora apenas 5 se situem na classe mais baixa (menos de 100 hab.). O mesmo número de aglomerados é abrangido pela classe seguinte (101-200), que agrupam apenas 13.3% da população. Este valor é bastante inferior ao encontrado para a *Gândara* (39.3%) e para as várias freguesias "do Sul". Em Cadima, por exemplo, 60.7% residia em núcleos com menos de 200 habitantes e em Quiaios aquela classe englobava 40.9%. Pelo contrário, na área de Mira grande parte da população (64%) vive em lugares que oscilam entre os 201 e os 1000 indivíduos. A sede concelhia, núcleo vindo do século XII, tinha em 1911, 1 139 habitantes que contribuíam com 22.7% da população total.

A freguesia de Nossa Senhora das Febres apresenta uma hierarquização próxima da observada em Mira. Assim, em 1911, dos 9 lugares que possuía, 22.2% tinham menos de 200 habitantes, o que equivale apenas 5.4% da população - portanto um valor muito abaixo da média observada na *Gândara* (67.6%). Entre 201 e 500 hab. Febres apresentava 5 lugares que absorviam 56.3% dos efectivos populacionais; apenas 2 aglomerados, com 38.3% da população, eram abrangidos pela classe seguinte: 501 a 1000 habitantes.

Semelhante à de Febres é a estrutura do povoamento da freguesia de Covões. Os dois lugares que foram considerados na *Gândara* têm uma dimensão semelhante àquela que domina no sector Norte, isto é, inscrevem-se na classe que varia entre 201 e 500 hab.

A tipologia do povoamento observada em Arazede revela a situação de transição desta área: sita entre o Norte e o Sul do território e entre a *Gândara* e a *Bairrada*, apresenta um padrão mais próximo da média geral. Dos 11 lugares referenciados pelo *Censo de 1911* nenhum ultrapassa os 500 habitantes; apenas 2 se situam na classe de dimensão mais baixa, enquanto 5 e 4 lugares estão abrangidos pelas duas classes seguintes. Os lugares com menos de 200 habitantes absorvem 38.1% da população (*Gândara* 33.6%); nos lugares do escalão seguinte residem 61.9%, valor ligeiramente superior ao do território, já que este é de 44.8%.

A freguesia da Tocha situada entre o Norte e o Sul, evidencia idênticas características. Dos 14 lugares, 6 tinham uma população que não ultrapassava os 100 indivíduos, 3 situavam-se entre 101 e 200, 4 na classe seguinte e apenas 1 tinha 594. Além disto, 29.5% da população residia em lugares com menos de 200 hab., enquanto 49.4% vivia em núcleos, cuja dimensão se situava entre 201 e 500. Traços idênticos registam-se na freguesia de

Cantanhede, pois dos 12 lugares, 9 tinham menos de 200 habitantes e englobavam 44.5% da população, enquanto 3, situados entre os 201 e 500 habitantes, reuniam o restante efectivo demográfico.

Em resumo, no início do século XX a *Gândara* é já um território bastante ocupado, com uma densidade próxima dos 55 habitantes/Km2, valor que se situa no entanto abaixo do do distrito de Coimbra (93 hab./Km2) e do Continente (62 hab./km2). A estrutura do povoamento tinha como característica fundamental o predomínio dos lugares de pequena dimensão, dessiminados pelo território e pouco hierarquizados. No entanto, há a salientar algumas diferenciações entre o sector Norte e o sector Sul, decorrentes em grande parte das diferentes fases na colonização da área, da desigual distribuição da rede viária e da maior ou menor proximidade de outras sub-unidades regionais, como a *Gafanha* a Norte e a *Bairrada* a Este, onde predominam estruturas de povoamento diferentes.

A evolução registada entre 1911 e 1940 não evidencia grandes modificações, em relação há estrutura observada. O número de lugares na *Gândara* não sofre praticamente alterações, já que, de 145 passa para 146. O quantitativo de isolados sofre um acréscimo notável: de 14 em 1911 atinge 44 em 1940([1]). Embora a informação estatística não permita concluir que se situam todos no território em estudo, o facto é que, daquele total, 15 situavam-se em Quiaios, outros 15 em Cadima, 4 em Liceia e 5 em Arazede. Daí ser lícito deduzir que a dessiminação do povoamento continua a processar-se com maior intensidade no território gandarês do que nas áreas envolventes, além de ser mais acentuada no sector Sul que no sector Norte.

Em relação à evolução registada nas diferentes classes de dimensão, não obstante o número de núcleos populacionais ser praticamente o mesmo, verificam-se alterações. Entre 1911 e 1940, os lugares de menor dimensão têm uma perda acentuada, menos 12, (cfr. Quadro 77). Na classe seguinte não há variações, enquanto os aglomerados cuja população varia entre 201 e 500 hab., se vêem acrescentados de 7. Com um aumento importante encontra-se o número de lugares cuja dimensão se situa entre 501 e 1000 indivíduos: de 6 em 1911 passa para 12 em 1940. A perda de um lugar na classe seguinte (1001-2000), é compensada pelo facto de aparecer um núcleo com mais de 2000 habitantes: Mira (2166).

Apesar de a evolução registada mostrar uma quebra no número de lugares de dimensão mais reduzida, continuam a ser os núcleos cuja dimensão não ultrapassa os 500 habitantes que concentram grande parte da população gandaresa: 90.4%. Acrescente-se

---

[1]— No *Censo de 1911* a desagregação por freguesias contempla as *povoações* e a *população dispersa*, enquanto no *Recenseamento de 1940* a população foi recenseada por *lugares* e *isolados e dispersos*. Esta diferença de critério não deixará de se reflectir na variação observada.

que, na Região Centro, aquele grupo englobava 54.9% (BOURA, I., GASPAR, J., GOULD, P., JACINTO, R. e PIRES, A., 1983, pag. 52) do total de efectivos populacionais, valor que mostra bem a importância dos pequenos lugares na estrutura do povoamento da *Gândara*.

O confronto das Figs 81 e 82 permite concluir que em 1940 se mantêm as linhas fundamentais que comandavam a tipologia do povoamento em 1911: maior dispersão a Sul do que a Norte, domínio mais acentuado dos pequenos núcleos populacionais no sector meridional do território. Pelo contrário, nas áreas de Mira, Febres e Covões prevalecem os lugares entre 201 e 1000 habitantes, situados preferencialmente na periferia do território, ou alinhando-se segundo as vias de comunicação.

Em Ferreira-a-Nova nenhum dos 11 lugares computados em 1940 ultrapassava os 500 hab., enquanto os aglomerados até 200 hab. absorvem 76% da população. Relativamente ao número de núcleos populacionais por classe de dimensão, regista-se uma perda de 2 povoados na classe mais baixa (até 100 hab.), passando a seguinte (101-200) a ter 4 lugares em 1940 contra os dois de 1911.

Em Liceia a situação também não diverge muito da observada no período anterior. O número de lugares mantém-se (7), 4 dos quais - menos 1 portanto do que em 1911 - não ultrapassavam os 100 indivíduos; apenas 1 núcleo tem entre 101 e 200 habitantes, enquanto 2 aglomerados têm uma população cujos efectivos se situam entre 201 e 500 indivíduos. Também na área de Cadima a estrutura do povoamento é praticamente a mesma, já que dos 29 lugares, 24 (82.8%) absorvem grande parte dos efectivos demográficos, 60.0%: 14 com uma população que não ultrapassa os 100 habitantes, enquanto 10 se situam entre os 101 e 200 indivíduos. Em relação a 1911, esta classe de dimensão vê-se aumentada de 2 núcleos pois o seu número passa de 8 para 10. Na classe de dimensão seguinte (201-500 hab.), continuam a existir 5 lugares, mas com a troca de Guimera por Sanguinheira: o primeiro, com 216 habitantes em 1911, desce para 133 e o segundo passa de 171 para 217.

Na área inscrita na freguesia de Alhadas é também nas duas classes de dimensão mais baixa que se concentra, por um lado, o maior número de lugares, 8 num total de 11, e por outro mais de metade da população, 51.2%. Refira-se, a propósito, que se regista uma quebra em relação aos quantitativos de população absorvidos pelos lugares mais reduzidos. Em 1911, 62.7% dos habitantes residiam em núcleos até 200 indivíduos; em 1940, a mesma classe contém 51.2%. De qualquer modo é um valor situado ainda bastante acima da média gandaresa: 26.4%, o que demonstra bem o "peso" dos pequenos lugares nesta área do território.

A evolução observada em Quiaios apresenta uma tendência um pouco diferente de algumas áreas do Sul do território. Ainda que num total de 15 lugares, valor igual ao de 1911, 14 não ultrapassem os 500 habitantes, é nos núcleos cuja dimensão se situa entre 201-500

(7) que se regista a maior concentração de população: 39.2%, contra os 22% observados em 1911. Além disso, do facto de na sede de freguesia residirem 1971 habitantes, resulta que

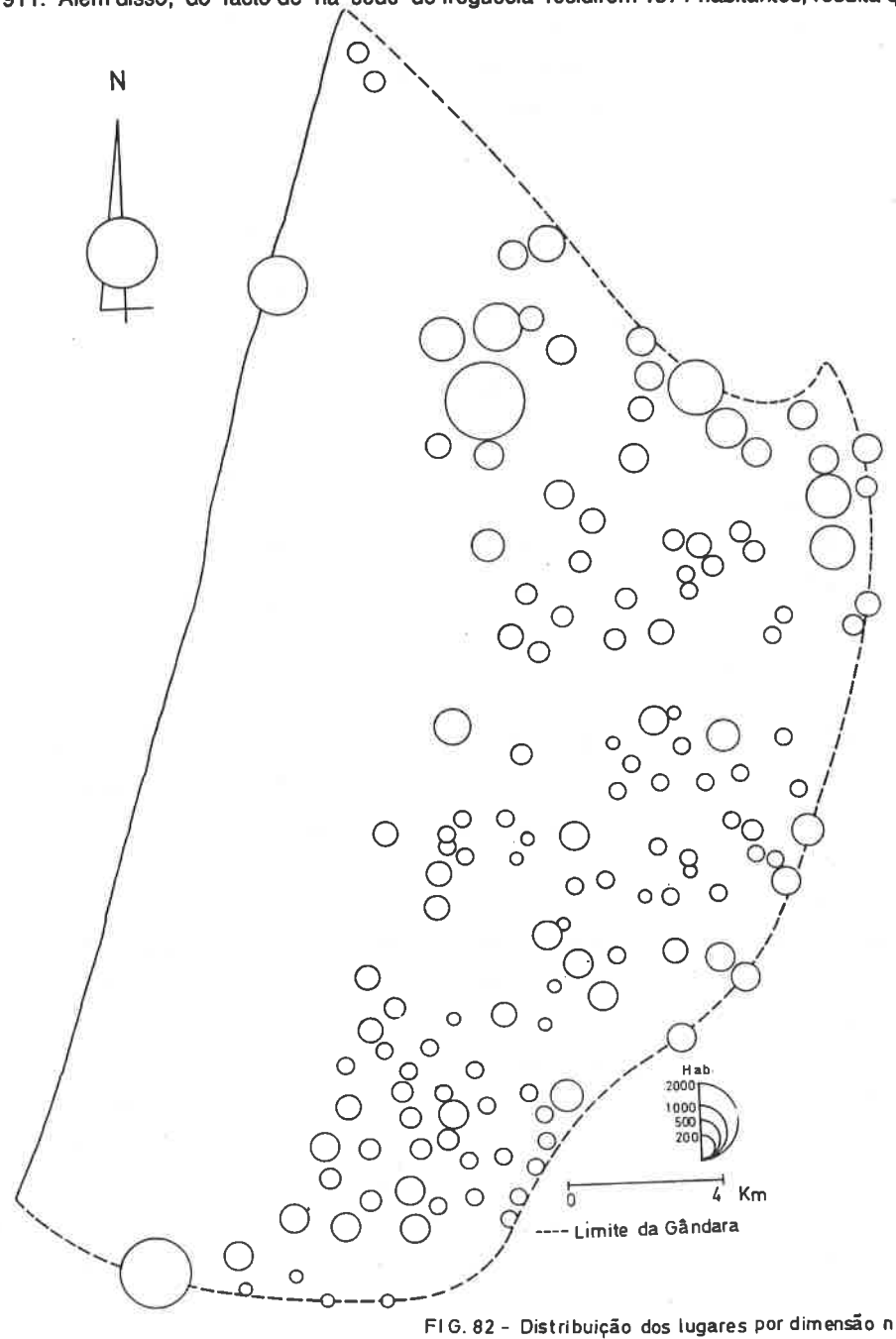



FIG. 82 - Distribuição dos lugares por dimensão na Gândara, 1940
FONTE: Recenseamento(...) 1940

43.1% do população se concentra apenas num núcleo situado numa classe de dimensão pouco representada na área de estudo (1001-2000). A restante população (56.9%) vive em lugares cuja dimensão não ultrapassa os 500 indivíduos.

Desta análise conclui-se que em 1940, em quase todas as freguesias do Sul, mais de 50% da população reside em lugares até 200 habitantes, exceptuadas Quiaios com 17.7% e Liceia com 37%. Aquele valor é superior ao da *Gândara* já que a concentração de efectivos demográficos naquele escalão de dimensão era de 26.4%.

Na área Norte do território verifica-se, como se referiu, tendência para uma menor dispersão (cfr. Fig. 82). Se analisarmos a evolução processada, por exemplo, em Febres, conclui-se que, apesar do número de lugares aumentar de 9 para 10, há um decréscimo acentuado nos quantitativos demográficos absorvidos pelos núcleos de menor importância. Isto é, em 1911 61.7% da população residia em aglomerados até 500 habitantes, enquanto em 1940 apenas vivem 30.2%. A restante população (69.8%) habita em lugares cujo escalão se situa entre 501 e 1000, o que mostra a perda de importância dos núcleos de dimensão mais reduzida.

Na área de Mira acentua-se o carácter menos disseminado na ocupação do território e verifica-se em alguns sectores uma dispersão, ordenada segundo as principais vias de comunicação. À semelhança do sucedido em Febres, também nesta freguesia diminui o total de população concentrada nos lugares de dimensão menor: em 1940, 6.5% residia em aglomerados até 200 habitantes, contra os 13.3% registados para 1911. No escalão seguinte (201-500) há também uma quebra, pois de 37.7% passa para 30.4%. Pelo contrário, nos lugares de dimensão intermédia, 501-1000 hab., observa-se um acréscimo acentuado, não só no número de aglomerados, de 3 para 7, como na população que englobam, de 26.3% em 1911 passa para 44.1% em 1940. Este valor situa-se bastante acima do observado na *Região Centro*, em que, no citado escalão, residem apenas 16.9%. No distrito de Coimbra o valor era ainda mais reduzido: 15.0% (BOURA, I., JACINTO, R. e PIRES, A., s/d. pag. 7). Fica assim claro que, na *Gândara*, a importância dos "pequenos lugares" é superior ao que se verifica no do Centro do País.

Além disso, registe-se que na área de Mira se situa o único núcleo gandarês com mais de 2000 habitantes: 2 166, que corresponde a 19.0% do total de indivíduos residentes naquela freguesia. Note-se ainda que, segundo o *Recenseamento de 1940*, no distrito de Coimbra, os núcleos com mais de 2000 habitantes concentravam apenas 11.9% da população, na Região Centro a mesma classe de dimensão abrangia 13.9% e no Continente 28.6%. (BOURA, I., GASPAR, J., GOULD, P., JACINTO, R. e PIRES, A., 1983, pag. 52 e ABREU, D. 1978, pag. 10).

A análise comparativa dos *Recenseamentos de 1940 e 1960* não regista significativas modificações na estrutura do povoamento (Fig. 83), pois as características já traçadas continuam a manter-se e nalguns casos a acentuar-se.

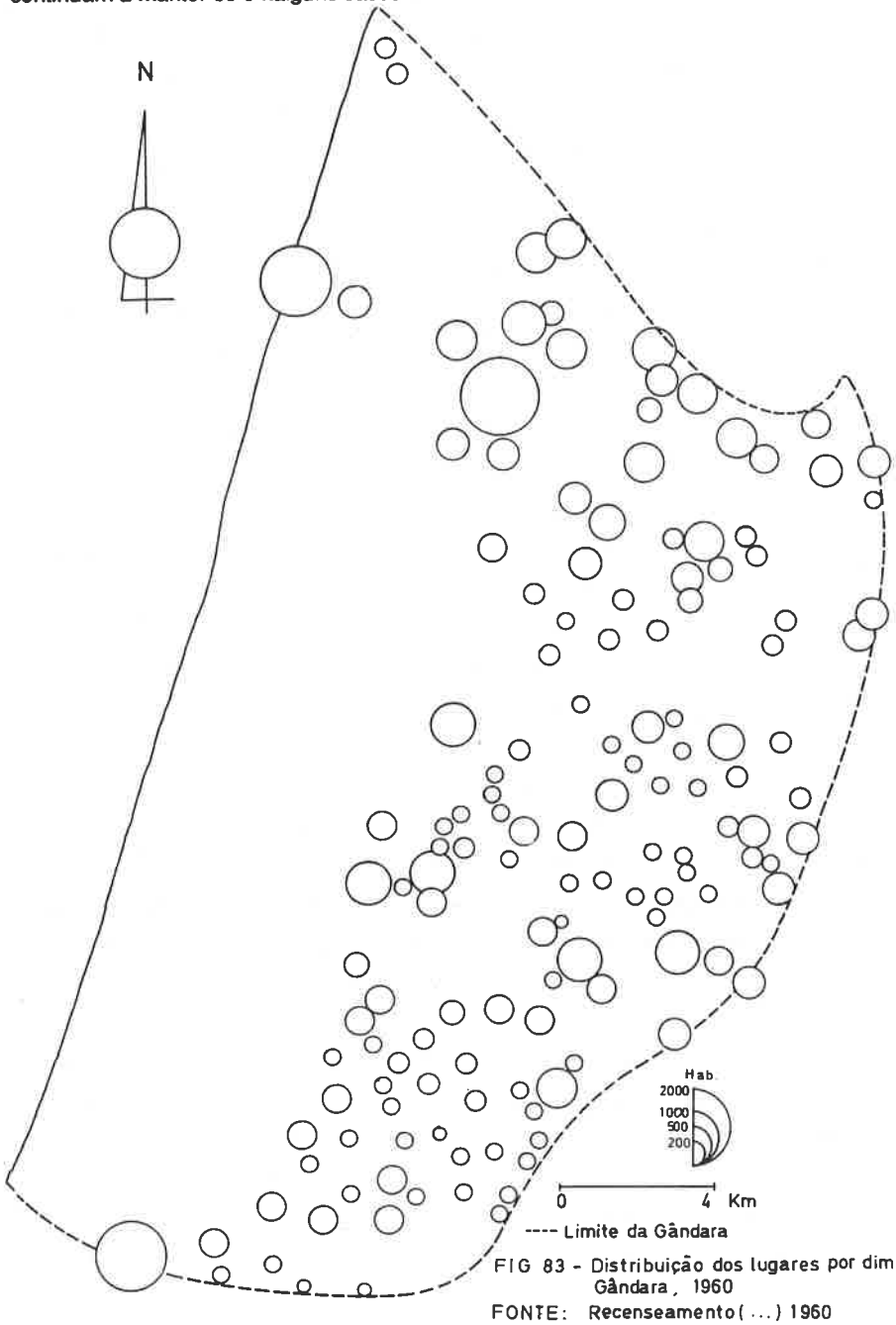



FIG 83 - Distribuição dos lugares por dimensão na Gândara, 1960

FONTE: Recenseamento(...) 1960

No sector Norte, os núcleos populacionais de menor dimensão vão dando lugar a núcleos com maior peso demográfico, continuando a atenuar também o carácter dessiminado da ocupação do território. Em Mira, por exemplo, e segundo o *Recenseamento de 1960*, dos 25 lugares registados, 17 têm uma população que varia entre 201 e 500 habitantes, no entanto é no escalão de 501-1000 que vive o número mais significativo: 44.0%. Além disso, nos dois escalões seguintes, 1001-2000 e mais de 2 000 habitantes, residem 26.6% do total de efectivos demográficos: 2 190 vivem em Mira e 1 375 na Praia de Mira, valores que denunciam já o carácter urbano e para-urbano destes dois núcleos. No entanto, em 1960, o território gandarês continua marcado pelo facto de dominarem os lugares cuja dimensão não ultrapassa os 500 habitantes. Num total de 151 núcleos, 129 (85.4%) não ultrapassam aquele limite e englobam mais de metade da população, 58.8%. O acréscimo no número de núcleos populacionais, cujos efectivos demográficos oscilam entre 501 e 1000 habitantes: de 12 em 1940 passa para 19 em 1960, concentrando 28.7% do total da população, contra os 22.5% e 10.3% registados respectivamente em 1940 e 1911, dados que indiciam uma tendência para uma menor dispersão de povoamento. De salientar que em 1960 os três últimos escalões considerados (501 a 2000 e mais) englobavam 41.2%, valor quase duplo do observado em 1911 (21.6%). Esta variação é quase toda suportada pelo sector do território situado a Norte, sendo as freguesias de Cantanhede, Mira e Tocha as que mais concorrem para aquele acréscimo; o Sul do território continua mais próximo das características do início do século. Na classe de 500 a 1000 habitantes a variação cifrou-se em mais 7 lugares, em que 1 se situa na primeira daquelas áreas, 2 na segunda e 4 na terceira.

A evolução processada entre 1960 e 1970 revela as alterações verificadas na dinâmica da população portuguesa. Como se viu, toda a *Gândara* foi afectada, a partir da década de sessenta, por importantes fluxos migratórios com destino à Europa que provocaram significativas perdas demográficas. Neste território o decréscimo situou-se próximo dos 3.5%, com implicações, por exemplo, na evolução da densidade: em 1960 a *Gândara* tinha uma densidade média de 85.2 hab./Km2, e regista em 1970, 82.3 hab./Km2. Esta perda de população virá também a reflectir-se na dimensão dos lugares. Assim, (cfr. Quadros 77 e 78) regista-se, em relação aos núcleos de dimensão mais reduzida, um acréscimo nos efectivos demográficos: isto é, nos aglomerados cuja população não ultrapassa os 100 indivíduos, o total de população residente passa de 21.1% em 1960 para 22.6%, em 1970; nos dois escalões seguintes, o aumento é de 3.5%. Estes valores contrariam a tendência esboçada a partir de 1911.

Nas classes de dimensão superior não se verificam oscilações importantes: Mira, Praia de Mira e Quiaios continuam a ser os únicos núcleos que ultrapassam os 1000 habitantes. A

distribuição espacial dos lugares, mantem ainda a diferenciação entre o Norte e o Sul do território (Fig. 84).

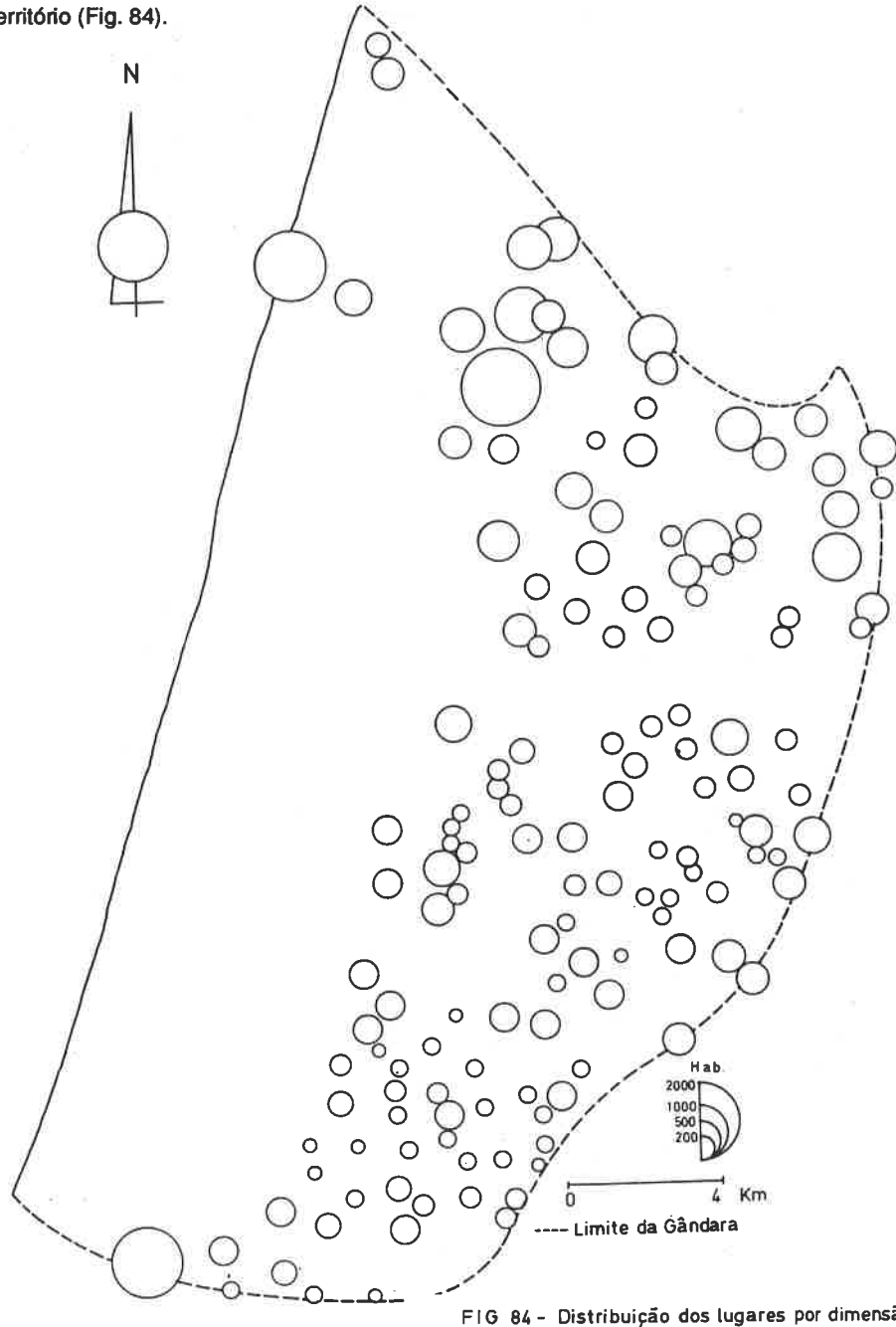



FIG 84 - Distribuição dos lugares por dimensão na Gândara, 1970

FONTE: Recenseamento(...) 1970

Os resultados apurados pelo *Recenseamento* de 1981 sugerem ausência de modificações significativas na estrutura do povoamento gandarês, (Fig. 85). Não obstante o número de lugares ser inferior ao registado em 1911, continua a verificar-se que a maior parte da população reside nos núcleos de menor dimensão. Dos 143 aglomerados, 129 (90.2%) não ultrapassam os 500 habitantes, absorvendo 66.1% do total de população. Os restantes efectivos demográficos repartem-se preferencialmente pelo escalão de 501-1000 habitantes (18.8%) e pela classe de maior dimensão (mais de 2000), que concentra 10.9% do total.

Será interessante confrontar estes resultados com os obtidos por J. GASPAR (1986, pags. 28 e 29), já que os valores que apurámos revelam, no território em estudo, mais uma vez, a importância dos lugares de pequena dimensão. Segundo o citado estudo, no Continente, "é no escalão de lugares com 100 a 2000 habitantes que vive mais população, 43.4% do total...", na *Gândara* o mesmo escalão absorve, em termos médios 76.7% da população: ou seja em alguns sectores a totalidade dos habitantes, 100%. As informações relativas ao Centro Litoral encontram-se mais próximas daquelas que se apuraram na área em análise. No mesmo estudo J. GASPAR acrescenta "... que estes lugares de 100 a 2000 habitantes ainda constituem em 1981 a base do povoamento da região (Centro Litoral), totalizando 61.3% da população "; é um quantitativo que se situa ainda abaixo do apurado na *Gândara* (76.7%), o que mostra bem como os "pequenos lugares" continuam a dominar a estrutura do povoamento local.

Se se recorrer a uma análise de maior pormenor, verifica-se que, quase no final do século XX, a estrutura do povoamento da *Gândara* continua, de certa forma, a manter o padrão de 1911, que vem em grande parte dos séculos anteriores e reflecte o processo histórico de ocupação do território.

Em Alhadas, Cadima e Ferreira-a-Nova, a totalidade da população concentra-se em lugares com menos de 500 habitantes; em Quiaios apenas a sede de freguesia, o mais antigo núcleo da *Gândara*, ultrapassa os 1000 habitantes (1973), residindo a restante população em núcleos com menos de 500 indivíduos. Em Liceia a situação é idêntica: com ressalva do caso de Viso, de 527 habitantes, todos os outros lugares têm uma dimensão inferior.

No Norte mantêm-se as linhas já traçadas. Em Mira e em Febres, o total de população a residir em aglomerados com menos de 200 habitantes é respectivamente de 4.9% e 8.3%. A maior concentração regista-se nos escalões superiores (200-501 e 501-1000), pois absorvem na primeira freguesia 59.8% e na segunda 91.7%. As áreas da Tocha e Arazêde continuam a evidenciar a transicção entre o Norte e o Sul: na primeira, 33.7% da população vive em lugares de 501-1000 habitantes, residindo a restante em núcleos de dimensão inferior; na segunda, apenas 15.0% se concentra em estabelecimentos humanos de 501-1000, enquanto 75.8% está domiciliada em núcleos de 201 a 500, e 9.2% vive em lugares até 200 habitantes.

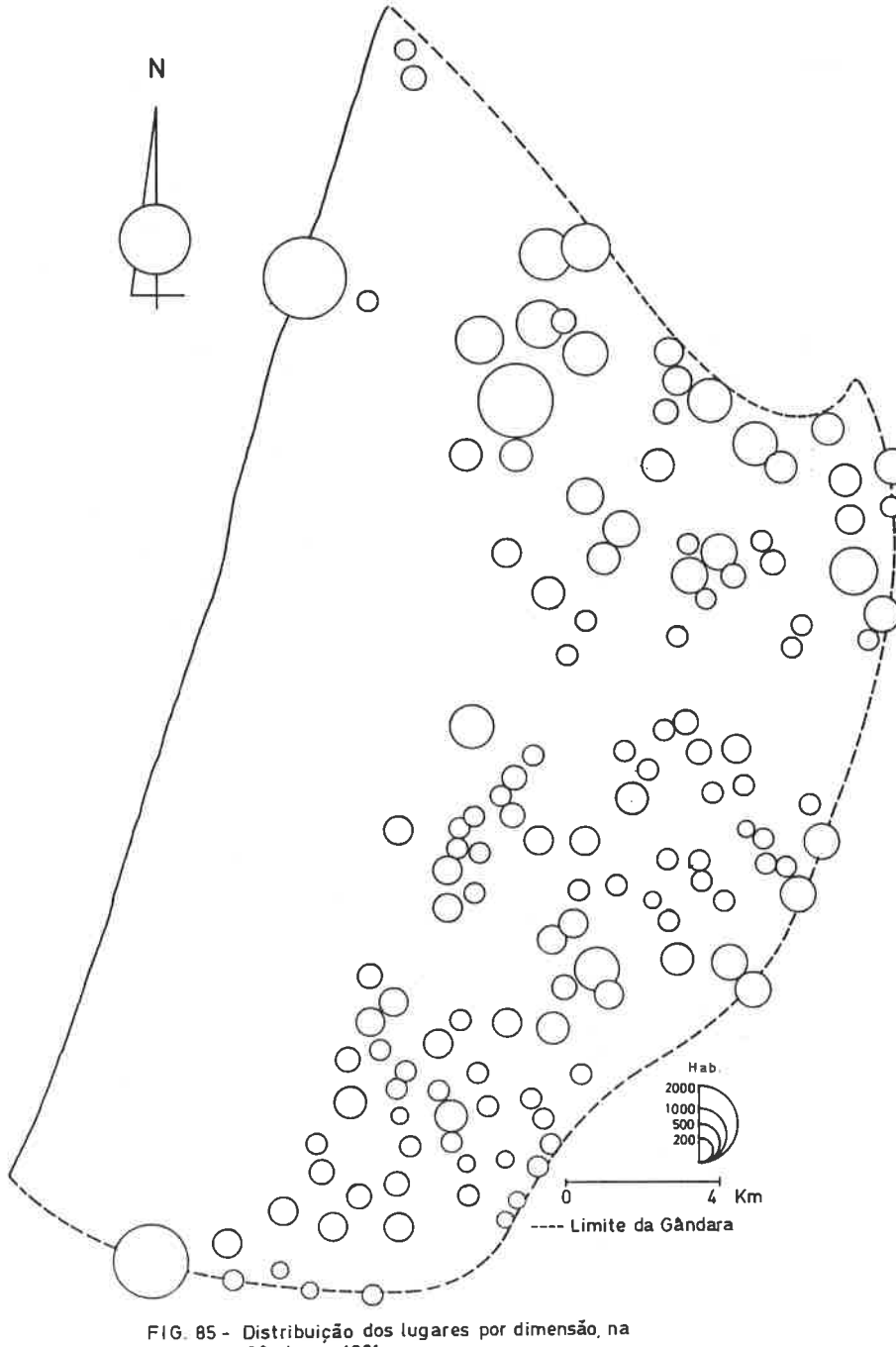



FIG. 85 - Distribuição dos lugares por dimensão, na Gândara, 1981

FONTE: Recenseamento ( ... ) 1981.

À semelhança daquelas áreas, também no território inserido na freguesia de Cantanhede grande parte da população reside em lugares cujo escalão se situa entre 201-500, 61.4%.

Da análise anterior julgamos importante salientar: trata-se de uma área onde dominam os lugares de pequena dimensão, dessiminados pelo território, dando origem a um povoamento muito pouco estruturado e apresentando, além disso, um reduzido nível de urbanização. Apenas 3 centros populacionais se distanciam do padrão geral: Quiaios e Mira, constituem como se viu, os dois mais antigos núcleos da *Gândara*, trazendo já de alguns séculos antes uma significativa dimensão. Palheiros de Mira, que perdeu alguma importância devido à quebra da actividade piscatória, tem apresentado nos últimos anos um crescimento demográfico importante à custa do comércio e dos serviços ligados ao turismo, nomeadamente de Verão.

Embora se trate de um território que, em termos gerais, apresenta um povoamento disperso, é possivel, como se viu, definir sub-áreas com características um pouco diferentes. No Norte, a evolução observada aponta para uma dispersão mais atenuada, caminhando-se progressivamente para a concentração da população em lugares de dimensão média. No Sul, a população distribuiu-se por lugares"pulverizados" no espaço, o que marca ainda mais o carácter rural desta área.

# PARTE III

## – A SITUAÇÃO ACTUAL DA GÂNDARA –

## INTRODUÇÃO

A última parte deste trabalho tem como base de informação, o *Inquérito* realizado nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro de 1986 (modelo 3 em anexo) e, como objectivo principal verificar em que medida se processaram ou não alterações na estrutura social e económica da população gandaresa. O confronto com a análise efectuada na II Parte deste estudo, baseada em diversa informação estatística, permite deduzir algumas hipóteses relativamente à evolução que a curto e a médio prazo, se processará na *Gândara*.

Neste sentido, lançámos 385 inquéritos que se distribuiram do seguinte modo: 20 na área da freguesia de Alhadas, 30 no sector gandarês da freguesia de Arazede, 39 na área de Cadima, 22 no território da freguesia de Cantanhede, 20 no de Covões, 27 em Febres, 23 na freguesia de Ferreira-a-Nova, 19 no sector gandarês que se insere na freguesia de Liceia, 98 na freguesia de S. Tomé de Mira, 42 em Quiaios e 45 na área da Tocha (Fig. 86). Este inquérito forneceu dois tipos de informação: permitiu analisar algumas variáveis, como a composição dos agregados familiares, dimensão da família, grau de instrução e estrutura etária de todos os indivíduos que compõem os 385 agregados: 1353 pessoas. A restante informação abrange os 385 inquiridos. Segundo o *Recenseamento da População* de 1981, na *Gândara*, o número de agregados familiares situar-se-ia próximo de 8990, o que significa que o *Inquérito* abrangeu 4.3% daquele quantitativo.

Ao bom acolhimento generalizado da população opôs-se alguma dificuldade em relação a certas questões constantes no referido inquérito. Estas associam-se, ao receio dos inquiridos perante estudos desta natureza. No entanto, é nossa convicção de que os resultados apurados não apresentam desvios importantes relativamente à realidade económica e social da *Gândara*.

Poucos foram, por exemplo, os ex-emigrantes a declararem auferirem de reforma do estrangeiro. Como se verá, dos 119 regressados 8.4% (10) afirmaram ter passado à situação de reformados. Por outro lado, nenhum inquirido referiu ter recebido subsídio do país de acolhimento na altura do regresso. Anote-se que no estudo elaborado por M. SILVA e Outros (1984, pag. 184), a reforma está presente em 5% dos inquiridos, enquanto em algumas áreas

da Região Centro se situa em 7.8% (cfr. BOURA, I.; e JACINTO, R., 1983, pag. 103): portanto um valor inferior ao encontrado para a *Gândara* . Quanto ao subsídio de regresso, naquele estudo apenas 1% respondeu afirmativamente. Mas foi, sobretudo a questão que solicitava a área da exploração agrícola que maiores dificuldades levantou. De facto, em algumas freguesias os desfazamentos observados em relação ao *Recenseamento Agrícola de 1979*, ainda que não muito significativos, devem em grande parte ser explicados por aquela circunstância.

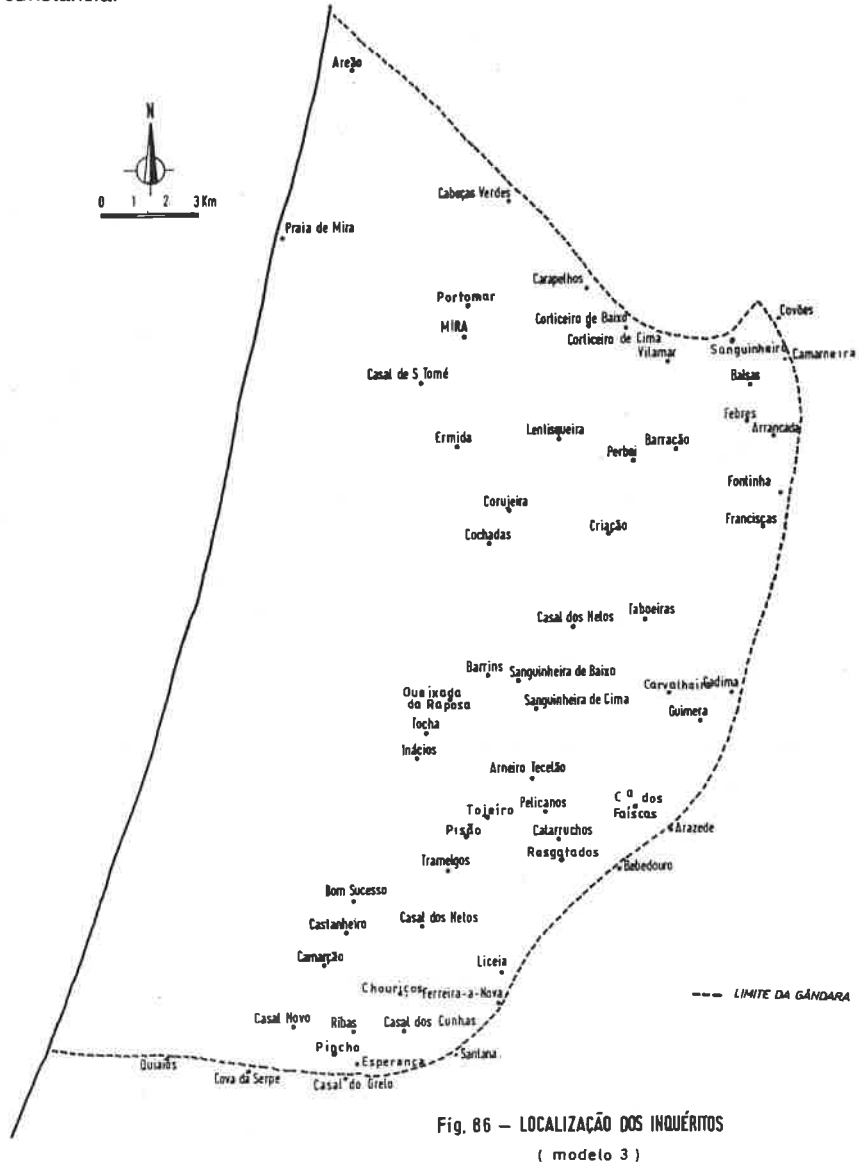



Fig. 86 – LOCALIZAÇÃO DOS INQUÉRITOS

( modelo 3 )

Finalmente chama-se a atenção para o facto de, como se viu no CAPÍTULO I, a *Gândara* não coincidir com uma divisão administrativa. Para facilitar, contudo, o tratamento da informação e a sua cartografia, sempre que é necessário referir os diversos sectores gandareses, utiliza-se a designação da freguesia onde se inscrevem. Isto é, no caso das freguesias de Alhadas, Ferreira-a-Nova, Liceia, Arazede, Cadima, Cantanhede, Febres e Covões os dados apenas se referem, como é evidente, à área inserida na *Gândara* . A elaboração dos diversos Quadros obedece ao mesmo critério.

## CAPÍTULO I — **CARACTERIZAÇÃO DOS AGREGADOS FAMILIARES**

### 1 — A DIMENSÃO MÉDIA DA FAMÍLIA([1])

A partir de 1940 a dimensão média da família em Portugal tem apresentado um valor cada vez mais baixo. Segundo A. ALMEIDA (1984, pag. 66), em 1900 era constituída por 4.16 indivíduos, em 1911 por 4.21, em 1920 por 4.22, em 1930 por 4.06, em 1940 por 4.25, em 1950 situava-se em 4.12., em 1960 regista-se uma maior redução, 3.74, em 1970 situava-se em 3.59, e segundo o *Recenseamento de 1981* a família média em Portugal era constituída por 3.4 elementos. A distribuição no país apresenta por seu lado algumas disparidades regionais. Nos distritos do Norte, e principalmente Norte-Litoral, a média é mais elevada, mais de 4 indivíduos, enquanto nos distritos do Sul o número médio de pessoas por agregado familiar não ultrapassam 3.1. Anote-se também, que o distrito de Coimbra tem apresentado valores mais próximos dos resgistados no Sul do que daqueles que se verificam nos distritos que lhe ficam próximos. Os resultados apurados no *Inquérito* permitiram um dimensionamento do número médio de indivíduos que constituem a família gandaresa. A leitura do Quadro 79 permite concluir que em 1986, na *Gândara*, a dimensão média se situava em 3.6 indivíduos. Este valor é superado pelo encontrado nas freguesias de Arazede (4.0), Alhadas (3.9), Ferreira-a-Nova (3.9), Liceia (3.7), Covões (3.7). Quiaios apresenta um valor médio igual ao da *Gândara* , enquanto as restantes freguesias — Cadima, Cantanhede, Febres, Liceia e Tocha —, registam um número inferior: respectivamente, 3.5, 3.4, 3.4, 3.2 e 3.5.

Dos valores apresentados no território em estudo, pode concluir-se que o número médio de inivíduos que constitui cada agregado familiar é superior ao distrito (3.1) e do Continente (3.4). Ora, como estes últimos se reportam a 1981, se a tendência a diminuir se

---

[1] — Segundo o *Recenseamento da População* de 1981 a designação de *família* atribui-se a:
— " a pessoa independente que ocupa uma parte ou a totalidade de uma unidade de alojamento.
— O grupo de pessoas ligadas por união de facto, de direito ou de parentesco que ocupam uma parte ou a totalidade de uma unidade de alojamento."

mantém, como aponta a evolução actual da taxas de natalidade e fecundidade, tudo leva a supor que em 1986 aqueles índices devem ser inferiores; apresenta-se, portanto, a *Gândara* ainda mais distanciada, e com valores próximos dos apresentados no país em 1960 (3.7).

QUADRO Nº 79- DIMENSÃO MÉDIA DOS AGREGADOS FAMILIARES (1986)

| Áreas Geográficas | Dimensão média |
|---|---|
| Alhadas | 3.9 |
| Arazede | 4.0 |
| Cadima | 3.5 |
| Cantanhede | 3.4 |
| Covões | 3.7 |
| Febres | 3.4 |
| Fer.ça-Nova | 3.9 |
| Liceia | 3.7 |
| Mira | 3.2 |
| Quiaios | 3.6 |
| Tocha | 3.5 |
| Gândara | 3.6 |
| Dist. Coimbra* | 3.1 |
| Continente* | 3.4 |

* - Os dados referem-se a 1981.

Fonte: *Inquérito*
- *Recenseamento da População de 1981*
- A. ALMEIDA (1984)

1.1 — Número Médio de Filhos por Família

A evolução do número médio de filhos por núcleo familiar tem apresentado uma acentuada redução nos últimos anos. Apenas os *Recenseamentos de 1940, 1970 e 1981* permitem determinar o número médio de filhos em Portugal. Assim, para o ano de 1940 aquele valor cifrava-se em 3.1, em 1970 em 1.7 e em 1981 em 1.4. Isto significa que, entre a década de quarenta e o início dos anos 80, o número médio de filhos por casal sofre uma redução de mais de 50%. A evolução recente das taxas de natalidade, fecundidade, nupcialidade, parece indicar para 1986 um valor ainda mais baixo.

A análise que elaborámos a partir dos *inquéritos* permite-nos concluir que na *Gândara* o número médio de filhos por casal é superior ao registado no Continente em 1981 e é um pouco mais elevada que o valor registado no país em 1940. No território o número de filhos por núcleo familiar cifra-se em termos médios, em 2.1. Este valor é ultrapassado nas freguesias de Covões (2.8), Arazede (2.2) e Cantanhede (2.2.). Com um valor igual à média do território (2.1), encontram-se as freguesias de Febres,Ferreira-a-Nova e Quiaios. Alhadas, Liceia, Tocha e Mira apresentam respectivamente 1.9, 1.9, 1.8 e 1.8 filhos por casal, valores que mostram bem o afastamento em relação ao número médio registado no país.

2.2 — Estrutura Etária

No total da população que constitui os 385 agregados - 1353 indivíduos -, 51.6% está abrangida pela classe etária dos 25 aos 59 anos (Quadros 80 e 81). Este valor situa-se acima dos observados, para o mesmo grupo, no *Recenseamento de 1981*, no distrito de Coimbra (42.2%) e nos concelhos de Cantanhede (42.2 %), Figueira da Foz (43.6%), Mira (4O.9%) e Montemor-o-Velho (42.1%). Os resultados mostram também que 33.7% dos indivíduos, que constituem os 385 agregados familiares inquiridos, têm menos de 25 anos, enquanto 14.7% tem 6O ou mais.

Cotejando estes valores com os verificados no *Recenseamento de 1981*, concluiu-se que o número de *jovens* na *Gândara* é significativamente mais baixo que os apurados a nível concelhío: Cantanhede 4O.6%, Figueira da Foz 38.7%, Mira 41.4% e Montemor-o-Velho 37.4%. Pensamos que, para além de alguns desfazamentos serem decorrentes das limitações da amostra, a baixa progressiva da natalidade terá provocado um decréscimo nos grupos mais novos, 0 - 4 anos; já perceptível, portanto após 1981.

QUADRO Nº 80 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR GRUPOS ETÁRIOS, 1986.

| Classes etárias | 0 - 14 | | | | | | 15 - 39 | | | | | | 40 - 64 | | | | | | 65 e mais | | | | | | Total | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | Homens | | Mulheres | | | | Homens | | Mulheres | | | | Homens | | Mulheres | | | | Homens | | Mulheres | | | Homens | | Mulheres | |
| Freguesias | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Alhadas | 18 | 23.4 | 8 | 44.4 | 10 | 55.6 | 30 | 39.0 | 14 | 46.6 | 16 | 53.4 | 23 | 30.0 | 12 | 52.1 | 11 | 47.9 | 6 | 7.6 | 1 | 16.7 | 5 | 83.3 | 77 | 35 | 45.5 | 42 | 54.5 |
| Arazede | 19 | 15.8 | 13 | 68.4 | 6 | 31.6 | 51 | 42.5 | 27 | 52.9 | 24 | 47.1 | 42 | 35.0 | 20 | 47.6 | 22 | 52.4 | 8 | 6.7 | 4 | 50.0 | 4 | 50.0 | 120 | 64 | 53.3 | 56 | 46.7 |
| Cadima | 17 | 12.3 | 9 | 52.9 | 8 | 47.1 | 59 | 42.8 | 37 | 62.7 | 22 | 37.3 | 55 | 40.0 | 26 | 47.3 | 29 | 52.7 | 7 | 5.0 | 4 | 57.1 | 3 | 42.9 | 138 | 76 | 55.1 | 62 | 44.9 |
| Cantanhede | 11 | 14.8 | 7 | 63.6 | 4 | 36.4 | 23 | 31.1 | 9 | 39.1 | 14 | 60.9 | 30 | 40.5 | 14 | 46.7 | 16 | 53.3 | 10 | 13.5 | 5 | 50.0 | 5 | 50.0 | 74 | 35 | 47.3 | 39 | 52.7 |
| Covões | 9 | 12.1 | 8 | 88.9 | 1 | 11.1 | 30 | 40.5 | 14 | 46.7 | 16 | 53.3 | 27 | 36.5 | 12 | 44.4 | 15 | 55.6 | 8 | 10.8 | 3 | 37.5 | 5 | 62.5 | 74 | 37 | 50.0 | 37 | 50.0 |
| Febres | 16 | 17.4 | 10 | 62.5 | 6 | 37.5 | 36 | 39.1 | 19 | 52.8 | 17 | 47.2 | 29 | 31.5 | 15 | 51.7 | 14 | 48.3 | 11 | 12.0 | 5 | 45.5 | 6 | 54.5 | 92 | 49 | 53.3 | 43 | 46.7 |
| Fer.-a-Nova | 15 | 18.7 | 10 | 66.7 | 5 | 33.3 | 33 | 41.3 | 16 | 48.5 | 17 | 51.5 | 22 | 27.5 | 12 | 54.5 | 10 | 45.5 | 10 | 12.5 | 5 | 50.0 | 5 | 50.0 | 80 | 43 | 53.7 | 37 | 46.3 |
| Liceia | 17 | 23.9 | 10 | 58.8 | 7 | 41.2 | 32 | 45.1 | 15 | 46.9 | 17 | 53.1 | 19 | 26.8 | 10 | 52.6 | 9 | 47.4 | 3 | 4.2 | 2 | 66.7 | 1 | 33.3 | 71 | 37 | 52.1 | 34 | 47.9 |
| Mira | 54 | 17.0 | 34 | 63.0 | 20 | 37.0 | 135 | 42.4 | 66 | 48.9 | 69 | 51.1 | 98 | 30.8 | 48 | 48.9 | 50 | 51.1 | 31 | 9.8 | 15 | 48.4 | 16 | 51.6 | 318 | 163 | 51.3 | 155 | 48.7 |
| Quiaios | 22 | 14.6 | 13 | 59.1 | 9 | 40.9 | 65 | 43.3 | 35 | 53.8 | 30 | 46.2 | 50 | 33.3 | 26 | 52.0 | 24 | 48.0 | 13 | 8.8 | 9 | 69.2 | 4 | 30.8 | 150 | 83 | 55.3 | 67 | 44.7 |
| Tocha | 23 | 14.5 | 17 | 73.9 | 6 | 26.1 | 68 | 42.7 | 37 | 54.4 | 31 | 45.5 | 49 | 30.9 | 28 | 57.1 | 21 | 42.9 | 19 | 11.9 | 8 | 42.1 | 11 | 57.9 | 159 | 90 | 56.6 | 69 | 43.4 |
| Total | 221 | 16.3 | 139 | 62.9 | 82 | 37.1 | 562 | 41.5 | 289 | 51.4 | 273 | 48.6 | 444 | 32.8 | 223 | 50.2 | 221 | 49.8 | 126 | 9.3 | 61 | 48.4 | 65 | 51.6 | 1353 | 712 | 52.6 | 641 | 47.4 |

Fonte: *Inquérito.*

QUADRO Nº 81 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR GRANDES GRUPOS ETÁRIOS, 1986.

| Grupos etários / Freguesias | 0-24 | | 25-59 | | 60 e mais | | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | |
| Alhadas | 32 | 41.5 | 38 | 49.3 | 7 | 9.2 | 77 |
| Arazede | 42 | 35.0 | 65 | 54.1 | 13 | 10.9 | 120 |
| Cadima | 40 | 28.9 | 80 | 57.9 | 18 | 13.2 | 138 |
| Cantanhede | 21 | 28.3 | 39 | 52.7 | 14 | 19.0 | 74 |
| Covões | 23 | 31.1 | 37 | 50.0 | 14 | 18.9 | 74 |
| Febres | 33 | 35.8 | 40 | 43.5 | 19 | 20.7 | 92 |
| F.-a-Nova | 29 | 36.3 | 39 | 48.7 | 12 | 15.0 | 80 |
| Liceia | 22 | 30.9 | 44 | 61.9 | 5 | 7.2 | 71 |
| Mira | 108 | 33.9 | 162 | 50.9 | 48 | 15.2 | 318 |
| Quiaios | 51 | 34.0 | 76 | 50.7 | 23 | 15.3 | 150 |
| Tocha | 55 | 34.6 | 79 | 49.7 | 25 | 15.7 | 159 |
| Total | 456 | 33.7 | 698 | 51.6 | 199 | 14.7 | 1353 |

Fonte: *Inquérito*.

Relembre-se que a evolução da taxa de natalidade tem apresentado valores cada vez mais baixos: no Continente, nos anos de 1981, 1982, 1983, 1984 e 1985, foi 15.2‰, 15.0‰, 13.3‰, 13.9‰ e 12.6‰, respectivamente; distrito, de 14.7‰, 14.2‰, 13.3‰, 12.8‰ e 11.4‰. Quanto aos *velhos* a população da *Gândara* parece evidenciar um menor envelhecimento, pois em Cantanhede, Figueira da Foz, Mira e Montemor-o-Velho cabia-lhe, respectivamente, 18.1%, 17.7% e 20.5%, portanto valores situados acima do apurado para a área (14.7%). No entanto, a análise do índice de envelhecimento e da relação de substituição (cfr. Quadro 46) tinha já revelado situações diversas no território em estudo. Da leitura da Fig. 87, conclui-se que, em grande parte daquele território, o grupo etário dos 0-24 anos abrange entre 30% e 40% da população, enquanto o mais numeroso se situa entre 25 e 59 anos. Todavia a sua distribuição espacial é menos uniforme que no caso anterior, já que, nas áreas abrangidas pelas freguesias de Tocha, Febres, Ferreira-a-Nova e Liceia, aquela classe representa menos de 50%.

O sector Norte gandarês, onde se inserem Febres, Cantanhede e Covões, apresenta a maior percentagem de *velhos*, mais de 18% — portanto acima do padrão geral (14.7%). Recorde-se que em 1981 o índice de envelhecimento na freguesia de Santo António dos Covões, o mais elevado da área (74.5), situava-se muito acima do distrito (55.6) e do do

Continente (55.4). Significa, pois que, nesta área, a população se encontra consideravelmente envelhecida.

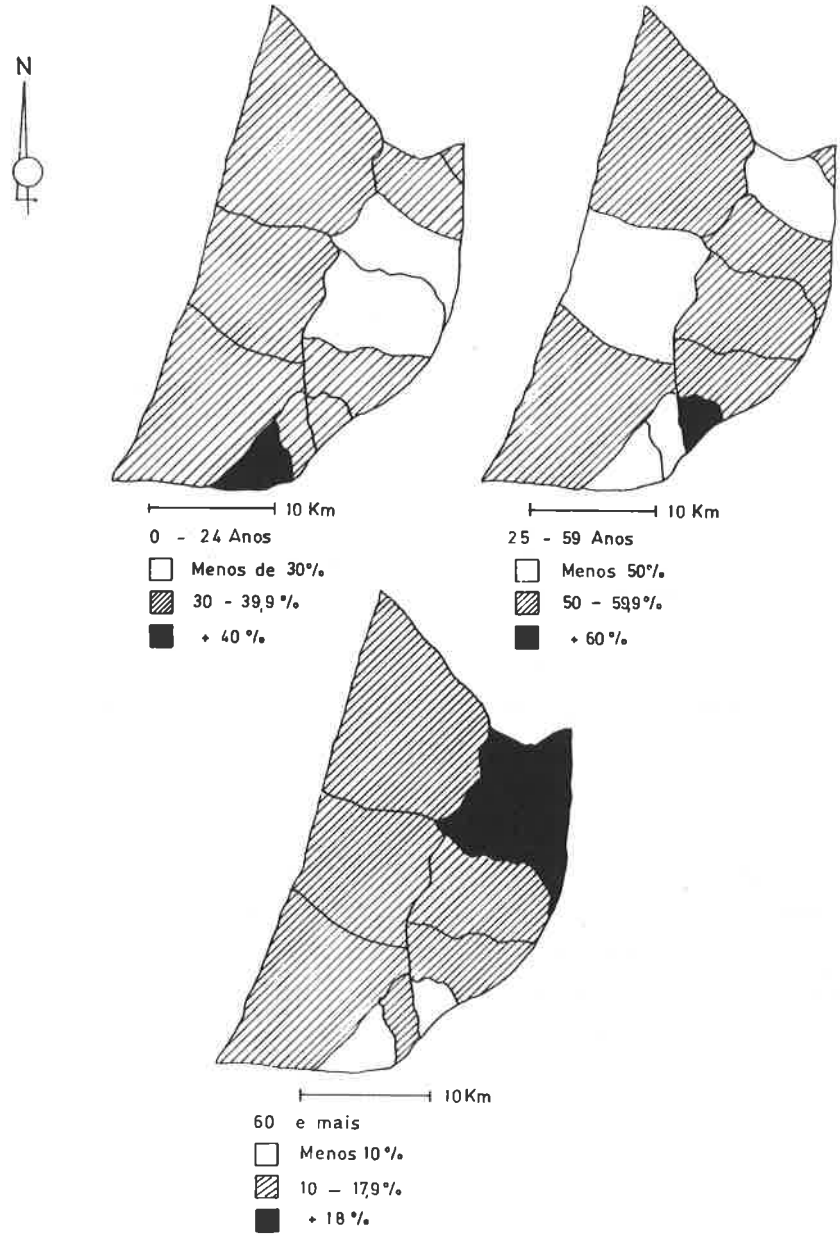



FIG.87 População por grandes grupos etários (1986)

FONTE: INQUÉRITO

Finalmente, uma referência à composição etária dos 385 inquiridos e que constituem os chefes dos agregados familiares. A média das idades situa-se próximo dos 50 anos (49.9), (Quadro 82). De salientar, no entanto, o valor observado na área inscrita na freguesia de Santo António de Covões, (55.2 anos), de acordo portanto com o maior envelhecimento já referido.

Em Cantanhede, a média de idades é também elevada,53 anos, enquanto em Arazede, Cadima e Febres é praticamente igual a 50 anos. Isto é, os valores encontrados evidenciam uma estrutura etária mais envelhecida no sector gandarês situado a Norte de Liceia e na área mais próxima da *Bairrada*. Pelo contrário, no litoral a média de idade dos inquiridos situa-se ligeiramente abaixo dos observados em todo o território.

QUADRO Nº 82- ESTRUTURA ETÁRIA DOS CHEFES DOS AGREGADOS FAMILIARES, 1986.

| Classes etárias | menos de 30 anos | 30-39 | 40-49 | 50-59 | 60 e mais | Total | Média de idades |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Alhadas | 1 | 5 | 7 | 5 | 2 | 20 | 45.8 |
| Arazede | - | 6 | 7 | 11 | 6 | 30 | 50.8 |
| Cadima | 2 | 6 | 9 | 11 | 11 | 39 | 50.0 |
| Cantanhede | 1 | 2 | 8 | 5 | 6 | 22 | 53.0 |
| Covões | - | 3 | 5 | 2 | 10 | 20 | 55.2 |
| Febres | - | 7 | 9 | 2 | 9 | 27 | 50.2 |
| F.-a-Nova | 1 | 6 | 4 | 6 | 6 | 23 | 49.6 |
| Liceia | - | 7 | 2 | 7 | 3 | 19 | 46.8 |
| Mira | 8 | 27 | 14 | 27 | 22 | 98 | 49.5 |
| Quiaios | 2 | 5 | 17 | 8 | 10 | 42 | 49.2 |
| Tocha | 2 | 7 | 16 | 9 | 11 | 45 | 48.6 |
| Gândara | 17 | 81 | 98 | 93 | 96 | 385 | 49.9 |

Fonte: *Inquérito*.

2.3 — Grau de Instrução

Os resultados mostram que o grau de instrução, além de variar com a idade e com o sexo, apresenta também algumas disparidades espaciais.

No conjunto do território, a população com idade superior a 14 anos evidencia um baixo índice de instrução (Quadro 83). Do total (1132), 32.5% não tem a 4 classe, 15.8% tem ou frequentou um curso médio, enquanto apenas 1.9 % possui um curso superior. De notar que, nas mulheres, o nível de alfabetização é bastante inferior ao dos homens: dos 191 analfabetos, 112 (58.6%) são mulheres; dos 178 indivíduos que não têm a 4ª classe, 132 (74.1%) são também do sexo feminino. Como se compreende, é a população mais jovem que apresenta um nível de escolaridade mais elevado, não obstante muitos deles não terem terminado a escolaridade obrigatória. A dificuldade de transportes e os problemas de carácter económico são as razões mais frequentemente invocadas para explicar o insucesso escolar que leva ao abandono dos estabelecimentos de ensino. De referir também o facto de alguns indivíduos, que possuem a 4ª. classe, a terem obtido em cursos de adultos, muitos dos quais se encontram agora encerrados. Dada a sua importância na alfabetização da população da área, será necessário que sejam reactivados.

O nível de instrução dos chefes dos agregados familiares não difere muito do observado no conjunto da população da amostra (Quadro 84). É de notar, no entanto, a diferente repartição espacial apresentada pelos diversos graus de instrução. No sector gandarês das freguesias de Cadima, Ferreira-a-Nova, Liceia e Quiaios a percentagem de analfabetos é bastante elevada, respectivamente 30.7%, 34.8%, 26.3% e 23.8%, atingindo nos dois primeiros casos, quase 50% dos inquiridos: Cadima 48.7% e Ferreira-a-Nova 47.9%.Os resultados mostram também que o sector Norte apresenta, ainda que elementar, um nível médio de instrução mais elevado. Em Mira, Covões, Febres e Cantanhede (cfr. Quadro 84) mais de 60% dos inquiridos tem a 4ª classe, respectivamente 61.2%, 65.0% 70.4% e 81.8% (Fig.88). Se compararmos os dados apurados com os encontrados por CARMINDA CAVACO (1985, pag. 367), em alguns concelhos situados próximos de Lisboa, e também com os computados por TERESA A. PEREIRA (1986, pags.140-141) na aldeia do Sobral de Abelheira, concelho de Mafra, conclui-se que não são muito díspares. São testemunhos que indiciam uma situação idêntica na população agrícola portuguesa. No primeiro caso, 20.0% dos agricultores a tempo parcial eram analfabetos, enquanto 27.4% apenas sabiam ler e esrever. Dos agricultores em exclusividade, 24.3% não possuiam instrução, enquanto 31.2% não tinha a 4ª. classe. No estudo sobre o Sobral da Abelheira, 40% dos chefes das explorações eram analfabetos, enquanto 7% não possuia a 4ª classe. Embora os valores apurados para a *Gândara* incluam indivíduos que não estão ligados à

agricultura, como se verá, 88.3% da população inquirida liga-se àquela actividade quer em exclusividade quer a tempo parcial. Os desvios não serão por isso, significativos.

QUADRO Nº 83- GRAU DE INSTRUÇÃO DA POPULAÇÃO DA GÂNDARA*

| Grau de Instrução | Total | % |
|---|---|---|
| Analfabetos | 191 | 16.8 |
| Têm menos da 4ª classe | 178 | 15.7 |
| 4ª classe | 621 | 54.8 |
| Curso médio | 121 | 10.8 |
| Curso superior | 21 | 1.9 |
| Total | 1132 | 100 |

* Considerou-se apenas a população com mais de 14 anos.

Fonte: *Inquérito*.

QUADRO Nº 84- GRAU DE INSTRUÇÃO DOS CHEFES DOS AGREGADOS FAMILIARES - GÂNDARA.

| Freguesias | Analfabetos | | menos que a 4ª cl. | | 4ª classe | | curso médio | | curso superior | | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | |
| Alhadas | 2 | 10.0 | 4 | 20.0 | 12 | 60.0 | 1 | 5.0 | 1 | 5.0 | 20 |
| Arazede | 4 | 13.3 | 8 | 26.7 | 14 | 46.7 | 3 | 10.0 | 1 | 3.3 | 30 |
| Cadima | 12 | 30.7 | 7 | 18.0 | 19 | 48.8 | 1 | 2.5 | - | - | 39 |
| Cantanhede | 3 | 13.7 | 1 | 4.5 | 18 | 81.8 | - | - | - | - | 20 |
| Covões | 2 | 10.0 | 5 | 25.0 | 13 | 65.0 | - | - | - | - | 20 |
| Febres | 2 | 7.4 | 3 | 11.1 | 19 | 70.4 | 3 | 11.1 | - | - | 27 |
| F.-a-Nova | 8 | 34.8 | 3 | 13.1 | 11 | 47.8 | 1 | 4.3 | - | - | 23 |
| Liceia | 5 | 26.3 | 1 | 5.3 | 11 | 57.9 | 2 | 10.5 | - | - | 19 |
| Mira | 14 | 14.3 | 14 | 14.3 | 60 | 61.2 | 9 | 9.2 | 1 | 1.0 | 98 |
| Quiaios | 10 | 23.8 | 5 | 11.9 | 23 | 54.7 | 2 | 4.8 | 2 | 4.8 | 42 |
| Tocha | 6 | 13.3 | 9 | 20.0 | 25 | 55.6 | 5 | 11.1 | - | - | 45 |
| Gândara | 68 | 17.7 | 60 | 15.6 | 225 | 58.4 | 27 | 7.0 | 5 | 1.3 | 385 |

Fonte: *Inquérito*.

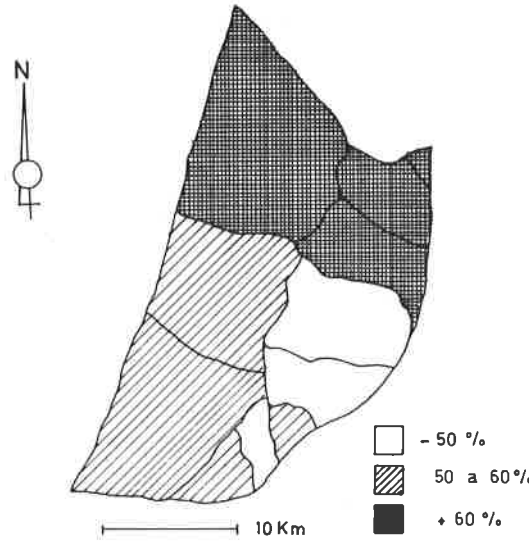



FIG.88-Distribuição da população com o mínimo da 4ª classe, (1986)

FONTE : INQUÉRITO

## 4 — ORIGEM DOS RENDIMENTOS DOS CHEFES DOS AGREGADOS FAMILIARES

A estrutura das respostas relativas à origem dos rendimentos revela que 88.3% (340) tinham rendimentos provenientes da exploração agrícola (Quadro 85), enquanto 11.7% afirma não ter qualquer ligação com aquela actividade. Apenas 14.1% (54) dos agregados vivem exclusivamente da agricultura, enquanto 16.6% (64) associa à exploração a reforma. Nos 385 inquiridos 57.6% (222) afirmou ter outro rendimento, além da actividade agrícola, o que expressa bem a importância do emprego exterior à exploração. Desses 385 indivíduos que constituem os chefes dos agregados familiares, 33.2% têm na agricultura a actividade dominante enquanto 38.4%, a exerce como actividade secundária. Como se verá, a criação de gado leiteiro é uma importante fonte de rendimento. O sector pecuário é aliás responsável, em grande medida, pela melhoria operada nas condições de vida da população, a partir de meados da última década. É em redor deste sector que gravita uma grande parte da economia da *Gândara*.

No universo analizado, 68.1% (262) fazem criação de gado bovino, frequentemente associado a gado de trabalho, enquanto 60.8% (182) possuem gado leiteiro. De notar também o peso das pensões de reforma, 16.6% (cfr. Quadro 85), valor que exprime a sua importância social, além de significar uma estrutura demográfica envelhecida e pouco dinâmica.

QUADRO Nº 85 - RENDIMENTOS DOS CHEFES DOS AGREGADOS FAMILARES - *GÂNDARA*

| Fontes de rendimento | | Total | % |
|---|---|---|---|
| Exploração agrícola com ou sem gado leiteiro | exclusivamente | 54 | 14.1 |
| | mais reforma | 64 | 16.6 |
| | e outras actividades | 222 | 57.6 |
| | Total | 340 | 88.3 |
| sem lig. à agric. | Total | 45 | 11.7 |
| Total | | 385 | 100.0 |

Fonte: *Inquérito*.

Tendo em consideração a origem dos rendimentos e dada a importância que a agricultura adquire na economia gandaresa, julgou-se oportuno cotejar os resultados obtidos com os apurados no *Recenseamento Agrícola de 1979* . Nesta fonte apenas se consideram as explorações cuja mão-de-obra utilizada assenta exclusivamente ou na maior parte do agregado familiar, pois esta é também a situação verificada praticamente em todas as explorações inquiridas.

No concelho de Cantanhede os agregados que viviam exclusivamente da agricultura representavam, em 1979, 22% (Quadro 86), enquanto no concelho de Mira representavam 18.5%; tanto um como outro são valores que se situam acima dos apurados para a *Gândara* em 1986, 14.1%. Para além de no primeiro caso a importância da área vinícola poder justificar, em parte, o desvio observado, julgamos que se trata, e principalmente, da diminuição progressiva da agricultura praticada em regime de exclusividade. Muito embora a comparação deva conter algumas reservas pela diversidade de critérios utilizados, a importância da terra como única fonte de rendimento, tem vindo progressivamente a subvalorizar-se em favor da pluriactividade.

Particular significado assumem os resultados encontrados em alguns sectores do território. Na freguesia de Santo António dos Covões, o *Inquérito* mostra que 30% dos agregados vivem exclusivamente da agricultura (Quadro 87), o valor mais elevado da área em estudo. Com o facto se deverá correlacionar o maior peso do sector primário nesta área e o maior índice de envelhecimento da população. Também segundo o *R.A.C.* (Quadro 88), aquela freguesia apresenta o quantitativo mais elevado: em 30% dos agregados, todo o trabalho da exploração era executado por familiares e, em 14.2%, era-o, na maior parte. Portanto cerca de 44% vivia exclusivamente da agricultura.

O maior desfazamento observa-se em relação à freguesia da Tocha. Em 1979, 40.4% viviam exclusivamente da terra, enquanto, segundo os resultados a que chegámos, apenas o fazem 6.7%. Ainda que a amostra possa conter algumas deficiências o

QUADRO Nº 86 - EXPLORAÇÕES SEGUNDO O TIPO DE MÃO DE OBRA UTILIZADA E FONTE DE RENDIMENTO DO AGREGADO DOMÉSTICO PRODUTOR, CONCELHOS, 1979.

| Concelhos | Explorações agrícolas em que | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Todo o trab. é feito pelo ag. familiar - Receitas do agregado | | | | | | Maior parte do trab. feito pelo ag. familiar - receitas do agregado - | | | | | | | |
| | Exclusiv. expl. terra | | 50% da expl. | | 50% | | Exclusiv. expl. terra | | 50% da exp. | | 50% da exp. | | Total | % |
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| Cantanhede | 1315 | 15.5 | 1539 | 18.1 | 3078 | 36.3 | 551 | 6.5 | 732 | 8.7 | 1259 | 14.9 | 8474* | 100 |
| Fig. da Foz | 1260 | 16.9 | 1131 | 15.2 | 2619 | 35.1 | 438 | 5.9 | 653 | 8.7 | 1363 | 18.2 | 7464** | 100 |
| Mira | 400 | 13.5 | 542 | 18.3 | 1267 | 42.8 | 148 | 5.0 | 196 | 6.6 | 404 | 13.8 | 2957*** | 100 |
| Mont-o-Vel. | 844 | 14.4 | 569 | 9.7 | 2495 | 42.5 | 495 | 8.4 | 328 | 5.6 | 1139 | 19.4 | 5870**** | 100 |

* Total 8995.
** " 7713
*** " 2979
**** " 6048

Fonte: *Recenseamento Agrícola do Continente*, I.N.E., Lisboa, 1979.

QUADRO Nº 87 - RENDIMENTO DOS CHEFES DOS AGREGADOS FAMILIARES - POR FREGUESIA, 1986.

| Freguesias | Exploração agrícola com ou sem gado leiteiro | | | | | | Sem agricultura nem criação de gado | | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Exclusivamente | | mais reforma | | e outras actividades | | | | | |
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| Alhadas | 4 | 20.0 | 5 | 25.0 | 8 | 40.0 | 3 | 15.0 | 20 | 100 |
| Arazede | 1 | 3.3 | 4 | 13.3 | 23 | 76.7 | 2 | 6.7 | 30 | 100 |
| Cadima | 7 | 18.0 | 5 | 12.8 | 23 | 58.9 | 4 | 10.3 | 39 | 100 |
| Cantanhede | 2 | 9.1 | 5 | 22.7 | 11 | 50.0 | 4 | 18.2 | 22 | 100 |
| Covões | 6 | 30.0 | 5 | 25.0 | 8 | 40.0 | 1 | 5.0 | 20 | 100 |
| Febres | 4 | 14.8 | 6 | 22.2 | 15 | 55.6 | 2 | 7.4 | 27 | 100 |
| Fer-a-Nova | 3 | 13.0 | 7 | 30.5 | 13 | 56.5 | - | - | 23 | 100 |
| Liceia | 3 | 15.8 | 3 | 15.8 | 12 | 63.2 | 1 | 5.2 | 19 | 100 |
| Mira | 15 | 15.3 | 14 | 14.3 | 51 | 52.0 | 18 | 18.4 | 98 | 100 |
| Tocha | 3 | 6.7 | 4 | 8.9 | 33 | 73.3 | 5 | 11.1 | 45 | 100 |
| Quaios | 6 | 14.3 | 6 | 14.3 | 25 | 59.5 | 5 | 11.9 | 42 | 100 |
| Gandara | 54 | 14.1 | 64 | 16.6 | 222 | 57.6 | 45 | 11.7 | 385 | 100 |

Fonte: *Inquérito*.

valor apurado em 1986, exprime a perda progressiva da importância da exploração agrícola, como única fonte de rendimento, em favor de outras actividades ligadas ao comércio e serviços.

QUADRO Nº 88 - EXPLORAÇÕES SEGUNDO O TIPO DE MÃO DE OBRA UTILIZADA E FONTE DE RENDIMENTO DO AGREGADO DOMÉSTICO PRODUTOR - FREGUESIAS*, 1961.

| Freguesias | Explorações agrícolas em que | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | todo o trab. é feito pelo agreg. familiar - receitas do agregado. | | | | | | maior parte do trabalho feito pelo agreg. familiar | | | | | | Total explorações | % |
| | Exclusiv. expl. da terra | | +50% da expl: | | -50% da expl. | | Exclusiv. expl. da terra | | +50% da expl. | | -50% da expl. | | | |
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| Alhadas | 243 | 22.7 | 220 | 20.6 | 405 | 37.9 | 29 | 2.7 | 92 | 8.6 | 79 | 7.5 | 1068 | 100 |
| Arazede | 321 | 18.5 | 191 | 11.0 | 781 | 45.1 | 127 | 7.4 | 79 | 4.6 | 233 | 13.4 | 1732 | 100 |
| Cadima | 160 | 10.8 | 424 | 28.5 | 634 | 42.6 | 64 | 4.3 | 103 | 6.9 | 103 | 6.9 | 1488 | 100 |
| Cantanhede | 47 | 4.9 | 144 | 15.0 | 399 | 41.4 | 31 | 3.2 | 102 | 10.6 | 241 | 25.0 | 964 | 100 |
| Covões | 251 | 30.0 | 129 | 15.4 | 161 | 19.2 | 119 | 14.2 | 64 | 7.6 | 113 | 13.4 | 837 | 100 |
| Febres | 84 | 7.5 | 213 | 19.1 | 458 | 41.0 | 44 | 4.0 | 126 | 11.3 | 192 | 17.1 | 1117 | 100 |
| Fer.-a-Nova | 149 | 22.1 | 53 | 7.8 | 336 | 49.9 | 22 | 3.2 | 9 | 1.3 | 105 | 15.7 | 674 | 100 |
| Liceia | 69 | 17.7 | 35 | 9.0 | 145 | 37.4 | 41 | 10.6 | 30 | 7.7 | 68 | 17.6 | 388 | 100 |
| Mira | 400 | 13.5 | 542 | 18.3 | 1267 | 42.8 | 148 | 5.0 | 196 | 6.6 | 404 | 13.8 | 2957 | 100 |
| Tocha | 471 | 37.5 | 268 | 21.3 | 387 | 30.8 | 36 | 2.9 | 34 | 2.8 | 61 | 4.7 | 1257 | 100 |
| Quiaios | 336 | 26.0 | 277 | 21.4 | 353 | 27.2 | 84 | 6.5 | 61 | 4.7 | 183 | 14.2 | 1294 | 100 |

* dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística.

Fonte: *Recenseamento Agrícola do Continente*, I N.E., 1979

Na freguesia de Cantanhede situa-se, segundo o *R.A.C*, o menor quantitativo de população activa ligada ao sector agrícola, 8.1%. Este valor é um pouco inferior ao que encontrámos em 1986, 9.1% (cfr. Quadros 88 e 89). Há, no entanto, a salientar que as informações referentes a 1979 englobam toda a freguesia, logo o centro urbano de Cantanhede, enquanto no *Inquérito* este núcleo não é considerado. Daqui decorre que, também nesta área, deverá ter havido, embora de menor significado, uma quebra nos quantitativos de população a viver exclusivamente da exploração agrícola. Pensamos aliás que, através da leitura dos Quadros 88 e 89, essa é a principal conclusão a tirar.

QUADRO Nº 89 – POPULAÇÃO NA GÂNDARA POR SECTORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICA.

| Sectores de actividade | Total | % |
|---|---|---|
| Primário | 143 | 37.1 |
| Secundário | 71 | 18.4 |
| Terciário | 117 | 30.2 |
| Inactivos* | 54 | 14.3 |
| Total | 385 | 100 |

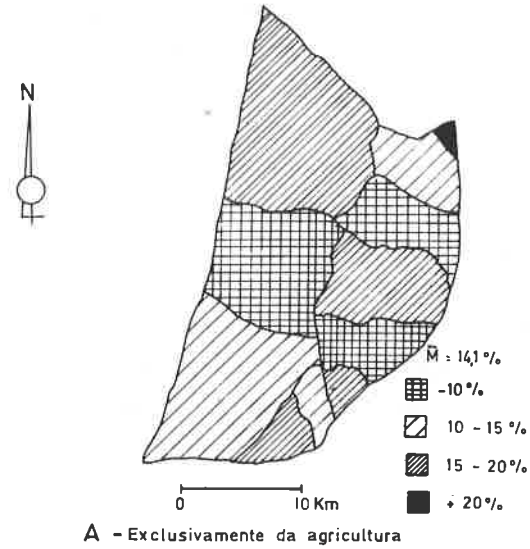
* Inclui-se um desempregado.

Fonte: *Inquérito*.

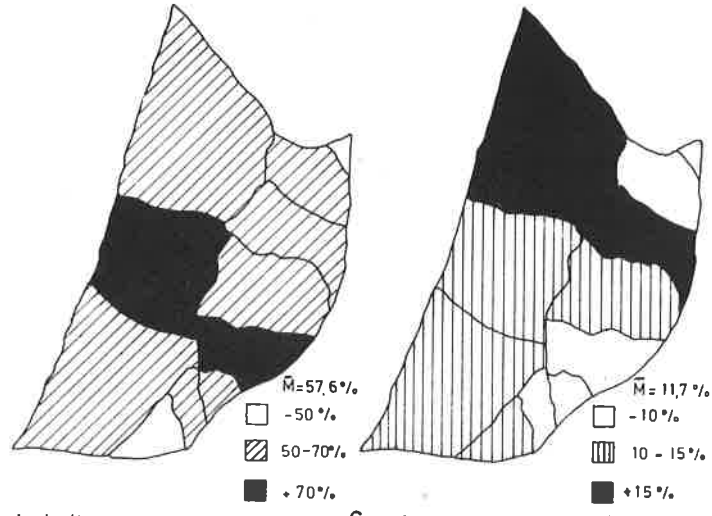
Além disso, verificam-se algumas disparidades relativamente à origem dos rendimentos, que deixam transparecer situações, como a maior ou menor importância do sector primário, a maior acessibilidade aos principais centros de emprego, quer da *Gândara* quer da sua periferia. Da leitura da Fig.89, conclui-se que, apenas no sector inserido na freguesia de Covões, mais de 20% da população vive exclusivamente da agricultura. No conjunto formado por Mira, Cadima, Liceia e Alhadas, o total de população, cuja fonte de rendimento é apenas a exploração agrícola, situa-se entre 15% e 20% . Em Febres, Quiaios e Ferreira-a-Nova, a importância é menor, entre 10% e 15%. Por sua vez, os valores mais baixos observam-se em Cantanhede e Tocha: menos de 10%.

É na freguesia da Tocha que se verifica a maior percentagem de população (73.3%) que aufere rendimentos vindos da agricultura e outras actividades. O facto deve estar de acordo com o elevado quantitativo de agregados a viverem, em 1979, apenas da agricultura. No restante território, a fonte de rendimentos vem maioritariamente da agricultura e outras actividades (50%-70%). Menor expressão tem o número de agregados, sem qualquer ligação

a actividade agrícola (Fig. 89-C). As áreas de Mira e Cantanhede são, como se compreende, os sectores do território, onde aquele valor tem maior significado. No primeiro caso, o facto prende-se com os núcleos de Mira e Portomar: centros, com maior equipamento em comércio e serviços, daí decorre uma diferenciação funcional mais acentuada. Quanto à freguesia de Cantanhede, embora a sede concelhia não se situe na *Gândara*, a atracção exercida faz-se sentir nas populações periféricas onde a acessibilidade é maior.




A - Exclusivamente da agricultura




B - Agricultura e outras actividades

C - Sem agricultura nem criação de gado

FIG. 89 - Origem dos rendimentos dos agregados familiares

FONTE: INQUÉRITO

Na realidade, a área inscrita nesta freguesia é atravessada pela estrada nacional que liga Mira a Cantanhede e também pela via que liga Tocha àquele núcleo urbano, o que, como é evidente, facilita a penetração da influência de Cantanhede como centro de emprego.

Em posição intermédia situam-se as freguesias de Tocha, Quiaios, Alhadas e Cadima, respectivamente com 11.1%, 11.9%, 15.0%, e 10.3%. Covões, Febres e Arazede são as áreas onde a percentagem de população que não aufere qualquer rendimento da agricultura, está muito aquém dos outros sectores gandareses, respectivamente 5.0%, 7.4% e 5.2%. Note-se a ausência, em Ferreira-a-Nova, de agregados, cujos rendimentos provenham exclusivamente de actividades não agrícolas. (cfr. Quadro 87).

Sintetizando, conclui-se que a agricultura constitui na *Gândara* uma significativa fonte de rendimento dos agregados familiares. A comparação com o *R.A.C.* indica uma quebra da sua importância, como actividade a tempo inteiro, embora continue a constituir uma componente importante da economia local.

Exercída a tempo parcial, absorve uma grande parte da população activa gandaresa. Segundo o *Inquérito* , apenas 11.7% do total da amostra não usufrui qualquer rendimento proveniente da exploração agrícola. Contudo aquele valor atinge uma expressão maior nas áreas de Mira e Cantanhede, devido á componente urbana que caracteriza estes dois centros.

Aliás a análise da actividade económica dos inquiridos revela bem as diferenciações já observadas.

## CAPÍTULO II — **POPULAÇÃO E ACTIVIDADE ECONÓMICA**

### 1 — CARACTERIZAÇÃO GERAL

No total de indivíduos de que se obteve informação (1353), a taxa de actividade apurada foi de 45.9%. Este valor é relativamente próximo dos observados no *Recenseamento de 1981* para os concelhos de Cantanhede (46.2%) e Mira (47.2%) e superior ao valor do concelho da Figueira da Foz (38.3%), de Montemor-o-Velho (38.4%), do distrito de Coimbra (37.6%) e do Continente (42.6%)

Deve, no entanto, reflectir-se sobre a taxa de actividade encontrada para a população da *Gândara*. Não foram consideradas como activas as mulheres que indicam a profissão de domésticas. No entanto, a sua participação na agricultura é, como se verá, decisiva na economia do agregado. Significa, pois, que aquela taxa exclui um quantitativo considerável de mão-de-obra agrícola, que tem no sexo feminino o principal suporte.

Considerando a actividade principal dos chefes dos agregados familiares, o sector primário engloba 37.1% dos inquiridos, valor situado abaixo dos observados pelo *Recenseamento da população* em 1981, para os concelhos de Cantanhede (54.7%), Mira (57.6%) e Montemor-o-velho (38.3%). Pelo contrário, situa-se acima dos concelhos de Figueira de Foz (22.4%), do distrito de Coimbra (24.6%) e do Continente (19.3%).

Em relação ao sector terciário os valores apurados indicam a progressiva terciarização da população activa, à semelhança do sucedido na generalidade do território nacional (cfr. C. CAVACO, 1985, pags.326 e 327). Na *Gândara*, em 1986, o número de indivíduos ligados àquele sector correspondia a 30.2%, enquanto em 1981 o concelho de Cantanhede apresentava 22.1% e Mira 24.0%. Ora, dado que se trata das áreas em que se insere a maior parte do território em análise,da comparação dos referidos valores, parece poder concluir-se que, de facto, também aqui se tem vindo a operar uma progressiva terciarização na população activa.

Fraca expressão tem o sector secundário, já que apenas absorve 18.4% da mão-de-obra activa. Este valor é igual ao do concelho de Mira no ano de 1981, um pouco

abaixo do observado em Cantanhede (23.2%) e mais afastado ainda do concelho de Figueira da Foz (44.4%), do concelho de Montemor-o-Velho (39.4%), do distrito de Coimbra (38.1%) e também do do Continente (41.8%). Aliás, a indústria tem uma reduzida participação na economia de todo o território em estudo, o que marca ainda mais a ruralidade de toda a área. Exceptuados uma fábrica de conservas próxima da Praia de Mira e o centro de tratamento e transformação de leite na Tocha (Lacticoop), as escassas unidades fabris resumem-se apenas a alguns fornos de cal, recentemente reactivados e situados próximo de afloramentos Jurássicos, a algumas serrações e a pequenas unidades, onde se fabricam blocos para a construção civil, que não ultrapassam frequentemente a dimensão familiar.

## 2 — A ESTRUTURA DA POPULAÇÃO ACTIVA

A partir da profissão principal e da profissão secundária pretendeu-se definir a estrutura da população activa gandaresa.

As principais conclusões a tirar dos resultados do *Inquérito* são, em primeiro lugar, a importância da pluriactividade, onde a agricultura assume papel dominante, quer como actividade principal, quer como actividade secundária; em segundo lugar, não obstante não ser considerada população activa, a expressão assumida pelo número de reformados; por último, a fraca percentagem de população não ligada ao sector agrícola,como de resto já o indicava a origem dos rendimentos familiares.

Do Quadro 90 conclui-se que, dos 343 indivíduos que não recebem reforma, 37.3% são *agricultores*, enquanto 18.4% se ligam à construção civil, predominantemente *pedreiros* e *carpinteiros* (cfr. Quadro LXXI([1]). Um significado também importante apresenta o grupo profissional formado pelos *comerciantes* e *empregados de comércio*, pois representam 11.9% do total. Serviços públicos e actividades similares constituem também um grupo significativo, 10.2%, enquanto o emprego ligado aos diversos meios de transporte absorve 4.7% da população com actividade económica. O conjunto formado por *militares* e *paramilitares* (2.9%) adquire alguma expressão à custa, em grande parte, de guardas-florestais, cuja actividade se liga à mancha florestal nacional existente na área.

---

[1] — Na elaboração do Quadro LXXI, deparámos com algumas dificuldades de classificação. A principal reside na circunstância de frequentemente inquirirmos indivíduos que usufruem de reforma, mas que continuam a trabalhar, quer na agricultura, quer noutras actividades. Não raras vezes nos afirmaram que a reforma era a sua profissão. Como é evidente, trata-se de população não-activa, todavia, porque a reforma tem uma importância social notável optámos por registá-la.

QUADRO Nº 90 - PROFISSÃO PRINCIPAL DO INQUIRIDO - GANDARA*.

| Tipos de actividade | Total | % |
|---|---|---|
| Agricultura | 128 | 37.3 |
| Construção civil (carpinteiros, pedreiros, etc.) | 63 | 18.4 |
| Comerciantes e empregados do comércio | 41 | 11.9 |
| Motoristas, taxistas e empregados em meios de transporte | 16 | 4.7 |
| Func. Públ., Municipais, bancários e emp. de Escrit. emp. de coop. | 35 | 10.2 |
| Militares e para-militares | 10 | 2.9 |
| Outros | 50 | 14.6 |
| Total | 343 | 100 |

* Não foram considerados os 42 indivíduos reformados.
Fonte: *Inquérito*.

Convém, no entanto, traçar algumas diferenciações relativamente à distribuição espacial de alguns grupos profissionais (Quadro 91). A Fig. 90 mostra a importância do sector agrícola em todas as áreas da *Gândara* : Covões, Febres,Cadima, Ferreira-a-Nova e Alhadas, evidenciam um maior significado daquela actividade; as áreas inseridas nas freguesias de Mira, Cantanhede e Tocha apresentam menor dependência desse ramo, devido aos núcleos urbanos aí localizados; Arazede e Liceia, são actualmente importantes áreas fornecedoras de mão-de-obra para os trabalhos do Plano de Rega do Baixo Mondego, situados em grande parte no concelho de Montemor-o-Velho; quanto à freguesia de Quiaios, de lá se deslocam para a Figueira da Foz alguns dos inquiridos, que trabalham principalmente na construção civil e no porto daquela cidade.

Importante, como se referiu, o grupo formado pelos *comerciantes* (Fig. 90 B). Como se verá, são na sua grande maioria ex-emigrantes. Há também que chamar a atenção para as assimetrias verificadas em relação à sua distribuição. Assim, é de realçar o sector Norte, onde aquele constitui praticamente mais de 15% da população inquirida. De notar a importância dos comerciantes na área de Febres e ainda o facto de todos se ligarem ao comércio do ouro. O território das freguesias de Arazede, Liceia, Ferreira-a-Nova e Alhadas merece também registo, já que a ocorrência de população ligada ao comércio é menor. Como se verá, trata-se de algumas das áreas, onde a emigração apresentou menor incidência.

QUADRO Nº 91 - PROFISSÃO PRINCIPAL DO INQUIRIDO POR FREGUESIA.

| Freguesias / Tipos de activid. | Alhadas | | Arazede | | Cadima | | Cantanhede | | Covões | | Febres | | F.-a-Nova | | Liceia | | Mira | | Quiaios | | Tocha | | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Tot. | % | Tot. | % | Tot. | % | Tot. | % | Tot. | % | Tot. | % | Tot. | % | Tot. | % | Tot. | % | Tot. | % | Tot. | % | | |
| Agricultura | 8 | 44.4 | 9 | 33.3 | 15 | 42.9 | 7 | 36.7 | 14 | 77.9 | 10 | 41.7 | 9 | 45.0 | 7 | 36.8 | 28 | 31.0 | 14 | 40.0 | 7 | 18.4 | 128 | 37.3 |
| Construção Civil e Obras públicas(carpinteiros,pedreiros, etc.) | 2 | 11.1 | 6 | 22.2 | 4 | 11.4 | 4 | 21.1 | 1 | 5.5 | 2 | 8.3 | 5 | 25.0 | 7 | 36.8 | 17 | 18.9 | 9 | 25.7 | 6 | 15.8 | 63 | 18.4 |
| Comerciantes e emp. de comércio | 1 | 5.6 | 2 | 7.4 | 4 | 11.4 | 3 | 15.8 | 2 | 11.1 | 4 | 16.6 | 1 | 5.0 | 1 | 5.3 | 14 | 15.6 | 5 | 14.3 | 4 | 10.5 | 41 | 11.9 |
| Motoristas,taxistas e outros meios de transportes | 2 | 11.1 | 3 | 11.1 | 2 | 5.7 | - | - | 1 | 5.5 | - | - | 2 | 10.0 | - | - | 1 | 1.1 | 2 | 5.7 | 3 | 7.9 | 16 | 4.7 |
| Func. Públicos,municipais,bancários e emp. de escrit., func.de Cooperativas. | 2 | 11.1 | 2 | 7.4 | 3 | 8.6 | 1 | 5.3 | - | - | 2 | 8.3 | 1 | 5.0 | 1 | 5.3 | 11 | 12.3 | 2 | 5.7 | 10 | 26.3 | 35 | 10.2 |
| Militares e para-militares | - | - | 1 | 3.7 | - | - | - | - | - | - | 1 | 4.2 | 1 | 5.0 | - | - | 1 | 1.1 | 1 | 2.9 | 5 | 13.2 | 10 | 2.9 |
| Outros | 3 | 16.7 | 4 | 14.9 | 7 | 20.0 | 4 | 21.1 | - | - | 5 | 20.9 | 1 | 5.0 | 3 | 15.8 | 18 | 20.0 | 2 | 5.7 | 3 | 7.9 | 50 | 14.6 |
| Total | 18 | 100 | 27 | 100 | 35 | 100 | 19 | 100 | 18 | 100 | 24 | 100 | 20 | 100 | 19 | 100 | 90 | 100 | 35 | 100 | 38 | 100 | 343 | 100 |

Fonte: *Inquérito.*

Quanto à distribuição espacial das profissões englobadas no grupo dos *funcionários públicos*, *funcionários municipais*, *bancários* e *empregados de escritório* e *cooperativas*, ela revela, obviamente, a maior diferenciação funcional de alguns núcleos (Fig. 90 C). De salientar a importância deste grupo na área de Tocha 26.3%, à custa de funcionários da Lacticoop, dos Serviços Florestais e do Hospital Rovisco Pais (cfr. Quadro LXXI), pois embora parcialmente desactivado emprega alguns funcionários([1]); os 12.3% observados em Mira que se relacionam em grande parte com o facto de aí se situar a sede concelhia; a baixa percentagem observada em Cantanhede, onde provavelmente a amostra conterá algumas deficiências; o valor que ocorre na área da freguesia de Alhadas que, em termos percentuais nos parece elevado; finalmente a quase ausência daquele grupo profissional no restante território em estudo.

Da análise da profissão secundária (Quadro 92) conclui-se ser a agricultura a actividade que maior número de indivíduos absorve, 43.1% da população activa. Seguem-se, com expressão bastante mais reduzida, o comércio e a construção civil.

QUADRO Nº 92 - PROFISSÃO SECUNDÁRIA DOS INQUIRIDOS (GÂNDARA)*

| Profissões | Total |
|---|---|
| Agricultor | 148 |
| Construtor Civil | 3 |
| Comerciante | 4 |
| Cesteiro | 1 |
| Doméstica | 3 |
| Electricista | 1 |
| Emp. de Pesca (Av.) | 1 |
| Marítimo | 1 |
| Madeireiro | 1 |
| Negociante | 1 |
| Pedreiro | 4 |
| Pescador | 1 |
| Vendedor de fruta | 1 |
| Total | 170 |

* Dez inquiridos são reformados, embora tenham declarado ter uma profissão principal. Não se consideraram neste total.

Fonte: *Inquérito*.

1 — Actualmente apenas uma parte das instalações do Hospital Rovisco Pais continua ligada ao tratamento da doença de Hansen. Na antiga creche e preventório funciona, desde 1980, a Escola Preparatória e Secundária da Tocha, propriedade do Ministério da Educação e Cultura.

Noutra área do antigo hospital, está instalado um serviço médico-veterinário desde 1982. A sua entrada em funcionamento deveu-se à crise de peripneumonia que se difundiu por toda a *Gândara*, mantendo-se ainda em actividade. Por último, refira-se que, em Maio de 1986, um outro sector foi cedido por um período de 50 anos à Associação de Pais e Amigos das Crianças Deficientes Mentais, que pretende fazer a sua exploração turística.

Em síntese, a análise da estrutura da população activa evidencia também, em primeiro lugar, a importância do sector agrícola, quer como profissão principal, quer como profissão secundária, em segundo lugar, a importância da construção civil; e por último, a expressão que o comércio e serviços adquire nalgumas áreas do território da *Gândara* .

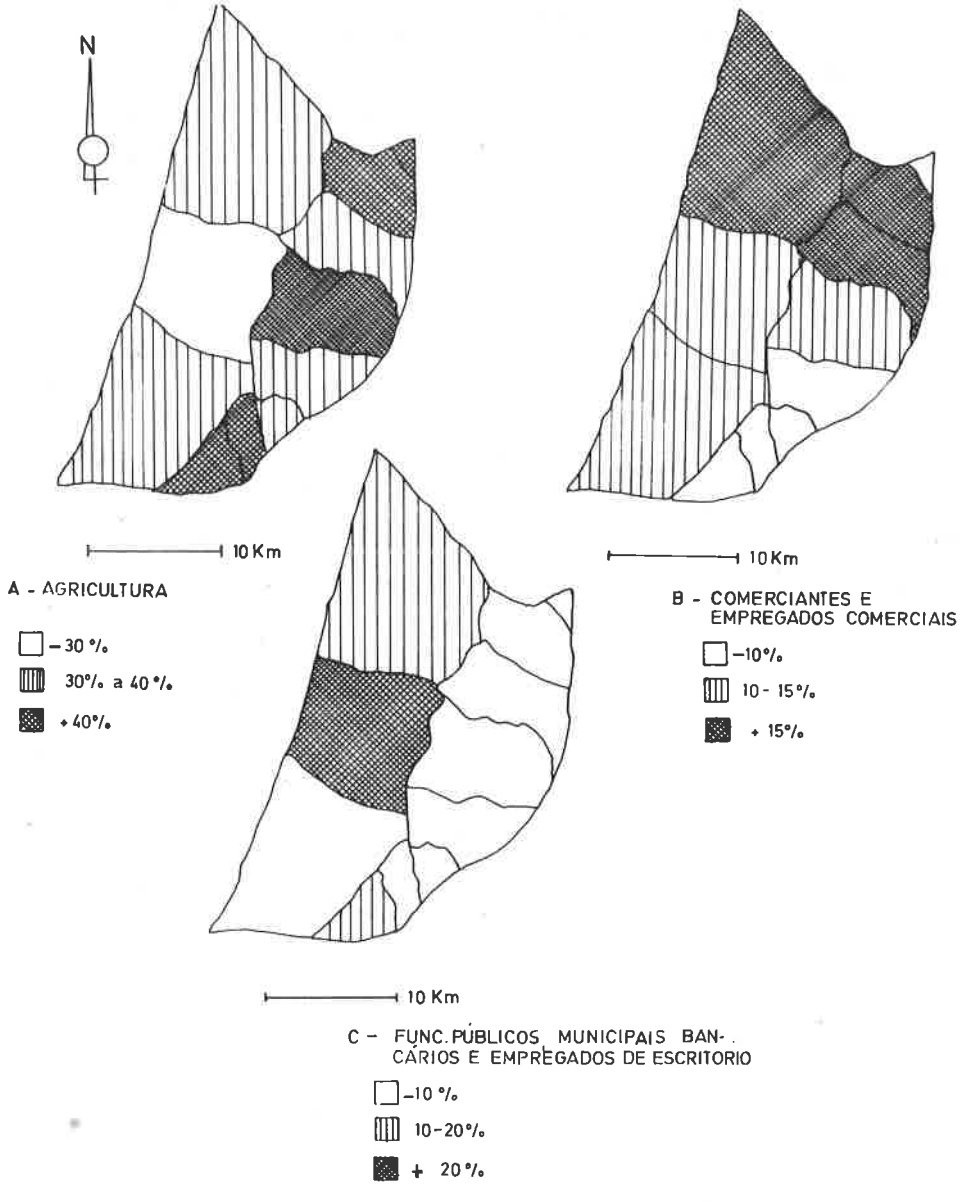



FIG. 90 - Profissão principal do inquirido por freguesias

# CAPÍTULO III — A MOBILIDADE GEOGRÁFICA DA POPULAÇÃO

## 1 — INTRODUÇÃO

A *Gândara* foi, como se viu, durante largas dezenas de anos, o local de partida de centenas de trabalhadores que sazonalmente se dirigiam para os campos do Alentejo e Ribatejo. A partir dos anos cinquenta, a introdução de maquinaria e monda química, nomeadamente na cultura do arroz, vem dispensar uma grande parte daquela mão-de-obra. Daí uma diminuição significativa de importância naquelas migrações.

A corrente emigratória com destino à Europa, iniciada no final da década de cinquenta, irá absorver até ao início dos anos setenta, além de parte dos indivíduos que se deslocavam para o Sul do país, um quantitativo cada vez maior de população.

Um movimento de retorno começou entretanto a delinear-se. Atingindo o máximo no início dos anos 80, parece agora sofrer também uma desaceleração.

## 2 — MOBILIDADE INTERNA

### 2.1 — A Naturalidade e a Residência

Área de características marcadamente rurais, a mobilidade que actualmente se processa liga-se em muitos casos com o casamento.

Pela leitura do Quadro 93, conclui-se que 43.8% da população inquirida viveu sempre no local onde reside, 12.5% na mesma freguesia e 3.3% no mesmo concelho. Isto é, 56.3% nunca ultrapassou, em termos de residência, as fronteiras da freguesia, 59.6% nunca abandonaram o concelho. Apenas 5 inquiridos (1.3%)residiram noutro concelho, onde se inscreve a *Gândara*, enquanto 1 tinha residido noutras áreas do distrito de Coimbra, e 12 (3.3%) são naturais de outros distritos.

O cotejo destes valores com os obtidos a partir do *Recenseamento da População de 1981* (cfr. Quadro 55) sugere que uma menor percentagem de população natural da *Gândara*

não terá abandonado o local onde nasceu. Este facto demonstra quanto a nós, duas coisas: a primeira é que este território se apresenta muito menos atractivo do que os concelhos onde se insere, a segunda, decorrente daquela, mostra que as mudanças operadas se relacionam quase em exclusividade com a emigração — mais uma razão a testemunhar que a *Gândara* apresenta, no conjunto do Centro do Litoral, um carácter periférico.

No domínio da mobilidade interna, as razões de deslocação estão, como já se referiu, em grande parte relacionadas com o casamento: nos inquiridos cuja área de movimentação não ultrapassa os limites da freguesia, 100% fê-lo devido ao matrimónio; naqueles cuja deslocação se fez inter-concelhos gandareses, 9, num total de 17, invocaram a mesma razão. Pelo contrário, os 13 inquiridos que já tinham residido noutras áreas deslocaram-se por motivos profissionais.

Demonstra , mais uma vez, o significado da emigração na área, o facto de 32.5% (cfr. Quadro 93) terem já residido no estrangeiro e de 2.9% viverem actualmente fora do país. Só a circunstância de terem vindo passar a Portugal o período de Natal permitiu terem sido entrevistados.

Há no entanto a notar a ocorrência de algumas disparidades espaciais em relação à maior ou menor importância da forma de mobilidade definida pela naturalidade-residência. Assim, a Fig. 91-A mostra ser o sector Sul e interior da *Gândara* onde mais de 50% da população nunca mudou de residência. A Fig. 91-B revela que, nas freguesias de Mira, Tocha e Febres, reside o maior quantitativo de população, mais de 15%, a viver actualmente noutro local que não o da sua naturalidade, muito embora inserido na mesma freguesia. Isto é, em quase todo o território são os movimentos de pequeno raio que dominam (Fig. 91-C). Saliente-se o menor valor apresentado nas freguesias de Cantanhede e Alhadas, em relação provável com maior proximidade de importantes mercados de trabalho, respectivamente Cantanhede e Figueira de Foz. A Fig. 91-D mostra bem a importância da emigração em toda a área, pois é responsável pela mudança de residência, ainda que temporariamente, de muitos gandareses. De resto, este fluxo emigratório corrobora de alguma maneira a fraca capacidade atractiva revelada pelo território em estudo, o que parece sugerir que a *Gândara* constitui uma excepção no Centro Litoral Português (cfr. J. GASPAR, 1986, pags.15-37).

QUADRO Nº 93 - RESIDÊNCIA DOS INQUIRIDOS*

| Freguesias | Sempre no mesmo local (a) | | Noutros locais da mesma freguesia (b) | | Na mesma freguesia (a+b) | | No mesmo concelho | | Noutro concelho da Gândara | | No distrito de Coimbra | | Noutros distritos do país | | Já viveu no estrangeiro | | Vive actualmente no estrangeiro | | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | |
| Alhadas | 5 | 25.0 | 3 | 15.0 | 8 | 40.0 | 1 | 5.0 | - | - | - | - | 1 | 5.0 | 9 | 45.0 | 1 | 5.0 | 20 |
| Arazede | 15 | 51.5 | - | - | 15 | 51.5 | - | - | 2 | 6.7 | 1 | 3.6 | 1 | 3.6 | 9 | 31.0 | 1 | 3.6 | 29 |
| Cadima | 21 | 55.2 | 3 | 7.8 | 24 | 63.0 | 4 | 10.5 | - | - | - | - | 1 | 2.7 | 8 | 21.1 | 1 | 2.7 | 38 |
| Cantanhede | 10 | 47.6 | - | - | 10 | 47.6 | 1 | 4.8 | - | - | - | - | - | - | 9 | 42.8 | 1 | 4.8 | 21 |
| Covões | 4 | 21.1 | - | - | 4 | 21.1 | - | - | - | - | - | - | - | - | 14 | 73.6 | 1 | 5.3 | 19 |
| Febres | 9 | 33.3 | 5 | 18.5 | 14 | 51.8 | - | - | - | - | - | - | - | - | 13 | 48.2 | - | - | 27 |
| Fer.-a-Nova | 12 | 52.1 | 3 | 13.0 | 15 | 65.1 | 2 | 8.6 | - | - | - | - | - | - | 6 | 26.1 | - | - | 23 |
| Liceia | 10 | 52.6 | 6 | 31.6 | 16 | 84.2 | 2 | 10.5 | - | - | - | - | - | - | 1 | 5.3 | - | - | 19 |
| Mira | 36 | 41.8 | 16 | 18.6 | 52 | 60.4 | 1 | 1.3 | 2 | 2.3 | - | - | 5 | 5.8 | 22 | 25.6 | 4 | 4.6 | 86 |
| Quiaios | 22 | 53.5 | 3 | 7.3 | 25 | 60.8 | - | - | 1 | 2.5 | - | - | 1 | 2.5 | 13 | 31.7 | 1 | 2.5 | 41 |
| Tocha | 17 | 38.6 | 7 | 15.9 | 24 | 54.5 | 1 | 2.3 | - | - | - | - | 3 | 6.8 | 15 | 34.1 | 1 | 2.3 | 44 |
| Gândara | 161 | 43.8 | 46 | 12.5 | 207 | 56.3 | 12 | 3.3 | 5 | 1.4 | 1 | 0.3 | 12 | 3.3 | 119 | 32.5 | 11 | 2.9 | 367 |

* Refere-se a 367 inquiridos já que em 18 inquéritos não foi possível recolher informação completa.

Fonte: *Inquérito*.

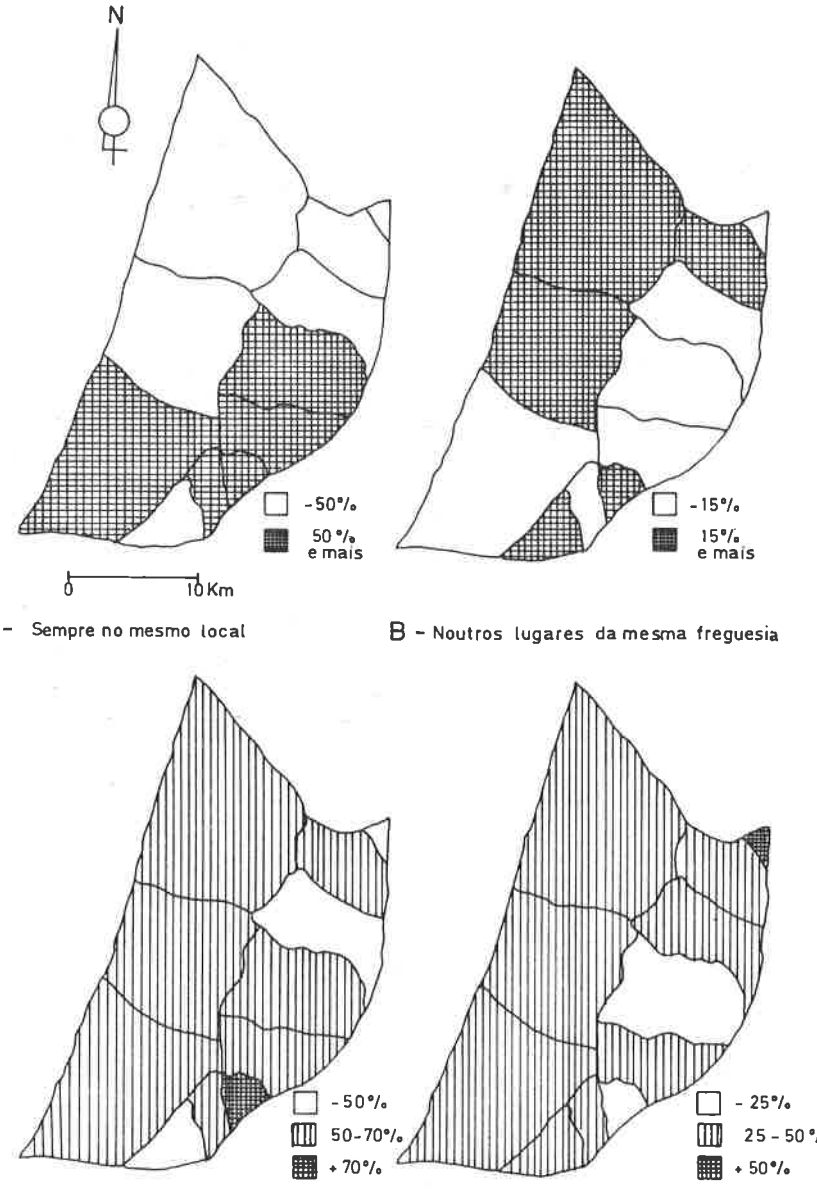



FIG. 91 - Residência dos inquiridos
FONTE: INQUÉRITO

## 2.2 — A Mobilidade e o Trabalho

Conhecida a estrutura da população activa, pretendeu-se conhecer o local onde cada inquirido exerce a profissão principal.

Tratando-se de uma área onde o sector agro-pecuário é a mais importante componente económica, compreende-se que em 61.7% dos entrevistados o local de residência coincida com o local de trabalho (Quadro 94), enquanto 77.8% da população não abandona os limites administrativos da freguesia onde tem o domicílio. Na realidade, é no domínio deste espaço que se opera o maior número de deslocações na dinâmica residência-emprego. Há no entanto a salientar que, nalgumas áreas, aquele valor é ainda mais expressivo, a ponto de atingir 80.1%, 84.2%, 90.0% e 96.5%, respectivamente na Tocha, em Liceia, em Febres e em Covões.

Em relação à distribuição dos postos de trabalho para além daquela fronteira, 6.7% exerce a sua actividade profissional no concelho onde reside. Nas áreas abrangidas pelas freguesias de Cadima, Cantanhede, Ferreira-a-Nova e Quiaios, os valores são relativamente mais elevados, respectivamente 20.5%, 18.2%, 17.4%, e 16.7%, devendo correlacionar-se uma vez mais com a proximidade dos centros de emprego que são Cantanhede, Figueira da Foz e, com menor significado, Montemor-o-Velho.

Por outro lado, a percentagem de indivíduos a trabalhar em concelhos situados no distrito de Coimbra, mas fora do da sua residência, é ainda mais baixa: 4.9%. Apenas Arazede com 20% e Tocha com 11% se situam bastante acima daquele valor. O primeiro devido a Cantanhede exercer uma maior atracção na população daquela freguesia que Montemor-o-Velho, onde administrativamente se inscreve, e o segundo, devido ao facto de ser contíguo com o concelho de Mira, onde trabalham alguns dos inquiridos. São em grande parte deslocações diárias; trata-se por isso, de movimentos pendulares. Pelo contrário, 4.4%, afirma regressar à residência familiar apenas ao fim-de-semana; nalguns casos o período de afastamento é ainda maior.

Algarve, Viseu, Sines, Beja e Porto, são algumas das áreas para onde se dirigem alguns trabalhadores. De realçar a percentagem de indivíduos a trabalhar no estrangeiro: 6.2%. Esta é praticamente igual à que exprime o número de indivíduos cujo emprego se localiza no concelho onde residem, 6.7%, e superior a todas as outras, com exclusão da freguesia de residência, (cfr. Quadro 94).

Ainda que a pluriactividade seja uma componente importante na estrutura da população activa, o percurso entre o local de trabalho e a residência raramente ultrapassa, como vimos, o limite da freguesia. Este facto está de acordo com a distribuição das profissões, pois, exceptuada a população dedicada exclusivamente à agro-pecuária, a maioria dos

QUADRO Nº 94- LOCAL ONDE EXERCE A PROFISSÃO

| Freguesias | No lugar residência | | Noutro local da mesma freguesia | | No concelho | | Noutros concelhos do Distrito | | Noutros Distritos | | No estrangeiro | | | | | | | | | | | | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | Alemanha | | Canadá | | Venezuela | | França | | Suissa | | Outros* | | |
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Tot. | % | Tot. | % | Tot. | % | Tot. | % | Tot. | % | Tot. | % | |
| Alhadas | 14 | 70.0 | 1 | 5.0 | - | - | 1 | 5.0 | 1 | 5.0 | - | - | - | - | - | - | 1 | 5.0 | - | - | 2 | 10.0 | 20 |
| Arazede | 16 | 53.4 | 5 | 16.7 | - | - | 6 | 20.0 | 2 | 6.6 | - | - | - | - | - | - | 1 | 3.3 | - | - | - | - | 30 |
| Cadima | 22 | 56.4 | 4 | 10.3 | 8 | 20.5 | 1 | 2.6 | 3 | 7.6 | - | - | - | - | - | - | 1 | 2.6 | - | - | - | - | 39 |
| Cantanhede | 10 | 45.5 | 5 | 22.7 | 4 | 18.2 | - | - | 2 | 9.1 | 1 | 4.5 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 22 |
| Covões | 15 | 75.0 | 3 | 15.0 | 1 | 5.0 | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 | 5.0 | - | - | - | - | - | - | 20 |
| Febres | 21 | 78.0 | 5 | 18.5 | - | - | - | - | 1 | 3.5 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 27 |
| Fer.-a-Nova | 14 | 60.9 | 3 | 13.1 | 4 | 17.4 | 1 | 4.3 | 1 | 4.3 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 23 |
| Liceia | 11 | 57.9 | 5 | 26.3 | 1 | 5.3 | 2 | 10.5 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 19 |
| Mira | 67 | 68.4 | 11 | 11.2 | - | - | 2 | 2.0 | 6 | 6.1 | - | - | 1 | 1.0 | - | - | - | - | - | - | 8 | 8.2 | 98 |
| Quiaios | 28 | 66.6 | 4 | 9.5 | 7 | 16.7 | 1 | 2.4 | 1 | 2.4 | 1 | 2.4 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 42 |
| Tocha | 20 | 44.5 | 16 | 35.6 | 1 | 2.2 | 5 | 11.1 | - | - | 1 | 2.2 | - | - | - | - | - | - | 1 | 2.2 | 1 | 2.2 | 45 |
| Gandara | 238 | 61.7 | 62 | 16.1 | 26 | 6.7 | 19 | 4.9 | 17 | 4.4 | 3 | 0.8 | 1 | 0.3 | 1 | 0.3 | 6 | 1.6 | 1 | 0.3 | 11 | 2.9 | 385 |

* Incluem-se os indivíduos que exercem a pesca do bacalhau.

Fonte: *Inquérito.*

inquiridos tem empregos que requerem pouca ou nenhuma especialização, de que são exemplos 8.8% de *pedreiros* e 4.7% de *carpinteiros* . Além disso, os indivíduos ligados ao comércio exercem a sua actividade no local de residência, como sucede com os 14 comerciantes num total de 31; ou então trabalham em *serviços* localizados na *Gândara* ou na sua periferia, como sejam Hospital Rovisco Pais (Tocha), Câmaras Municipais de Mira e Cantanhede, Tribunais, Serviços Florestais, Correios e Telecomunicações, etc.

Em síntese, exceptuando a emigração para o estrangeiro, a mobilidade geográfica tem um significado limitado, não só porque um quantitativo considerável de população não se desloca, mas porque aquela que o faz raramente ultrapassa percursos de pequeno raio([1]). Aliás, além desta conclusão, do meio de transporte utilizado, emerge uma outra também já referida: a de que se trata de profissões a requererem fraca formação profissional, que se situam por isso em baixos níveis de remuneração.

### 2.2.1 — Trabalho e Meios de Transporte Utilizados

Pela leitura do Quadro 95 verifica-se que, no total da amostra, 62.3% da população se desloca a pé; a motorizada é utilizada por 17.8%, ultrapassando em algumas áreas os 25%: caso de Cantanhede 28.5% , de Ferreira-a-Nova 26.1% , de Liceia 26.3% e de Tocha 29.2%. O automóvel é apenas utilizado por 8.3% da população, valor que apresenta maior expressão em Alhadas (17.6%), Cantanhede (14.3%) e Liceia (15.8%). A bicicleta e a camioneta têm uma utilização semelhante: respectivamente, 5.3% e 5.2%. De salientar, a elevada percentagem de indivíduos nas áreas de Cadima e Tocha, que utiliza aquele velocípede, respectivamente 10.3% e 12.2% . A camioneta é preferencialmente utilizada na área de Cadima (13.2%) e no sector inserido na freguesia de Ferreira-a-Nova (17.4%). O caminho de ferro é o meio de transporte menos utilizado; serve apenas a população de Arazede e Cadima, locais em que se situam apeadeiros do ramal Pampilhosa - Figueira da Foz.

Trata-se, pois, e principalmente, de movimentos de curta distância, como o demosntra quer a maior incidência de veículos de duas rodas, 23.1%, quer o tempo médio de percurso que segundo os dados recolhidos, ronda os 25 minutos. Apenas na área de Mira os valores apurados registam alguns desvios em relação áquela média. A população aqui residente gasta em média 50 minutos a percorrer a distância que separa a residência do local de trabalho. Este facto está de acordo com a circunstância de ser nesta área que se regista a menor utilização de

---

[1] — Referimo-nos apenas aos fluxos migratórios relacionados com a naturalidade residência e com o trabalho. É evidente que existem outras formas de mobilidade que não foram aqui consideradas.

veículos de duas rodas, já que apenas 9.4% se deslocam de motorizada e 3.5% de bicicleta, valores que são os mais baixos observados na área em estudo.

QUADRO Nº 95 - MODO DE DESLOCAÇÃO

| Freguesias | A pé | | Automóvel | | Bicicleta | | Cam. de Ferro | | Camioneta | | Motorizada | | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | |
| Alhadas | 11 | 64.8 | 3 | 17.6 | - | - | - | - | - | - | 3 | 17.6 | 17 |
| Arazede | 15 | 52.3 | 3 | 10.3 | 3 | 10.3 | 2 | 6.9 | - | - | 6 | 20.2 | 29 |
| Cadima | 21 | 55.2 | 1 | 2.6 | 4 | 10.5 | 2 | 5.3 | 5 | 13.2 | 5 | 13.2 | 38 |
| Cantanhede | 10 | 47.6 | 3 | 14.3 | 1 | 4.8 | - | - | 1 | 4.8 | 6 | 28.5 | 21 |
| Covões | 15 | 78.9 | 1 | 5.2 | - | - | - | - | 1 | 5.2 | 2 | 10.7 | 19 |
| Febres | 20 | 74.1 | 3 | 11.7 | 1 | 3.7 | - | - | - | - | 3 | 11.1 | 27 |
| Fer.-a-Nova | 13 | 56.5 | - | - | - | - | - | - | 4 | 17.4 | 6 | 26.1 | 23 |
| Liceia | 11 | 57.9 | 3 | 15.8 | - | - | - | - | - | - | 5 | 26.3 | 19 |
| Mira | 65 | 75.5 | 7 | 8.1 | 3 | 3.5 | - | - | 3 | 3.5 | 8 | 9.4 | 86 |
| Quiaios | 26 | 63.4 | 2 | 4.9 | 2 | 4.9 | - | - | 3 | 7.3 | 8 | 19.5 | 41 |
| Tocha | 18 | 43.9 | 4 | 9.8 | 5 | 12.2 | - | - | 2 | 4.9 | 12 | 29.2 | 41 |
| Gândara | 225 | 62.3 | 30 | 8.3 | 19 | 5.3 | 4 | 1.1 | 19 | 5.2 | 64 | 17.8 | 361 |

Fonte: *Inquérito*.

## 2.3 — Outras Formas de Mobilidade Interna

### 2.3.1 — O Ciclo do Alentejo

Como se viu no Capítulo II (PARTE II), o Alentejo e Ribatejo constituíram importantes áreas para onde se dirigiam sazonalmente muitos gandareses. Todavia não é fácil, através do inquérito realizado, estudar formas de mobilidade praticamente desaparecidas. Tentámos porém saber, ainda que de um modo indirecto, a importância dos fluxos sazonais com destino ao Sul do país.

Se não é difícil quantificar o número de indivíduos que no conjunto da amostra efectuaram aquelas deslocações, menos fácil se torna apontar números que se aproximem da expressão daquelas migrações nas gerações anteriores. De qualquer modo, os resultados revelam bem a importância destes movimentos, que se terão processado ao longo de mais de uma centena de anos: para alguns indivíduos, constituíram tão só uma fase do seu ciclo migratório, para outros, terminaram apenas na década anterior (Quadro 96).

QUADRO Nº. 96 - MIGRAÇÕES SAZONAIS DOS INQUIRIDOS*

| Freg. de residência / Conc. para onde se deslocaram | Alhadas | Arazede | Cadima | Cantanhede | Covões | Febres | Fer.-a-Nova | Liceia | Mira | Quiaios | Tocha | Tocha |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Alcácer do Sal | 1 | 4 | 5 | 3 | – | 2 | 2 | 1 | 10 | 3 | 3 | 36 |
| Alpiarça | 1 | 1 | – | – | – | – | – | – | – | 1 | 1 | 3 |
| Almeirim | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 | 1 |
| Azambuja | – | – | 1 | – | – | – | – | – | 1 | – | | 2 |
| Cartaxo | 1 | 1 | 1 | – | – | 1 | – | – | – | – | – | 3 |
| Coruche | – | – | 1 | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 |
| Elvas | – | 3 | 3 | 1 | 1 | – | – | 1 | 4 | 1 | 1 | 15 |
| Santarém | – | – | – | 1 | – | – | 1 | 1 | 1 | – | – | 4 |
| Setúbal | – | – | – | – | – | – | 1 | – | 2 | – | – | 3 |
| V. F. Xira | – | – | – | – | – | 1 | – | – | – | – | – | 1 |
| Total | 5=4.3% | 9=13.0% | 11=15.9% | 5=7.2% | 1=1.4% | 4=5.8% | 4=5.8% | 3=4.3% | 18=26.1% | 5=7.2% | 6=9% | 69=100% |

* A percentagem é referida ao total de migrantes (69)

Fonte: *Inquérito.*

No total da amostra, 17.9% (69) deslocaram-se periodicamente para os concelhos de Alcácer do Sal, Alpiarça, Almeirim, Azambuja, Cartaxo, Coruche, Elvas, Santarém, Setúbal e Vila Franca de Xira . A área de Arazede parece ser aquela onde a incidência terá sido maior, já que 3O% dos inquiridos fez aquele percurso todos os anos em direcção ao Sul. Além disso, também 3O% afirmou que familiares seus o tinham realizado, alguns dos quais desde o final do século XIX. " Ia toda a gente " é uma afirmação frequentemente repetida. Em Cadima o cenário é idêntico; para além dos 28.2% que ainda participaram naquelas migrações, 16.7% afirmou que familiares também o faziam. Na freguesia de Cantanhede 22.7% trabalhou durante alguns anos na região de Santarém, quer no arroz, quer na vinha, enquanto 27.2% refere a ida de parentes para aquelas áreas. Com valores mais baixos, mas expressivos, estão as áreas de Mira (18.4%), Febres (18.5%), Ferreira-a-Nova (17.4%), Liceia (15.7%), Alhadas (15%), Quiaios (11.9%) e Tocha (11.1%). Apenas Covões apresenta um valor bastante inferior (5%).

É muito variável o total de anos durante os quais cada indivíduo abandonava a *Gândara* em direcção ao Sul. No entanto, deve notar-se que, por exemplo, um inquirido deslocou-se desde 1919 a 1955, enquanto outros o fizeram apenas durante uma dezena de anos. A fase final destas migrações ter-se-á prolongado por toda a década de sessenta e princípio dos anos setenta. Dois dos entrevistados deixaram de ir em 197O e 1971. A emigração irá absorver grande parte desta população: exceptuados os mais idosos, quase todos sairam do país.

Ainda que inserida numa dinâmica diferente, actualmente começa-se a definir uma outra forma de mobilidade: algumas dezenas de pessoas, principalmente do sexo feminino, deslocam-se na época das vindimas para o Bombarral e Cartaxo. O melhor exemplo que encontrámos situa-se nos lugar de Ribas, freguesia de Alhadas, onde cerca de trinta mulheres são contratadas para trabalhar naquelas áreas, durante quinze a trinta dias, no final do Verão.

### 2.3.2 — O Ciclo dos Ourives Ambulantes

Embora se tenha já estudado a mobilidade da população relacionada com o comércio ambulante do ouro, procurámos, através deste inquérito, ver até que ponto os resultados a que chegámos, por via de um outro dirigido exclusivamente a ourives, eram coincidentes.

Assim, no conjunto do território gandarês, apenas nas áreas inscritas nas freguesias de Cantanhede, S. António dos Covões, Nª. Senhora das Febres e S. Tomé de Mira, alguns dos inquiridos foram ourives ambulantes, ou têm familiares que exerceram ou exercem aquela actividade, alguns dos quais estabelecidos noutras áreas do país.

A freguesia de Febres representa, como já o tínhamos verificado, a área onde maior número de inquiridos esteve ou está ligado àquela actividade: 9 (33.3%) num total de 27 entrevistados. Este valor inclui 4 indivíduos que mantêm o comércio do ouro, embora fixados em Febres (cfr. Quadro LXXII), e 5 que abandonaram a actividade. Importante o número de entrevistados que afirmou ter um ou vários familiares que já tinham sido ambulantes: 16, isto é, 59.3% do total da amostra nesta área.

Em Cantanhede apenas 2 inquiridos se tinham deslocado para outras áreas do país a vender ouro. Um fê-lo, durante 11 anos, na Beira Baixa e Alto Alentejo, e outro "andou ao ouro" ao longo de 22 anos na área de Torres Novas. Em contrapartida, 12 (54.5%) afirmaram que parentes seus foram ambulantes.

Os valores apurados parecem indiciar que esta actividade comercial tem vindo a perder importância na freguesia de Cantanhede, para além de ser menos significativa que na vizinha freguesia de Febres.

Em Mira e Covões os resultados comprovam o que tinhamos concluído. Isto é, estas áreas inserem-se no conjunto do território onde aquela actividade se desenvolveu, mas a sua importância, além de ter sido menor que em Febres e em Cantanhede, é actualmente muito mais reduzida. Em Mira apenas 2 entrevistados foram ambulantes. Um percorreu, durante 35 anos, grande parte do Alentejo, enquanto o outro, com a área de mercado no distrito de Vila Real, apenas exerceu a actividade ao longo de 9 anos, com término em 1975. A comprovar o menor significado desta actividade na área de Mira e da mobilidade dela decorrente, está o facto de apenas 5 inquiridos (5.1%) terem familiares que estiveram ligados a este tipo de comércio. Na freguesia de Santo António de Covões a situação é idêntica, pois nenhum dos inquiridos (20) abandonou a residência, por motivos do comércio ambulante do ouro, enquanto três afirmam que familiares seus o fizeram.

Julgamos assim, que os resultados deste inquérito estão de acordo com as conclusões a que tinhamos já chegado; isto é, a mobilidade geográfica da população motivada pelo comércio ambulante do ouro afectou principalmente as freguesias de Cantanhede e Febres. Tendo nesta última a sua maior expressão, contribui para que um apreciável número de comerciantes, hoje espalhados pelo país, seja natural desta freguesia.

## 3 — EMIGRAÇÃO E RETORNO

### 3.1 — Países de Destino e Anos de Emigração

O significado da emigração na *Gândara* está bem expresso nos 119 (30.9%) ex-emigrantes que fazem parte dos 385 inquiridos. Aliás, relembre-se que, no período decorrente entre 1956 e 1968, abandonaram aquele território cerca de 9.000 indivíduos, isto é, quase 1/4 da população actual.

À semelhança do território nacional, a Europa é o grande receptor de mão- de-obra emigrada (78.9%) (Fig. 92 e Quadro 97), sendo a França o país de acolhimento de maior número de indivíduos, 52.9%. Menos importante é o fluxo orientado para a Alemanha e o Luxemburgo, respectivamente 11.8% e 8.4%.

De referir, no conjunto de 119 ex-emigrantes, o número de inquiridos que tinha emigrado para a América do Sul, 14.3%, a mostrar que a Argentina (4.3%), o Brasil (5.0%) e a Venezuela (5.0%), continuam a ser referências permanentes no percurso dos emigrantes gandareses. Também o Continente Norte-Americano acolheu alguns dos inquiridos (5.0%). Será entretanto interessante observar que é preferencialmente do sector Norte que se verifica um maior fluxo migratório com destino aos referidos países americanos. Aliás, a este facto não deve ser alheia a proximidade do distrito de Aveiro, onde a corrente migratória para aquele Continente, nomeadamente para a Venezuela, tem apresentado desde sempre grande significado (cfr. J.ARROTEIA, 1984, pags. 103 e segs. e L. CAETANO, 1985, pags. 164-172).

De facto, a Fig. 92 mostra que em Mira, Covões e Febres a atracção exercida pela América do Sul e América do Norte é maior. Da primeira freguesia emigraram 22.7%; em Covões este fluxo migratório tem maior expressão que o observado em relação a França, respectivamente 57.2% e 35.8%, enquanto de Febres saiem para o Brasil, Venezuela e Canadá 23.1% do total de ex-emigrantes naturais desta freguesia. Nas outras áreas a mobilidade com aquela orientação está praticamente ausente. Além disso, a França é o país mais frequentemente referido. Não obstante, no território em estudo o número de inquiridos que se deslocaram para aquele país atingir 52.9% (63), em algumas áreas o seu significado é bastante maior: em Cadima 87.5%, em Arazede 77.8%, em Febres 69.2% e em Cantanhede 66.7%.

Exceptuam-se as áreas de Liceia e Ferreira-a-Nova, onde, além da emigração apresentar o menor peso de todo o território, nenhum dos inquiridos emigrou para a França. Por outro lado, e ao contrário do sector Norte onde países como Luxemburgo e Suiça não têm qualquer expressão, os ex-emigrantes daquelas freguesias dirigiram-se principalmente

para estes últimos, de acordo, por isso com os resultados apurados a partir dos Registos de Passaportes.

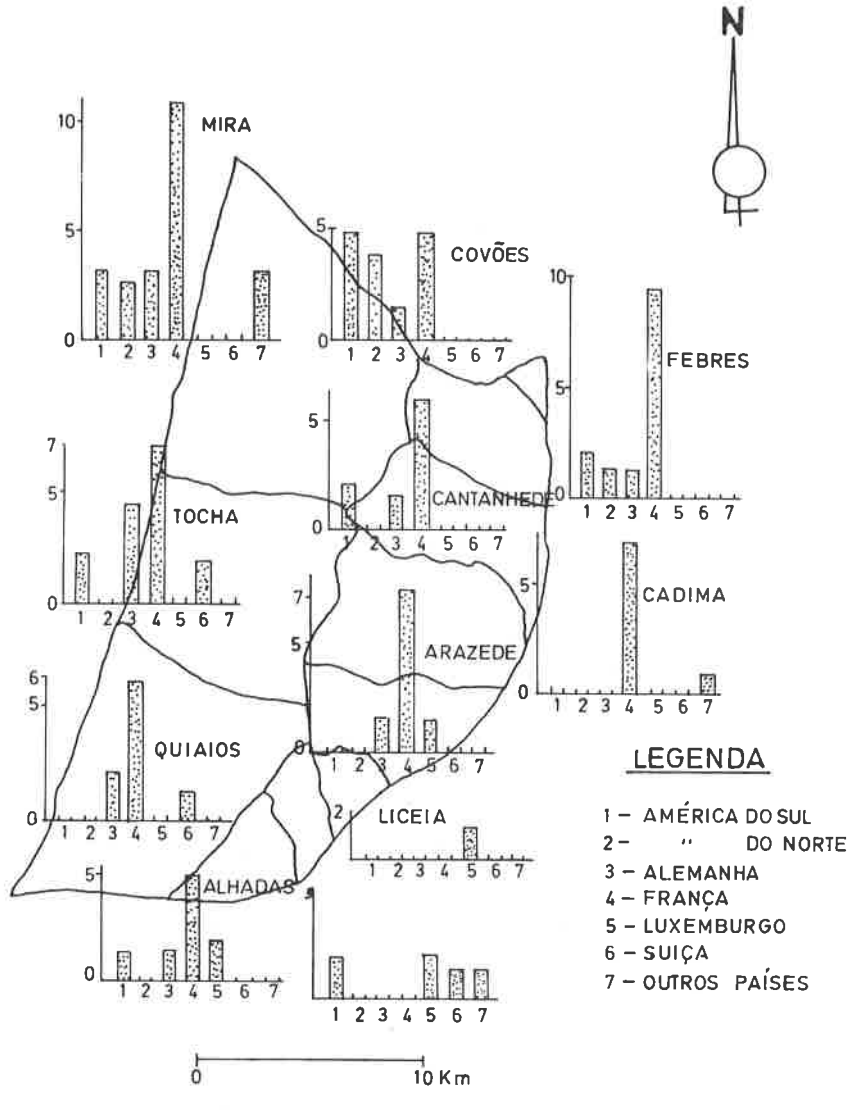



FIG. 92 – Países de destino dos emigrantes regressados por freguesias

FONTE: INQUÉRITO

QUADRO Nº 97 - PAÍS DE DESTINO DOS EMIGRANTES REGRESSADOS*

| Freguesias | América do Sul | | | | | América do Norte | | | | Europa | | | | | | | | Outros Países | | Total | % | Outros Países | | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Argent. | Brasil | Venez. | Total | % | Canadá | E.U.A. | Total | % | Alemanha | | França | | Luxemb. | | Suíssa | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | | Total | % | |
| Alhadas | 1 | – | – | 1 | 11.1 | – | – | – | – | 1 | 11.1 | 5 | 55.6 | 2 | 22.2 | – | – | – | – | 8 | 88.9 | – | – | 9 |
| Arazede | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 | 11.1 | 7 | 77.8 | 1 | 11.1 | – | – | – | – | 9 | 100.0 | – | – | 9 |
| Cadima | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 7 | 87.5 | – | – | – | – | – | – | 7 | 87.5 | 1 | 12.5 | 8 |
| Cantanhede | – | 1 | 1 | 2 | 22.2 | – | – | – | – | 1 | 11.1 | 6 | 66.7 | – | – | – | – | – | – | 7 | 77.8 | – | – | 9 |
| Covões | – | 1 | 4 | 5 | 35.8 | 1 | 2 | 3 | 21.4 | 1 | 7.1 | 5 | 35.8 | – | – | – | – | – | – | 6 | 42.9 | – | – | 14 |
| Febres | – | 1 | 1 | 2 | 15.4 | 1 | – | 1 | 7.7 | 1 | 7.7 | 9 | 69.2 | – | – | – | – | – | – | 10 | 76.9 | – | – | 13 |
| Fer.-a-Nova | 1 | 1 | – | 2 | 33.3 | – | – | – | – | – | – | – | – | 2 | 33.3 | 1 | 16.7 | – | – | 3 | 50.0 | 1 | 16.7 | 6 |
| Liceia | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 | 100.0 | – | – | – | – | 1 | 100.0 | – | – | 1 |
| Mira | 1 | 2 | – | 3 | 13.6 | 2 | – | 2 | 9.1 | 3 | 13.6 | 11 | 50.1 | – | – | – | – | 3 | 13.6 | 17 | 77.3 | – | – | 22 |
| Quiaios | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 2 | 15.4 | 6 | 46.1 | 4 | 30.8 | 1 | 7.7 | – | – | 13 | 100.0 | – | – | 13 |
| Tocha | 2 | – | – | 2 | 13.3 | – | – | – | – | 4 | 26.7 | 7 | 46.7 | | | 2 | 13.3 | – | – | 13 | 86.7 | – | – | 15 |
| Gândara | 5 | 6 | 6 | 17 | 14.3 | 4 | 2 | 6 | 5.0 | 14 | 11.8 | 63 | 52.9 | 10 | 8.4 | 4 | 3.4 | 3 | 2.4 | 94 | 78.9 | 2 | 1.8 | 119 |

* Embora se trate de países de destino, estes valores coincidem praticamente com os países donde regressaram, pois apenas 1 indivíduo afirmou ter ido para o Luxemburgo e mudar posteriormente para França.

Fonte: *Inquérito.*

Parece-nos importante salientar que a distribuição dos emigrantes e a orientação dos fluxos migratórios evidenciam alguma diferença: a emigração tem maior significado nas áreas situadas a Norte da Tocha e é também aí que o destino geográfico dos migrantes se apresenta mais diversificado, com realce para importância do Continente Americano. Por outro lado, muito embora a França seja o principal país de acolhimento dos emigrantes gandareses, do sector situado a Sul de Arazede, a sua importância é menor ou está mesmo ausente do seu percurso migratório.

### 3.2 — Anos de Emigração

Os anos decorridos entre 1966 e 1970 correspondem sem dúvida à maior intensidade dos fluxos migratórios (Fig. 93 e Quadro 98).

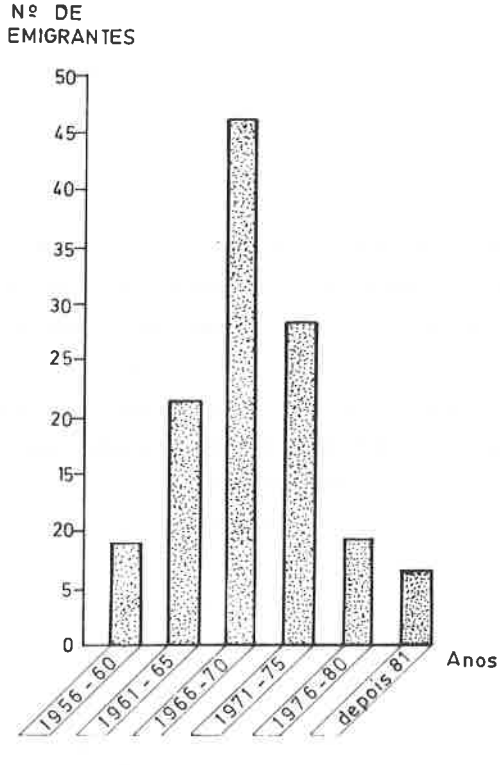



FIG. 93 - Anos de emigração - GÂNDARA -
FONTE: INQUÉRITO

QUADRO Nº 98 - ANOS DE EMIGRAÇÃO

| Freguesias | Total | 1956 a 1960 | | 1961 a 1965 | | 1966 a 1970 | | 1971 a 1975 | | 1976 a 1980 | | Depois de 1981 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Alhadas | 9 | 2 | 22.2 | - | - | 5 | 55.6 | 1 | 11.1 | 1 | 11.1 | - | - |
| Arazede | 9 | 1 | 11.1 | 2 | 22.2 | 4 | 44.5 | 1 | 11.1 | 1 | 11.1 | - | - |
| Cadima | 8 | - | - | - | - | 5 | 62.5 | 2 | 25.0 | - | - | 1 | 12.5 |
| Cantanhede | 9 | - | - | - | - | 4 | 44.5 | 5 | 55.5 | - | - | - | - |
| Covões | 14 | 2 | 14.3 | 6 | 42.9 | 3 | 21.4 | 3 | 21.4 | - | - | - | - |
| Febres | 13 | 1 | 7.7 | - | - | 8 | 61.5 | 2 | 15.4 | 1 | 7.7 | 1 | 7.7 |
| Fer.-a-Nova | 6 | - | - | - | - | 3 | 50.0 | 1 | 16.6 | 2 | 33.4 | - | - |
| Liceia | 1 | - | - | - | - | 1 | 100.0 | - | - | - | - | - | - |
| Mira | 22 | 2 | 9.1 | 4 | 18.2 | 4 | 18.2 | 7 | 31.8 | 2 | 9.1 | 3 | 13.6 |
| Quiaios | 13 | 1 | 7.7 | - | - | 7 | 58.8 | 3 | 23.1 | 1 | 7.7 | 1 | 7.7 |
| Tocha | 15 | - | - | 9 | 60.0 | 2 | 13.3 | 4 | 26.7 | - | - | - | - |
| Gândara | 119 | 9 | 7.6 | 21 | 17.6 | 46 | 38.7 | 29 | 24.4 | 8 | 6.7 | 6 | 5.0 |

Fonte: *Inquérito*.

O *Inquérito* revelou que 38.7% dos ex-emigrantes abandonaram o país durante aquele período, imediatamente a seguir situa-se o período entre 1971 e 1975 com 24.4%. Nas áreas de Tocha e Covões os inquiridos saíram relativamente mais cedo, entre 1961 a 1965. De notar que nestas duas freguesias, todos os indivíduos que emigraram para a América do Sul (5 em Covões e 2 na Tocha) abandonaram o país durante os primeiros anos da década de sessenta. A partir de 1975 a desaceleração verificada nas correntes emigratórias observa-se também neste território. Porém, após 1980, verifica-se nalgumas áreas um ligeiro acréscimo, muito embora o facto de já terem regressado evidencie um tempo de estadia menor que os outros ex-emigrantes.

Quanto às razões de partida são praticamente todas de carácter económico. De facto a estrutura das respostas " corresponde de algum modo à imagem que se tem da emigração portuguesa, originada fundamentalmente em motivos de ordem económica" (M.SILVA, 1984, pag. 99 ).

Nos 119 ex-emigrantes,112(94.1%) abandonaram o país por causas daquela natureza, enquanto 4(3.4%) emigraram por razões de carácter familiar. Estes últimos, são todos filhos de ex-emigrantes, cuja saída do país se verificou durante a década de cinquenta;

correspondem, por isso, no mesmo agregado familiar, a uma segunda geração de emigrantes, cujo percurso se situou na Europa. Os restantes, 3, apresentaram motivos vários a justificarem a sua saída.

Observa-se que os valores apurados revelam algum desvio relativamente aos apresentados por MANUELA SILVA e ROQUE AMARO (1984, pags.99 e 176): se nos estudos realizados por aqueles autores as razões económicas se situam nos 74% e 75% respectivamente, na *Gândara* a percentagem é, como vimos, bem mais elevada: 94.1%.

3.3 — O Retorno

Com base na informação recolhida pudemos concluir que o maior quantitativo de emigrantes regressa ao país entre 1981 e 1985 (39.6%). O ano de 1982 corresponde ao maior número de retornos, 16 (Fig. 94 e Quadro 99), observando-se em 1983 e 1984 uma quebra, respectivamente 18 e 5 indivíduos. No ano seguinte verifica-se um ligeiro acréscimo, pois 13 dos inquiridos regressaram durante 1985. De salientar que este ano, simultaneamente com o de 1975, correspondeu ao segundo maior valor de indivíduos retornados. Se para o de 85 a explicação se insere na dinâmica de retorno iniciada no final dos anos setenta, em 1975 correlaciona-se com as alterações políticas verificadas em Portugal.

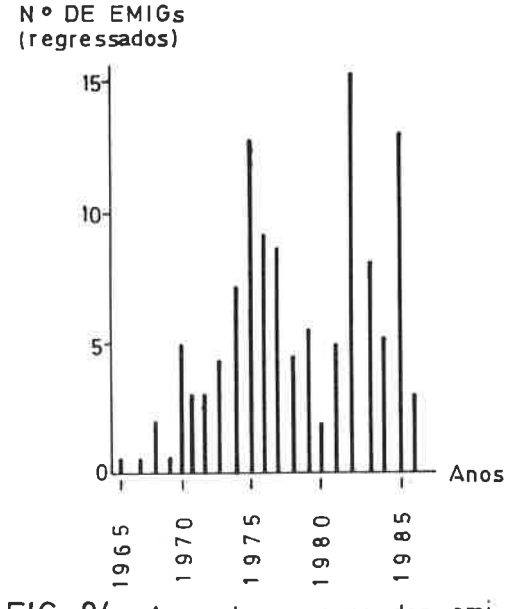



FIG. 94 - Anos de regresso dos emigrantes - GÂNDARA -
FONTE: INQUÉRITO

QUADRO Nº 99- REGRESSO DE EMIGRANTES.

| Anos | Valor absoluto | % |
|---|---|---|
| 1965 | 1 | 0.8 |
| 1966 | - | - |
| 1967 | 1 | 0.8 |
| 1968 | 2 | 1.6 |
| 1969 | 1 | 0.8 |
| 1970 | 5 | 4.3 |
| 1971 | 3 | 2.5 |
| 1972 | 3 | 2.5 |
| 1973 | 4 | 3.4 |
| 1974 | 7 | 5.9 |
| 1975 | 13 | 11.0 |
| 1976 | 9 | 7.5 |
| 1977 | 8 | 6.7 |
| 1978 | 4 | 3.4 |
| 1979 | 6 | 5.0 |
| 1980 | 2 | 1.6 |
| 1981 | 5 | 4.3 |
| 1982 | 16 | 13.4 |
| 1983 | 8 | 6.7 |
| 1984 | 5 | 4.3 |
| 1985 | 13 | 11.0 |
| 1986 | 3 | 2.5 |
| Total | 119 | 100 |

Fonte: *Inquérito*.

O valor apurado para 1986, apenas 3, parece indicar uma desaceleração no movimento de retorno. Recorde-se que o *Inquérito* se realizou durante os três últimos meses do ano de 1986, contemplando por isso todo aquele ano. Por outro lado, o facto de se ter feito incidir a sua realização com a proximidade do Natal, época em que alguns ex-emigrantes deixam definitavamente o país onde trabalharam, e não ter sido registado um acréscimo no número de regressados, parece indicar que o movimento de retorno sofre de facto uma recessão. Além disso, o facto de 60.5% (72) dos retornados afirmarem estar desiludidos com o regresso confirma, de algum modo, que o movimento tem tendência a diminuir. Aliás, a hipótese de voltar a sair, no caso dos mais novos, é frequentemente referida, se bem que pareça definir-se um novo rumo: Estados Unidos e Canadá.

### 3.3.1 — Razões de Regresso

O Quadro 100 sintetiza as diversas razões invocadas pelos ex-emigrantes quanto ao motivo de retorno.

QUADRO Nº 100 - RAZÕES DE REGRESSO DOS EMIGRANTES - *GÂNDARA*

| | Total | % |
|---|---|---|
| Razões familiares: - (família continua em Portugal; Laços de ligação com o país; não quer que os filhos fiquem no estrangeiro, etc.). | 81 | 68.1 |
| Razões de saúde: (Reforma, doença, acidente de trabalho, etc.) | 20 | 16.8 |
| Razões económicas: (Já ter ganho o suficiente para construir uma casa; poder educar os filhos, etc.). | 11 | 9.2 |
| Outras razões | 7 | 5.9 |
| Total | 119 | 100 |

Fonte: *Inquérito.*

São razões de ordem familiar que maioritariamente se relacionam com o regresso, pois 68.1% afirma ter voltado a Portugal, ou "porque a família aqui se mantinha", ou "porque não queriam que os filhos continuassem no estrangeiro" . Este valor é significativamente superior ao apresentado por R. ROQUE AMARO, 35% (1985, pag.184). Pensamos, porém, que o valor encontrado para a *Gândara* deve conter alguma reflexão. Assim, julgamos que às razões de carácter familiar, embora importantes, se acumulam razões de índole económica. Isto é, se o emigrante não tivesse conseguido ascender economicamente, as probabilidades de já ter regressado seriam diminutas. A reforma, a doença e os acidentes de trabalho são também referidos frequentemente: 16.8%. Recorde-se que poucos ex-emigrantes afirmaram receber reformas estrangeiras, facto que nos levou inicialmente a colocar algumas reservas em relação às respostas obtidas. A circunstância de 16.8% ter regressado por aquelas razões parece na realidade contrariar o escasso número de indivíduos que nos afirmou auferir de uma pensão estrangeira. Apenas 9.2% afirmaram ter regressado por motivos de ordem económica, onde a

concretização do objectivo principal - construir uma casa -, encerra simultaneamente o ciclo migratório.

3.4 — Os Emigrantes e o Trabalho

Regressando quase todos em idade activa — dos 119 inquiridos 68.9%(82) tem menos de 60 anos —, a grande maioria retoma, e melhora nalguns casos, a exploração agrícola que abandonou (cfr. BOURA, I. e JACINTO, R., 1984, pags. 365-372). A criação de gado leiteiro e, mais recentemente, de gado para produção de carne é o sector onde particularmente investem. Além disso, um quantitativo importante, 18.5%(22) desloca-se para o sector do comércio como proprietários de cafés, restaurantes e super-mercados.

O Quadro 101 resume a mobilidade profissional dos inquiridos. Os factos a merecer maior importância são: o peso da agricultura quer como sector de origem dos emigrantes, quer após o retorno; a importância da construção civil e obras públicas como principal mercado de trabalho durante a estadia no estrangeiro e o acréscimo acentuado do sector de comércio e serviços após o regresso.

QUADRO Nº 101 - MOBILIDADE PROFISSIONAL DOS EMIGRANTES

| Sectores de Actividade | Agricultura | Construção Civil e Obras Públicas | Indústria | Comércio e Serviços | Actividades mal definidas |
|---|---|---|---|---|---|
| Actividade em Portugal antes da emig. | 84=70.5% | 27=22.7% | 2=1.7% | 6=5.1% | - |
| Actividade no estrangeiro | 2=1.6% | 69=57.9% | 36=30.4% | 12=10.1% | - |
| Actividade em Portugal após o regresso | 59=49.5% | 13=10.9% | 4=3.4% | 32=26.9%* | 11=9.2% |

* - Em que 22 (18.5%) são proprietários de cafés e restaurantes.
Fonte: *Inquérito*.

Assim, da agricultura saíram 70.5%, retomaram-na 49.6%. Pelo contrário, o comércio e serviços absorve 26.9%(32) dos indivíduos regressados enquanto antes da emigração, apenas empregava 5.1% (6). Este valor contribui também para a terciarização progressiva da população. O pouco significado apresentado pela indústria, quer antes (1.7%) quer depois da emigração (3.4%), prende-se fundamentalmente com a sua quase ausência em toda a área de estudo. Por outro lado, a construção civil e obras públicas, que absorvia 22.7% da

mão-de-obra emigrada, tem ainda algum significado na estrutura de emprego dos retornados, já que 10.9% (13) trabalham nesse ramo de actividade.

Mas se a distribuição dos inquiridos pelos diversos sectores de actividade económica, nos dois momentos que balizam o seu ciclo migratório, não revela uma acentuada mobilidade profissional — apenas o comércio é excepção —, o mesmo não se observa durante o tempo de estadia no estrangeiro. Isto é, grande parte dos migrantes saídos dum sector agrícola arcaico, com um baixo ou nulo grau de instrução, tem apenas, como horizonte de trabalho no estrangeiro, actividades que não exijam qualquer nível de especialização. Por isso 57.9% (69) afirmaram ter trabalhado na construção civil dando em muitos dos casos "serventia a pedreiro". Também a indústria tem importância na estrutura de emprego fora do país, pois absorvia 30.4% dos ex-emigrantes. Menor expressão adquire o comércio e serviços, já que retinha 10.1% dos entrevistados. Ligados em grande parte a restaurantes e cafés, alguns retomam após o regresso esta actividade, mas com um novo estatuto, pois passam a trabalhar por conta-própria.

Por último, poder-se-á questionar qual o impacto que o emigrante regressado tem operado na *Gândara*.

A análise do *Inquérito* leva-nos a concluir que raros são aqueles que ultrapassam o domínio do pequeno produtor autónomo. Com um grau de alfabetização baixo ou nulo, uma experiência de trabalho no estrangeiro em tarefas que requerem pouca ou nenhuma especialização, o regressado não está nem sensibilizado nem motivado para introduzir significativas inovações que possam contribuir para o desenvolvimento da sua área e, num sentido mais lato, contribuir para o desenvolvimento regional. Nos casos onde houve a introdução de algumas inovações — como se verá a rega por aspersão é praticamente só utilizada por ex-emigrantes —, estas associam-se em geral à melhoria da exploração, mas só raramente o fazem em termos de economia de mercado. Algumas excepções observam-se no sector leiteiro, onde de facto alguns dos ex-emigrantes investiram grande parte das suas poupanças.

É todavia importante salientar que a ausência de investimento se prende com outra ordem de razões: o emigrante regressado não encontra na sua área de origem alterações que o motivem a integrar-se numa dinâmica de desenvolvimento. Acaba, por isso, por ser lentamente absorvido, embora com outro estatuto, pelas tarefas que o levaram a partir.

# CAPÍTULO IV — A ESTRUTURA ECONÓMICA DA *GÂNDARA*

## — A IMPORTÂNCIA DA AGRO-PECUÁRIA —

### 1 — INTRODUÇÃO

Como já frequentemente referimos a *Gândara* é um território marcadamente rural, cuja economia é praticamente comandada pela agricultura e criação de gado bovino. É neste sentido que se tentou analisar a estrutura das explorações agrícolas gandaresas. Contudo, não se pretendeu fazer uma análise exaustiva; procurámos apenas traçar as linhas fundamentais dos dois sectores que regem a economia da área de estudo.

### 2 — AS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS E A FORÇA DO TRABALHO

#### 2.1 — Dimensão das Explorações

Os resultados obtidos permitem afirmar que em todo o território em estudo domina a pequena exploração. Embora com a reserva que devem merecer estes valores, a dimensão média apurada é de 0.99 ha, valor situado próximo do verificado pelo *Recenseamento Agrícola do Continente* em 1979 nos concelhos de Cantanhede e Mira, respectivamente 1.19 ha e 0.92 ha (Quadros 102 e 103); nos outros a dimensão média das explorações é um pouco mais elevada: Figueira da Foz 2.95 ha e Montemor-o-Velho 2.23. Este facto relaciona-se, com a circunstância daqueles concelhos englobarem uma extensa área do *Baixo Mondego* onde a estrutura da propriedade apresenta alguma diferenciação relativamente à *Gândara*, (Quadro 104). Embora naquela sub-unidade regional as explorações com menos de 50 ha apresentem uma "área de campo média de 1.68 ha", cerca de 13% da área do vale é ocupada por explorações com superfície acima dos 50 ha (cfr.A.J.SILVA PEREIRA e outros, 1981).

QUADRO Nº 102 - ÁREA MÉDIA DAS EXPLORAÇÕES (S.A.U.) - GÂNDARA

| Áreas geográficas | | ha |
|---|---|---|
| Freguesias | Alhadas | 1.15 |
| | Arazede | 1.64 |
| | Cadima | 1.05 |
| | Cantanhede | 0.42 |
| | Covões | 0.58 |
| | Febres | 0.75 |
| | Fer.-a-Nova | 1.00 |
| | Liceia | 1.11 |
| | Mira | 0.91 |
| | Quiaios | 0.92 |
| | Tocha | 1.37 |
| Gândara | | 0.99 |

Fonte: *Inquérito*.

QUADRO Nº. 103 - ÁREA MÉDIA DAS EXPLORAÇÕES

| Concelhos | Área (ha) |
|---|---|
| Cantanhede | 1.19 |
| Fig. da Foz | 2.95 |
| Mira | 0.92 |
| Mont.-o-Velho | 2.33 |
| Distrito de Coimbra | 2.88 |

Fonte: *Recenseamento Agrícola do Continente*, I.N.E., 1979.

QUADRO Nº 104 - EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS POR CLASSES DE ÁREAS (S.A.U.) - CONCELHOS 1979.

| Classes de área | Cantanhede | | Figueira da Foz | | Mira | | Montemor-o-Velho | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Nº de Exp. | % | Nº de Exp. | % | Nº de Exp. | % | Nº de Exp. | % |
| 0 - 1 ha | 4159 | 46.2 | 4530 | 58.7 | 1813 | 61.0 | 2565 | 42.4 |
| 1 - 2 ha | 2301 | 25.5 | 1779 | 23.1 | 722 | 24.2 | 1611 | 26.6 |
| 2 - 3 ha | 970 | 10.7 | 612 | 7.9 | 272 | 9.1 | 704 | 11.6 |
| 3 - 4 ha | 532 | 5.9 | 302 | 3.9 | 85 | 2.8 | 393 | 6.5 |
| 4 - 5 ha | 335 | 3.7 | 139 | 1.8 | 38 | 1.3 | 217 | 3.9 |
| 5 e mais ha | 698 | 8.0 | 351 | 4.6 | 49 | 1.6 | 558 | 9.0 |
| Total | 8995 | 100.0 | 7713 | 100.0 | 2979 | 100.0 | 6048 | 100.0 |

Fonte: *Recenseamento Agrícola do Continente, 1979.*

Há, todavia, a referir que, no território em estudo, a dimensão média das explorações apresenta alguma diferenciação espacial. Assim, nos sectores inscritos nas freguesias de Nossa Senhora das Febres, Cantanhede, Santo António dos Covões observa-se a menor área média: 0.58ha. Nas áreas abrangidas por Alhadas, Arazede, Cadima, Ferreira-a-Nova, Liceia e Tocha regista-se o valor mais elevado: 1.22 ha. Quiaios e Mira situam-se numa situação intermédia, 0.98 ha, e por isso mais próximos do padrão geral gandarês, 0.99 ha, (Fig.95).

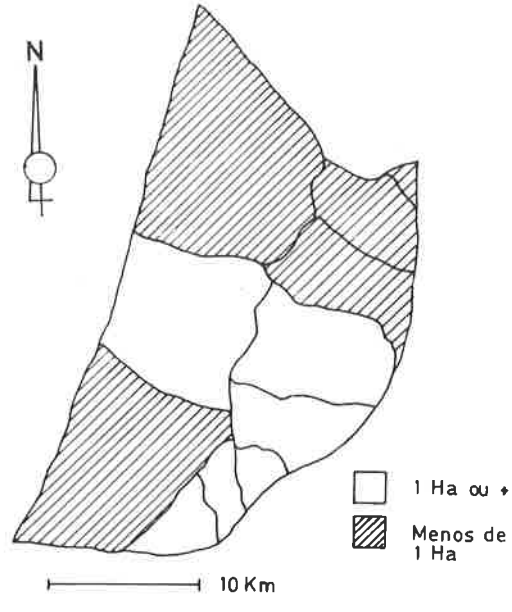



FIG.95-Dimensão média das explorações ( S.A.U.) Gândara, (1986 )

FONTE : INQUÉRITO

A comparação com o *Recenseamento Agrícola de 1979* (Quadro 105) mostra alguns desvios da amostra em relação àquela fonte. A principal razão a justificar a discrepância observada, deve residir na não coincidência entre a divisão administrativa e o limite do território. Este desajustamento — isto é, a não coincidência de fenómenos geográficos e as áreas administrativas onde se inserem —, motiva com alguma frequência, falsas interpretações da realidade, já que a informação segmentada impede muitas vezes a apreensão global duma área. A corroborar esta ideia está o facto de nas áreas onde o limite administrativo não ultrapassa as fronteiras da *Gândara,* os desvios observados serem pouco significativos. Em Mira a dimensão média apurada no *Inquérito* é igual à do *R.A.C.* (0.91 ha); em Quiaios, em 1979 o valor é de 1.29 e em 1986 de 0.92; na Tocha, respectivamente de 1.01ha e 0.99ha.

Em relação à restante área, o facto de algumas freguesias abrangerem território bairradino — a Norte de Arazede —, e outras se situarem na transição entre a *Gândara* e o *Baixo Mondego* deverá justificar a maior dimensão apurada no *Recenseamento Agrícola*. Aliás, na freguesia de Liceia e Ferreira-a-Nova alguns dos inquiridos exploram, quer por conta própria, quer por arrendamento, parcelas no *Baixo Mondego* onde cultivam arroz, e cuja dimensão é superior à de *Gândara*.

QUADRO Nº 105- DIMENSÃO MÉDIA DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS (S.A.U.)

| Freguesias | Total explorações | Total área | Área média explorações (ha) |
|---|---|---|---|
| Alhadas | 1083 | 1666 | 1.53 |
| Arazede | 1777 | 3161 | 1.77 |
| Cadima | 1535 | 3184 | 2.07 |
| Cantanhede | 1120 | 2139 | 1.90 |
| Covões | 857 | 1658 | 1.9 |
| Febres | 1149 | 1404 | 1.22 |
| Fer-a-Nova | 879 | 1842 | 2.09 |
| Liceia | 420 | 747 | 1.77 |
| Mira | 2988 | 2755 | 0.91 |
| Quiaios | 1314 | 1699 | 1.29 |
| Tocha | 1255 | 1906 | 1.01 |

Fonte: Elementos fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística e relativos ao *Recenseamento Agrícola do Continente, 1979.*

Na realidade, os valores encontrados permitem-nos afirmar que a dimensão média das exlporações gandaresas se situa abaixo da área que envolve o território em estudo.

## 2.2 — Estrutura da Dimensão das Explorações

A principal conclusão a tirar da leitura do Quadro 106 é que 66.8% das explorações inquiridas não ultrapassam 1 ha sendo de 84.7% as que não atigem 2ha. Há, no entanto, outros factos a salientar: em alguns sectores do território, o primeiro escalão (0-1 ha) absorve

quase a totalidade da amostra: Cantanhede 75%, Santo António dos Covões 88.9%; situam-se entre 70 e 75%, Liceia, Mira e Quiaios.

QUADRO Nº 106 - EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS POR CLASSES DE ÁREA - S.A.U. - NA GÂNDARA.

| Classes de área | 0 - 1 ha | | 1 - 2 ha | | 2 - 3 ha | | 3 - 4 ha | | 4 - 5 ha | | 5 e mais ha | | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Freguesias | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | |
| Alhadas | 9 | 50.0 | 5 | 27.8 | 4 | 22.2 | - | - | - | - | - | - | 18 |
| Arazede | 13 | 46.5 | 9 | 32.2 | 2 | 7.1 | 2 | 7.1 | 2 | 7.1 | - | - | 28 |
| Cadima | 23 | 63.9 | 6 | 16.7 | 4 | 11.1 | 2 | 5.6 | - | - | 1 | 2.7 | 36 |
| Cantanhede | 12 | 75.0 | 4 | 25.0 | - | - | - | - | - | - | - | - | 16 |
| Covões | 16 | 88.9 | 2 | 11.1 | - | - | - | - | - | - | - | - | 18 |
| Febres | 15 | 62.5 | 6 | 25.0 | 1 | 4.1 | - | - | — | - | 2 | 8.4 | 24 |
| Fer.-a-Nova | 15 | 65.2 | 4 | 17.4 | 3 | 13.1 | 1 | 4.3 | - | - | - | - | 23 |
| Liceia | 13 | 72.2 | 2 | 11.1 | 1 | 5.6 | 2 | 11.1 | - | - | - | - | 18 |
| Mira | 62 | 71.3 | 16 | 18.5 | 1 | 1.1 | 1 | 1.1 | 1 | 1.1 | 6 | 6.9 | 87 |
| Quiaios | 25 | 73.6 | 3 | 8.9 | 4 | 11.7 | 1 | 2.9 | 1 | 2.9 | - | - | 34 |
| Tocha | 24 | 63.5 | 4 | 10.5 | 3 | 7.8 | 5 | 13.2 | 1 | 2.5 | 1 | 2.5 | 38 |
| Gândara | 227 | 66.8 | 61 | 17.9 | 23 | 6.8 | 14 | 4.1 | 5 | 1.5 | 10 | 2.9 | 340 |

Fonte: *Inquérito*

Para além da dificuldade, já referida, de muitos inquiridos afirmarem concretamente a área de exploração, os desajustamentos observados entre os resultados da amostra e os apurados pelo *R.A.C.*, revelam, uma vez mais, o facto de se estar a analisar uma área relativamente homogénea, enquanto a divisão administrativa engloba várias sub-unidades regionais, cada uma das quais com características bem definidas.

Exceptuando Arazede, todos os sectores do território apresentam mais de 50% das explorações com menos de 1 ha, enquanto os dados relativos ao *R.A.C.* mostram uma maior disparidade. Em seis freguesias o número de explorações com menos de 1ha situa-se abaixo daquele valor (Quadro 107). Este facto tem ainda mais significado e exprime por isso a não coincidência entre o espaço geográfico e o espaço administativo, visto que são as áreas de transição que apresentam um menor quantitativo de explorações na classe de dimensão mais baixa.

Deve também notar-se que, para além da divisão progressiva da propriedade devido ao processo de partilhas, há também a considerar o facto de o surto emigratório ter levado ao

abandono de algumas terras de cultura, diminuindo assim a superficie agrícola útil. Tal circunstância ajudará também, possivelmente, a explicar os resultados em 1986.

QUADRO Nº 107- EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS POR CLASSES DE ÁREA, POR FREGUESIAS.

| Classes de área / Freguesias | 0 - 1 ha | | 1 - 2 ha | | 2 - 3 ha | | 3 - 4 ha | | 4 - 5 ha | | 5 e mais ha | | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | |
| Alhadas | 602 | 55.6 | 308 | 28.4 | 85 | 7.9 | 34 | 3.2 | 17 | 1.5 | 37 | 3.4 | 1083 |
| Arazede | 796 | 44.9 | 516 | 29.0 | 207 | 11.6 | 106 | 6.0 | 51 | 2.9 | 101 | 5.6 | 1777 |
| Cadima | 588 | 38.3 | 442 | 28.8 | 207 | 13.5 | 99 | 6.4 | 63 | 4.1 | 136 | 8.9 | 1535 |
| Cantanhede | 555 | 49.6 | 257 | 22.9 | 112 | 10.0 | 61 | 5.4 | 39 | 3.5 | 96 | 8.6 | 1120 |
| Covões | 312 | 36.4 | 290 | 33.8 | 111 | 13.0 | 58 | 6.8 | 33 | 3.9 | 53 | 6.1 | 857 |
| Febres | 719 | 62.6 | 256 | 22.3 | 91 | 7.9 | 38 | 3.3 | 14 | 1.2 | 31 | 2.7 | 1149 |
| Fer.-a-Nova | 525 | 59.7 | 207 | 23.5 | 65 | 7.4 | 30 | 3.4 | 20 | 2.3 | 32 | 3.7 | 879 |
| Liceia | 173 | 41.2 | 144 | 34.3 | 51 | 12.1 | 21 | 5.0 | 14 | 3.3 | 17 | 4.1 | 420 |
| Mira | 1813 | 61.0 | 722 | 24.2 | 272 | 9.1 | 85 | 2.8 | 38 | 1.3 | 49 | 1.6 | 2988 |
| Quiaios | 772 | 58.7 | 356 | 27.1 | 102 | 7.8 | 49 | 3.7 | 14 | 1.1 | 21 | 1.6 | 1314 |
| Tocha | 586 | 47.8 | 383 | 31.3 | 146 | 11.9 | 60 | 4.9 | 35 | 2.9 | 15 | 1.2 | 1225 |

Elementos fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística e relativos ao *Recenseamento Agrícola do Continente, 1979.*

Em síntese, a principal conclusão a tirar é sem dúvida, a reduzida dimensão das explorações: encontra-se maioritariamente abaixo dos 2 ha, pois em 8 das freguesias estudadas mais de 80% não ultrapassa aquele escalão.

## 2.3 —Parcelamento da Propriedade

Outro aspecto importante relativo à estrutura das explorações é o seu grau de fraccionamento. Numa área onde domina a pequena propriedade, o elevado grau de parcelamento dificulta, ou impede mesmo, a viabilidade duma progressiva melhoria de um dos principais sectores da estrutura económica da *Gândara* , a agricultura. Nesta área do Centro Litoral a média de blocos por exploração é de 7.6 (Quadro 108). Esse valor é superado nas áreas inscritas nas freguesias de Cadima (9.7), Cantanhede (9.2), Covões (8.4) e Quiaios

(8.7), situa-se pelo contrário um pouco mais baixo em Febres, Ferreira-a-Nova, Liceia e Mira, respectivamente 6.3, 5.6, 6.6 e 6.5.

QUADRO Nº 108 – NÚMERO MÉDIO DE BLOCOS POR EXPLORAÇÃO

| Freguesias | Segundo o Inquérito (1986) | Segundo R.A.C. (1979) |
|---|---|---|
| Alhadas | 7.1 | 8.2 |
| Arazede | 7.7 | 6.5 |
| Cadima | 9.7 | 8.7 |
| Cantanhede | 9.2 | 7.7 |
| Covões | 8.4 | 11.1 |
| Febres | 6.3 | 8.0 |
| Fer.-a-Nova | 5.6 | 6.0 |
| Liceia | 6.6 | 7.0 |
| Mira | 6.5 | 6.3 |
| Quiaios | 8.7 | 6.9 |
| Tocha | 7.8 | 7.4 |
| Total (Média) | 7.6 | - |

Fonte: *Inquérito.*
*Recenseamento Agrícola do Continente, 1979;*
elementos fornecidos pelo I.N.E.

O cotejo com os resultados do *R.A.C.* (cfr. Quadro 108) não revela desvios muito acentuados. Além disso, as áreas correspondentes às freguesias totalmente inseridas na *Gândara*, portanto melhor comparáveis, não mostram afastamento significativos. Em Quiaios, onde o desfazamento é maior, o número médio de blocos por exploração é, segundo o *Inquérito* , de 8.7, enquanto o relativo a 1979 se cifra em 6.9; em Mira é respectivamente 6.5 e 6.3 e na Tocha de 7.8 e 7.4.

De notar que a média apurada para a *Gândara* está acima da observada no país, 6.3, abaixo da do distrito, 8.4; é ainda superior à encontrada para os concelhos da Figueira da Foz e Montemor-o-Velho, respectivamente 7.0 e 6.5, e um pouco inferior à do concelho de Cantanhede no mesmo ano, 9.6 (Quadro 109).

Do facto de a média se situar entre 7 e 8 blocos por exploração, associado à circunstância de grande parte das propriedades estarem abrangidas, como vimos, por baixos escalões de dimensão, conclui-se que a grande maioria das parcelas agrícolas no território de

estudo tem uma área extremamente reduzida, dificultando por isso qualquer alteração significativa na estrutura agrícola gandaresa.

QUADRO Nº 109 - NÚMERO MÉDIO DE BLOCOS POR EXPLORAÇÃO - CONCELHOS E DISTRITO .

| Áreas Geográficas. | Número médio de blocos por expl. |
|---|---|
| Cantanhede | 9.6 |
| Fig. da Foz | 7.0 |
| Mira | 6.3 |
| Mont.-o-Velho | 6.5 |
| Dist. Coimbra | 8.4 |

Fonte: *Recenseamento Agrícola do Continente, 1979.*

## 2.4 — Formas de Exploração

A conta-própria é, segundo o *R.A.C.*, a forma de exploração dominante, quer nas freguesias quer nos concelhos onde se insere a *Gândara* (Quadros 110 e 111). Exceptuando Alhadas (49.4%), Ferreira-a-Nova (44.1%) e Liceia (31.7%), as restantes áreas administrativas têm mais de 50% das explorações trabalhadas por conta-própria. Cadima, Cantanhede, Mira, Quiaios e Tocha atingem até valores bastante mais expressivos: respectivamente, 68.2%, 65.8%, 60.0%, 70.4% e 63.7%.

Os resultados obtidos pelo *Inquérito* (Quadro 112 e Fig. 96-A) revelam, na realidade, a importância daquela forma de exploração da terra: corresponde a 51.7% do total de empresas agrícolas inquiridas. Exceptuando Cadima (38.9%), Febres (45.8%) e Liceia (27.8%), no restante território a conta-própria está presente em mais de 50% das explorações. Por outro lado, é nas áreas de Mira, Tocha e Quiaios que este indicador apresenta uma maior uniformidade, á semelhança do observado no *Recenseamento Agrícola de 1979.*

A exploração mista tem também uma representatividade bastante expressiva. Da análise efectuada,concluímos que 30.7% das explorações estão englobados nesse grupo (cfr. Quadro 112 e Fig 96-B). Acima do valor referido situam-se Cadima (44.5%), Covões (50.0%), Febres (45.8%), Ferreira-a-Nova (34.8%) e Liceia (61.1%). Exceptuando Alhadas, são as freguesias situadas junto ao Litoral gandarês que apresentam valores mais baixos: Mira 21.9%, S.Mamede de Quiaios 20.2% e Tocha 15.8%. Esses eram também os sectores que em 1979 apresentavam valores inferiores ao padrão geral.

QUADRO Nº 110- FORMAS DE EXPLORAÇÃO POR FREGUESIA, 1979.

| Freguesias | Conta-própria | | Arrendamento | | Mistas | | Outras | | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | |
| Alhadas | 535 | 49.4 | 7 | 0.6 | 527 | 48.7 | 14 | 1.3 | 1083 |
| Arazede | 888 | 50.0 | 22 | 1.2 | 814 | 45.8 | 53 | 3.0 | 1777 |
| Cadima | 1047 | 68.2 | 34 | 2.2 | 454 | 29.6 | - | | 1535 |
| Cantanhede | 737 | 65.8 | 7 | 0.6 | 370 | 33.0 | 6 | 0.6 | 1120 |
| Covões | 479 | 55.9 | - | - | 369 | 43.1 | 9 | 1.0 | 857 |
| Febres | 631 | 55.0 | 11 | 1.0 | 478 | 41.6 | 29 | 2.4 | 1149 |
| Fer.-a-Nova | 388 | 44.1 | 10 | 1.1 | 481 | 54.8 | - | - | 879 |
| Liceia | 133 | 31.7 | 2 | 0.5 | 285 | 67.8 | - | - | 420 |
| Mira | 1789 | 60.0 | 21 | 0.7 | 1157 | 38.8 | 12 | 0.5 | 2979 |
| Quiaios | 926 | 70.4 | 12 | 0.9 | 372 | 28.4 | 4 | 0.3 | 1314 |
| Tocha | 781 | 63.7 | 31 | 2.6 | 410 | 33.5 | 3 | 0.2 | 1225 |

Fonte: *Recenseamento Agrícola do Continente, 1979;* elementos fornecidos pelo I.N.E.

QUADRO Nº 111 - FORMAS DE EXPLORAÇÃO - CONCELHOS, 1979.

| Concelhos | Conta-própria | | arrendamento | | mista | | outros | | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | total | % | |
| Cantanhede | 5824 | 64.7 | 78 | 0.9 | 3017 | 33.5 | 76 | 0.9 | 8995 |
| Fig. da Foz | 4924 | 63.8 | 122 | 1.6 | 2597 | 33.7 | 70 | 0.9 | 7713 |
| Mira | 1789 | 60.0 | 21 | 0.7 | 1157 | 38.8 | 12 | 0.5 | 2979 |
| Mont.-o-Velho | 2526 | 41.8 | 137 | 2.3 | 2873 | 54.1 | 112 | 1.8 | 6048 |
| Distrito de Coimbra | 47679 | 68.6 | 2116 | 3.0 | 18830 | 27.1 | 831 | 1.3 | 69456 |

Fonte: *Recenseamento Agrícola do Continente,* 1979.

O número de unidades exploradas por arrendamento mostra um desvio acentuado em relação ao *R.A.C.*; indica, além disso, uma maior importância daquela forma de exploração nos terrenos arenosos da *Gândara* (17.6%). Aliás, é no sector Litoral que o afastamento é maior: em termos médios, em 25.7% das explorações de Mira, Quiaios e Tocha está presente o arrendamento. Julgamos que este facto se relaciona com três tipos de razões: a primeira, entronca no facto de ser a área mais recentemente colonizada, ligando-se frequentemente a foros e a prazos; a segunda, porque se trata dum espaço onde existiram e ainda existem numerosos baldios, alguns dos quais são actualmente "propriedade" do Estado que os arrenda a populações locais (cfr. F. DELGADO CRAVIDÃO, 1985 ); finalmente, a terceira razão prende-se com o facto de, em algumas dessas áreas, nomeadamente Quiaios e Mira, se terem desenvolvido núcleos piscatórios cuja população, desprovida de terra, a teve de alugar, para poder manter a economia dos agregados familiares durante os meses de Inverno, época em que estava impedida de exercer aquela actividade.

QUADRO Nº 112 - FORMAS DE EXPLORAÇÃO - GÂNDARA.

| Freguesias | Conta-própria | | Arrendamento | | Mistas | | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | |
| Alhadas | 14 | 77.8 | 2 | 11.1 | 2 | 11.1 | 18 |
| Arazede | 16 | 57.1 | 5 | 17.9 | 7 | 25.0 | 28 |
| Cadima | 14 | 38.9 | 6 | 16.6 | 16 | 44.5 | 36 |
| Cantanhede | 10 | 62.5 | 2 | 12.5 | 4 | 25.0 | 16 |
| Covões | 9 | 50.0 | - | - | 9 | 50.0 | 18 |
| Febres | 11 | 45.8 | 2 | 8.4 | 11 | 45.8 | 24 |
| Fer.-a-Nova | 12 | 52.2 | 3 | 13.0 | 8 | 34.8 | 23 |
| Liceia | 5 | 27.8 | 2 | 11.1 | 11 | 61.1 | 18 |
| Mira | 44 | 50.6 | 24 | 27.5 | 19 | 21.9 | 87 |
| Quiaios | 19 | 55.9 | 8 | 23.5 | 7 | 20.6 | 34 |
| Tocha | 22 | 57.9 | 10 | 26.3 | 6 | 15.8 | 38 |
| Gândara | 176 | 51.7 | 64 | 17.6 | 100 | 30.7 | 340 |

Fonte: *Inquérito*

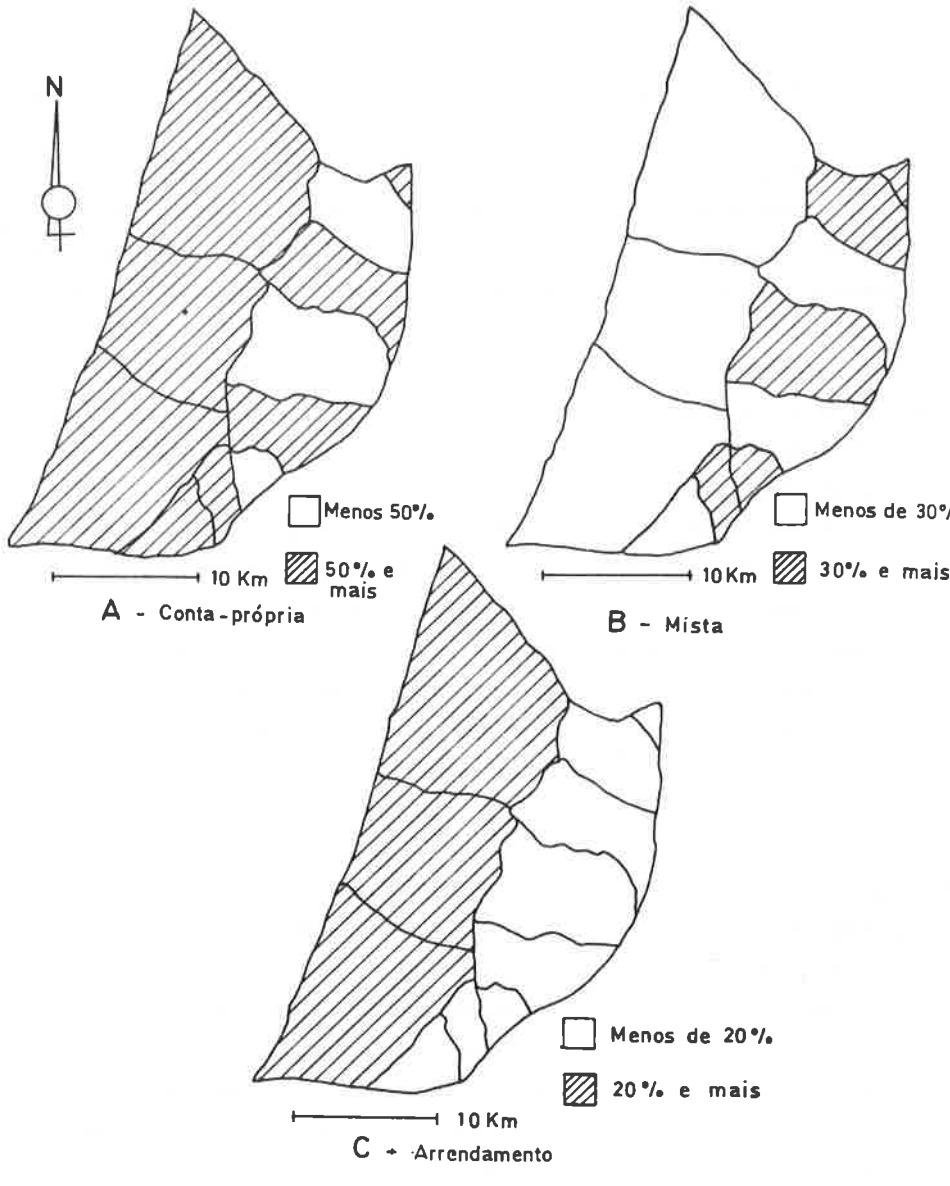



FIG. 96 - Formas de exploração na Gândara, 1986

FONTE: INQUÉRITO

Ao contrário do observado noutras áreas do país (cfr.T.A. PEREIRA, 1986, pags. 124-125), a renda é, na maior parte dos casos, paga em espécie (67.4%), sendo o milho o produto mais utilizado. Alguns dos inquiridos associam àquele cereal, dinheiro, dependendo a quantia do preço a que "corre" o milho, facto que mostra a importância que aquela espécie tem mantido na economia local. Raros são os exemplos em que a renda é paga apenas em dinheiro. Dos 14 casos observados, 6 localizam-se na Praia de Mira e em

todos o chefe do agregado familiar é pescador. Dos restantes, 5 situam-sè no mesmo concelho.

Outra das questões colocadas relacionava-se com as possibilidades de investimento na exploração, nomeadamente a partir do aumento da sua dimensão. Tratando-se duma área onde domina, além de explorações de superfície reduzida, um elevado grau de fraccionamento, o seu acréscimo significará, à partida, um interesse em investir e melhorar a exploração agrícola.

Os resultados revelam, o fraco interesse dos chefes das explorações em fazê-lo. Justificando-se, afirmam "que não vale a pena". A idade avançada, os duros anos de trabalho passados no estrangeiro e o desvincular progressivo das gerações mais novas, são razões que concorrem para um certo desencanto com que deparámos.

No total das 340 explorações inquiridas, 74 (21.5%) indivíduos afirmaram vir a puder aumentar a sua exploração, porém, naquele conjunto alguns encerram frequentemente dúvidas de concretização, para as quais concorre principalmente o preço da terra. Refira-se que um hectare de S.A.U. atinge actualmente valores que rondam 2.000 a 2.500 contos. Como se compreende, os pequenos agricultores sem qualquer conhecimento que lhes permita ter acesso a crédito, dificilmente têm possibilidades de entrar no mercado da terra. Apenas os emigrantes ou ex-emigrantes podem adquirir alguns desses terrenos, muitas vezes a preços bastante superiores ao que na realidade valem. Esta foi, de resto, uma consequência nefasta decorrente das poupanças de emigrantes. A especulação que se desenvolveu impediu, quase completamente, os indivíduos que ficaram de poder adquirir terras podendo assim aumentar as suas explorações, contribuindo desta forma para melhorar o seu nível de rendimentos.

A compra é o processo mais frequentemente referido, como forma de aumentar a dimensão da terra, já que 60.8% o refere. O arrendamento tem pouco significado e coincide quase em exclusividade com os casos onde esta forma de exploração tem maior significado. Por isso residem em Mira todos os inquiridos que afirmaram poder vir a aumentar a exploração através do pagamento de renda. Parece-nos, assim, que do facto de poucos inquiridos virem eventualmente a aumentar a sua exploração, significa as escassas perspectivas de um desenvolvimento agrícola na área, situação que, quanto a nós, pode ser considerada com alguma preocupação, pois trata-se do sector base em toda a área de estudo.

Foi, aliás, neste sentido que demos particular atenção á agricultura e criação de gado, já que a nova situação criada principalmente ao sector leiteiro, decorrente da entrada em Portugal na Comunidade Europeia poderá, a curto prazo, gerar algumas situações de ruptura na economia da *Gândara*

## 2.5 — Exploração Agrícola e Trabalho

Na área de estudo a exploração agrícola tipo familiar é praticamente exclusiva. Apenas um indivíduo se afirmou como empresário agrícola para o qual trabalham permanentemente dois assalariados.

É no entanto frequente, na época das colheitas e sementeiras, o recurso a mão-de-obra externa ao agregado. Porém, torna-se difícil quantificá-la, já que se processa na maioria dos casos numa dinâmica de entre-ajuda e portanto não remunerada pecuniariamente. As poucas excepções — isto é, os casos em que, durante alguns dias do ano, se recorre a trabalho eventual —, coincidem com os agregados familiares onde a elevada estrutura etária dos seus componentes e ou a ruptura completa dos mais jovens com o mundo agrícola, impede a *troca* na execução das tarefas agrícolas.

### 2.5.1 — Mão-de-Obra Agrícola por Tempo de Actividade e Sexo

Uma breve análise da evolução da mão-de-obra agrícola revela que a mulher tem vindo progressivamente a ocupar uma importância cada vez maior neste sector de actividade.

Em 1970 as mulheres correspondiam a 24.2% da mão-de-obra agrícola em todo o país e em 1981 a 61.9% (cfr.C.CAVACO, 1981, pags.7-9; M. L.R.MATEUS, 1986, pag.6). Várias razões explicam esta variação; as mais importantes ligam-se à mobilidade profissional, que incide preferencialmente na mão-de-obra masculina e aos fluxos migratórios dirigidos para a Europa que foram particularmente incidentes nos homens. Afectando principalmente o mundo rural, caberá à mulher que fica assegurar o trabalho da exploração agrícola antes também executado pelo homem.

A evolução observada no distrito de Coimbra, não sendo tão acentuada, mostra também a "feminização" do trabalho agrícola. Em 1970 o quantitativo de mulheres cifrava-se em 16.6% e, em 1981, em 50.9%; (cfr. M.L.R. MATEUS, 1986, pag.9).

A Fig. 97 mostra que são os dois concelhos que maior área abrangem da *Gândara*, Cantanhede e Mira, aqueles em que a importância da mulher na economia agrícola tem sido maior. Em 1950 mais de 60% das mulheres activas residentes em Mira trabalhavam na agricultura, valor apenas não atingido em 196O pelo facto de o critério de classificação ser diferente e não por ter ocorrido qualquer modificação na estrutura de emprego feminino. Em 1981, não é apenas em Mira que se atinge aquele valor (+60%), mas também em Cantanhede e Montemor-o-Velho. Será interesante referir que aquela percentagem apenas se observa em

dois outros concelhos do distrito de Coimbra: Góis e Pampilhosa da Serra, situados em pleno *interior* do distrito.

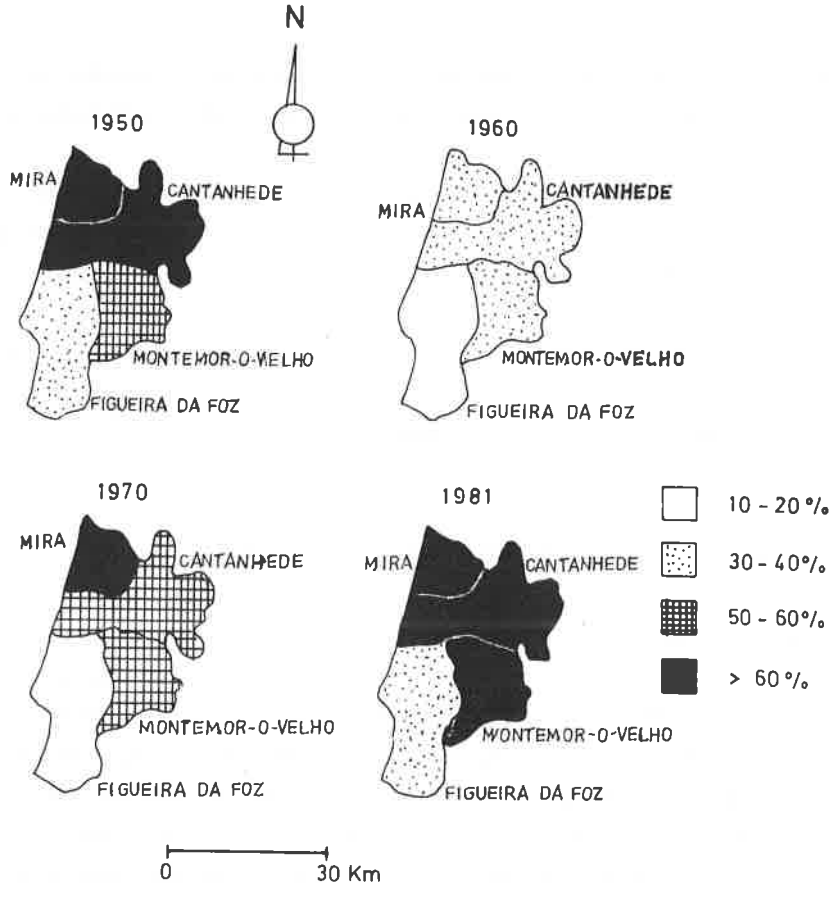



FIG. 97 - Evolução da mão-de-obra agrícola feminina por concelhos

FONTE : Adaptado de MARIA DE LURDES ROXO MATEUS (1986, pág.16 ).

Na amostra analisada os resultados evidenciam também a importância da mão-de-obra agrícola feminina, superando em alguns casos os valores referidos.

Não obstante, no conjunto dos indivíduos que executam tarefas agrícolas, as mulheres representarem 54.2% (Quadro 113), analisando este valor em relação com a distribuição do tempo de actividade na exploração, a sua expressão é bastante maior. Na realidade, na população que constitui os agregados familiares inquiridos, 325 indivíduos

trabalham diariamente e a tempo inteiro na agricultura, onde 68% (221) são mulheres. Isto é, são elas que asseguram quotidianamente grande parte das tarefas agrícolas e nalguns casos mesmo todas.

QUADRO Nº.113 - TEMPO DE ACTIVIDADE NA EXPLORAÇÃO SEGUNDO O SEXO - GÂNDARA.

| Tempo de actividade na exploração | Homens | | Mulheres | |
|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % |
| Diariamente (tempo completo | 104 | 32.0 | 221 | 68.0 |
| Apenas algumas horas por dia (todos os dias) | 64 | 58.2 | 46 | 41.8 |
| Aos fins de semana | 99 | 67.3 | 48 | 32.7 |
| TOTAL | 267 | 45.8 | 315 | 54.2 |

Fonte: *Inquérito.*

O trabalho agrícola masculino apresenta um sentido diferente, pois o número de homens é tanto maior quanto menor é o tempo de actividade. No total de indivíduos que trabalham algumas horas na exploração 58.2% (110), são homens, valor que sofre um acréscimo em relação ao trabalho de fim-de-semana, pois dos 147 que o executam, 67.3% são do sexo masculino. Os emigrantes ainda não regressados e o emprego externo à exploração, por parte dos chefes do agregado, explicam em grande parte a "feminização" do trabalho agrícola.

Apenas ao fim-de-semana a mão-de-obra masculina se sobrevaloriza em relação à mulher. De notar também que o trabalho na exploração é assegurado dominantemente pelos chefes dos agregados familiares (homem-mulher), já que a participação de indivíduos jovens é bastante reduzida. Apenas 10.8% (63) tem idade inferior a 20 anos e destes apenas 6.2% (36) trabalham diariamente na exploração.

## 3 — CULTURAS DOMINANTES

### 3.1 — Algumas Considerações Gerais

Foi-nos particularmente difícil quantificar a importância relativa das principais culturas. À dificuldade dos inquiridos em escalonar segundo um critério hierárquico, as áreas ocupadas pelas diversas culturas e a percentagem que cada uma ocupa no conjunto da produção acumulou-se o facto de não haver uma constante na área que anualmente ocupam. Esta situação foi particularmente sensível na estrutura das respostas obtidas. Como referimos, o *Inquérito* foi realizado no último trimestre de 1986, ora, os valores que nos foram transmitidos são relativos a esse ano. Porém, o ano agrícola anterior tinha sido particularmente negativo para os numerosos produtores de batata. O "excesso" de produção provocou a nível nacional dificuldades de escoamento, com reflexo ou na quebra dos preços pagos ao produtor, ou na ausência de mercado. Note-se que a Cooperativa Agrícola de Cantanhede adquiriu grande quantidade daquele produto a 10$00 por kilo, vendendo-a posteriormente a 2$5O para alimentação de gado.

Estes problemas provocaram no ano seguinte (1986) um receio por parte de muitos agricultores em produzir batata, razão que levou a diminuir a área de cultura. Este facto não terá deixado de se reflectir nos resultados que obtivemos.

A ocorrência de situações desta natureza coloca uma vez mais a ausência de uma política de preços que permita ao pequeno agricultor produzir, sem correr grandes riscos de comercialização , de modo a evitar também o recurso à importação daquele produto sempre a preços mais competitivos que os nacionais.

Não obstante as dificuldades referidas, os resultados obtidos revelam a importância da batata, do milho, frequentemente associado ao feijão, e das forragens, visando estas sobretudo a alimentação do gado leiteiro.

A *Gândara* tem condições ecológicas que lhe permitem dispor, sob o ponto de vista agrícola, duma situação privilegiada no Centro Litoral português. Porém, a ausência de investimento e inovação, aliados a alguns condicionalismos de carácter nacional, têm feito com que se mantenha, quase na totalidade, no domínio do autoconsumo, concorrendo dum modo pouco activo para o desenvolvimento regional equilibrado.

Uma análise sucinta das condições fisio-climáticas permite concluir que, por exemplo, em relação à batata, nos sectores situados a Norte de Tocha e mais próximos do Litoral, a produtividade pode ser bastante elevada, com a possibilidade de fazer duas produções ao longo do ano, a exemplo do sucedido no concelho de Vagos. Esta situação desenvolvida,

permitia colocar no mercado europeu, muito mais cedo do que qualquer outro país, a batata proveniente da primeira produção.

Apesar da "grande homogeneidade litológica" observada na área, é possivel "delimitar secções de características ligeiramente diferentes, tanto no respeitante aos solos, como no respeitante à vegetação" (F. REBELO,1981, pags. 231-232).

De facto, na Fig. 98 observa-se que na *Gândara* dominam dois tipos de solos: regossolos e solos podzólicos. Nos primeiros, caracterizados essencialmente por serem pobres com elevado índice de acidificação, arenosos e muito permeáveis domina o pinheiro; os segundos "bastante lavados, ácidos, de horizonte inferior ferruginoso" (A.C. de ALMEIDA e Outros, 1986, pag.12), quando sujeitos a uma intensa fertilização, tornam-se mais ricos, permitindo assim uma maior ocupação agrícola.

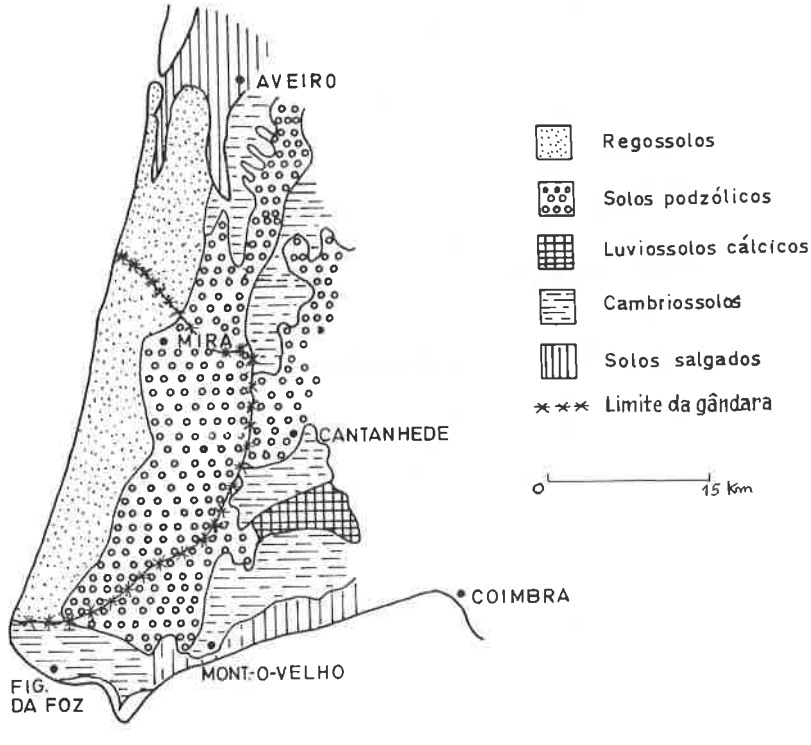



FIG. 98 – TIPOS DE SOLOS
Adaptado de A. CAMPAR DE ALMEIDA e Outros (1986).

A proximidade do Atlântico e a ausência de obstáculos, relevo por exemplo, que diminuam a influência marinha, confere a esta área "características climáticas muito próprias, embora não exclusivas, traduzindo-se por fracos contrastes térmicos e por precipitações que não raramente ultrapassam os 1000 mm." (A. C. de ALMEIDA e Outros, 1986, pag.3). A temperatura mínima média do mês mais frio ronda os 5° C e a temperatura máxima média do mês mais quente atinge cerca de 25° C. Embora esta característica apresente algumas variações consoante se esteja mais ou menos próximo da linha da costa e nos situemos mais a Norte ou Sul do território, trata-se de facto de uma área sem grandes contrastes térmicos e onde o Atlântico é um importante regulador do clima.

Saliente-se também a quase ausência de geadas em grande parte do território andarês (Fig. 99), circunstância que, aliada a outros elementos de clima, permite num sector

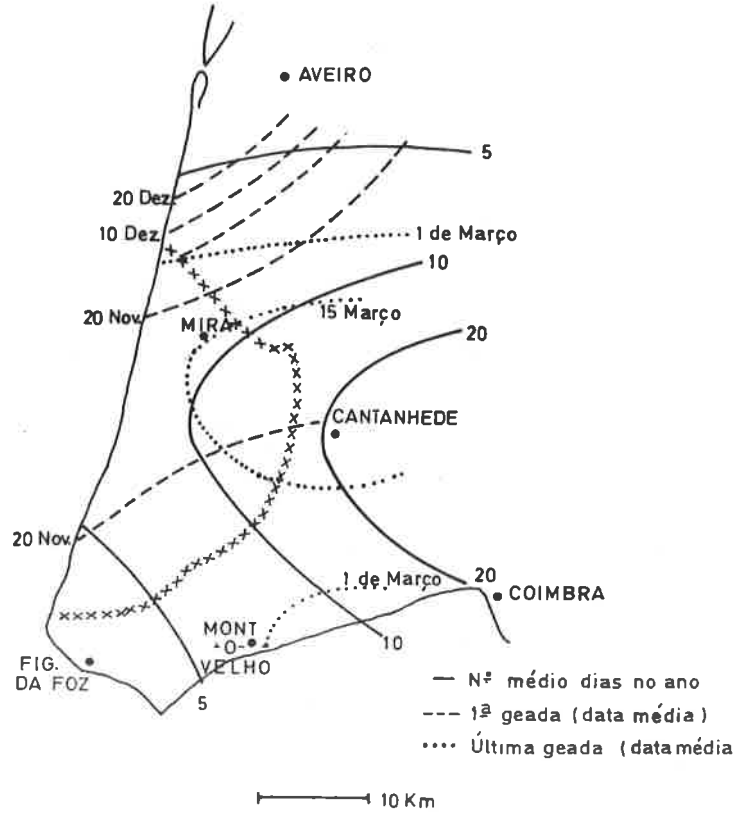



FIG. 99 – DISTRIBUIÇÃO DA GEADA
Adaptado de A. CAMPAR DE ALMEIDA e Outros (1986).

considerável da área em estudo a ocorrência de "óptimas condições culturais durante praticamente todo o ano" (A.C. de ALMEIDA e Outros, 1986, pag. 9). Decorre do facto daqui a possibilidade de algumas culturas, nomeadamente a batata, poderem ter duas produções anuais.

### 3.2 — A Importância das Culturas Tradicionais

As informações referentes ao *R.A.C.*, (Quadro 114), expressam bem a importância das culturas tradicionais: o milho e a batata. Além disso, evidenciam também o "peso" das culturas forrageiras no total da área cultivada, destinadas sobretudo à alimentação do gado leiteiro. De salientar a posição ocupada pela área de Mira em relação à produção de batata, pois 40.8% da área total das explorações é utilizada para a sua produção. Este valor ultrapassa de forma significativa os registados nas outras freguesias. Segundo o *Recenseamento Agrícola* a associação milho-feijão ocupa também uma superfície expressiva: 17.8% em Arazede,16% em Cadima, 14.3% em Febres, 23.7% em Liceia, 21% em Mira e 18.6% na Tocha.

Os resultados obtidos no *Inquérito*, apesar das reservas a ter em conta pelas razões já expostas, mostram também o domínio daquelas espécies vegetais. Assim, nas 279 explorações, onde apurámos a informação referente aos Quadros 115-A e 115-B, todos os inquiridos afirmam cultivar batata e milho. Na *Gândara*, 38.7% das respostas referem que mais de 50% da produção agrícola é de batata (Quadro 115-A), enquanto em 57.0% das explorações é o milho que ultrapassa 50% da produção. Tal como indicavam os resultados relativos ao *R.A.C.*, também a área de Mira é, segundo o *Inquérito* , aquela onde um maior número de indivíduos têm na batata a principal produção (62.7%). Com um valor relativamente próximo posiciona-se Febres, 57.8%, facto que está de acordo com os elementos relativos a 1979. Na realidade, o confronto entre os Quadros 115-A e 115-B mostra que Mira situa-se em primeiro lugar, quer em relação à área ocupada pela batata quer à percentagem de inquiridos que tem na sua produção mais de 50% do total da exploração agrícola.

Relativamente aos outros sectores gandareses grande parte das respostas revela que a maior incidência se situa entre 20% e 50%, sendo o valor médio encontrado para toda a *Gândara* de 49.1%. Significa isso que, em toda a área, 87.8% dos inquiridos têm na batata mais de 20% do conjunto da sua produção agrícola. O milho tem também um importante significado na economia agrícola da região. Dos resultados que obtivemos conclui-se que, na *Gândara* , em 57% dos inquiridos aquele cereal representa mais de 50% das diferentes

QUADRO Nº 114 - ÁREA OCUPADA PELAS PRINCIPAIS PRODUÇÕES*, 1979.

| Freguesias | Área total das explorações(ha) | Batata | | Milho | | Culturas mistas | | | | Culturas forrajeiras | | Culturas hortícolas ao ar livre | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | Milho/feijão | | Milho/batata | | | | | |
| | | Total de área (ha) | % | Total de área (ha) | % | Total de área (ha) | % | Total de área (ha) | % | Total de área (ha) | % | Total de área (ha) | % |
| Alhadas | 1666 | 149 | 8.9 | 318 | 19.1 | 62 | 3.7 | 19 | 1.1 | 685 | 41.1 | 12 | 0.7 |
| Arazede | 3161 | 161 | 5.1 | 380 | 12.0 | 562 | 17.8 | 82 | 2.6 | 1655 | 52.3 | 81 | 2.6 |
| Cadima | 3184 | 120 | 3.8 | 375 | 11.8 | 508 | 16.0 | 4 | 0.1 | 1580 | 49.6 | 43 | 1.4 |
| Cantanhede | 2139 | 115 | 5.3 | 168 | 7.9 | 96 | 4.5 | 3 | 0.1 | 360 | 16.7 | 59 | 2.8 |
| Covões | 1658 | 355 | 21.4 | 191 | 11.5 | 32 | 1.9 | 48 | 2.9 | 529 | 31.9 | 18 | 1.1 |
| Febres | 1404 | 189 | 13.5 | 95 | 6.8 | 201 | 14.3 | 4 | 0.3 | 516 | 36.8 | 44 | 3.1 |
| Fer.-a-Nova | 1842 | 116 | 6.3 | 58 | 3.1 | 236 | 12.8 | 3 | 0.2 | 665 | 36.1 | 20 | 1.1 |
| Liceia | 747 | 41 | 5.5 | 48 | 6.4 | 177 | 23.7 | - | - | 389 | 52.1 | 11 | 1.5 |
| Mira | 2755 | 1124 | 40.8 | 239 | 8.9 | 578 | 21.0 | 116 | 4.2 | 2110 | 76.6 | 121 | 4.4 |
| Quiaios | 1699 | 193 | 11.4 | 279 | 16.4 | 202 | 11.9 | 42 | 2.4 | 856 | 50.4 | 51 | 3.0 |
| Tocha | 1906 | 132 | 6.9 | 106 | 5.7 | 354 | 18.6 | 5 | 0.3 | 1526 | 80.1 | 40 | 2.1 |

* As outras culturas tem uma expressão demasiado reduzida para serem referidas, além disso algumas nem sequer ocorrem na área de estudo.

Fonte: Informações fornecidas pelo I.N.E., e referentes ao *Recenseamento Agrícola do Continente*, 1979.

QUADRO Nº 115-A - IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DE BATATA NA GÂNDARA

| Freguesias | +50% | | 20-50% | | -20% | | Total * |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | |
| Alhadas | 4 | 28.5 | 10 | 71.5 | - | - | 14 |
| Arazede | 1 | 4.2 | 19 | 79.2 | 4 | 16.6 | 24 |
| Cadima | 7 | 24.1 | 17 | 58.6 | 5 | 17.3 | 29 |
| Cantanhede | 5 | 33.3 | 7 | 46.7 | 3 | 20.0 | 15 |
| Covões | 5 | 38.5 | 7 | 53.8 | 1 | 7.7 | 13 |
| Febres | 11 | 57.8 | 5 | 26.3 | 3 | 15.9 | 19 |
| Fer.-a-Nova | 8 | 40.0 | 11 | 55.0 | 1 | 5.0 | 20 |
| Liceia | 5 | 41.7 | 2 | 16.7 | 5 | 41.6 | 12 |
| Mira | 47 | 62.7 | 21 | 28.0 | 7 | 9.3 | 75 |
| Quiaios | 8 | 28.6 | 18 | 64.3 | 2 | 7.1 | 28 |
| Tocha | 7 | 23.3 | 20 | 66.7 | 3 | 10.0 | 30 |
| Total | 108 | 38.7 | 137 | 49.1 | 34 | 12.2 | 279 |

* Refere-se ao total de explorações onde foi possível quantificar as principais produções.

Fonte: *Inquérito.*

QUADRO Nº 115-B - IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DE MILHO NA GÂNDARA.

| Freguesias | + 50% | | 20-50% | | -20% | | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | |
| Alhadas | 8 | 57.1 | 5 | 35.7 | 1 | 7.2 | 14 |
| Arazede | 21 | 87.5 | 2 | 8.3 | 1 | 4.2 | 24 |
| Cadima | 21 | 72.4 | 6 | 20.7 | 2 | 6.9 | 29 |
| Cantanhede | 7 | 46.6 | 4 | 26.7 | 4 | 26.7 | 15 |
| Covões | 19 | 69.2 | 3 | 23.1 | 1 | 7.7 | 13 |
| Febres | 8 | 42.1 | 7 | 36.8 | 4 | 21.1 | 19 |
| Fer.-a-Nova | 11 | 55.0 | 6 | 30.0 | 3 | 15.0 | 20 |
| Liceia | 9 | 75.0 | 3 | 25.0 | | | 12 |
| Mira | 21 | 28.0 | 43 | 57.3 | 11 | 14.7 | 75 |
| Quiaios | 21 | 75.0 | 6 | 21.4 | 1 | 3.6 | 28 |
| Tocha | 23 | 76.7 | 5 | 16.7 | 2 | 6.6 | 30 |
| Total | 159 | 57.0 | 90 | 32.2 | 30 | 10.8 | 279 |

Fonte: *Inquérito.*

espécies cultivadas. Apenas em Mira e em Febres a sua importância diminui, respectivamente 28.0% e 42.1%, subvalorizando-se em relação à batata.

Há porém que chamar a atenção para os valores apurados em relação ao milho. Grande parte da sua produção destina-se à criação de gado leiteiro — as milharadas —. Daí que os resultados referentes ao *Inquérito* (Quadro 115-B) pareçam indicar um acréscimo das culturas forrageiras, em relação ao *Recenseamento* de 1979 onde as milharadas já se incluem. Esta circunstância relaciona-se com o desenvolvimento da criação de gado leiteiro e com a diminuição progressiva da utilização de rações, pois trata-se de um tipo de alimentação que agrava consideravelmente os custos de produção.

O feijão é também uma espécie frequentemente referida, sendo quase sempre cultivado em associação com o milho. Nas onze freguesias por onde distribuímos os inquéritos, o feijão é referido em terceiro lugar em Alhadas, Arazede, Liceia, Quiaios, Tocha, Mira, Febres, Ferreira-a-Nova e Cadima. Apenas em Cantanhede e Covões, a vinha ocupa aquela posição, reflexo evidente da "presença" da *Bairrada* .

As hortícolas são também sempre mencionadas, mas poucas vezes ultrapassam o domínio do consumo doméstico. Apenas na área mais a Norte do território e próxima já do concelho de Vagos, alguns dos inquiridos vendem grande parte da produção de hortícolas a intermediários, que abastecem sobretudo o concelho de Coimbra. De notar o facto de termos contactado um indivíduo que vendia para um comerciante abastecedor do mercado de Lisboa.

Pode-se afirmar que o milho e a batata, além de serem as principais espécies cultivadas, são também os produtos agrícolas mais comercializados pelos gandareses. Em cerca de metade dos inquiridos (51.5%), uma parte da produção destina-se sempre ao mercado. Trata-se porém de pequenas quantidades: "apenas algumas arrobas", como nos afirmaram frequentemente. Devemos, no entanto, salientar que, na área de Mira e Febres, a produção está de facto muito mais vocacionada para o mercado. Um exemplo significativo refere-se a um ex-emigrante, residente no lugar da Sanguinheira, freguesia de Febres, cuja exploração agrícola tem uma área próxima dos 3 hectares que produziu no ano de 1986 30 toneladas de batata, quase toda adquirida pela Junta Nacional das Frutas. A maioria dos inquiridos, cuja produção de batata e milho é menor, põem à venda essencialmente o que resta do balanço produção-consumo.

### 3.2.1 — Ausência de Inovações em Relação às Espécies Cultivadas

Não se registaram inovações significativas nas espécies cultivadas.. À questão "sempre cultivou as mesmas espécies?" 85.9% respondeu afirmativamente (Quadro 116); portanto apenas 14.1 % introduziu algumas modificações. No entanto, estas reflectem apenas o aumento progressivo da criação de gado leiteiro, e não qualquer modificação significativa no sistema cultural gandarês. Na realidade, quase todos estes inquiridos — 2 em Alhadas, 3 em Arazede, 6 em Cadima, 1 em Cantanhede, 1 em Febres, 9 em Mira, 9 na Tocha e 4 em Quiaios —, passaram a cultivar forragens visando diminuir os custos de produção decorrentes da alimentação do gado de leite.

QUADRO Nº 116: - ALTERAÇÃO DAS ESPÉCIES CULTURAIS.

| Freguesias | Total exp | Sempre cultivaram as mesmas | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | | Sim | | Não | |
| | | Total | % | Total | % |
| Alhadas | 18 | 16 | 88.9 | 2 | 11.1 |
| Arazede | 28 | 22 | 78.6 | 6 | 21.4 |
| Cadima | 36 | 30 | 83.3 | 6 | 16.7 |
| Cantanhede | 16 | 15 | 93.8 | 1 | 6.2 |
| Covões | 18 | 18 | 100.0 | - | - |
| Febres | 24 | 23 | 95.8 | 1 | 4.2 |
| Fer.-a-Nova | 23 | 21 | 91.3 | 2 | 8.7 |
| Liceia | 18 | 16 | 88.9 | 2 | 11.1 |
| Mira | 87 | 78 | 89.7 | 9 | 10.3 |
| Quiaios | 34 | 29 | 85.3 | 5 | 14.7 |
| Tocha | 38 | 24 | 63.2 | 14 | 36.8 |
| Gândara | 340 | 292 | 85.9 | 48 | 14.1 |

Fonte: *Inquérito.*

Exceptuando os indivíduos que abandonaram a cultura do arroz, e portanto as terras de renda no *Baixo Mondego* — 3 em Arazede e 1 em Liceia —, merecem referência os 5 inquiridos da área da Tocha que, durante algum tempo, em média 7 anos, cultivaram ervilha. Esta espécie foi introduzida por volta de 1976, mas está actualmente quase abandonada. Localizada em Aveiro, a fábrica de produtos congelados a que se destinava, encontra-se em

precária situação económica. Daí o desinteresse, por parte dos produtores, em continuarem a produzir ervilha.

Apenas um indivíduo residente em Quiaios alterou completamente a sua exploração. A partir de 1977 dedica-se à fruticultura, pomoideias, afirmando porém ter sido um investimento, cujo resultado não foi compensador.

### 3.4 — Comercialização dos Produtos Agrícolas

O único estudo de conjunto até agora elaborado das feiras e mercados no Centro Litoral português (J. GASPAR, 1965/1970), mostra a importância daqueles centros de comercialização, quer na *Gândara* quer nas unidades sub-regionais envolventes(1). No caso particular do território em estudo, onde ainda predominam lugares de pequena dimensão e pouco hierarquizados, as feiras e os mercados assumem, em relação à venda dos produtos agrícolas, uma função dificilmente substituível.

Segundo aquele estudo (pag. 19), "as feiras de gado são indispensáveis, pois constituem o único meio de exportar ou importar animais, particularmente em épocas de precários meios de transporte". Ora, tratando-se de uma área onde o gado, em especial o bovino, tem tido um papel decisivo na economia da região, deverá ter sido a partir daquele tipo de feiras que se começaram a desenvolver outras, de dimensão e diversificação mais vastas(2). Como afirma J. GASPAR", a afluência de gados e de gentes concorrem também outras mercadorias e a feira de gado passa a ser paralelamente um mercado rural...".

Refira-se entretanto que a feira de gado tem vindo a perder alguma importância, pois a introdução de maquinaria agrícola, nomeadamente tractores, o aumento do gado leiteiro, a importância cada vez maior da agricultura a tempo parcial e a emigração, têm provocado uma diminuição progressiva da superfície agrícola útil, levando a um decréscimo do gado de

---

1 — São as seguintes as principais feiras da *Gândara*: a 3 de cada mês Ferreira-a-Nova, a 7 e 24 em Arazede (actualmente encerradas), a 11 e 30 em Portomar, a 13 em Cadima ( actualmente encerrada) e a 14 e 26 na Tocha. Embora sem se situar na *Gândara*, a feira de Cantanhede, a 6 e 20 de cada mês, atrai também muitos gandareses. Os principais mercados semanais realizam-se todos os Domingos na Tocha e em Febres.

2 — Desde o primeiro trimestre de 1983, que as feiras de gado se encontram encerradas: as de gado bovino, devido à epidemia de peripneumonia, e as de gado suíno, por causa da peste suína africana. Tal como se referiu, este facto provocou o "desaparecimento" de algumas feiras, sustentadas em grande parte pela comercialização de gado. Desta situação têm decorrido gravosos prejuízos para os produtores, pois desenvolveu-se um mercado clandestino, que controla quase todo este comércio.

Em Março de 1986 foram tomadas algumas medidas no sentido de minimizar tal situação, entre as quais sobressaía a abertura de uma bolsa de gado bovino em Cantanhede. No entanto, passado algum tempo foi encerrada, e reaberta mais tarde em 6 de Maio de 1987.

As feiras de gado suíno continuam proibidas.

trabalho. Além disso, o encerramento de algumas feiras de gado, devido à epidemia de peripneumonia, arrastou nalguns casos uma quebra acentuada na dimensão destes locais de comércio.

O melhor exemplo é Ferreira-a-Nova, onde apenas na época de Verão, se assiste a um maior movimento de vendedores e compradores, motivado em grande medida pela estadia temporária de emigrantes.

Registe-se, também, aqui o caso da feira de Santa-Luzía, um dos principais centros de comercialização de gado da Beira Litoral, que tem perdido quase toda a sua importância, desde que não é permitida essa comercialização, o que parece indicar ser sem dúvida o gado um dos grandes suportes desse tipo de reuniões.

Não obstante as modificações operadas no território gandarês as feiras e os mercados continuam a constituir, como se referiu, o local privilegiado para a compra e venda de mercadorias.

O Quadro 117 mostra que, de facto, os gandareses orientam a sua produção preferencialmente para as feiras e mercados. Dos 260 indivíduos que, vendem uma parte da sua produção agrícola — embora em relação à produção total se verifiquem grandes oscilações —, 71.9% recorre sempre à feira ou ao mercado e apenas 21.2% orientam a sua venda para os revendedores. Neste caso estão englobados os maiores produtores que, por sua vez, se inserem noutros circuitos de comercialização.

QUADRO Nº 117 - COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS.

| Freguesias | Feiras e mercados | Revendedores | Cooperativa | Outros |
|---|---|---|---|---|
| Alhadas | 6 | 1 | 1 | - |
| Arazede | 18 | 4 | 2 | - |
| Cadima | 27 | 5 | 1 | - |
| Cantanhede | 9 | 3 | - | - |
| Covões | 12 | 7 | 2 | - |
| Febres | 16 | 6 | - | 1 |
| Fer.-a-Nova | 20 | 3 | - | - |
| Liceia | 8 | 2 | 1 | - |
| Mira | 38 | 19 | 4 | 5 |
| Quiaios | 14 | 4 | 1 | - |
| Tocha | 19 | 1 | - | - |

Fonte: *Inquérito.*

A venda à cooperativa tem um significado reduzido (4.6% ), sendo o baixo preço e o atrazo nos pagamentos as principais razões invocadas pelos produtores para aí não venderem os seus produtos. No entanto, é aí que adquirem os adubos, sementes etc., pois além de terem preços inferiores, podem utilizar sistemas de crédito. Julgamos que estes factos reflectem de alguma maneira as muitas contradições que existem nos circuitos de comercialização e na política de preços em Portugal, onde o pequeno produtor e o consumidor são sempre os mais lesados.

De qualquer modo, as feiras continuam a constituir o local mais importante para as gentes da *Gândara* comercializarem o milho, a batata, o feijão e os produtos hortícolas. Julgamos no entanto que alguns mercados semanais, nomeadamente o que se realiza na Tocha, têm vindo a assumir uma importância cada vez maior, aproximando-se progressivamente da dimensão da feira mensal.

Aliás, a vila da Tocha apresenta, pela sua acessibilidade e centralidade em relação ao território gandarês, as melhores condições para se tornar na principal feira gandaresa e também num dos principais mercados semanais de toda a área. No momento actual apenas é suplantado pelo que se realiza todos os Domingos em Febres. Note-se que a venda de gado bovino esteve sempre ausente na feira da Tocha e a comercialização de suínos foi efémera. (cfr. J. GASPAR, 1965/1970, pag. 74).

Os resultados apurados mostram que a vila de Tocha é, pelo número de indivíduos que aí se deslocam, o ponto de convergência de toda a *Gândara* . Ainda que a feira de Cantanhede apresente também uma considerável capacidade atractiva em relação aos gandareses, julgamos que, a médio prazo, esta se subvalorizará em relação à que se realiza na Tocha ([1]).

## 4 — REGADIO E MECANIZAÇÃO

### 4.1 — A Importância do Regadio

Apesar da importância da rega não ser uniforme em todo o território, atinge grande significado, de um modo geral, em relação a toda a actividade agrícola e, de um modo particular, em relação às principais produções, a batata, o milho e as forragens.

Com as reservas já apontadas, decorrentes da dificuldade por parte dos inquiridos em quantificar, quer a área das suas explorações, quer a área de regadio, compararam-se os

[1] — Sobre a feira de Cantanhede veja-se os estudos de J. V. SILVA PEREIRA, (19 72 e 1983).

resultados relativos ao *Recenseamento Agrícola de 1979* com os obtidos no *Inquérito* (Quadro 118). A primeira conclusão a registar refere-se ao total da área de regadio na *Gândara*: 44.8% do total da área das explorações corresponde a superfície de regadio. Este valor está acima do observado para o concelho de Cantanhede em 1979, (Quadro 119), o que não surpreende, devido à importância da vinha em toda esta área administrativa; situa-se abaixo dos valores referentes aos concelhos da Figueira da Foz e Montemor-o-Velho, respectivamente 53.6% e 56.6%, para os quais concorre em grande medida o *Baixo Mondego* ; coloca-se muito próximo do valor registado no distrito de Coimbra, 44.9%. Em relação ao concelho de Mira, embora o distanciamento entre os resultados de 1979 e 1986 represente um decréscimo próximo dos 10%, este não deverá reflectir deficiências da amostra, mas antes a perda progressiva de importância da agricultura, denunciada frequentemente pela redução da superfície agrícola.

QUADRO Nº 118 - ÁREA AGRÍCOLA DE REGADIO

| Freguesias | R.A.C. - 1979 | | | Inquérito - 1986 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total de área agrícola(ha). | Total de área irrigada(ha). | % | Total de área agrícola(ha). | Total de área irrigada(ha). | % |
| Alhadas | 1002 | 292 | 29.1 | 18.36 | 5.408 | 29.5 |
| Arazede | 2054 | 1116 | 54.3 | 45.846 | 26.628 | 58.1 |
| Cadima | 2098 | 872 | 41.6 | 40.77 | 6.966 | 17.1 |
| Cantanhede | 1231 | 328 | 26.6 | 5.5 | 3.132 | 56.9 |
| Covões | 1125 | 503 | 44.7 | 11.194 | 7.939 | 70.9 |
| Febres | 797 | 490 | 61.4 | 13.578 | 4.122 | 30.4 |
| Fer.-a-Nova | 1219 | 835 | 68.5 | 21.11 | 12.906 | 61.3 |
| Liceia | 484 | 275 | 56.8 | 20.034 | 6.314 | 31.5 |
| Mira | 2755 | 1912 | 69.4 | 66.42 | 39.386 | 59.3 |
| Quiaios | 1177 | 574 | 48.7 | 30.51 | 14.904 | 48.9 |
| Tocha | 1289 | 540 | 41.9 | 42.768 | 13.878 | 32.4 |
| Gândara | - | - | - | 316.108 | 141.583 | 44.8 |

Fonte: *Recenseamento Agrícola do Continente*, 1979. Elementos fornecidos pelo I.N.E.

Também outros sectores gandareses apresentam alguns desvios em relação ao padrão geral observado na *Gândara* . Assim, a freguesia onde se apurou a maior percentagem de área regada foi em Covões (70.9%), seguida de Ferreira-a-Nova, (61.3%), Mira, (59.3%), Arazede, (58.1%) e Cantanhede (56.9%). Com valores mais baixos situam-se Quiaios

(48.9%), Tocha (32.4%), (Liceia 31.5%), N. Senhora das Febres (30.4%) e Alhadas com uma percentagem de regadio de 29.5%. Mais distanciada e com um quantitativo que nos parece situado abaixo do seu real valor, coloca-se a freguesia de Cadima, onde apenas 17.1% da área da exploração é regada.

QUADRO Nº 119- ÁREA AGRÍCOLA REGADA POR CONCELHOS E DISTRITO, 1979.

| Áreas Geográficas | | Área agrícola | Área regada | |
|---|---|---|---|---|
| | | | Total | % |
| Concelhos | Cantanhede | 10 822 | 4169 | 38.5 |
| | Fig.da-Foz | 8 963 | 4804 | 53.6 |
| | Mira | 2 755 | 1912 | 69.4 |
| | Mont. o-Velho | 10 297 | 5826 | 56.6 |
| Dist.Coimbra | | 74 108 | 33305 | 44.9 |

Fonte: *Recenseamento agrícola do Continente*, 1979, INE.

A comparação com o *R.A.C.* não apresenta discrepâncias significativas (cfr. Quadro 118). Em Alhadas, Arazede, Ferreira-a-Nova, Mira, Quiaios e Tocha, o total da área regada em 1979 cifrava-se respectivamente em 29.1%, 54.3%, 68.5%, 69.4%, 48.7% e 41.9%, isto é, a diferença observada não atinge os 10%.

Há a registar, no entanto, os quantitativos apurados para as áreas inseridas nas freguesias de Cantanhede, Covões e Febres, em que, em relação às duas primeiras, se verifica um valor bastante mais elevado que o de 1979 (cfr. Fig. 100). Este facto não deverá reflectir grandes alterações, mas principalmente, e uma vez mais, o desajustamento entre o espaço administrativo e o espaço geográfico. De um lado, a *Gândara* , arenosa, de solos permeáveis, onde continua a predominar o milho e a batata; do outro, a *Bairrada* onde abundam os barros e a vinha. Ora, em alguns casos, esta descontinuidade está, como se tem visto, inserida na mesma freguesia, pelo que daí decorrem algumas distorções de análise.

É também importante salientar que, entre as duas fontes de informação, medeiam quase dez anos, durante os quais se processaram modificações na estrutura agrícola que, embora não muito expressivas, não deixaram de se reflectir nos valores apurados em 1986. A diminuição progressiva da agricultura a tempo inteiro, em favor da pluriactividade, obriga, não raras vezes, à diminuição da superficie cultivada, trazendo também um decréscimo da área regada.

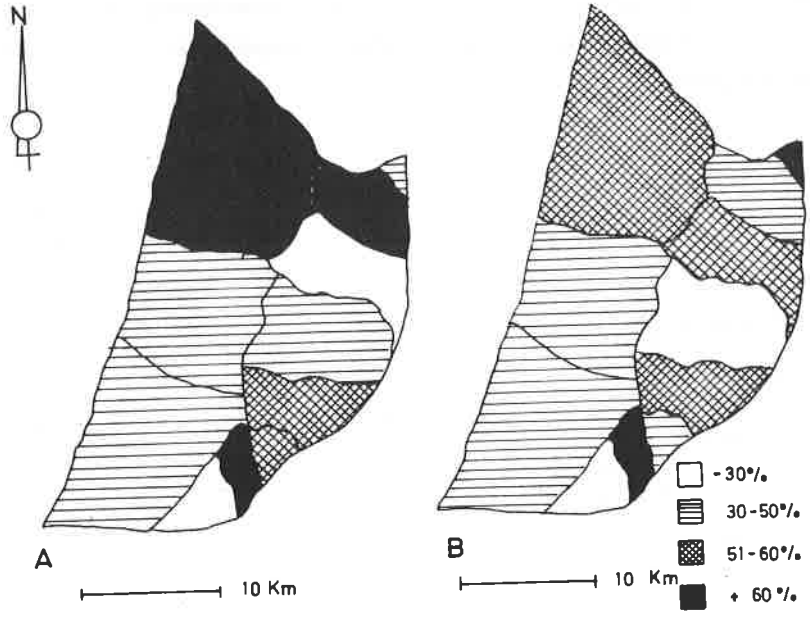



FIG. 100 - Área agrícola de regadio
A - Segundo o R.A.C., 1979
B - Segundo o INQUÉRITO, 1986

Apesar de se verificarem algumas inovações neste domínio, a rega não significa para a maior parte dos casos um aumento da exploração, mas uma melhoria das técnicas agrícolas, nomeadamente por parte dos emigrantes retornados.

O Quadro 120 regista a importância do regadio em relação às duas culturas principais: a batata e o milho. Relembre-se que esta espécie é frequentemente associada com o feijão, constituindo esta última também uma importante cultura gandaresa.

Segundo as informações do *R.A.C.*, nas freguesias de Cadima, Cantanhede, Febres e Mira, mais de 70% da área ocupada pela batata é de regadio: respectivamente, 76.7%, 75.6%, 78.3% e 79.8%. Quanto ao milho, deve salientar-se a importância da área regada em Arazede, Covões, Febres, Liceia, Mira, Quiaios e Tocha: em relação à área total das explorações o seu valor é, respectivamente, de 75.3%, 98.9%, 94.7%, 81.2%, 91.4%, 61.7% e 73.6%.

Como se referiu, não dispomos para o ano de 1986, de valores relativos à área ocupada por espécie, já que, como mencionámos, à dificuldade de atribuição de áreas, por parte dos inquiridos, se associou o facto de se terem verificado oscilações na área de cultivo. Não conseguimos por isso dispor de informações suficientemente completas que

possibilitassem tirar algumas conclusões. No entanto, o conhecimento que temos da área permite-nos afirmar que a batata, o milho e as culturas forrageiras são quase exclusivamente culturas de regadio.

QUADRO Nº 120- IMPORTÂNCIA DO REGADIO

| Freguesias | Área total da expl. (ha) | Batata | | | Milho | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Total da área (ha) | Regadio (ha) | | Total de área (ha) | Regadio (ha) | |
| | | | Total | % | | Total | % |
| Alhadas | 1666 | 149 | 54 | 36.2 | 318 | 134 | 42.1 |
| Arazede | 3161 | 161 | 91 | 56.5 | 380 | 286 | 75.3 |
| Cadima | 3184 | 120 | 92 | 76.7 | 375 | 151 | 40.3 |
| Cantanhede | 2139 | 115 | 87 | 75.6 | 168 | 83 | 49.4 |
| Covões | 1658 | 355 | 196 | 55.2 | 191 | 189 | 98.9 |
| Febres | 1404 | 189 | 148 | 78.3 | 95 | 90 | 94.7 |
| Fer.-a-Nova | 1842 | 116 | 70 | 60.3 | 58 | 24 | 41.3 |
| Liceia | 747 | 41 | 20 | 48.7 | 48 | 39 | 81.2 |
| Mira | 2755 | 1124 | 898 | 79.8 | 239 | 225 | 91.4 |
| Quiaios | 1699 | 193 | 87 | 45.1 | 279 | 172 | 61.7 |
| Tocha | 1906 | 132 | 61 | 46.2 | 106 | 78 | 73.6 |

Fonte: *Recenseamento Agrícola do Continente*, 1979. Elementos fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística.

## 4.2 — A Rega e a Introdução de Inovações

A comprovar a importância da rega em toda a área, está o facto de ser neste domínio que se verifica a introdução de algumas inovações. Todavia, o facto de se terem difundido tardiamente, em relação a outras áreas do país, se pensarmos que nos situamos no Litoral, geralmente o referencial no que respeita em relação às assimetrias de desenvolvimento nacional, sugere que a *Gândara* tem constituído, como outros indicadores já revelaram, uma área periférica relativamente ao conjunto do Centro Litoral português.

Num território de solos leves — e, por isso, fáceis de trabalhar —, onde domina a propriedade de reduzida dimensão (0.99 ha ) e existe um elevado índice de parcelamento das explorações (7.6 blocos), onde grande parte continua vocacionada para o autoconsumo, onde o peso social das reformas é grande, a estrutura etária dos agricultores elevada e o grau

de instrução reduzido, onde o desgaste demográfico provocado pela emigração levou com frequência à diminuição da superfície agrícola, onde o pluri-rendimento tem vindo a aumentar progressivamente, tudo se conjuga para que a introdução de algumas inovações, nomeadamente no domínio da mecanização, tenha sido retardada.

Não surpreende, por isso, que os mais importantes contributos na difusão de novas técnicas tenham partido de ex-emigrantes, aliados à função dinamizadora de algumas cooperativas, instaladas ou reactivadas a partir de 1974.

Grande parte das tarefas agrícolas é executada com a utilização da enxada e recurso ao gado de trabalho. No total das explorações inquiridas, 14.7%, possuem juntas de bois, com vista exclusivamente ao trabalho da terra; 36.5% dos proprietários de gado leiteiro associam o gado de trabalho à produção de leite.

A mecanização está presente pelas máquinas mais difundidas na área: o motor de rega, a rega por aspersão e o tractor. Também a ordenha mecânica apresenta, como se verá, uma importante difusão espacial.

## 4.3 — O Equipamento de Rega

### 4.3.1 — A Difusão do Motor de Rega

Utilizando principalmente água proveniente de poços (81.4%) e nalguns casos furos e valas, o motor de rega está generalizado em toda a área, substituindo progressivamente a nora e as cegonhas que abundavam por todo o território.

Adquirido por 85% (289) dos inquiridos, o motor de rega é introduzido a partir de 1960 ([1]). Nenhum entrevistado o referenciou antes daquele ano, pois 29.4% fez a sua aquisição nos anos sessenta, 47.1% nos anos setenta e 23.5% entre 1980 e 1986. (Figs. 101,101-A e Quadro 121). O número de inquiridos que, em cada sector do território, adquiriu motor de rega revela bem a sua generalização em toda a área. Se, no conjunto, 85% fez a sua compra, em certas freguesias a sua expressão é ainda maior: Cantanhede 93.8%, Arazede 92.6%, Tocha 89.5%, Cadima 88.9% e Mira 86.2%. Ligeiramente abaixo situam-se Liceia (83.4%), Covões (83.3%), Quiaios (82.3%), Febres (79.2%), Ferreira-a-Nova (73.9%) e Alhadas (72.3%).

O início da década de sessenta marca, de facto, o arranque da difusão desta máquina. No entanto, a capacidade de adesão é ainda limitada, pois a década de sessenta representa apenas 29.4% do total, ocorrendo mesmo um ano, o de 1968, em que não se registou

[1] — Considera-se a aquisição do primeiro motor de rega.

qualquer compra. Na realidade, é na década seguinte que se observam os maiores níveis de adesão: 47.1% afirmou ter adquirido o motor de rega entre 1970/1979. Com o maior índice observado em 1970, ( 32 aquisições ), estas decrescem até 1974, ano em que não se regista qualquer compra, para depois subirem de novo até atingirem níveis de adesão elevados.

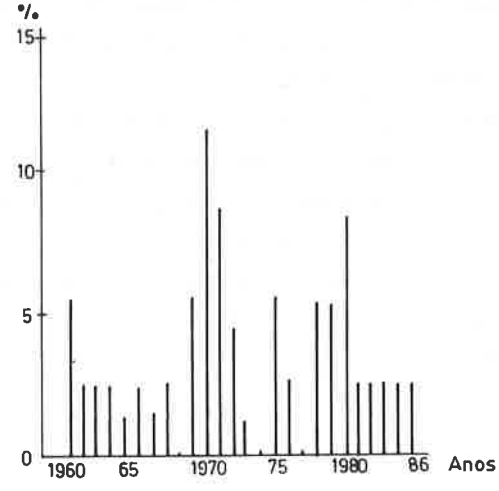



FIG. 101 - Aquisição do motor de rega

FONTE: INQUÉRITO

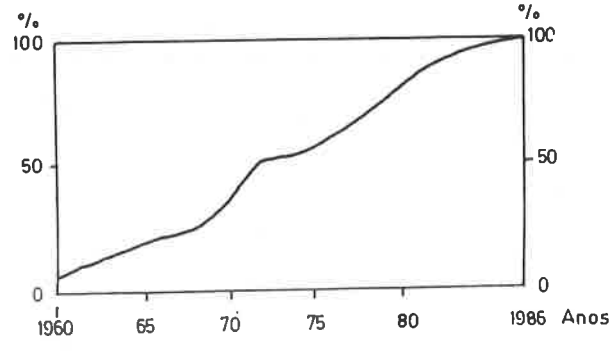



FIG. 101-A - Curva cumulativa da aquisição do motor de rega

QUADRO Nº 121 - ANOS DE AQUISIÇÃO DO MOTOR DE REGA NA GÂNDARA

| Anos | 1960 | 1961 | 1962 | 1963 | 1964 | 1965 | 1966 | 1967 | 1968 | 1969 | 1970 | 1971 | 1972 | 1973 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Nº de Aquis. | 16 | 8 | 8 | 8 | 5 | 8 | 8 | 8 | - | 16 | 32 | 24 | 12 | 2 |
| % | 5.5 | 2.7 | 2.7 | 2.7 | 1.7 | 2.7 | 2.7 | 2.7 | - | 5.5 | 11.1 | 8.3 | 4.2 | 0.7 |

| 1974 | 1975 | 1976 | 1977 | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1985 | 1986 | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| - | 15 | 7 | 15 | 15 | 14 | 25 | 9 | 9 | 9 | 8 | 5 | 3 | 289 |
| - | 5.3 | 2.4 | 5.3 | 5.3 | 4.9 | 8.8 | 3.1 | 3.1 | 3.1 | 2.7 | 1.7 | 1.1 | 100.0 |

FONTE: - *Inquérito*.

Entre 1980 e 1986, o ano de 1985 revela um volume de aquisições importante (25), situando-se logo a seguir ao ano em que se verificou maior número de compras, o de 1970. Neste sentido, os resultados apurados levam a afirmar que os anos setenta correspondem ao período de tempo em que se operou uma maior difusão, constituindo ainda o ano de 1980 um momento em que os níveis de compras são ainda elevados.

Embora na presença de estruturas fundiárias diferentes, não deixa de ser significativo o cotejo com os valores apurados em 1979 na Cova da Beira (BOURA, I., GASPAR, J., GOULD P., JACINTO, e R., PIRES A., 1983, pags 103 e segs.). Segundo este estudo, o número de possuídores de motor de rega cifrava-se em 99 % dos inquiridos, portanto um pouco acima daquele que apurámos para a *Gândara* em 1986 (85 %). Mas é sobretudo nos anos de aquisição que se verificam os maiores desajustamentos. Na Cova da Beira "as primeiras aquisições registadas [...] verificam-se em 1930", portanto cerca de 30 anos mais cedo do que no território em estudo. Além disso, o maior número de aquisições observa-se a partir de 1958, sendo este ano e o seguinte aqueles em que os níveis de adesão são mais elevados. Recorde-se que na *Gândara* se verificaram em 1970, 1971 e 1980, portanto com um desfazamento temporal bastante significativo.

Será também interessante verificar como se processou a difusão do motor de rega nos diversos sectores gandareses, pois, como se verá de seguida, revela algumas disparidades espaciais.

Da leitura da Fig. 102-A, conclui-se que nos anos sessenta os maiores níveis de aquisição se registam em Cantanhede, Liceia e Alhadas, todos situados entre os 40 % e 50 %. Se, para a primeira freguesia deverá concorrer a proximidade da sede concelhia, possibilitando assim um acesso mais rápido à inovação, nas outras deverá correlacionar-se

com o facto de um sector do seu espaço administrativo se situar muito próximo do *Baixo Mondego*, território que, pela sua estrutura agrícola, teve por certo mais cedo acesso a algum equipamento de rega.

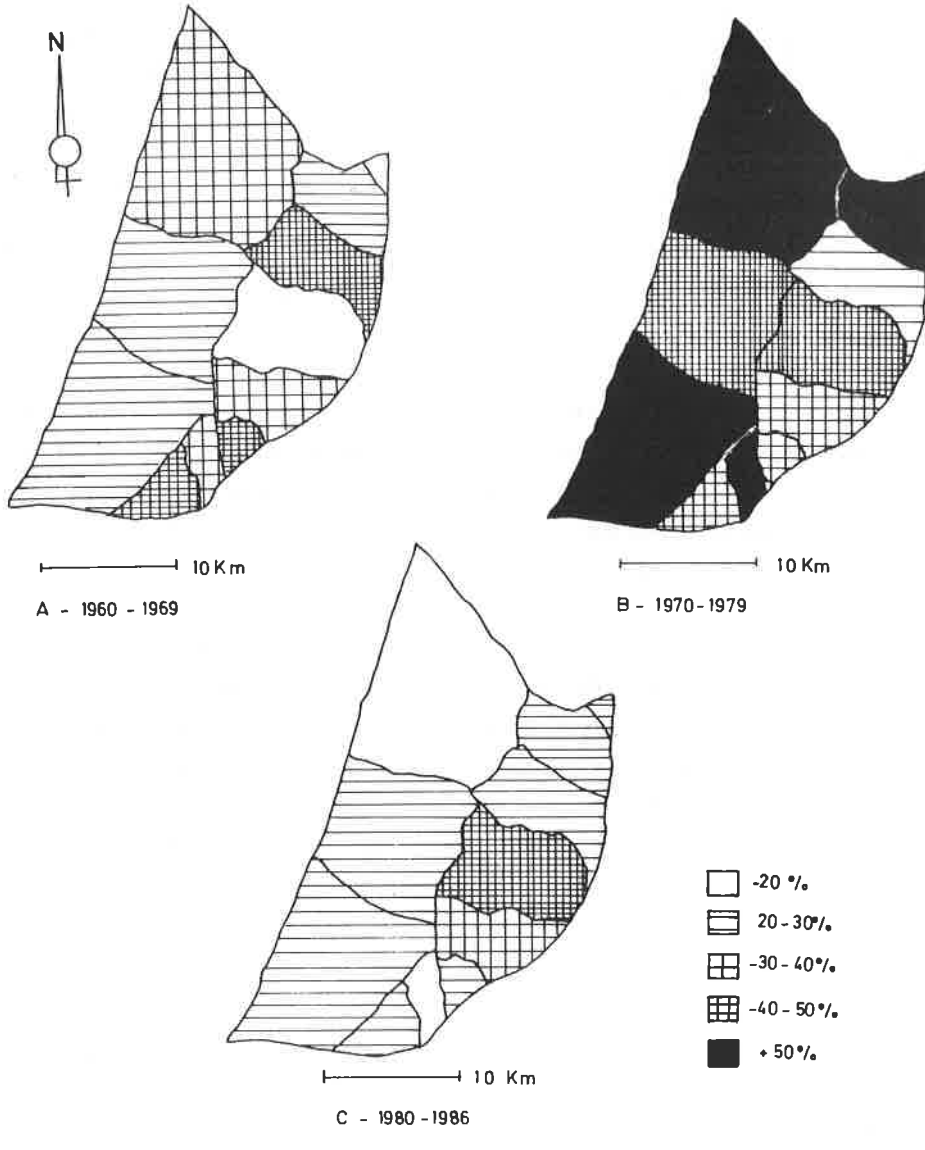



FIG. 102 - Difusão do motor de rega por freguesia

FONTE : INQUÉRITO

Além do sector inserido na freguesia de Santo António dos Covões, onde o índice de compras é nulo, devem salientar-se os baixos níveis observados em quase todo o território: Cadima 6.4%, Febres 21.1%, Quiaios 21.4% e a área da Tocha com valor um pouco mais elevado, 29.4%; no restante verifica-se uma percentagem inferior à de Mira: 38.9%.

A Fig. 102-B reflecte a grande difusão observada nos anos setenta. Com mais de 50% de aquisições, situa-se grande parte do território em estudo: Mira 52 %, Nª.Senhora das Febres 53.6%, Ferreira-a-Nova 52.9%, Liceia 53.3% e S. Mamede de Quiaios 53.6%. De registar o elevado valor apurado em Covões, 73.3%, a compensar a ausência verificada no periodo anterior.

Embora o período de tempo seja mais reduzido, entre 1980 e 1986 os índices observados revelam, não a perda de importância desta máquina na estrutura agrícola da *Gândara*, más antes estarmos próximos de níveis de saturação. A evolução observada em Cadima apresenta alguma diferença em relação ao padrão geral, pois 46.8% dos inquiridos possuidores de motor de rega compraram-no na primeira metade dos anos oitenta.

Em resumo, apesar de nos situarmos no *Litoral*, a difusão do motor de rega na *Gândara* pode considerar-se relativamente tardia, pois apenas nos anos setenta a sua aquisição se generaliza. Para este facto deverão ter concorrido várias razões das quais deverão realçar-se: o isolamento a que esteve sujeita esta área motivado pela falta de vias de comunicação que a ligassem a centros importantes, logo o acesso à inovação; reduzido, e frequentemente nulo, grau de instrução; a propriedade de reduzidas dimensões, mas onde a proximidade do nível freático permitia a rega fácil. A freguesia de Cantanhede, pela proximidade do centro urbano, a freguesia de Alhadas, provavelmente por se situar próximo de Figueira da Foz, e Ferreira-a-Nova, por estar na transicção entre a *Gândara* e o *Baixo Mondego*, constituem as excepções mais significativas.

### 4.3.2 — A Difusão da Rega por Aspersão

A introdução da rega por aspersão é particularmente interessante. Utilizada por 33.1% dos inquiridos, abrange em geral áreas restritas da exploração, não raramente contíguas à habitação. Associa-se muitas vezes a pastos e milharadas para a criação de gado.

O início da sua difusão coincide de algum modo com o decréscimo na aquisição do motor de rega. Deve porém notar-se que a rega por aspersão implica a utilização de um motor, normalmente o que já era utilizado, apenas para fazer ascender a água. Por isso, quando se afirma que a rega por aspersão coincide com a quebra de aquisição de motor, não significa que este deixe de ser utilizado, mas antes passa a fazer parte de um sistema de rega mais

elaborado. Apenas dois indivíduos a utilizam antes de 1971, um a partir de 1964 e outro em 1970; ambos residem no concelho de Mira. Nos anos setenta, 8.7% começa a utilizá-la, enquanto 90.4%, o faz desde 1980 (Figs. 103 e 103-A).

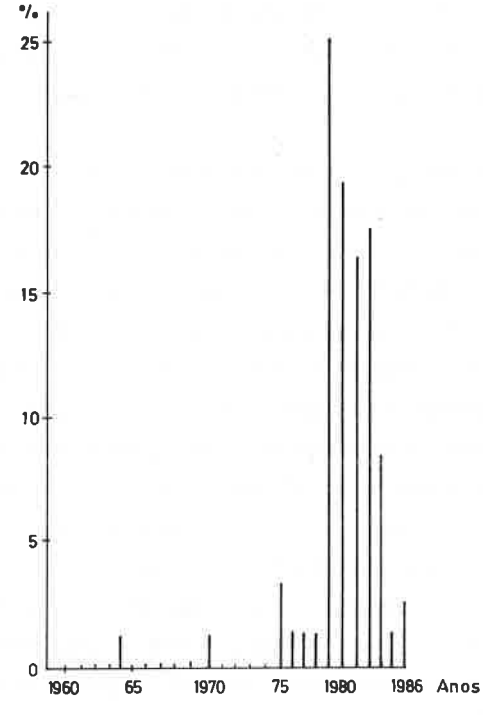
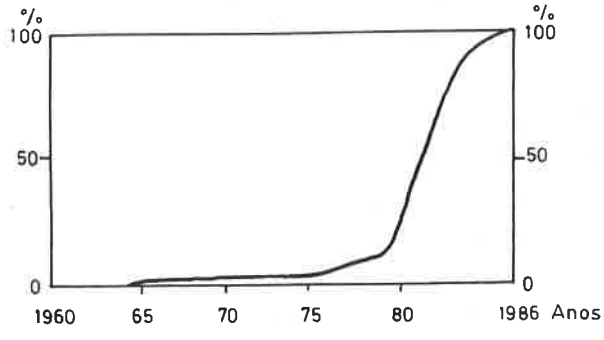



FIG. 103 - Aquisição do equipamento de rega por aspersão

FONTE : INQUÉRITO

Significativo também o facto de, no total de indivíduos que possuem este equipamento de rega (114), 97, — isto é, 85.1% — serem ex-emigrantes. Embora utilizada frequentemente por indivíduos regressados do estrangeiro, visa sobretudo melhorar a pequena exploração agrícola que foi, não raras vezes, abandonada, continuando a inserir-se na agricultura camponesa e onde se descobrem a cada passo alguns indicadores dum ciclo migratório encerrado.

A rega por aspersão é, como mostram a Fig.103-A e o Quadro 122, introduzida na *Gândara* no início dos anos oitenta, observando-se em 1980 e 1981 os maiores índices de difusão, pois 28 e 21 inquiridos, respectivamente, passam a utilizá-la. Recorde-se que aqueles são também os anos correspondentes aos maiores fluxos de retorno, cuja capacidade de aquisição, por parte de ex-emigrantes, está bem expressa nos 97 retornados de países da Europa no conjunto de 114 indivíduos que a utilizam.




B

FIG. 103-A - Curva cumulativa da utilização da rega por aspersão

QUADRO Nº. 122 - UTILIZAÇÃO DA REGA POR ASPERSÃO NA GÂNDARA

| Anos | 1964 | 1965 | 1966 | 1967 | 1968 | 1969 | 1970 | 1971 | 1972 | 1973 | 1974 | 1975 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Nº de Utiliz. | 1 | - | - | 1 | - | - | 1 | - | - | - | - | - |
| % | 0.9 | - | - | 0.9 | - | - | 0.9 | - | - | - | - | - |

| 1976 | 1977 | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1985 | 1986 | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 4 | 2 | 2 | 1 | 28 | 21 | 19 | 20 | 8 | 2 | 4 | 114 |
| 3.5 | 1.7 | 1.7 | 0.9 | 24.7 | 18.4 | 16.7 | 17.5 | 7.0 | 1.7 | 3.5 | 100.0 |

Fonte: *Inquérito.*

Valores ainda elevados observam-se nos anos subsequentes: 19 aquisições em 1982 e 20 em 1983. Posteriormente opera-se uma quebra em relação ao número de indivíduos que fez a compra deste equipamento de rega, em correlação provável com o decréscimo observado no movimento de retorno. Os ex-emigrantes parecem de facto, quer em termos económicos, quer em receptividade, os mais predispostos a utilizá-la.

Ao contrário do sucedido com o motor de rega, a difusão da rega por aspersão na *Gândara* foi práticamente simultânea. É certo, também, que os níveis de aquisição são inferiores, sendo por isso provável que se irá processar progressivamente uma maior difusão. Pensamos,no entanto, que, além de uma pequena descontinuidade espacial, o período de tempo para que sejam atingidos níveis mais elevados, será relativamente mais curto do que foi observado em relação ao motor de rega.

Dos 114 indivíduos que a utilizam, apenas 2, residentes na área de Mira, o fazem antes de 1975; 9 (7.9%) passam a utilizar a nova técnica de regadio entre 1976 e 1979: 7 daquele concelho, 1 de Covões e outro de Ferreira-a-Nova.

Como se referiu é a partir de 1980 que a aspersão se difunde: exceptuando Cantanhede e Alhadas, todos os outros sectores registam índices elevados de compras. A partir de 1984 é evidente o decréscimo no número de aquisições.

Será interessante analisar a estrutura etária dos possuidores desta técnica de rega. Como se notou anteriormente, a média de idade dos agricultores gandareses reflecte o domínio duma população envelhecida. Ora a distribuição, por classes etárias, dos inquiridos que adquiriram aquele equipamento revela uma estrutura um pouco diferente (Quadro 123). De facto, 68.5% (78) dos inquiridos estão abrangidos pelo leque etário dos 40 aos 59 anos, em que 32.5% tem entre 40 e 49 anos e 36% situam-se na classe etária seguinte. Além disso, 19.4% (22) têm menos de 40 anos, sendo o total de individuos com mais de 60 anos ligeiramente inferior, 12, o que equivale a 12.1% .

QUADRO Nº 123 - ESTRUTURA ETÁRIA DOS INDIVÍDUOS QUE ADQUIRIRAM REGA POR ASPERSÃO.

| Classes etárias | menos 30 anos | | 30-39 | | 40-49 | | 50-59 | | 60-69 | | 70 e mais | | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| Gândara | 4 | 3.5 | 18 | 15.9 | 37 | 32.5 | 41 | 36.0 | 10 | 8.6 | 4 | 3.5 | 114 | 100 |

Fonte: *Inquérito.*

Importante, pelo significado que tem, o facto de nos 78 indivíduos, cuja idade varia entre 40 e 59 anos, 73 serem ex-emigrantes. O mesmo sucede com a grande maioria dos inquiridos, cuja idade se situa entre 60 e 69 anos, pois, num total de 10, 7 trabalharam no estrangeiro.

Com base nos dados apurados, parece poder concluir-se que a introdução da rega por aspersão foi muito mais rápida e generalizada que a difusão do motor de rega, distribuição em parte facilitada pela já existência desta última máquina. Apenas se deverá salientar a área de Mira onde, como se viu, 36% das aquisições se operaram antes de 1980, ano que deve corresponder, no território da *Gândara*, ao arranque da utilização desta técnica de regadio.

Finalmente deverá referir-se o baixo índice de utilização observado na área da freguesia de Alhadas, onde apenas é utilizado por 2 indivíduos. Esta situação reflecte, sem dúvida, o facto de uma parte desta freguesia se situar no prolongamento da serra da Boa Viagem, portanto uma área topograficamente muito mais movimentada e onde por isso a cultura de regadio tem menos significado.

## 5 — INTRODUÇÃO E DIFUSÃO DO TRACTOR

Pelos resultados obtidos nas 340 explorações estudadas pode afirmar-se que a utilização do tractor está praticamente generalizada em toda a área de estudo, se bem que tal não signifique um grande número de aquisições, mas antes o recurso contínuo ao aluguer desta máquina agrícola.

Como se vê no Quadro 124, 67.1% recorre ao aluguer, enquanto 14.4% utiliza tractor próprio. A comparação com as informações referentes ao *R.A.C.*, denuncia um acréscimo acentuado na aquisição deste equipamento agrícola.

Em 1979 Montemor-o-Velho era, no conjunto dos concelhos por onde se distribui a *Gândara* , o que apresentava uma maior densidade, já que 8.5% das explorações possuíam tractor; em Cantanhede o valor situava-se em 7.7% e na Figueira da Foz 4.1%. Mira apresentava em 1979 uma densidade relativamente mais baixa, pois apenas 2.1% das explorações possuía aquela máquina agrícola. O distrito de Coimbra tinha uma percentagem de utilização do tractor de 4.7%, enquanto no Continente o índice era relativamente mais elevado: 6.7%.

Os resultados apurados em 1986 mostram, além do acréscimo já referido, que as maiores percentagens se localizam nas freguesias inseridas nos concelhos que apresentavam em 1979 os valores mais altos: em Cadima 27.8% o quantitativo mais elevado, em Ferreira-a-Nova 17.4%, em Liceia e Alhadas 16.7%. No sector Norte do território é

bastante mais baixa a percentagem de explorações com tractor próprio. Em Febres é apenas de 4.3%, enquanto em Mira é de 6.9%. Recorde-se que já em 1979 (*R.A.C.*), este concelho apresentava menor índice do que os outros concelhos. O valor apurado para a área de Covões aproxima-se do quadro geral gandarês, 11.1% e 14.4% respectivamente, o que a situa, por isso, também abaixo dos índices relativos às freguesias da parte Sul.

QUADRO Nº. 124 - TRACTORES E OUTRA MAQUINARIA - GÂNDARA

| Freguesias | Total de explorações | Tractor próprio | | Trator alugado | | Outra maquinaria | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Total de expl. | % | Total de expl. | % | Total de expl. | % |
| Alhadas | 18 | 3 | 16.7 | 13 | 72.3 | 1 | 5.6 |
| Arazede | 28 | 4 | 14.3 | 23 | 82.1 | 8 | 28.5 |
| Cadima | 36 | 10 | 27.8 | 23 | 63.9 | - | - |
| Cantanhede | 16 | - | - | 16 | 100.0 | - | - |
| Covões | 18 | 2 | 11.1 | 14 | 77.8 | - | - |
| Febres | 24 | 1 | 4.2 | 16 | 66.7 | - | - |
| Ferreira-a-Nova | 23 | 4 | 17.4 | 16 | 69.6 | - | - |
| Liceia | 18 | 3 | 16.7 | 13 | 72.2 | - | - |
| Mira | 87 | 6 | 6.9 | 58 | 66.7 | - | - |
| Quiaios | 34 | 6 | 17.6 | 15 | 44.1 | 3 | 8.8 |
| Tocha | 38 | 10 | 26.3 | 21 | 55.3 | 1 | 2.6 |
| Gândara | 340 | 49 | 14.4 | 228 | 67.1 | 13 | 3.8 |

Fonte: *Inquérito.*

A leitura da Fig. 104 permite verificar que, no sector Sul do território, o número de explorações que possuem tractor próprio é , em termos relativos, superior ao observado no Norte. O facto de algumas destas freguesias se situarem na transição da *Gândara* com o *Baixo Mondego* , poderá explicar aquela distribuição. O contacto com uma área, onde a introdução de maquinaria é mais acentuada e mais antiga, poderá ter sido um veículo importante na difusão daquele equipamento agrícola.

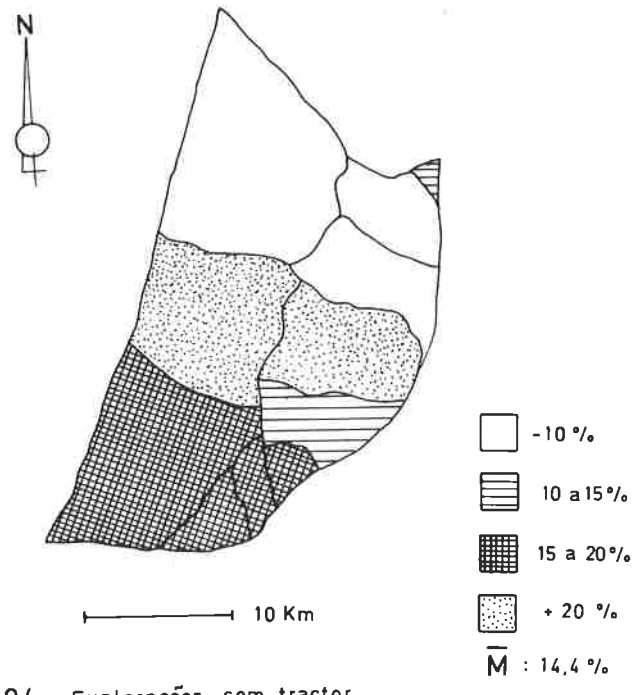



FIG. 104 - Explorações com tractor na Gândara (%), 1986

FONTE: INQUÉRITO

A circunstância de na área da freguesia de Cantanhede não ter sido apurada qualquer exploração com tractor próprio — se bem que, como foi acentuado, a amostra deva conter deficiências — não nos surpreende. Trata-se do sector gandarês onde a dimensão média das explorações era menor. Relembre-se que na *Gândara* o valor médio é de 0.99 ha. e nesta área de apenas 0.42 ha.. Além disso, o facto de se tratar de um território, onde o centro de emprego, que é a vila de Cantanhede, vai buscar bastante mão-de-obra, e origina um fluxo quotidiano de trabalhadores, faz com que o número de horas de trabalho diário na exploração seja reduzido, não justificando por isso a aquisição de tractor.

Como se referiu, a comparação com os resultados relativos ao *Recenseamento Agrícola* de 1979, sugere um acréscimo acentuado na aquisição do tractor. Na realidade, as Figs. 105 e 105-A e o Quadro 125 mostram que, na *Gândara*, é a partir de 1980 que se opera a sua maior difusão. Entre 1980 e 1985 o número de tractores adquiridos representa 63.1% do total, enquanto os restantes são comprados entre 1972 e 1979. Em 1986 não registámos qualquer aquisição.

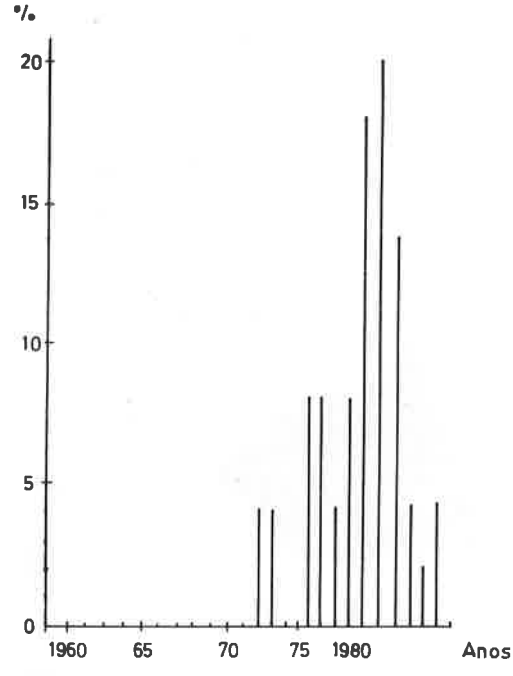



FIG. 105 - Anos de aquisição do tractor

FONTE. INQUÉRITO

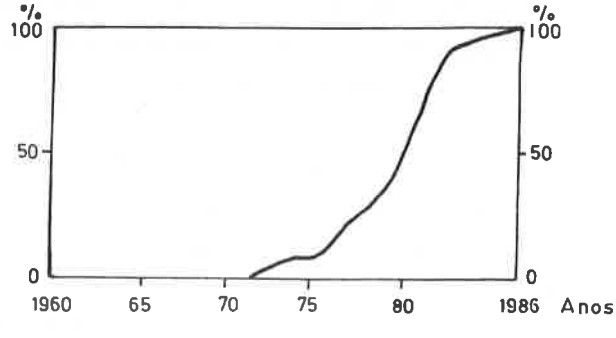



FIG. 105-A - Curva cumulativa da aquisição de tractor.

QUADRO Nº 125 - ANOS DE AQUISIÇÃO DO TRACTOR

| Anos | 1972 | 1973 | 1974 | 1975 | 1976 | 1977 | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1985 | 1980 | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Nº de Aquis. | 2 | 2 | - | - | 4 | 4 | 2 | 4 | 9 | 10 | 7 | 2 | 1 | 2 | - | 49 |
| % | 4.1 | 4.1 | - | - | 8.2 | 8.2 | 4.1 | 8.2 | 18.3 | 20.4 | 14.2 | 4.1 | 2.0 | 4.1 | - | 100.0 |

Fonte: *Inquérito.*

Os anos de 1980, 1981 e 1982 representam os períodos de maior número de compras, respectivamente 18.3%, 20.4% e 14.2%. Se para estes anos, coincidentes de um modo geral com a maior difusão do equipamento de rega por aspersão, há também uma relação com o retorno de emigrantes, para os anos de 1976 e 1977, período onde se observam também níveis elevados de compras, a justificação insere-se noutra ordem de razões. Quase todos os inquiridos que possuem tractor, desde aquela época, afirmaram-nos terem-no feito pelas dúvidas surgidas em relação ao prosseguimento do processo político entretanto iniciado em Portugal. Neste sentido, investiram uma parte das suas poupanças em bens móveis, de que o tractor é um dos exemplos. Além disso a abertura de linhas de crédito bonificado para a aquisição de maquinaria agrícola foi fundamental para o volume de compras aumentar.

Tal como se tinha observado em relação ao motor de rega, a introdução do tractor na *Gândara* apresenta quase vinte anos de atraso em relação à Cova da Beira (cfr. BOURA, I., GASPAR, J., GOULD P., JACINTO, R. e PIRES, A., 1983, pag.104), muito embora, repita-se, se situe no Centro Litoral.

Se em relação ao equipamento de rega por aspersão será possível observar-se um acréscimo no nível de aquisições, julgamos que relativamente ao tractor o aumento será pouco significativo, já que pensamos que uma parte considerável dos agricultores que potencialmente o poderiam fazer o terão já feito.

## 6 — O GADO LEITEIRO NA ECONOMIA GANDARESA

### 6.1 — Introdução

A constituição litológica da *Gândara* obriga a uma permanente incorporação de matéria orgânica para fertilização dos solos. Numa área onde dominam os solos podzólicos, esta é uma das vias que pode, senão impedir, pelo menos retardar consideravelmente o processo de podzolização. Segundo T.A.SALGUEIRO (1961, pag. 31), "quando solos podzolizados estão sujeitos à exploração agrícola, mais ou menos intensa [...] pode-se conseguir suster a podzolização mercê, precisamente, das lavouras ou cavas, de aplicação de matéria orgânica rica em bases e em azoto, de calagens e da incorporação de adubos contendo cal".

Na *Gândara* é frequente observar-se, sobretudo quando se faz o derrube de algum pedaço de floresta, não raras vezes para construir a habitação, a manutenção, durante algum tempo, do terreno apenas com matéria orgânica (estrume) para "engordurar" a terra. Só posteriormente se inicia o processo de ocupação agrícola. Esta tarefa é particularmente frequente no sector Sul do território, onde o povoamento se apresenta menos organizado, com elevado índice de dispersão e onde normalmente a construção de uma nova habitação é levada a cabo através da destruição da mancha florestal.

Compreende-se, assim, que o gado bovino tenha sido desde sempre uma constante na paisagem gandaresa. Por um lado fornece a matéria orgânica que tem possibilitado a melhoria progressiva dos solos, por outro, fornece o trabalho necessário à exploração da terra. Como afirma J. GASPAR (1965-1970, pag. 32), "o estrume tem sido um dos mais fortes esteios da agricultura da Gândara". Apesar da utilização dos adubos estar generalizada, como muitas vezes nos afirmaram "na *Gândara* não há agricultura sem gado", razão pela qual a sua importância se mantém.

De facto as notícias referentes ao gado bovino nesta área datam já de algumas centenas de anos, muito embora nessa época (SÉC. XVI), a *Gândara* funcionasse apenas durante os meses de Inverno como local de pastagem das manadas que durante o Verão se deslocavam da Serra de Montemuro. Todavia a ocupação progressiva do território deve ter sido acompanhada por um aumento progressivo de gado bovino, pois o *Recenseamento Geral de Gados de 1870* , refere que "com este nome (marinhão) se designa o gado bovino que se produz, cria e recria, trabalha e engorda em toda a Beira mar no distrito de Aveiro e Coimbra fora das dunas do litoral, nas terras da Gandra e das marinhas" (pag. 71). Acrescentando ainda (pag. 73) que há "na Gandara, entre Cantanhede e Mira, e principalmente na freguesia de Febres, lavradores que compram bois magros depois de

terminado o serviço das sementeiras e os tratam até estarem em regular estado de nutrição", vindo posteriormente a vendê-los.

Segundo aquela fonte, o total de bovinos nos concelhos gandareses correspondia a 46.9% do total do distrito de Coimbra, valor que exprime bem o seu significado na área. Em 1870 o distrito possuía 23 615 cabeças de gado, e naqueles concelhos cifrava-se em 11 083 (Quadro 126).

Embora os dados relativos ao cômputo de 1920 mostrem para Cantanhede um decréscimo ,- 10% , nas restantes áreas verifica-se um crescimento positivo. Deve realçar-se Mira, já que é aqui que a expressão é maior, +168%, portanto bastante superior a Montemor-o-Velho (86.2%), ao concelho de Figueira da Foz (35.3%) e ao distrito (39.4%). *O Arrolamento do Gado* referente a 1925, regista uma perda generalizada em relação ao número de bovinos.

A ausência de estatística entre aquele ano e 1955, não permite traçar a linha evolutiva dos efectivos pecuários. Todavia, a comparação com os dados da época de cinquenta mostra claramente a importância que este tipo de gado foi progressivamente adquirindo.

O concelho de Cantanhede regista o maior acréscimo, 244.1%, correspondendo a uma taxa de crescimento anual de 8.1% (Quadro 127). Imediatamente a seguir situa-se o concelho de Mira com um crescimento de 182.7%, sendo por isso a média anual ligeiramente inferior à de Cantanhede, 6.1%. Também na área inserida no concelho de Figueira da Foz, o crescimento observado entre 1925 e 1955 é notável. Durante este período, o número de bovinos aumentou 160.5%, portanto a um ritmo médio anual de 5.3%. O concelho de Montemor-o-Velho é o único onde o índice de crescimento é negativo: uma perda de 18.4% no período em análise. No distrito a taxa de crescimento é positiva, 2.6% ao ano, embora significativamente mais baixa que a observada na área onde se insere predominantemente a *Gândara*: concelhos de Cantanhede e Mira. De facto, a comprovar a importância crescente da pecuária na economia da região, está o interesse desenvolvido pelos criadores de gado em fomentar a criação de associações mútuas de seguros.

A Fig. 106 mostra para o ano de 1931 uma maior concentração daquelas organizações nos concelhos de Cantanhede, Figueira da Foz e Montemor-o-Velho, em oposição à maior rarefacção observada nos restantes concelhos do distrito. Entre 1955 e 1972 (cfr. Quadros 126 e 127), o facto mais saliente é o acréscimo registado em todos os concelhos, respectivamente 38.2%, 21%, 14.7% e 14.8% para Cantanhede, Figueira da Foz, Mira e Montemor-o-Velho. A nível distrital os ganhos são menos expressivos, pois o número de bovinos apresenta em 1972 apenas mais 10.1% do que em 1955. Além disso, é também de registar a recuperação observada no concelho de Montemor-o-Velho: com uma taxa de

QUADRO Nº. 126 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE BOVINOS, CONCELHOS E DISTRITO , 1870-1979.

| | Áreas Geográficas | 1870 | 1920 | Taxa de crescimento 1870-1920 | | 1925 | Taxa de crescimento 1920-1925 | | 1955 | Taxa de crescimento 1925-1955 % | | 1972 | Taxa de crescimento 1955-1972% | | 1979 | Taxa crescimento 1972-1979 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | Total | % | | Total | % | | total | % | | Total | % | | Total | % |
| CONCELHOS | Cantanhede | 3596 | 3236 | -360 | -10.0 | 2620 | -616 | -19.0 | 9016 | 6396 | +244.1 | 12460 | +3444 | +38.2 | 15402 | +2942 | +23.6 |
| | Fig. Foz | 3515 | 4755 | +1240 | +35.3 | 3490 | -1265 | -26.7 | 9020 | +5530 | +160.5 | 10915 | +1895 | +21.0 | 13465 | +2550 | +23.4 |
| | Mira | 685 | 1836 | +1151 | +168.0 | 1390 | -446 | -24.3 | 3930 | +2540 | +182.7 | 4506 | +567 | +14.7 | 5125 | +619 | +13.7 |
| | Mont.-O-V. | 3287 | 6119 | +2832 | + 86.2 | 5133 | -986 | -16.1 | 4190 | -943 | - 18.4 | 10397 | +6207 | +148.1 | 15408 | +5011 | +48.2 |
| | Dist. Coimbra | 23615 | 32439 | +8824 | + 37.4 | 28 130 | - 4309 | -13.3 | 50385 | +22255 | + 79.1 | 55484 | +5099 | +10.1 | 67431 | +11947 | +21.5 |

Fonte: *Recenseamento Geral de Gados, Continente, 1870*, Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, Imprensa Nacional, Lisboa.
*Arrolamento de Gados, 1920*, Ministério da Agricultura, Imprensa Nacional, Lisboa.
*Arrolamento de Gados, 1925*, Imprensa Nacional, Lisboa.
*Arrolamento de Gados e Animais de Capoeira, 1955*, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa
*Arrolamento Geral de Gado do Continente, 1972*. Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.
*Recenseamento Agrícola do Continente, Distrito de Coimbra, 1979*, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

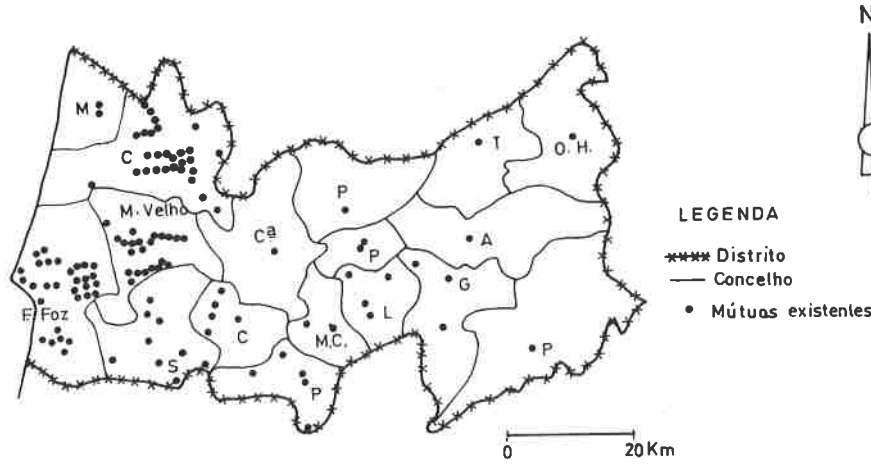



FIG. 106 - Associações de seguros de gado bovino no distrito de COIMBRA, 1931.

FONTE: Adaptado do Boletim do Ministério da Agricultura, Ano XIII, Dezembro de 1931, Nº 6, III Série, LISBOA.

QUADRO Nº. 127 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE BOVINOS - TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL, 1870-1979.

| Áreas Geográficas | 1870-1920 % | 1920-1925 % | 1925-1955 % | 1955-1972 % | 1972-1979 % |
|---|---|---|---|---|---|
| Cantanhede | +0.2 | -3.8 | +8.1 | +2.2 | +3.3 |
| Fig. da Foz | +0.7 | -5.3 | +5.3 | +1.2 | +3.3 |
| Mira | +3.4 | -4.8 | +6.1 | +0.9 | +2.0 |
| Mont.-o-Velho | +1.7 | -3.2 | -0.6 | +8.7 | +6.9 |
| Dist. Coimbra | +0.7 | -2.7 | +2.6 | +0.6 | +3.1 |

Fonte: *Recenseamento Geral de Gados, Continente, 1870*, Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, Imprensa Nacional, Lisboa.
*Arrolamento de Gados, 1920*, Ministério da Agricultura, Imprensa Nacional, Lisboa.
*Arrolamento de Gados, 1925*, Imprensa Nacional, Lisboa.
*Arrolamento de Gados e Animais de Capoeira, 1955*, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.
*Arrolamento Geral de Gado do Continente, 1972*, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.
*Recenseamento Agrícola do Continente, Distrito de Coimbra, 1979*, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

crescimento negativa no período anterior, apresenta entre 1955 e 1972 um acréscimo considerável: + 8.7% de média anual.

Entre 1972 e 1979, não há grandes oscilações nos ritmos de crescimento. Deve notar-se todavia que Montemor-o-Velho continua com a taxa mais elevada: 6.9% ao ano e Mira a mais baixa: 2.0%. Cantanhede e Figueira da Foz situavam-se a um ritmo próximo do observado no distrito, respectivamente 3.3%, 3.3% e 3.1%.

Será no entanto interessante comparar a evolução do gado bovino com a evolução dos efectivos leiteiros, já que se observa um comportamento um pouco diferente.

Assim, entre 1955 e 1979, o crescimento médio anual de bovinos foi em Cantanhede de 3.0%, na Figueira da Foz de 2.1%, em Mira de 1.3%, em Montemor-o-Velho um crescimento mais acentuado, 11.2%. A variação distrital situou-se próximo da observada em Mira: 1.4%. Quanto ao gado de leite regista-se em Cantanhede uma taxa de crescimento muito mais elevada: 4.4% anualmente; na Figueira da Foz é de 1.3%, em Mira de 1.0% e em Montemor-o-Velho de 1.8%. No distrito de Coimbra a evolução dos efectivos leiteiros ficou aquém da observada em relação ao gado bovino, respectivamente 0.4% e 1.4%, (Quadro 128).

QUADRO Nº 128 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE BOVINOS - FÊMEAS LEITEIRAS, POR CONCELHOS E DISTRITOS, 1955-1979.

| | Áreas Geográficas | 1955 | 1972 | 1979 | Taxa de crescimento (1955--72)% | Taxa de crescimento médio anual (1955-72)% | Taxa de crescimento (1972-1979)% | Taxa de crescimento médio anual (%) | Taxa de crescimento (1955-1979) % | Taxa de crescimento médio anual (1955-1979) % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| CONCELHOS | Cantanhede | 3686 | 5581 | 7580 | +51.4 | +3.02 | +35.8 | +5.1 | +105.6 | +4.4 |
| | Fig. Foz | 5697 | 5791 | 7514 | +1.6 | +0.09 | +29.7 | +4.3 | +31.8 | +1.3 |
| | Mira | 2437 | 2583 | 3015 | +6.0 | +0.4 | +16.7 | +2.4 | +23.7 | +1.0 |
| | Mont. O-Velho | 5587 | 5849 | 8008 | +4.7 | +0.3 | +36.9 | +5.2 | +43.3 | +1.8 |
| | Dist. Coimbra | 31585 | 25373 | 34219 | -19.7 | -1.2 | +34.8 | +4.9 | +9.3 | +0.4 |

Fonte: *Recenseamento Geral de Gados, anos de 1955 e 1972*; Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.
*Recenseamento Agrícola do Continente, 1979*. Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

A evolução a nível de freguesia mostra algumas disparidades. Assim, da leitura do Quadro 129 conclui-se que o crescimento médio anual de bovinos entre 1972 e 1979, foi particularmente notável em Arazede (54.4%), Liceia (47.1%) e Ferreira-a-Nova (19.4%). Com um valor um pouco mais baixo, mas denotando um acréscimo ainda importante, situam-se Tocha com 7.4% e Cadima (7.0%). As áreas de Cantanhede e Mira registam níveis de crescimento mais baixos, já que o acréscimo médio anual foi, respectivamente, de 0.8% e 1.7%. Para as restantes freguesias, Alhadas, Covões e Febres a evolução é negativa.

QUADRO Nº. 129 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE BOVINOS, FREGUESIAS, 1955-1979.

| Freguesias | 1955 | 1972 | 1979 | Taxa de crescimento (1955-1972)% | Taxa de crescimento médio anual (1955-1972)% | Taxa de crescimento (1972--1979)% | Taxa de crescimento médio anual (1972-79)% | Taxa de crescimento anual (1955-1979)% |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Alhadas | 1423 | 2018 | 1939 | +41.8 | +2.5 | -3.9 | -0.5 | +1.5 |
| Arazede | 2064 | 1402 | 6797 | -32.1 | -1.9 | +384.8 | +54.9 | +9.6 |
| Cadima | 1778 | 3113 | 4647 | +75.1 | +4.4 | +49.3 | +7.0 | +6.7 |
| Cantanhede | 1033 | 1276 | 1345 | +23.5 | +1.4 | +5.4 | +0.8 | +1.3 |
| Covões | 1393 | 1448 | 1259 | +3.9 | +0.2 | -13.1 | -1.9 | -0.4 |
| Febres | 1807 | 1810 | 1662 | +0.2 | +0.01 | -8.1 | -1.2 | -0.3 |
| Fer.-a-Nova | 843 | 1063 | 2507 | +26.1 | +1.5 | +135.8 | +19.4 | +8.2 |
| Liceia | 596 | 347 | 1491 | -41.8 | -2.5 | +329.7 | +47.1 | +6.3 |
| Mira | 3930 | 4506 | 5125 | +14.7 | +0.9 | +13.7 | +1.7 | +1.3 |
| Quiaios | 2015 | 2668 | 3592 | +32.4 | +1.9 | +34.6 | +4.9 | +3.3 |
| Tocha | 927 | 2986 | 4543 | +222.1 | +13.1 | +52.1 | +7.4 | +16.3 |

Fonte: *Recenseamento Geral de Gado, anos de 1955 e 1972*, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.
*Recenseamento Agrícola do Continente, 1979*, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

Saliente-se também a expressão que as freguesias com maior número de efectivos representam no conjunto dos concelhos a que pertencem.

Em 1972 , as três freguesias do concelho de Figueira da Foz representavam 52.7% do total de efectivos bovinos, passando em 1979 aquele valor para 59.6%. Na primeira data,

Arazede e Liceia apenas detinham 16.8% do concelho de Montemor-o-Velho, valor que em 1979 sobe para 53.7%. É, no entanto, no concelho de Cantanhede, nas freguesias da *Gândara*, que a criação de gado bovino, atinge maiores quantitativos, já que em 1972 e 1979, possuíam respectivamente 85.3% e 87.4% do total concelhio.

Embora as informações estatísticas não permitam traçar a linha evolutiva em relação aos efectivos leiteiros, veremos adiante que é, em grande parte, devido ao acréscimo deste tipo de gado que se opera o crescimento dos bovinos.

Durante os anos quarenta e seguintes, a fraca produção leiteira da área — recorde-se que o gado nesta época era essencialmente para trabalho —, destinava-se quase toda aos postos de recolha "pertencentes aos industriais Martins e Rebelo, Nuno e Rodrigues, Nestlé e Lacticínios de Aveiro" (C.SOUTO, 1983, pag.132). A partir de 1965 o leite é recolhido por uma única rede, dependente da Federação dos Grémios da Beira Litoral. Este facto, gerador de uma quase total depêndencia dos produtores de leite em relação aos Grémios, vai, em parte, ser responsável pelo desenvolvimento de um espírito associativo que culmina no aparecimento de numerosas cooperativas.

Data de 1949 o alvará que constitui a Cooperativa Leiteira dos concelhos de Aveiro, Ilhavo e Vagos. No entanto, a sua acção foi dificultada pela Federação de Grémios, que obstruíu pelas mais diversas formas, o alargamento do movimento cooperativo, (cfr. C. CAVACO, 1977, pags 2-8 e C.SOUTO, 1983, pags. 131-138)

Não obstante terem aparecido na década de sessenta associações de agricultores em todo o país, é sobretudo a partir de 1974 que o movimento se dinamiza. A *Gândara* passa a estar abrangida, sectorialmente, pelas áreas sociais das Cooperativas de Bebedouro, Cantanhede, Ferreira-a-Nova, Figueira da Foz, Mira e Tocha, por sua vez integradas na Lacticoop([1]). A primeira daquelas associações data já de 1968, a segunda de 1974, as de Mira, Figueira da Foz e Tocha datam de 1976, enquanto a de Ferreira-a-Nova, associada à de Montemor-o-Velho é descentralizada em 1977. "Isto é, na pequena área gandaresa seis cooperativas asseguram, técnicamente, toda a produção leiteira", (F. DELGADO CRAVIDÃO, 1987, pag. 231). Este número mostra bem a importância deste sector produtivo no território em análise.

De facto, desde início da década de setenta que com maior ritmo, se acentuou o crescimento do efectivo leiteiro, e a melhoria progressiva das condições de produção.

A vaca de trabalho é substituída pela vaca leiteira, ainda que frequentemente associada a trabalho, organiza-se a estrutura de recolha, instalam-se ordenhas particulares, são levadas a cabo acções por parte de técnicos agrícolas, visando sobretudo informar os

---

1 — União de Cooperativas de Produtores de Leite de entre Douro e Mondego.

agricultores das condições médico-sanitárias a que deve obedecer a criação de gado leiteiro. Por tudo isto, a economia da *Gândara* passa a depender deste sector produtivo.

Na realidade, a evolução dos efectivos leiteiros nos concelhos, onde se insere o território gandarês, mostra claramente a sua importância no conjunto do distrito (Fig. 107). A partir de 1967 mais de 85.0% do total distrital situa-se nos concelhos de Cantanhede, Figueira da Foz, Mira e Montemor-o-Velho, entre os quais a importância do primeiro está bem expressa no facto de apresentar índices sempre superiores a 30.0% em relação ao distrito, registando o máximo em 1980: 37.7%. Segundo informações que nos foram fornecidas pela Direcção Regional da Beira Litoral, o número de vacas leiteiras em 1982 era em Cantanhede de 7129, em Mira 2632, na Figueira da Foz 4248, e em Montemor-o-Velho 5567, isto é (32%), (11.8%), (19.1%) 25% do distrito. Apenas 2763 (12.1%) dos animais produtores de leite se situam nos restantes concelhos (Quadro 130).

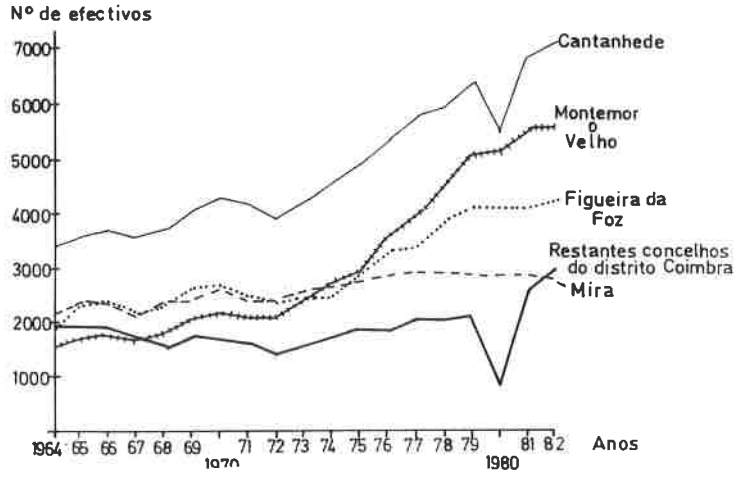



FIG. 107 - Evolução dos efectivos leiteiros por concelhos e distrito (1964 - 1982)

FONTE: F. DELGADO CRAVIDÃO, 1987

QUADRO Nº. 130 - EVOLUÇÃO DOS EFECTIVOS LEITEIROS NOS CONCELHOS DO DISTRITO DE COIMBRA; 1964-1982.

| Concelhos | 1964 | | 1965 | | 1966 | | 1967 | | 1968 | | 1969 | | 1970 | | 1971 | | 1972 | | 1973 | | 1974 | | 1975 | | 1976 | | 1977 | | 1978 | | 1979 | | 1980 | | 1981 | | 1982 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Arganil | 65 | 0.5 | 73 | 0.6 | 78 | 0.7 | 70 | 0.6 | 76 | 0.7 | 75 | 0.6 | 66 | 0.5 | 55 | 0.4 | 47 | 0.4 | 29 | 0.2 | 37 | 0.3 | 39 | 0.3 | 25 | 0.1 | 28 | 0.2 | 38 | 0.2 | 32 | 0.2 | - | - | 9 | 0.04 | 11 | 0.05 |
| Cantanhede | 3383 | 31.0 | 3540 | 30.4 | 3743 | 31.5 | 3578 | 31.9 | 3703 | 31.9 | 4091 | 31.2 | 4282 | 31.8 | 4220 | 32.6 | 3973 | 32.2 | 4210 | 31.9 | 4531 | 32.4 | 4835 | 32.2 | 5394 | 32.1 | 5726 | 32.0 | 5942 | 31.1 | 6459 | 31.3 | 5429 | 37.3 | 6861 | 31.5 | 7129 | 32.0 |
| Coimbra | 1195 | 11.1 | 1167 | 10.0 | 1093 | 9.2 | 981 | 8.8 | 832 | 7.2 | 988 | 7.5 | 968 | 7.2 | 917 | 7.1 | 777 | 6.3 | 849 | 6.4 | 906 | 6.5 | 890 | 5.9 | 860 | 5.1 | 920 | 5.1 | 881 | 4.6 | 954 | 4.6 | 904 | 6.2 | 880 | 4.0 | 1023 | 4.6 |
| Cond.-a-Nova | 198 | 1.8 | 178 | 1.5 | 148 | 1.2 | 130 | 1.2 | 150 | 1.3 | 211 | 1.6 | 214 | 1.6 | 202 | 1.6 | 183 | 1.5 | 185 | 1.4 | 211 | 1.5 | 244 | 1.6 | 237 | 1.4 | 305 | 1.7 | 319 | 1.7 | 465 | 2.3 | - | - | 489 | 2.2 | 611 | 2.7 |
| Fig.da Foz | 1859 | 17.0 | 2135 | 18.4 | 2220 | 18.6 | 2072 | 18.5 | 2235 | 19.3 | 2658 | 20.3 | 2701 | 20.0 | 2455 | 18.9 | 2349 | 19.0 | 2407 | 18.2 | 2485 | 17.8 | 2802 | 18.7 | 3272 | 19.5 | 3467 | 19.4 | 3778 | 19.8 | 4054 | 19.6 | 397 | 2.7 | 4095 | 18.8 | 4248 | 19.1 |
| GÓis | 23 | 0.2 | 19 | 0.2 | 19 | 0.2 | 24 | 0.2 | 25 | 0.2 | 27 | 0.2 | 31 | 0.2 | 32 | 0.2 | 44 | 0.4 | 36 | 0.3 | 30 | 0.2 | 27 | 0.2 | 20 | 0.1 | 26 | 0.1 | 22 | 0.1 | 26 | 0.1 | - | - | 48 | 0.2 | 50 | 0.2 |
| Lousã | 25 | 0.2 | 28 | 0.2 | 41 | 0.3 | 33 | 0.3 | 34 | 0.3 | 41 | 0.3 | 47 | 0.3 | 33 | 0.3 | 35 | 0.3 | 38 | 0.3 | 40 | 0.3 | 43 | 0.3 | 44 | 0.3 | 54 | 0.3 | 51 | 0.3 | 46 | 0.2 | - | - | 40 | 0.2 | 44 | 0.2 |
| Mira | 2129 | 19.5 | 2280 | 19.6 | 2277 | 19.1 | 2213 | 19.7 | 2352 | 20.3 | 2453 | 18.7 | 2511 | 18.6 | 2439 | 18.8 | 2392 | 19.4 | 2514 | 19.1 | 2518 | 18.0 | 2638 | 17.6 | 2708 | 16.1 | 2746 | 15.3 | 2762 | 14.5 | 2724 | 13.2 | 2676 | 18.4 | 2723 | 12.5 | 2632 | 11.8 |
| Miranda do Corvo | 46 | 0.4 | 60 | 0.5 | 65 | 0.5 | 65 | 0.6 | 63 | 0.5 | 64 | 0.5 | 53 | 0.4 | 36 | 0.3 | 40 | 0.3 | 42 | 0.3 | 39 | 0.3 | 46 | 0.3 | 52 | 0.3 | 51 | 0.3 | 64 | 0.3 | 72 | 0.3 | - | - | 106 | 0.5 | 68 | 0.3 |
| Mont.-o-Velho | 1546 | 14.3 | 1722 | 14.8 | 1823 | 15.3 | 1644 | 14.7 | 1776 | 16.3 | 2129 | 16.3 | 2255 | 16.7 | 2184 | 16.9 | 2184 | 16.7 | 2494 | 18.9 | 2740 | 19.6 | 2936 | 19.6 | 3630 | 21.6 | 3970 | 22.2 | 4531 | 23.7 | 5029 | 24.4 | 5157 | 35.4 | 5519 | 25.3 | 5567 | 25.0 |
| Oliv.do Hospital | 59 | 0.5 | 58 | 0.5 | 65 | 0.5 | 69 | 0.6 | 65 | 0.6 | 63 | 0.5 | 51 | 0.4 | 55 | 0.4 | 60 | 0.5 | 66 | 0.5 | 64 | 0.5 | 87 | 0.6 | 67 | 0.4 | 78 | 0.4 | 83 | 0.4 | 88 | 0.4 | - | - | 107 | 0.5 | 102 | 0.5 |
| Pamp. da Serra | 3 | 0.02 | 3 | 0.03 | 3 | 0.02 | 8 | 0.07 | 4 | 0.03 | 4 | 0.03 | - | - | 2 | 0.02 | 1 | - | 1 | - | 1 | - | 2 | 0.01 | 1 | - | 3 | 0.02 | 2 | 0.02 | 1 | - | - | - | 1 | - | - | - |
| Penacova | 25 | 0.2 | 28 | 0.2 | 29 | 0.2 | 27 | 0.2 | 21 | 0.2 | 19 | 0.1 | 23 | 0.2 | 30 | 0.2 | 29 | 0.2 | 32 | 0.2 | 32 | 0.2 | 35 | 0.2 | 33 | 0.2 | 36 | 0.2 | 27 | 0.1 | 26 | 0.1 | - | - | 35 | 0.2 | 29 | 0.1 |
| Penela | 45 | 0.5 | 45 | 0.4 | 53 | 0.4 | 55 | 0.5 | 44 | 0.4 | 43 | 0.3 | 39 | 0.3 | 41 | 0.3 | 45 | 0.4 | 62 | 0.5 | 100 | 0.7 | 132 | 0.9 | 147 | 0.9 | 145 | 0.8 | 170 | 0.9 | 141 | 0.7 | - | - | 153 | 0.7 | 185 | 0.8 |
| Pofares | 10 | 0.1 | 18 | 0.2 | 14 | 0.1 | 18 | 0.2 | 16 | 0.1 | 20 | 0.2 | 16 | 0.1 | 14 | 0.1 | 19 | 0.2 | 20 | 0.2 | 28 | 0.2 | 37 | 0.2 | 40 | 0.2 | 35 | 0.2 | 29 | 0.2 | 53 | 0.3 | - | - | 62 | 0.3 | 62 | 0.3 |
| Soure | 266 | 2.5 | 247 | 2.2 | 203 | 1.7 | 190 | 1.7 | 174 | 1.5 | 188 | 1.4 | 203 | 1.5 | 221 | 1.7 | 145 | 1.2 | 185 | 1.4 | 184 | 1.3 | 189 | 1.3 | 204 | 1.2 | 266 | 1.5 | 340 | 1.8 | 428 | 2.1 | 7 | 0.05 | 631 | 2.9 | 506 | 2.3 |
| Tábua | 25 | 0.2 | 33 | 0.3 | 33 | 0.4 | 32 | 0.3 | 28 | 0.2 | 27 | 0.2 | 21 | 0.2 | 22 | 0.2 | 16 | 0.1 | 22 | 0.2 | 32 | 0.2 | 33 | 0.2 | 53 | 0.3 | 54 | 0.3 | 61 | 0.3 | 41 | 0.2 | - | - | 39 | 0.2 | 32 | 0.1 |
| Distrito | 10902 | 100 | 11634 | 100 | 11909 | 100 | 11209 | 100 | 11598 | 100 | 13101 | 100 | 13481 | 100 | 12958 | 100 | 12339 | 100 | 13192 | 100 | 13987 | 100 | 15015 | 100 | 16787 | 100 | 17910 | 100 | 19100 | 100 | 20639 | 100 | 14570 | 100 | 21798 | 100 | 22299 | 100 |

* - Desprezaram-se os valores inferiores a 0.01.

Fonte: Elementos fornecidos pela Direcção Regional da Beira Litoral.

De referir que a quebra observada nos anos 80 e 81, não significa uma diminuição no interesse pelo gado leiteiro, mas correlaciona-se com a epedemia de peripneumonia então verificada, que provocou uma recessão na maior parte das bacias leiteiras do país.

De resto, a evolução das taxas de crescimento, relativas à produção das diferentes cooperativas cuja acção se desenrola na *Gândara* , mostra que se estão a atingir níveis de crescimento idênticos aos observados nos anos de maior produção (Quadro 131). Acrescente-se que no ano de 1986 deram entrada no centro de tratamento de leite da Tocha cerca de 160 milhões de litros, o que deverá corresponder a um acréscimo em relação ao ano anterior, já que grande parte do leite produzido na bacia leiteira da Beira Litoral é ali tratado e a produção de 1985 situou-se próxima de 155 milhões.

QUADRO Nº 131 - EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE LEITE, LITROS, 1978-1985.

| ANOS / COOPERATIVAS | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1985 | Taxa de crescimento % | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | 78/79 | 79/80 | 80/81 | 81/82 | 82/83 | 83/84 | 84/85 |
| Bebedouro | 2923196 | 9389987 | 12389678 | 13241456 | 13052000 | 10637000 | 7996098 | 8650418 | +45.20 | +31.94 | + 6.87 | - 1.43 | -16.98 | -26.19 | + 8.18 |
| Cantanhede | 11259974 | 12622496 | 13383755 | 14167424 | 15143000 | 13690663 | 12095355 | 12842676 | +12.1 | + 6.03 | + 5.85 | + 6.88 | - 9.59 | -11.65 | + 6.17 |
| Fer.-a-Nova | 2063312 | 4063391 | 5761949 | 6914388 | 7096452 | 6836255 | 5655446 | 5439665 | +96.93 | +42.17 | +20.0 | + 4.29 | - 5.03 | -17.56 | - 3.81 |
| Fig. da Foz | 14446500 | 15594188 | 12422192 | 17180659 | 16392237 | 14665344 | 11114630 | 10318339 | + 7.94 | + 5.30 | + 4.61 | - 4.58 | -10.52 | -24.21 | - 7.17 |
| Mirense | 9249270 | 9770126 | 10219964 | 10688726 | 10427017 | 9627029 | 8920463 | 8890344 | + 5.6 | + 5.76 | - 4.38 | - 2.45 | - 7.67 | - 7.34 | - 0.34 |
| Tocha | 11647775 | 12464033 | 13554753 | 14618881 | 14800000 | 12516632 | 10584352 | 10724724 | + 7.0 | + 8.75 | + 7.85 | + 1.24 | -15.42 | -15.43 | + 1.32 |
| Total | 51590027 | 63904221 | 71732291 | 76811354 | 76910706 | 67972923 | 56368144 | 56886166 | +23.86 | +12.24 | + 7.08 | + 0.13 | -11.62 | -17.07 | + 0.88 |
| Beira Litoral | 122700213 | 140596526 | 153634465 | 168425287 | 170246000 | 156671491 | 139337191 | 155347469 | +14.58 | +12.09 | + 6.86 | + 1.08 | - 7.97 | -11.06 | +11.49 |

Fonte: Relatórios da Lactícoop, anos de 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984 e 1985.

Decorrente do que temos referido, pode concluir-se, de facto, que, a produção leiteira na *Gândara* tem progressivamente aumentado, funcionando quer como agente de desenvolvimento da economia local, quer também como factor de desenvolvimento regional, pela participação que tem ao nível do mercado nacional.

Se os resultados apurados no *Inquérito* revelam a importância da criação de gado leiteiro na melhoria do nível de vida das comunidades locais, levantam por sua vez algumas preocupações em função da nova realidade económica decorrente da adesão de Portugal à Comunidade Europeia. Como se referirá terão de ser introduzidas modificações visando sobretudo o aumento da qualidade e diminuição dos custos de produção, para que se não desmorone um sector produtivo que concorreu de forma decisiva para a melhoria de largas centenas de pequenos produtores de leite.

## 6.2 — Situação Actual do Sector Leiteiro

### 6.2.1 — Estrutura do Efectivo Leiteiro

No conjunto das explorações inquiridas (340), computaram-se 1118 cabeças de gado bovino, distribuídas por 262 explorações, o que corresponde a 4.3 cabeças de gado por unidade de exploração. Este valor situa-se acima do observado em 1979 pelo *R.A.C.*, a nível de concelhos: em Cantanhede de 2.7, na Figueira da Foz de 3.0, em Mira de 2.2 e no concelho de Montemor-o-Velho de 3.6. A variação observada deve ser relacionada com o acréscimo verificado, de um modo geral, na criação de gado bovino e de um modo particular, com a criação de gado leiteiro. No conjunto do território registaram-se 185 (54.4%) explorações com o último tipo de gado, num total de 680 efectivos, significando por isso que o número de vacas leiteiras por agregado se situa em 3.7.

Convém, no entanto, chamar a atenção para o facto de não ser idêntica em todas as áreas do território a percentagem de explorações com criação de gado leiteiro. Isto é, embora no conjunto das 340 unidades inquiridas, 54.4% possuam aquele tipo de gado, quando analisado a uma escala mais restrita observam-se variações significativas. Encontramos freguesias situadas consideravelmente acima da média da *Gândara* (54.4%), como Arazede com 85.7%, Tocha com 84.2%, Cadima com 77.8% e Ferreira-a-Nova com 65.2%; freguesias com valores próximos do padrão geral, caso de Alhadas (55.6%), Liceia (55.6%) e Quiaios (47.1%) das explorações inquiridas se faz criação de gado de leite. Nas restantes freguesias o valor é mais reduzido: Mira (39.1%), Cantanhede (37.5%), Nª. Senhora das Febres (29.2%) e em Santo António dos Covões apenas 16.7%.

Também o número médio de animais por exploração apresenta sectorialmente algumas variações. A leitura do Quadro 132 permite concluir que são as freguesias de Quiaios e Arazede as que apresentam um número médio de animais por exploração consideravelmente superior à média, respectivamente 5.7 e 5.2. Com índices iguais ou próximos do observado na *Gândara* (3.7), situam-se Ferreira-a-Nova (3.7), Mira (3.6) e Covões (3.0). Com valores mais baixos, as restantes freguesias: Febres 1.6, Alhadas 1.8, Cantanhede 2.0 e Cadima 2.8. Destes índices parece poder concluir-se que é preferencialmente nas áreas situadas junto do litoral que o número de efectivos leiteiros por exploração é maior (Fig. 108). De salientar também que, à excepção de Alhadas, nas freguesias situadas no sector Sul do território aquele indicador se situa acima da média. Isto é, são as áreas em confronto com a *Bairrada* que revelam, como seria de esperar, menor aptidão para a criação de gado de leite. Além disso, a esta circunstância deverá juntar-se, no caso do território inserido na freguesia de Cantanhede, a maior proximidade em relação a esse centro urbano que, pelos resultados

que temos obtido, mostra ter provocado uma progressiva diminuição na importância da agricultura e da pecuária. Relembre-se, entre outros factos, que é nesta freguesia que a propriedade tem menor dimensão média e não encontrámos qualquer inquirido com tractor próprio.

QUADRO Nº. 132 NÚMERO MÉDIO DE VACAS LEITEIRAS POR EXPLORAÇÃO, FREGUESIAS.

| Freguesias | R.A.C. (1979) | | | Inquérito (1986) | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | Expl.com gado leit.(1) | Total de v. leit. (2) | 2/1 | Expl. com gado leit. (1) | Total de v. leit. (2) | 2/1 |
| Alhadas | 492 | 1004 | 2.0 | 10 | 18 | 1.8 |
| Arazede | 1195 | 3331 | 2.8 | 24 | 124 | 5.2 |
| Cadima | 1072 | 2623 | 2.4 | 28 | 77 | 2.8 |
| Cantanhede | 346 | 621 | 1.8 | 6 | 12 | 2.0 |
| Covões | 191 | 359 | 1.9 | 3 | 9 | 3.0 |
| Febres | 623 | 866 | 1.4 | 7 | 11 | 1.6 |
| Fer.-a-Nova | 535 | 1127 | 2.1 | 15 | 56 | 3.7 |
| Liceia | 293 | 655 | 2.2 | 10 | 40 | 4.0 |
| Mira | 1864 | 3015 | 1.7 | 34 | 121 | 3.6 |
| Quiaios | 859 | 2385 | 2.8 | 16 | 91 | 5.7 |
| Tocha | 1049 | 2784 | 2.7 | 32 | 121 | 3.8 |
| Total | - | - | - | 185 | 680 | 3.7 |

Fonte: *Recenseamento Agrícola do Continente*, 1979. Elementos fornecidos pelo I.N.E.
- *Inquérito*.

Será interessante confrontar as informações relativas ao ano de 1986 com as referentes ao *Recenseamento* de 1979 (cfr. Quadro 132). Julgamos que as conclusões mais importantes a tirar são: o aumento do número médio de animais por exploração e o facto de serem as áreas onde, à data do *Recenseamento*, o número de animais por exploração era maior que em 1986 apresentam, também, os índices mais elevados. Em 1979, Arazede e Quiaios registavam um número médio de vacas leiteiras por exploração igual a 2.8, enquanto no final do ano de 1986 se cifrava em 5.2 e 5.7, respectivamente. Além disso, a freguesia de Nª.Senhora das Febres revelava já no final da década de setenta uma menor importância relativamente a este sector; em 1986 é também aí o local em que o número de animais leiteiros é menor, 1.4. Os resultados que obtivemos mostram que a além do fraco acréscimo (0.2%), continua a ser uma das áreas onde a sua importância tem menor expressão (1.6).

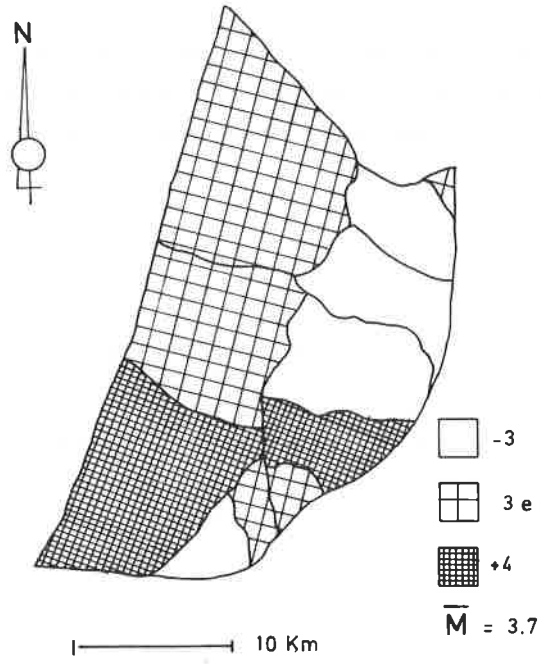



FIG. 108 - Numero médio de vacas leiteiras por exploração 1986

FONTE: INQUÉRITO

Não obstante o desenvolvimento do sector leiteiro estar a operar significativas alterações na economia gandaresa, tem sido principalmente à custa do aumento de efectivos que a produção vem aumentando. Isto é, tem havido um fraco desenvolvimento na estrutura produtiva, quer em relação ao número de animais por exploração, quer relativamente à produção de leite por cabeça, quer ainda em relação à sua qualidade. Por isso é indispensável rendibilizar todo o sistema produtivo, não pelo continuo acréscimo de efectivos, mas pela melhoria do gado e pela introdução de novas tecnologias. Isto é, torna-se necessário reduzir o número de vacas que simultâneamente são de leite e trabalho; como se comprende, quando existe esta dupla função, a produção é inferior; os produtores de leite devem introduzir nas suas explorações melhores condições sanitárias, sistemas de refrigeração que possibilitem melhorar a qualidade do leite. Por outro lado, como as condições físico-climáticas da área permitem não só a produção de forragens, como a existência de prados, devia ser maximizada a alimentação natural, para diminuir progressivamente o recurso a rações, que provocam um acréscimo importante nos custos de produção. Ora, a estrutura do efectivo leiteiro revela alguma precaridade, podendo vir a pôr em causa nos próximos anos todo este sector,

principalmente se encarada na nova escala de economia que é a Comunidade Europeia, confrontada com largos excedentes de leite e produtos derivados.

Como se observa no Quadro 133, a distribuição dos efectivos leiteiros por área agrícola e a nível concelhio, mostra que, em Mira, Cantanhede e Figueira da Foz, a quase totalidade de animais se encontra em explorações com menos de 4 ha, respectivamente 94.1%, 92.3% e 90.1%. Ora, se se recordar que na *Gândara* a dimensão média da exploração é de 0.99 ha, sendo o valor mais elevado em Arazede de 1.94 ha, facilmente se poderá concluir que grande parte dos animais produtores de leite se encontram em explorações que raramente ultrapassam 1 ha. Além disso, como mostra o Quadro 134, o escalão de dimensão com maior peso na produção é o de produtores com 1 ou 2 vacas, já que 57.3% está nessa situação, sendo de 83.7% o número de indivíduos que tem menos de 6 animais e 90% menos de 11. Apenas 11 inquiridos referiram possuir de 11 a 19 cabeças de gado leiteiro, que correspondem a 3.7% do total de produtores. Destes, dois residem na freguesia de Arazede, um com 11 e outro com 18 animais; dois vivem na área de Cadima, respectivamente com 12 e 14 vacas; outro em Quiaios com 18 animais e dois na Tocha com 12 e 15 cabeças de gado.

QUADRO Nº. 133 - EFECTIVOS LEITEIROS POR CLASSES DE DIMENSÃO DE ÁREA AGRÍCOLA

| Concelhos | Até 4 ha | | 4-7 ha | | 7-10 ha | | ≥ ha | | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | |
| Cantanhede | 6823 | 90.1 | 498 | 6.6 | 92 | 1.2 | 161 | 2.1 | 7574 |
| Fig. da Foz | 5322 | 92.3 | 220 | 3.8 | 68 | 1.2 | 159 | 2.8 | 5769 |
| Mira | 2837 | 94.1 | 107 | 3.5 | 23 | 0.8 | 48 | 1.6 | 3015 |
| Mont-o-Velho | 5062 | 81.4 | 536 | 8.6 | 197 | 3.2 | 425 | 6.8 | 6220 |
| Bacia Leiteira da Beira Litoral | 59953 | 87.5 | 4699 | 6.9 | 1316 | 1.9 | 2538 | 3.7 | 68506 |

Fonte: Elementos fornecidos pelo Eng. Vitor Coelho Barros

Registe-se ainda que, em algumas dessas explorações, se faz ainda criação de gado bovino, sobretudo para produção de carne; a sua expressão é no entanto, bastante inferior à do gado leiteiro.

Não obstante, da dimensão da amostra decorrerem algumas reservas, o cotejo dos Quadros 134 e 135 sugere algumas modificações entre 1979 e 1986(1). Durante este

1 — Nos escalões intermédios, verifica-se a diferença de uma unidade, podendo por isso proporcionar algumas distorções de análise. Pensamos, no entanto, que aquele desfazamento tem um significado muito limitado.

QUADRO Nº 134 - ESTRUTURA DO EFECTIVO LEITEIRO - GÂNDARA.

| Efectivos leiteiros por escalão de produtores | Explorações | % | Nº. de cabeças | % |
|---|---|---|---|---|
| Com 1 ou 2 | 106 | 57.3 | 163 | 23.9 |
| 3 a 5 | 49 | 26.4 | 185 | 27.2 |
| 6 a 10 | 19 | 10.3 | 145 | 21.3 |
| 11 a 19 | 7 | 3.7 | 100 | 14.7 |
| 20 e mais | 4 | 2.3 | 87 | 12.9 |
| Total | 185 | 100.0 | 680 | 100.0 |

Fonte: *Inquérito.*

QUADRO Nº. 135 - EXPLORAÇÕES SEGUNDO O NÚMERO DE VACAS LEITEIRAS POR FREGUESIAS, 1979.

| Freguesias / Efectivo leiteiro | Alhadas | | Arazede | | Cadima | | Cantanhede | | Covões | | Febres | | Fer.-a-Nova | | Liceia | | Mira | | Quiaios | | Tocha | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Tocha | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Com 1 ou 2 | 389 | 79.1 | 784 | 65.6 | 709 | 66.1 | 292 | 84.4 | 165 | 86.4 | 592 | 95.0 | 418 | 78.1 | 204 | 69.6 | 1672 | 89.7 | 535 | 62.3 | 710 | 67.7 |
| 3 a 4 | 88 | 17.9 | 265 | 22.2 | 270 | 25.2 | 43 | 12.4 | 22 | 11.5 | 26 | 4.2 | 83 | 15.5 | 74 | 25.3 | 154 | 8.3 | 223 | 26.0 | 263 | 25.1 |
| 5 a 9 | 12 | 2.4 | 102 | 8.5 | 80 | 7.5 | 8 | 2.3 | 4 | 2.1 | 4 | 0.6 | 22 | 4.1 | 13 | 4.4 | 32 | 1.6 | 76 | 8.8 | 55 | 5.2 |
| 10 a 19 | 3 | 0.6 | 37 | 3.1 | 13 | 1.2 | 3 | 0.9 | - | - | 1 | 0.2 | 10 | 1.9 | 2 | 0.7 | 5 | 0.3 | 23 | 2.7 | 17 | 1.6 |
| 20 e mais | - | - | 7 | 0.6 | - | - | - | - | - | - | - | - | 2 | 0.4 | - | - | 1 | 0.1 | 2 | 0.2 | 4 | 0.4 |
| Total | 492 | 100.0 | 1195 | 100.0 | 1072 | 100.0 | 346 | 100.0 | 191 | 100.0 | 623 | 100.0 | 535 | 100.0 | 293 | 100.0 | 1864 | 100.0 | 859 | 100.0 | 1049 | 100.0 |

Fonte: *Recenseamento Agrícola do Continente, 1979.*

período verifica-se uma redução no número de produtores com 1 ou 2 vacas, pois, como se vê pelo Quadro 135, em todas as freguesias mais de 65% dos inquiridos está naquela situação, chegando mesmo a ultrpassar 80% em Cantanhede (84.4%), Covões (86.4%), Febres (95%) e Mira (89.7%). Ora, em 1986 a média observada na *Gândara* é de 57.3%, o que mostra uma perda naquele escalão de dimensão.

Dos valores apurados, conclui-se ter sido nos dois escalões seguintes que se terá operado o maior acréscimo, já que, segundo o *R.A.C.*, com 3 e 4 vacas a média observada nas onze freguesias situava-se em 17.6%, subindo em 1986 para 26.4%. No escalão seguinte, o acréscimo foi ainda maior, já que em 1979 o número de produtores era de 4.3% e o resultado que obtivemos cifra-se em 10.3%. O aumento na importância destes dois escalões parece vir aliás de anos anteriores e, portanto, corresponderá a uma tendência já delineada. Segundo A. CARVALHO, V.C.BARROS E J.R.ROCHA (1982, pags. 49-50)," o escalão que maior responsabilidade teve no aumento do efectivo da região (Beira Litoral) foi o de produtores com 2 a 5 vacas (71.3%). Se a este escalão juntarmos o dos produtores com apenas uma vaca e os que possuem 6 a 10, concluimos que é aos produtores com efectivos até 10 vacas que se deve a maior parte do desenvolvimento da produção leiteira, pois participam com cerca de 81% no aumento do efectivo leiteiro da região, no período de 10 anos entre 1967 e 1976".

As conclusões a que chegámos sugerem que esta tendência prossegiu, já que é nos mesmos escalões que se situa o maior acréscimo. Tal como revelava aquele estudo, é à custa dos escalões mais baixos que se processa o maior crescimento, pelo que se não verificam grandes modificações na estrutura do gado leiteiro.

Como se viu, em 1986 computaram-se 680 cabeças de gado leiteiro em 185 explorações. Ora, em função das respostas conclui-se que há dez anos o número de explorações com produção de leite era de 138, portanto apenas menos 47 que em 1986, sendo todavia o número de efectivos consideravelmente inferior: 332. Daí se conclui que o valor médio por exploração era igual a 2.4. Isto é, durante aquele período de tempo o acréscimo de efectivos foi de 104.8% e o aumento médio do número de cabeças por exploração de 58.3%.

Em 1976 o número de cabeças de gado no escalão de 1 a 10 era de 253, isto é, 76.2% do total (332), enquanto em 1986 era, no mesmo escalão, de 493 animais, reflectindo por isso um acréscimo de 94.9%. Significando isso que continua a ser à custa desse escalão que se vem processando o aumento do efectivo leiteiro. Se analisarmos por escalões mais baixos verifica-se que é de facto à custa das explorações com menor número de cabeças que se tem operado o aumento da produção de leite. Em 1976, 66.0% (168) das explorações tinha entre 1 e 2 vacas, enquanto 31.2% possuía entre 3 e 5. Ora, em 1986 continuam a ser nestes dois escalões que acolhem grande parte do efectivo leiteiro já que 83.7% das

explorações não ultrapassam os 5 animais: 57.3% com 1 ou 2 vacas e 26.4% com 3 a 5. Friza-se uma vez mais que o modo como se tem operado o crescimento do sector leiteiro na *Gândara*, não revela mudanças estruturais em relação aos valores apresentados por aqueles autores para 1967.

Outro facto que agrava esta situação está na circunstância de grande parte dos produtores se situar numa classe etária relativamente avançada e não haver, por parte dos jovens adultos, grande receptividade em investir neste sector. Da observação do Quadro 136 conclui-se que 76.2% dos produtores de gado de leite tem mais de 40 anos, o que revela a fraca participação dos jovens adultos neste domínio. Além disso, os 10 indivíduos com menos de trinta anos situam-se nos escalões até 5 animais, enquanto no grupo etário seguinte (30-39) 47.1% está também englobado naquela classe de dimensão.

QUADRO Nº. 136 - ESTRUTURA DO EFECTIVO LEITEIRO E ESTRUTURA ETÁRIA DOS PRODUTORES - GÂNDARA

| Idade dos produtores | Menos 30 anos | | 30-39 | | 40-49 | | 50-59 | | 60-69 | | 70 e mais | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Escalão de dimensão | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| 1 ou 2 vacas | 5 | 4.7 | 18 | 17.0 | 25 | 23.6 | 27 | 25.5 | 23 | 21.7 | 8 | 7.5 | 106 | 100.0 |
| 3 a 5 | 5 | 10.2 | 8 | 16.3 | 17 | 34.7 | 11 | 22.4 | 5 | 10.3 | 3 | 6.1 | 49 | 100.0 |
| 6 a 10 | - | - | 7 | 36.8 | 5 | 26.4 | 7 | 36.8 | - | - | - | - | 19 | 100.0 |
| 11 a 19 | - | - | - | - | 3 | 42.9 | 4 | 57.1 | - | - | - | - | 7 | 100.0 |
| 20 e + | - | - | 1 | 25.0 | 1 | 25.0 | 1 | 25.0 | 1 | 25.0 | - | - | 4 | 100.0 |
| Total | 10 | 5.4 | 34 | 18.4 | 51 | 27.6 | 50 | 27.0 | 29 | 15.7 | 11 | 5.9 | 185 | 100.0 |

Fonte: *Inquérito*.

A maior concentração regista-se entre os 40 e os 59 anos, quer em relação ao total de produtores (101), quer também relativamente ao número de explorações com maior quantitativo de animais. Naquele leque etário 7 indivíduos possuem entre 11 e 19 vacas e apenas 2 no escalão seguinte. A partir dos 60 anos a situação aproxima-se da verificada nas classes etárias mais baixas, isto é, menor número de animais e praticamente todos concentrados nos escalões de dimensão mais reduzida.

Em síntese, os resultados revelados pelo *Inquérito* permitem concluir que, na Gândara, a estrutura do efectivo leiteiro não tem sofrido modificações importantes: 94% dos produtores tem menos de 11 vacas, enquanto a média por exploração se situa em 3.7. Por outro lado, a estrutura etária dos indivíduos que possuem gado de leite é elevada, já que 76.2% tem 60 e mais anos. Além disso, a utilização de rações em elevada quantidade, na

alimentação do gado onera substancialmente os custos de produção. Estes factos poderão vir a criar problemas na economia local pois os valores apurados estão consideravelmente afastados dos padrões mínimos observados na Comunidade Económica Europeia.

6.2.2 — A Estrutura da Recolha

— A Função das Cooperativas

Agentes quase exclusivos da recolha de leite, as cooperativas têm tido uma função essencial no desenvolvimento deste sector, de um modo geral na Beira Litoral e de um modo particular na *Gândara*. A instalação de ordenhas quer colectivas quer particulares, a aplicação de medidas profilácticas e a difusão de algumas inovações são exemplos de uma acção, cujos resultados se têm reflectido no aumento de produção e de qualidade do leite, factores essenciais à sua comercialização.

De facto, a evolução do equipamento de ordenha evidencia a função dinamizadora daquelas associações de agricultores. Segundo A. de CARVALHO, V. C. BARROS e J. R. ROCHA (1982, pag. 105), as salas de ordenha colectiva surgiram em Oliveira de Azemeis em 1968, devido à acção da " cooperativa local e alguns técnicos".

A ausência de postos de recepção de leite, pois a reduzida dimensão de alguns lugares não o justificava, obrigava a que uma pessoa "carreteira" fizesse a recolha e transportasse o leite para o posto mais próximo. Desta situação decorriam, como é óbvio, consequencias por vezes desastrosas para alguns produtores, já que a mistura do leite não compensava a diferença de qualidade. Daí que, na ausência de postos de recolha, se tenham instalado ordenhas colectivas onde se dirigiam os pequenos agricultores, sem prejuízo da sua produção. O sucesso deste tipo de ordenha foi tal que, em 1973, segundo os autores citados (1982, pag. 263), o seu número se situava em 260, grande parte localizada na Beira Litoral. Seis anos depois o valor subia para 772.

Os resultados do *Inquérito* realizado em 1986 revelam a importância que este tipo de ordenha ainda detém ([1]).

Nas 185 explorações onde se faz criação de gado leiteiro, 86.5% (160) utilizam sala de ordenha colectiva, enquanto que as restantes 25 (13.5%) possuem equipamento próprio. Todos os indivíduos com mais de 10 vacas têm ordenha própria, instalada na quase totalidade

---

1 — De uma forma resumida uma ordenha colectiva funciona do seguinte modo: tem um raio de acção médio de 500 metros, está instalada num edifício alugado pela Cooperativa que é responsável pela instalação, manutenção e serviços prestados aos utentes. Frequentemente o funcionário que aí trabalha é o proprietário do edifício. Ao contrário de muitas ordenhas particulares, todas as ordenhas colectivas estão equipadas com sistema de refrigeração. Funcionam duas vezes por dia: uma de manhã e outra ao fim da tarde.

dos casos sob a orientação de técnicos das cooperativas. Embora com expressão mais reduzida, registe-se também a existência de ordenhas em explorações de menores dimensões.

### 6.2.3 — A Difusão Espacial do Equipamento de Ordenha

As Figs. 109 e 110 ([1]) elaboradas a partir de informações recolhidas directamente nas Cooperativas, permitem tirar algumas conclusões, quer em relação à evolução do equipamento de ordenha, quer relativamente à sua distribuição espacial. Assim, é evidente a maior importância das salas de ordenha colectiva nas áreas sociais abrangidas pelas Cooperativas de Cantanhede, Tocha e Mira. Pelo contrário, em Bebedouro e Ferreira-a-Nova o número de ordenhas particulares é superior.

A evolução registada na área social da Cooperativa da Figueira da Foz mostra as duas situações, isto é, até 1982 as ordenhas colectivas estavam em maior número, subvalorizando-se nos dois anos seguintes e em 1986 . Além disso, parece também delinear-se a partir de 1978, primeiro ano de que se dispõe informação, alguma saturação relativamente ao equipamento colectivo, já que o acréscimo não é muito expressivo, ao contrário do que se observa no equipamento privado. Neste, o crescimento entre 1978 e 1986 cifrou-se, no conjunto das 6 cooperativas, em 332.7%, enquanto nas salas colectivas foi de 28.9% (Quadro 137).

Estas taxas de crescimento têm de ser encaradas com alguma prudência, pois no caso das ordenhas colectivas compreende-se que o ritmo seja menor, já que abrangem os produtores num raio de 500 m. . De qualquer modo, a diferença entre a evolução das ordenhas colectivas e das particulares é de tal modo expressiva que sugere um interesse cada vez maior pela instalação dos equipamentos privados.

O facto de num pequeno território, como é a *Gândara* , se registar uma difusão tão diferenciada em relação àquela maquinaria implica que se procurem explicações.

Pensamos que as razões principais, para além das estratégias relacionadas com as orientações políticas seguidas pelas várias cooperativas, residem em primeiro lugar na circunstância de o equipamento colectivo ter sido o primeiro a instalar-se, a ponto de resolver de forma favorável o problema de alguns produtores, mas ter atingido também níveis de

---

[1] — Para alguns anos não dispomos de informação. Na elaboração das Figuras 109 e 110, optámos por manter os valores relativos à data que antecede a falta de elementos. Qualquer erro que se verifique será por defeito, pois a tendência será para um acréscimo do número de ordenhas.

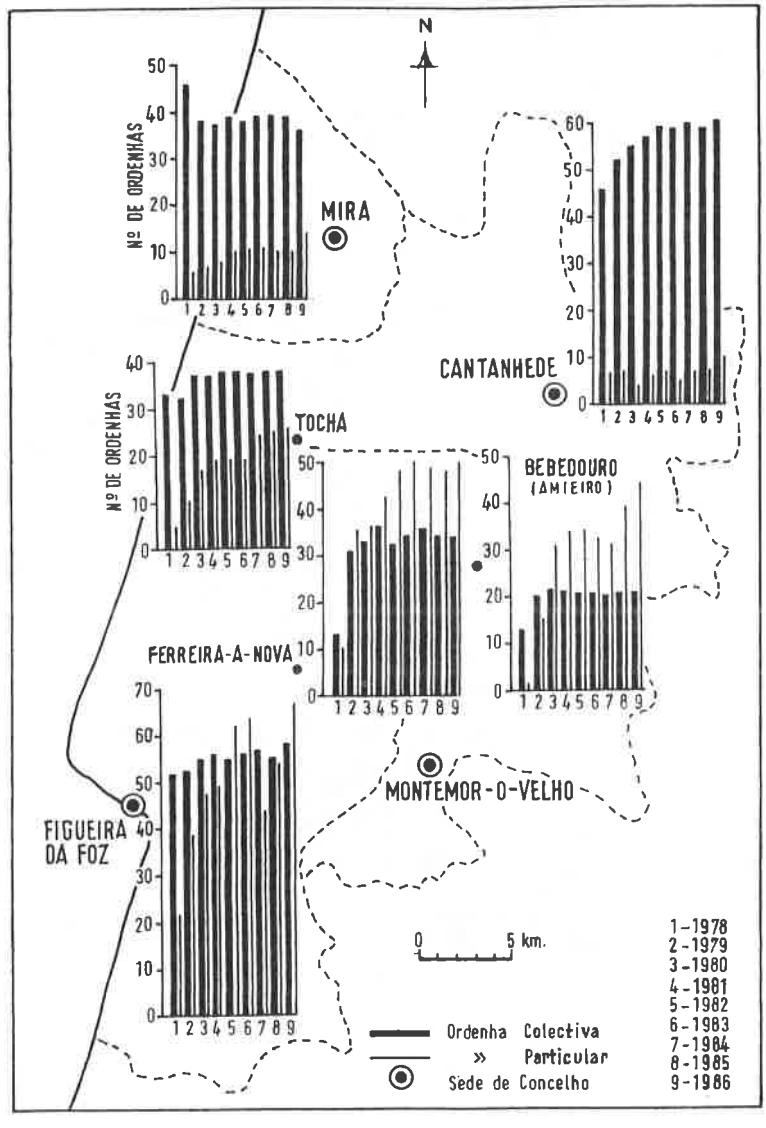



FIG. 109 - Evolução do número de ordenhas colectivas e ordenhas particulares na Gândara (1978 - 1986)

FONTE: F. DELGADO CRAVIDÃO (1987)

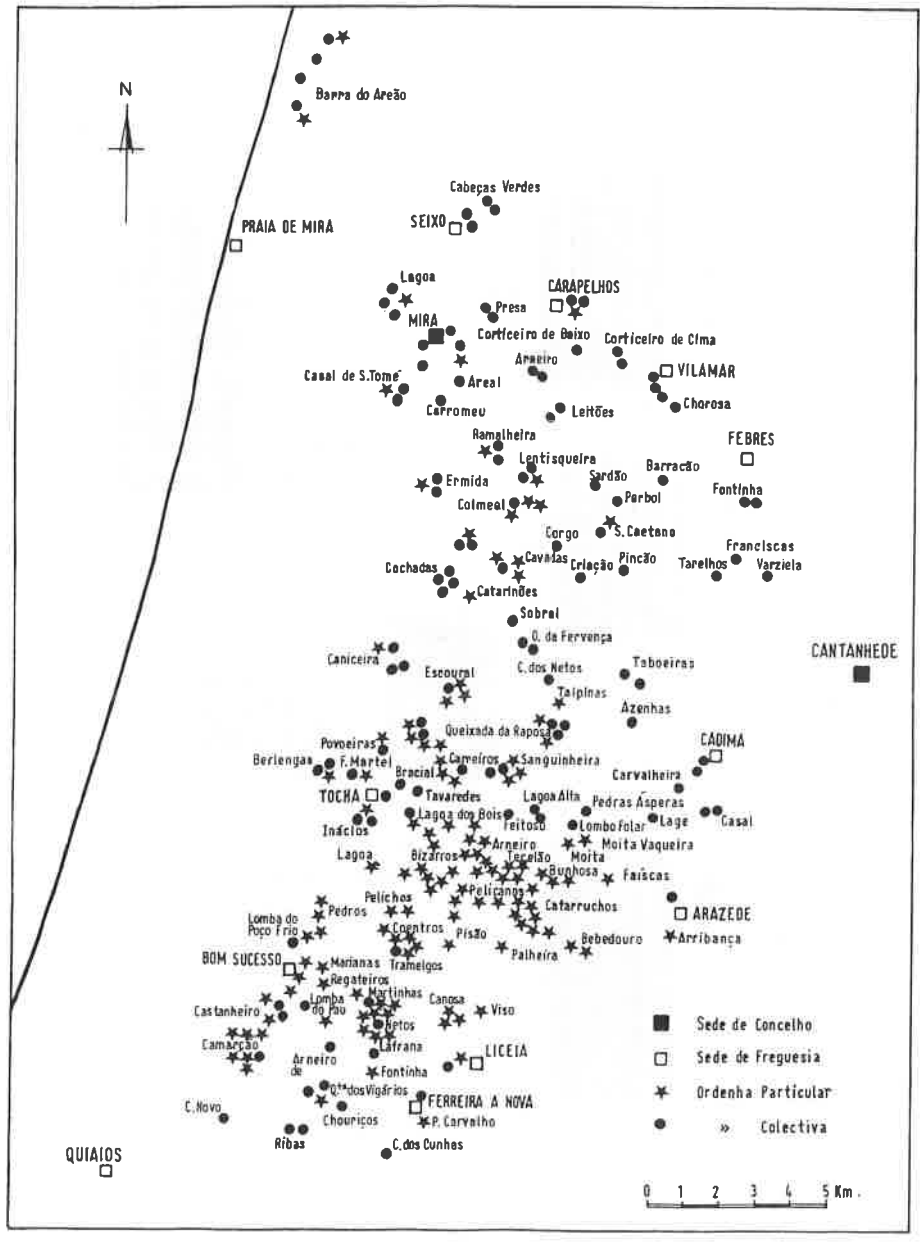



FIG. 110 – Localização das ordenhas colectivas e das ordenhas particulares, na Gândara, (1986).

FONTE: F. DELGADO CRAVIDÃO (1987).

QUADRO Nº 137 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ORDENHAS COLECTIVAS E ORDENHAS PARTICULARES- - 1978-1986*

| Cooperat. | 1978 | | 1979 | | 1980 | | 1981 | | 1982 | | 1983 | | 1984 | | 1985 | | 1986 | | Variação entre 1978/1986** | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Ord. colect. | Ord. part. | Ord. colect. | Ord. part. | Ord. colect. | Ord. part. | Ord. colect. | Ord. part. | Ord. colect. | Ord. part. | Ord. colect. | Ord. part. | Ord. colect. | Ord. part. | Ord. colect. | Ord. part. | Ord. colect. | Ord. part. | Ord. colectiva | | Ordenha particular | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | Absolut. | % | Absolut. | % |
| Bebedouro | 14 | 10 | 32 | 36 | 34 | 39 | 36 | 43 | - | - | 35 | 50 | - | - | - | - | 35 | 50 | + 21 | + 150.0 | + 40 | + 400.0 |
| Cantanhede | 45 | 5 | 51 | 6 | 54 | 3 | 57 | 6 | - | - | - | - | - | - | - | - | 61 | 10 | + 16 | + 35.6 | + 5 | + 100.0 |
| Fer.-a-Nova | 13 | 1 | 19 | 16 | 21 | 31 | 21 | 34 | 21 | 34 | - | - | - | - | - | - | 21 | 43 | + 8 | + 61.5 | + 42 | +4200.0 |
| Fig.da Foz | 51 | 23 | 52 | 39 | 55 | 47 | 56 | 50 | 56 | 62 | 56 | 63 | 56 | 44 | 56 | | 58 | 68 | + 7 | + 13.7 | + 45 | + 195.6 |
| Mirense | 37 | 5 | 39 | 7 | 39 | 6 | 39 | 10 | 39 | 10 | 40 | 11 | 40 | 9 | 39 | 12 | 37 | 15 | + 0 | 0.0 | + 10 | + 200.0 |
| Tocha | 34 | 5 | 34 | 12 | 37 | 18 | 38 | 20 | - | - | - | - | 38 | 25 | 38 | 26 | 38 | 26 | + 4 | + 11.7 | + 21 | + 420.0 |
| Total | 194 | 49 | 227 | 116 | 237 | 144 | 247 | 163 | - | - | - | - | - | - | - | - | 250 | 212 | + 56 | + 28.9 | +163 | + 332.7 |

* - Não dispomos de informações para algumas cooperativas entre 1982 e 1985.

Fonte: *Relatórios da Lacticoop*, anos de 1977 a 1981. As restantes informações foram recolhidas directamente nas Cooperativas.

saturação mais cedo; só num momento posterior, consentâneo com o progressivo desenvolvimento do sector leiteiro, se investe no equipamento privado. Em segundo lugar, decorrente do anterior, o acréscimo observado no número de animais por exploração justifica que se faça a aquisição de ordenha mecânica. Além disso, a epidemia de peripneumonia desenvolvida durante o início da década de oitenta, concorre também para o aumento daquele investimento, já que o perigo de contágio diminui de modo significativo em relação às ordenhas colectivas.

Por outro lado, há também a notar que a diferente estrutura de povoamento observada na *Gândara* concorre, para a diferente difusão das ordenhas. No sector Norte, onde os lugares têm maior dimensão e as habitações se localizam duma forma contígua e na maioria das vezes ao longo de precárias vias de comunicação, nem sempre é fácil o acesso por parte dos veículos de recolha. Compreende-se assim, que se torna economicamente mais viável instalar uma sala colectiva de ordenha numa área de grande concentração de produtores, já que a minimização do tempo de recolha, por parte das Cooperativas, é um importante factor a considerar. Pelo contrário, nas áreas onde as explorações se encontram dispersas pela paisagem, as ordenhas particulares têm vindo a sofrer um acentuado acréscimo, pois a deslocação a uma sala de ordenha colectiva implica um considerável aumento no tempo de percurso. Deve, no entanto, chamar-se a atenção para o facto de a maior parte da produção de leite continuar a provir das ordenhas colectivas, como se observa no Quadro 138.

QUADRO Nº. - 138 - QUANTIDADE DE LEITE PAGOS À PRODUÇÃO POR LOCAIS DE RECOLHA 1985, (LITROS).

| Cooperativa | Ordenha colectiva | Ordenha particular |
|---|---|---|
| Bebedouro | 6 579 255.8 | 2 064 965.4 |
| Cantanhede | 11 988 859.7 | 609 969.4 |
| Ferreira-Nova | 3 964 671.2 | 291 710.0 |
| Fig. -da-Foz | 7 667 536.6 | 520 583.0 |
| Mirense | 8 368 744.1 | 518 665.5 |
| Tocha | 9 645 750.0 | 1 043 847.6 |
| Total | 48 214 817.4 | 5 049 740.9 |

Fonte: *Relatório da Lacticoopp, 1985.*

A recente aquisição do equipamento de ordenha está bem patente nos resultados que obtivemos. É a partir de 1980 que se opera o maior número de instalações, já que 92% dos produtores o comprou entre 1980 e 1986 (Quadro 139 e Fig. 111), enquanto apenas

dois indivíduos (8.0%) o fazem, respectivamente, em 1977 e 1979. Quanto às razões que os levaram a adquirir, relacionam-se quase na totalidade com dois factos: a peripneumonia e o aumento do efectivo leiteiro que provoca dificuldades de deslocação à sala colectiva.

QUADRO Nº. 139 - ANOS DE AQUISIÇÃO DA ORDENHA MECÂNICA

| Anos | 1977 | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1985 | 1986 | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Nº de Prod. | 1 | - | 1 | 5 | 4 | 2 | 4 | 2 | 2 | 4 | 25 |
| % | 4.0 | - | 4.0 | 20.0 | 16.0 | 8.0 | 16.0 | 8.0 | 8.0 | 16.0 | 100.0 |

Fonte: *Inquérito*

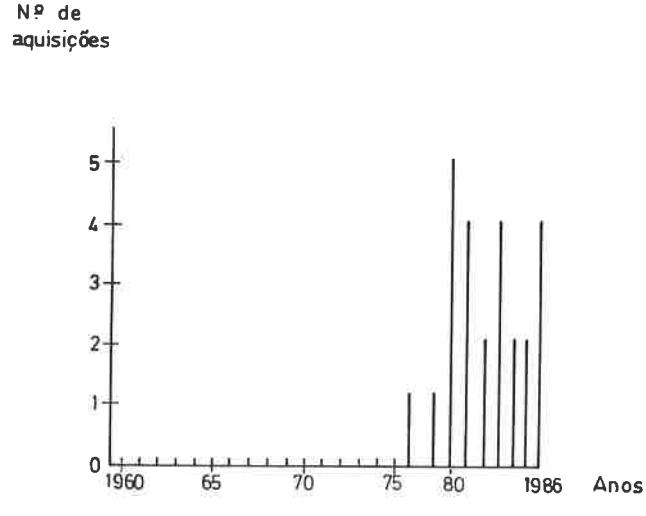



FIG. 111 - Anos de aquisição da ordenha mecânica na Gândara

FONTE: INQUÉRITO

Será interessante referir que, ao contrário do verificado com a rega por aspersão, por exemplo, a participação de ex-emigrantes no quantitativo de indivíduos que possuem ordenha mecânica não é tão significativa. Enquanto, no equipamento de rega, 93 inquiridos tinham trabalhado no estrangeiro, relativamente à ordenha apenas 9 são emigrantes retornados. Pensamos que este facto se relaciona com a circunstância de o sector leiteiro ter alguma tradição na área e à sua custa terem melhorado progressivamente algumas explorações, motivando também uma melhoria no equipamento agro-pecuário.

No que concerne à distribuição espacial das salas de ordenha colectivas e particulares, verificámos que se mantém o padrão já referido, isto é, no sector Norte o número de ordenhas privadas é bastante menor que na área Sul, onde a sua dispersão é também muito maior. Daí algum constraste com a relativa concentração verificada na área de Mira. Das 25 explorações que possuem ordenha, 23 situam-se nos sectores do território inseridos nas freguesias de Arazede (6), Ferreira-a-Nova (5), Tocha (5), Cadima (3), Quaios (3) e Liceia (1). Apenas se registaram 2 em Mira e nenhuma em Febres e Covões. Anote-se que, nestas duas freguesias, se verifica o menor número médio de cabeças de gado por exploração, o que deverá justificar o menor interesse por aquele tipo de investimento.

Há também a registar que o equipamento de ordenha das salas colectivas é de um modo geral qualitativamente superior ao das ordenhas particulares.

O leite, produto facilmente deteriorável, obriga à existência de uma rede de frio, ao longo de todo o seu circuíto de comercialização, que permita a manutenção da sua qualidade. Ora, enquanto em todas as salas colectivas a refrigeração está presente o mesmo não sucede nas ordenhas privadas. Nestas (25), apenas registámos a instalação de tanques de refrigeração em 6, significando assim que, na maior parte das ordenhas privadas, é necessário proceder-se à recolha do leite duas vezes por dia: uma de manhã e outra à tarde. Este facto assume grande importância em relação aos custos de produção: como se compreende, onera todo o sistema de recolha. A existência de um equipamento de frio, o mais utilizado é o tanque de refrigeração de expansão directa, permite que o leite se mantenha em boas condições durante dois dias, o que como é evidente diminui de forma apreciável os custos de produção. "O leite que após a ordenha se encontra a uma temperatura de cerca de 33° C, deve baixar para 4° C. no espaço de duas horas, para que assim se possa eficazmente impedir ou atrazar o desenvolvimento de microorganismos normalmente contidos no leite, que o podem alterar," (A.M.e SILVA, 1987, pag. 75). Daqui decorre que o produtor tem de estar sempre dependente do horário de recolha, o que não é de modo algum um incentivo ao investimento neste sector.

Parece-nos importante, até pelo acréscimo que as ordenhas particulares vêm apresentando, que se incentive e facilite a aquisição de equipamento de ordenha

paralelamente à compra de sistemas de refrigeração. É óbvio que este sistema não tem viabilidade em explorações com uma ou duas vacas. Por isso, qualquer mudança no sector, quer na *Gândara* , quer noutras bacias leiteiras, terá de passar, em primeiro lugar, pela modificação da estrutura do efectivo leiteiro. Embora de uma forma paulatina, essa mudança tem de ser feita, senão poder-se-à caminhar para uma situação particularmente difícil, em relação à economia de centenas de pequenas explorações agrícolas que dependem, em grande medida, do sector leiteiro e para o qual as alternativas são muito limitadas.

## 6.3 — O Sector Leiteiro na *Gândara* e a Integração na Comunidade Económica Europeia

### 6.3.1 — Uma Integração por Etapas

Os desiquilíbrios observados entre alguns sectores produtivos portugueses e a CEE obrigam a que em algumas áreas a integração se processe de uma forma gradual, permitindo assim uma progressiva adaptação aos modelos europeus.

Portugal é, como se sabe, deficitário em grande parte da sua produção agro-pecuária. Ora, a recente integração no mercado europeu confronta-nos com uma Europa que ultrapassou há muito essa insuficiência, debatendo-se actualmente com grandes excedentes de produção, nomeadamente em leite e derivados, carne bovina, trigo mole, cevada, centeio e azeite.

O futuro do sector leiteiro em Portugal, para além de ser uma das áreas que encerra maiores incógnitas, é também aquela onde a médio prazo o mercado europeu poderá vir a interferir de modo mais incisivo.

A Europa, a caminhar progressivamente para uma população cada vez mais envelhecida, consumirá menos leite, dificultando ainda mais o seu escoamento. Tratando-se de um produto de melhor qualidade e de preço mais reduzido que o produzido no país, o futuro próximo obriga a que tenham de ser tomadas medidas internamente, para possibilitarem o confronto com aquele mercado.

É no sentido da adaptação progressiva que a Comunidade instituiu, para o leite e outros produtos, uma integração por etapas. Isto é, ao longo de dez anos, Portugal terá de promover alteração no sector leiteiro, permitindo que em meados da próxima década se esteja ao mesmo nível dos padrões europeus.

Essa integração faz-se em dois períodos: o primeiro até 1991, o segundo até 1996. Esta solução poderá vir a resolver, em certa medida, muitos dos problemas que se colocariam, caso a integração não fosse gradual. De qualquer modo julgamos oportuno registar o

seguinte: no período que decorre até 1996, têm de se processar, de facto, as mudanças previstas; caso contrário, será apenas adiar por dez anos um confronto que, em meados da próxima década, poderá vir a ser muito mais agressivo.

O modelo de transição permite que nos primeiros 5 anos não se apliquem as normas comunitárias referentes ao Regulamento da CEE nº. 804/68 ([1]). Há todavia que definir e aplicar uma política agrícola consentânea com as linhas fundamentais que regem a política agrícola comum.

No sector leiteiro, para Portugal poder atingir os objectivos do artigo 309º do Tratado de Adesão, deverá ser extinta a "Junta Nacional dos Produtos Pecuários e, em sua substituição, ser criado um orgão dependente do Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícola (FEOGA); deverá também proceder-se à liberalização progressiva do comércio do leite e derivados; alteração do regime de preços, tendo em conta a harmonização com os preços praticados nos Açores; abolição de subsídios e inserção nas ajudas comunitárias (FEOGA). Deverá ser também ser suspensa a exclusividade de zonas de recolha." (T. RICOU, 1986, pags. 38-43).

Estas medidas obrigam a uma disciplina do mercado interno, com vista sobretudo a que os preços praticados em Portugal tendam progressivamente a igualar os da comunidade (Quadro 140). Decorre do exposto que os preços do leite, no país, terão de estar "congelados" pelos da campanha de 1985/86, sendo apenas possível um crescimento anual dependente da taxa de desvalorização do escudo em relação ao ECU. No Quadro 141, apresenta-se uma simulação de preços, segundo o modelo apresentado por CASIMIRO de ALMEIDA (1986).

QUADRO Nº 140 — PREÇOS DO LEITE, POR KG., COM 3.7% DE GORDURA E À PORTA DA FÁBRICA (CAMPANHA DE 84/85).

| | | |
|---|---|---|
| CEE | 35$11 | |
| Continente | 47$38 | + 34,9% |
| Açores | 32$58 | - 7,2% |

Adaptado de: Casimiro de Almeida, *Vida Rural*. nº 225, 2ª quinz., Fev. 1986.

Ao longo da segunda etapa todas as intervenções deverão ser suportadas pelos organismos inseridos no FEOGA.

Pensamos que este modo de integração poderá vir a ter algumas consequências graves. O facto de se continuar durante alguns anos uma situação relativamente próxima da

1 — O Regulamento nº 804/68 foi recentemente modificado pelo Reg. nº 1600 / 83.

actual pode "levar a que os agentes económicos não mudem a sua atitude perante a realidade do sector, isto é, se mantenham relativamente passivos, por verificarem que existem mecanismos protectores que lhes vão dar uma certa segurança num horizonte razoável de tempo". No entanto, "esse horizonte de relativa segurança destina-se a permitir a mudança e não a manter a situação" ( E.L.CABRAL da FONSECA, 1986, pags. 34-37).

QUADRO Nº 141 - PREÇOS EM ECU'S À PORTA DA FÁBRICA, DO LEITE COM 3.7% DE GORDURA, PARTINDO DA HIPÓTESE QUE O PREÇO DA COMUNIDADE REGISTARÁ, ANUALMENTE, UM AUMENTO DE 1.5%. SIMULAÇÃO

| Antes da Adesão | Depois da Adesão | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1º ano | 2º ano | 3º ano | 4º ano | 5º ano | 6º ano | 7º ano | 8º ano | 9º ano | 10º ano |
| CEE 0.2743 | 0.2784 | 0.2825 | 0.2866 | 0.2910 | 0.2954 | 0.2998 | 0.3042 | 0.3089 | 0.3135 | 0.3182 |
| Portugal 0.3790 (Continente) | 0.3790 | 0.3790 | 0.3790 | 0.3790 | 0.3790 | 0.3685 | 0.3577 | 0.3465 | 0.3550 | 0.3182 |

Fonte: CASIMIRO DE ALMEIDA, *Vida Rural*, nº 225, 2ª quinz. Fev., 1986.

No caso da *Gândara*, a situação é particularmente grave. Como se viu, as explorações, cujo número de efectivos possui uma dimensão razoável, são propriedade de indivíduos, cuja idade oscila entre os 40 e os 50 anos. Ora, muitos destes atingem, até ao final do período de transição, uma estrutura etária que não permitirá grandes mudanças. As referidas mudanças terão, por isso, de ser levadas a cabo a curto prazo, pois de outro modo muitas explorações desaparecerão.

### 6.3.2 — A Estrutura do Efectivo Leiteiro Europeu

O Quadro 142 dá uma ideia das disparidades verificadas entre a estrutura do efectivo leiteiro Europeu, de Portugal, da Beira Litoral e da *Gândara*.

A acrescentar a esta situação ocorre outra, cuja importância não é menor: a dimensão das explorações. Segundo os elementos publicados pela EUROSTAT (1985), a dimensão média das explorações na comunidade, no ano de 1981, era de 15.7 ha, com o valor mais baixo na Grécia.(4.3 ha), e o mais elevado na Grã-Bretanha, (68.7 ha). Em Portugal Continental, segundo o *Recenseamento Agrícola do Continente* (1979) de 6.1 ha;. na Beira Litoral de 2.6 ha; na *Gândara*, como vimos, os valores que apurámos no *Inquérito* permitiram-nos concluir que a dimensão média é de 0.99 ha. Ora, a dimensão da exploração assume ainda maior importância, devido à circunstância de ser através da intensificação das

forragens e pastos que se conseguirá uma diminuição dos custos de produção. O desenvolvimento de espécies tradicionais, principalmente o milho forrageiro, e a introdução de novas espécies, que permitam minimizar a dependência dos concentrados, terão pouco sucesso em explorações muito reduzidas. De resto, a elevada utilização de rações na *Gândara* está bem expressa nas respostas que obtivemos. Nas 185 explorações, onde se faz criação de gado leiteiro, 118 produtores (63.7%) afirmaram que 50% ou mais da alimentação do gado era é constituída por rações. Refira-se, a este propósito, segundo um estudo de DÉCIA F. CARREIRA (1980), que o peso da alimentação no custo de um litro de leite é de 53%, enquanto a importância dos salários é de 15%.

QUADRO Nº 142 - ESTRUTURA DO EFECTIVO LEITEIRO EUROPEU, EM PORTUGAL, NA BEIRA LITORAL E NA GÂNDARA.

| Áreas Geográficas | Nº médio de vacas leiteiras p/ exploração | |
|---|---|---|
| | 1981 | 1973 |
| RFA | 13 | 9 |
| França | 15 | 11 |
| Itália | 6 | 5 |
| Holanda | 36 | 23 |
| Bélgica | 18 | 12 |
| Luxemburgo | 24 | 14 |
| Reino Unido | 56 | 38 |
| Irlanda | 14[1] | 10 |
| Dinamarca | 26 | 15 |
| Grécia | 3 | - |
| CEE | 14 | 11[2] |
| Portugal | 2.7[3] | - |
| Beira Litoral | 2.5[3] | - |
| Gândara[4] | 3.7 | 2.4 |

1 - Ano de 1976
2 - Média da CEE com nove países
3 - Refere-se a 1986
4 - Os valores referem-se a 1986 e 1976
Fonte: Adaptado de CASIMIRO de Almeida, 1986, pág. 27
- *Acção comum - Portugal CEE. Programa leiteiro, Beira Litoral*, I.F.A.D.A.P., 1986.
- *Inquérito*.

## 6.4 — Que Perspectivas?

Perante um cenário que se afasta de modo notável do observado na Europa, a questão fundamental parece-nos ser: que solução ?

Embora não hajam nem soluções definitivas nem soluções exclusivas, pois cada bacia leiteira terá os seus condicionalismos próprios, pensamos, no entanto que a viabilização do sector leiteiro em Portugal deverá passar por duas vias inseridas em escalas diferentes. Uma dependente de medidas institucionais e outra do desenvolvimento harmónico de cada região, contemplando por isso as suas características ecológicas.

Uma das áreas em que a competitividade europeia terá maior agressividade será na qualidade. Ora, Portugal tem de aumentar a qualidade do leite que produz e esta não é possivel sem o aumento da quantidade, embora repita-se este aumento tenha de ser acompanhado por um acréscimo qualitativo.

Poderá parecer que existe alguma contradição, no facto de, sendo a comunidade excedentária, ter Portugal de aumentar a produção. Não há de facto qualquer contradição. Basta comparar os Quadros 143 e 144, para se concluir que Portugal tem o menor consumo de leite e derivados de toda a Comunidade. Portanto, um aumento de produção, com um paralelo aumento de qualidade, será possível no país. Para que isso se verifique, é necessário que as instituições responsáveis promovam, junto da população portuguesa, o aumento do consumo do leite e derivados. Este facto permitiria, ao longo do período de transição, melhorar consideravelmente a estrutura do efectivo leiteiro, a qualidade, além de nos tornarmos auto-suficientes em leite.

Uma das vias, para se poder aumentar a produção/qualidade, será o recurso cada vez maior a forragens e pastagens. De resto, o desenvolvimento deste tipo de alimentação fará cair o preço dos concentrados, já que a procura se tornará cada vez menor.

A melhoria progressiva dos processos tecnológicos, com vista sobretudo à qualidade e a uma maior diversificação de derivados do leite, é também um caminho a utilizar. Além disso, deve-se tender para minimizar os desiquílibrios que sazonalmente se observam na produção de leite: máximos em geral em Abril e Maio, a ponto de se registar com frequência nesse período excedentes de produção e quebras em que períodos subsequentes que por vezes, torna o abastecimento do mercado insuficiente.

No caso da *Gândara* pensamos estar em presença de duas situações distintas. Por um lado, é uma área onde o sector leiteiro, ainda que com evidente acréscimo, apresenta alguma precaridade: encabeçamento, dimensão das explorações, estrutura etária dos agricultores, desconhecimento quase total dos mecanismos comunitários que possibilitam ajudas ao sector, etc. Por outro lado, pensamos tratar-se de um território onde pode ser incentivada a

produção/qualidade, pois aufere de condições ecológicas que lhe permite orientar-se pela única via que talvez traga resultados positivos: forragens e pastos.

QUADRO Nº 143 - CONSUMO "PER CAPITA" DE LEITE E DERIVADOS NA COMUNIDADE

| Países da Comunidade | 1980 | | | | 1981 | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Leite | Manteiga | Queijo | Iogurte | Leite | Manteiga | Queijo | Iogurte |
| Alemanha | 70.4 | 7.1 | 13.7 | 6.7 | 70.9 | 7.1 | 14.1 | 6.9 |
| França | 76.8 | 9.5 | 18.4 | 9.4 | 77.6 | 9.3 | 19.0 | 10.3 |
| Itália | 93.8 | 2.1 | 14.2 | (ne) | 94 | 2.2 | 14.3 | (ne) |
| Países Baixos | 94.0 | 3.6 | 13.1 | 17.8 | 92.6 | 3.5 | 13.5 | 16.9 |
| Bélgica | 75.0 | 7.0 | 13.4 | 4.9 | 75.8 | 8.6 | 13.6 | 5.1 |
| Luxemburgo | 82.6 | 6.8 | 9.6 | 5.1 | 81.4 | 8.2 | 10.2 | 5.2 |
| Reino Unido | 132.9 | 6.1 | 6.0 | 2.8 | 128.6 | 5.4 | 6.7 | (ne) |
| Irlanda | 196.9 | 11.8 | 3.3 | 2.0 | 191.2 | 12.9 | 3.6 | 2.5 |
| Dinamarca | 132.0 | 8.4 | 9.6 | 9.1 | 133.9 | 7.8 | 10.9 | 8.8 |
| Grécia | 66.4 | 1.0 | 17.6 | (ne) | 58.8 | (ne) | 20.0 | (ne) |

Não inclui leite magro
(ne) Não existem elementos.
Fonte CEE

Fonte: CASIMIRO ALMEIDA - 1986 - "Sector do leite e lacticínios na Comunidade e no País"; *Vida Rural*, nº 224, Fevereiro.

QUADRO Nº 144 - CONSUMO POR CAPITA, DE LEITE E DERIVADOS, EM ESPANHA E PORTUGAL, 1984.

| Países | Leite | Manteiga | Queijo | Iogurte |
|---|---|---|---|---|
| Portugal | 60 l/ano | 300 gr. | 3.5 | 2.7 |
| Espanha | 93 Kg. | 600 gr. | 3.8 | 6.1 |

Citado por: CASIMIRO ALMEIDA, "Sector do Leite e lacticínios na Comunidade e no País"; *Vida Rural*, nº 224, Fev. 1986.

Uma das espécies mais incentivadas é o milho forragem. Ora o milho é uma cultura tradicional na área. Além disso as condições de clima, a abundância de água, a topografia pouco acidentada, são factores que, conjugados, podem permitir o desenvolvimento, quer das culturas forrageiras, quer dos pastos.

Estamos numa região (Beira Litoral) que, como afirma F.M.RAMOS (1985, pag. 83), "a agro-pecuária não agride a ecologia regional, e o desenvolvimento harmónico desta zona passa obrigatóriamente pelo incremento da produção de forragens".

Além disso, a *Gândara* encontra-se abrangida pela área social de seis cooperativas que podem, como demonstra a história recente, ter um papel fundamental quer como veículo transmissor de inovações, quer com o apoio tecnológico que podem fornecer.

Estamos no entanto convictos que, ao longo deste período, alguns produtores ficarão pelo caminho. Uns naturalmente, recorde-se a estrutura etária, outros pelo facto de os diversos programas de ajuda não contemplarem de um modo geral a realidade gandaresa. Veja-se, por exemplo, as condições a que têm de obedecer as explorações leiteiras da Beira Litoral, para poderem auferir de um subsídio não reembolsável ou terem acesso ao crédito bonificado, constante do programa do IFADAP sobre *Programa de Viabilização das Empresas Leiteiras da Região Agrária da Beira Litoral*:

"— Os candidatos devem ser *agricultores a título principal*, isto é, devem-se dedicar predominantemente ou exclusivamente à agricultura.

— As explorações devem situar-se dentro da chamada Bacia Leiteira da Beira Litoral [...]

— A S.A.U. disponível para a produção forrageira já adquirida ou a adquirir, deve situar-se entre os 4 e os 30 ha.

— A idade limite para a aceitação de candidatos é de 55 anos.

— Os candidatos devem ter frequentado ou propor-se frequentar um curso de *empresários agrícolas*.

— Os agricultores que apresentem projectos de investimento no montante superior a 5.000 contos, terão de instalar um sistema de *contabilidade simplificado*.

— Os agricultores podem apresentar-se a título individual ou integrados em qualquer tipo de formas associativas ou sociedades."

A última questão colocada no *Inquérito* referia-se precisamente ao que o inquirido pensava da entrada de Portugal na CEE. Os resultados revelaram, em primeiro lugar, a falta de informações que, de um modo geral, se observa, pois 58.4% (225), em grande parte por desconhecimento não tem qualquer opinião; além disso, 23.2% (89) afirmaram não acreditar que a integração na Comunidade os venha a beneficiar directamente, enquanto 18.4% (71) espera vir a usufruir de alguns benefícios decorrentes da adesão à CEE.

Finalmente cabe chamar uma vez mais a atenção para o facto de o sector leiteiro ser particularmente sensível em relação ao mercado europeu, devendo por isso merecer, a curto prazo, a atenção das instituições responsáveis. A competição que progressivamente se irá instalando, quer em preços, quer em qualidade, associada ao facto de a Europa ser excedentária em produtos lácteos, poderá provocar, quer na área de estudo,quer em outras áreas do país, consequências irreparáveis num sector que contribui decisivamente para a melhoria progressiva da qualidade de vida de pequenos produtores de leite em Portugal.

## 7 — A CRIAÇÃO DE GADO SUÍNO

Embora com uma expressão muito mais reduzida que o gado leiteiro, a criação de suínos tem também algum peso no território da *Gândara.*

No total de explorações inquiridas, 79.1% (269), faz criação daquela espécie pecuária, embora sem ultrapassar na maioria dos casos o domínio do autoconsumo.

Da leitura do Quadro 145, conclui-se que 63.5% das explorações apenas possuem 1 ou 2 animais, enquanto 83.6% tem menos de 4. Com um número igual ou superior a dez efectivos o total de explorações é bastante reduzido 13 (4.9%).

QUADRO Nº 145 - ESTRUTURA DA CRIAÇÃO DE GADO SUINO NA GÂNDARA.

| Nº de animais | Total de explor. | % |
|---|---|---|
| 1 | 80 | 29.7 |
| 2 | 91 | 33.8 |
| 3-4 | 54 | 20.1 |
| 5-9 | 31 | 11.5 |
| 10-15 | 5 | 1.9 |
| 16-20 | 4 | 1.5 |
| +20 | 4 | 1.5 |
| Total | 269 | 100.0 |

Fonte: *Inquérito.*

Exceptuados estes últimos casos, onde se faz uma produção organizada, nas restantes explorações verifica-se, além de um menor número de efectivos, uma grande oscilação sazonal. A título de exemplo refira-se que, quando realizámos o *Inquérito* (último trimestre de 1986), os produtores de gado suíno debatiam-se com graves problemas devido ao facto de as feiras de gado se encontrarem encerradas, os comerciantes de gado controlavam completamente os preços, o que provocava uma quebra generalizada dos mesmos. Esta circunstância obrigava a que os produtores tivessem de o vender pelo preço oferecido, ou então arriscavam-se a não ter onde os colocar. Este é mais um exemplo que mostra a dependência de centenas de pequenos agricultores e produtores de gado, em relação às feiras que se realizam nesta área. Enquanto não forem definidos e instalados circuitos de comercialização alternativos, esta será uma situação que se repetirá frequentemente, prejudicando, como é evidente a economia local. Além disso, é mais um incentivo ao abandono da agro-pecuária, actividade que, em todo o território, tem boas condições para se desenvolver.

## CAPÍTULO V — AS ALTERAÇÕES SOCIAIS NA *GÂNDARA*

## — A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA —

### 1 — INTRODUÇÃO

Na última parte do *Inquérito*, pretendeu-se sobretudo caracterizar alguns indicadores, pelos quais pudessem ser aferidas, além da situação actual da população gandaresa, também algumas das modificações operadas na economia do território.

A habitação, e algum do seu equipamento, foi um dos sectores que analisámos, já que será nesse domínio que se reflecte duma forma mais imediata a melhoria na qualidade de vida.

Colocaram-se também algumas questões relativamente ao local de aquisição de alguns bens de consumo. Sabendo-se que se trata de uma área, onde as feiras e os mercados têm desempenhado uma função fundamental, pretendeu-se saber em que medida essa função se mantém ou, pelo contrário, tende a diluir-se, ou a acentuar-se.

### 2 — A HABITAÇÃO

Com uma tipologia distinta da *casa gandaresa*, a habitação reflecte hoje, além dos modelos importados do estrangeiro, uma arquitectura mais ou menos generalizada no país, não existindo por isso um padrão que a possa definir. E se nalguns casos se verifica uma certa agressão relativamente ao meio, ela marca, de uma forma notável, não só um dos mais importantes ciclos dos fluxos migratórios portugueses, como uma melhoria económica da população.

Os resultados revelam que, de facto, a partir de meados da década de setenta se operaram algumas modificações na estrutura económica, reflectidas num progressivo do nível da qualidade de vida.

Nos 385 inquiridos, 88.8% (342) possui casa própria, o que reflecte melhores condições económicas. Registe-se também que nos 119 ex-emigrantes, apenas 8 não possuem habitação própria. Nos restantes (231), isto é, naqueles que tendo casa não trabalharam no estrangeiro, grande parte afirma tê-la adquirido ou melhorado " com o dinheiro do leite". " O leite foi a França dos que ficaram". Estas e outras frases idênticas foram-nos referidas por dezenas de pessoas, revelando, por um lado, a importância que este sector adquiriu e, por outro, a dependencia que se desenvolveu em torno dele.

O arrendamento tem pouca expressão (11.1%). É, no entanto, interessante verificar a sua difusão espacial, pois coincide com o sector do território onde é mais elevada a frequência de *terras de renda* :concelho de Mira.

A construção de raiz é o processo dominante, para obter casa própria: 53.5%. Além disso, a nova construção "foge" ao centro da aldeia; as novas habitações, além de contribuírem para a difusão do povoamento, situam-se quase sempre junto às principais vias de comunicação, aproveitando, não raras vezes, terrenos de familiares ( pais ou sogros). Nos casos em que se verifica reconstrução (9.6%), a sua aquisição processou-se quase sempre por herança. Também a compra tem um significado reduzido, pois apenas 9.9% dos indivíduos com casa própria a adquiriu por essa forma.

Quanto ao equipamento das habitações em água e electricidade, a situação é relativamente diferente. O número de residências com água canalizada é de 271 (70.4%); no entanto 45.7% destas (124) não está ligada à rede pública. Isto é, no total da amostra apenas 38.2% (147) usufrui de água ao domicílio. De resto, deve registar-se que o facto de ser referida a existência de água canalizada nem sempre significa que toda a habitação esteja equipada. Frequentemente apenas se refere à cozinha. O fornecimento é em geral feito através de um poço aberto junto à casa.

Da quase inexistência de água ao domicílio, da falta quase total de saneamento e do recurso a poços, decorrem algumas situações para as quais devemos chamar a atenção.

Num território onde se faz intensa criação de gado bovino em regime estabular, onde os solos são arenosos e portanto permeáveis, as infiltrações de águas tem gerado algumas situações de perigo para a saúde pública. O perigo pode agravar-se, se não houver uma rápida intervenção das instituições responsáveis, no sentido de fazerem a instalação de saneamento básico e melhoria no abastecimento de água à população.

A cobertura em relação à energia eléctrica é praticamente total. Apenas em 12 (3.1%) dos agregados familiares está ausente, sendo simultâneamente aqueles onde não existem quaisquer electrodomésticos.

## 2.1 — O Equipamento em Electrodomésticos

A televisão a preto e branco está generalizada, pois 81.5% (314) dos inquiridos afirmam terem-na adquirido. Destes, 32 possuem T.V. a cores. Como se observa pelo Quadro 146 e Fig. 112, a aquisição daquele meio de comunicação opera-se a partir de 1970. Na década de sessenta apenas 17 (5.4%) indivíduos a compram. No entanto, o maior volume de aquisições faz-se entre 1976 e 1981, já que corresponde a 62.1% do total de televisores. Em termos anuais, 1976 e 1980 registam os maiores quantitativos, respectivamente 44 e 64 aparelhos. Estes valores levam-nos a concluir que a sua difusão é bastante recente, já que se iniciou apenas há uma década.

QUADRO Nº. 146 - ANOS DE AQUISIÇÃO DE TELEVISÃO

| Anos | 1960 | 1961 | 1962 | 1963 | 1964 | 1965 | 1966 | 1967 | 1968 | 1969 | 1970 | 1971 | 1972 | 1973 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Nº de Aquis. | 2 | 2 | 2 | - | - | - | 6 | - | 5 | - | 26 | 5 | 5 | 5 |
| % | 0.6 | 0.6 | 0.0 | - | - | - | 1.9 | - | 1.6 | - | 8.3 | 1.6 | 1.6 | 1.6 |

| | 1974 | 1975 | 1976 | 1977 | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1985 | 1986 | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 10 | 15 | 44 | 9 | 23 | 34 | 64 | 21 | 11 | 4 | 11 | 8 | 2 | 314 |
| | 3.2 | 4.8 | 14.0 | 2.9 | 7.3 | 10.8 | 20.4 | 6.8 | 3.5 | 1.3 | 3.5 | 2.5 | 0.6 | 100.0 |

Fonte: *Inquérito*

Também o frigorífico apresenta um elevado nível de aquisições: 74.5%. É interessante observar a coincidência entre a aquisição daquele electrodoméstico e a televisão (cfr. Figs.112 e 113). Também nestes bens, e à semelhança de outros equipamentos, por exemplo agrícolas, a década de sessenta tem pouco significado. Apenas 4.2% (12) do total compra frigorífico entre 1966 e 1969. É na década seguinte que o nível de compras é maior, pois 60.1% adquirem-no durante este período. Entre 1976 e 1982 o número de unidades é de 208 (cfr. Quadro 147), a que corresponde 72.7% do total. Tal como sucedeu com a televisão, também os anos de 1976 e 1980 correspondem ao maior número de compras, respectivamente 44 e 46.

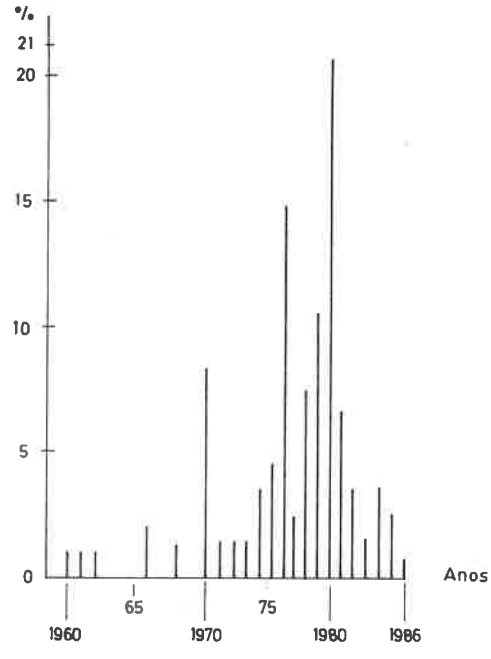



FIG. 112 - Anos de aquisição de Televisão na Gândara

FONTE: INQUÉRITO

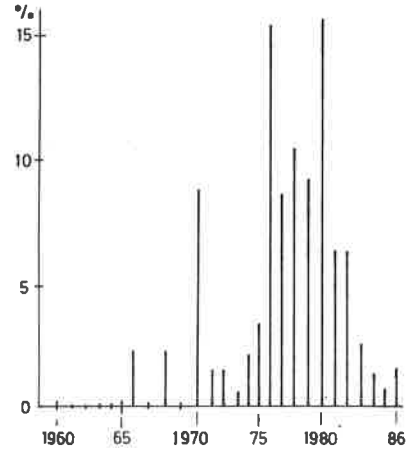



FIG. 113 - Anos de aquisicão de Frigorífico

FONTE: INQUÉRITO

QUADRO Nº 147 - ANOS DE AQUISIÇÃO DO FRIGORÍFICO

| Anos | 1966 | 1967 | 1968 | 1969 | 1970 | 1971 | 1972 | 1973 | 1974 | 1975 | 1976 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Nº de Aquis. | 6 | - | 6 | - | 25 | 4 | 4 | 2 | 3 | 10 | 44 |
| % | 2.1 | - | 2.1 | - | 8.7 | 1.4 | 1.4 | 0.7 | 1.0 | 3.5 | 15.4 |

| | 1977 | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1985 | 1986 | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 24 | 30 | 26 | 46 | 20 | 18 | 8 | 4 | 2 | 4 | 286 |
| | 8.4 | 10.5 | 9.1 | 16.1 | 7.0 | 6.3 | 2.8 | 1.4 | 0.7 | 1.4 | 100.0 |

Fonte: *Inquérito*

Particularmente interessante é a distribuição temporal da aquisição de arca frigorífica. Para além de indicar uma melhoria do nível de vida, corresponde a um investimento quase duplo do frigorífico e reflecte também a preocupação em melhorar a dieta alimentar ao longo do ano.

Como se compreende, o nível de aquisição é mais baixo e a sua compra mais recente. Nos 385 agregados, 157 (40.7%), possui este electrodoméstico, notando-se que todas as aquisições são posteriores a 1974 (Quadro 148 e Fig. 114). Também neste caso, o início da década de oitenta corresponde ao maior nível de compras — 45 e 26 unidades, respectivamente em 1980 e 1981. Registe-se, todavia, que a percentagem de aquisidores é relativamente mais baixa do que a apurada por T.A. PEREIRA (1986, pag. 213), no levantamento levado a cabo em Sobral da Abelheira, concelho de Mafra, já que neste caso se situa em 47%.

Como se verifica pelos resultados obtidos no *Inquérito* a década de setenta, de um modo geral, e o período posterior a 1974, de uma forma particular, representam uma mudança em relação ao cenário económico e social da *Gândara*. Paralelamente à aquisição de algum equipamento agro-pecuário, como a rega por aspersão, o tractor ou a ordenha mecânica, a melhoria do nível de vida é testemunhada pela progressiva utilização de alguns electrodomésticos, com os quais se deve relacionar não só alguma ascensão económica, mas, — e talvez mais importante —, a preocupação de melhorar a qualidade de vida. São indicadores disso o frigorífico e a arca congeladora. E se a emigração e o retorno podem ser um dos principais fenómenos a explicar a mudança que se operou, outros factos — alguns

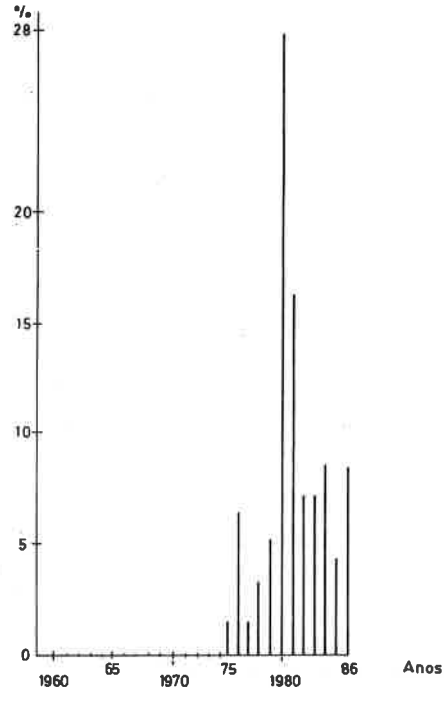



FIG. 114 - Anos de aquisição de Arca Frigorífica na Gândara

FONTE: INQUÉRITO

QUADRO Nº 148 - ANOS DE AQUISIÇÃO DE ARCA FRIGORÍFICA

| Anos | 1975 | 1976 | 1977 | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1985 | 1980 | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Nº de Aquis. | 2 | 10 | 3 | 6 | 8 | 45 | 26 | 11 | 11 | 14 | 7 | 14 | 157 |
| % | 1.3 | 6.4 | 1.9 | 3.8 | 5.1 | 28.5 | 16.7 | 7.0 | 7.0 | 8.9 | 4.5 | 8.9 | 100.0 |

Fonte: *Inquérito*

dos quais já referidos, como as modificações políticas verificadas no país em 1974 e o desenvolvimento do sector leiteiro —, concorreram de forma decisiva para algum do progresso verificado. Principalmente para os gandareses que ficavam, a criação de gado foi de alguma maneira a "compensação" de não terem emigrado. Por isso, este sector se torna particularmente importante neste território; por isso também, é particularmente preocupante o percurso dos próximos anos, durante os quais se "jogará" o futuro da economia da *Gândara*

## 3 — OS SERVIÇOS DE SAÚDE

Considerando os Serviços de Saúde, a década de setenta marca também uma acentuada melhoria. Praticamente toda a população inquirida afirmou que, a partir de meados dos anos setenta, aqueles serviços, além de terem registado um acréscimo no número de postos que prestam cuidados de saúde primários, sofreram também uma descentralização que facilita uma maior utilização por parte dos utentes.

Embora se registe algum descrédito em relação aos serviços prestados pela Caixa de Previdência e Casas do Povo, é a essas instituições que a grande maioria da população recorre em caso de doença. O Quadro 149, que resume o conjunto das respostas obtidas, revela que 62.6% dos inquiridos se dirige num primeiro momento aos serviços de saúde prestados na Casa do Povo, que 30.6% o faz nos postos da Caixa de Previdência e que ao médico particular recorre apenas 2.1%. Deve porém deve referir-se que 153 indivíduos (39.7%) utilizam ao serviço de saúde privado num segundo momento. O atraso com que se processa o atendimento nos Serviços Públicos é a razão invocada com maior frequência, para justificar a consulta particular.

QUADRO Nº 149 - UTILIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE

| Serviços de Saúde | Total | % |
|---|---|---|
| Casa do Povo | 241 | 62.6 |
| Caixa de Previdência | 118 | 30.6 |
| Médico Partic. | 8 | 2.1 |
| Farmácia | 6 | 1.6 |
| Outros | 12 | 3.1 |
| Total | 385 | 100.0 |

Fonte: *Inquérito.*

## 4 — MERCADOS E FEIRAS COMO CENTROS PRIVELIGIADOS DE AQUISIÇÃO DE BENS

Relativamente ao local onde os gandareses adquirem alguns bens de consumo, as feiras e os mercados constituem, sem dúvida, o local privilegiado de aquisição. Num território onde existem cerca de 12 feiras e mercados, alguns dos quais referenciados desde 1758, (cfr. J.GASPAR, 1965/ 1970, pags. 41 e seg.), não surpreende que continuem a disfrutar de grande importância em toda a área. Embora em alguns casos se assista a uma perda progressiva da sua influência, de que é exemplo Cadima; em outros, pelo contrário, têm vindo a adquirir uma dimensão cada vez maior, de que o melhor exemplo é sem dúvida o da Tocha.

Grande parte dos bens de consumo são, na realidade, comprados ou "apalavrados" nestas reuniões comerciais que têm evoluído no sentido de acompanhar o padrão geral de vida. Em relação aos electrodomésticos, a situação é particularmente interessante. É sobretudo nas feiras que a população gandaresa toma contacto com alguns daqueles artigos; aí é sensibilizada pelos intermediários, geralmente ligados a comerciantes fixos para as vantagens provenientes da sua utilização.

Processo idêntico observa-se em relação a algum tipo de mobiliário. Neste caso, os comerciantes chegam a levar apenas o mostruário, a partir do qual os consumidores fazem a sua escolha. Note-se, no entanto, que quando se trata de equipar uma nova habitação, em geral ex-emigrantes, raramente as aquisições são feitas em feiras. Recorrem sobretudo aos centros urbanos periféricos da *Gândara* ou aos recentes estabelecimentos comerciais instalados no território, em grande parte de emigrantes retornados.

A partir da amostra utilizada pretendeu-se também saber onde os gandareses adquirem preferencialmente o vestuário. Os valores apurados revelam a importância das feiras e dos mercados, como local de aquisição daqueles bens. Deve todavia referir-se que é nas primeiras que o volume de compras é maior, já que aí existe uma maior diversificação de produtos, embora nalguns casos a diferença entre feira e mercado esteja a diluir-se, como se verifica na Tocha, visto que o mercado aí realizado ao Domingo é, em geral, bem abastecido de artigos de vestuário.

Nos 385 inquiridos 80.2% (309) compra grande parte ou mesmo a totalidade das peças de vestuário nas feiras e por vezes nos mercados mais próximos da sua residência (Quadro 150). No entanto, há feiras que pela sua dimensão e importância, principalmente em algumas épocas do ano, são melhor abastecidas: são exemplos Portomar, Tocha e Cantanhede. Neste sentido, não é raro encontrar-se gandareses que não obstante se deslocarem com maior frequência a uma determinada feira, em geral a mais próxima, quando se trata de adquirir vestuário optam por vezes por uma onde as possibilidade de escolha é maior. É o caso das feiras acima referidas de Portomar, Tocha e Cantanhede nas quais se

abastece, respectivamente, 22.9%, 19.5% e 18.1% da população analisada. A feira que, em cada dia 3, se realiza em Ferreira-a-Nova, tem ainda um significado importante: 13.0%. Cabe aqui notar que esta é, quanto a nós, aquela que apresenta uma maior variação sazonal. Isto é, no Inverno tem uma dimensão restrita, enquanto no Verão regista um acréscimo notável, quer de vendedores, quer de compradores, além de ser também significativa uma maior diversificação de produtos. Esta variação relaciona-se com a estadia, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, de numerosos emigrantes que com um maior poder de compra geram, a nível de mercado, uma relação diferente entre a oferta e a procura tradicionais.

QUADRO Nº 150 - LOCAL DE AQUISIÇÃO DE VESTUÁRIO

| | Local de aquisição | Total | % |
|---|---|---|---|
| FEIRAS E MERCADOS | Arazede | 5 | 1.3 |
| | Cadima | 21 | 5.5 |
| | Cantanhede | 70 | 18.1 |
| | Fer.-a-Nova | 50 | 13.0 |
| | Portomar | 88 | 22.9 |
| | Tocha | 75 | 19.5 |
| | Total | 309 | 80.2 |
| | Outros Locais | 76 | 19.8 |
| | TOTAL | 385 | 100.0 |

Fonte: *Inquérito*

Nos casos de Cantanhede, Tocha e Portomar, ainda que se verifique alguma variação ao longo do ano, esta não é tão nítida. Situadas em locais de maior acessibilidade e onde a dependência da agricultura, embora importante é menor, compreende-se que mantenham, ao longo de todo ano, elevados índices de frequência.

Figueira da Foz, Coimbra e Aveiro, constituem os centros privilegiados onde se dirigem os indivíduos que não adquirem o vestuário nas feiras locais. Será interessante notar que Cantanhede não foi referido por qualquer indivíduo, sugerindo que apenas o fazem neste centro urbano, quando se trata de adquiri-lo na feira e no mercado aí realizado; isto é, quando o poder de compra é maior, optam por centros de maior dimensão, onde a possibilidade de escolha aumenta. O facto de apenas 19.8% se dirigir àquelas cidades, parece indicar um poder de compra relativamente baixo para a maioria da população.

Em relação à aquisição de bens alimentares, a função das feiras e dos mercados tem vindo a diminuir progressivamente. No entanto, é ainda expressivo o significado que desempenham. Na população inquirida 48.7% afirmou adquirir mais de 50% dos produtos alimentares naqueles centros de comercialização. Carne, peixe e cereais são os bens que mais frequentemente ali adquirem. É, todavia, opinião unânime que o volume de compras relativamente a produtos alimentares tem apresentado uma quebra acentuada. A difusão do pequeno comércio, a utilização cada vez maior de frigorífico e arca congeladora, a par de uma maior diversificação da dieta alimentar, têm concorrido para que, cada vez menos, a feira constitua o principal local de aquisição de bens alimentares.

## CAPÍTULO VI —SÍNTESE E PERSPECTIVAS

Pretendemos mostrar neste estudo o processo pelo qual a *Gândara*, sub-unidade regional situada na região Centro do País, se apresenta em relação ao *Litoral* menos desenvolvida. Ainda que esta faixa do território nacional constitua a referência permanente de desenvolvimento quando a escala de análise se torna mais pormenorizada surgem frequentemente desiquilíbrios e assimetrias que uma análise global dilui. Neste sentido, a *Gândara* poderá ser considerada uma área periférica relativamente ao espaço mais vasto onde se inscreve.

O facto de se tratar de um território cujos limites geográficos não coincidem com limites administrativos dificultou, não raras vezes, o prosseguimento de algumas pistas de trabalho que trariam,provavelmente,um melhor conhecimento da área. Além disso, devido à circunstância de a escala de análise ser quase sempre a freguesia, resulta que as limitações das fontes disponíveis se encontram acrescidas. Cremos, no entanto, ter abordado algumas das questões fundamentais que podem explicar o periferismo do território em estudo.

A finalizar pretendemos deixar, de uma forma resumida, algumas reflexões sobre o que de mais importante terá resultado deste trabalho.

Embora no centro do país o povoamento do território já estivesse consolidado desde os séculos XII e XIII, a *Gândara* é ainda durante toda a Idade Média um espaço vazio.

Segundo as informações fornecidas pelo *Numeramento* de 1527-1532, ao terminar o primeiro quartel do século XVI o território nacional apresentava-se já relativamente ocupado. Apenas nas áreas de solos pobres ou mais afastadas das vias que então cruzavam o país, se registam menores densidades de ocupação humana.

Constituído essencialmente por areias, o território da *Gândara* não desperta, em termos económicos, a atenção das instituições que são em grande parte responsáveis pela colonização das áreas mais férteis do país - as ordens religiosas-.

A expansão portuguesa que culminará nos finais do século XV e durante século XVI, trará para o país novas espécies vegetais que vêm provocar, em termos agrícolas, o que foi

designado por "revolução do milho". De facto, a introdução deste cereal irá não só provocar alterações na dieta alimentar portuguesa, como introduzir modificações nos ritmos demográficos, reflectindo-se estes num aumento generalizado da população. A densidade populacional aumenta e a ruptura com a estrutura económica que não tinha acompanhado o acréscimo populacional, começa a delinear-se. A pressão demográfica que se regista obriga a que algumas populações procurem no território nacional novas áreas de ocupação. Inicia-se, então, uma intensa mobilidade de homens e mulheres oriundos em grande parte das terras mais povoadas do *Norte* e que procuram no *Sul* novas perspectivas de vida. Paralelamente, processa-se uma mobilidade do *Interior* para o *Litoral* em busca, também, de novos espaços. A *Gândara*, que se mantém praticamente despovoada até ao dealbar da Idade Moderna, encontra-se no ponto de passagem entre o Norte e o Sul, o *Litoral* e *Interior*. Torna-se, então, durante largas dezenas de anos no ponto de chegada de milhares de indivíduos, abrindo-se, assim, um novo ciclo relativo à ocupação deste território.

Em cerca de 200 anos um espaço vazio torna-se numa área intensamente ocupada passando a sua densidade de 7 hab./Km2 para 100 hab./Km2. Un deserto, quase todo baldio, vai sendo progressivamente conquistado por pequenos lugares dessiminados pelo espaço e que constituem, ainda hoje, o essencial da estrutura do povoamento da *Gândara*.

As informações que recolhemos permitiram-nos concluir que o arranque da colonização da *Gândara* se terá operado ainda no século XVI e próximo do actual centro urbano de Mira. A análise dos *Registos Paroquiais de baptizados*, efectuada desde o ínicio do século XVII até 1864, possibilitou-nos concluir também, que temporalmente a colonização deste espaço se situa durante os finais do século XVII e ao longo do século XVIII. Porém, foi possível balizar os momentos mais importantes que se terão processado entre 1700 e 1750. O desfazamento temporal, algumas dezenas de anos, que se verifica entre a ocupação do sector Norte e a ocupação do sector Sul, não é, senão, devido ao facto do movimento se processar preferencialmente de Norte para Sul.

Em meados do século XIX novo ciclo se abre na história da ocupação da *Gândara*. Tal como tinha sucedido, dois séculos antes em algumas áreas do país, a pressão demográfica que se desenvolve na área gandaresa obriga a que milhares dos seus habitantes tenham de abandonar o território que ajudaram a transformar. Vivendo de uma agricultura pobre e nas áreas mais próximas da costa também da pesca, a população da *Gândara* é essencialmente constituída por um campesinato pobre e uma pequena burguesia rural, onde as perspectivas de melhores condições sociais e económicas estavam ausentes. O Brasil surge, a par do território situado a Norte do Tejo como o grande espaço onde se desenvolvem outros

horizontes de trabalho. Um movimento contrário áquele que transformou um deserto humano num território intensamente ocupado desenvolve-se na segunda metade do século de oitocentos. Até ao eclodir da Primeira Grande Guerra muitos gandareses abandonam o local de residência com destino à antiga colónia portuguesa. O confronto com alguns indicadores emigratórios registados no país permitiram-nos concluir que na área de estudo se observaram, frequentemente, valores mais elevados que aqueles, sugerindo assim que este espaço respondia mais rapidamente às solicitações internacionais de mão-de-obra, o que sugere a débil situação económica da população. A Primeira Grande Guerra opera uma desacelaração nos fluxos migratórios de carácter internacional, o que também se vem a reflectir na mobilidade da população gandaresa.

Paralelamente à emigração outras formas de mobilidade se desenvolvem. Para o Alentejo e Ribatejo dirigem-se sazonalmente largas centenas de trabalhadores procurando nos arrozais o trabalho que escasseava no Norte. Naturais da freguesia de Nª. Senhora das Febres começam, a partir de finais do século XIX, a percorrer o país como vendedores ambulantes de ouro e acabam, muitos destes indivíduos, por abandonar definitivamente a *Gândara* e estabelecem-se como comerciantes nas suas áreas de mercado. Deste modo, concorrem, para a difusão dos *ourives* em Portugal. As alterações que se operaram nos fluxos migratórios portugueses durante a década de sessenta, vão também reflectir-se na *Gândara*. O ciclo europeu irá, tal como em todo o país, provocar não só um desgaste demográfico em anos imediatos, como provocar também desiquilíbrios na dinâmica interna da população, que só recentemente começaram a ter maior expressão.

Após 1980 um movimento de retorno, traz à *Gândara* centenas de indivíduos provenientes da Europa. Porém, e não obstante quase todos retornarem em idade activa, é uma população envelhecida que retoma a exploração agrícola que abandonou, não ultrapassando, frequentemente, a dimensão de produtor doméstico.

Para os gandareses que ficaram, a agricultura continua a ser a actividade dominante. Porém, a partir da década de setenta uma nova componente se começa a delinear na estrutura económica da *Gândara* - a criação de gado leiteiro. Território onde dominam os solos arenosos, a criação de gado bovino tem sido uma constante, não só para trabalho, mas, e sobretudo para a produção de estrume. Assim, e respondendo às solicitações do mercado nacional o gado de trabalho vai sendo substituido progressivamente pelo gado leiteiro. A instalação e desenvolvimento de cooperativas vai funcionar como importante agente dinamizador daquele sector produtivo. Assiste-se, deste modo, em uma dezena de anos, à passagem de uma economia dominada pelo sector agrícola para uma economia onde o sector leiteiro tem cada vez mais importância. De notar também o peso que a mão-de-obra feminina tem tido no desenvolvimento deste sector. Da maior incidência dos fluxos migratórios e da

mobilidade profissional no sexo masculino decorre o aumento verificado na feminização da agricultura. Importante, também, o acréscimo da pluriactividade, facto que embora concorra para melhorar o nível de vida dos gandareses dificulta que se operem modificações importantes na estrutura económica da área. Esta situação explica, em grande medida, o facto de a *Gândara* contribuir com 1/3 da produção de leite da Beira Litoral, mas a estrutura do efectivo leiteiro ser pouco diferente da que existia no ínicio dos anos setenta. Assente em explorações que raramente ultrapassam 1 hec., onde o número de blocos por exploração atinge em termos médios 8 unidades, onde a idade dos produtores é elevada e o grau de instrução reduzido - observando-se, não raras vezes ausência de alfabetização -, não é difícil supor que a médio prazo a economia da *Gândara* poderá atingir um ponto de ruptura.

A nova escala decorrente da entrada de Portugal para a Comunidade Económica Europeia, pode gerar, em relação à produção de leite, graves problemas para os gandareses em particular e para os pequenos produtores em geral.

Algumas soluções passam pelo Poder Central, principalmente aquelas que têm como finalidade aproximar, durante o período de transição, os padrões nacionais dos padrões europeus. Porém, outras, terão de ser levadas a cabo pelas autarquias locais, nomeadamente na realização de infra-estruturas que respondam às necessidades básicas da população e ao ordenamento do território.

Assim, julgamos que as acções prioritárias devem ser orientadas no sentido de promover a melhoria do nível cultural da população: alfabetização de numeroso quantitativo de indivíduos através de curso de adultos, o cumprimento da escolaridade obrigatória por parte dos mais jovens, facto que só é possível com a melhoria da rede viária e do sistema de transportes. Só com a população devidamente alfabetizada é possível promover modificações que visem a alteração de alguns "valores tradicionais" e que se mostram desajustados com a necessidade de promover o desenvolvimento.

O aumento da dimensão média das explorações, a melhoria da estrutura do efectivo leiteiro, aumento da qualidade do leite, a utilização de pastos e forragens em lugar de rações, a introdução de novas espécies, o aproveitamento pleno das condições fisico-climáticas da área são algumas das orientações a seguir visando o desenvolvimento harmónico da *Gândara* e a sua contribuição no desenvolvimento regional equilibrado.

## BIBLIOGRAFIA[1]

### 1 — FONTES MANUSCRITAS


ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE CANTANHEDE

— *Livros de Registos de Passaportes, anos de 1956 a 1984.*

ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ

— *Livros de Registos de Passaportes, anos de 1956 a 1984.*

ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MIRA

— *Livros de Registosde Passaportes, anos de 1956 a 1984.*

ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-VELHO

— *Livros de Registos de Passaportes, anos de 1956 a 1984.*

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO

— *Dicionário Geográfico, 1758.*

— *Livro Santo de Santa Cruz.*

ARQUIVO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

— *Documentação do Governo Civil de Coimbra*. "Livros de Registos de Passaportes, anos de 1870 a 1914", Dep. II, 2ª. Secc. Dtª. Est. 6.

— *Documentação do Governo Civil de Coimbra*, "Recenseamento Eleitoral de 1876", freguesias de Nª. Senhora das Febres, S. Mamede de Quiaios e S. Tomé de Mira.

— *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia das Alhadas, anos de 1864 a 1872.*

— *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de Cadima, anos de 1864 a 1872.*


[1] — Apenas se referem as obras citadas no texto e outras que considerámos fundamentais na elaboração deste estudo.

— *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de Cantanhede, anos de 1864 a 1872.*

— *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de S. António dos Covões, anos de 1864 a 1872.*

— *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de Nª. Senhora das Febres, anos de 1795 a 1872.*

— *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de Ferreira-a-Nova, anos de 1864 a 1872.*

— *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de Liceia, anos de 1864 a 1872.*

— *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de S. Mamede de Quiaios, anos de 1609 a 1872.*

— *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia da Tocha, anos de 1864 a 1872.*

— *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de S. Tomé de Mira, anos de 1602 a 1864.*

— *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, freguesia de Alhadas, anos de 1864 a 1872.*

— *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, freguesia de Arazede, anos de 1864 a 1872.*

— *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, freguesia de Cadima, anos de 1864 a 1872.*

— *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, freguesia de S. Mamede dos Covões, anos de 1864 a 1872.*

— *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, freguesia de Nª. Senhora das Febres, anos de 1864 a 1872.*

— *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, freguesia de Ferreira-a-Nova, anos de 1864 a 1872.*

— *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, freguesia de Liceia, anos de 1864 a 1872.*

— *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, freguesia de S. Mamede de Quiaios, anos de 1864 a 1872.*

— *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, freguesia da Tocha, anos de 1864 a 1872.*

— *Mapas da População*, Caixas nºs. 4, 5 e 6 Dep. III, Sec. 1ª. - D. Est. 5 - Tab. 4 - nºs. 29, 30 e 31.

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

— *Manuscrito*: nº 1104

CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE CANTANHEDE

— *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, de 1873 a Março de 1911.*

— *Livros de Registo Civil, nascimentos, de Abril de 1911 a 1985.*

— *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, de 1873 a Março de 1911.*

— *Livros de Registo Civil, óbitos, de Abril de 1911 a 1985.*

CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DA FIGUEIRA DA FOZ

— *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, de 1873 a Março de 1911.*

— *Livros de Registo Civil, nascimentos, de Abril de 1911 a 1985.*

— *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, de 1873 a Março de 1911.*

— *Livros de Registo Civil, óbitos, de Abril de 1911 a 1985.*

CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE MIRA

— *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, de 1864 a Março de 1911.*

— *Livros de Registo Civil, nascimentos, de Abril de 1911 a 1985.*

— *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, de 1864 a Março de 1911.*

— *Livros de Registo Civil, óbitos, de Abril de 1911 a 1985.*

CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE MONTEMOR-O-VELHO

— *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, de 1873 a Março de 1911.*

— *Livros de Registo Civil, nascimentos, de Abril de 1911 a 1985.*

— *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, de 1873 a Março de 1911.*

— *Livros de Registo Civil, óbitos, de Abril de 1911 a 1985.*

## 2 — OBRAS IMPRESSAS


ABREU, Diogo - 1978 - *Estudos Estatísticos de Algumas Características do Povoamento em Portugal*, Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa.

ALARCÃO, Alberto de - 1964 - "Exodo rural e atracção urbana no continente", em *Análise Social*, Lisboa, II, 7-8, pags. 511-573.

ALMEIDA, Ana Margarida Nunes - 1984 - "Comportamentos Demográficos e Estratégias. Famílias no Continente Português: 1900-1970", em *Estudos e Documentos*, nº. 10, Lisboa.

ALMEIDA, António Canafeu de e Outros - 1986 - "Caracterização Gráfica da Área Social da Cooperativa de Cantanhede, Relatório", Cantanhede, inédito.

ALMEIDA, Casimiro de - 1986 - "A integração europeia e o sector de leite e lactícinios", em: *Vida Rural*, nos. 224 e 225, Fevereiro, Lisboa.

ALVARES, Pedro - 1919 - "A Reorganização do Banco de Portugal", em *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, número 7, 37ª série, pags. 168-180.

ANDRADE, Anselmo - 1902 - *Portugal Económico*, Lisboa.

ANTUNES, M. L. Marinho - 1973 - "A Emigração Portuguesa desde 1950. Dados e Comentários", em *Cadernos Gis*, no. 7, Lisboa.

*Anuário Demográfico*, anos de 1929 a 1966, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística; continuado por *Estatísticas Demográficas.*

*Anuário Estatístico*, ano de 1875; continuado por *Anuário Estatístico do Reino de Portugal* de 1876 a 1884; continuado por *Anuário Estatístico de Portugal*, ano de 1885, 1886, 1892, 1900, 1901-1903, 1904-1905, 1906-1907 e 1910-1912.

*Arquivo Rural*, ano de 1868. Lisboa.

*Arrolamento de Gado, - 1920* - Ministério da Agricultura, Imprensa Nacional, Lisboa.

*Arrolamento Geral de Gado e Animais de Capoeira* - 1925 - Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

*Arrolamento Geral de Gados do Continente, -1972* - Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

ARROTEIA, Jorge Carvalho - 1984 - *Os Ilhavos e os Murtoseiros na Emigração Portuguesa*, Aveiro.

AZEVEDO, Rui - 1933 - "O mosteiro de Lorvão na reconquista cristã", separata de *Arquivo Histórico de Portugal*, Lisboa.

BALBI, Adrien - 1822 - *Essai stastitique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve [...]*, 2 volumes, Paris.

BERTOLDI, V. - 1931 - "Problémes de substrat. Essai de Méthodologie dans le domaine pré-Historique de la Toponyme et du Vocabulaire" em: *Bulletin de la Societé de linguistique de Paris*, Tome 32, Fasc. 2, no. 96, Paris, pags. 93-183.

BIVAR, Artur - 1948 - *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*, Porto.

BLONDEL, Josette - 1971 - "Structure et Répartition de la proprieté dans le Bocage Bas-Normand" em: *Exemples de Societés Rurales Européennes en transformation*, Centre de Recherches sur l'évolution de la Vie Rural, Caen, pags. 13-88.

*Boletim Anual da Junta de Emigração*, anos de 1952 a 1954, Lisboa, Ministério do Interior.

*Boletim da Secretaria de Estado da Emigração*, anos de 1973 a 1975, Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros. Continuação do *Boletim do Secretariado Nacional da Emigração*.

*Boletim da Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas*, anos de 1976 a 1982, Lisboa. Continuação do *Boletim da Junta de Emigração*.

*Boletim da Junta de Emigração*, anos de 1964 a 1969, Lisboa, Ministério do Interior. Continuação do *Boletim anual da Junta de Emigração* .

*Boletim do Ministério da Agricultura*, ano XIII, Dezembro 1931, no. 6, III, série.

BOURA, I., GASPAR, J., GOULD, P., JACINTO, R., e PIRES, A., - 1983 - *Estrutura Agrária e Inovação na Cova da Beira*, C.C.R.C., Coimbra.

BOURA, I., JACINTO, R., LEWIS, J. R. e WILLIAMS, A. M. - 1984 - "The Economic Impact of Returned Emigrants: Evidence from Leiria, Mangualde and Sabugal", *Emigração e Retorno na Região Centro*, C.C.R.C., Coimbra, pags. 63-115.

BOURA, I. e JACINTO, R. M. - 1984 - "Evolução demográfica, emigração e retorno na Região Centro: transformações recentes", em *Acta, Ponencias y Comunicaciones*, III Colóquio Ibérico de Geografia, Barcelona, pags. 365-372.

BOURA, I., JACINTO, R. e PIRES, A., — *Estudo do Sistema de Lugares Centrais na Região Centro. Definição da Respectiva Hierarquia. Determinação de áreas de influência*, (C.C.R.C.), s/d. Coimbra.

BRITO, Raquel Soeiro de - 1960a — *Palheiros de Mira - Formação e Declínio de um Aglomerado de Pescadores*, Lisboa.

— 1960b - *Agricultores e pescadores portugueses na cidade do Rio de Janeiro (Estudo comparativo)*, Lisboa.

BUQUET, Leon - 1974 - *Démographie*, Paris.

CABRAL, M. Vilaverde - 1974 - *Materiais para a História da questão agrária em Portugal - séc. XIX e XX*, Porto.

— 1979 - *Portugal na Alvorada do século XX. Forças Sociais, Poder Político e crescimento económico de 1890 a 1914.* Ed. Regra do Jogo, Lisboa.

CAETANO, Lucília de Jesus - 1985 - *A Indústria no Distrito de Aveiro - análise geográfica relativa ao Eixo rodoviário principal (E.N. no. 1) entre Malaposta e Albergaria-a-Nova.* Faculdade de Letras, Coimbra.

CAILLOT, Robert - 1972 - *L'enquête - participation. Méthodologie de l'aménagement*, Paris.

CAMPOS, Ezequiel - 1913 - *A conservação da Riqueza Nacional.* Lisboa.

CARREIRA, Décia Frazão Caetano - 1980 - *A produção de leite e lacticínios face à integração Europeia: índices técnicos da produção comparados com os índices da CEE.* Coimbra.

*Carta Administrativa de Portugal* - 1979 -, Escala 1:250 000, Comissão Nacional do Ambiente, Lisboa.

*Carta de Capacidade de Uso do Solo*, 1:50 000 - Ministério da Economia, Secretaria de Estado da Agricultura.

*Carta Corográfica de Portugal* - 1964 - Instituto Geográfico e Cadastral, Lisboa.

*Carta Geológica de Portugal* - 1972 - Escala 1:1 500 000, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos.

*Carta Militar de Portugal* - 1965 - Escala 1:250 000, Serviços Cartográficos do Exército.

— 1976 e 1977 - Escala 1:25 000, Serviço Cartográfico do Exército.

CARVALHO, A., BARROS, V.; C. e ROCHA, J. R. - 1982 - *Que Futuro para a Produção Leiteira: Grande ou Pequena Exploração?* Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Estudos de Economia Agrária, Oeiras.

CARVALHO, Gaspar S. de - 1952 - "Les Dépots Detritiques Plio-Pleistocènes et la Morphologie de la 'Gandará au nord de la Serra da Boa Viagem (Portugal)" em: *Revue de Geomorphologie Dynamique*, no. 6, 3 Année.

— 1954 - A Gândara (Portugal) e os Landes da Gasconha (França).

— 1964 - "Areias da Gândara (Portugal / Uma formação eólica quaternária)", em *Publicações do Museu e Laboratório Minerológico e Geológico da Faculdade de Ciências do Porto*, número LXXXII, 4. série, Porto.

CASCÃO, Rui - 1980 - "As vicissitudes do comércio marítimo de um porto secundário: o caso da Figueira da Foz (1850-1920)", separata da *Revista Portuguesa de História*, Coimbra.

CAVACO, Carminda - 1977 - *Considerações gerais acerca de alguns tipos de Cooperativas de empresários agrícolas, no continente*, C.E.G., Lisboa.

— 1981 - *A costa do Estoril - Esboço Geográfico*, C.E.G., Lisboa.

— 1981 - *A mulher na agricultura portuguesa*, estudos de Geografia Humana e Regional, Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.

— 1985 - *Agricultura a tempo parcial - contribuição para o seu estudo na região de Lisboa*, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Estudos de Economia Agrária, Oeiras.

CAVACO, Carminda e MEDEIROS, Carlos Alberto - 1979 - *Aspectos Geográficos da Evolução Demográfica em Portugal Continental depois do último Censo*, Estudos de Geografia Humana e Regional, C.E.G., Lisboa.

*Censo da População [...]*, anos de 1864, 1878, 1890, 1900, 1920 e 1930. Continuado por *Recenseamento [...]*.

CHOFFAT, Paul - 1900 - *Recueil de monographies stratigraphiques sur le système crétacique de Portugal - Le crétacique*. Serviços Geológicos, Lisboa.

CLARK, P. J. e EVANS, F. C. - 1954 - "Distance to the Nearest Neighbour as a Mesure Spatial Relation Ships in Populations", em *Ecology*, vol. 35, pags. 445-453.

COELHO, Maria Helena da Cruz - 1983 - *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*, 2 volumes, Coimbra.

COLAÇO, João Telo de Magalhães - 1931 - "Cadastro da população do Reino (1527)". "*Actas das Comarcas Damtre Tejo e Odiana e da Beira*", separata da *Revista da Faculdade de Direito de Lisboa*, ano II, Lisboa.

CONIN, Custódio - 1975 - "Algumas considerações sobre a situação demográfica portuguesa de 1960 a 1975" em *Revista do Centro de Estudos Demográficos*, Lisboa, I.N.E., pags. 171-239.

CORDEIRO, Luciano - 1883 - *Emigração - Relatório e Projecto de Regulamento*. Lisboa.

CORREIA, António - 1967 - *Acção dos pescadores de Ílhavo em Costa da Caparica*, Aveiro.

CORREIA, Virgílio - 1953 - *Inventário artístico de Portugal, Distrito de Coimbra*, reorganizado e completado por A. NOGUEIRA GONÇALVES, volume IV, Lisboa, pags. 39b e 40a.

COSTA, Pe. Avelino de Jesus da - 1959 - *O Bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*, 2 volumes, Coimbra.

— 1979 - *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão em "Paróquias".

COURGEAU, Daniel - 1980 - *Analyse quantitative des migrations humaines*, Paris.

COSTA, Laurindo - 1914 - *A organização do ensino comercial e industrial* , Porto.

— 1917 - *A ourivesaria e os nossos artistas*, Porto.

— 1920 - *Uma arte famosa* , Porto.

— 1929 - "Arquivo da confraria de Santo Eloy no Porto - Subsídios para a história da ourivesaria em Portugal (inéditos dos séculos XV a XIX)", em *O Instituto*, vol. 78. Coimbra. pags. 138-205.

CUTILEIRO, João - 1972 - "Ricos e Pobres no Alentejo - uma análise da estrutura social" em *Análise Social*, seg. série, no. 34, vol. IX, pags. 265-293.

DACEY, M. F., "Analysis of central place and point patterns by a nearest neighbour method" em *Lund Studies in Geography* (Series B), nº. 24, pags. 55-75.

*Decreto-Lei nº 47678 de 5 de Março de 1967* - aprova o código de Registo Civil de 1967.

*Decreto-Lei nº. 51/78 de 30 de Março*, aprova o código de Registo Civil de 1978.

*Decreto-Lei nº 379/82, de 14 de Setembro*; altera as disposições relativas eo Registo de Nascimentos.

DELGADO CRAVIDÃO, Fernanda Maria - 1985 - "Breve nota sobre a estrutura social da população nos finais do século XIX, nas freguesias de Febres, Mira e Quiaios", em *Biblos*, vol. LXI, Coimbra, pags. 97-114.

— 1986 - "A difusão dos ourives em Portugal", em *Cadernos de Geografia*, nº. 5, I.E.G., Coimbra, pags. 15-39.

— 1987 - "A produção leiteira na Gândara face à integração de Portugal na CEE", *Actas do IV Colóquiolbérico de Geografia*, pags. 225-243.

DEMANGEON, Albert - 1920 - "L'habitation Rurale en France - Essai de classification des principaux types", em *Annales de Geographie*, nº. 161, XXIX, Paris.

— 1927 - "La geographie de l'habitat rural" em *Annales de Geographie*, nºs. 199 e 200, XXXVI, Paris.

— 1934 - "Economie agricole et peuplement Rural" em *Annales de Geographie*, nº. 241, XLIII, Paris.

— 1939 - "Types de peuplement rural en France", em *Annales de Geographie*, nº. 271, XLVIII, Paris.

DIAS, Luiz Fernando Carvalho - 1962 - *Forais Manuelinos do Reino de Portugal e do Algarve - Estremadura*, Fundão.

DIAS, Jorge; GALHANO, Fernando e OLIVEIRA, Ernesto Veiga - 1959 - *A Região e a Casa Gandaresa*, Porto.

DIAZ, Victor Perez - 1972 - *Estructura Social del Campo y éxodo rural. Estudio de um pueblo de Castilha* . Madrid.

DÓRIA, António Álvaro - 1979 - Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel Serrão, em: "Guerras Peninsulares".

*Emigração Portuguesa anos de 1906, 1907, 1908, 1909, 1910, 1911 e 1912*, Ministério das Finanças, Direcção Geral de Estatística, Lisboa.

*Estatística Demográfica, anos de 1967 a 1981*, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa. Continuação de *Anuário Estatístico* .

*Estatística do Movimento Fisiológico da População de Portugal*, anos de 1886 a 1928, Instituto Central de Higiene, Lisboa.

FANTASIA, Maria da Graça Dias Pereira Fernandes - 1972 - *O Repovoamento das "villas" da área compreendida entre Vouga e Mondego nos séculos IX a XII*; dissertação de licenciatura, policopiada, Coimbra.

FARIA, Eduardo - 1857 - *Novo Dicionário da Língua Portugueza*, 3. ed., Lisboa.

FARIA, Manuel Severim de - 1740 - *Notícias de Portugal*, 2ª. impressão.

FERNANDES, Rui - 1531/1532 - "Descripção do terreno em roda da cidade de Lamego duas leguas; suas producções e muitas outras cousas notaveis", [...] em: *Collecção de Inéditos de História Portuguesa*, Academia Real das Ciências, Tomo V, Lisboa, 1824.

FERRÃO, João - 1982 - "Evolução e estrutura regional das classes sociais em Portugal (1960-70)" em *Finisterra*, XVII, 34, Lisboa, pags. 223-265.

FERREIRA, Luís Feliciano - 1941 - "Estudos sobre o consumo do ouro e prata", em *Boletim do Trabalho Industrial*, nº. 34.

FONSECA, Emilio Luís Cabral da - 1986 - "Integração de Portugal na C.E.E.: consequências para o sector leiteiro" em *Vida Rural*, no. 227, Março, Lisboa.

FRAGOSO, Viriato Sá - 1939 - *A freguesia da Pocariça do concelho de Cantanhede* , Porto.

— 1960 - *Cantanhede. Subsídios para a sua história*, Coimbra.

FREIRE, António de Oliveira - 1739 - *Descripçam do reyno de Portugal, que contem huma exacta relaçam de suas provincias, [...]* , Lisboa.

GALHANO, Fernando; OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e PEREIRA, Benjamim - 1969 - *Construções primitivas em Portugal*, Lisboa.

GAMA, António; SANTOS, Graça e PIRES, Iva - 1981 - "Análise espacial de uma transformação da agricultura", em *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº. 7/8, Dezembro, Coimbra, pags. 535-559.

GAMBETA, Agostinho Ferreira - 1978 - "História da Moeda", *Academia Portuguesa de História*, volume I, Lisboa, 1978.

GARCIA, J. C.; ALEGRIA, M. F.; e GALEGO, J. - 1985 - *Inventário de Interpretações Cartográficas de Fontes Medievais Portuguesas* , Centro de Estudos Geográficos, I.N.I.C., Lisboa.

GASPAR, Jorge - 1965/1970 - *As Feiras de Gado na Beira Litoral*, Dissertação de Licenciatura -, polic., idem: Lisboa, Instituto de Alta Cultura -, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa.

— 1971 - "Os resultados preliminares do 11. Recenseamento da População", em: *Finisterra* , VI, 12, pags. 295-301.

— 1979 - *Portugal em Mapas e Números*, Livros Horizonte, Lisboa.

— 1981 - "Os Resultados Preliminares do Recenseamento Geral da População, 16 de Março de 1981", em: *Finisterra*, vol. XVI, no. 32, Lisboa, pags. 328-341.

— 1986 - "Portugal. População e Povoamento - evolução recente, tendências e perspectivas", em: *Povos e Culturas* , Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, nº. 1, pags. 15-37.

— 1987 - *Portugal - Os próximos 20 anos . Ocupação e organização do espaço. Retrospectivas e tendências*, I Volume, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

GIL, Maria Olímpia da Rocha - 1965 - *Arroteias no Vale do Mondego, durante o século XVI. Ensaio de História Agrária* . Lisboa.

GIRÃO, A. de Amorim - 1922 - *Bacia do Vouga. Estudo Geográfico*, Coimbra.

— 1933 - *Esboço duma Carta Regional de Portugal*,2. ed., Coimbra.

— 1954 - "O mais antigo censo da população de Portugal (1527)", em: *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, nºs. 8-9, Coimbra.

— 1960 - *Geografia de Portugal*, 3. ed., Porto.

GIRÃO, A. de Amorim e VELHO, Fernanda, L. - 1948 - "*Migrações Internas, ( 1890-1940)*", Publicações do Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra.

GODINHO, Vitorino Magalhães - 1963 - "O milho maiz - origem e difusão", em: *Revista de Economia*, volume XV, Lisboa.

— 1971 - *A Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*, Lisboa.

GRENIER, Fernand - 1968 - "La Region de Québec: Peuplement et Problémes de Population", em: *Cahiers de Geographie de Québec* , no. 13, Outubro, pags. 37-55.

HAGGETT, Peter - 1965 - *Locational Analysis in Human Geography*, Londres.

HAMMOND, R. e McCULLAGH, P. - 1974 - *Quantitative Techniques in Geography*, Clarendon Press, Oxford.

HERCULANO, Alexandre - 1875 - "A Emigração 1873-1875" em: *Opúsculos* , 4. vol., Lisboa.

HÉRIN, Robert - 1971 - "Les populations rurales du Campo de Cartagena", em: *Exemples de Societés Rurales Européennes en transformation* , Centre de Recherches sur L'évolution de la Vie Rurale, Caen, pags. 315-362.

*Inquérito Industrial de 1881*, Ministério das Obras Publicas, Commercio e Industria, 5 volumes, Lisboa.

*Inquérito Industrial de 1890*, Ministério das Obras Publicas, Commercio e Industria, Direcção Geral do Comércio e Indústria, 5 volumes, Lisboa.

*Inquérito Agrícola e Florestal do Concelho de Cantanhede*, - 1955 - Serviços de Reconhecimento e Ordenamento Agrário, dactilografado, Lisboa.

*Inquérito Agrícola e Florestal do Concelho de Mira - 1955*, Serviços de Reconhecimento e Ordenamento Agrário, dactilografado, Lisboa.

*Inquérito Agrícola e Florestal do Concelho da Figueira da Foz* - 1955 - Serviços de Reconhecimento e Ordenamento Agrário, dactilografado, Lisboa.

*Inquérito Agrícola e Florestal do Concelho de Montemor-o-Velho* - 1955 - Serviços de Reconhecimento Agrário, dactilografado, Lisboa.

LEAL, A. S. A. B. de Pinho - 1873/1890 - *Portugal Antigo e Moderno*, 12 volumes, Lisboa.

LEÃO, Duarte Nunes de - 1610 - *Descripção do Reino de Portugal*, Lisboa.

*Lei nº. 56/84, de 31 de Dezembro*, cria a freguesia do Seixo.

*Lei nº 57/84, de 31 de Dezembro* , cria a freguesia de Carapelhos.

*Lei nº 66/84, de 31 de Dezembro*, cria a freguesia da Praia de Mira.

*Lei nº. 62/85, de 25 de Setembro*, eleva a povoação da Tocha à categoria de vila.

*Lei nº. 95/85, de 4 de Outubro*, cria a freguesia de S. Caetano.

*Lei nº. 98/85, de 4 de Outubro*, cria a freguesia de Corticeiro de Cima.

*Lei nº. 115/85, de 4 de Outubro*, cria a freguesia de Vilamar.

*Lei nº. 122/85, de 4 de Outubro*, cria a freguesia do Bom Sucesso.

*Lei nº..23/86, de 19 de Agosto*, cria a freguesia de Sanguinheira.

*Lei nº. 18/88, de 1 de Fevereiro de 1988*, eleva à categoria de vila a povoação de Febres.

*Lei Eleitoral de 1 de Outubro de 1852* ,em: *Diário do Governo*, Outubro, 1852.

LIMA, Pde. Luiz Caetano de - 1734 e 1736 - *Geografia de todos os Estados Soberanos de Europa* [...], 2 tomos, Lisboa.

LOBO, A. de Sousa - 1903 - *História da Sociedade em Portugal no século XV* . Lisboa.

LOBO, R. Haddock - 1968 - *Geografia Humana do Brasil*, ed. Atlas do Brasil, 6ª. ed., S. Paulo.

LOUREIRO, João Pinto - 1935 - "Corsários em Buarcos", em *Álbum Figueirense*, ano II, nº. 1, Junho, Figueira da Foz.

MACEDO, Jorge Borges de - 1963 - *Problemas da história da indústria portuguesa no século XVIII*, Lisboa.

MADAHIL, A. G. da Rocha - 1943 - "As Informações Paroquiais da Diocese de Coimbra pedidas pela Academia Real da História em 1721" em *Arquivo Coimbrão*, vol. III, Coimbra.

MARQUES, A. H. de Oliveira - 1965 - "A população portuguesa nos fins do século XIII", em *Ensaios de História Medieval Portuguesa* ; Lisboa.

— 1968 - *Introdução à História da Agricultura em Portugal* , ed. Cosmos, Lisboa.

MARQUES, Gabriel Ferreira - 1960 - *A Ourivesaria e os seus problemas* , edição do Grémio dos Industriais de ourivesaria do Norte, Porto.

MARTINS, Alfredo Fernandes - 1940 - *O Esforço do Homem na Bacia do Mondego*. Coimbra.

— 1946 - "A configuração do litoral português no último quartel do século XV. Apóstila a um mapa", em *Biblos* , volume XXII, tomo I, Coimbra.

— 1949 - *Le Centre Littoral et le Massif Calcaire d'Estremadura* , Livret-guide de l'Excursion B, XVI Congrés International de Geographie, Lisboa.

MARTINS, J. P. Oliveira - 1956 - *Fomento Rural e Emigração*, Guimarães Editora, 6. ed., Lisboa.

MARTINS, Luís Cortes - 1987 - "Aspectos da produção de leite nacional e a adesão à CEE", em*Vida Rural*, nº. 20, Outubro, Lisboa.

MATEUS, Maria de Lurdes Roxo - 1986 - "A mulher na agricultura da região de Coimbra: breve análise da participação feminina na actividade agrícola", separata de *A Mulher na Sociedade Portuguesa*, Actas de Colóquio, Coimbra.

MEDEIROS, Carlos Alberto - 1982 - "Acerca dos contrastes da propriedade rústica em Portugal Continental", em *Finisterra* , vol. XVII, número 33, C.E.G., Lisboa, pags. 325-347.

MENDES, José Maria Amado Mendes - 1981 - *Trás-os-Montes nos fins do século XVIII segundo um manuscrito de 1976.* , I.N.I.C., Coimbra.

— 1984 - *A área Económica de Coimbra - Estrutura e Desenvolvimento Industrial (1867-1927)*, C.C.R.C., Coimbra.

MERÊA, Paulo e GIRÃO, A. Amorim - 1943 -"Territórios portugueses no século XI", em *Revista Portuguesa de História*, tomo II, Lisboa.

MORENO, Augusto C. - 1897 - " Vocabulário Transmontano", em *Revista Lusitana*, número 1, Lisboa, pag. 91.

MORENO, Humberto Baquero - 1979 - *A Acção dos Almocreves no Desenvolvimento das Comunicações Inter-Regionais Portuguesas nos fins da Idade Média*, Porto.

*Movimento da População. Estado Civil, Emigração*, anos de 1897 a 1896, Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, anos de 1 a 10, Lisboa.

NAZARETH, J. Manuel e SOUSA; Fernando de - 1981 - "Aspectos sócio demográficos de Salvaterra de Magos nos finais do século XVIII", em *Análise Social*, vol. XVII pags. 335-373.

— 1984 - "Conjunctura demográfica da população portuguesa no período de 1970-80: aspectos globais", em *Análise Social*", vol. XX (81-82), pags. 237-262.

NETO, Maria de Lurdes Akola - 1959 - *A Freguesia de Santa Catarina de Lisboa no1º. quartel do século XVIII (Ensaio de demografia histórica)* , Lisboa.

— 1967 - *A Freguesia de Nossa Senhora das Mercês de Lisboa no 1º. quartel do século XVIII (Ensaio de demografia histórica)* , Lisboa.

NETO, Serafim da Silva - 1970 - *História da Língua Portuguesa*, 2ª. ed., Livros de Portugal, Rio de Janeiro.

NIZA, Paulo Dias - 1767 / 1768 - *Portugal Sacro e Profano*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa.

OLIVEIRA, António de - 1971 - "A vida económica e social de Coimbra de 1537 a 1640", 2 volumes, Coimbra.

OLIVEIRA, Carlos de - 1943 - *Casa na Duna*, Coimbra.

— 1978 - *Finisterra - paisagem e povoamento*, Lisboa.

— 1979 - *O Aprendiz de Feiticeiro*, 3. ed., Lisboa.

OLIVEIRA, J. M. Pereira de - 1958 - "Aglomeração e dispersão do povoamento em Portugal", em: *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, volume II, no. 16 e 17, Coimbra, pags. 103-108.

— 1975 - "Indice de dispersão - aglomeração", em: *Trabalhos de Geografia e História*, B.G.U.C., Coimbra, pags. 527-556.

OLIVEIRA, P^de. Miguel de - 1945 - "A campanha entre o Douro e Vouga na segunda Invasão Francesa", em *Arquivo do Distrito de Aveiro* , vol. XI, Aveiro.

O'NEILL,Juan Brian - 1984 - *Proprietários, Lavradores e Jornaleiros - Desigualdade Social numa Aldeia Transmontana (1870-1978)* - Publicações D. Quixote, Lisboa.

PEREIRA, Albino J. S. e Outros - 1981 - *Projecto de desenvolvimento agrícola do Baixo Mondego - Estrutura actual das explorações agrícolas*; Ministério da Agricultura e Pescas, Direcção Geral da Hidráulica e Engenharia Agrícola, volume I.

PEREIRA, João Victor da Silva - 1972 - *Cantanhede - Vila de Mercado* , dissertação de Licenciatura, policopiada, Coimbra.

— 1983 - "A Feira Cantanhede - A importância do factor Acessibilidade", em: *Cadernos de Geografia*, nº 2, Coimbra, pags. 67-102.

PEREIRA, Miriam Halpern - 1971 - *Livre Câmbio e Desenvolvimento Económico. Portugal na segunda metade do século XIX*. Ed. Cosmos, Lisboa.

— 1981 - *A política portuguesa de emigração (1850-1930)*; A Regra do Jogo, Lisboa.

PEREIRA, Teresa Alves - 1986 - *O sector agrícola e o sector capitalista - Análise de algumas formas de integração*, Estudos para o Planeamento Regional e Urbano, 24, C.E.G., Universidade de Lisboa.

PERY, Gerard - 1875 - *Geografia e Estatística Geral de Portugal e Colónias*, Lisboa.

PICÃO, A. Silva - 1947 - *Através dos campos - usos e costumes agrícola-alentejanos (concelho de Elvas)* , 2ª. ed., Lisboa.

PIEL, Joseph M. - 1947 - "Nomes de lugares referentes ao relevo do solo", em: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. I, Coimbra, pags. 182-184.

PIMENTA, Carlos - 1983 - *Salários e Preços no século XIX em Portugal - Análise Económica*, Coimbra.

POCHE, Bernard - 1983 - "La région comme espace de réference identitaire", em: *Espaces et Sociétés*, nº 42, Paris, pags. 3-12.

POIARES, Ana Elvira - 1963 - *O Concelho de Cantanhede, (elementos para a sua história)* ; dissertação de licenciatura, policopiada; Coimbra.

POINARD, Michel - 1979 - "Le Million de Immigrés: Analyse de l'utilisation de l'Aide au Retour, par les Travailleurs Portugais en France", em: *Revue Geographique des Pyrénées et du Sud-Ouest*, no. 50.

PORTO, Manuel Lopes e COSTA ,Fernanda Maria - 1984 -"A Emigração e o Desenvolvimento na Região Centro", *Emigração e Retorno na Região Centro*", C.C.R.C., Coimbra.

*Portugal. Atlas do Ambiente*, Escala 1:1.000.000, Comissão Nacional do Ambiente, Presidência do Concelho de Ministros e Secretaria de Estado do Ambiente, 1974/1975:

- Folha I.2, Temperatura (temperatura média do ar);
- Folha I.4.1, Precipitação (quantidade total);
- Folha I.4.2, Precipitação (número de dias no ano);
- Folha I.5.1, Geada (duração da época no ano agrícola);
- Folha I.5.2, Geada (número de dias no ano);
- Folha III.1, Carta dos Solos;
- Folha III.3, Carta de Capacidade de Uso dos Solos;
- Folha IV.1, Carta Administrativa;
- Folha IV.2, áreas (freguesias e concelhias).

PRESSAT, Roland - 1972 - *Demographie Statistique* , P.U.F., Paris.

*Primeiro Inquérito Parlamentar sobre Emigração* -1873- Lisboa.

*Programa de Viabilização das Empresas Leiteiras da Região Agrária da Beira Litoral* , Instituto Financeiro de Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura e Pescas - IFADAP - s/d.

RAMOS, Firmino Mendes - 1985 - *Acções Prioritárias de I-D para o fomento da produção de leite na sub-região de Aveiro.* Instituto Nacional de Investigação Agrária e Extensão Rural, Lisboa.

RAU, Virgínia - 1965 - "Para a História da População Portuguesa dos séculos XV e XVI", em *Do Tempo e da História*, Lisboa, pags. 7-46.

REBELO, Fernando - 1981 - "Introdução ao Estudo dos Processos Erosivos Actuais na Região Litoral e Centro de Portugal", em *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXIX, pags. 195-248.

*Recenseamento Agrícola. - Distrito de Coimbra*, - 1979 - Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

*Recenseamento Geral de Gados de 1870* - Ministério das Obras Publicas, Commercio e Industria; Imprensa Nacional, Lisboa.

*Recenseamento Geral da População, anos de 1940, 1950, 1960, 1970 e 1981*. Vide *Censo*.

*Regulamento do Exercício de Ourivesaria*, Porto, 1962.

"Regulamento para o Exercício das contrastarias e do fabrico de barras de oiro e prata", *Diário do Governo*, 19 de Fevereiro de 1886.

REI, Manuel Alberto - 1924 - *Pinhais e Dunas de Mira*, Figueira da Foz.

REIS, Luisa, B., - 1984 - "A Evolução das Estruturas Familiares em Portugal", em *Estudos e Documentos*, nº. 11, Lisboa.

*Relatório da Arborização Geral do Reino* - 1868 - Lisboa.

*Relatórios da Lacticoop, anos de 1976 a 1985*. Aveiro.

*Reportório Toponímico de Portugal* - 1967 -Serviço do Exército, Ministério do Exército, Lisboa.

RIBEIRO, Aquilino - 1946 - *Aldeia. Terra, gente e bichos*, Lisboa.

RIBEIRO, Orlando - 1941 - "Deslocamentos da População em Portugal" (Programa de estudo), em *Revista da Faculdade de Letras*, Tomo VII, números 1 e 2, Lisboa, pags. 318-325.

— 1955 - *Portugal e Espanha* , tomo V, Barcelona.

— 1962 - *Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa* , Junta de Investigação do Ultramar, Estudos de Ciências Políticas e Sociais, nº. 59, Lisboa.

— 1967 - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, 3ª. ed., Lisboa.

— 1970 - *Ensaios de Geografia Humana e Regional*, 1ª. ed., Lisboa.

— 1972 - "Localização e Destino dos Centros Urbanos de Trás-os-Montes", em: *Finisterra*, vol. VII, 13 - Lisboa.

— 1979 - *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão, em "Milho".

e CARDIGOS, Norberto - 1946 - *Geografia da População em Portugal* , Lisboa.

RICOU, Teresa - 1986 - "A Adesão no Sector Leiteiro a Médio e a Longo Prazo. Regime de Preços. Regime de Trocas", em *Vida Rural*, no. 229, Abril, pags. 38-43.

ROCHA, António da - 1948 - *Materiais para a História da Figueira da Foz nos Séculos XVII e XVIII* , 2ª. ed., Figueira da Foz.

RODRIGUEZ, J. A. A. e LABRADOR, A. J. P. - 1987 - "Un Intento de Cuantification del Fenómeno de los Asentimentos Rurales en Galícia: La Aplication Del Indice de 'Dispersão-Aglomeração de Pereira de Oliveira", em *Actas*, IV Colóquio Ibérico de Geografia, Coimbra, pags. 597-604.

ROQUE, João Lourenço - 1982 - *Classes Populares no Distrito de Coimbra no Século XIX (1830-1870) - contributo para o seu estudo* . 2 volumes, Coimbra.

SALGUEIRO, Teodósio Augusto - 1961 - "Algumas Considerações sobre Solos Podzolizados", separata da *Revista Agronómica*, vol. XLIV, tomo IV, Lisboa.

SALVADOR, Uriel - 1931 - "A Lepra no Concelho da Figueira da Foz", em *Arquivos de Dermatologia e Sifiligrafia*, U.C., Ano I, no. 1, Coimbra.

SAMPAIO, Alberto - 1979 - *Estudos Históricos e Económicos*, "As Vilas do Norte de Portugal", reedição, volume I, Lisboa.

SANTOS, Maria Helena Carvalho dos - 1978 - "A Moeda (evolução do conceito de Moeda)" em: *Cadernos F.A.O.J.* Série A, número 8. Lisboa.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos - 1970 - "Contribuição para uma Análise Sociográfica da Família em Portugal", em: *Análise Social*, nº. 29, volume VIII, pags. 41-95.

SANTOS, Noronha - 1907 - *Chorografia do distrito federal. (Cidade do Rio de Janeiro).* Rio de Janeiro.

SARAIVA, António José - 1979 - *Dicionário da História de Portugal* em: "Cristãos Novos".

SECO, António Luís Henriques - 1854 - *Mappa do districto administrativo de Coimbra [...]*, Coimbra.

SÉRGIO, António - 1965 - "Dos remédios para a falta de Gente", em: *Antologia dos Economistas Portugueses*, Lisboa.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo - 1975 - "Uma Estimativa da População portuguesa em 1640",em: *Memória da Academia das Ciências*, volume XVI, Lisboa.

SERRÃO, Joel - 1969 - *Conspecto Histórico da Emigração Portuguesa*, Lisboa.

— 1972 - *Emigração Portuguesa - Sondagem Histórica*, Livros Horizonte, Lisboa.

SERRÃO, Joel; DIAS, José Pedro da Silva; MATA, Maria Eugénia e VALÉRIO, Nuno

— 1976 - "População Activa e População na Vida Religiosa em Trás-os-Montes nos finais do Século XVIII", em: *Análise Social*, vol. XII. no. 47, Lisboa, pags. 748--762.

SHORTER, Edward - 1972 - "Capitalism, Culture and Sexuality: some competing models", em: *Social Science Quarterly*, volume 53, pags. 338-356.

SILVA, A. A. Baldaque da - 1892 - *Estado actual das Pescas em Portugal compreendendo a Pesca Marítima, Fluvial e Lacustre em todo o Continente do Reino, referido ao ano de 1886*, Lisboa, 1892.

SILVA, António Magrassó e - 1978 - "A Refrigeração do Leite nas Explorações Leiteiras", em:*Vida Rural*, Junho, pags. 75 e 76.

SILVA, Fernando Emygdio da - 1917 - *Emigração Portuguesa*. Lisboa.

SILVA, António de Moraes - 1945 - *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*, 10a. ed., Lisboa.

SILVA, Luís Augusto Rebelo da - 1868 - *Memória sobre a População e a Agricultura em Portugal desde a Fundação da Monarquia até 1865*, Lisboa.

SILVA, Manuel Santos - 1962 - "Hospital Colónia Rovisco Pais. Ultima Leprosaria do Continente Português", separata da *Revista Portuguesa da doença de Hansen*, vol. I, no. 3 (Setembro-Dezembro).

SILVA, M.; AMARO, R. R.; CLAUSSE, G.; CONIM, C.; MATOS, M.; PISCO, M. e SERUYA, L. M.: - 1984 - *Retorno, Emigração e Desenvolvimento Regional em Portugal*, Lisboa, I.E.D.

SILVA, Manuela - 1985 - "O Fenómeno do Retorno na Dinâmica do Emprego e do Desenvolvimento Regional", em: *Desenvolvimento*, nº. 2, Julho. I.E.D., pags. 115-132.

— 1986 - *Portugal Contemporâneo - Problemas e Perspectivas*, I.N.A., Lisboa.

SILVEIRA, António Henriques da - 1789 - "Racional discurso sobre a agricultura, e população da provincia de Alem-Tejo" em: *Memórias económicas da Academia Real das Ciências [...], Tomo I, Lisboa.*

SING, R. B. - 1969 - "Rural Settlement types and their Distribuition: Examples from Varanasi District", *National Geohraphical Journal of India*, 14, pags. 224-235.

SOARES, Luís Ribeiro - 1971 - *A Moeda em Portugal - Breve História*, ed. do Banco de Portugal, Lisboa.

SOUTO, Carlos - 1983 - "A Cooperativa Agrícola e Leiteira de Vagos", em: *Intensificação da Produção Leiteira* , Colectânea de textos, Lacticoop, Aveiro. *Tabela do Movimento Fisiológico em Portugal*, anos de 1913 a 1926, Arquivos do Instituto Nacional de Higiene, Lisboa.

TOYNE, Peter e NEWBY, Peter T. - 1971 - *Techniques in Human Geography* , Londres.

TRINDADE, Maria Beatriz Rocha - 1976 - "Comunidades Migrantes em Situação Dipolar", em: *Análise Social*, nº. 12, Lisboa.

— 1981 - "Estudos sobre a Emigração Portuguesa", em *Cadernos da Revista de História Económica e Social*, nºs. 1-2, Lisboa.

VASCONCELOS, J. Leite - 1936 - *Etnografia Portuguesa* ,vol. II, Lisboa.

— 1946 - *Etnografia Portuguesa*, vol. III, Lisboa.

VIEIRA, F. Domingues - 1873 - *Grande Diccionário Portuguez*, Porto.

VIDAL, Manuel Gonçalves - 1958 - *Marcas de contrastes e ourives portugueses, desde o século XV a 1950*; prefácio do Prof. Reinaldo dos Santos; ed. Casa da Moeda, Lisboa.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de - 1798 - *Elucidário das palavras, termos e frases, que em Portugal antigamente se usárão e que hoje regularmente se ignorão, [...]*, 2 tomos, Porto.

VITERBO, Sousa - 1896 - *Exposição de Arte Ornamental*, Viana do Castelo.

— 1899 - "Ourivezeiros", em *Revista Lusitana*, vol. V.

— 1903 - *Artes e industrias metálicas em Portugal ourives-espadeiros - ourives de Gineta - Freeiros*, Lisboa.

— 1914 - *Artes de industrias metálicas em Portugal - Moedeiros*, ed. Imprensa Nacional, Lisboa.

3 — IMPRENSA REGIONAL

— *Defesa de Mirã*

— *Gazeta de Cantanhede*

# ANEXOS

## INQUÉRITOS

— MODELO 1

Nº.....
LUGAR..... FREGUESIA ..... DATA .....
SEXO M F
IDADE .....
PROFISSÃO .....
NATURALIDADE.....
Reside na Gândara S N
Bairrada S N
Noutra região — Qual? .....

---

## OURIVES

— MODELO 2

1. Nome da localidade ..... Data ...../ ...../ ..... Nº .....
2. Estabelecimento de: relojoaria .....
ourivesaria .....
3. Naturalidade do proprietário .....
4. Quando se estabeleceu..... com que idade.....
5. O que fazia anteriormente ourives ambulante.....S.....N.....
outra profissão ..... Qual?.....
6. Profissão do pai .....
7. Com quem começou a trabalhar no comércio do ouro?.....
Porquê?.....
8. Com que idade começou a ser ourives ambulante?.....
9. Quanto tempo estava fora de casa?.....
10. Qual a área para onde se deslocava? .....
11. Como se deslocava? .....
12. Porque se estabeleceu neste local .....
1 -Era a área onde trabalhava ..... S.....N.....
2 -Outras razões ..... S Quais? .....
13. Onde se abastece? .....
14. Como explica o aparecimento do comércio do ouro, principalmente na freguesia de FEBRES .....
.....
.....
15. Observações que considere úteis .....
.....
.....

## SITUAÇÃO ACTUAL

— MODELO 3

INQUÉRITO Nº .....
Data .....
Lugar .....
Freguesia .....
Concelho .....

1. CARATERIZAÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR:

| Comp. do agreg. fam. | sexo | idade | est.civil | habili. | prof. princ. | outra (s) | Obs. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |

2. RENDIMENTO DO AGREGADO FAMILIAR:

— Exploração agrícola .....S..... N.....
— Reforma (s).....S.....N .....
— Origem nacional .....S.....N .....
— Origem estrangeira.....S ..... N.....
— Salários exclusivamente ..... S ..... N .....
— Outras actividades
comércio..... ramo .....
serviços..... Qual.....
indústria..... Qual .....
outros ..... Quais.....

3. ACTIVIDADE PROFISSIONAL E MOBILIDADE

— É reformado ..... S ..... N .....
— É reformado e trabalha ..... S ..... N.....
onde.....
— Está desempregado.....S .....N .....
— Profissão principal.....
— Tem ocupação secundária .....S .....N .....
qual .....
— Local onde exerce .....
— Desde quando .....
— Meio de transporte para o emprego .....
— Tempo médio de percurso .....
— Sempre exerceu esta profissão.....S .....N.....

Última profissão .....
Porque mudou.....

— Tem outros rendimentos de trabalho para além da profissão.....S.....N.....
Quais .....
Porquê .....

— Naturalidade.....
— Sempre residiu neste local.....S .....N.....
— Onde residiu anteriormente: no país.....S .....N.....
no estrangeiro.....S .....N.....
— Se no país, onde .....
Motivos da deslocação:.....
profissionais.....S .....N.....
casamento.....S .....N.....
outras.....S .....
quais.....

4. EMIGRAÇÃO

— Esteve sempre no mesmo país .....S .....N.....
Em quais:.....
Quando emigrou.—.Ano.....Mês.....
Emigrou legalmente.....S .....N.....
Clandestinamente.....S .....N.....
— Razões da emigração:
Económicas.....S .....N.....
Familiares.....S .....N.....
Outras.....S .....N.....
Quais.....

— Já regressou definitivamente.....S .....N.....
Pensa regressar.....S .....N.....
Quando.....
— Porque motivo regressou: económico.....S .....N.....
familiar.....S .....N.....
outro.....S .....N.....
Qual.....
— Recebeu subsídio no país de acolhimento.....S .....N.....
— De que montante.....

5. EMIGRAÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR

| parent. | idade | prof. em Port. | prof. no país estrang. | qd. emigrou | qd. regressou | Obs. |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |

## 6. CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA AGRÍCOLA

Estrutura fundiária:

— Tem terras próprias.....S .....N.....
número de parcelas .....
área aproximada do conjunto.....
área aproximada da maior..... da menor.....
Como a adquiriu — Herança..... Compra .....
Doação..... Outras.....
— Tem terras de renda .....S .....N.....
número de parcelas.....
área aproximada do conj.....
área aproximada da maior..... da menor.....
A renda é paga — dinheiro..... espécie .....
— Pensa aumentar a exploração agrícola .....S .....N.....
por compra .....por renda.....
porquê.....
.....

## 7. CULTURAS PREDOMINANTES

| Quais as culturas que predominantente efectua | Período do ano em que as efectua |
|---|---|
| 1ª ..... | ..... |
| 2ª ..... | ..... |
| 3ª ..... | ..... |

Sempre as cultivou .....S .....N.....
Quais as anteriores.....
Porque mudou: .....
Quando:.....

Destino das espécies cultivadas:

| | Consumo próprio | venda |
|---|---|---|
| 1º | ..... | ..... |
| 2º | ..... | ..... |
| 3º | ..... | ..... |

| A venda é efectuada: | Localidade: |
|---|---|
| mercado.....% | ..... |
| feira .....% | ..... |
| revendedores.....% | ..... |
| cooperativas.....% | ..... |
| outros.....% | ..... |

## 8. REGA

número de parcelas:..... área regada .....
de onde vem a água.....
Transporte da água:— gravidade..... elevação.....
como eleva..... desde quando.....
Tipo de rega — aspersão..... desde quando.....
gota a gota..... desde quando.....
a pé.....

## 9. DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO DE TRABALHO NA EXPLORAÇÃO

Homens — todos os dias..... alg. h/dia .....
alg. dias/ semana..... fins semana .....
Mulheres — todos os dias..... al. h/ dia .....
alg. dias/ semana..... fins semana .....
Filhos — todos os dias..... alg. h/ dia.....
alg. dias/ semana..... fins semana.....

## 10. TRABALHO NA TERRA

Predomin. manual (enxada).....S .....N.....

| | próprio | alugado | emprestado | parceria | Obs |
|---|---|---|---|---|---|
| junta de bois. | | | | | |
| tractor | | | | | |
| outra maquinaria | | | | | |

Quando adquiriu as máquinas recorreu ao crédito.....S .....N.....
Utiliza estrume .....S .....N.....
Utiliza adubos.....S .....N..... desde quando .....
Tem assalariados.....S .....N.....
permanentes.....desde quando.....
quantos .....
eventuais ..... desde quando.....
Número de dias que trabalham/ano ..... período .....

## 11. EFECTIVO PECUÁRIO

— Criação de gado .....S .....N.....

| | Espécie | Nº animais | desde quando | há 10 anos | Obs |
|---|---|---|---|---|---|
| Bovino | | | | | |
| Suíno | | | | | |
| Outros | | | | | |

— Gado leiteiro .....S .....N.....
Nº de animais ..... Para onde vende o leite .....
Cooperativas ..... Qual.....
Desde quando .....
Empresas privadas ..... Qual .....
Desde quando .....

Estrutura da recolha:
Ordenha colectiva .....S .....N.....Privada.....S .....N.....
Com refrigeração .....S .....N.....
Quem a montou — cooperativa .....S .....N..... privado .....S .....N.....
quando adquiriu ..... porquê .....
.....

Utilização do efectivo pecuário:
Só leite ..... leite e trabalho ..... carne .....
só trabalho .....
Formas de exploração:
do próprio ..... parceria ..... outras .....
Alimentação: rações .....%onde adquire .....

pastagens .....%

12. HABITAÇÃO

— A casa onde habita é própria .....S .....N.....ou arrendada .....S .....N.....
se própria: por compra ..... const. ..... reconst. .....
herança ..... doação .....
anteriormente de quem era o terreno .....

— A casa onde habita é de familiares .....S .....N.....
— Tem água canalizada.....S .....N.....desde quando .....
— Tem fogão a lenha .....S .....N.....a gaz.....S .....N.....
eléctrico.....S .....N.....desde quando .....
— Tem luz eléctrica.....S .....N.....desde quando .....
— Tem rádio .....S .....N.....desde quando .....
— Tem televisão .....S .....N..... desde quando .....
— Tem frigorífico.....S .....N.....desde quando .....
— Tem outros electrodomésticos .....S .....N.....
Quais ..... desde quando .....
— Tem automóvel próprio.....S .....N.....

13. LOCAL ONDE SE ABASTECE DE PRODUTOS DE CONSUMO:

| | lugar % | Sede da freg % | outro % | feiras % | merc. % | estab. % | Obs. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Vestuário | | | | | | | |
| Alimentação | | | | | | | |

Observações: .....

15. QUANDO ESTÁ DOENTE RECORRE:

Farmácia..... Caixa Pev. .....
Casa do Povo ..... Médico particular..... Outros .....
Em 1º lugar ..... 2º ..... 3º .....
Onde .....

16. QUE PENSA DA ENTRADA DE PORTUGAL NA C.E.E.:

Vem trazer-lhe benefícios .....S .....N.....
Quais .....
Não tem opinião .....

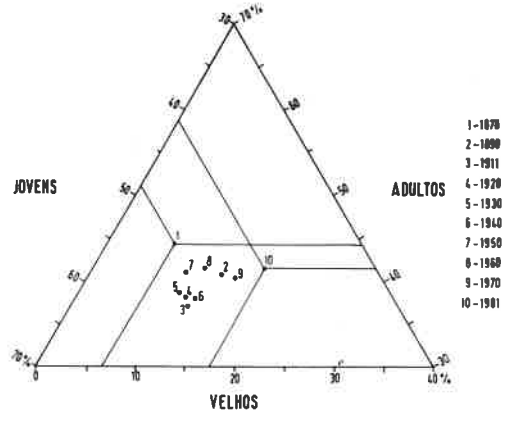



*Fig. I* — EVOLUÇÃO DA COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO POR GRANDES GRUPOS ETÁRIOS (%)
CONCELHO DE CANTANHEDE
1878-1981

FONTE: QUADRO XI A

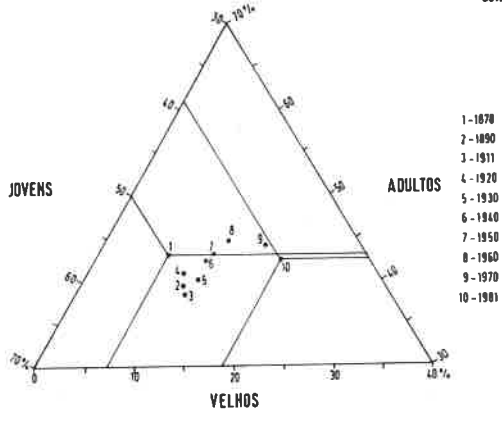



*Fig. II* — EVOLUÇÃO DA COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO POR GRANDES GRUPOS ETÁRIOS (%)
CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ
1878-1981

FONTE: QUADRO XII A

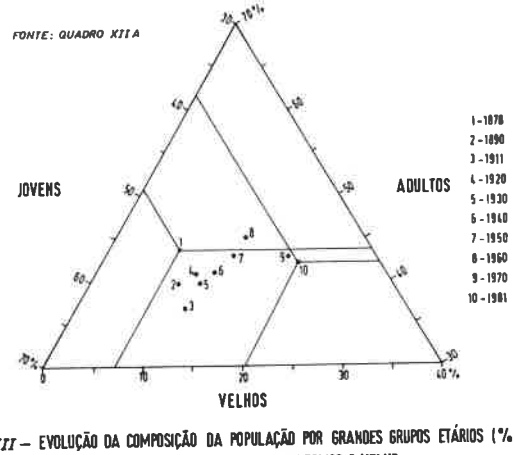



*Fig. III* — EVOLUÇÃO DA COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO POR GRANDES GRUPOS ETÁRIOS (%)
CONCELHO DE MONTEMOR-O-VELHO
1878-1981

FONTE: QUADRO XIII A

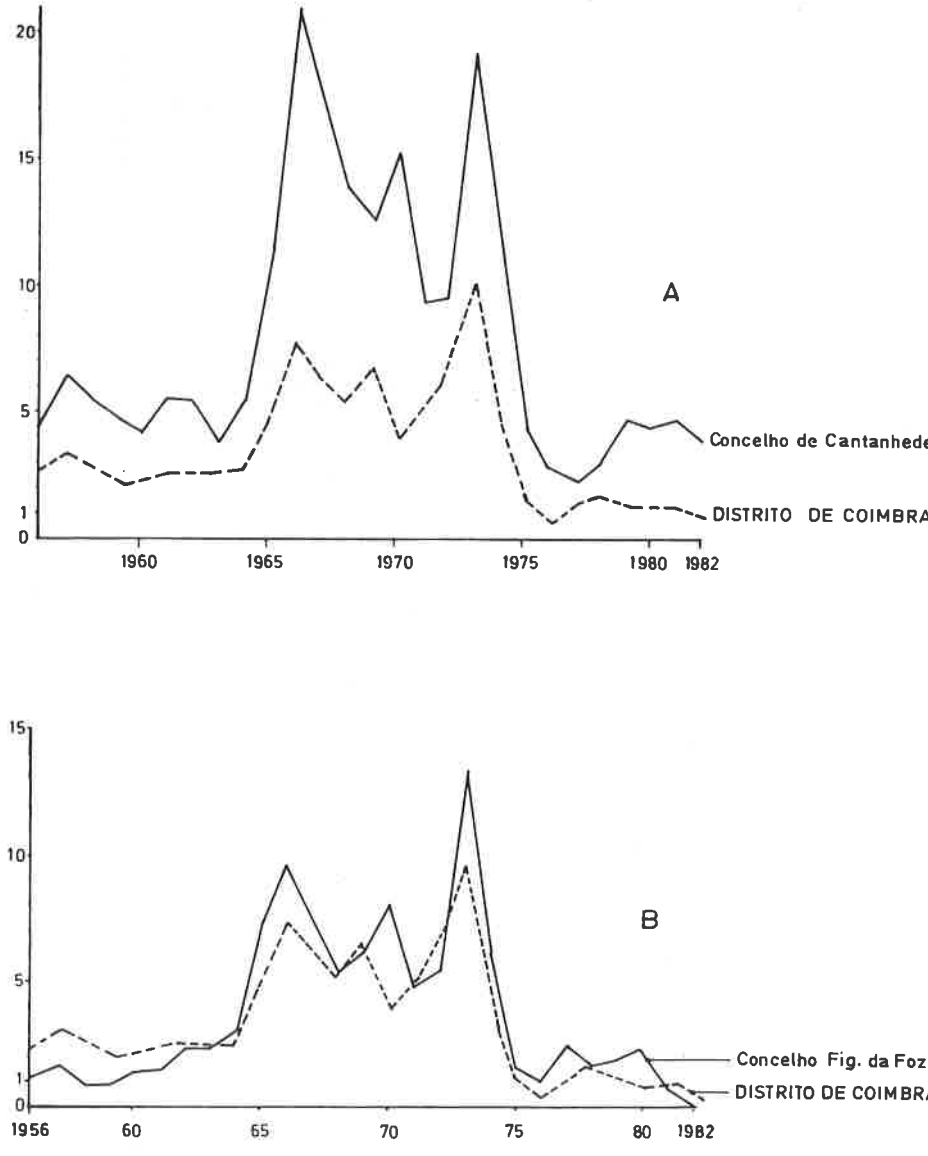



FIG. IV - Evolução da Taxa Emigratória por concelhos e no distrito, (1956 - 1982).

FONTE QUADRO X L I X

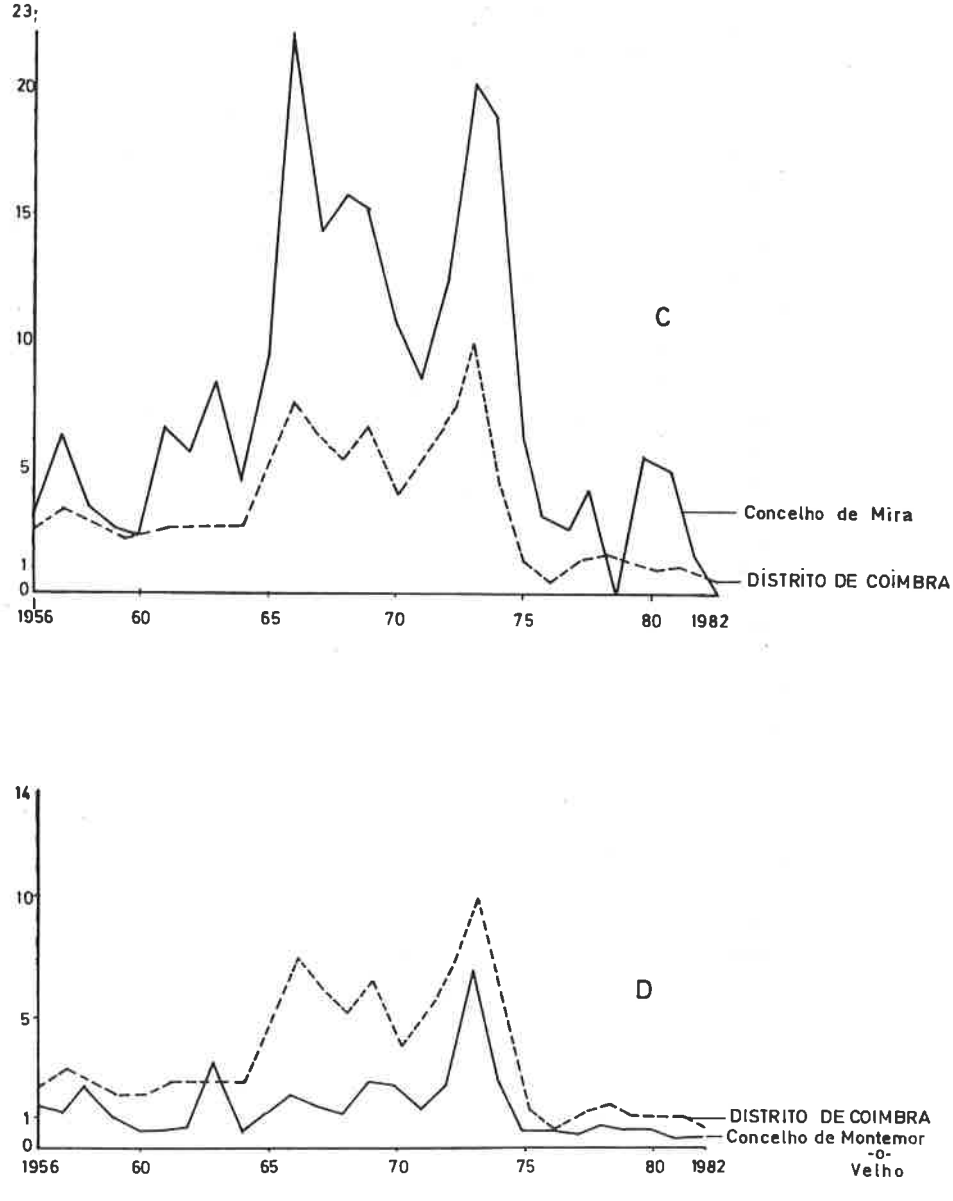



FIG. IV - Evolução da Taxa Emigratória por concelhos e no distrito, (1956 - 1982).

FONTE QUADRO XLIX

QUADRO Nº I- DISTRIBUIÇÃO DOS ELEITORES POR PROFISSÕES E RESPECTIVOS IMPOSTOS MÉDIOS, POR FREGUESIAS, EM 1876.

| Profissões | Febres | | Mira | | Quiaios | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | Imposto médio em reis | Nº. de eleitores | Imposto médio em reis | Nº. de eleitores | Imposto médio em reis | Nº. de eleitores |
| Administrador | – | – | 1 700 | 1 | – | – |
| Alfaiate | – | – | 1 975 | 1 | – | – |
| Almocreve | 2 866 | 4 | 2 171 | 38 | 2 204 | 32 |
| Alveitor | 5 310 | 1 | – | – | – | – |
| Bacharel | – | – | 14 520 | 1 | – | – |
| Barbeiro | 3 180 | 3 | 2 952 | 4 | – | – |
| Barqueiro | – | – | 6 930 | 1 | – | – |
| Boticário | – | – | 2 905 | 1 | – | – |
| Calafate | – | – | 4 217 | 1 | – | – |
| Caleiro | 3 305 | 1 | – | – | – | – |
| Carpinteiro | 2 575 | 1 | 2 120 | 6 | – | – |
| Carreiro | – | – | 1 180 | 1 | – | – |
| Cirurgião | – | – | – | – | 14 697 | 1 |
| Cordoeiro | – | – | 1 110 | 1 | – | – |
| Escrivão Judicial | – | – | 5 001 | 6 | – | – |
| Estanqueiro | – | – | 1 110 | 1 | – | – |
| Farmacêutico | – | – | – | – | 8 415 | 2 |
| Ferrador | 2 271 | 2 | 4 440 | 1 | 2 328 | 2 |
| Ferreiro | 3 584 | 2 | 1 146 | 6 | – | – |
| Fogueteiro | – | – | 1 110 | 1 | – | – |
| Jornaleiro | 1 080 | 1 | – | – | – | – |
| Latoeiro | – | – | 2 020 | 1 | – | – |
| Lavrador | 3 271 | 227 | 5 025 | 9 | 1 611 | 118 |
| Militar | – | – | 2 560 | 2 | – | – |
| Moleiro | – | – | 3 010 | 27 | 4 255 | 2 |
| Negociante | 10 062 | 5 | 6 054 | 17 | 5 540 | 1 |
| Padeiro | – | – | 3 130 | 2 | – | – |
| Pedreiro | – | – | – | – | 1 375 | 9 |
| Pescador | – | – | 1 150 | 1 | 1 293 | 4 |
| Professor | 6 520 | 1 | 100 000 | 1 | – | – |
| Proprietário | – | – | 14 958 | 45 | 5 014 | 16 |
| Oleiro | 1 390 | 1 | – | – | – | – |
| Sangrador | – | – | – | – | 2 427 | 1 |
| Sapateiro | – | – | 1 000 | 2 | 1 195 | 2 |
| Seareiro | 2 165 | 73 | 2 870 | 492 | 1 436 | 53 |
| Serrador | – | – | 1 047 | 2 | 1 058 | 1 |
| Serralheiro | – | – | 2 997 | 2 | – | – |
| Taberneiro | 4 387 | 5 | 5 904 | 9 | 2 195 | 3 |
| Tanoeiro | – | – | – | – | 1 208 | 1 |
| Tendeiro | – | – | 1 700 | 1 | – | – |
| Torneiro | – | – | 2 300 | 1 | – | – |
| Trabalhador | 1 442 | 20 | – | – | 1 590 | 41 |
| Veterinário | – | – | 3 400 | 1 | – | – |
| Total de eleitores | – | 347 | – | 686 | – | 289 |

FONTE: A.U.C. - *Documentação do Governo Civil*, Recenseamento Eleitoral de 1876".

QUADRO Nº II- DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ELEITORA POR PROFISSÕES NA FREGUESIA DE Nª.Sª.DE FEBRES., 1876.

| Sectores de Act. | Profissões | Total eleitores | % |
|---|---|---|---|
| Primário | Jornaleiro | 1 | 0.3 |
| | Lavrador | 227 | 70.8 |
| | Seareiro | 73 | 22.7 |
| | Trabalhador | 20 | 6.2 |
| | Total | 321 | 100.0 |
| Secundário | Alveitor | 1 | 12.5 |
| | Caleiro | 1 | 12.5 |
| | Carpinteiro | 1 | 12.5 |
| | Ferrador | 2 | 25.0 |
| | Ferreiro | 2 | 25.0 |
| | Oleiro | 1 | 12.5 |
| | Total | 8 | 100.0 |
| Terciário | Almocreve | 4 | 22.3 |
| | Barbeiro | 3 | 16.6 |
| | Negociante | 5 | 27.8 |
| | Professor | 1 | 5.5 |
| | Taberneiro | 5 | 27.8 |
| | Total | 18 | 100.0 |

Fonte: - A.U.C. - Documentação do Governo Civil, "Recenseamento Eleitoral de 1876".

QUADRO Nº III -DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ELEITORA POR PROFISSÕES NA FREGUESIA DE S. TOMÉ DE MIRA, 1876.

| Sectores de actividade | Profissões | Total eleitores | % |
|---|---|---|---|
| Primário | Lavradores | 9 | 1.6 |
| | Pescador | 1 | 0.2 |
| | Seareiro | 492 | 90.0 |
| | Proprietário | 45 | 8.2 |
| | Total | 547 | 100.0 |
| Secundário | Alfaiate | 1 | 1.9 |
| | Calafate | 1 | 1.9 |
| | Carpinteiro | 6 | 11.1 |
| | Cordoeiro | 1 | 1.9 |
| | Ferrador | 1 | 1.9 |
| | Ferreiro | 6 | 11.1 |
| | Fogueteiro | 1 | 1.9 |
| | Latoeiro | 1 | 1.9 |
| | Moleiro | 27 | 50.0 |
| | Padeiro | 2 | 3.7 |
| | Sapateiro | 2 | 3.7 |
| | Serrador | 2 | 3.7 |
| | Serralheiro | 2 | 3.7 |
| | Torneiro | 1 | 1.9 |
| | Total | 54 | 100.0 |
| Terciário | Administrador | 1 | 1.2 |
| | Almocreve | 38 | 44.6 |
| | Bacharel | 1 | 1.2 |
| | Barbeiro | 4 | 4.7 |
| | Barqueiro | 1 | 1.2 |
| | Boticário | 1 | 1.2 |
| | Carreiro | 1 | 1.2 |
| | Esc. Judicial | 6 | 7.0 |
| | Estanqueiro | 1 | 1.2 |
| | Militar | 2 | 2.4 |
| | Negociante | 17 | 20.0 |
| | Professor | 1 | 1.2 |
| | Taberneiro | 9 | 10.5 |
| | Tendeiro | 1 | 1.2 |
| | Veterinário | 1 | 1.2 |
| | Total | 85 | 100.0 |

Fonte: A.U.C. - *Documentação do Governo Civil*, "Recenseamento Eleitoral de 1876".

QUADRO Nº IV- DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ELEITORA POR PROFISSÕES NA FREGUESIA DE S. MAMEDE DE QUIAIOS, 1876.

| Sectores de Act. | Profissões | Total eleit. | % |
|---|---|---|---|
| Primário | Lavrador | 118 | 50.9 |
| | Pescador | 4 | 1.7 |
| | Proprietário | 16 | 6.9 |
| | Seareiro | 53 | 22.8 |
| | Trabalhador | 41 | 17.7 |
| | Total | 232 | 100.0 |
| Secundário | Ferrador | 2 | 11.8 |
| | Moleiro | 2 | 11.8 |
| | Pedreiro | 9 | 53.0 |
| | Sapateiro | 2 | 11.8 |
| | Serrador | 1 | 5.8 |
| | Tanoeiro | 1 | 5.8 |
| | Total | 17 | 100.0 |
| Terciário | Almocreve | 32 | 80.0 |
| | Cirurgião | 1 | 2.5 |
| | Farmacêutico | 2 | 5.0 |
| | Negociante | 1 | 2.5 |
| | Sangrador | 1 | 2.5 |
| | Taberneiro | 3 | 7.5 |
| | Total | 40 | 100.0 |

Fonte: A.U.C. - *Documentação do Governo Civil*, "Recenseamento Eleitoral de 1876".

QUADRO Nº V- EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO POR FREGUESIAS DE 1527 - 1981

| Anos / Freguesias | 1527a | 1758a | 1768 | 1798 | 1802 | 1838 | 1854 | 1864 | 1878 | 1890 | 1900 | 1911 | 1920 | 1930 | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1981 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Alhadas | – | 2095 | – | – | – | 4100 | 4572 | 3983 | 3999 | 4552 | 4281 | 4493 | 4482 | 4623 | 5148 | 5528 | 5845 | 6280 | 5881 |
| Arazede | 122 | 653 | 419 | 3762 | 4148 | 3719 | 4185 | 3686 | 3857 | 4386 | 4603 | 4920 | 4897 | 5289 | 5710 | 5709 | 6126 | 5825 | 6357 |
| Cadima | – | 2400 | 1953 | 3623 | 2546 | 3420 | 4275 | 3786 | 3782 | 4168 | 4184 | 4467 | 4166 | 4639 | 4997 | 5402 | 5585 | 5415 | 5519 |
| Cantanhede | – | 1893 | 689 | – | 2967 | – | 4442 | 6149 | 3739 | 4288 | 4316 | 4754 | 4807 | 5573 | 5964 | 6238 | 6630 | 6795 | 7498 |
| Covões | 122 | 1575 | 2804 | 2075 | 1999 | – | 3263 | 2719 | 2547 | 2805 | 3065 | 3166 | 3443 | 3605 | 4116 | 4553 | 4454 | 4195 | 3344 |
| Febres | – | 1265 | – | 1872 | 2667 | – | 3902 | 3506 | 3625 | 4123 | 3993 | 4362 | 4228 | 4767 | 5229 | 5778 | 6219 | 5685 | 5403 |
| Fer.-a-Nova | – | 492 | 1742 | – | 1192 | 1311 | 1661 | 1375 | 1397 | 1527 | 1646 | 2985 | 2023 | 2078 | 2428 | 3367 | 3325 | 2550 | 2877 |
| Liceia | – | 388 | 527 | – | 710 | 739 | 477 | 722 | 546 | 749 | 803 | 910 | 930 | 1018 | 1190 | 1296 | 1426 | 1570 | 1578 |
| Mira | 216 | 2170 | 3056 | 4757 | – | – | 7457 | 6014 | 6371 | 7283 | 7969 | 8510 | 8930 | 9627 | 11399 | 12952 | 13384 | 12855 | 13022 |
| Quiaios | 284 | 1500 | 1350 | 2853 | 1861 | 3856 | 4667 | 4427 | 4305 | 4613 | 4806 | 4596 | 4725 | 5075 | 5235 | 5323 | 5785 | 5250 | 6257 |
| Tocha | – | – | – | 2030 | – | 2442 | 3015 | 2303 | 2329 | 2648 | 2685 | 2985 | 2930 | 4446 | 3544 | 4532 | 5019 | 4120 | 4379 |

a) - População calculada. A população de Arazede refere-se ao ano

FONTES: - *Numeramento de 1527*, [...].
- A.N.T.T. - *Diccionário Geográfico, 1758.*
- *A População de Portugal em 1798. O censo de Pina Manique*, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, Paris, 1970.
- A.U.C. - *Mapas da População*, Caixas nºs 4, 5 e 6 Dep. III, Sec. 1ª - D - Est. 5 - Tab. 4 - nºs 29, 30 e 31.
- Antônio Luís de Sousa H. Seco - *Memória histórico-chorográfica dos diversos concelhos do distrito Administrativo de Coimbra*, Coimbra, 1854.
- Luis Fernando de Carvalho Dias - *Livro dos Forais Novos*. 1962.
- *Recenseamentos da População de 1864 a 1981.*

QUADRO Nº VI – *VARIAÇÃO INTERCENSITÁRIA DA POPULAÇÃO (p. 100) POR CONCELHOS (1864-1981)*

| Anos | 1864/1878 | | 1878/1890 | | 1890/1900 | | 1900/1911 | | 1911/1920 | | 1920/1930 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Concelhos | variação abs. | % | variação abs. | % | variação abs. | % | variação abs. | % | variação abs. | % | variação abs. | % |
| Cantanhede | +275 | +1.1 | +2358 | +9.4 | -47 | -0.2 | +2372 | +8.7 | -195 | -0.6 | +4538 | +15.5 |
| Fig. Foz | +721 | +2.1 | +5408 | +15.9 | +3249 | +8.2 | +2752 | +6.5 | -766 | -1.7 | +5434 | +12.2 |
| Mira | +357 | +5.9 | +912 | +14.3 | +686 | +9.4 | +541 | +6.7 | +420 | +4.9 | +697 | +7.8 |
| Mont.-o-V. | +388 | +2.9 | +1051 | +5.1 | +487 | +2.3 | +1949 | +8.8 | -461 | -1.9 | +1923 | +8.1 |

| 1930/1940 | | 1940/1950 | | 1950/1960 | | 1960/1970 | | 1970/1981 | | 1864/1981 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| variação abs. | % | variação abs. | % | variação abs. | % | variação abs. | % | variação abs. | % | variação abs. | % |
| +1795 | +5.3 | +3775 | +10.6 | +1230 | +3.1 | - 1652 | -4.1 | -701 | -1.8 | +13748 | +55.8 |
| +3126 | +6.2 | +3129 | +5.9 | +1668 | +2.9 | - 4318 | -7.4 | +5875 | +10.9 | 27273 | +79.3 |
| +1772 | +18.4 | +1553 | +13.6 | +432 | +3.3 | - 209 | +1.56 | -152 | -1.2 | +7009 | +116.5 |
| +1941 | +7.6 | +331 | +1.2 | -227 | -0.8 | -1013 | -3.7 | +607 | +2.3 | +7176 | +36.2 |

Fonte: *Recenseamentos da População [...]*.

QUADRO Nº VII NÚMERO DE NASCIMENTOS POR FREGUESIAS, 1864 a 1985

| Anos / Freguesias | 1864 | 1865 | 1866 | 1867 | 1868 | 1869 | 1870 | 1871 | 1872 | 1873 | 1874 | 1875 | 1876 | 1877 | 1878 | 1879 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Alhadas | 142 | 122 | 106 | 124 | 135 | 107 | 131 | 105 | 133 | 129 | 125 | 139 | 126 | 119 | 143 | 122 |
| Arazede | 108 | 113 | 109 | 123 | 119 | 109 | 123 | 113 | 98 | 134 | 123 | 142 | 117 | 135 | 102 | 115 |
| Cadima | 110 | 96 | 105 | 121 | 108 | 106 | 128 | 100 | 110 | 130 | 113 | 162 | 124 | 115 | 118 | 111 |
| Cantanhede | 95 | 89 | 95 | 89 | 93 | 92 | 90 | 70 | 91 | 104 | 107 | 104 | 103 | 99 | 114 | 97 |
| Covões | 56 | 59 | 80 | 87 | 74 | 65 | 70 | 67 | 72 | 82 | 72 | 82 | 80 | 82 | 65 | 80 |
| Febres | 77 | 87 | 89 | 91 | 72 | 97 | 75 | 85 | 84 | 108 | 85 | 136 | 101 | 109 | 102 | 126 |
| Fer. -a-Nova | 50 | 33 | 31 | 44 | 35 | 40 | 28 | 37 | 36 | 48 | 31 | 54 | 47 | 59 | 43 | 48 |
| Liceia | 31 | 27 | 26 | 19 | 24 | 21 | 22 | 18 | 17 | 13 | 19 | 31 | 29 | 28 | 30 | 21 |
| Mira | 161 | 199 | 180 | 213 | 176 | 182 | 200 | 180 | 175 | 229 | 181 | 251 | 183 | 181 | 194 | 216 |
| Quiaios | 148 | 141 | 127 | 127 | 132 | 113 | 138 | 104 | 100 | 120 | 122 | 127 | 133 | 117 | 123 | 137 |
| Tocha | 158 | 54 | 54 | 81 | 53 | 74 | 62 | 59 | 72 | 90 | 53 | 102 | 74 | 81 | 74 | 84 |

Fonte: Ver no fim do quadro.

| 1880 | 1881 | 1882 | 1883 | 1884 | 1885 | 1886 | 1887 | 1888 | 1889 | 1890 | 1891 | 1892 | 1893 | 1894 | 1895 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 118 | 134 | 143 | 139 | 131 | 120 | 106 | 138 | 103 | 132 | 88 | 139 | 125 | 126 | 120 | 115 |
| 104 | 132 | 108 | 141 | 106 | 107 | 164 | 136 | 122 | 138 | 126 | 133 | 137 | 149 | 126 | 125 |
| 133 | 121 | 105 | 114 | 130 | 96 | 127 | 121 | 122 | 124 | 118 | 127 | 128 | 112 | 116 | 114 |
| 97 | 115 | 95 | 105 | 115 | 104 | 105 | 119 | 96 | 115 | 103 | 114 | 106 | 112 | 101 | 95 |
| 66 | 70 | 65 | 69 | 63 | 73 | 75 | 63 | 77 | 72 | 71 | 68 | 58 | 80 | 63 | 72 |
| 92 | 104 | 103 | 108 | 104 | 96 | 115 | 114 | 108 | 91 | 123 | 99 | 97 | 111 | 87 | 106 |
| 54 | 63 | 69 | 56 | 60 | 67 | 60 | 40 | 44 | 42 | 56 | 40 | 47 | 44 | 46 | 45 |
| 24 | 35 | 26 | 29 | 28 | 26 | 29 | 26 | 30 | 26 | 28 | 30 | 22 | 26 | 26 | 27 |
| 211* | 197 | 201 | 219 | 214 | 222 | 240 | 246 | 216 | 234 | 251 | 269 | 231 | 214 | 201 | 230 |
| 124 | 121 | 125 | 144 | 122 | 166 | 155 | 144 | 141 | 161 | 128 | 129 | 115 | 151 | 113 | 131 |
| 63 | 86 | 71 | 79 | 63 | 77 | 87 | 86 | 91 | 71 | 80 | 74 | 56 | 76 | 73 | 75 |

Quadro VII(cont.)

QUADRO VII (cont.)

| 1896 | 1897 | 1898 | 1899 | 1900 | 1901 | 1902 | 1903 | 1904 | 1905 | 1906 | 1907 | 1908 | 1909 | 1910 | 1911 | 1912 | 1913 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 122 | 133 | 103 | 107 | 118 | 107 | 116 | 124 | 126 | 131 | 145 | 117 | 140 | 133 | 141 | 180 | 132 | 121 |
| 120 | 144 | 122 | 126 | 147 | 153 | 142 | 162 | 137 | 170 | 141 | 167 | 172 | 126 | 177 | 172 | 137 | 134 |
| 82 | 113 | 92 | 130 | 128 | 126 | 141 | 140 | 137 | 149 | 130 | 139 | 128 | 114 | 142 | 136 | 134 | 142 |
| 110 | 119 | 109 | 103 | 127 | 114 | 123 | 146 | 131 | 156 | 132 | 150 | 138 | 123 | 144 | 92 | 114 | 109 |
| 49 | 74 | 50 | 90 | 70 | 81 | 97 | 75 | 103 | 101 | 87 | 95 | 99 | 86 | 107 | 111 | 96 | 107 |
| 97 | 101 | 114 | 115 | 126 | 137 | 125 | 144 | 159 | 136 | 185 | 145 | 148 | 141 | 165 | 126 | 109 | 92 |
| 53 | 38 | 55 | 43 | 49 | 57 | 50 | 58 | 62 | 56 | 70 | 61 | 62 | 50 | 58 | 62 | 59 | 63 |
| 25 | 22 | 20 | 27 | 24 | 27 | 25 | 25 | 30 | 30 | 29 | 38 | 31 | 31 | 43 | 32 | 31 | 29 |
| 199 | 221 | 208 | 236 | 220 | 257 | 231 | 224 | 261 | 211 | 267 | 219 | 243 | 226 | 201 | 347 | 264 | 243 |
| 111 | 135 | 120 | 124 | 136 | 122 | 128 | 131 | 136 | 154 | 128 | 122 | 99 | 131 | 122 | 179 | 139 | 141 |
| 76 | 74 | 84 | 63 | 71 | 80 | 97 | 86 | 92 | 98 | 100 | 78 | 80 | 70 | 95 | 94 | 92 | 101 |

| 1914 | 1915 | 1916 | 1917 | 1918 | 1919 | 1920 | 1921 | 1922 | 1923 | 1924 | 1925 | 1926 | 1927 | 1928 | 1929 | 1930 | 1931 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 117 | 106 | 137 | 109 | 107 | 116 | 140 | 143 | 128 | 142 | 141 | 142 | 133 | 155 | 108 | 114 | 127 | 111 |
| 143 | 155 | 131 | 137 | 162 | 109 | 130 | 154 | 148 | 114 | 142 | 150 | 90 | 133 | 156 | 135 | 133 | 129 |
| 115 | 131 | 140 | 122 | 116 | 97 | 127 | 112 | 128 | 102 | 130 | 145 | 143 | 148 | 118 | 151 | 114 | 136 |
| 132 | 119 | 137 | 128 | 109 | 117 | 145 | 137 | 140 | 109 | 144 | 151 | 158 | 128 | 178 | 171 | 139 | 176 |
| 80 | 79 | 92 | 79 | 94 | 95 | 103 | 92 | 93 | 102 | 117 | 116 | 88 | 100 | 96 | 99 | 93 | 99 |
| 114 | 103 | 130 | 110 | 95 | 105 | 108 | 126 | 136 | 98 | 148 | 129 | 130 | 133 | 131 | 131 | 149 | 110 |
| 62 | 54 | 41 | 63 | 52 | 58 | 67 | 49 | 60 | 60 | 66 | 60 | 68 | 63 | 68 | 68 | 51 | 70 |
| 29 | 33 | 27 | 25 | 27 | 22 | 29 | 39 | 23 | 29 | 30 | 32 | 13 | 38 | 43 | 31 | 31 | 33 |
| 257 | 269 | 263 | 271 | 268 | 249 | 298 | 251 | 249 | 259 | 253 | 298 | 267 | 251 | 275 | 258 | 255 | 274 |
| 119 | 112 | 153 | 112 | 118 | 123 | 146 | 137 | 135 | 153 | 119 | 149 | 162 | 122 | 133 | 126 | 142 | 126 |
| 84 | 89 | 90 | 81 | 87 | 55 | 63 | 105 | 88 | 88 | 97 | 81 | 76 | 85 | 70 | 83 | 79 | 89 |

QUADRO VII (cont.)

QUADRO VII (cont.)

| 1932 | 1933 | 1934 | 1935 | 1936 | 1937 | 1938 | 1939 | 1940 | 1941 | 1942 | 1943 | 1944 | 1945 | 1946 | 1947 | 1948 | 1949 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 127 | 127 | 131 | 102 | 129 | 99 | 115 | 132 | 133 | 119 | 94 | 118 | 107 | 110 | 101 | 88 | 108 | 105 |
| 140 | 140 | 142 | 123 | 115 | 132 | 138 | 143 | 127 | 137 | 141 | 114 | 125 | 143 | 135 | 111 | 137 | 129 |
| 127 | 131 | 117 | 131 | 124 | 119 | 129 | 120 | 121 | 146 | 117 | 93 | 117 | 101 | 96 | 127 | 128 | 106 |
| 149 | 131 | 126 | 113 | 147 | 131 | 127 | 127 | 143 | 128 | 147 | 133 | 149 | 136 | 169 | 167 | 181 | 151 |
| 72 | 120 | 100 | 116 | 110 | 116 | 123 | 125 | 113 | 108 | 125 | 126 | 105 | 93 | 110 | 122 | 118 | 108 |
| 134 | 139 | 161 | 149 | 162 | 132 | 146 | 169 | 151 | 154 | 132 | 143 | 123 | 119 | 134 | 128 | 149 | 161 |
| 64 | 52 | 63 | 58 | 57 | 75 | 74 | 85 | 72 | 64 | 64 | 65 | 64 | 64 | 64 | 49 | 70 | 63 |
| 31 | 29 | 36 | 32 | 35 | 35 | 29 | 36 | 33 | 27 | 30 | 35 | 32 | 29 | 27 | 32 | 35 | 29 |
| 257 | 289 | 305 | 288 | 358 | 283 | 305 | 290 | 280 | 358 | 298 | 336 | 336 | 354 | 390 | 329 | 320 | 313 |
| 114 | 132 | 122 | 97 | 115 | 120 | 132 | 169 | 121 | 111 | 116 | 121 | 100 | 153 | 128 | 117 | 100 | 131 |
| 92 | 83 | 72 | 87 | 94 | 71 | 66 | 65 | 76 | 77 | 84 | 76 | 84 | 79 | 78 | 80 | 78 | 96 |

| 1950 | 1951 | 1952 | 1953 | 1954 | 1955 | 1956 | 1957 | 1958 | 1959 | 1960 | 1961 | 1962 | 1963 | 1964 | 1965 | 1966 | 1967 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 95 | 74 | 98 | 88 | 79 | 98 | 108 | 87 | 91 | 91 | 65 | 58 | 55 | 53 | 52 | 76 | 59 | 56 |
| 104 | 137 | 136 | 112 | 126 | 114 | 106 | 122 | 118 | 132 | 104 | 111 | 119 | 133 | 117 | 124 | 120 | 114 |
| 150 | 101 | 116 | 99 | 90 | 105 | 112 | 119 | 106 | 92 | 150 | 102 | 84 | 61 | 64 | 69 | 73 | 67 |
| 164 | 143 | 151 | 130 | 134 | 131 | 131 | 172 | 174 | 183 | 164 | 182 | 212 | 201 | 298 | 281 | 205 | 286 |
| 126 | 112 | 101 | 109 | 114 | 92 | 98 | 98 | 103 | 99 | 126 | 98 | 72 | 94 | 86 | 80 | 87 | 68 |
| 155 | 170 | 138 | 106 | 129 | 142 | 134 | 139 | 141 | 145 | 155 | 138 | 121 | 100 | 113 | 74 | 95 | 89 |
| 68 | 55 | 56 | 36 | 55 | 47 | 43 | 52 | 50 | 46 | 68 | 42 | 42 | 32 | 25 | 28 | 32 | 48 |
| 24 | 28 | 26 | 24 | 24 | 26 | 30 | 24 | 29 | 31 | 24 | 23 | 29 | 25 | 19 | 22 | 28 | 24 |
| 320 | 284 | 350 | 351 | 318 | 279 | 279 | 300 | 300 | 341 | 320 | 308 | 307 | 306 | 324 | 323 | 317 | 337 |
| 91 | 94 | 91 | 88 | 84 | 85 | 80 | 69 | 76 | 82 | 91 | 80 | 77 | 47 | 85 | 60 | 71 | 18 |
| 61 | 82 | 69 | 76 | 71 | 71 | 71 | 63 | 88 | 88 | 61 | 69 | 74 | 54 | 70 | 48 | 55 | 50 |

QUADRO VII(cont.)

QUADRO VII(conclus.)

| 1968 | 1969 | 1970 | 1971 | 1972 | 1973 | 1974 | 1975 | 1976 | 1977 | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1985 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 54 | 23 | 26 | 20 | 19 | 15 | 15 | 10 | 9 | 5 | 10 | 12 | 4 | 6 | 5 | 28 | 60 | 52 |
| 120 | 111 | 99 | 94 | 106 | 62 | 84 | 88 | 72 | 83 | 63 | 50 | 53 | 28 | 35 | 82 | 61 | 65 |
| 63 | 47 | 60 | 36 | 31 | 29 | 26 | 16 | 20 | 18 | 11 | 11 | 6 | 4 | 4 | 67 | 74 | 51 |
| 272 | 269 | 239 | 255 | 251 | 281 | 362 | 353 | 273 | 440 | 384 | 347 | 476 | 490 | 463 | 137 | 128 | 120 |
| 51 | 71 | 74 | 60 | 45 | 33 | 29 | 27 | 13 | 13 | 13 | 3 | 1 | 6 | 2 | 24 | 34 | 18 |
| 86 | 82 | 74 | 55 | 31 | 36 | 27 | 25 | 19 | 10 | 7 | 8 | 3 | - | 2 | 65 | 76 | 58 |
| 23 | 18 | 9 | 5 | 8 | 4 | 13 | 9 | 7 | 3 | 7 | - | 2 | - | - | 11 | 32 | 31 |
| 27 | 34 | 26 | 34 | 29 | 23 | 28 | 33 | 22 | 26 | 23 | 15 | 11 | 4 | 4 | 16 | 18 | 10 |
| 287 | 293 | 260 | 239 | 235 | 228 | 191 | 263 | 257 | 228 | 110 | 68 | 105 | 73 | 116 | 195 | 181 | 166 |
| 39 | 29 | 26 | 23 | 15 | 17 | 7 | 13 | 17 | 8 | 11 | 8 | 9 | 4 | 9 | 31 | 68 | 60 |
| 34 | 43 | 62 | 28 | 28 | 25 | 21 | 28 | 28 | 22 | 20 | 10 | 3 | 5 | 4 | 37 | 30 | 38 |

FONTE. A.U.C. : - *Livros de Registos Paroquais, baptizados, freguesia das Athadas, anos de 1864 a 1872.*

- *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de Arazede, anos de 1864 a 1872.*

- *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de Cadima, anos de 1864 a 1872.*

- *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de Cantanhede, anos de 1864 a 1872.*

- *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de S. António dos Covões, anos de 1864 a 1872.*

- *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de Nª. Sª. das Febres, anos de 1864 a 1872.*

- *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia de Ferreira-a-Nova, anos de 1864 a 1872.*

- *Livros de Registos Paroquais, baptizados, freguesia de Liceia, anos de 1864 a 1872.*

- *Livros de Registos Paroquais, baptizados, freguesia de S. Mamede de Quiaios, anos de 1864 a 1872.*

- *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, freguesia da Tocha, anos de 1864 a 1872.*

CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE CANTANHEDE: - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, anos de 1873 a Março de 1911;*

- *Livros de Registo Civil, Nascimentos, de Abril de 1911 a 1985.*

CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DA FIGUEIRA DA FOZ: - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, anos de 1873 a Março de 1911.*

- *Livros de Registo Civil, Nascimentos, do Abril de 1911 a 1985.*

CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE MIRA: - *Livros de Registos Paroquiais, baptizados, anos de 1864 a Março de 1911.*

- *Livros do Registo Civil, Nascimentos, de Abril de 1911 a 1985.*

CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE MONTEMOR-O-VELHO: - *Livros de Registos Paroquais, baptizados, anos de 1873 a Março de 1911.*

- *Livros de Registo Civil, Nascimentos, de Abril de 1911 a 1985.*

QUADRO Nº VIII-NÚMERO DE ÓBITOS POR FREGUESIA, 1864 a 1985

| Freguesias \ Anos | 1864 | 1865 | 1866 | 1867 | 1868 | 1869 | 1870 | 1871 | 1872 | 1873 | 1874 | 1875 | 1876 | 1877 | 1878 | 1879 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Alhadas | 100 | 96 | 70 | 54 | 86 | 89 | 106 | 89 | 83 | 87 | 87 | 56 | 80 | 98 | 90 | 98 |
| Arazede | 85 | 82 | 53 | 77 | 79 | 84 | 60 | 70 | 72 | 63 | 115 | 98 | 54 | 80 | 57 | 89 |
| Cadima | 85 | 59 | 72 | 78 | 51 | 96 | 80 | 63 | 47 | 68 | 134 | 53 | 62 | 61 | 63 | 58 |
| Cantanhede | 89 | 72 | 59 | 68 | 67 | 70 | 74 | 60 | 83 | 72 | 95 | 70 | 95 | 69 | 67 | 71 |
| Covões | 70 | 55 | 48 | 49 | 58 | 61 | 50 | 44 | 43 | 48 | 102 | 64 | 38 | 33 | 41 | 44 |
| Febres | 76 | 52 | 44 | 52 | 59 | 68 | 46 | 36 | 65 | 67 | 90 | 41 | 60 | 83 | 67 | 52 |
| Fer.-a-Nova | 45 | 34 | 26 | 27 | 49 | 24 | 51 | 30 | 37 | 33 | 46 | 25 | 26 | 31 | 36 | 40 |
| Liceia | 32 | 28 | 19 | 23 | 25 | 29 | 26 | 27 | 19 | 13 | 43 | 15 | 13 | 17 | 16 | 17 |
| Mira | 143 | 152 | 105 | 168 | 192 | 158 | 147 | 131 | 127 | 126 | 346 | 130 | 168 | 155 | 176 | 104 |
| Quiaios | 104 | 71 | 66 | 75 | 81 | 97 | 64 | 82 | 81 | 64 | 101 | 77 | 99 | 71 | 87 | 75 |
| Tocha | 51 | 40 | 27 | 42 | 61 | 45 | 50 | 55 | 30 | 42 | 116 | 38 | 45 | 50 | 45 | 39 |

Fonte: Ver no fim do quadro.

| 1880 | 1881 | 1882 | 1883 | 1884 | 1885 | 1886 | 1887 | 1888 | 1889 | 1890 | 1891 | 1892 | 1893 | 1894 | 1895 | 1896 | 1897 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 95 | 89 | 77 | 71 | 82 | 72 | 76 | 67 | 84 | 68 | 72 | 71 | 79 | 85 | 64 | 70 | 67 | 60 |
| 79 | 59 | 62 | 83 | 54 | 45 | 55 | 75 | 78 | 51 | 74 | 76 | 98 | 113 | 115 | 72 | 105 | 76 |
| 70 | 85 | 94 | 91 | 44 | 61 | 52 | 70 | 90 | 83 | 84 | 72 | 77 | 87 | 87 | 56 | 87 | 64 |
| 69 | 74 | 63 | 80 | 61 | 57 | 80 | 61 | 58 | 81 | 91 | 61 | 67 | 80 | 61 | 55 | 70 | 62 |
| 45 | 51 | 22 | 46 | 51 | 44 | 64 | 34 | 38 | 46 | 40 | 41 | 36 | 38 | 49 | 34 | 66 | 49 |
| 95 | 94 | 63 | 67 | 60 | 62 | 94 | 72 | 71 | 62 | 67 | 70 | 49 | 62 | 53 | 55 | 58 | 65 |
| 38 | 41 | 33 | 31 | 30 | 27 | 24 | 34 | 47 | 40 | 30 | 43 | 36 | 23 | 31 | 29 | 28 | 26 |
| 21 | 26 | 15 | 11 | 14 | 19 | 15 | 22 | 26 | 20 | 21 | 13 | 30 | 23 | 13 | 10 | 19 | 12 |
| 134 | 162 | 187 | 119 | 126 | 126 | 117 | 135 | 171 | 139 | 145 | 126 | 182 | 145 | 155 | 132 | 151 | 143 |
| 60 | 72 | 71 | 75 | 104 | 166 | 142 | 71 | 107 | 76 | 78 | 75 | 66 | 75 | 56 | 69 | 74 | 83 |
| 28 | 25 | 60 | 56 | 28 | 29 | 51 | 31 | 52 | 41 | 36 | 30 | 29 | 52 | 54 | 40 | 51 | 47 |

QUADRO VIII(cont.)

QUADRO VIII(cont.)

| 1898 | 1899 | 1900 | 1901 | 1902 | 1903 | 1904 | 1905 | 1906 | 1907 | 1908 | 1909 | 1910 | 1911 | 1912 | 1913 | 1914 | 1915 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 70 | 61 | 91 | 80 | 61 | 69 | 70 | 57 | 74 | 77 | 82 | 75 | 65 | 126 | 87 | 61 | 72 | 81 |
| 61 | 46 | 73 | 70 | 54 | 62 | 73 | 66 | 83 | 79 | 73 | 118 | 77 | 81 | 57 | 61 | 52 | 93 |
| 79 | 65 | 58 | 72 | 82 | 85 | 78 | 92 | 93 | 55 | 74 | 76 | 58 | 73 | 76 | 70 | 91 | 81 |
| 81 | 64 | 70 | 68 | 71 | 62 | 72 | 109 | 81 | 79 | 85 | 75 | 84 | 78 | 69 | 79 | 76 | 86 |
| 57 | 36 | 50 | 56 | 73 | 53 | 45 | 55 | 52 | 61 | 55 | 45 | 49 | 52 | 56 | 49 | 49 | 42 |
| 70 | 56 | 57 | 73 | 58 | 58 | 66 | 81 | 98 | 71 | 71 | 72 | 73 | 64 | 61 | 77 | 75 | 67 |
| 34 | 21 | 22 | 27 | 30 | 27 | 25 | 26 | 31 | 18 | 25 | 29 | 21 | 23 | 42 | 31 | 28 | 37 |
| 15 | 12 | 11 | 18 | 11 | 15 | 11 | 10 | 16 | 7 | 7 | 18 | 12 | 13 | 9 | 16 | 15 | 12 |
| 160 | 137 | 136 | 159 | 156 | 116 | 141 | 144 | 144 | 116 | 158 | 124 | 131 | 153 | 158 | 158 | 161 | 151 |
| 58 | 67 | 80 | 61 | 71 | 68 | 76 | 65 | 63 | 61 | 62 | 69 | 79 | 89 | 113 | 87 | 91 | 62 |
| 52 | 32 | 48 | 48 | 48 | 42 | 43 | 52 | 51 | 47 | 45 | 42 | 54 | 42 | 40 | 38 | 35 | 43 |

| 1916 | 1917 | 1918 | 1919 | 1920 | 1921 | 1922 | 1923 | 1924 | 1925 | 1926 | 1927 | 1928 | 1929 | 1930 | 1931 | 1932 | 1933 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 65 | 74 | 224 | 104 | 83 | 81 | 67 | 55 | 77 | 54 | 66 | 72 | 87 | 60 | 87 | 62 | 59 | 80 |
| 82 | 108 | 409 | 102 | 91 | 73 | 81 | 82 | 49 | 89 | 79 | 55 | 74 | 62 | 75 | 73 | 67 | 67 |
| 83 | 79 | 222 | 88 | 76 | 65 | 71 | 75 | 67 | 68 | 73 | 64 | 63 | 57 | 74 | 66 | 70 | 64 |
| 62 | 63 | 141 | 84 | 80 | 83 | 69 | 87 | 71 | 67 | 84 | 64 | 109 | 69 | 75 | 81 | 80 | 76 |
| 59 | 51 | 104 | 56 | 52 | 56 | 63 | 73 | 56 | 47 | 57 | 58 | 43 | 45 | 50 | 55 | 59 | 51 |
| 71 | 63 | 204 | 103 | 80 | 63 | 67 | 58 | 57 | 50 | 66 | 77 | 79 | 58 | 70 | 84 | 61 | 60 |
| 32 | 37 | 105 | 43 | 39 | 22 | 34 | 32 | 21 | 28 | 19 | 26 | 19 | 32 | 28 | 36 | 17 | 30 |
| 18 | 13 | 87 | 20 | 15 | 9 | 11 | 10 | 22 | 22 | 17 | 9 | 12 | 20 | 13 | 10 | 13 | 17 |
| 154 | 155 | 418 | 171 | 207 | 148 | 144 | 175 | 145 | 119 | 176 | 144 | 161 | 142 | 139 | 136 | 132 | 132 |
| 54 | 70 | 210 | 100 | 88 | 90 | 72 | 106 | 55 | 73 | 75 | 67 | 76 | 82 | 54 | 64 | 59 | 86 |
| 48 | 39 | 123 | 61 | 43 | 42 | 46 | 59 | 49 | 57 | 48 | 34 | 43 | 47 | 47 | 41 | 40 | 37 |

QUADRO VIII(cont.)

QUADRO VIII(cont.)

| 1934 | 1935 | 1936 | 1937 | 1938 | 1939 | 1940 | 1941 | 1942 | 1943 | 1944 | 1945 | 1946 | 1947 | 1948 | 1949 | 1950 | 1951 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 73 | 78 | 58 | 87 | 62 | 81 | 82 | 86 | 90 | 75 | 67 | 79 | 69 | 52 | 45 | 59 | 68 | 62 |
| 58 | 65 | 64 | 69 | 63 | 75 | 76 | 75 | 69 | 63 | 81 | 70 | 66 | 61 | 65 | 62 | 67 | 60 |
| 79 | 65 | 71 | 66 | 55 | 73 | 76 | 70 | 83 | 71 | 57 | 56 | 52 | 56 | 68 | 73 | 67 | 54 |
| 98 | 78 | 68 | 68 | 76 | 83 | 78 | 59 | 51 | 59 | 68 | 56 | 61 | 59 | 52 | 77 | 67 | 65 |
| 48 | 43 | 66 | 39 | 41 | 43 | 83 | 77 | 56 | 60 | 43 | 38 | 40 | 46 | 52 | 57 | 57 | 57 |
| 67 | 67 | 73 | 76 | 63 | 76 | 84 | 84 | 70 | 67 | 53 | 69 | 58 | 61 | 55 | 75 | 50 | 68 |
| 25 | 31 | 24 | 38 | 34 | 33 | 30 | 38 | 23 | 29 | 30 | 25 | 34 | 39 | 18 | 31 | 25 | 27 |
| 10 | 17 | 10 | 19 | 15 | 13 | 17 | 9 | 15 | 11 | 17 | 10 | 9 | 12 | 13 | 14 | 12 | 10 |
| 156 | 155 | 169 | 155 | 156 | 158 | 177 | 173 | 181 | 164 | 146 | 139 | 151 | 146 | 135 | 168 | 152 | 140 |
| 70 | 64 | 62 | 86 | 64 | 75 | 90 | 83 | 75 | 52 | 85 | 51 | 84 | 60 | 52 | 74 | 49 | 62 |
| 31 | 50 | 37 | 62 | 40 | 55 | 31 | 40 | 59 | 54 | 65 | 39 | 38 | 46 | 41 | 42 | 40 | 40 |

| 1952 | 1953 | 1954 | 1955 | 1956 | 1957 | 1958 | 1959 | 1960 | 1961 | 1962 | 1963 | 1964 | 1965 | 1966 | 1967 | 1968 | 1969 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 50 | 47 | 56 | 62 | 69 | 52 | 44 | 40 | 49 | 46 | 51 | 45 | 47 | 51 | 61 | 67 | 49 | 61 |
| 59 | 43 | 59 | 57 | 69 | 49 | 52 | 41 | 50 | 47 | 51 | 74 | 53 | 51 | 62 | 49 | 53 | 51 |
| 57 | 54 | 52 | 53 | 57 | 57 | 54 | 54 | 52 | 49 | 45 | 50 | 57 | 35 | 43 | 65 | 44 | 43 |
| 52 | 42 | 65 | 71 | 70 | 58 | 45 | 63 | 73 | 57 | 52 | 54 | 54 | 59 | 66 | 52 | 57 | 60 |
| 48 | 49 | 38 | 46 | 45 | 51 | 42 | 30 | 32 | 39 | 47 | 45 | 52 | 46 | 39 | 30 | 35 | 42 |
| 60 | 48 | 50 | 59 | 72 | 64 | 62 | 65 | 63 | 60 | 66 | 56 | 66 | 60 | 60 | 57 | 58 | 45 |
| 21 | 28 | 28 | 16 | 37 | 25 | 31 | 32 | 22 | 13 | 16 | 23 | 19 | 20 | 26 | 17 | 17 | 19 |
| 12 | 8 | 11 | 7 | 9 | 9 | 5 | 9 | 13 | 13 | 8 | 12 | 7 | 12 | 19 | 8 | 9 | 11 |
| 161 | 125 | 127 | 141 | 142 | 138 | 132 | 141 | 133 | 133 | 127 | 108 | 126 | 143 | 154 | 128 | 127 | 127 |
| 50 | 47 | 32 | 46 | 59 | 60 | 70 | 51 | 59 | 55 | 56 | 65 | 62 | 68 | 60 | 71 | 60 | 59 |
| 41 | 32 | 34 | 46 | 42 | 40 | 31 | 63 | 58 | 52 | 65 | 57 | 60 | 68 | 57 | 34 | 29 | 25 |

QUADRO VIII(cont.)

QUADRO VIII (Concl.)

| 1970 | 1971 | 1972 | 1973 | 1974 | 1975 | 1976 | 1977 | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1985 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 67 | 73 | 60 | 70 | 58 | 53 | 39 | 55 | 61 | 45 | 64 | 51 | 45 | 38 | 34 | 27 |
| 40 | 58 | 32 | 51 | 64 | 67 | 57 | 39 | 40 | 42 | 30 | 44 | 56 | 47 | 52 | 53 |
| 57 | 50 | 44 | 35 | 49 | 41 | 45 | 40 | 37 | 44 | 33 | 36 | 40 | 43 | 64 | 51 |
| 48 | 49 | 45 | 57 | 55 | 52 | 55 | 43 | 49 | 46 | 50 | 78 | 63 | 56 | 70 | 47 |
| 50 | 47 | 28 | 32 | 34 | 37 | 35 | 27 | 50 | 32 | 28 | 34 | 37 | 41 | 47 | 32 |
| 52 | 49 | 51 | 48 | 52 | 39 | 25 | 46 | 56 | 36 | 47 | 56 | 41 | 29 | 59 | 59 |
| 21 | 19 | 28 | 19 | 18 | 10 | 27 | 15 | 19 | 18 | 27 | 24 | 20 | 27 | 19 | 25 |
| 12 | 11 | 11 | 13 | 9 | 11 | 8 | 13 | 11 | 9 | 7 | 7 | 7 | 8 | 12 | 8 |
| 120 | 114 | 102 | 139 | 114 | 118 | 124 | 106 | 108 | 115 | 118 | 115 | 124 | 116 | 117 | 122 |
| 57 | 75 | 58 | 43 | 40 | 54 | 62 | 41 | 44 | 44 | 47 | 48 | 45 | 45 | 42 | 41 |
| 41 | 46 | 43 | 50 | 56 | 47 | 48 | 49 | 32 | 38 | 31 | 43 | 30 | 31 | 53 | 41 |

FONTES A.U.C. - *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, freguesia de Alhadas, anos de 1864 a 1872.*

- *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, freguesia de Arazede, anos de 1864 a 1872.*
- *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, freguesia de Cadima, anos de 1864 a 1872.*
- *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, freguesia de Cantanhede, anos de 1864 a 1872.*
- *Livros de Registos Paroquais, óbitos, freguesia de S. António dos Covões, anos de 1864 a 1872.*
- *Livros de Registos Paroquais, óbitos, freguesia de Nª. Sª. das Febres, anos de 1864 a 1872.*
- *Livros de Registos Paroquais, óbitos, freguesia de Ferreira-a-Nova, anos de 1864 a 1872.*
- *Livros de Registos Paroquais, óbitos, freguesia de Liceia anos de 1864 a 1872.*
- *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, freguesia de S. Mamede de Quiaios, anos de 1864 a 1872.*
- *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, freguesia da Tocha, anos de 1864 a 1872.*

CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE CANTANHEDE: - *Livros de Registos Paroquiais, óbitos, anos de 1873 a Março de 1911.*

- *Livros de Registo Civil, óbitos, de Abril de 1911 a 1985.*

CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DA FIGUEIRA DA FOZ: - *Livros de Regis - tos Paroquiais, óbitos, anos de 1873 a Março de 1911.*

- *Livros do Registo Civil, óbitos, Abril de 1911 a 1985.*

CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE MIRA: - *Livros de Registos Paroqui - ais, óbitos, anos de 1864 a Março de 1911.*

- *Livros de Registo Civil, óbitos, de Abril de 1911 a 1985.*

CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE MONTEMOR-O-VELHO

- *Livros de Registos Paroquais, óbitos, anos de 1873 a Março de 1911.*
- *Livros do Registo Civil, óbitos, de Abril 1911 a 1985.*

QUADRO Nº IX- MÉDIA ANUAL DOS NASCIMENTOS E ÓBITOS E CRESCIMENTO NATURAL MÉDIO, NOS PERÍODOS INTERCENSITÁRIOS POR FREGUESIAS.

| Períodos Intercensitários | 1864 - 1878 | | | 1878 - 1890 | | | 1890 - 1900 | | | 1900 - 1911 | | | 1911 - 1920 | | | 1920 - 1930 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Média Anual | | | Média Anual | | | Média Anual | | | Média Anual | | | Média Anual | | | Média Anual | | |
| Freguesias | Nascimento | Óbitos | crescimento Nat. | Nasc. | Óbitos | crescimento Nat. | Nasc. | Óbitos | crescimento Nat. | Nascimento | Óbitos | crescimento Nat. | Nasc. | Óbitos | crescimento Nat. | Nasc. | Óbitos | crescimento Nat. |
| Alhadas | 126 | 85 | 41 | 124 | 80 | 44 | 118 | 72 | 46 | 132 | 77 | 55 | 126 | 98 | 28 | 130 | 72 | 58 |
| Arazede | 118 | 75 | 43 | 123 | 66 | 57 | 132 | 83 | 49 | 155 | 76 | 79 | 141 | 113 | 28 | 135 | 74 | 61 |
| Cadima | 116 | 72 | 44 | 118 | 63 | 55 | 114 | 74 | 40 | 134 | 75 | 59 | 126 | 94 | 32 | 131 | 68 | 63 |
| Cantanhede | 96 | 74 | 22 | 106 | 70 | 36 | 109 | 69 | 40 | 131 | 78 | 53 | 120 | 82 | 38 | 145 | 78 | 67 |
| Covões | 73 | 54 | 19 | 70 | 44 | 26 | 68 | 45 | 23 | 93 | 54 | 39 | 94 | 57 | 37 | 100 | 55 | 45 |
| Febres | 93 | 60 | 33 | 107 | 71 | 36 | 107 | 60 | 47 | 145 | 70 | 75 | 109 | 87 | 22 | 129 | 66 | 63 |
| Fer.-a-Nova | 41 | 35 | 6 | 54 | 35 | 19 | 48 | 29 | 19 | 58 | 25 | 33 | 58 | 42 | 16 | 62 | 27 | 35 |
| Liceia | 24 | 23 | 1 | 28 | 19 | 9 | 25 | 16 | 9 | 30 | 12 | 18 | 28 | 22 | 6 | 31 | 15 | 16 |
| Mira | 192 | 161 | 31 | 220 | 141 | 79 | 191 | 146 | 45 | 242 | 139 | 103 | 280 | 173 | 107 | 266 | 134 | 132 |
| Quiaios | 125 | 81 | 44 | 132 | 91 | 41 | 127 | 71 | 56 | 132 | 70 | 62 | 134 | 96 | 38 | 139 | 76 | 63 |
| Tocha | 69 | 49 | 20 | 78 | 40 | 38 | 72 | 43 | 29 | 87 | 47 | 40 | 84 | 51 | 33 | 83 | 47 | 36 |

| 1930 - 1940 | | | 1940 - 1950 | | | 1950 - 1960 | | | 1960 - 1970 | | | 1970 - 1981 | | | 1981 - 1985 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Média Anual | | | Média Anual | | | Média Anual | | | Média Anual | | | Média Anual | | | Média Anual | | |
| Nascimento | Óbitos | crescimento Nat. | Nasc. | Óbitos | crescimento Nat. | Nasc. | Óbitos | crescimento Nat. | Nascimento | Óbitos | crescimento Nat. | Nasc. | Óbitos | crescimento Nat. | Nasc. | Óbitos | crescimento Nat. |
| 121 | 74 | 47 | 107 | 70 | 37 | 89 | 54 | 35 | 52 | 54 | - 2 | 13 | 58 | - 45 | 30 | 39 | - 9 |
| 132 | 68 | 64 | 127 | 69 | 58 | 119 | 55 | 64 | 115 | 53 | 62 | 74 | 51 | 23 | 54 | 50 | 4 |
| 124 | 69 | 55 | 118 | 66 | 52 | 112 | 56 | 56 | 76 | 49 | 27 | 24 | 43 | - 19 | 40 | 47 | - 7 |
| 137 | 78 | 59 | 151 | 62 | 89 | 153 | 61 | 92 | 235 | 57 | 178 | 346 | 53 | 293 | 268 | 63 | 205 |
| 108 | 53 | 55 | 114 | 55 | 59 | 107 | 45 | 62 | 83 | 42 | 41 | 29 | 36 | - 7 | 17 | 38 | - 21 |
| 147 | 71 | 76 | 141 | 66 | 75 | 141 | 60 | 81 | 103 | 58 | 45 | 25 | 46 | - 21 | 40 | 49 | - 9 |
| 66 | 30 | 36 | 64 | 29 | 35 | 52 | 27 | 25 | 33 | 19 | 14 | 6 | 20 | - 14 | 15 | 23 | - 8 |
| 33 | 14 | 19 | 30 | 13 | 17 | 26 | 10 | 16 | 25 | 11 | 14 | 23 | 10 | 13 | 10 | 8 | 2 |
| 284 | 135 | 149 | 330 | 139 | 191 | 307 | 131 | 176 | 296 | 131 | 165 | 203 | 126 | 77 | 146 | 119 | 27 |
| 126 | 70 | 56 | 117 | 69 | 48 | 85 | 53 | 32 | 57 | 61 | - 4 | 13 | 51 | - 38 | 34 | 44 | - 10 |
| 79 | 43 | 36 | 79 | 45 | 34 | 73 | 42 | 31 | 56 | 50 | 6 | 23 | 43 | - 20 | 23 | 40 | - 17 |

FONTE: - QUADROS VII e VIII

QUADRO Nº X – MÉDIA ANUAL DE NASCIMENTOS, ÓBITOS E CRESCIMENTO NATURAL, POR CONCELHOS *, 1886 a 1981.

| Concelhos | 1886-1890 | | | 1911-1920 | | | 1920-1930 | | | 1930-1940 | | | 1940-1950 | | | 1950-1960 | | | 1960-1970 | | | 1970-1981 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Média Anual | | | Média Anual | | | Média Anual | | | Média Anual | | | Média Anual | | | Média Anual | | | Média Anual | | | Média Anual | | |
| | Nasc. | Ób. | C.Nat. | Nasc. | Ób. | C.Nat. | Nasc. | Ób. | C.Nat. | Nasc. | Ób. | C.Nat. | Nasc. | Ób. | C.Nat. | Nasc. | Ób. | C.Nat. | Nasc. | Ób. | C.Nat. | Nasc. | Ób. | C.Nat. |
| Cantanhede | 765 | 500 | 265 | 846 | 570 | 276 | 899 | 469 | 430 | 916 | 491 | 425 | 917 | 473 | 444 | 888 | 411 | 477 | 787 | 397 | 390 | 558 | 404 | 154 |
| Fig. da Foz | 1252 | 830 | 422 | 1254 | 937 | 317 | 1326 | 778 | 548 | 1132 | 763 | 369 | 1062 | 720 | 342 | 1150 | 625 | 525 | 1101 | 650 | 451 | 970 | 678 | 292 |
| Mira | 248 | 153 | 95 | 280 | 173 | 107 | 266 | 134 | 132 | 284 | 135 | 149 | 330 | 139 | 191 | 307 | 131 | 176 | 296 | 131 | 165 | 203 | 126 | 77 |
| Mont.-O-Velho | 677 | 494 | 183 | 668 | 467 | 201 | 649 | 332 | 317 | 650 | 365 | 285 | 548 | 349 | 199 | 465 | 280 | 185 | 421 | 283 | 138 | 336 | 315 | 21 |

* - Não dispomos de informações estatísticas referentes ao número de nascimentos e óbitos por concelhos até 1886, e de 1897 a 1910.

FONTES - *Anuário Estatístico de Portugal*, anos de 1897 a 1912 e de 1926 a 1928.

- *Tabela do Movimento Fisiológico da População em Portugal*, Arquivos do Instituto Central de Higiene, Lisboa, 1913 a 1926.

- *Anuário Demográfico*, anos de 1929 a 1966.

- *Estatística Demográfica*, Instituto Nacional de Estatística, anos de 1967 a 1981.

QUADRO Nº XI : - EVOLUÇÃO DAS TAXAS DE NATALIDADE E MORTALIDADE (‰) NO DISTRITO DE COIMBRA E NO CONTINENTE, 1886 a 1981.

| Períodos Intercensit. | 1886 - 1890 | | 1890 - 1900 | | 1900 - 1911 | | 1911 - 1920 | | 1920 - 1930 | | 1930 - 1940 | | 1940 - 1950 | | 1950 - 1960 | | 1960 - 1970 | | 1970 - 1981 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Taxas ‰ | Taxa Nat. | Taxa mortal. | Taxa Nat. | Taxa mortal. | Taxa Nat. | Taxa mortal. | Taxa Nat. | Taxa mortal. | Taxa Nat. | Taxa mortal. | Taxa Nat. | Taxa mortal. | Taxa Nat. | Taxa mortal. | Taxa Nat. | Taxa mortal. | Taxa Nat. | Taxa mortal. | Taxa Nat. | Taxa mortal. |
| Distrito Coimbra | 32.13 | 20.72 | 28.55 | 18.38 | 27.18 | 15.88 | 27.14 | 19.71 | 28.90 | 17.04 | 24.05 | 15.09 | 21.43 | 13.76 | 19.91 | 11.08 | 19.22 | 11.12 | 16.64 | 11.47 |
| Continente | 36.48 | 24.88 | 31.42 | 24.73 | 32.09 | 22.21 | 31.86 | 23.22 | 32.96 | 20.27 | 28.26 | 16.67 | 24.55 | 14.53 | 21.11 | 11.29 | 21.72 | 10.38 | 18.23 | 10.21 |

FONTES: - *Anuário Estatístico* - Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, 1875.

- *Movimento da População. Estado Civil. Emigração*, Lisboa, Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, ano 1 - 10, 1887-1896.
- *Estatística do Movimento da População 1900 a 1911 - Casamentos, nascimentos e óbitos e emigração*, Lisboa, 1913.
- *Tabelas do Movimento Fisiológico da População de Portugal (1901-1910)* e *(1913-1926)*, Arquivos do Instituto Central de Higiene, Lisboa.
- *Anuário Demográfico (1929-1960)* e *Estatística Demográficas*, anos de 1961 a 1981, Instituto Nacional de Estatística.

QUADRO Nº XII - POPULAÇÃO POR SEXO E GRUPOS ETÁRIOS, POR FREGUESIAS, 1802

| Grupos Etários | 0 - 15 | | | 16 - 20 | | | 21 - 25 | | | 26 - 30 | | | 31 - 35 | | | 36 - 40 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Freguesias | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M |
| Arazede | 1 301 | 646 | 655 | 286 | 138 | 148 | 253 | 118 | 135 | 268 | 121 | 147 | 288 | 162 | 126 | 407 | 220 | 187 |
| Cadima | 817 | 374 | 433 | 131 | 56 | 75 | 170 | 80 | 90 | 146 | 77 | 69 | 182 | 92 | 90 | 200 | 100 | 100 |
| Cantanhede | 926 | 475 | 315 | 230 | 147 | 83 | 176 | 101 | 75 | 243 | 105 | 138 | 176 | 82 | 94 | 276 | 91 | 185 |
| Covões | 618 | 312 | 306 | 171 | 86 | 85 | 209 | 104 | 105 | 285 | 78 | 207 | 113 | 49 | 64 | 155 | 84 | 71 |
| Febres | 861 | 483 | 378 | 316 | 199 | 117 | 216 | 110 | 106 | 189 | 100 | 89 | 178 | 95 | 83 | 155 | 83 | 72 |
| F.-a-Nova | 511 | 282 | 229 | 117 | 55 | 62 | 78 | 42 | 36 | 89 | 31 | 58 | 64 | 32 | 32 | 76 | 34 | 42 |
| Liceia | 277 | 147 | 130 | 61 | 24 | 37 | 60 | 29 | 31 | 56 | 18 | 38 | 47 | 19 | 28 | 44 | 25 | 19 |
| Quiaios | 1 225 | 634 | 591 | 260 | 133 | 127 | 239 | 105 | 134 | 245 | 118 | 127 | 164 | 85 | 79 | 135 | 177 | 18 |

FONTE: A.U.C. - *Relação apresentada pelo pároco à diocese de Coimbra 31 de Dezembro, Anno de 1802.* [...]

QUADRO Nº XII (cont.)

| 41 - 45 | | | 46 - 50 | | | 51 - 55 | | | 55 - 60 | | | 61 - 65 | | | 66 - 70 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M |
| 376 | 215 | 161 | 207 | 123 | 147 | 279 | 183 | 96 | 193 | 102 | 91 | 130 | 92 | 38 | 92 | 57 | 35 |
| 129 | 62 | 67 | 199 | 99 | 100 | 149 | 79 | 70 | 177 | 82 | 95 | 83 | 41 | 42 | 68 | 33 | 35 |
| 184 | 93 | 91 | 233 | 119 | 114 | 236 | 129 | 107 | 182 | 109 | 73 | 216 | 153 | 63 | 78 | 38 | 40 |
| 69 | 38 | 31 | 148 | 62 | 86 | 63 | 30 | 33 | 78 | 46 | 32 | 27 | 16 | 11 | 23 | 15 | 8 |
| 150 | 69 | 81 | 199 | 97 | 102 | 94 | 32 | 62 | 107 | 56 | 51 | 97 | 39 | 58 | 85 | 42 | 43 |
| 70 | 36 | 34 | 59 | 35 | 24 | 43 | 19 | 24 | 16 | 11 | 5 | 37 | 18 | 19 | 10 | 4 | 6 |
| 26 | 14 | 12 | 46 | 23 | 23 | 26 | 13 | 13 | 32 | 19 | 13 | 9 | 3 | 6 | 13 | 7 | 6 |
| 126 | 70 | 56 | 165 | 94 | 71 | 82 | 36 | 46 | 102 | 49 | 53 | 35 | 19 | 16 | 45 | 19 | 26 |

QUADRO Nº XII. (conclus.)

| 71 - 75 | | | 76 - 80 | | | 81 - 85 | | | 86 e + | | | Total | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M |
| 34 | 19 | 15 | 31 | 23 | 8 | 22 | 14 | 8 | 13 | 6 | 7 | 4 243 | 2 239 | 2 004 |
| 54 | 23 | 31 | 26 | 12 | 14 | 10 | 5 | 5 | 6 | 3 | 3 | 2 546 | 1 217 | 1 329 |
| 10 | 2 | 8 | 1 | | 1 | - | - | - | - | - | - | 3 067 | 1 644 | 1 423 |
| 7 | 3 | 4 | 21 | 14 | 7 | 2 | 2 | 1 | 1 | 1 | | 1 990 | 940 | 1 050 |
| 50 | 23 | 27 | 15 | 9 | 6 | 10 | 4 | 6 | 5 | 3 | 2 | 2 727 | 1 444 | 1 283 |
| 12 | 6 | 6 | 5 | 2 | 3 | 4 | 2 | 2 | 1 | 1 | - | 1 192 | 610 | 582 |
| 8 | 5 | 3 | 3 | 2 | 1 | 2 | 1 | 1 | - | - | - | 710 | 349 | 361 |
| 19 | 10 | 9 | 11 | 4 | 7 | 4 | 1 | 3 | 4 | 2 | 2 | 2 861 | 1 496 | 1 365 |

QUADRO NO. XIII - POPULAÇÃO PRESENTE POR SEXO E GRUPOS ETÁRIOS, FREGUESIAS 1878.

| Grupos Etários | 0 - 15 | | | 16 - 20 | | | 21 - 25 | | | 26 - 30 | | | 31 - 35 | | | 36 - 40 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Freguesias | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M |
| Alhadas | 1 285 | 648 | 637 | 395 | 174 | 221 | 395 | 118 | 277 | 352 | 138 | 214 | 245 | 105 | 140 | 332 | 153 | 179 |
| Arazede | 1 431 | 728 | 703 | 377 | 155 | 222 | 242 | 96 | 146 | 260 | 117 | 143 | 240 | 107 | 133 | 294 | 133 | 161 |
| Cadima | 1 398 | 727 | 617 | 317 | 135 | 182 | 199 | 70 | 129 | 280 | 104 | 176 | 239 | 100 | 139 | 325 | 137 | 188 |
| Cantanhede | 1 182 | 616 | 566 | 337 | 142 | 195 | 301 | 137 | 164 | 302 | 108 | 194 | 264 | 106 | 158 | 267 | 105 | 162 |
| Covões | 914 | 435 | 479 | 187 | 76 | 111 | 132 | 45 | 87 | 174 | 59 | 115 | 137 | 48 | 89 | 212 | 96 | 116 |
| Febres | 1 141 | 593 | 548 | 336 | 157 | 179 | 318 | 134 | 184 | 294 | 136 | 158 | 235 | 117 | 118 | 277 | 131 | 146 |
| F.-a-Nova | 469 | 244 | 255 | 150 | 70 | 80 | 115 | 49 | 66 | 149 | 65 | 84 | 77 | 38 | 39 | 102 | 46 | 56 |
| Liceia | 238 | 104 | 134 | 56 | 29 | 27 | 50 | 13 | 37 | 72 | 29 | 43 | 60 | 33 | 27 | 52 | 21 | 31 |
| Mira | 2 095 | 1 115 | 980 | 691 | 324 | 367 | 388 | 156 | 232 | 489 | 168 | 321 | 388 | 175 | 213 | 522 | 241 | 281 |
| Quiaios | 1 538 | 775 | 763 | 411 | 186 | 225 | 289 | 119 | 170 | 320 | 130 | 190 | 249 | 113 | 136 | 366 | 174 | 191 |
| Tocha | 845 | 445 | 400 | 211 | 84 | 127 | 163 | 59 | 104 | 186 | 75 | 111 | 118 | 50 | 68 | 194 | 76 | 118 |

a) Inclui 1 indivíduo de idade desconhecida
b) " 5 " " " "
c) " 2 " " " "
d) " 1 " " " "
e) " 5 " " " "

FONTE: *Recenseamento da População*, 1878. Lisboa.

QUADRO N. XIII (cont.).

| 41 - 45 | | | 46 - 50 | | | 51 - 55 | | | 56 - 60 | | | 61 - 65 | | | 66 - 70 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M |
| 191 | 98 | 93 | 221 | 112 | 109 | 182 | 81 | 101 | 209 | 92 | 117 | 104 | 54 | 50 | 98 | 44 | 54 |
| 167 | 68 | 99 | 214 | 98 | 116 | 156 | 68 | 88 | 178 | 86 | 92 | 103 | 32 | 71 | 99 | 39 | 60 |
| 150 | 72 | 78 | 248 | 100 | 148 | 139 | 58 | 81 | 189 | 89 | 100 | 83 | 38 | 45 | 121 | 42 | 79 |
| 181 | 74 | 117 | 223 | 93 | 130 | 156 | 73 | 93 | 185 | 88 | 97 | 105 | 49 | 56 | 106 | 42 | 64 |
| 141 | 58 | 83 | 157 | 64 | 93 | 103 | 40 | 63 | 169 | 72 | 97 | 75 | 33 | 42 | 75 | 32 | 43 |
| 166 | 77 | 89 | 205 | 96 | 109 | 137 | 55 | 82 | 241 | 121 | 120 | 100 | 47 | 53 | 86 | 38 | 48 |
| 74 | 37 | 37 | 69 | 39 | 30 | 58 | 21 | 37 | 62 | 26 | 36 | 30 | 15 | 15 | 25 | 9 | 16 |
| 26 | 12 | 14 | 26 | 10 | 16 | 17 | 9 | 8 | 29 | 10 | 19 | 13 | 5 | 8 | 10 | 5 | 5 |
| 294 | 140 | 154 | 436 | 185 | 251 | 279 | 132 | 147 | 332 | 127 | 205 | 118 | 47 | 71 | 129 | 53 | 76 |
| 196 | 90 | 106 | 206 | 110 | 150 | 163 | 81 | 82 | 318 | 95 | 123 | 110 | 51 | 59 | 104 | 46 | 58 |
| 115 | 55 | 60 | 152 | 51 | 101 | 96 | 49 | 47 | 130 | 51 | 79 | 33 | 15 | 18 | 55 | 20 | 35 |

QUADRO NO. XIII (conclus.)

| 71 - 75 | | | 76 - 80 | | | 81 - 85 | | | 86 e mais | | | TOTAL | H | M |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | | | |
| 52 | 21 | 31 | 37 | 14 | 23 | 10 | 1 | 9 | 2 | | 2 | 3 999 | 1 856 | 2 143 |
| 37 | 16 | 21 | 35 | 8 | 27 | 12 | 6 | 6 | 13 | 4 | 9 | 3 857 | 1 762 | 2 095 |
| 44 | 22 | 22 | 38 | 12 | 26 | 5 | 3 | 2 | 7 | 1 | 6 | 3 782[a] | 1 710 | 2 072 |
| 49 | 15 | 34 | 44 | 18 | 26 | 8 | 3 | 5 | 16 | 6 | 10 | 3 739[b] | 1 663 | 2 076 |
| 34 | 13 | 21 | 24 | 8 | 16 | 6 | 1 | 5 | 7 | 1 | 6 | 2 547[c] | 1 077 | 1 470 |
| 32 | 12 | 20 | 30 | 11 | 19 | 8 | 4 | 4 | 13 | 4 | 9 | 3 625[d] | 1 728 | 1 897 |
| 10 | 3 | 7 | 9 | 3 | 6 | 1 | | 1 | - | - | - | 1 397 | 688 | 729 |
| 4 | 2 | 2 | 3 | 1 | 2 | - | - | - | - | - | - | 646 | 283 | 363 |
| 48 | 12 | 36 | 61 | 27 | 34 | 14 | 6 | 8 | 14 | 6 | 8 | 6 371[e] | 2 921 | 3 450 |
| 27 | 11 | 16 | 37 | 16 | 21 | 7 | 4 | 3 | 11 | 6 | 5 | 4 305 | 2 003 | 2 302 |
| 15 | 5 | 10 | 11 | 3 | 8 | 1 | 1 | - | 1 | - | 1 | 2 329 | 1 042 | 1 287 |

## QUADRO NQ. XIV - POPULAÇÃO RESIDENTE POR SEXO E GRUPOS ETÁRIOS, POR FREGUESIAS, 1981

| Grupos Etários | 0 - 14 | | | 15 - 19 | | | 20 - 24 | | | 25 - 29 | | | 30 - 34 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Freguesias | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M |
| Alhadas | 1 422 | 639 | 783 | 452 | 199 | 253 | 466 | 231 | 235 | 427 | 217 | 210 | 330 | 161 | 169 |
| Arazede | 1 524 | 743 | 781 | 553 | 253 | 300 | 531 | 283 | 248 | 428 | 233 | 195 | 339 | 162 | 177 |
| Cadima | 1 368 | 699 | 699 | 495 | 261 | 234 | 461 | 227 | 234 | 377 | 201 | 176 | 325 | 163 | 162 |
| Cantanhede | 1 901 | 833 | 1068 | 651 | 313 | 338 | 552 | 280 | 272 | 494 | 238 | 256 | 495 | 235 | 260 |
| Covões | 766 | 379 | 387 | 278 | 117 | 161 | 184 | 91 | 93 | 152 | 72 | 80 | 142 | 65 | 77 |
| Febres | 1 395 | 653 | 742 | 541 | 267 | 274 | 410 | 241 | 196 | 332 | 162 | 170 | 277 | 119 | 158 |
| F.a-Nova | 713 | 371 | 342 | 263 | 153 | 128 | 244 | 133 | 111 | 173 | 76 | 97 | 188 | 98 | 90 |
| Liceia | 462 | 239 | 233 | 143 | 68 | 75 | 105 | 57 | 48 | 83 | 37 | 46 | 92 | 49 | 43 |
| Mira | 3 353 | 1678 | 1675 | 1 132 | 560 | 572 | 1 016 | 527 | 489 | 920 | 435 | 485 | 807 | 370 | 437 |
| Ouiaios | 1 333 | 679 | 654 | 540 | 277 | 263 | 437 | 219 | 218 | 360 | 188 | 172 | 321 | 159 | 162 |
| Tocha | 1 010 | 521 | 489 | 332 | 164 | 168 | 345 | 185 | 169 | 288 | 161 | 127 | 264 | 125 | 139 |

FONTE: - *Recenseamento da População*, 1981. I.N.E., Lisboa.

QUADRO N. XIV (cont.)

| 35 - 39 | | | 40 - 44 | | | 45 - 49 | | | 50 - 54 | | | 55 - 59 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M |
| 326 | 153 | 173 | 382 | 166 | 216 | 395 | 185 | 210 | 372 | 181 | 191 | 327 | 151 | 176 |
| 368 | 157 | 211 | 357 | 174 | 183 | 364 | 169 | 195 | 384 | 172 | 212 | 361 | 183 | 178 |
| 291 | 123 | 168 | 352 | 150 | 202 | 341 | 173 | 168 | 326 | 166 | 160 | 272 | 129 | 146 |
| 459 | 221 | 238 | 457 | 211 | 246 | 399 | 183 | 216 | 499 | 211 | 288 | 433 | 194 | 239 |
| 190 | 75 | 115 | 223 | 86 | 137 | 231 | 118 | 113 | 199 | 87 | 112 | 201 | 84 | 117 |
| 246 | 106 | 140 | 327 | 132 | 195 | 319 | 116 | 203 | 331 | 131 | 200 | 289 | 140 | 149 |
| 123 | 87 | 36 | 206 | 84 | 122 | 188 | 106 | 82 | 161 | 79 | 82 | 134 | 61 | 73 |
| 80 | 38 | 42 | 108 | 41 | 67 | 91 | 53 | 38 | 78 | 36 | 42 | 73 | 36 | 37 |
| 798 | 363 | 435 | 746 | 342 | 404 | 749 | 330 | 419 | 706 | 323 | 383 | 713 | 296 | 417 |
| 334 | 140 | 194 | 345 | 149 | 196 | 301 | 138 | 163 | 371 | 176 | 195 | 304 | 131 | 173 |
| 250 | 116 | 134 | 283 | 126 | 157 | 282 | 133 | 149 | 280 | 131 | 149 | 240 | 101 | 139 |

QUADRO NQ. XIV (cont.)

| 60 - 64 | | | 65 - 69 | | | 70 - 74 | | | 75 - 79 | | | 80 - 84 | | | 85 e mais | | | Total | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M |
| 270 | 112 | 158 | 267 | 118 | 149 | 231 | 98 | 133 | 120 | 51 | 69 | 67 | 25 | 42 | 27 | 9 | 18 | 5 922 | 2 796 | 3 126 |
| 322 | 157 | 165 | 279 | 126 | 153 | 252 | 110 | 142 | 159 | 58 | 101 | 90 | 29 | 61 | 46 | 11 | 35 | 6 381 | 3 081 | 3 300 |
| 253 | 113 | 140 | 246 | 105 | 141 | 189 | 76 | 113 | 135 | 48 | 87 | 55 | 13 | 42 | 30 | 9 | 21 | 5 604 | 2 697 | 2 907 |
| 337 | 159 | 178 | 284 | 114 | 170 | 280 | 127 | 153 | 190 | 57 | 133 | 76 | 20 | 56 | 41 | 13 | 28 | 7 534 | 3 590 | 3 944 |
| 231 | 114 | 117 | 197 | 79 | 118 | 164 | 61 | 103 | 111 | 39 | 72 | 39 | 9 | 30 | 36 | 8 | 28 | 3 332 | 1 526 | 1 806 |
| 266 | 114 | 152 | 238 | 101 | 137 | 205 | 71 | 134 | 131 | 40 | 91 | 59 | 21 | 38 | 37 | 6 | 31 | 5 463 | 2 492 | 2 971 |
| 117 | 54 | 63 | 136 | 69 | 67 | 99 | 47 | 52 | 51 | 14 | 37 | 22 | 8 | 14 | 9 | 3 | 6 | 2 979 | 1 463 | 1 516 |
| 53 | 28 | 25 | 60 | 22 | 38 | 69 | 31 | 38 | 33 | 20 | 13 | 14 | 3 | 11 | 3 | 1 | 2 | 1 547 | 750 | 797 |
| 665 | 294 | 371 | 582 | 270 | 312 | 481 | 183 | 298 | 343 | 118 | 225 | 196 | 59 | 137 | 92 | 25 | 67 | 13 299 | 6 173 | 7 126 |
| 285 | 130 | 155 | 243 | 115 | 128 | 186 | 82 | 104 | 128 | 44 | 84 | 55 | 25 | 30 | 20 | 8 | 12 | 5 563 | 2 654 | 2 909 |
| 216 | 98 | 188 | 224 | 111 | 113 | 165 | 67 | 98 | 120 | 42 | 78 | 40 | 11 | 29 | 31 | 9 | 22 | 4 338 | 2 077 | 2 261 |

QUADRO Nº XV– DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR GRUPOS ETÁRIOS E SEXO NO CONCELHO DE CANTANHEDE, 1878 a 1981.

| Classes etári. | 0-24 | | | | | | 25-59 | | | | | | 60 e mais | | | | | | Idade desc. | | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Anos | HM | % | H | % | M | % | HM | % | H | % | M | % | HM | % | H | % | M | % | Total | % | | |
| 1878 | 12 050 | 48.4 | 5 873 | 23.6 | 6 177 | 24.8 | 10 961 | 44.1 | 4 656 | 18.7 | 6 305 | 25.4 | 1 865 | 7.5 | 765 | 3.1 | 1 100 | 4.4 | 15 | | 24 876 | 100 |
| 1890 | 12 494 | 46.0 | 6 233 | 22.9 | 6 261 | 23.1 | 10 932 | 40.3 | 4 608 | 17.0 | 6 324 | 23.3 | 3 706 | 13.4 | 2 073 | 7.6 | 1 633 | 6.0 | 102 | 0.3 | 27 234 | 100 |
| 1911 | 14 864 | 50.3 | 7 204 | 24.4 | 7 660 | 25.9 | 11 008 | 37.2 | 4 388 | 14.8 | 6 620 | 22.4 | 3 533 | 12.0 | 1 420 | 4.3 | 2 113 | 7.2 | 154 | 0.5 | 29 559 | 100 |
| 1920 | 14 869 | 50.6 | 7 200 | 24.5 | 7 669 | 26.1 | 11 140 | 37.9 | 4 454 | 15.2 | 6 686 | 22.7 | 3 267 | 11.1 | 1 285 | 4.8 | 1 982 | 5.3 | 88 | 0.3 | 29 364 | 100 |
| 1930 | 16 949 | 50.0 | 8 111 | 23.9 | 8 838 | 26.1 | 13 143 | 38.8 | 5 563 | 16.4 | 7 586 | 22.4 | 3 705 | 10.9 | 1 447 | 4.3 | 2 258 | 5.6 | 105 | 0.3 | 33 902 | 100 |
| 1940 | 17 662 | 49.5 | 8 723 | 24.4 | 8 939 | 25.1 | 17 713 | 38.4 | 5 854 | 16.4 | 7 859 | 22.0 | 4 219 | 11.8 | 1 572 | 4.4 | 2 647 | 7.4 | 103 | 0.3 | 35 697 | 100 |
| 1950 | 19 018 | 48.2 | 9 357 | 23.7 | 9 661 | 24.5 | 15 903 | 40.3 | 7 186 | 18.2 | 8 717 | 22.1 | 4 551 | 11.5 | 1 658 | 4.2 | 2 893 | 7.3 | – | – | 39 472 | 100 |
| 1960 | 19 104 | 46.2 | 9 510 | 23.0 | 9 594 | 23.2 | 17 249 | 41.8 | 7 953 | 19.3 | 9 296 | 22.5 | 4 950 | 12.0 | 1 871 | 4.5 | 3 079 | 7.5 | – | – | 41 303 | 100 |
| 1970 | 17 320 | 44.3 | 8 790 | 22.5 | 8 530 | 21.8 | 16 085 | 41.2 | 7 390 | 18.9 | 8 695 | 23.3 | 5 645 | 14.5 | 2 270 | 5.8 | 3 375 | 8.7 | – | – | 39 050 | 100 |
| 1981 | 15 701 | 40.6 | 8 031 | 20.8 | 7 670 | 19.8 | 16 006 | 41.3 | 7 433 | 19.2 | 8 573 | 22.1 | 7 010 | 18.1 | 2 865 | 7.4 | 4 145 | 10.7 | – | – | 38 717 | 100 |

Fonte: *Recenseamentos da população* [...].

QUADRO Nº XVI- DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR GRUPOS ETÁRIOS E SEXO NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, 1878 a 1981.

| Classes etárias | 0 - 24 | | | | | | 25 - 59 | | | | | | 60 e mais | | | | | | Idades | | TOTAL | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Anos | Total | % | H | % | M | % | Total | % | H | % | M | % | Total | % | H | % | M | % | | % | | % |
| 1878 | 17008 | 50.2 | 8232 | 24.3 | 8776 | 25.9 | 14572 | 43.1 | 6428 | 19.0 | 8144 | 24.1 | 2263 | 6.7 | 972 | 2.9 | 1291 | 3.8 | - | - | 33843 | 100 |
| 1890 | 19786 | 50.4 | 9561 | 24.4 | 10225 | 26.0 | 15361 | 39.1 | 7016 | 17.9 | 8345 | 21.2 | 3852 | 9.8 | 1698 | 4.3 | 2154 | 5.5 | 252 | 0.7 | 39251 | 100 |
| 1911 | 23383 | 51.7 | 11519 | 25.5 | 11864 | 26.2 | 17255 | 38.1 | 7193 | 15.9 | 10062 | 22.2 | 4510 | 10.0 | 1867 | 4.1 | 2643 | 5.9 | 104 | 0.2 | 45252 | 100 |
| 1920 | 22018 | 49.5 | 10836 | 24.4 | 11182 | 25.1 | 17731 | 39.9 | 7621 | 17.1 | 10110 | 22.8 | 4522 | 10.2 | 1820 | 4.1 | 2702 | 6.1 | 215 | 0.4 | 44486 | 100 |
| 1930 | 24298 | 48.7 | 12092 | 24.2 | 12206 | 24.5 | 19963 | 40.0 | 8457 | 16.9 | 11506 | 23.1 | 5559 | 11.1 | 2234 | 4.5 | 3325 | 6.6 | 100 | 0.2 | 49920 | 100 |
| 1940 | 24562 | 46.3 | 12385 | 23.3 | 12177 | 23.0 | 22455 | 42.4 | 10095 | 19.1 | 12360 | 23.3 | 5957 | 11.2 | 2285 | 4.3 | 3672 | 6.9 | 72 | 0.1 | 53046 | 100 |
| 1950 | 24908 | 44.3 | 12589 | 22.4 | 12319 | 21.9 | 24677 | 43.9 | 11337 | 20.2 | 13340 | 23.7 | 6590 | 11.7 | 2440 | 4.3 | 4150 | 7.4 | - | - | 56175 | 100 |
| 1960 | 23892 | 41.5 | 11843 | 20.6 | 12049 | 20.9 | 26054 | 45.2 | 12311 | 21.4 | 13743 | 23.8 | 7685 | 13.3 | 3045 | 5.3 | 4640 | 8.0 | - | - | 57631 | 100 |
| 1970 | 21235 | 39.7 | 10650 | 19.9 | 10585 | 19.8 | 23550 | 44.0 | 11040 | 20.6 | 12510 | 23.4 | 8740 | 16.3 | 3560 | 6.6 | 5180 | 9.7 | - | - | 53525 | 100 |
| 1981 | 22621 | 38.6 | 11374 | 19.4 | 11247 | 19.2 | 25561 | 43.6 | 12102 | 20.6 | 13459 | 23.0 | 10377 | 17.7 | 4411 | 7.5 | 5966 | 10.2 | - | - | 58559 | 100 |

Fonte: *Recenseamento da População. [...].*

QUADRO Nº XVII- DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR GRUPOS ETÁRIOS E SEXO, NO CONCELHO DE MONTEMOR-O-VELHO, 1878 a 1981.

| Classes etárias | 0-24 | | | | | | 25-55 | | | | | | 60 e mais | | | | | | Idade desc. | | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Anos | HM | % | H | % | M | % | HM | % | H | % | M | % | HM | % | H | % | M | % | Total | % | | |
| 1878 | 10 195 | 49.9 | 4 944 | 24.2 | 5 251 | 25.7 | 8 908 | 43.6 | 3 942 | 19.3 | 4 966 | 24.3 | 1 326 | 6.5 | 512 | 2.5 | 814 | 4.0 | | | 20 429 | 100 |
| 1890 | 11 105 | 51.7 | 5 468 | 25.5 | 5 637 | 26.2 | 8 185 | 38.1 | 3 568 | 16.6 | 4 617 | 21.5 | 2 104 | 9.8 | 902 | 4.2 | 1 202 | 5.6 | 86 | 0.4 | 21 480 | 100 |
| 1911 | 12 563 | 52.5 | 6 125 | 25.6 | 6 438 | 26.9 | 8 749 | 36.6 | 3 688 | 15.4 | 5 061 | 21.2 | 2 550 | 10.7 | 1 035 | 4.3 | 1 515 | 6.4 | 54 | 0.2 | 23 916 | 100 |
| 1920 | 11 581 | 49.4 | 5 622 | 29.0 | 5 959 | 25.4 | 9 376 | 40.0 | 3 926 | 16.8 | 5 450 | 23.2 | 2 407 | 10.3 | 981 | 4.2 | 1 426 | 6.1 | 91 | 0.4 | 23 455 | 100 |
| 1930 | 12 426 | 49.0 | 6 093 | 24.0 | 6 333 | 25.0 | 10 037 | 39.5 | 4 347 | 17.1 | 5 690 | 22.4 | 2 832 | 11.2 | 1 142 | 4.5 | 1 690 | 6.7 | 83 | 0.3 | 25 378 | 100 |
| 1940 | 12 752 | 46.7 | 6 423 | 23.5 | 6 329 | 23.2 | 11 135 | 40.8 | 4 996 | 18.3 | 6 139 | 22.5 | 3 363 | 12.3 | 1 336 | 4.9 | 2 027 | 7.4 | 69 | 0.2 | 27 319 | 100 |
| 1950 | 12 114 | 43.8 | 6 117 | 22.1 | 5 997 | 21.7 | 11 930 | 43.1 | 5 490 | 19.8 | 6 440 | 23.3 | 3 606 | 13.1 | 1 456 | 5.3 | 2 150 | 7.8 | - | - | 27 650 | 100 |
| 1960 | 11 235 | 40.2 | 5 689 | 20.4 | 5 546 | 19.8 | 12 568 | 45.0 | 6 015 | 21.5 | 6 553 | 23.5 | 4 122 | 14.8 | 1 687 | 6.1 | 2 435 | 8.7 | - | - | 27 925 | 100 |
| 1970 | 9 985 | 37.8 | 4 835 | 18.3 | 5 150 | 19.5 | 11 390 | 43.1 | 5 460 | 20.7 | 5 930 | 22.4 | 5 035 | 19.1 | 2 110 | 8.0 | 2 925 | 11.1 | - | - | 26 410 | 100 |
| 1981 | 10 207 | 37.4 | 5 242 | 19.2 | 4 965 | 18.2 | 11 488 | 42.1 | 5 489 | 20.1 | 5 999 | 22.0 | 5 579 | 20.5 | 2 404 | 8.8 | 3 175 | 11.7 | - | - | 27 274 | 100 |

Fonte : *Recenseamentos da População [...].*

QUADRO Nº XVIII— DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR GRUPOS ETÁRIOS E SEXO, NO CONCELHO DE MIRA, 1878 a 1981.

| Classes etárias | 0-24 | | | | | | 25-59 | | | | | | 60 e mais | | | | | | Idade desc. | | Total Pop. | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Anos | HM | % | H | % | M | % | HM | % | H | % | M | % | HM | % | H | % | | % | Total | % | | |
| 1878 | 3 084 | 48.4 | 1 567 | 24.5 | 1 517 | 23.8 | 2 850 | 44.7 | 1 217 | 19.1 | 1 633 | 25.6 | 437 | 6.9 | 179 | 2.8 | 258 | 4.1 | 8 | | 6 379 | 100 |
| 1890 | 3 519 | 48.4 | 1 751 | 24.0 | 1 768 | 24.3 | 2 858 | 39.2 | 1 261 | 17.3 | 1 597 | 21.9 | 753 | 10.3 | 327 | 4.5 | 426 | 5.8 | 153 | 2.1 | 7 283 | 100 |
| 1911 | 4 460 | 52.4 | 2 178 | 25.6 | 2 282 | 26.8 | 3 020 | 35.5 | 1 152 | 13.5 | 1 868 | 22.0 | 1 015 | 11.9 | 390 | 4.6 | 425 | 7.3 | 15 | 0.2 | 8 510 | 100 |
| 1920 | 4 596 | 51.5 | 2 251 | 25.2 | 2 345 | 26.3 | 3 345 | 37.5 | 1 404 | 15.7 | 1 941 | 21.8 | 967 | 10.8 | 366 | 4.1 | 601 | 6.7 | 22 | 0.2 | 8 930 | 100 |
| 1930 | 4 713 | 49.0 | 2 312 | 24.0 | 2 401 | 25.0 | 3 738 | 39.2 | 1 579 | 16.4 | 2 199 | 22.8 | 1 134 | 11.8 | 456 | 4.7 | 678 | 7.1 | 2 | | 9 627 | 100 |
| 1940 | 5 575 | 48.9 | 2 767 | 24.3 | 2 808 | 24.6 | 4 479 | 39.3 | 1 921 | 16.9 | 2 558 | 22.4 | 1 316 | 11.5 | 513 | 4.5 | 803 | 7.0 | 29 | 0.3 | 11 399 | 100 |
| 1950 | 6 403 | 49.4 | 3 199 | 24.7 | 3 204 | 24.7 | 5 055 | 39.1 | 2 193 | 17.0 | 2 862 | 22.1 | 1 494 | 11.5 | 561 | 3.6 | 933 | 7.9 | - | - | 12 952 | 100 |
| 1960 | 6 398 | 47.8 | 3 220 | 24.1 | 3 178 | 23.7 | 5 344 | 39.9 | 2 388 | 17.8 | 2 956 | 22.1 | 1 642 | 12.3 | 609 | 4.6 | 1 033 | 7.7 | - | - | 13 884 | 100 |
| 1970 | 5 990 | 45.5 | 3 030 | 23.0 | 2 960 | 22.5 | 5 140 | 39.0 | 2 330 | 17.7 | 2 810 | 21.3 | 2 045 | 15.5 | 810 | 6.9 | 1 135 | 8.6 | - | - | 13 175 | 100 |
| 1981 | 5 501 | 41.4 | 2 765 | 20.8 | 2 736 | 20.6 | 5 439 | 40.9 | 2 459 | 18.5 | 2 980 | 22.4 | 2 359 | 17.7 | 949 | 7.1 | 1 410 | 10.6 | - | - | 13 299 | 100 |

Fonte: *Recenseamentos da População [...]*.

QUADRO Nº XIX— DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE 1890.

| A. Geográficas | População Activa | | | | % de cada sector | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Concelhos | Primário | Secundário | Terciário | Total | Primário | Secundário | Terciário |
| Cantanhede | 10894 | 1282 | 1619 | 13795 | 78.9 | 9.2 | 11.9 |
| Fig. da Foz | 11320 | 3000 | 4125 | 18445 | 61.3 | 16.3 | 22.4 |
| Mira | 3202 | 237 | 149 | 3588 | 89.2 | 6.6 | 4.2 |
| Mont.-o-Velho | 7425 | 768 | 1602 | 9795 | 75.8 | 7.8 | 16.4 |
| Distrito Coimbra | 101953 | 26178 | 23687 | 151818 | 67.2 | 17.2 | 15.6 |

FONTE: - *Censo da População do Reino de Portugal, 1890*

QUADRO Nº XX — DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE 1900

| A. Geográficas | População Activa | | | | % de cada sector | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Concelhos | Primário | Secundário | Terciário | Total | Primário | Secundário | Terciário |
| Cantanhede | 10800 | 1123 | 790 | 12713 | 84.9 | 8.8 | 6.3 |
| Fig. da Foz | 12016 | 2892 | 3500 | 18408 | 65.2 | 15.7 | 19.1 |
| Mira | 3830 | 337 | 213 | 4380 | 87.4 | 7.6 | 5.0 |
| Mont.-o-Velho | 7102 | 940 | 987 | 9029 | 78.6 | 10.4 | 11.0 |
| Distrito Coimbra | 97081 | 23575 | 17558 | 138214 | 70.2 | 17.0 | 12.8 |

FONTE: - *Censo da População do Reino de Portugal, 1900*

QUADRO Nº XXI — DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE 1911

| A. Geográfic. | População Activa | | | | % de cada sector | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Concelhos | Primário | Secundário | Terciário | Total | Primário | Secundário | Terciário |
| Cantanhede | 9670 | 1410 | 1326 | 12406 | 77.9 | 11.4 | 10.7 |
| Fig. da Foz | 11241 | 3506 | 4287 | 19034 | 59.1 | 18.4 | 22.5 |
| Mira | 2706 | 392 | 294 | 3392 | 79.8 | 11.6 | 8.6 |
| Mont.-o-Velho | 7532 | 977 | 947 | 9456 | 79.7 | 10.3 | 10.0 |
| Distrito Coimbra | 93884 | 26974 | 21319 | 142177 | 66.0 | 18.9 | 15.1 |

FONTE: - *Censo da população de Portugal, 1911.*

QUADRO Nº XXII - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE 1930.

| A. Geográficas | População Activa | | | | % de cada sector | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Concelhos | Primário | Secundário | Terciário | Total | Primário | Secundário | Terciário |
| Cantanhede | 13511 | 1597 | 4388 | 19496 | 69.3 | 8.2 | 22.6 |
| Fig. da Foz | 14427 | 4802 | 10739 | 29968 | 48.1 | 16.0 | 35.9 |
| Mira | 4619 | 419 | 1145 | 6183 | 74.7 | 6.7 | 18.6 |
| Mont.-o-Velho | 9957 | 1190 | 3801 | 14948 | 66.6 | 7.9 | 25.5 |
| Distrito Coimbra | 120644 | 31009 | 74311 | 225964 | 53.3 | 13.7 | 33.0 |

FONTE: - *Recenseamento Geral da População, 1940.*

QUADRO Nº XXIII - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE - 1950

| A. Geográficas | População Activa | | | | % de cada sector | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Concelhos | Primário | Secundário | Terciário | Total | Primário | Secundário | Terciário |
| Cantanhede | 10100 | 1512 | 2318 | 13930 | 72.5 | 10.9 | 16.6 |
| Fig. da Foz | 12359 | 4012 | 5220 | 21591 | 57.2 | 18.6 | 24.2 |
| Mira | 3316 | 341 | 779 | 4436 | 74.8 | 7.7 | 17.5 |
| Mont.-o-Velho | 6918 | 1840 | 1722 | 9480 | 72.9 | 8.9 | 18.2 |
| Distrito Coimbra | 90079 | 27966 | 36964 | 155009 | 58.1 | 18.0 | 23.9 |

FONTE: - *Recenseamento da População* de 1950.

QUADRO Nº XXIV - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTOR DE ACTIVIDADE DE 1960

| A. Geográficas | População Activa | | | | % de cada sector | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Concelhos | Primário | Secundário | Terciário | Total | Primário | Secundário | Terciário |
| Cantanhede | 10303 | 1673 | 2901 | 14877 | 69.3 | 11.2 | 19.5 |
| Fig. da Foz | 10588 | 5107 | 5276 | 20971 | 50.5 | 24.4 | 25.1 |
| Mira | 3163 | 447 | 813 | 4423 | 71.5 | 10.1 | 18.4 |
| Mont.-o-Velho | 6982 | 1133 | 1752 | 9867 | 70.8 | 11.5 | 17.7 |
| Distrito Coimbra | 80323 | 33340 | 39084 | 152747 | 52.5 | 21.8 | 25.7 |

Fonte: - *Recenseamento da População* de 1960.

QUADRO Nº XXV - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE, 1970

| A. Geográficas | População Activa | | | | % de cada sector | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Concelhos | Primário | Secundário | Terciário | Total | Primário | Secundário | Terciário |
| Cantanhede | 8015 | 2285 | 3030 | 13320 | 60.2 | 17.1 | 22.7 |
| Fig. da Foz | 6720 | 5545 | 6005 | 18270 | 36.78 | 30.35 | 32.87 |
| Mira | 2420 | 555 | 1325 | 4300 | 56.3 | 12.9 | 30.8 |
| Mont.-o-Velho | 5090 | 1415 | 2420 | 8925 | 57.03 | 15.85 | 27.11 |
| Distrito Coimbra | 56611 | 36190 | 43304 | 136105 | 42.00 | 31.6 | 34.34 |

FONTE: - *XI Recenseamento da População* de 1970.

QUADRO Nº XXVI - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SECTORES DE ACTIVIDADE, 1981

| A. Geográfic. | População Activa | | | | % de cada sector | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Concelhos | Primário | Secundário | Terciário | Total | Primário | Secundário | Terciário |
| Cantanhede | 9812 | 4154 | 3954 | 17920 | 54.7 | 23.2 | 22.1 |
| Fig. da Foz | 5035 | 9960 | 7405 | 22400 | 22.4 | 44.4 | 33.2 |
| Mira | 3615 | 1152 | 1508 | 6275 | 57.6 | 18.4 | 24.0 |
| Mont.-o-Velho | 4007 | 4130 | 2329 | 10466 | 38.3 | 39.4 | 22.3 |
| Distrito Coimbra | 40367 | 62512 | 61207 | 164086 | 24.6 | 38.1 | 37.3 |

FONTE: - *XII Recenseamento da População e II da Habitação*, 1981.

QUADRO Nº XXVII - DISTRIBUIÇÃO DAS PROFISSÕES, HOMENS, SEGUNDO OS REGISTOS DE NASCIMENTOS, NA FREGUESIA DAS ALHADAS 1930 a 1960.

| Anos | 1930 | | 1940 | | 1950 | | 1960 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Profissões | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Agricultor | 88 | 69.2 | 93 | 69.9 | 49 | 51.5 | 22 | 33.9 |
| Barqueiro | 1 | 0.8 | 1 | 0.8 | – | – | – | – |
| Cabouqueiro | 4 | 3.1 | 2 | 1.5 | 1 | 1.1 | 1 | 1.5 |
| Caldeireiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 1.5 |
| Canteiro | – | – | 1 | 0.8 | – | – | 1 | 1.5 |
| Carpinteiro | 1 | 0.8 | 4 | 3.0 | – | – | 1 | 1.5 |
| Carteiro | 1 | 0.8 | 1 | 0.8 | – | – | – | – |
| Comerciante | 1 | 0.8 | – | – | – | – | – | – |
| Emp. Comercial | – | – | – | – | – | – | 2 | 3.1 |
| Emp. Escritório | – | – | – | – | – | – | 1 | 1.5 |
| Ferreiro | – | – | 3 | 2.3 | – | – | – | – |
| Ferroviário | 5 | 3.9 | 2 | 1.5 | – | – | – | – |
| Guarda-Fios | 1 | 0.8 | – | – | – | – | – | – |
| Guarda Fiscal | 1 | 0.8 | – | – | – | – | 1 | 1.5 |
| Lavrador | 1 | 0.8 | 4 | 3.0 | – | – | – | – |
| Militar | – | – | 1 | 0.8 | – | – | – | – |
| Motorista | | | 1 | 0.8 | 1 | 1.1 | 1 | 1.5 |
| Negociante | 1 | 0.8 | – | – | – | – | 1 | 1.5 |
| Padeiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 1.5 |
| Pedreiro | 1 | 0.8 | 9 | 6.7 | 3 | 3.2 | 5 | 7.7 |
| Professor Primário | 1 | 0.8 | – | – | – | – | – | – |
| Proprietário | 5 | 3.9 | 3 | 2.3 | – | – | – | – |
| Sapateiro | – | – | – | – | – | – | – | – |
| Serrador | 1 | 0.8 | 2 | 1.5 | 4 | 4.2 | 1 | 1.5 |
| Serralheiro | 1 | 0.8 | – | – | 4 | 4.2 | – | – |
| Trab. Agricola | – | – | – | – | 32 | 33.6 | 23 | 35.5 |
| Trabalhador | 2 | 1.6 | – | – | – | – | – | – |
| Indefinido | 11 * | 8.7 | 6 | 4.5 | 1 | 1.1 | 3 | 4.6 |
| Total de Registos | 127 | 100 | 133 | 100 | 95 | 100 | 65 | 100 |

*- Sete são filhos de pai incógnito

FONTE: - Conservatória do Registo Civil da Figueira da Foz, *Livros de Registo Civil, Nascimentos, anos de 1930, 1940, 1950 e 1960.*

QUADRO Nº XXVIII - DISTRIBUIÇÃO DAS PROFISSÕES, HOMENS, SEGUNDO OS REGISTOS DE NASCIMENTO NA FREGUESIA DE ARAZEDE. 1930 a 1960.

| Anos | 1930 | | 1940 | | 1950 | | 1960 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Profissões | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Agricultor | – | – | – | – | 49 | 47.1 | 54 | 40.4 |
| Ajud. Farmacia | – | – | 1 | 0.8 | – | – | – | – |
| Ajud. Notário | 1 | 0.8 | – | – | – | – | – | – |
| Alfaiate | 1 | 0.8 | – | – | – | – | – | – |
| Barbeiro | – | – | 1 | 0.8 | – | – | – | – |
| Canteiro | 1 | 0.8 | 1 | 0.8 | 1 | 1.0 | 3 | 2.2 |
| Carpinteiro | 2 | 1.5 | 1 | 0.8 | – | – | – | – |
| Comerciante | 3 | 2.3 | 1 | 0.8 | 2 | 1.9 | 1 | 0.7 |
| Emp. Comercial | 1 | 0.8 | – | – | – | – | 1 | 0.7 |
| Enfermeiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.7 |
| Ferrador | – | – | 1 | 0.8 | – | – | – | – |
| Ferreiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.7 |
| Ferroviário | 3 | 2.3 | 1 | 0.8 | 1 | 1.0 | – | – |
| Func. Público | – | – | 1 | 0.8 | – | – | – | – |
| Guarda Fiscal | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.7 |
| Industrial | – | – | – | – | 1 | 1.0 | – | – |
| Jardineiro | 1 | 0.8 | – | – | – | – | 1 | 0.7 |
| Jornaleiro | 41 | 30.7 | 58 | 48.0 | 35 | 33.5 | 45 | 33.7 |
| Lavrador | 8 | 6.0 | 19 | 15.8 | 1 | 1.0 | 2 | 11.5 |
| Moleiro | – | – | – | – | 1 | 1.0 | – | – |
| Motorista | – | – | 1 | 0.8 | 4 | 3.8 | 1 | 0.7 |
| Negociante | – | – | 1 | 0.8 | – | – | – | – |
| Pedreiro | – | – | 1 | 0.8 | 2 | 1.9 | 4 | 3.0 |
| Proprietário | 8 | 6.0 | 20 | 16.6 | – | – | 1 | 0.7 |
| Relojoeiro | – | – | 2 | 1.7 | – | – | – | – |
| Resineiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.7 |
| Sapateiro | 1 | 0.8 | – | – | 1 | 1.0 | – | – |
| Seareiro | 44 | 33.0 | – | – | – | – | – | – |
| Serrador | – | – | – | – | 1 | 1.0 | 2 | 1.5 |
| Serralheiro | 2 | 1.5 | – | – | 2 | 1.9 | 4 | 3.0 |
| Tamanqueiro | 1 | 0.8 | 1 | 0.8 | 1 | 1.0 | 1 | 0.7 |
| Trabalhador | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.7 |
| Indefinido | 15 * | 11.2 | 10 | 8.3 | 2 | 1.9 | 9 | 6.7 |
| Total de Registos | 133 | 100 | 121 | 100 | 104 | 100 | 134 | 100 ** |

* - Nove são filhos de pai incógnito

** - Contêm um erro por defeito igual a 0.2

FONTE: - Conservatória do Registo Civil de Montemor-o-Velho
*Livro de Registo Civil, Nascimentos, anos de 1930, 1940, 1950 e 1960.*

QUADRO Nº XXIX - DISTRIBUIÇÃO DAS PROFISSÕES HOMENS, SEGUNDO OS REGISTOS DE NASCIMENTO NA FREGUESIA DE CADIMA., 1930 a 1960

| Anos | 1930 | | 1940 | | 1950 | | 1960 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Profissões | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Agricultor | 48 | 42.1 | 54 | 44.6 | – | – | 88 | 76.4 |
| Alfaiate | 1 | 0.9 | 1 | 0.8 | 1 | 0.7 | 1 | 0.9 |
| Cabouqueiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.9 |
| Calceteiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.9 |
| Caleiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.9 |
| Canteiro | 2 | 1.8 | 1 | 0.8 | 1 | 0.7 | 3 | 2.6 |
| Carpinteiro | 2 | 1.8 | 1 | 0.8 | 2 | 1.3 | – | – |
| Cesteiro | 1 | 0.9 | – | – | – | – | – | – |
| Comerciante | – | – | – | – | 6 | 4.0 | – | – |
| Cozinheiro | – | – | 1 | 0.8 | – | – | 1 | 0.9 |
| Electricista | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.9 |
| Ferreiro | 1 | 0.9 | – | 1 | – | – | – | – |
| Ferroviário | – | – | 1 | 0.8 | – | – | – | – |
| Fiscal Post.Leite | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.9 |
| Func. Judicial | – | – | – | – | 1 | 0.7 | – | – |
| G.N.R. | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.9 |
| Guarda Livros | – | – | – | – | 1 | 0.7 | – | – |
| Jornaleiro | 19 | 16.6 | 35 | 28.9 | 40 | 26.6 | – | – |
| Lavrador | – | – | – | – | 85 | 56.6 | – | – |
| Madeireiro | – | – | – | – | 1 | 0.7 | – | – |
| Moleiro | 4 | 3.5 | – | – | 1 | 0.7 | – | – |
| Motorista | – | – | 1 | 0.8 | – | – | 1 | 0.9 |
| Negociante | 1 | 0.9 | – | – | – | – | – | – |
| Ourives | – | – | 1 | 0.8 | – | – | – | – |
| Padeiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.9 |
| Pedreiro | – | – | – | – | 2 | 1.3 | 3 | 2.6 |
| Proprietário | 33 | 28.8 | 16 | 13.3 | – | – | 1 | 0.9 |
| Serrador | – | – | 2 | 1.7 | 1 | 0.7 | – | – |
| Serralheiro | – | – | – | – | 1 | 0.7 | 1 | 0.9 |
| Indefinidos | 21* | 1.8 | 7 | 5.8 | 7** | 4.6 | 8 | 6.9 |
| Total de Registos | 114 | 100 | 121 | 100 | 150 | 100 | 115 | 100*** |

* - Correspondem dois filhos de pai incógnito

** - " todos a filhos de pai incógnito

*** - Contêm um erro por excesso igual a 0.1

FONTE: -Conservatória do Registo Civil de Cantanhede, *Livros de Registo Civil, nascimentos, anos de 1930, 1940, 1950 e 1960.*

QUADRO Nº XXX - DISTRIBUIÇÃO DAS PROFISSÕES, HOMENS, SEGUNDO OS REGISTOS DE NASCIMENTO; NA FREGUESIA DE CANTANHEDE 1930 a 1960.

| Anos | 1930 | | 1940 | | 1950 | | 1960 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Profissões | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Advogado | – | – | – | – | – | – | 2 | 1.3 |
| Agricultor | – | – | 22 | 15.4 | – | – | – | – |
| Aj. Farmácia | – | – | 1 | 0.7 | – | – | – | – |
| Ajud. Finanças | 1 | 0.7 | – | – | – | – | – | – |
| Ajud. Motorista | – | – | – | – | – | – | 4 | 2.6 |
| Alfaiate | – | – | – | – | 1 | 0.6 | 1 | 0.6 |
| Alveitar | – | – | 1 | 0.7 | – | – | – | – |
| Barbeiro | – | – | 1 | 0.7 | 1 | 0.6 | 1 | 0.6 |
| Cabouqueiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Canalizador | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Canteiro | 1 | 0.7 | 1 | 0.7 | – | – | – | – |
| Carcereiro | – | – | 1 | 0.7 | – | – | – | – |
| Carpinteiro | 1 | 0.7 | 6 | 4.2 | 6 | 3.7 | 2 | 1.3 |
| Cesteiro | 1 | 0.7 | – | – | – | – | – | – |
| Cocheiro | 1 | 0.7 | – | – | – | – | – | – |
| Comerciante | 10 | 7.2 | 8 | 5.6 | 4 | 2.5 | 6 | 3.9 |
| Confeiteiro | – | – | – | – | – | – | – | – |
| Cordoeiro | – | – | 1 | 0.7 | – | – | 1 | 0.6 |
| Corlador | 1 | 0.7 | 1 | 0.7 | 2 | 1.2 | – | – |
| Electricista | – | – | – | – | 3 | 1.8 | 1 | 0.6 |
| Emp. Caixa Prev. | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Emp. Comercial | 1 | 0.7 | 4 | 2.8 | 5 | 3.2 | 2 | 1.3 |
| Emp. Escritório | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Emp. Mesa | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Eng. Agrónomo | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Engrazador | – | – | – | – | – | – | 2 | 1.3 |
| Escrivão | 1 | 0.7 | – | – | – | – | – | – |
| Estucador | – | – | – | – | 1 | 0.6 | – | – |
| Ferroviário | – | – | 2 | 1.4 | – | – | – | – |
| Fiscal Camára | – | – | 1 | 0.7 | – | – | – | – |
| Func. Público | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Func. Tribunal | – | – | 1 | 0.7 | 1 | 0.6 | – | – |
| Funileiro | 2 | 1.5 | – | – | 2 | 1.2 | – | – |
| G.N.R. | – | – | – | – | 1 | 0.6 | – | – |
| Guarda Fios | – | – | 1 | 0.7 | – | – | 1 | 0.6 |
| Guarda Livros | 1 | 0.7 | – | – | – | – | – | – |
| Industrial | 2 | 1.4 | 4 | 2.8 | 1 | 0.6 | 3 | 1.9 |
| Industrial de Cal | – | – | – | – | 1 | 0.6 | – | – |
| Jornaleiro | 50 | 36.0 | 34 | 23.8 | 61 | 37.4 | – | – |
| Lavador de Aut. | – | – | – | – | 1 | 0.6 | – | – |
| Lavrador | – | – | 2 | 1.4 | 35 | 21.5 | – | – |
| Mecânico | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Médico | 1 | 0.7 | – | – | – | – | – | 0.6 |
| Militar | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Motorista | 1 | 0.7 | 5 | 3.5 | 2 | 1.2 | 1 | 0.6 |
| Musico Arm. | 1 | 0.7 | – | – | – | – | – | – |
| Negociante | 1 | 0.7 | – | – | 1 | 0.6 | – | – |
| Operário | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Ourives | 1 | 0.7 | – | – | – | – | – | – |
| Ourives Ambulante | – | – | 7 | 4.9 | 3 | 1.8 | 6 | 3.9 |
| Padeiro | 1 | 0.7 | – | – | 2 | 1.8 | – | – |
| Pedreiro | 1 | 0.7 | 4 | 2.8 | 1 | 0.6 | 12 | 7.9 |
| Pescador | – | – | – | – | – | – | 2 | 1.3 |
| Pintor Const. Civ. | 1 | 0.7 | – | – | 1 | 0.6 | 2 | 1.3 |
| Polícia | – | – | 1 | 0.7 | – | – | – | – |
| Proprietário | 43 | 31.0 | 17 | 11.9 | 3 | 1.8 | 4 | 2.6 |
| Regente Agrícola | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Sapateiro | 2 | 1.4 | 1 | 0.7 | 3 | 1.8 | 2 | 1.3 |
| Serrador | – | – | – | – | 1 | 0.6 | – | – |
| Serralheiro | 5 | 3.6 | 5 | 3.5 | 2 | 1.2 | 5 | 3.2 |
| Tipógrafo | 1 | 0.7 | – | – | 1 | 0.6 | – | – |
| Trab. Agrícola | – | – | – | – | – | – | 77 | 50.0 |
| Trab. Rural | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Indefinidos | 7 | 5.0 | 11** | 7.7 | 16 | 9.8 | 5 | 3.2 |
| Total Registos | 139 | 100* | 143 | 100 | 163 | 100 | 154 | 100*** |

FONTE: - Conservatória do Registo Civil de Cantanhede, *Livros de Registo Civil, Nascimentos, anos 1930, 1940, 1950 e 1960.*

* - Contêm um erro por defeito igual a 0.2

** - 7 são filhos de pai incógnito

*** - contêm um erro por defeito igual a 0.2

QUADRO Nº XXXI - DISTRIBUIÇÃO DAS PROFISSÕES, HOMENS, SEGUNDO OS REGISTOS DE NASCIMENTOS, NA FREGUESIA DE COVÕES 1930 a 1960.

| Anos | 1930 | | 1940 | | 1950 | | 1960 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Profissões | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Agricultor | – | – | 52 | 46.0 | – | – | 76 | 75.2 |
| Alfaiate | 3 | 3.2 | 2 | 1.8 | 1 | 0.8 | – | – |
| Almocreve | 4 | 4.3 | 2 | 1.8 | – | – | – | – |
| Canteiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 1.0 |
| Carpinteiro | 2 | 2.2 | – | – | – | – | – | – |
| Cob. Transp. Col | – | – | – | – | – | – | 1 | 1.0 |
| Comerciante | 5 | 5.3 | 2 | 1.8 | 6 | 4.8 | 2 | 1.9 |
| Criado | 1 | 1.1 | – | – | – | – | – | – |
| Emp. Comercial | – | – | – | – | 1 | 0.8 | – | – |
| Ferrador | 1 | 1.1 | – | – | – | – | – | – |
| Func. Judicial | – | – | – | – | 1 | 0.8 | – | – |
| Funileiro | – | – | – | – | 1 | 0.8 | – | – |
| Jornaleiro | 25 | 26.9 | 19 | 16.7 | 56 | 44.4 | – | – |
| Lavrador | 8 | 8.5 | 1 | 0.9 | 41 | 32.4 | – | – |
| Magarefe | – | – | – | – | 1 | 0.8 | – | – |
| Médico | 1 | 1.1 | – | – | – | – | – | – |
| Mestre de obras | – | – | – | – | 1 | 0.8 | – | – |
| Motorista | – | – | – | – | – | – | 1 | 1.0 |
| Negociante | 1 | 1.1 | 1 | 0.9 | 2 | 1.6 | – | – |
| Operário | – | – | – | – | 1 | 0.8 | – | – |
| Ourives Amb. | 1 | 1.1 | 1 | 0.9 | 1 | 0.8 | 1 | 1.0 |
| Padeiro | – | – | – | – | – | – | 2 | 1.9 |
| Pedreiro | – | – | 2 | 1.8 | 1 | 0.8 | 3 | 3.0 |
| Pintor Const. Civ | – | – | – | – | – | – | 1 | 1.0 |
| Prof. Primário | – | – | – | – | 1 | 0.8 | – | – |
| Proprietário | 22 | 23.7 | 14 | 12.4 | – | – | 4 | 4.0 |
| Sapateiro | 1 | 1.1 | 2 | 1.8 | 1 | 0.8 | – | – |
| Serrador | 2 | 2.2 | 2 | 1.8 | – | – | – | – |
| Serralheiro | – | – | 2 | 1.8 | 4 | 3.2 | 1 | 1.0 |
| Trabalhador | 2 | 2.2 | – | – | – | – | – | – |
| Indefinidos | 14 * | 150 | 11 | 9.6 | 6 | 4.8 | 8 | 8 |
| Total Registos | 93 | 100 | 113 | 100 | 126 | 100 | 101 | 100 |

* - onze são filhos de pai incógnito

FONTE: - Conservatória do Registo Civil de Cantanhede, *Livros de Registos Civil, Nascimentos, Anos de 1930, 1940 , 1950 e 1960.*

QUADRO Nº XXXII - DISTRIBUIÇÃO DE PROFISSÕES, HOMENS, SEGUNDO OS REGISTOS DE NASCIMENTOS, NA FREGUESIA DE Nª Sª. DAS FEBRES, 1930 a 1960.

| Anos | 1930 | | 1940 | | 1950 | | 1960 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Profissões | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Agricultor | 16 | 10.7 | 1 | 0.7 | – | – | – | – |
| Alfaiate | 2 | 1.3 | 1 | 0.7 | 1 | 0.6 | 2 | 1.2 |
| Almocreve | 3 | 2.0 | – | – | – | – | – | – |
| Art. de Teatro | – | – | 1 | 0.7 | – | – | – | – |
| Barbeiro | – | – | 1 | 0.7 | 1 | 0.6 | 1 | 0.6 |
| Britador | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Canteiro | 1 | 0.7 | – | – | – | – | – | – |
| Cantoneiro | 1 | 0.7 | – | – | – | – | – | – |
| Carpinteiro | 4 | 2.7 | 2 | 1.3 | 6 | 3.9 | 2 | 1.2 |
| Comerciante | – | – | 2 | 1.3 | 10 | 6.5 | 4 | 2.3 |
| Emp. Comércio | – | – | 1 | 0.7 | – | – | – | – |
| Ferreiro | – | – | – | 0 | 1 | 0.6 | – | – |
| Funileiro | – | – | 1 | 0.7 | 1 | 0.6 | – | – |
| Guarda Livros | – | – | – | – | 1 | 0.6 | – | – |
| Industrial | – | – | 1 | 0.7 | – | – | – | – |
| Jornaleiro | 23 | 15.4 | 32 | 21.3 | 47 | 30.3 | – | – |
| Lavrador | – | – | – | – | 35 | 22.8 | – | – |
| Madeireiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Magarefe | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Motorista | – | – | – | – | 2 | 1.3 | 1 | 0.6 |
| Negociante | 30 | 20.1 | 23 | 15.2 | 1 | 0.6 | 3 | 1.7 |
| Notário | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Operário | – | – | – | – | – | – | 3 | 1.7 |
| Ourives Amb. | 2 | 1.3 | 8 | 5.3 | 16 | 10.3 | 18 | 10.5 |
| Padeiro | 1 | 0.7 | – | – | 1 | 0.6 | 1 | 0.6 |
| Pedreiro | 1 | 0.7 | 1 | 0.7 | – | – | – | – |
| Proprietário | 19 | 12.8 | 35 | 23.3 | 2 | 1.3 | 2 | 1.2 |
| Quinquilheiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.6 |
| Relojoeiro | – | – | – | – | – | – | 2 | 1.2 |
| Sapateiro | 1 | 0.7 | 1 | 0.7 | 1 | 0.6 | 1 | 0.6 |
| Seareiro | 2 | 1.3 | – | – | – | – | – | – |
| Serrador | 37 | 24.9 | 29 | 19.3 | 19 | 12.3 | 3 | 1.7 |
| Serralheiro | – | – | 4 | 2.6 | 8 | 5.2 | 4 | 2.3 |
| Trab. Agrícola | – | – | – | – | – | – | 111 | 64.4 |
| Indefinidos | 6* | 4.0 | 7 | 4.6 | 2 | 1.3 | 9*** | 5.2 |
| Total Registos | 149 | 100 | 151 | 100** | 155 | 100 | 172 | 100 |

* - Dois são filhos de pai incógnito

** - Contêm um erro por defeito igual a 0.2

*** - Cinco são filhos de pai incógnito

FONTE: - Conservatória do Registo Civil de Cantanhede, *Livro de Registo Civil, Nascimento, anos de 1930, 1940, 1950 e 1960.*

QUADRO Nº XXXIII- DISTRIBUIÇÃO DAS PROFISSÕES HOMENS, SEGUNDO OS REGISTOS DE NASCIMENTO NA FREGUESIA DE FERREIRA-A-NOVA, 1930 a 1960

| Anos | 1930 | | 1940 | | 1950 | | 1960 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Profissões | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Agricultor | 2 | 3.9 | 15 | 20.7 | 17 | 25.0 | 18 | 40.0 |
| Alfaiate | 1 | 2.0 | 1 | 1.4 | – | – | – | – |
| Cabouqueiro | – | – | 1 | 1.4 | – | – | – | – |
| Caleiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 2.2 |
| Carpinteiro | – | – | 3 | 4.2 | – | – | – | – |
| Castrador | 1 | 2.0 | – | – | – | – | – | – |
| Cesteiro | – | – | – | – | 1 | 1.5 | – | – |
| Comerciante | 1 | 2.0 | – | – | – | – | 3 | 6.7 |
| Emp. Comercial | 1 | 2.0 | 1 | 1.4 | – | – | – | – |
| Farmacêutico | 1 | 2.0 | – | – | – | – | – | – |
| Ferroviário | – | – | 2 | 2.8 | 1 | 1.5 | 1 | 2.2 |
| Func. Público | 1 | 2.0 | – | – | – | – | – | – |
| Funileiro | – | – | – | – | 1 | 1.5 | – | – |
| Jornaleiro | – | – | 1 | 1.4 | – | – | – | – |
| Militar | – | – | – | – | – | – | 1 | 2.2 |
| Motorista | – | – | – | – | – | – | 1 | 2.2 |
| Padeiro | 2 | 3.9 | 4 | 5.6 | 1 | 1.5 | 1 | 2.2 |
| Pedreiro | 2 | 3.9 | – | – | 1 | 1.5 | 2 | 4.4 |
| Policia | – | – | – | – | 1 | 1.5 | – | – |
| Proprietário | 7 | 13.6 | 12 | 16.7 | 28 | 41.0 | 1 | 2.2 |
| Regente de Música | – | – | 1 | 1.4 | – | – | – | – |
| Resineiro | – | – | 1 | 1.4 | – | – | – | – |
| Serrador | – | – | 7 | 9.7 | – | – | – | – |
| Trabalhador | 27 | 53.0 | 18 | 25.0 | 15 | 22.1 | 14 | 31.2 |
| Indefinidos | 5 * | 9.7 | 5 | 6.9 | 2 | 2.9 | 2 | 4.4 |
| Total Registos | 51 | 100 | 72 | 100 | 68 | 100 | 45 | 100 |

*) - Três são filhos de pai icógnito

FONTE: - Conservatória do Registo Civil da Figueira da Foz: *Livros de Registo Civil, nascimentos, anos de 1930, 1940, 1950 e 1960*

QUADRO Nº XXXIV- DISTRIBUIÇÃO DAS PROFISSÕES HOMENS, SEGUNDO OS REGISTOS DE NASCIMENTOS NA FREGUESIA DE LICEIA, 1930 a 1960.

| Anos | 1930 | | 1940 | | 1950 | | 1960 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Profissões | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Agricultor | - | - | 16 | 48.5 | 4 | 16.6 | 4 | 16.6 |
| Cantoneiro | - | - | - | - | 1 | 4.2 | - | - |
| Carpinteiro | - | - | - | - | 1 | 4.2 | 4 | 16.6 |
| Comerciante | - | - | 1 | 3.0 | - | - | - | - |
| Jornaleiro | 17 | 54.8 | 5 | 15.2 | 4 | 16.6 | 8 | 33.3 |
| Lavrador | 8 | 25.9 | 3 | 9.1 | 4 | 16.6 | 1 | 4.2 |
| Merceeiro | - | - | - | - | - | - | 1 | 4.2 |
| Motorista | - | - | - | - | - | - | 1 | 4.2 |
| Negociante | 1 | 3.2 | - | - | 1 | 4.2 | - | - |
| Pedreiro | - | - | 1 | 3.0 | 1 | 4.2 | 1 | 4.2 |
| Proprietário | 1 | 3.2 | - | - | - | - | - | - |
| Seareiro | - | - | 5 | 15.2 | 6 | 25.0 | - | - |
| Serrador | - | - | - | - | 1 | 4.2 | 1 | 4.2 |
| Serralheiro | - | - | - | - | - | - | 1 | 4.2 |
| Trabalhador | - | - | - | - | - | - | 2 | 8.3 |
| Indifinidos | 4 | 12.9 | 2 | 6.0 | 1 | 4.2 | - | - |
| Total Registos | 31 | 100 | 33 | 100 | 24 | 100 | 24 | 100 |

FONTE: - Conservatória do Registo Civil de Montemor-o-Velho
*Livros de Registo Civil, Nascimentos, anos de 1930, 1940, 1950, 1960.*

QUADRO Nº XXXV - DISTRIBUIÇÃO DAS PROFISSÕES HOMENS SEGUNDO OS REGISTOS DE NASCIMENTO, NA FREGUESIA DE S TOMÉ DE MIRA, 1930 a 1960

| Anos | 1930 | | 1940 | | 1950 | | 1960 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Profissões | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Agricultor | – | – | – | – | 8 | 2.5 | 193 | 64.5 |
| Alfaiate | 3 | 1.2 | 2 | 0.7 | 1 | 0.3 | 1 | 0.3 |
| Barbeiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.3 |
| Cantoneiro | – | – | – | – | 1 | 0.3 | 2 | 0.7 |
| Carpinteiro | 8 | 3.1 | 10 | 3.6 | 8 | 2.5 | 2 | 0.7 |
| Comerciante | 1 | 0.4 | 6 | 2.3 | 15 | 4.7 | 10 | 3.3 |
| Cordoeiro | 1 | 0.4 | 1 | 0.4 | – | – | – | – |
| Electricista | – | – | – | – | – | – | 2 | 0.7 |
| Emp. Bancário | – | – | – | – | 2 | 0.6 | – | – |
| Emp. Comercial | 1 | 0.4 | 2 | 0.7 | 2 | 0.6 | 3 | 1.0 |
| Encadernador | 1 | 0.4 | – | – | – | – | – | – |
| Enfermeiro | – | – | – | – | 1 | 0.3 | – | – |
| Escriturário | – | – | – | – | 1 | 0.3 | – | – |
| Ferreiro | – | – | 3 | 1.1 | 1 | 0.3 | – | – |
| Func. Publico | – | – | 2 | 0.7 | 2 | 0.6 | 3 | 1.0 |
| Func. Trans. Colect | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.3 |
| Guarda Fiscal | 2 | 0.8 | 2 | 0.7 | 2 | 0.6 | – | – |
| Guarda Florestal | 1 | 0.4 | – | – | – | – | – | – |
| Industrial | 1 | 0.4 | 1 | 0.4 | – | – | 3 | 1.0 |
| Jornaleiro | – | – | 1 | 0.4 | – | – | – | – |
| Lavrador | 12 | 4.7 | 1 | 0.4 | – | – | – | – |
| Marnoto | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.3 |
| Mecanico | 1 | 0.4 | – | – | – | – | – | – |
| Militar | 1 | 0.4 | – | – | – | – | – | – |
| Moleiro | – | – | – | – | 1 | 0.3 | 3 | 1.0 |
| Motorista | 2 | 0.8 | 1 | 0.4 | 7 | 2.2 | 3 | 1.0 |
| Negociante | 5 | 2.0 | 1 | 0.4 | – | – | – | – |
| Oleiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.3 |
| Operário | – | – | 1 | 0.4 | – | – | 1 | 0.3 |
| Ourives Amb. | – | – | 8 | 2.8 | 7 | 2.2 | 4 | 1.3 |
| Padeiro | – | – | 1 | 0.4 | 1 | 0.3 | 2 | 0.7 |
| Pedreiro | – | – | 1 | 0.4 | – | – | – | – |
| Pescador | 8 | 3.1 | 13 | 4.7 | 37 | 11.7 | 45 | 15.1 |
| Pintor Const. Civil | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.3 |
| Pol. Seg. Pública | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.3 |
| Professor | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.3 |
| Professor Primário | – | – | 1 | 0.4 | – | – | – | – |
| Proprietário | – | – | 5 | 1.7 | 1 | 0.3 | 1 | 0.3 |
| Relojoeiro | – | – | 1 | 0.4 | – | – | 2 | 0.7 |
| Saltimbanco | – | – | – | – | – | – | 1 | 0.3 |
| Sapateiro | 2 | 0.8 | 2 | 0.7 | – | – | – | – |
| Seareiro | 185 | 72.5 | 201 | 72.6 | 211 | 66.0 | – | – |
| Serrador | 1 | 0.4 | – | – | – | – | 1 | 0.3 |
| Serralheiro | – | – | 1 | 0.4 | 1 | 0.3 | 2 | 0.7 |
| Indefinidos | 19 * | 7.5 | 9 | 3.2 | 10 | 3.2 | 9 | 3.0 |
| Total Registos | 255 | 100 | 277 | 100 | 320 | 100 | 299 | 100 |

* - dos 19 indefinidos, 11 são pais incógnitos

FONTE: - Conservatória do Registo Civil de Mira, *Livros de Registo Civil, nascimentos, anos de 1930, 1940, 1950 e 1960.*

QUADRO Nº XXXVI - DISTRIBUIÇÃO DAS PROFISSÕES HOMENS, SEGUNDO OS REGISTOS DE NASCIMENTO NA FREGUESIA DE S. MAMEDE DE QUIAIOS, 1930 a 1960.

| Anos | 1930 | | 1940 | | 1950 | | 1960 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Profissões | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Agricultor | 62 | 43.9 | 79 | 65.2 | 62 | 68.1 | 21 | 26.1 |
| Canteiro | – | – | – | – | 1 | 1.1 | – | – |
| Cantoneiro | – | – | – | – | 1 | 1.1 | – | – |
| Carpinteiro | 3 | 2.1 | 2 | 1.7 | – | – | 1 | 1.2 |
| Carteiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 1.2 |
| Castrador | – | – | 2 | 1.7 | – | – | – | – |
| Comerciante | – | – | 2 | 1.7 | – | – | – | – |
| Emp. C.T.T. | 1 | 0.7 | – | – | – | – | – | – |
| Emp. Comércio | – | – | – | – | 2 | 2.2 | – | – |
| Emp. Escritorio | – | – | 1 | 0.8 | – | – | – | – |
| Faroleiro | 1 | 0.7 | – | – | – | – | 1 | 1.2 |
| Fiscal do Grémio | – | – | 1 | 0.8 | – | – | – | – |
| Fogeiro | 1 | 0.7 | – | – | 2 | 2.2 | – | – |
| Func. Público | – | – | 1 | 0.8 | – | – | – | – |
| Garrafeiro | – | – | 1 | 0.8 | – | – | – | – |
| Guarda Fios | – | – | – | – | – | – | 1 | 1.2 |
| Guarda Fiscal | 1 | 0.7 | – | – | – | – | – | – |
| Guarda Florestal | 1 | 0.7 | 2 | 1.7 | 1 | 1.1 | 1 | 1.2 |
| Jornaleiro | 14 | 9.9 | 1 | 0.8 | – | – | – | – |
| Lavrador | 1 | 0.7 | 1 | 0.8 | – | – | 1 | 1.2 |
| Marchante | 1 | 0.7 | – | – | – | – | – | – |
| Marinheiro | 1 | 0.7 | – | – | – | – | – | – |
| Marítimo | 7 | 4.9 | 3 | 2.5 | 2 | 2.2 | 2 | 2.5 |
| Militar | – | – | 1 | 0.8 | – | – | 1 | 1.2 |
| Mineiro | 1 | 0.7 | 1 | 0.8 | – | – | 1 | 1.2 |
| Negociante | 3 | 2.1 | 1 | 0.8 | – | – | 1 | 1.2 |
| Pedreiro | 13 | 9.1 | 3 | 2.5 | 8 | 8.8 | 4 | 4.9 |
| Pescador | 14 | 9.9 | 6 | 5.0 | 1 | 1.1 | 1 | 1.2 |
| Resineiro | – | – | 3 | 2.5 | 1 | 1.1 | – | – |
| Sapateiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 1.2 |
| Serralheiro | 1 | 0.7 | – | – | 2 | 2.2 | 4 | 4.9 |
| Trab. Agrícola | – | – | 6 | 5.0 | – | – | 34 | 42.1 |
| Trabalhador | 8 | 5.6 | – | – | 7 | 7.7 | – | – |
| Indefinidos | 8 | 5.6 | 4[1] | 3.3 | 1 | 1.1 | 5 | 6.2 |
| Total Registos | 142 | 100 | 121 | 100 | 91 | 100 | 81 | 100 |

1 - Todos filhos de pai icógnito

FONTE: - Conservatória do Registo Civil da Figueira da Foz; *Livros de Registo Civil, nascimentos, anos de 1930, 1940, 1940, 1950 e 1960.*

QUADRO Nº XXXVII-DISTRIBUIÇÃO DAS PROFISSÕES HOMENS, SEGUNDO OS REGISTOS DE NASCIMENTOS NA FREGUESIA DA TOCHA, 1930 a 1960.

| Anos | 1930 | | 1940 | | 1950 | | 1960 | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Profissões | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % |
| Agricultor | 56 | 70.0 | 63 | 82.9 | – | – | 76 | 73.0 |
| Alfaiate | 2 | 2.5 | – | – | 1 | 1.63 | – | – |
| Cantoneiro | – | – | – | – | – | – | 2 | 1.9 |
| Comerciante | 1 | 1.3 | 1 | 1.32 | 2 | 3.3 | 2 | 1.9 |
| Cordoeiro | 1 | 1.3 | – | – | – | – | – | – |
| Dactilografo | – | – | – | – | 1 | 1.63 | – | – |
| Electricista | – | – | – | – | – | – | 1 | 1.0 |
| Fogueiro | – | – | – | – | 1 | 1.63 | – | – |
| Func. Rov. Pais | – | – | – | – | – | – | 2 | 1.9 |
| Funileiro | 1 | 1.3 | 1 | 1.32 | – | – | 1 | 1.0 |
| Jardineiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 1.0 |
| Jornaleiro | 4 | 5.0 | 8 | 10.5 | 28 | 45.9 | – | – |
| Lavrador | – | – | – | – | 15 | 24.6 | – | – |
| Moleiro | – | – | – | – | – | – | 1 | 1.0 |
| Motorista | – | – | – | – | 1 | 1.63 | 2 | 1.9 |
| Negociante | 1 | 1.3 | – | – | – | – | – | – |
| Operário | – | – | – | – | – | – | 2 | 1.9 |
| Padeiro | 1 | 1.3 | – | – | – | – | – | – |
| Pedreiro | – | – | – | – | 3 | 4.9 | 5 | 4.8 |
| Pintor Const. Civ. | – | – | – | – | – | – | 1 | 1.0 |
| Polícia | – | – | – | – | 1 | 1.63 | 1 | 1.0 |
| Proprietário | 4 | 5.0 | 1 | 1.32 | – | – | – | – |
| Sapateiro | – | – | 1 | 1.32 | 2 | 3.3 | 2 | 1.9 |
| Seareiro | 3 | 3.7 | – | – | – | – | – | – |
| Serralheiro | 2 | 2.5 | 1 | 1.32 | 1 | 1.63 | – | – |
| Indefinidos | 4 | 5.0 | – | – | 52 | 8.2 | 5 | 4.8 |
| Total Registos | 80 | 100 | 76 | 100 | 61 | 100 | 104 | 100 |

1. Contêm em erro por excesso igual o.2
2. Três individuos são filhos de pai incógnito

FONTE: - Conservatória do Registo Civil de Cantanhede,
*Livros de Registo Civil, nascimentos, anos de 1930, 1940, 1950 e 1960.*

QUADRO Nº. XXXVIII - SEXO-RATIO POR SECTOR DE ACTIVADE, 1981

| | Áreas Geográficas | Sector Primário | Sector Secundário | Sector Terciário |
|---|---|---|---|---|
| Freguesias | Alhadas | 179.1 | 17.2 | 30.0 |
| | Arazede | 112.5 | 3.1 | 25.5 |
| | Cadima | 145.6 | 6.7 | 19.4 |
| | Cantanhede | 98.5 | 21.9 | 69.5 |
| | Covões | 135.2 | 8.8 | 47.1 |
| | Febres | 235.9 | 13.4 | 35.3 |
| | Fer.-a-Nova | 143.4 | 6.2 | 15.3 |
| | Liceia | 248.8 | 4.0 | 16.8 |
| | Mira | 176.2 | 12.6 | 35.5 |
| | Quiaios | 271.1 | 13.3 | 39.2 |
| | Tocha | 219.2 | 10.5 | 41.4 |
| Concelhos | Cantanhede | 151.5 | 12.7 | 46.2 |
| | Fig. da Foz | 95.5 | 24.3 | 61.5 |
| | Mira | 176.1 | 12.6 | 35.5 |
| | Mont.-o-Velho | 110.4 | 14.5 | 30.7 |

FONTE: *Quadro 48.*

QUADRO Nº XXXIX - TOTAL DE EMIGRANTES NO CONTINENTE ENTRE 1855 E 1912

| Anos | Emigrantes |
|---|---|
| 1855 | 11557 |
| 1856 | 10288 |
| 1857 | 9861 |
| 1858 | 8963 |
| 1859 | 9309 |
| 1860 | 6524 |
| 1861 | 5945 |
| 1862 | 5674 |
| 1863 | 4411 |
| 1864 | 4517 |
| 1865 | 4170 |
| 1866 | 4124 |
| 1867 | 4805 |
| 1868 | 4782 |
| 1869 | 6035 |
| 1870 | 7310 |
| 1871 | 10388 |
| 1872 | 17283 |
| 1873 | 12987 |
| 1874 | 14834 |
| 1875 | 15434 |
| 1876 | 11027 |
| 1877 | 11054 |
| 1878 | 9925 |
| 1879 | 13207 |
| 1880 | 12596 |
| 1881 | 14635 |
| 1882 | 18272 |
| 1883 | 19251 |
| 1884 | 17518 |
| 1885 | 15004 |
| 1886 | 13998 |
| 1887 | 16932 |
| 1888 | 23981 |
| 1889 | 29491 |
| 1890 | 20614 |
| 1891 | 23585 |
| 1892 | 21074 |
| 1893 | 30385 |
| 1894 | 26911 |
| 1895 | 44746 |
| 1896 | 27680 |
| 1897 | 21334 |
| 1898 | 23604 |
| 1899 | 17774 |
| 1900 | 21235 |
| 1901 | 15264 |
| 1902 | 15012 |
| 1903 | 15634 |
| 1904 | 22234 |
| 1905 | 24322 |
| 1906 | 29403 |
| 1907 | 31206 |
| 1908 | 35689 |
| 1909 | 30286 |
| 1910 | 31799 |
| 1911 | 49560 |
| 1912 | 77745 |
| TOTAL | 1063484 |

FONTES: J. SERRÃO, (1972); M. H. PEREIRA, (1971); *Emigração Portuguesa* [...], anos de 1900 a 1912.

QUADRO Nº XL- EMIGRAÇÃO LEGAL NO CONTINENTE, POR DISTRITOS, DE 1906 A 1912

| Anos / Distritos | 1906 | 1907 | 1908 | 1909 | 1910 | 1911 | 1912 | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Aveiro | 3695 | 4330 | 4126 | 3820 | 4511 | 5560 | 6306 | 32348 |
| Beja | 79 | 76 | 159 | 102 | 67 | 1100 | 342 | 1925 |
| Braga | 2518 | 2604 | 2817 | 2526 | 2431 | 3421 | 4863 | 21180 |
| Bragança | 980 | 1417 | 3202 | 1675 | 1633 | 6476 | 11532 | 26915 |
| Cast.Branco | 209 | 146 | 117 | 119 | 208 | 345 | 745 | 1889 |
| Coimbra | 2677 | 3910 | 3920 | 3238 | 3597 | 5183 | 7583 | 30108 |
| Évora | 28 | 27 | 10 | 2 | 12 | 12 | 19 | 110 |
| Faro | 359 | 227 | 367 | 389 | 704 | 877 | 1687 | 4610 |
| Guarda | 1813 | 2353 | 2627 | 2273 | 2614 | 3682 | 6992 | 22354 |
| Leiria | 905 | 1173 | 1658 | 1433 | 1548 | 3095 | 5427 | 15239 |
| Lisboa | 761 | 340 | 265 | 269 | 267 | 402 | 638 | 2942 |
| Portalegre | 20 | 23 | 13 | 10 | 9 | 25 | 46 | 146 |
| Porto | 4154 | 4675 | 4792 | 4351 | 3652 | 4372 | 7837 | 33833 |
| Santarém | 191 | 181 | 249 | 173 | 207 | 460 | 793 | 2254 |
| V.do Castelo | 1591 | 1688 | 1511 | 1614 | 1783 | 2223 | 2981 | 13391 |
| V. Real | 2173 | 2796 | 4059 | 3331 | 3140 | 5356 | 8190 | 29045 |
| Vizeu | 4836 | 5240 | 5797 | 4961 | 5416 | 6971 | 11764 | 44985 |
| Total | 26989 | 31206 | 35689 | 30286 | 31799 | 49560 | 77745 | 283274 |

FONTE : - *Emigração Portuguesa, anos de 1906, 1907, 1908, 1909, 1910, 1911 e 1912*, Direcção Geral de Estatística e dos Próprios Nacionais, Lisboa.

QUADRO Nº XLI - DISTRIBUIÇÃO DA PROPRIEDADE RÚSTICA POR CLASSES DE SUPERFÍCIE EM 1890

| Classes de superf. | 0.14–1.43 | | 1.44–4.28 | | 4.29-28.53 | | 28.54-71.33 | | + 71.33 | | Total = 100% |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Distritos | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total |
| Aveiro | 33190 | 59.8 | 13180 | 23.8 | 8629 | 15.6 | 401 | 0.7 | 59 | 0.1 | 55459 |
| Beja | 13658 | 53.5 | 6111 | 23.9 | 4669 | 18.3 | 690 | 2.7 | 412 | 1.6 | 25540 |
| Braga | 25380 | 50.5 | 10708 | 21.3 | 11777 | 23.4 | 1883 | 3.7 | 534 | 1.1 | 50282 |
| Bragança | 19129 | 49.8 | 10162 | 26.5 | 8075 | 21.0 | 815 | 2.1 | 208 | 0.5 | 38389 |
| Castelo Branco | 19989 | 57.6 | 8935 | 25.8 | 4960 | 14.3 | 541 | 1.5 | 265 | 0.8 | 34690 |
| Coimbra | 37721 | 54.7 | 18575 | 26.9 | 11476 | 16.6 | 870 | 1.3 | 344 | 0.5 | 68986 |
| Évora | 4708 | 34.7 | 3804 | 28.1 | 3421 | 25.2 | 761 | 5.6 | 865 | 6.4 | 13559 |
| Faro | 19244 | 47.5 | 11376 | 28.1 | 8739 | 21.6 | 851 | 2.1 | 282 | 0.7 | 40492 |
| Guarda | 31412 | 61.2 | 11585 | 22.6 | 7316 | 14.3 | 694 | 1.3 | 283 | 0.6 | 51290 |
| Leiria | 25875 | 53.0 | 14411 | 29.5 | 7980 | 16.3 | 429 | 0.9 | 165 | 0.3 | 48860 |
| Lisboa | 20789 | 33.8 | 16307 | 26.5 | 17213 | 28 | 4076 | 6.6 | 3114 | 5.1 | 61499 |
| Portalegre | 7231 | 44.1 | 4408 | 26.9 | 3537 | 21.6 | 677 | 4.1 | 537 | 3.3 | 16390 |
| Porto | 27953 | 50.1 | 10912 | 19.6 | 13249 | 23.7 | 2728 | 4.9 | 973 | 1.7 | 55815 |
| Santarém | 20213 | 42.1 | 15175 | 31.6 | 10927 | 22.8 | 1018 | 2.1 | 688 | 1.4 | 48021 |
| Viana do Cast. | 24819 | 51.7 | 14137 | 29.5 | 8419 | 17.5 | 459 | 1.0 | 140 | 0.3 | 47974 |
| V. Real | 25033 | 51.6 | 12498 | 25.7 | 9977 | 20.5 | 829 | 1.7 | 229 | 0.5 | 48566 |
| Vizeu | 41040 | 53.9 | 19190 | 25.2 | 14266 | 18.8 | 1183 | 1.6 | 374 | 0.5 | 76053 |
| Total | 397384 | 50.8 | 201474 | 25.8 | 154630 | 19.8 | 18905 | 2.4 | 9472 | 1.2 | 781865 |

FONTE: - *Anuário Estatístico de 1895*

QUADRO Nº XLII - DISTRIBUIÇÃO DA PROPRIEDADE RÚSTICA POR CLASSES DE SUPERFÍCIE, POR DISTRITOS EM 1910.

| Classes de superf. | 0.12–1.2 (h) | | 1.21–3.60 | | 3.61–24.01 | | 24.02–60.02 | | +60.02 | | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Distritos | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | |
| Aveiro | 46371 | 65.1 | 16334 | 22.9 | 8101 | 11.4 | 339 | 0.5 | 50 | 0.1 | 71195 |
| Beja | 18762 | 63.2 | 5490 | 18.5 | 4214 | 14.2 | 713 | 2.4 | 473 | 1.6 | 29652 |
| Braga | 32667 | 56.5 | 11774 | 20.4 | 11874 | 20.5 | 1247 | 2.2 | 237 | 0.4 | 57799 |
| Bragança | 19827 | 44.5 | 11184 | 25.1 | 12190 | 27.3 | 1050 | 2.4 | 329 | 0.7 | 44580 |
| Castelo Branco | 26942 | 61.1 | 10674 | 24.2 | 5795 | 13.1 | 441 | 1.0 | 246 | 0.5 | 44098 |
| Coimbra | 53404 | 58.9 | 22861 | 25.2 | 13408 | 14.8 | 806 | 0.9 | 266 | 0.3 | 90745 |
| Évora | 6311 | 41.7 | 4326 | 28.6 | 3152 | 20.8 | 595 | 3.9 | 734 | 4.9 | 15120 |
| Faro | 23176 | 47.0 | 13551 | 27.5 | 11024 | 22.4 | 1129 | 2.3 | 409 | 0.8 | 49289 |
| Guarda | 37420 | 59.4 | 14362 | 22.8 | 9822 | 15.6 | 990 | 1.6 | 370 | 0.6 | 62964 |
| Leiria | 39426 | 64.9 | 14499 | 23.5 | 6433 | 10.6 | 322 | 0.5 | 76 | 0.1 | 60756 |
| Lisboa | 25612 | 42.1 | 16820 | 27.4 | 15281 | 24.9 | 2330 | 3.8 | 1126 | 1.8 | 61369 |
| Portalegre | 9770 | 50.9 | 4615 | 24.1 | 3492 | 18.2 | 694 | 3.6 | 604 | 3.1 | 19175 |
| Porto | 31313 | 47.9 | 13900 | 21.3 | 15933 | 24.4 | 3013 | 4.6 | 1163 | 1.8 | 65322 |
| Santarém | 26094 | 41.0 | 19339 | 30.4 | 15895 | 25.0 | 1345 | 2.1 | 968 | 1.5 | 63641 |
| Viana do Castelo | 36367 | 60.5 | 15180 | 25.2 | 8098 | 13.5 | 408 | 0.7 | 103 | 0.2 | 60156 |
| Vila Real | 32741 | 56.4 | 13670 | 23.6 | 10473 | 18.1 | 854 | 1.4 | 280 | 0.9 | 58018 |
| Viseu | 57533 | 57.3 | 24378 | 24.3 | 16887 | 16.8 | 1271 | 1.3 | 369 | 0.4 | 100438 |
| TOTAL | 523936 | 54.9 | 232958 | 24.4 | 172072 | 18.0 | 15547 | 1.8 | 7803 | 0.8 | 954317 |

FONTE: - *Anuário de Estatístico de 1904-1905.*

QUADRO Nº XLIII- EMIGRAÇÃO E TAXA EMIGRATÓRIA NOS CONCELHOS DO DISTRITO DE COIMBRA, 1870-1875.

| Concelhos | Pop.total 1875 | Total emig. 1870-75 | M anual | Taxa emigratória |
|---|---|---|---|---|
| Arganil | 19521 | 18 | 3 | 0.2 |
| Cantanhede | 24601 | 798 | 133 | 5.4 |
| Coimbra | 42331 | 459 | 76.5 | 1.8 |
| Cond.-a-Nova | 10024 | 170 | 28.3 | 2.8 |
| Fig. da Foz | 33117 | 353 | 58.8 | 1.8 |
| Goes | 10318 | 30 | 5 | 0.5 |
| Louzã | 9577 | 248 | 41.3 | 4.3 |
| Mira | 6014 | 114 | 19 | 3.2 |
| Mirand.do Corvo | 10492 | 434 | 723 | 6.9 |
| Mont.-o-Velho | 19844 | 134 | 22.3 | 1.1 |
| Oliv.do Hosp. | 27765 | 171 | 28.5 | 1.0 |
| Pampilhosa | 9426 | 2 | 0.3 | 0.03 |
| Penacova | 13872 | 198 | 33 | 2.4 |
| Penela | 9136 | 385 | 64.2 | 7.0 |
| Poiares | 6601 | 61 | 10.2 | 1.5 |
| Soure | 17190 | 383 | 63.8 | 3.7 |
| Tãbua | 17747 | 59 | 9.8 | 0.6 |
| TOTAL | 282573 | 4016 | 669.3 | 2.4 |

FONTE: *Anuário Estatístico 1875.*
J. L. ROQUE, *Classes Populares no Distrito de Coimbra no século XIX (1830-1870)*, Coimbra 1982, pp. 574-575.

QUADRO Nº XLIV - EMIGRAÇÃO POR FREGUESIAS ENTRE 1870 E 1879.

| Anos / Freguesias | 1870 | 1871 | 1872 | 1873 | 1874 | 1875 | 1876 | 1877 | 1878 | 1879 | TOTAL | 1870-1879 M anual de emigração | 1870-1879 Taxa emigratória |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Febres | 2 | 16 | 40 | 1 | 13 | 36 | 4 | 8 | 10 | 8 | 138 | 14 | 3.9 |
| Mira | - | 11 | 38 | 18 | 13 | 37 | 2 | 13 | 16 | 6 | 154 | 15 | 2.4 |
| Quiaios | 1 | 1 | 3 | 5 | 16 | 46 | 33 | 5 | 5 | 18 | 133 | 13 | 3.0 |

Fonte: A.U.C., *Livros de Registos de Passaporte, anos de 1870 a 1879 . [...].*

QUADRO Nº XLV - EMIGRAÇÃO NOS CONCELHOS DO DISTRITO DE COIMBRA ENTRE 1906 e 1912.

| Concelhos | População 1911 | Total emigração 1906-1912 | Média anual | Taxa emigratória |
|---|---|---|---|---|
| Arganil | 21151 | 811 | 115.9 | 5.8 |
| Cantanhede | 29559 | 3604 | 514.9 | 17.4 |
| Coimbra | 62423 | 3686 | 526.6 | 8.4 |
| Cond.-a-Nova | 12553 | 1707 | 243.9 | 19.4 |
| Fig. da Foz | 45252 | 3416 | 488 | 10.8 |
| Goes | 12466 | 410 | 58.6 | 4.7 |
| Louzã | 12358 | 1273 | 181.9 | 14.7 |
| Mira | 8580 | 1723 | 246.1 | 28.7 |
| Mirand.-Corvo | 12859 | 2209 | 315.6 | 24.5 |
| Mont.-o-Velho | 23916 | 2488 | 355.4 | 14.7 |
| Oliv.-do-Hosp. | 27242 | 2445 | 349.3 | 12.8 |
| Pam.da Serra | 13548 | 120 | 17.1 | 1.3 |
| Penacova | 17701 | 2208 | 315.4 | 17.8 |
| Penela | 11932 | 1289 | 184.1 | 15.4 |
| Poiares | 8061 | 541 | 77.3 | 9.6 |
| Soure | 22323 | 1655 | 236.4 | 10.6 |
| Tãbua | 17533 | 633 | 90.4 | 5.2 |
| TOTAL | 359387 | 30108 | 4301.1 | 12.0 |

FONTE: *Emigração Portuguesa*, "Direcção Geral de Estatística e dos Próprios Nacionais", anos de 1906, 1907, 1908, 1909, 1910, 1911 e 1912.

QUADRO Nº XLVI - CRESCIMENTO NATURAL E EMIGRAÇÃO NO CONCELHO DE MIRA, 1905 a 1914.

| Anos | Nascimentos | Óbitos | Crescimento Natural (a) | Emigração (b) | (a-b) |
|---|---|---|---|---|---|
| 1905 | 241 | 144 | 97 | 75 | + 22 |
| 1906 | 286 | 144 | 142 | 99 | + 43 |
| 1907 | 234 | 116 | 118 | 196 | - 78 |
| 1908 | 260 | 158 | 102 | 265 | -163 |
| 1909 | 244 | 124 | 120 | 190 | - 70 |
| 1910 | 241 | 131 | 110 | 243 | -133 |
| 1911 | 346 | 152 | 194 | 268 | - 74 |
| 1912 | 269 | 158 | 111 | 435 | -324 |
| 1913 | 260 | 158 | 102 | 296 | -194 |
| 1914 | 267 | 161 | 106 | 94 | 12 |
| TOTAL | 2648 | 1446 | 1202 | 2161 | -959 |

FONTE:- ARQUIVO DA CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE MIRA, *Livros de Registo de Baptismo, ano de 1905 a Março de 1911 e Livros do Registo Civil, Nascimentos, Abril de 1911 a 1914; Livros de Registo de Óbitos, anos de 1905 a Março de 1911 e Livros de Registo Civil, Óbitos, Abril de 1911 a 1914.*

QUADRO Nº XLVII - MÉDIA ANUAL DE EMIGRANTES ENTRE 1870 e 1914

| Freguesias | Número de emigrantes | | | | Média entre 1870-1914 |
|---|---|---|---|---|---|
| | 1870-79 | M | 1905-14 | M | |
| Febres | 138 | 13.8 | 567 | 56.7 | 35.3 |
| Mira | 154 | 15.4 | 2161 | 216.1 | 115.7 |
| Quiaios | 133 | 13.3 | 724 | 72.4 | 42.8 |
| TOTAL | 425 | 42.5 | 3452 | 345.2 | M./Freg.= 64.6 |

FONTE: - *Quadros* 62 e 63.

QUADRO Nº XLVIII- DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO LEGALMENTE EMIGRADA NO CONTINENTE POR SEXOS, ENTRE 1872 e 1879.

| Anos | Total | Homens | Mulheres | % M. |
|---|---|---|---|---|
| 1872 | 17284 | 18371 | 1913 | 11.1 |
| 1873 | 12987 | 11075 | 1912 | 14.7 |
| 1874 | 14835 | 12683 | 2152 | 14.5 |
| 1875 | 15440 | 13684 | 1756 | 11.4 |
| 1876 | 11035 | 9667 | 1368 | 12.4 |
| 1877 | 11057 | 9074 | 1983 | 17.9 |
| 1878 | 9926 | 8254 | 1712 | 17.2 |
| 1879 | 13211 | 10434 | 2777 | 21.0 |
| TOTAL | 105775 | 90202 | 15573 | 14.7 |

FONTE: - OLIVEIRA MARTINS, (1956, pág. 226).

QUADRO Nº XLIX - DISTRIBUIÇÃO DOS EMIGRANTES POR PROFISSÕES, ANOS DE 1870-1879 E 1905-1914.

Homens

| | Febres | | | Mira | | | Quiaios | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Profissões | 1870-79 | 1905-14 | Total | 1870-79 | 1905-14 | Total | 1870-79 | 1905-14 | Total |
| Agricultor | - | 97 | 97 | - | 288 | 288 | - | 101 | 101 |
| Alfaiate | 1 | 3 | 4 | - | 13 | 13 | 1 | 2 | 3 |
| Alveitar | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | - |
| Barbeiro | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | - |
| Cabouqueiro | - | - | - | 1 | - | 1 | - | - | - |
| Caixeiro | - | 1 | 1 | - | 8 | 8 | - | 4 | 4 |
| Canteiro | - | - | - | - | - | - | 1 | 7 | 8 |
| Carpinteiro | 1 | 8 | 9 | 2 | 26 | 28 | - | 24 | 24 |
| Carreiro | 1 | - | - | - | 1 | 1 | - | - | - |
| Comerciante | - | - | - | - | 3 | 3 | - | 2 | 2 |
| Cortador | - | - | - | - | 1 | 1 | - | - | - |
| Criado servir | 1 | - | 1 | - | - | - | - | 1 | 1 |
| Emp. Comercial | - | - | - | - | 1 | 1 | - | - | - |
| Farmacêutico | - | - | - | - | 1 | 1 | - | - | - |
| Ferrador | - | - | - | 1 | - | 1 | - | - | - |
| Ferreiro | - | - | - | 1 | 3 | 4 | 1 | - | 1 |
| Funileiro | - | - | - | - | 2 | 2 | - | - | - |
| Jornaleiro | - | - | - | - | 1 | 1 | - | - | - |
| Lavrador | 8 | - | 8 | 7 | - | 7 | 3 | - | 3 |
| Maquinista | - | 1 | 1 | - | - | - | - | 1 | 4 |
| Marchante | - | - | - | - | - | - | 2 | - | 2 |
| Marítimo | - | - | - | - | - | - | - | 2 | 2 |
| Moleiro | - | - | - | 1 | - | 1 | - | - | - |
| Negociante | - | 5 | 5 | 1 | 13 | 14 | 1 | 7 | 8 |
| Ourives | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | - |
| Pedreiro | - | - | - | 1 | - | 1 | 3 | 35 | 38 |
| Pescador | - | - | - | 11 | 13 | 24 | 2 | 4 | 5 |
| Proprietário | - | 20 | 20 | - | 33 | 33 | 5 | 14 | 19 |
| Sapateiro | - | 2 | 2 | 7 | 3 | 10 | 1 | 4 | 5 |
| Seareiro | - | - | - | 9 | 7 | 16 | - | - | - |
| Serrador | 4 | 37 | 41 | | 1 | 16 | - | - | - |
| Trabalhador | 108 | 181 | 289 | 106 | 1009 | 1115 | 108 | 355 | 461 |
| TOTAL (H) | 123 | 358 | 481 | 148 | 1427 | 1575 | 125 | 566 | 691 |

Mulheres

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Agricultora | - | 4 | 4 | - | 4 | 4 | - | 3 | 3 |
| Doméstica | - | 70 | 70 | - | 268 | 268 | - | 54 | 54 |
| Proprietária | - | - | - | - | 1 | 1 | - | - | - |
| Trabalhadora | - | - | - | - | 5 | 5 | - | - | - |
| TOTAL (M) | - | 74 | 74 | - | - | 278 | - | - | 57 |
| TOTAL (Homens Mulheres) | 123 | 432 | 555 | 148 | 1705 | 1705 | 125 | 623 | 748 |

FONTE: A.U.C. *Livros de Registo de Passaporte, anos 1870 a 1879 e 1905 a 1914.*

QUADRO Nº L - DESTINO GEOGRÁFICO DA EMIGRAÇÃO LEGAL NO CONTINENTE ENTRE 1901-1913

| Anos | Destino | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Europa | Ásia | Africa | Brasil | América do Norte | Am. Sul s/ Brasil | Oceânia | Total |
| 1901 | 166 | - | 1811 | 12245 | 24 | 17 | 1 | 14264 |
| 1902 | 233 | 4 | 1477 | 13232 | 40 | 25 | 1 | 15012 |
| 1903 | 259 | 5 | 1516 | 13783 | 39 | 32 | - | 15634 |
| 1904 | 324 | 5 | 1642 | 20161 | 53 | 49 | - | 22234 |
| 1905 | 239 | 4 | 1736 | 22943 | 167 | 104 | - | 25193 |
| 1906 | 305 | 4 | 1865 | 24416 | 248 | 160 | - | 26989 |
| 1907 | 72 | 12 | 543 | 29919 | 507 | 147 | 6 | 31206 |
| 1908 | 48 | - | 7 | 34820 | 292 | 522 | - | 35689 |
| 1909 | 37 | 1 | 3 | 29145 | 439 | 660 | 1 | 30286 |
| 1910 | 21 | - | 2 | 29760 | 734 | 1226 | 56 | 31799 |
| 1911 | 188 | - | 3 | 45762 | 2475 | 1014 | 118 | 49560 |
| 1912 | 258 | - | 36 | 72245 | 2395 | 2690 | 121 | 77745 |
| 1913 | 320 | 3 | 102 | 62459 | 3826 | 1081 | 30 | 67821 |
| Total | 2470 | 38 | 10733 | 410890 | 11239 | 7727 | 335 | 443432 |

QUADRO Nº L1 — EMIGRAÇÃO LEGAL NO DISTRITO DE COIMBRA DE 1915 a 1985

| Anos | 1915 | 1916 | 1917 | 1918 | 1919 | 1920 | 1921 | 1922 | 1923 | 1924 | 1925 | 1926 | 1927 | 1928 | 1929 | 1930 | 1931 | 1932 | 1933 | 1934 | 1935 | 1936 | 1937 | 1938 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| TOTAL | 1259 | 1147 | 1076 | 1157 | 3178 | 5304 | 1073 | — | 2613 | 1950 | 2628 | 4605 | 2624 | 3603 | 3371 | 1433 | 349 | 444 | 528 | 501 | 785 | 880 | 1021 | 869 |

| 1939 | 1940 | 1941 | 1942 | 1943 | 1944 | 1945 | 1946 | 1947 | 1948 | 1949 | 1950 | 1951 | 1952 | 1953 | 1954 | 1955 | 1956 | 1957 | 1958 | 1959 | 1960 | 1961 | 1962 | 1963 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1054 | 734 | 380 | 126 | 30 | 32 | 178 | 611 | 828 | 781 | 1234 | 1271 | 1949 | 2806 | 2203 | 2117 | 1364 | 1157 | 1368 | 1219 | 995 | 1993 | 1091 | 1119 | 1092 |

| 1964 | 1965 | 1966 | 1967 | 1968 | 1969 | 1970 | 1971 | 1972 | 1973 | 1974 | 1975 | 1976 | 1977 | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1985 | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1134 | 2067 | 3465 | 2738 | 2384 | 2290 | 2581 | 1523 | 1977 | 4094 | 1942 | 640 | 311 | 321 | 356 | 555 | 599 | 521 | 400 | 287 | 313 | 410 | 80450 |

FONTES: *Estatísticas Demográficas, Movimento da População, 1920-1932.*
*Anuário Demográfico, 1950-1966.*
*Estatísticas Demográficas, 1967-1985.*

QUADRO Nº LII - DESTINO DOS EMIGRANTES NATURAIS DO DISTRITO DE COIMBRA, 1940 a 1960.

| Anos | BRASIL | | VENEZUELA | | EUROPA | | OUTROS ESTADOS | | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | TOTAL | % | TOTAL | % | TOTAL | % | TOTAL | % | |
| 1940 | 592 | 80.7 | 92 | 12.5 | - | - | 50 | 6.8 | 734 |
| 1941 | 367 | 96.6 | 11 | 2.8 | 1 | 0.2 | 1 | 0.2 | 380 |
| 1942 | 116 | 92.1 | 9 | 7.1 | 1 | 0.8 | - | - | 126 |
| 1943 | 27 | 90.0 | 1 | 0.3 | - | - | 2 | 0.7 | 30 |
| 1944 | 21 | 65.6 | 6 | 18.8 | - | - | 5 | 15.6 | 32 |
| 1945 | 72 | 40.4 | 52 | 29.2 | 2 | 1.2 | 52 | 29.2 | 178 |
| 1946 | 597 | 97.7 | 10 | 1.6 | - | - | 4 | 0.7 | 611 |
| 1947 | 782 | 94.4 | 34 | 4.1 | - | - | 12 | 1.5 | 828 |
| 1948 | 704 | 90.1 | 58 | 7.4 | - | - | 19 | 2.5 | 781 |
| 1949 | 1069 | 86.6 | 101 | 7.9 | 3 | 0.6 | 61 | 4.9 | 1234 |
| 1950 | 1112 | 87.1 | 99 | 7.8 | - | - | 60 | 5.1 | 1271 |
| 1951 | 1831 | 93.9 | 101 | 5.2 | 2 | 0.1 | 15 | 0.8 | 1949 |
| 1952 | 2650 | 94.4 | 72 | 2.6 | 4 | 0.2 | 80 | 2.8 | 2806 |
| 1953 | 2024 | 91.8 | 62 | 2.8 | 16 | 0.8 | 101 | 4.6 | 2203 |
| 1954 | 1908 | 90.1 | 92 | 4.3 | - | - | 117 | 5.6 | 2117 |
| 1955 | 1095 | 80.3 | 83 | 6.1 | - | - | 186 | 13.6 | 1364 |
| 1956 | 977 | 84.4 | 84 | 7.3 | - | - | 96 | 8.3 | 1157 |
| 1957 | 1083 | 79.2 | 59 | 4.3 | 48 | 3.5 | 178 | 13.0 | 1368 |
| 1958 | 1017 | 83.4 | 76 | 6.2 | 46 | 3.8 | 80 | 6.6 | 1219 |
| 1959 | 776 | 78.0 | 69 | 6.9 | 32 | 3.2 | 118 | 11.9 | 995 |
| 1960 | 665 | 67.0 | 58 | 5.8 | 78 | 7.9 | 192 | 19.3 | 993 |

FONTE: - *Anuário Demográfico, 1950-1966*
*Boletim da Junta de Emigração, 1950-1960.*

QUADRO Nº LIII - EMIGRAÇÃO LEGAL POR CONCELHOS, 1956-1982.

| Concelhos | 1956 | 1957 | 1958 | 1959 | 1960 | 1961 | 1962 | 1963 | 1964 | 1965 | 1966 | 1967 | 1968 | 1969 | 1970 | 1971 | 1972 | 1973 | 1974 | 1975 | 1976 | 1977 | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | 1982 | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Cantanhede | 186 | 258 | 221 | 184 | 164 | 224 | 213 | 149 | 221 | 473 | 855 | 699 | 561 | 520 | 596 | 350 | 371 | 746 | 437 | 173 | 115 | 84 | 103 | 184 | 162 | 177 | 148 | 8574 |
| Fig.da Foz | 80 | 107 | 63 | 75 | 93 | 101 | 161 | 160 | 192 | 448 | 573 | 445 | 322 | 369 | 434 | 262 | 290 | 744 | 345 | 103 | 71 | 144 | 93 | 108 | 134 | 52 | 42 | 6011 |
| Mira | 41 | 84 | 45 | 35 | 32 | 89 | 79 | 110 | 58 | 122 | 296 | 191 | 213 | 203 | 142 | 107 | 155 | 265 | 250 | 79 | 39 | 57 | 57 | 80 | 78 | 68 | 23 | 2998 |
| Montemor-o-Velho | 45 | 39 | 59 | 28 | 17 | 17 | 22 | 90 | 8 | 48 | 56 | 54 | 36 | 72 | 67 | 42 | 64 | 184 | 66 | 4 | 4 | 4 | 18 | 14 | 14 | 6 | 7 | 1085 |
| TOTAL | 352 | 488 | 388 | 322 | 306 | 431 | 475 | 509 | 479 | 1091 | 1780 | 1389 | 1132 | 1164 | 1239 | 761 | 880 | 1939 | 1098 | 359 | 229 | 289 | 271 | 386 | 388 | 303 | 220 | 18668 |

FONTES: - *Boletim da Junta de Emigração, 1955-1969.*
*Boletim Anual do Secretariado Nacional da Emigração, 1970-1972.*
*Boletim Anual da Secretaria de Estado da Emigração, 1973-1975.*
*Boletim da Seretaria de Estado da Emigração, 1976-1981.*
*Boletim da Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Europeias, 1982.*

QUADRO Nº LIV -TAXA EMIGRATÓRIA (%) POR CONCELHOS, 1956-1982

| Anos | 1956 | 1957 | 1958 | 1959 | 1960 | 1961 | 1962 | 1963 | 1964 | 1965 | 1966 | 1967 | 1968 | 1969 | 1970 | 1971 | 1972 | 1973 | 1974 | 1975 | 1976 | 1977 | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | 1982 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Cantanhede | 4.7 | 6.5 | 5.6 | 4.7 | 4.0 | 5.5 | 5.2 | 3.6 | 5.4 | 11.6 | 21.0 | 17.1 | 13.8 | 12.7 | 15.2 | 9.1 | 9.6 | 19.3 | 11.2 | 4.4 | 2.9 | 2.2 | 3.0 | 4.7 | 4.2 | 4.5 | 3.8 |
| Fig. da Foz | 1.4 | 1.9 | 1.1 | 1.3 | 1.6 | 1.7 | 2.7 | 2.7 | 3.3 | 7.7 | 9.9 | 7.7 | 5.5 | 6.3 | 8.1 | 4.9 | 5.4 | 13.6 | 6.4 | 1.9 | 1.3 | 2.7 | 1.9 | 2.0 | 2.3 | 0.9 | 0.1 |
| Mira | 3.1 | 6.4 | 3.4 | 2.7 | 2.3 | 6.6 | 5.9 | 8.2 | 4.3 | 9.1 | 22.1 | 14.2 | 15.9 | 15.2 | 10.6 | 8.4 | 12.2 | 20.1 | 18.9 | 6.1 | 3.0 | 2.7 | 4.3 | 6.0 | 5.6 | 5.2 | 1.5 |
| Mont.-o-Velho | 1.6 | 1.4 | 2.1 | 1.0 | 0.6 | 0.6 | 0.8 | 3.2 | 0.2 | 1.7 | 2.0 | 1.9 | 1.3 | 2.6 | 2.5 | 1.6 | 2.4 | 7.0 | 2.5 | 0.2 | 0.2 | 0.2 | 0.8 | 0.5 | 0.5 | 0.2 | 0.3 |
| Distrito Coimbra | 2.6 | 3.1 | 2.7 | 2.2 | 2.3 | 2.5 | 2.5 | 2.5 | 2.6 | 4.7 | 7.9 | 6.3 | 5.5 | 5.3 | 6.5 | 3.8 | 5.0 | 10.2 | 4.8 | 1.6 | 0.7 | 1.3 | 1.6 | 1.4 | 1.4 | 1.3 | 0.8 |

Fonte: QUADRO LIII
*Recenseamentos da População, anos de 1950, 1960, 1970 e 1981.*

QUADRO Nº LV - EMIGRANTES DE 10 E MAIS ANOS SEGUNDO A ACTIVIDADE ECONÓMICA, CONCELHO DE CANTANHEDE, 1911 a 1981.

| Anos | Sector 1º | | Sector 2º | | Sector 3º | | Indiferenciados e inactivos | | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| 1964 | 79 | 38.9 | 32 | 15.8 | 12 | 5.9 | 80 | 39.4 | 203 | 100 |
| 1965 | 180 | 43.3 | 147 | 33.7 | 17 | 3.9 | 92 | 21.1 | 436 | 100 |
| 1966 | 341 | 43.6 | 216 | 27.8 | 27 | 3.5 | 194 | 24.9 | 778 | 100 |
| 1967 | 282 | 46.7 | 104 | 17.2 | 14 | 2.3 | 204 | 33.8 | 604 | 100 |
| 1968 | 137 | 30.0 | 79 | 17.3 | 29 | 6.4 | 211 | 46.3 | 456 | 100 |
| 1969 | 142 | 34.2 | 59 | 14.2 | 22 | 5.3 | 192 | 46.3 | 415 | 100 |
| 1970 | 198 | 38.5 | 141 | 27.5 | 22 | 4.3 | 153 | 29.7 | 514 | 100 |
| 1971 | 67 | 23.5 | 40 | 14.1 | 18 | 6.3 | 160 | 56.1 | 285 | 100 |
| 1972 | 46 | 15.9 | 53 | 18.3 | 13 | 4.5 | 177 | 61.3 | 289 | 100 |
| 1973 | 95 | 16.7 | 133 | 23.3 | 35 | 6.1 | 307 | 53.9 | 570 | 100 |
| 1974 | 37 | 11.9 | 61 | 19.6 | 8 | 2.6 | 205 | 65.9 | 311 | 100 |
| 1975 | 6 | 4.7 | 26 | 20.2 | 10 | 7.8 | 87 | 67.3 | 129 | 100 |
| 1976 | 14 | 12.2 | 10 | 8.7 | 6 | 5.2 | 85 | 73.9 | 115 | 100 |
| 1977 | 13 | 15.5 | 11 | 13.1 | 2 | 2.4 | 58 | 69.0 | 84 | 100 |
| 1978 * | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1979 * | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1980 * | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1981 * | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1982 | 9 | 6.1 | 53 | 35.8 | 2 | 1.4 | 84 | 56.7 | 148 | 100 |
| TOTAL | 1646 | 30.8 | 1165 | 21.8 | 237 | 4.4 | 2289 | 43.0 | 5337 | 100 |

* Sem informação.

FONTES: - *Boletim da Junta de Emigração, anos de 1964 a 1969.*
*Boletim do Secretariado Nacional da Emigração, anos de 1970 a 1972.*
*Boletim da Secretaria de Estado da Emigração, anos de 1973 a 1975.*
*Boletim da Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas, anos de 1976 a 1982.*

QUADRO Nº LVI - EMIGRANTES DE 10 E MAIS ANOS, SEGUNDO A ACTIVIDADE ECONÓMICA, CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, 1964 a 1982.

| Anos | Sector 1º | | Sector 2º | | Sector 3º | | Indiferenciados e inactivos | | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| 1964 | 64 | 37.9 | 31 | 18.3 | 18 | 10.7 | 56 | 33.1 | 169 | 100 |
| 1965 | 79 | 20.4 | 134 | 34.5 | 36 | 9.3 | 139 | 35.8 | 388 | 100 |
| 1966 | 112 | 23.3 | 129 | 26.8 | 52 | 10.8 | 188 | 39.1 | 481 | 100 |
| 1967 | 80 | 21.9 | 71 | 19.5 | 18 | 4.9 | 196 | 53.7 | 365 | 100 |
| 1968 | 54 | 21.0 | 42 | 16.3 | 12 | 4.7 | 149 | 58.0 | 257 | 100 |
| 1969 | 109 | 33.0 | 89 | 27.0 | 29 | 8.8 | 103 | 31.2 | 330 | 100 |
| 1970 | 106 | 26.9 | 151 | 38.3 | 31 | 7.9 | 106 | 26.9 | 394 | 100 |
| 1971 | 23 | 10.5 | 74 | 33.8 | 28 | 12.6 | 94 | 42.9 | 219 | 100 |
| 1972 | 11 | 4.7 | 90 | 38.1 | 14 | 5.9 | 121 | 51.3 | 236 | 100 |
| 1973 | 84 | 12.6 | 323 | 48.4 | 83 | 12.4 | 177 | 26.6 | 667 | 100 |
| 1974 | 29 | 10.4 | 118 | 42.1 | 13 | 4.6 | 120 | 42.9 | 280 | 100 |
| 1975 | 8 | 9.6 | 35 | 42.2 | 4 | 4.8 | 36 | 43.4 | 83 | 100 |
| 1976 | 6 | 8.5 | 15 | 21.1 | 19 | 12.7 | 41 | 57.7 | 71 | 100 |
| 1977 | 18 | 12.5 | 23 | 16.0 | 10 | 6.9 | 93 | 64.6 | 144 | 100 |
| 1978 * | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1979 * | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1980 * | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1981 * | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1982 | 6 | 14.6 | 8 | 19.5 | 5 | 12.2 | 22 | 53.7 | 41 | 100 |
| Total | 789 | 19.1 | 1333 | 32.3 | 362 | 8.8 | 1641 | 39.8 | 4125 | 100 |

FONTE: - *Idem, Quadro LV* * Sem informação

QUADRO Nº LVII- EMIGRANTES DE 10 E MAIS ANOS, SEGUNDO A ACTIVIDADE ECONÓMICA, CONCELHO DE MONTORMOR-O-VELHO, 1964 a 1982.

| | Sector 1º | | Sector 2º | | Sector 3º | | Indiferenciados e inactivos | | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Anos | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| 1964 | 1 | 12.5 | 1 | 12.5 | 2 | 25.0 | 4 | 50.0 | 8 | 100 |
| 1965 | 1 | 10.0 | 1 | 10.0 | 1 | 10.0 | 7 | 70.0 | 10 | 100 |
| 1966 | 14 | 28.0 | 20 | 40.0 | 5 | 10.0 | 11 | 22.0 | 50 | 100 |
| 1967 | 13 | 26.5 | 19 | 38.7 | - | - | 17 | 34.8 | 49 | 100 |
| 1968 | 10 | 40.0 | 3 | 12.0 | 2 | 8.0 | 10 | 40.0 | 25 | 100 |
| 1969 | 19 | 31.1 | 16 | 26.2 | 2 | 3.3 | 24 | 39.4 | 61 | 100 |
| 1970 | 27 | 42.2 | 25 | 39.0 | 6 | 9.4 | 6 | 9.8 | 64 | 100 |
| 1971 | 8 | 21.6 | 18 | 48.6 | 2 | 5.4 | 9 | 24.4 | 37 | 100 |
| 1972 | 7 | 12.7 | 22 | 40.0 | 5 | 9.1 | 21 | 38.2 | 55 | 100 |
| 1973 | 28 | 17.3 | 83 | 51.2 | 24 | 14.8 | 27 | 16.7 | 162 | 100 |
| 1974 | 1 | 1.8 | 34 | 60.7 | 5 | 8.9 | 16 | 28.6 | 56 | 100 |
| 1975 | - | - | 2 | 50.0 | - | - | 2 | 50.0 | 4 | 100 |
| 1976 | 34 | 7.7 | 45 | 10.2 | 37 | 8.4 | 327 | 73.7 | 443 | 100 |
| 1977 | - | - | - | - | 1 | 25.0 | 3 | 75.0 | 4 | 100 |
| 1978 * | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1979 * | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1980 * | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1981 * | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1982 | - | - | 2 | 28.6 | - | - | 5 | 71.4 | 7 | 100 |
| TOTAL | 163 | 15.7 | 291 | 28.1 | 92 | 8.9 | 489 | 47.3 | 1035 | 100 |

* Sem informação

QUADRO Nº LVIII-EMIGRANTES DE 10 E MAIS ANOS, SEGUNDO A ACTIVIDADE ECONÓMICA, CONCELHO DE MIRA, 1964 a 1982.

| | Sector 1º | | Sector 2º | | Sector 3º | | Indiferenciados e inactivos | | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Anos | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| 1964 | 16 | 30.8 | 5 | 9.6 | 5 | 9.6 | 26 | 50.0 | 52 | 100 |
| 1965 | 46 | 42.6 | 32 | 29.6 | 8 | 7.4 | 22 | 20.4 | 108 | 100 |
| 1966 | 149 | 55.6 | 56 | 20.9 | 12 | 4.5 | 51 | 19.0 | 268 | 100 |
| 1967 | 70 | 42.9 | 27 | 16.6 | 4 | 2.5 | 62 | 38.0 | 163 | 100 |
| 1968 | 35 | 23.6 | 21 | 14.2 | 5 | 3.4 | 87 | 58.8 | 148 | 100 |
| 1969 | 92 | 52.3 | 25 | 14.2 | 11 | 6.3 | 48 | 27.2 | 176 | 100 |
| 1970 | 48 | 41.0 | 31 | 26.5 | 5 | 4.3 | 33 | 28.2 | 117 | 100 |
| 1971 | 20 | 26.0 | 14 | 18.2 | 1 | 1.3 | 42 | 54.5 | 77 | 100 |
| 1972 | 10 | 8.4 | 41 | 34.5 | 1 | 0.8 | 67 | 56.3 | 119 | 100 |
| 1973 | 12 | 6.4 | 58 | 31.0 | 8 | 4.3 | 109 | 58.3 | 187 | 100 |
| 1974 | 14 | 9.0 | 32 | 20.6 | 1 | 0.6 | 108 | 69.8 | 155 | 100 |
| 1975 | 6 | 13.0 | 10 | 21.7 | - | - | 30 | 65.3 | 46 | 100 |
| 1976 | - | - | 1 | 0.7 | - | - | 36 | 97.3 | 37 | 100 |
| 1977 | 3 | 8.3 | 1 | 2.8 | 2 | 5.6 | 30 | 83.3 | 36 | 100 |
| 1978 * | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1979 * | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1980 * | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1981 * | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 1982 | 1 | 5.0 | 4 | 20.0 | - | | 15 | 75.0 | 20 | 100 |
| Total | 522 | 30.5 | 358 | 21.0 | 63 | 3.7 | 766 | 44.8 | 1709 | 100 |

* Sem informação

FONTE: *Idem, Quadro LV*

QUADRO Nº LIX - EMIGRANTES DE 10 E MAIS ANOS, SEGUNDO A ACTIVIDADE ECONÓMICA. DISTRITO DE COIMBRA, * 1964 a 1982.

| Anos | Sector 1º | | Sector 2º | | Sector 3º | | Indiferenciados e inactivos | | Total | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| 1964 | 316 | 31.2 | 211 | 20.8 | 87 | 8.6 | 399 | 39.4 | 1013 | 100 |
| 1965 | 556 | 30.3 | 606 | 33.0 | 131 | 7.1 | 541 | 29.6 | 1834 | 100 |
| 1966 | 1060 | 34.8 | 830 | 27.2 | 197 | 6.5 | 961 | 31.5 | 3048 | 100 |
| 1967 | 751 | 33.3 | 434 | 19.3 | 108 | 4.8 | 960 | 42.6 | 2253 | 100 |
| 1968 | 504 | 26.9 | 250 | 13.4 | 139 | 7.4 | 978 | 52.3 | 1871 | 100 |
| 1969 | 704 | 36.3 | 383 | 19.7 | 134 | 6.9 | 720 | 37.1 | 1941 | 100 |
| 1970 | 734 | 31.8 | 764 | 33.1 | 179 | 7.8 | 631 | 27.3 | 2308 | 100 |
| 1971 | 254 | 20.3 | 319 | 25.5 | 133 | 10.6 | 547 | 43.6 | 1253 | 100 |
| 1972 | 175 | 11.3 | 429 | 27.6 | 115 | 7.4 | 834 | 53.7 | 1553 | 100 |
| 1973 | 444 | 12.9 | 1308 | 38.1 | 415 | 12.1 | 1264 | 36.9 | 3431 | 100 |
| 1974 | 141 | 10.0 | 412 | 29.2 | 57 | 4.0 | 800 | 56.8 | 1410 | 100 |
| 1975 | 40 | 8.5 | 113 | 23.9 | 23 | 4.9 | 297 | 62.7 | 473 | 100 |
| 1976 | 34 | 7.6 | 45 | 10.2 | 37 | 8.4 | 327 | 73.8 | 443 | 100 |
| 1977 | 63 | 12.4 | 70 | 13.8 | 28 | 5.5 | 346 | 68.3 | 507 | 100 |
| 1978 | 27 | 5.0 | 148 | 27.6 | 34 | 6.3 | 327 | 61.1 | 536 | 100 |
| 1979 | 30 | 4.9 | 197 | 32.3 | 20 | 3.3 | 362 | 59.5 | 609 | 100 |
| 1980 | 30 | 4.9 | 228 | 37.2 | 31 | 5.1 | 324 | 52.8 | 613 | 100 |
| 1981 | 30 | 5.5 | 208 | 37.9 | 30 | 5.5 | 281 | 51.1 | 549 | 100 |
| 1982 | 18 | 5.1 | 133 | 38.1 | 15 | 4.3 | 183 | 52.5 | 349 | 100 |
| TOTAL | 5911 | 23.6 | 6958 | 27.8 | 1043 | 4.1 | 11082 | 44.5 | 24994 | 100 |

* Entre 1978 e 1981 apenas é referenciada a actividade económica por distritos.
Em 1982 de novo é registada por concelhos.

FONTE: - *Quadro LV*

QUADRO Nº LX - PAÍSES DE DESTINO DOS EMIGRANTES POR FREGUESIA, 1956-1960.

| Freguesias | AMÉRICA LATINA | | | | | | AMÉRICA DO NORTE | | | | EUROPA | | | | | | | | O. PAÍSES | | TOTAL | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Brasil | | Venezuela | | Outros países | | Canadá | | Estados Unidos | | Alemanha (R.F.A.) | | França | | Luxemb. | | Outros | | | | | |
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| Alhadas | 12 | 85.7 | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 2 | 14.3 | – | – | 14 | 100 |
| Arazede | 27 | 93.1 | – | – | 2 | 6.9 | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 29 | 100 |
| Cadima | 91 | 96.8 | 2 | 2.1 | – | – | – | – | 1 | 1.1 | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 94 | 100 |
| Cantanhede | 50 | 90.9 | 1 | 1.8 | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 | 1.8 | – | – | – | – | 3 | 5.5 | 55 | 100 |
| Covões | 130 | 49.4 | 103 | 39.2 | – | – | 7 | 2.7 | 22 | 8.4 | – | – | 1 | 0.3 | – | – | – | – | – | – | 263 | 100 |
| Febres | 47 | 56.6 | 17 | 20.5 | – | – | – | – | 13 | 15.7 | – | – | 3 | 3.6 | – | – | – | – | 3 | 3.6 | 83 | 100 |
| Fer.-a-Nova | 1 | 50.0 | – | – | – | – | 1 | 50.0 | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 2 | 100 |
| Liceia | 1 | 100.0 | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 | 100 |
| Mira | 198 | 83.5 | 12 | 5.1 | – | – | 26 | 10.9 | 1 | 0.5 | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 237 | 100 |
| Quiaios | 17 | 65.4 | 6 | 23.1 | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 2 | 7.7 | 1 | 3.8 | 26 | 100 |
| Tocha | 20 | 95.2 | 1 | 4.8 | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 21 | 100 |
| TOTAL | 594 | 72.0 | 142 | 17.2 | 2 | 0.2 | 34 | 4.1 | 37 | 4.5 | – | – | 5 | 0.6 | – | – | 4 | 0.5 | 7 | 0.9 | 825 | 100 |

Fonte: ARQUIVOS DAS CÂMARAS MUNICIPAIS DE CANTANHEDE, FIGUEIRA DA FOZ, MIRA E MONTEMOR-O-VELHO. *Livros de Registos de Passaporte*, Anos 1956 a 1960.

QUADRO Nº LXI - PAÍSES DE DESTINO DOS EMIGRANTES POR FREGUESIA, 1961-1965.

| Freguesias | AMÉRICA LATINA | | | | | | AMÉRICA DO NORTE | | | | EUROPA | | | | | | | | O. PAÍSES | | TOTAL | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Brasil | | Venezuela | | Outros países | | Canadá | | Estados Unidos | | Alemanha (R.F.A.) | | França | | Luxemb. | | Outros | | | | | |
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| Alhadas | 2 | 8.7 | 2 | 8.7 | – | – | – | – | – | – | 5 | 21.7 | 12 | 52.2 | – | – | – | – | 2 | 8.7 | 23 | 100 |
| Arazede | 14 | 41.1 | – | – | – | – | – | – | – | – | 10 | 29.4 | 8 | 23.5 | – | – | – | – | 2 | 6.0 | 34 | 100 |
| Cadima | 56 | 78.9 | 2 | 2.8 | – | – | – | – | – | – | – | – | 9 | 12.7 | – | – | – | – | 4 | 5.6 | 71 | 100 |
| Cantanhede | 42 | 28.6 | 7 | 4.8 | 1 | 0.7 | – | – | 5 | 3.4 | – | – | 83 | 56.5 | 2 | 1.2 | – | – | 7 | 4.8 | 147 | 100 |
| Covões | 51 | 15.7 | 127 | 39.2 | – | – | – | – | – | – | – | – | 137 | 42.3 | 3 | 0.9 | – | – | 6 | 1.9 | 324 | 100 |
| Febres | 45 | 13.1 | 37 | 10.8 | – | – | – | – | – | – | – | – | 252 | 73.3 | 10 | 2.8 | – | – | – | – | 344 | 100 |
| Fer.-a-Nova | 2 | 25.0 | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 | 12.5 | 1 | 12.5 | – | – | – | – | 1 | 12.5 | 8 | 100 |
| Liceia | 3 | 60.0 | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 | 20.0 | 1 | 20.0 | – | – | – | – | 5 | 100 |
| Mira | 214 | 46.7 | 21 | 4.6 | – | – | 72 | 15.7 | 5 | 1.1 | – | – | 146 | 31.9 | – | – | – | – | – | – | 458 | 100 |
| Quiaios | 9 | 8.9 | 5 | 5.0 | – | – | – | – | – | – | 7 | 6.9 | 32 | 31.7 | – | – | – | – | 47 | 46.5 | 101 | 100 |
| Tocha | 13 | 36.1 | 1 | 2.8 | – | – | – | – | – | – | – | – | 17 | 47.2 | – | – | – | – | 5 | 13.9 | 36 | 100 |
| TOTAL | 451 | 29.1 | 202 | 13.0 | 1 | 0.06 | 72 | 4.6 | 10 | 0.6 | 23 | 1.5 | 698 | 45.0 | 16 | 1.0 | – | – | 72 | 4.6 | 1551 | 100 |

QUADRO Nº LXII - PAÍSES DE DESTINO DOS EMIGRANTES, POR FREGUESIAS DE 1966-1970.

| Freguesias | AMÉRICA LATINA | | | | | | AMÉRICA DO NORTE | | | | EUROPA | | | | | | | | O. PAÍSES | | TOTAL | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Brasil | | Venezuela | | Outros países | | Canadá | | Estados Unidos | | Alemanha (R.F.A.) | | França | | Luxemb. | | Outros | | | | | |
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| Alhadas | 5 | 5.4 | – | – | – | – | 1 | 1.1 | 2 | 2.2 | 15 | 16.1 | 66 | 70.8 | 2 | 2.2 | 2 | 2.2 | – | – | 93 | 100 |
| Arazede | 5 | 3.8 | – | – | – | – | – | – | – | – | 22 | 17.0 | 98 | 75.4 | 1 | 0.8 | 2 | 1.5 | 2 | 1.5 | 130 | 100 |
| Cadima | 19 | 8.1 | 6 | 2.5 | – | – | 2 | 0.8 | 3 | 1.3 | 24 | 10.3 | 174 | 74.4 | 3 | 1.3 | – | – | 3 | 1.3 | 234 | 100 |
| Cantanhede | 29 | 8.0 | 19 | 5.3 | – | – | – | – | 4 | 1.1 | 21 | 5.8 | 271 | 75.1 | 6 | 1.7 | 8 | 2.2 | 3 | 0.8 | 361 | 100 |
| Covões | 22 | 3.7 | 126 | 21.2 | – | – | 1 | 0.2 | 6 | 1.0 | 21 | 3.5 | 334 | 56.2 | 42 | 7.1 | 32 | 5.4 | 10 | 1.7 | 594 | 100 |
| Febres | 11 | 1.5 | 25 | 3.6 | – | – | 7 | 1.0 | – | – | 27 | 4.0 | 562 | 83.3 | 12 | 1.7 | 22 | 3.2 | 8 | 1.8 | 674 | 100 |
| Fer.-a-Nova | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 9 | 20.9 | 31 | 72.1 | 2 | 4.7 | 1 | 2.3 | – | – | 43 | 100 |
| Liceia | – | – | – | – | – | – | 1 | 50.0 | – | – | – | – | 1 | 50.0 | – | – | – | – | – | – | 2 | 100 |
| Mira | 75 | 7.2 | 9 | 0.9 | – | – | 70 | 6.7 | 32 | 3.1 | 33 | 3.2 | 795 | 76.1 | 2 | 0.2 | 5 | 0.3 | 24 | 2.3 | 1045 | 100 |
| Quiaios | 5 | 1.4 | 3 | 0.8 | – | – | 13 | 3.7 | – | – | 65 | 18.4 | 248 | 70.1 | 10 | 2.8 | 9 | 2.5 | 1 | 0.3 | 354 | 100 |
| Tocha | 3 | 1.9 | 8 | 5.0 | – | – | – | – | – | – | 19 | 11.9 | 125 | 78.7 | 4 | 2.5 | – | – | – | – | 159 | 100 |
| TOTAL | 174 | 4.7 | 196 | 5.3 | – | – | 95 | 2.6 | 47 | 1.3 | 256 | 6.9 | 2705 | 73.3 | 84 | 2.3 | 81 | 2.2 | 51 | 1.4 | 3689 | 100 |

FONTE: - ARQUIVOS DAS CÂMARAS MUNICIPAIS DE CANTANHEDE, FIGUEIRA DA FOZ, MIRA E MONTEMOR-O-VELHO, *Livros de Registos de Passaporte, Anos de 1966 a 1970.*

QUADRO Nº LXIII - PAÍSES DE DESTINO DOS EMIGRANTES, POR FREGUESIAS, 1971-1975.

| Freguesias | AMÉRICA LATINA | | | | | | AMÉRICA DO NORTE | | | | EUROPA | | | | | | | | O. PAÍSES | | TOTAL | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Brasil | | Venezuela | | Outros países | | Canadá | | Estados Unidos | | Alemanha (R.F.A.) | | França | | Luxemb. | | Outros | | | | | |
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| Alhadas | – | – | 1 | 1.9 | – | – | 4 | 7.5 | – | – | 7 | 13.2 | 12 | 22.6 | 26 | 49.1 | 2 | 3.8 | 1 | 1.9 | 53 | 100 |
| Arazede | 4 | 6.3 | – | – | – | – | – | – | – | – | 15 | 23.8 | 31 | 49.3 | 8 | 12.7 | 3 | 4.8 | 2 | 3.1 | 63 | 100 |
| Cadima | 3 | 2.5 | 2 | 1.7 | – | – | – | – | 5 | 4.2 | 11 | 9.1 | 94 | 78.3 | 5 | 4.2 | – | – | – | – | 120 | 100 |
| Cantanhede | 1 | 0.6 | 6 | 3.7 | – | – | 8 | 4.9 | 19 | 11.6 | 9 | 5.5 | 109 | 66.5 | 8 | 4.9 | – | – | 4 | 2.3 | 164 | 100 |
| Covões | 4 | 2.4 | 31 | 18.5 | – | – | 18 | 10.6 | 20 | 11.9 | 4 | 2.4 | 76 | 45.2 | 6 | 3.6 | – | – | 9 | 5.4 | 168 | 100 |
| Febres | 3 | 1.1 | 5 | 1.9 | – | – | 12 | 4.5 | 30 | 11.2 | 16 | 5.9 | 191 | 71.3 | 11 | 4.1 | – | – | – | – | 268 | 100 |
| Fer.-a-Nova | 1 | 2.8 | – | – | – | – | – | – | – | – | 8 | 22.2 | 1 | 2.8 | 25 | 69.4 | 1 | 2.8 | – | – | 36 | 100 |
| Liceia | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 | 11.1 | | 66.7 | 6 | | 2 | 22.2 | – | – | 9 | 100 |
| Mira | 19 | 2.2 | 18 | 2.1 | – | – | 148 | 17.3 | 61 | 7.1 | 78 | 9.1 | 434 | 50.8 | 54 | 6.3 | 32 | 3.7 | 12 | 1.4 | 856 | 100 |
| Quiaios | – | – | – | – | – | – | 2 | 1.4 | – | – | 46 | 33.1 | 41 | 29.5 | 49 | 35.3 | 1 | 0.7 | – | – | 139 | 100 |
| Tocha | 5 | 6.0 | 1 | 1.2 | – | – | – | – | 2 | 2.4 | 21 | 25.3 | 40 | 48.3 | 9 | 10.8 | 3 | 3.6 | 2 | 2.4 | 83 | 100 |
| TOTAL | 40 | 2.0 | 64 | 3.3 | – | – | 192 | 9.8 | 137 | 7.0 | 216 | 11.0 | 1029 | 52.5 | 207 | 10.6 | 44 | 2.2 | 30 | 1.6 | 1959 | 100 |

FONTE: - ARQUIVOS DAS CÂMARAS MUNICIPAIS DE CANTANHEDE, FIGUEIRA DA FOZ, MIRA E MONTEMOR-O-VELHO, *Livros de Registos de Passaporte Anos de 1971 a 1975.*

QUADRO Nº LXIV - PAÍSES DO DESTINO DOS EMIGRANTES, POR FREGUESIAS, 1976-1980.

| Freguesias | AMÉRICA LATINA | | | | | | AMÉRICA DO NORTE | | | | EUROPA | | | | | | | | O. PAÍSES | | TOTAL | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Brasil | | Venezuela | | Outros países | | Canadá | | Estados Unidos | | Alemanha (R.F.A.) | | França | | Luxemb. | | Outros | | | | | |
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| Alhadas | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 1 | 16.7 | 5 | 83.3 | – | – | – | – | – | – | 6 | 100 |
| Arazede | 1 | 7.7 | – | – | – | – | – | – | – | – | 5 | 38.4 | 3 | 23.1 | 1 | 7.7 | 1 | 7.7 | 2 | 15.4 | 13 | 100 |
| Cadima | – | – | – | – | – | – | – | – | 3 | 7.5 | – | – | 35 | 87.5 | 2 | 5.0 | – | – | – | – | 40 | 100 |
| Cantanhede | 2 | 5.6 | – | – | – | – | 3 | 8.3 | 3 | 8.3 | 2 | 5.6 | 24 | 66.6 | 2 | 5.6 | – | – | – | – | 36 | 100 |
| Covões | 2 | 8.0 | – | – | – | – | – | – | 6 | 24.0 | 3 | 12.0 | 12 | 48.0 | – | – | 2 | 8.0 | – | – | 25 | 100 |
| Febres | 1 | 1.2 | – | – | – | – | 6 | 7.3 | 10 | 12.2 | – | – | 55 | 67.1 | 8 | 9.8 | – | – | 2 | 2.4 | 82 | 100 |
| Fer.-a-Nova | 1 | 3.8 | – | – | – | – | 2 | 7.7 | – | – | 2 | 7.7 | 12 | 46.2 | 4 | 15.4 | 3 | 11.5 | 2 | 7.7 | 26 | 100 |
| Liceia | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – |
| Mira | 7 | 2.2 | 12 | 3.9 | 1 | 0.3 | 23 | 7.4 | 61 | 19.6 | 39 | 12.5 | 107 | 34.4 | 21 | 6.8 | 14 | 4.5 | 26 | 8.4 | 311 | 100 |
| Quiaios | – | – | – | – | – | – | 1 | 2.8 | 1 | 2.8 | 1 | 2.8 | 19 | 52.7 | 12 | 33.3 | 2 | 5.6 | – | – | 36 | 100 |
| Tocha | 1 | 5.3 | 1 | 5.3 | – | – | – | – | 2 | 10.4 | – | – | 9 | 47.4 | 6 | 31.6 | – | – | – | – | 19 | 100 |
| TOTAL | 15 | 2.5 | 13 | 2.2 | 1 | 0.2 | 35 | 5.9 | 86 | 14.5 | 53 | 8.9 | 281 | 47.3 | 56 | 9.4 | 22 | 3.7 | 32 | 5.4 | 594 | 100 |

FONTE: - ARQUIVOS DAS CÂMARAS MUNICIPAIS DE CANTANHEDE, FIGUEIRA DA FOZ, MIRA E MONTEMOR-O-VELHO, *Livros de Registos de Passaporte Anos de 1976 a 1980.*

QUADRO Nº LXV - DESTINO GEOGRÁFICO DOS EMIGRANTES, POR CONCELHOS E DISTRITOS, 1950-1960.

| Concelhos | AMÉRICA LATINA | | | | | | AMÉRICA DO NORTE | | | | EUROPA | | | | | | O. PAÍSES | | TOTAL | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Brasil | | Venezuela | | Outros países | | Canadá | | Estados Unidos | | Alemanha (R.F.A.) | | França | | Outros | | | | | |
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| Cantanhede | 756 | 74.6 | 183 | 18.1 | – | – | 37 | 3.7 | 30 | 3.0 | – | – | 3 | 0.3 | 1 | 0.1 | 2 | 0.2 | 1012 | 100 |
| Fig.da Foz | 229 | 52.3 | 22 | 5.0 | 8 | 1.8 | 29 | 6.6 | 27 | 6.2 | – | – | 74 | 16.9 | 13 | 3.0 | 36 | 8.2 | 438 | |
| Mira | 198 | 83.5 | 12 | 5.1 | – | – | 26 | 10.9 | 1 | 0.5 | – | – | – | – | – | – | – | – | 237 | 100 |
| Mont.-o-V. | 176 | 94.4 | – | – | 3 | 1.5 | 1 | 0.5 | 2 | 1.1 | – | – | – | – | 3 | 1.5 | 1 | 1.1 | 186 | 100 |
| Distrito Coimbra | 4518 | 79.3 | 346 | 6.1 | 64 | 1.1 | 207 | 3.6 | 187 | 3.3 | – | | 174 | 3.1 | 39 | 0.7 | 159 | 2.8 | 5694 | 100 |

* - Relativamente ao concelho de Mira utilizam-se os dados relativos aos *Registos de Passaportes*.

FONTE: - *Boletins da Junta de Emigração*, anos de 1956 a 1960.

QUADRO Nº LXVI - DESTINO GEOGRÁFICO DOS EMIGRANTES POR CONCELHOS E NO DISTRITO, 1961-1965

| Concelhos | AMÉRICA LATINA | | | | | | AMÉRICA DO NORTE | | | | EUROPA | | | | | | O. PAÍSES | | TOTAL | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Brasil | | Venezuela | | Outros países | | Canadá | | Estados Unidos | | Alemanha (R.F.A.) | | França | | Outros | | | | | |
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| Cantanhede | 479 | 37.4 | 165 | 12.9 | | | 51 | 4.0 | 43 | 3.4 | 22 | 1.7 | 478 | 37.3 | 13 | 1.0 | 29 | 2.3 | 1280 | 100 |
| Fig. da Foz | 150 | 14.0 | 23 | 2.2 | 13 | 1.2 | 81 | 7.6 | 10 | 0.9 | 75 | 7.0 | 423 | 39.6 | 225 | 21.1 | 68 | 6.4 | 1068 | 100 |
| Mira | 214 | 46.7 | 21 | 4.6 | | | 72 | 15.7 | 5 | 1.1 | | | 146 | 31.9 | | | | | 458 | 100 |
| Mont.-o-V. | 53 | 51.0 | | | | | 1 | 1.0 | | | 12 | 11.5 | 32 | 30.8 | 2 | 1.9 | 4 | 3.8 | 104 | 100 |
| Distrito Coimbra | 2768 | 42.6 | 272 | 4.2 | 39 | 0.6 | 308 | 4.7 | 145 | 2.2 | 215 | 3.3 | 2161 | 33.2 | 327 | 5.0 | 267 | 4.2 | 6502 | 100 |

FONTE: *Boletim da Junta de Emigração*, anos de 1961 a 1965

QUADRO Nº LXVII - DESTINO GEOGRÁFICO DOS EMIGRANTES POR CONCELHOS NO DISTRITO, 1966-1970.

| Concelhos | AMÉRICA LATINA | | | | | | AMÉRICA DO NORTE | | | | EUROPA | | | | | | O. PAÍSES | | TOTAL | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Brasil | | Venezuela | | Outros países | | Canadá | | Estados Unidos | | Alemanha (R.F.A.) | | França | | Outros | | | | | |
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| Cantanhede | 125 | 3.9 | 235 | 7.3 | | | 148 | 4.6 | 260 | 8.0 | 136 | 4.2 | 1293 | 67.8 | 36 | 1.1 | 98 | 3.1 | 3231 | 100 |
| Fig.da Foz | 65 | 2.7 | 38 | 1.6 | | | 173 | 7.2 | 156 | 6.5 | 286 | 12.0 | 1433 | 59.9 | 170 | 7.1 | 71 | 3.0 | 2392 | 100 |
| Mira | 75 | 7.2 | 9 | 0.9 | | | 70 | 6.7 | 32 | 3.1 | 33 | 3.2 | 795 | 76.1 | 7 | 0.5 | 24 | 2.3 | 1045 | 100 |
| Mont.o-V. | 10 | 3.5 | | | | | 2 | 0.7 | 1 | 0.4 | 48 | 16.8 | 213 | 74.7 | 9 | 3.2 | 2 | 0.7 | 285 | 100 |
| Distrito Coimbra | 932 | 6.9 | 339 | 2.5 | 11 | 0.9 | 634 | 4.7 | 810 | 6.0 | 1248 | 9.3 | 8643 | 64.2 | 396 | 2.9 | 464 | 3.4 | 13458 | 100 |

FONTE: *Boletim da Junta de Emigração*, anos 1966 à 1969;

*Boletim Anual do Secretariado Nmcional de Emigração*, ano de 1970.

QUADRO Nº LXVIII - DESTINO GEOGRÁFICO DOS EMIGRANTES, POR CONCELHOS E NO DISTRITO, 1971-1975.

| Concelhos | AMÉRICA LATINA | | | | | | AMÉRICA DO NORTE | | | | EUROPA | | | | | | O. PAÍSES | | TOTAL | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Brasil | | Venezuela | | Outros Países | | Canadá | | Estados Unidos | | Alemanha (R.F.A.) | | França | | Outros | | | | | |
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| Cantanhede | 41 | 2.0 | 143 | 6.9 | | | 262 | 12.6 | 307 | 14.8 | 213 | 10.3 | 976 | 47.0 | 94 | 4.4 | 41 | 2.0 | 2077 | 100 |
| Fig. da Foz | 12 | 0.7 | 6 | 0.3 | 4 | 0.2 | 99 | 5.7 | 149 | 8.5 | 538 | 30.8 | 414 | 23.7 | 502 | 28.8 | 20 | 1.3 | 1744 | 100 |
| Mira | 19 | 2.2 | 18 | 2.1 | | | 148 | 17.3 | 61 | 7.1 | 78 | 9.1 | 434 | 50.8 | 86 | 10.0 | 12 | 1.4 | 856 | 100 |
| Mont.-o-V. | 10 | 2.8 | | | | | 1 | 0.3 | 2 | 0.6 | 159 | 44.1 | 87 | 24.2 | 99 | 27.5 | 2 | 0.5 | 360 | 100 |
| Distrito Coimbra | 319 | 3.1 | 200 | 2.0 | 5 | 0.1 | 907 | 8.9 | 836 | 8.2 | 2578 | 25.4 | 4002 | 39.3 | 1193 | 11.7 | 136 | 1.3 | 10176 | 100 |

FONTE: - *Boletim Anual do Secretariado Nacional da Emigração*, anos 1971 e 1972;

*Boletim Anual da Secretaria de Estado da Emigração*, anos 1973 a 1975.

QUADRO Nº LXIX - DESTINO GEOGRÁFICO DOS EMIGRANTES, POR CONCELHOS E NO DISTRITO 1976-1982*

| Concelhos | AMÉRICA LATINA | | | | | | AMÉRICA DO NORTE | | | | EUROPA | | | | | | O. PAÍSES | | TOTAL | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Brasil | | Venezuela | | Outros países | | Canadá | | Estados Unidos | | Alemanha (R.F.A.) | | França | | Outros | | | | | |
| | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | Total | % | | |
| Cantanhede | 4 | 0.3 | 338 | 28.6 | 2 | 0.2 | 179 | 15.1 | 274 | 23.2 | 1 | 0.1 | 220 | 18.6 | 110 | 9.3 | 55 | 4.6 | 1183 | 100 |
| Fig.da Foz | 13 | 1.7 | 80 | 10.3 | 6 | 0.8 | 126 | 16.2 | 215 | 27.6 | 75 | 9.6 | 202 | 25.9 | 53 | 6.8 | 10 | 1.1 | 780 | 100 |
| Mira | 7 | 2.2 | 12 | 3.9 | 1 | 0.3 | 23 | 7.4 | 61 | 19.6 | 39 | 12.5 | 107 | 34.4 | 35 | 11.3 | 26 | 8.4 | 311 | 100 |
| Mont.-o-V. | 1 | 0.9 | 28 | 24.3 | | | 2 | 1.8 | 1 | 0.9 | | | 30 | 26.1 | 42 | 36.5 | 11 | 9.5 | 115 | 100 |
| Distrito Coimbra | 103 | 2.1 | 704 | 14.5 | 30 | 0.6 | 437 | 9.0 | 853 | 17.6 | 41 | 0.8 | 1340 | 27.7 | 808 | 16.7 | 528 | 11.0 | 4844 | 100 |

* - Em relação ao concelho de Mira a informação refere-se apenas até 1980.

FONTE: - *Boletins da Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas*, anos 1976 a 1982.

QUADRO Nº LXX - CLASSES ETÁRIAS DA POPULAÇÃO QUE CONSTITUÍ OS 385 AGREGADOS FAMILIARES, 1986.

| Freguesias / Classes etárias | Alhadas* | | | Arazede* | | | Cadima* | | | Cantanhede* | | | Covões* | | | Febres* | | | Fer.-a-Nova* | | | Liceia* | | | Mira | | | Quiaios | | | Tocha | | | Total | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M | Total | H | M |
| 0-4 | 4 | 3 | 1 | 2 | 1 | 1 | 3 | 1 | 2 | 1 | 1 | - | 2 | 2 | - | - | - | - | 3 | 2 | 1 | 5 | 2 | 3 | 17 | 12 | 5 | 6 | 1 | 5 | 2 | 2 | - | 45 | 27 | 18 |
| 5-9 | 8 | 3 | 5 | 8 | 6 | 2 | 7 | 5 | 2 | 2 | 2 | - | 3 | 3 | - | 9 | 5 | 4 | 5 | 4 | 1 | 7 | 6 | 1 | 11 | 6 | 5 | 7 | 6 | 1 | 7 | 4 | 3 | 74 | 50 | 24 |
| 10-14 | 6 | 2 | 4 | 9 | 6 | 3 | 7 | 3 | 4 | 8 | 4 | 4 | 4 | 3 | 1 | 7 | 5 | 2 | 7 | 4 | 3 | 5 | 2 | 3 | 26 | 16 | 10 | 9 | 6 | 3 | 14 | 11 | 3 | 102 | 62 | 40 |
| 15-19 | 9 | 5 | 4 | 7 | 5 | 2 | 11 | 8 | 3 | 8 | 3 | 5 | 6 | 1 | 5 | 12 | 6 | 6 | 7 | 2 | 5 | 3 | 1 | 2 | 22 | 12 | 10 | 14 | 10 | 4 | 18 | 11 | 7 | 117 | 64 | 53 |
| 20-24 | 5 | 2 | 3 | 16 | 8 | 8 | 12 | 8 | 4 | 2 | - | 2 | 8 | 3 | 5 | 5 | 4 | 1 | 7 | 6 | 1 | 2 | - | 2 | 32 | 18 | 14 | 15 | 11 | 4 | 14 | 10 | 4 | 118 | 70 | 48 |
| 25-29 | 3 | 2 | 1 | 14 | 5 | 9 | 18 | 8 | 10 | 4 | 1 | 3 | 11 | 5 | 6 | 5 | 1 | 4 | 3 | 1 | 2 | 10 | 4 | 6 | 22 | 9 | 13 | 15 | 7 | 8 | 10 | 5 | 5 | 115 | 48 | 67 |
| 30-34 | 9 | 4 | 5 | 6 | 5 | 1 | 14 | 9 | 5 | 1 | 1 | - | 2 | 2 | - | 7 | 4 | 3 | 5 | 2 | 3 | 11 | 8 | 3 | 28 | 8 | 20 | 10 | 4 | 6 | 15 | 7 | 8 | 108 | 54 | 54 |
| 35-39 | 4 | 1 | 3 | 8 | 4 | 4 | 4 | 4 | - | 8 | 4 | 4 | 4 | 3 | 1 | 7 | 4 | 3 | 11 | 5 | 6 | 6 | 2 | 4 | 31 | 19 | 12 | 11 | 3 | 8 | 11 | 4 | 7 | 105 | 53 | 52 |
| 40-44 | 7 | 4 | 3 | 8 | 3 | 5 | 9 | 2 | 7 | 12 | 5 | 7 | 5 | 1 | 4 | 8 | 5 | 3 | 5 | 4 | 1 | 2 | 1 | 1 | 12 | 5 | 7 | 18 | 11 | 7 | 15 | 11 | 4 | 100 | 52 | 48 |
| 45-49 | 5 | 2 | 3 | 6 | 3 | 3 | 11 | 5 | 6 | 5 | 4 | 1 | 6 | 4 | 2 | 6 | 3 | 3 | 1 | 1 | - | 4 | - | 4 | 19 | 9 | 10 | 7 | 4 | 3 | 14 | 5 | 9 | 84 | 40 | 44 |
| 50-54 | 3 | 1 | 2 | 15 | 6 | 9 | 15 | 7 | 8 | 1 | - | 1 | 5 | 2 | 3 | 2 | 1 | 1 | 9 | 3 | 6 | 8 | 6 | 2 | 20 | 11 | 9 | 8 | 4 | 4 | 8 | 5 | 3 | 94 | 46 | 48 |
| 55-59 | 7 | 4 | 3 | 8 | 5 | 3 | 9 | 6 | 3 | 8 | 4 | 4 | 4 | - | 4 | 5 | 2 | 3 | 5 | 3 | 2 | 3 | 1 | 2 | 30 | 17 | 13 | 7 | 4 | 3 | 6 | 3 | 3 | 92 | 49 | 43 |
| 60-64 | 1 | 1 | - | 5 | 3 | 2 | 11 | 6 | 5 | 4 | 1 | 3 | 7 | 5 | 2 | 8 | 4 | 4 | 2 | 1 | 1 | 2 | 2 | - | 17 | 6 | 11 | 10 | 3 | 7 | 6 | 4 | 2 | 73 | 36 | 37 |
| 65-69 | 2 | - | 2 | 2 | 2 | - | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | - | 5 | 2 | 3 | 3 | 1 | 2 | 3 | 1 | 2 | 2 | 1 | 1 | 15 | 9 | 6 | 7 | 3 | 4 | 7 | 2 | 5 | 49 | 23 | 26 |
| 70-74 | 2 | 1 | 1 | 3 | 2 | 1 | 4 | 2 | 2 | 4 | 2 | 2 | 3 | 1 | 2 | 8 | 4 | 4 | 3 | 2 | 1 | 1 | 1 | - | 4 | 1 | 3 | 1 | 1 | - | 7 | 5 | 2 | 40 | 22 | 18 |
| 75 e mais | 2 | - | 2 | 3 | - | 3 | 1 | 1 | - | 5 | 2 | 3 | - | - | - | - | - | - | 4 | 2 | 2 | - | - | - | 12 | 5 | 7 | 5 | 5 | - | 5 | 1 | 4 | 37 | 16 | 21 |
| Total | 77 | 35 | 42 | 120 | 64 | 56 | 138 | 76 | 62 | 74 | 35 | 39 | 74 | 37 | 37 | 92 | 49 | 43 | 80 | 43 | 37 | 71 | 37 | 34 | 318 | 163 | 155 | 150 | 83 | 67 | 159 | 90 | 69 | 1353 | 712 | 641 |

* As informações referem-se apenas a inquéritos realizados na *Gândara*. Por facilidade de representação utilizou-se a freguesia onde se inserem.

Fonte: *Inquérito*.

QUADRO Nº LXXI - PROFISSÃO PRINCIPAL DO INQUIRIDOR (GÂNDARA)

| Profissão | Total | % * |
|---|---|---|
| Alfaiate | 2 | - |
| Agricultor | 128 | 33.2 |
| Bancário | 1 | - |
| Bate-Chapas | 1 | - |
| Comerciante | 29 | 7.5 |
| Comerciante de gado | 2 | - |
| Canalizador | 3 | - |
| Carpinteiro | 18 | 4.7 |
| Carteiro | 4 | 1.0 |
| Doméstica | 11 | 2.8 |
| Electricista | 5 | 1.3 |
| Empresário | 1 | - |
| Emp.Câm. Municipal | 1 | - |
| Emp. de Comércio | 2 | - |
| Emp. de Escritório | 4 | 1.0 |
| Emp. Lacticoop. | 2 | - |
| Emp. de Mesa | 1 | - |
| Emp. Ordenha | 2 | - |
| Emp. Rovisco Pais | 5 | 1.3 |
| Emp.Ser. Florestais | 1 | - |
| Enfermeiro | 2 | - |
| Eng. Electrónico | 1 | - |
| Escrivão Direito | 1 | - |
| Estucador | 1 | - |
| Ferroviário | 1 | - |
| Func. Armada | 1 | - |
| Func. Público | 3 | - |
| Guarda Fiscal | 2 | - |
| Guarda Florestal | 2 | - |
| Guarda Livros | 3 | - |
| G.N.R. | 1 | - |
| Industrial Autom. | 1 | - |
| Jornaleiro | 2 | - |
| Manobrador de Máq. | 1 | - |
| Maquinista | 2 | - |
| Marítimo | 1 | - |
| Marnoto | 1 | - |
| Merceiro | 1 | - |
| Metalúrgico | 1 | - |
| Militar | 1 | - |
| Motorista | 10 | 2.6 |
| Operário | 2 | - |
| Ourives | 5 | 1.3 |
| Padeiro | 2 | - |
| Pedreiro | 34 | 8.8 |
| Peixeiro | 1 | - |
| Pescador | 9 | 2.3 |
| Pintor C. Civil | 3 | - |
| Polícia | 3 | - |
| Professor | 4 | 1.0 |
| Proprietário | 1 | - |
| Recepcionista hotel | 1 | - |
| Relojoeiro | 2 | - |
| Resineiro | 1 | - |
| Serralheiro | 3 | - |
| Soldador | 1 | - |
| Taxista | 2 | - |
| Tractorista | 1 | - |
| Vend. Ambul. | 3 | - |
| Vend.Automóv. | 1 | - |
| Vigilante (colégio) | 1 | - |
| Desempregado | 1 | - |
| Reformados | 42 | 10.9 |
| Total | 385 | 100.0 |

* Considerou-se apenas igual ou superior a 1.
Fonte: *Inquérito*.

## QUADRO Nº LXXII - PROFISSÃO PRINCIPAL DO INQUIRIDOR* 1986.

| PROFISSÕES | Alhadas | Arazede | Cadima | Cantanhede | Covões | Febres | Fer. Hosp. | Lavos | Mira | Quatos | Tocha |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Agricultor | 8 | 9 | 15 | 7 | 14 | 10 | 9 | 7 | 20 | 14 | 7 |
| Alfaiate | - | - | - | - | - | 2 | - | - | - | - | - |
| Bancário | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 | - | - |
| Bate Chapas | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Canalizador | - | - | - | - | - | 1 | 1 | - | 1 | - | - |
| Carpinteiro | - | 1 | 2 | 2 | 1 | - | - | 3 | 1 | 1 | 3 |
| Carteiro | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | - | - | 1 |
| Comerciante | 1 | 2 | 1 | 2 | 1 | 1 | - | 1 | 11 | 5 | 3 |
| Comer. de gado | - | - | - | - | - | - | - | - | 2 | - | - |
| Doméstica | - | - | 7 | 3 | - | - | - | 1 | 4 | 1 | 1 |
| Electricista | - | 1 | - | - | - | - | 1 | 3 | - | - | - |
| Emp. Cân. Municipal | - | - | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - |
| Emp. Comercial | - | - | - | - | - | - | 1 | - | 1 | - | - |
| Emp. Escritório | - | - | 1 | - | - | 1 | - | - | 1 | - | 1 |
| Emp. de mesa | - | - | - | - | 1 | - | - | - | - | - | - |
| Emp. da Lacticoop | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 2 |
| Emp. de ordenha | - | - | - | - | - | - | - | - | 2 | - | - |
| Emp. Aviário Pais | - | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | 4 |
| Emp. Serv. Florestais | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 |
| Empresário | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 | - | - |
| Enfermeiro | - | - | - | - | - | 1 | - | - | - | 1 | - |
| Eng. Electrónico | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 | - |
| Escritão de direito | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 | - | - |
| Estucador | - | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Ferroviário | - | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Func. da Armada | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 | - |
| Func. Público | - | - | - | - | - | - | - | - | 2 | - | - |
| Guarda Fiscal | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 2 |
| Guarda Florestal | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 2 |
| Guarda Livros | - | - | - | - | - | - | - | 1 | 1 | - | 1 |
| G.N.R. | - | - | - | - | - | - | 1 | - | - | - | - |
| Indust. Automóveis | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Jornaleiro | - | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | - | - |
| Manobr. de Máquinas | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 |
| Maquinista | 2 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Marítimo | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Marmoto | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 | - | - |
| Marceeiro | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 | - | - |
| Metalúrgico | - | - | - | - | - | 1 | - | - | - | - | - |
| Militar | - | - | - | - | - | 1 | - | - | - | - | - |
| Motorista | - | 2 | 1 | - | 1 | - | 2 | - | - | 2 | 2 |
| Operário | - | - | - | - | - | 2 | 2 | - | - | - | - |
| Ourives | - | - | - | 1 | - | 1 | - | - | - | - | - |
| Padeiro | - | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | - | - |
| Pedreiro | 2 | 3 | 2 | 1 | - | 1 | 3 | 1 | 11 | 4 | 3 |
| Pelaeiro | - | - | 2 | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Pescador | - | - | - | - | - | - | - | - | 8 | - | 1 |
| Pintor de C. Civil | - | 1 | - | 1 | - | - | - | - | 1 | - | - |
| Polícia | - | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| Professor | 1 | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 | - | 1 |
| Proprietário | - | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Recepcionista | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Relojoeiro | - | - | - | - | - | - | - | - | 2 | - | - |
| Resineiro | - | - | - | - | - | - | - | 1 | - | - | - |
| Serralheiro | - | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 | 1 | - |
| Soldador | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Taxista | - | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 | - | - |
| Tractoristas | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 |
| Vend. Ambulante | - | 1 | - | - | - | 1 | - | - | 1 | - | - |
| Vend. Automóveis | - | - | - | - | - | - | - | 1 | - | - | - |
| Vigilante | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Reformados | 2 | 3 | 4 | 3 | 2 | 3 | 3 | - | 8 | 3 | 3 |
| Desempregados | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 | - | - |
| TOTAL | 20 | 30 | 39 | 22 | 20 | 27 | 23 | 19 | 58 | 42 | 45 |

* Embora não se tratando de população activa, consideramos, neste caso, os reformados, pois o seu quantitativo exprime bem a importância social da reforma.

Fonte: Inquérito.

## ÍNDICE DOS QUADROS — TEXTO

Pág.

1. Número de indivíduos que em cada lugar afirmou residir na *Gândara* ..... 32
2. Povoamento do Século IX ao Século XVI (1527) ..... 48
3. Evolução do Número de Fogos e Lugares na Freguesia de S. Tomé de Mira entre 1527 e 1758 ..... 53
4. Evolução do Número de Fogos e Lugares na Freguesia de Nª. Senhora das Febres, entre 1527 e 1758 ..... 54
5. Evolução do Número de Fogos e Lugares na Freguesia de Covões entre 1527 e 1758 ..... 55
6. Evolução do Número de Fogos e Lugares na Freguesia de S. Mamede de Quiaios entre 1527 e 1758 ..... 56
7. Naturalidade dos Pais das Crianças Baptizadas na Freguesia de S. Mamede de Quiaios de 1700-1734 ..... 70
8. Naturalidade dos Pais das Crianças Baptizadas na Freguesia de S. Tomé de Mira de 1700-1734 ..... 72
9. Naturalidade dos Pais das Crianças Baptizadas na Freguesia de S. Mamede de Quiaios de 1735-1744 ..... 75
10. Naturalidade dos Pais das Crianças Baptizadas na Freguesia de S. Tomé de Mira, 1735-1744 ..... 78
11. Naturalidade dos Pais das Crianças Baptizadas na Freguesia de S. Mamede de Quiaios, 1795-1804 ..... 80
12. Naturalidade dos Pais das Crianças Baptizadas na Freguesia de S. Tomé de Mira, 1795-1804 ..... 83
13. Naturalidade dos Pais das Crianças Baptizadas na Freguesia de Nª. Senhora das Febres, 1795-1804 ..... 86
14. Naturalidade dos Pais das Crianças Baptizadas na Freguesia de Nª. Senhora das Febres, 1815-1824 ..... 86
15. Naturalidade dos Pais das Crianças Baptizadas na Freguesia de Nª. Senhora das Febres, 1835-1844 ..... 86

16. Naturalidade dos Pais das Crianças Baptizadas na
Freguesia de Nª. Senhora das Febres, 1855-1864 ..... 88
17. Naturalidade dos Pais das Crianças Baptizadas na
Freguesia de S. Mamede de Quiaios entre 1815-1824 ..... 89
18. Naturalidade dos Pais das Crianças Baptizadas na
Freguesia de S. Mamede de Quiaios, 1835-1844 ..... 89
19. Naturalidade dos Pais das Crianças Baptizadas na
Freguesia de S. Mamede de Quiaios entre 1855-1864 ..... 90
20. Naturalidade dos Pais das Crianças Baptizadas na
Freguesia de S. Tomé de Mira, 1815-1824 ..... 96
21. Naturalidade dos Pais das Crianças Baptizadas na
Freguesia de S. Tomé de Mira, 1835-1844 ..... 98
22. Naturalidade dos Pais das Crianças Baptizadas na
Freguesia de S. Tomé de Mira, 1855-1864 ..... 100
23. Quadro Resumo da Naturalidade dos Pais das
Crianças Baptizadas, do Início do Século XVII a 1864 ..... 102
24. População e Densidade Populacional 1527-1864 ..... 108
25. População no Continente Segundo as Divisões
Profissionais e por Sexo - 1890 ..... 117
26. Distribuição da População por Sectores da
Actividade - 1890 ..... 117
27. Distribuição da População Activa por Sectores de
Actividade e Sexo, nos Concelhos, 1890 ..... 118
28. Distribuição da População por Sectores de Actividade
no Distrito de Coimbra, 1890 ..... 119
29. Distribuição da População Segundo as Divisões Profissionais e
Distinguindo o Sexo, nos Concelhos de Cantanhede,
Figueira da Foz, Mira e Montemor-o-Velho, 1890 ..... 121
30. Importância Económica da Actividade Piscatória nos
Concelhos de Cantanhede, Figueira da Foz, Mira
e Montemor-o-Velho, 1866 ..... 122
31. Distribuição da População por Profissões e Sexo, na
Freguesia de S. Tomé de Mira (1860-1864) ..... 130
32. Distribuição da População por Profissões e Sexo, na
Freguesia de S. Mamede de Quiaios (1861-1864) ..... 131
33. Distribuição de População por Profissões e Sexo na Freguesia de

Nª Senhora das Febres (1861-1864)..... 132
34. Distribuição da População por Sectores de Actividade no Final do Século XIX..... 135
35. Distribuição da População Eleitora por Classes Etárias, nas Freguesias de Febres, Mira e Quiaios, 1876..... 142
36. População por Sectores de Actividade e Segundo o Imposto Médio colectado, Freguesia de Nª. Senhora de Febres, 1876..... 143
37. População por Sectores de Actividade e Segundo o Imposto Médio colectado, Freguesia de S. Tomé de Mira, 1876..... 144
38. População por Sectores de Actividade e Segundo o Imposto Médio colectado, Freguesia de S. Mamede de Quiaios, 1876..... 146
39. Variação Intercensitária da População, por Freguesias, 1864 a 1981 (%)..... 155
40. Evolução da Densidade Populacional por Freguesias, entre 1864 e 1981..... 160
41. Taxas de natalidade (‰) por Freguesias, 1864-1981..... 168
42. Taxas de natalidade (‰) nos Concelhos, 1886-1981..... 168
43. Evolução das Taxas de Natalidade e Mortalidade (‰) nos Concelhos, 1886-1981..... 169
44. Evolução (%) dos Jovens, Adultos e Velhos, Anos de 1802, 1878 e 1981..... 175
45. Evolução da Sex-Ratio por Freguesias, 1864-1981..... 175
46. Índice de Envelhecimento e Relação de Substituição, 1981..... 178
47. Evolução das Taxas de Actividade da População (%), 1890-1981..... 183
48. Distribuição da População Activa, por Sexos e por Sectores de Actividade , 1981..... 185
49. Distribuição da População Residente Activa no Sector Terciário, 1981..... 195
50. População Presente Segundo a Naturalidade em 1890..... 199
51. População Presente Segundo a Naturalidade em 1930..... 199
52. População Presente Segundo a Naturalidade nos Concelhos, 1950..... 201
53. População Presente Segundo a Naturalidade nos Concelhos, 1960..... 201
54. População Residente, Segundo as Migrações (relativamente a

1973) por Concelhos de Residência Habitual à data de 16-3-81 ..... 202
55. População Residente, Segundo as Migrações (relativamente a 1979)
por Concelhos de Residência Habitual à data de 16-3-81 ..... 202
56. Distribuição dos *Ourives* Naturais da Freguesia de
Nª. Senhora das Febres pelo Território Nacional ..... 208
57. Distribuição dos Ourives Segundo a Naturalidade e o Local
Onde se Estabeleceram ..... 212
58. Número de Indivíduos que no País se Dedicam à Joalharia,
Ourivesaria, [...], 1981 ..... 217
59. Total de Emigrantes Legais no Continente, por Distritos,
Entre 1906 e 1912 ..... 227
60. Total de Emigrantes Legais e Taxa Emigratória, no Continente,
por Distritos, Entre 1906 e 1912 ..... 230
61. Superfície Média da Propriedade e Taxa Emigratória,
por Distrito, 1906-1912 ..... 233
62. Emigração por Concelhos, entre 1870 e 1879 ..... 235
63. Número de Emigrantes Segundo os Registos de Passaporte
Entre 1905 e 1914 ..... 242
64. Distribuição dos Emigrantes Legais por Classes Etárias e Sexo,
nas Freguesias de Febres, Mira e Quiaios, 1870 e 1879 ..... 247
65. Distribuição dos Emigrantes Legais por Classes Etárias e Sexo
nas Freguesias de Febres, Mira e Quiaios, de 1905 a 1910 ..... 248
66. Distribuição dos Emigrantes por Profissões e Destino,
Febres,1870-1879 ..... 258
67. Distribuição dos Emigrantes por Profissões e Destino,
Mira, 1870-1879 ..... 258
68. Distribuição dos Emigrantes por Profissões e Destino,
Quiaios, 1870-1879 ..... 258
69. Distribuição dos Emigrantes por Profissões e Destino,
Freguesia de Febres, 1905-1914 ..... 259
70. Distribuição dos Emigrantes por Profissões e Destino,
Mira, 1905-1914a ..... 260
71. Distribuição dos Emigrantes por Profissões e Destino,
Quiaios, 1905-1914 ..... 260
72. Emigração Legal por Freguesias, 1956-1984 ..... 266
73. Taxa Emigratória por Freguesias, 1956 a 1984 ..... 269

74. Saldo Fisiológico e Emigração Legal, por Freguesias, 1956-1974.....270-271
75. Emigrantes de 10 e mais Anos Segundo os Grandes Sectores de Actividade - 1964-1982.....271
76. Índice do "Vizinho Mais Próximo", RN, na *Gândara*.....282
77. Evolução do Número de Lugares por Classe de Dimensão na *Gândara*, 1911-1981.....287
78. Evolução da População por Classes de Dimensão dos Lugares na *Gândara*, 1911-1981.....287
79. Dimensão Média dos Agregados Familiares - 1986.....308
80. Distribuição da População por Grupos Etários - 1986.....310
81. Distribuição da População por Grandes Grupos Etários - 1986.....311
82. Estrutura Etária dos Chefes dos Agregados Familiares - 1986.....313
83. Grau de Instrução da População da Gândara - 1986.....315
84. Grau de Instrução dos Chefes dos Agregados Familiares *Gândara* - 1986.....315
85. Rendimento dos Chefes dos Agregados Familiares - 1986.....317
86. Explorações Segundo o Tipo de Mão-de-Obra Utilizada e Fonte de Rendimento do Agregado Familiar - Concelhos - 1979.....318
87. Rendimento dos Chefes dos Agregados Familiares, por Freguesias.....318
88. Explorações Segundo o Tipo de Mão-de-Obra Utilizada e Fonte de Rendimentos do Agregado Doméstico Produtor - Freguesias, 1981.....319
89. População, na *Gândara*, por Sectores de Actividade Económica, 1986.....320
90. Profissão Principal do Inquirido - *Gândara* - 1986.....325
91. Profissão Principal do Inquirido por Freguesias.....326
92. Profissão Principal dos Inquiridos *Gândara*, 1986.....327
93. Residência do Inquirido, 1986.....331
94. Local Onde Exerce a Profissão, 1986.....334
95. Modo de Deslocação, 1986.....336
96. Migrações Sazonais dos Inquiridos.....337
97. Países de Destino dos Emigrantes Regressados, por Freguesias.....342
98. Anos de Emigração.....344
99. Anos de Regresso de Emigrantes.....346

100. Razões de Regresso dos Emigrantes - *Gândara* - 1986 ..... 347
101. Mobilidade Profissional dos Emigrantes ..... 348
102. Área Média das Explorações (SAU) *Gândara*, 1986 ..... 352
103. Área Média de Exploração nos Concelhos e Distrito, 1979 ..... 352
104. Explorações Agrícolas por Classes de Área (SAU), Concelhos 1979 ..... 352
105. Dimensão Média das Explorações Agrícolas (SAU) ..... 354
106. Explorações Agrícolas por Classes de Áreas (SAU), na *Gândara*, 1986 ..... 355
107. Explorações Agrícolas por Classe de Área, por Freguesias ..... 356
108. Número Médio de Blocos por Exploração, 1986 ..... 357
109. Número Médio de Blocos por Exploração nos Concelhos e Distrito, 1979 ..... 358
110. Formas de Exploração por Freguesias, 1979 ..... 359
111. Formas de Exploração, Concelhos, 1979 ..... 359
112. Formas de Exploração, *Gândara*, 1986 ..... 360
113. Tempo de Actividade na Exploração Segundo o Sexo - *Gândara* - 1986 ..... 365
114. Áreas ocupadas pelas principais produções, 1979 ..... 370
115-A. Importância da produção de batata na *Gândara*, 1986 ..... 371
115-B. Importância da produção de milho na *Gândara*, 1986 ..... 371
116. Alteração das espécies culturais ..... 373
117. Comercialização dos produtos agrícolas,1986 ..... 375
118. Área Agrícola de Regadio, 1986 ..... 377
119. Área Agrícola Regada por Concelhos e Distritos,1979 ..... 378
120. Importância do Regadio ..... 380
121. Anos de Aquisição do Motor de Rega ..... 383
122. Anos de Aquisição do Equipamento de Rega por Aspersão ..... 387
123. Estrutura Etária dos Indivíduos que Adquiriram Rega por Aspersão, 1986 ..... 388
124. Tractores e outra Maquinaria - *Gândara* - 1986 ..... 390
125. Aquisição do Tractor na *Gândara* ..... 393
126. Evolução do Número de Bovinos, Concelhos e Distrito, 1870-1979 ..... 396
127. Evolução do Número de Bovinos, Taxa Média de Crescimento Anual, 1870-1979 ..... 397

128. Evolução do Número de Bovinos - Fêmeas Leiteiras, por Concelhos e Distrito, 1955-1979 ..... 398
129. Evolução do Número de Bovinos - Freguesias, 1955-1979 ..... 399
130. Evolução dos Efectivos Leiteiros nos Concelhos do Distrito de Coimbra, 1964-1982 ..... 402
131. Evolução da Produção de Leite (l), 1978-1985 ..... 403
132. Número Médio de Vacas Leiteiras por Exploração, Freguesias ..... 405
133. Efectivos Leiteiros por Classes de Dimensão de Área Agrícola ..... 407
134. Estrutura do Efectivo Leiteiro, na *Gândara*, 1986 ..... 408
135. Explorações Segundo o Número de Vacas Leiteiras, por Freguesias, 1979 ..... 408
136. Estrutura do Efectivo Leiteiro e Estrutura Etária dos Produtores, *Gândara*, 1986 ..... 410
137. Evolução do Número de Ordenhas Colectivas e Ordenhas Particulares, 1978-1986 ..... 413
138. Quantidade de Leite Pago à Produção, por Locais de Recolha, 1985, (litros) ..... 416
139. Anos de Aquisição da Ordenha Mecânica ..... 417
140. Preços do Leite, por kg., com 3.7% de Gordura e à Porta da Fábrica (campanha de 84/85) ..... 420
141. Preços em Ecús à Porta da Fábrica, do Leite com 3.7% de Gordura, Partindo da Hipótese que o Preço da Comunidade Registará, Anualmente, um Aumento de 1.5%. Simulação ..... 421
142. Estrutura do Efectivo Leiteiro Europeu, em Portugal, na Beira Litoral e na Gândara ..... 422
143. Consumo *"Per Capita"* de Leite e Derivados na Comunidade ..... 424
144. Consumo *"Per Capita"* de leite e derivados em Espanha e Porugal, 1984 ..... 424
145. Estrutura da Criação de Gado Suíno na Gândara, 1986 ..... 426
146. Anos de Aquisição de Televisão ..... 430
147. Anos de Aquisição de Frigorífico ..... 432
148. Anos de Aquisição de Arca Frigorífica ..... 433
149. Utilização dos Serviços de Saúde, 1986 ..... 439
150. Local de Aquisição de Vestuário, 1986 ..... 436

## ÍNDICE DE QUADROS — ANEXO

I — Distribuição dos Eleitores por Profissões e Respectivos Impostos Médios, por Freguesia em 1876 ..... 474
II — Distribuição da População Eleitora por Profissões na Freguesia de Nª. Senhora das Febres 1876 ..... 475
III — Distribuição da População Eleitora por Profissões na Freguesia de Mira, 1876 ..... 476
IV — Distribuição da População Eleitora por Profissões na Freguesia de S. Mamede de Quiaios, 1876 ..... 477
V — Evolução da População por Freguesias, 1521-1891 ..... 478
VI — Variação Intercensitária da População (p. 100), por Concelhos (1864-1981) ..... 479
VII — Número de Nascimentos por Freguesia, 1864-1985 ..... 480 - 483
VIII — Número de Óbitos por Freguesias, 1864 a 1985 ..... 484-487
IX — Média Anual dos Nascimentos e Óbitos e Crescimentos Natural Médio por Freguesias, 1864 a 1985 ..... 488
X — Média Anual de Nascimentos, Óbitos e Crescimento Natural, por Concelhos, 1886-1981 ..... 489
XI — Evolução das Taxas de Natalidade e Mortalidade (‰) no Distrito de Coimbra e no Continente, 1886-1981 ..... 490
XII — População por Sexo e Grupos Etários, por Freguesias, 1802 ..... 491
XIII — População Presente por Sexo e Grupos Etários, Freguesias, 1878 ..... 492
XIV — População Residente por Sexo e Grupos Etários, por Freguesias, 1981 ..... 493
XV — Distribuição da População por Grupos Etários e Sexo, no Concelho de Cantanhede, 1878-1981 ..... 494
XVI — Distribuição da População por Grupos Etários e Sexo no Concelho da Figueira da Foz, 1878-1981 ..... 495
XVII — Distribuição da População por Grupos Etários e Sexo, no Concelho de Montemor-o-Velho, 1878-1981 ..... 495
XVIII — Distribuição da População por Grupos Etários e Sexo,

no Concelho de Mira, 1878-1981 ..... 496
XIX — Distribuição da População Activa por Sectores de Actividade, 1890 ..... 496
XX — Distribuição da População Activa por Sectores de Actividade, 1900 ..... 497
XXI — Distribuição da População Activa por Sectores de Actividade, 1911 ..... 497
XXII — Distribuição da População Activa por Sectores de Actividade, 1930 ..... 497
XXIII — Distribuição da População Activa por Sectores de Actividade, 1950 ..... 497
XXIV — Distribuição da População Activa por Sectores de Actividade, 1960 ..... 498
XXV — Distribuição da População Activa por Sectores de Actividade, 1970 ..... 498
XXVI — Distribuição da População Activa por Sectores de Actividade, 1981 ..... 498
XXVII — Distribuição das Profissões, Homens, Segundo os Registos de Nascimento na Freguesia das Alhadas, 1930 a 1960 ..... 499
XXVIII — Distribuição das Profissões, Homens, Segundo os Registos de Nascimento na Freguesia de Arazede, 1930 a 1960 ..... 500
XXIX — Distribuição das Profissões, Homens, Segundo os Registos de Nascimento na Freguesia de Cadima, 1930 a 1960 ..... 501
XXX— Distribuição das Profissões, Homens, Segundo os Registos de Nascimento na Freguesia de Cantanhede, 1930 a 1960 ..... 502
XXXI — Distribuição das Profissões, Homens, Segundo os Registos de Nascimento na Freguesia de Covões, 1930 a 1960 ..... 503
XXXII — Distribuição das Profissões, Homens, Segundo os Registos de Nascimento na Freguesia de Nª. Senhora das Febres, 1930 a 1960 ..... 504
XXXIII — Distribuição das Profissões, Homens, Segundo os Registos de Nascimento na Freguesia de Ferreira-a-Nova, 1930 a 1960 ..... 505
XXXIV — Distribuição das Profissões, Homens, Segundo os Registos de Nascimento na Freguesia de Liceia, 1930 a 1960 ..... 506
XXXV — Distribuição das Profissões, Homens, Segundo os Registos

de Nascimento na Freguesia de S. Tomé de Mira, 1930 a 1960.....507
XXXVI — Distribuição das Profissões, Homens, Segundo os Registos de Nascimento na Freguesia de S. Mamede de Quiaios, 1930 a 1960.....508
XXXVII — Distribuição das Profissões, Homens, Segundo os Registos de Nascimento na Freguesia da Tocha, 1930 a 1960.....509
XXXVIII — Sex-ratio por Sector de Actividade, 1981.....510
XXXIX — Total de Emigrantes no Continente entre 1855 e 1912.....511
XL — Emigração Legal no Continente, por Distritos de 1906 a 1912.....512
XLI — Distribuição da Propriedade Rústica por Classes de Superfície por Distritos em 1890.....513
XLII — Distribuição da Propriedade Rústica por Classes de Superfície por Distritos, 1910.....513
XLIII — Emigração e Taxa Emigratória nos Concelhos do Distrito de Coimbra, 1870-1875.....514
XLIV — Emigração por Freguesias entre 1870 e 1979.....514
XLV — Emigração nos Concelhos do Distrito de Coimbra entre 1906 e 1912.....515
XLVI — Crescimento Natural e Emigração no Concelho de Mira entre 1905 e 1914.....515
XLVII — Média Anual de Emigrantes entre 1870 e 1914.....516
XLVIII — Distribuição da população Legalmente Emigrada no Continente, por Sexos entre 1872 e 1879.....516
XLIX — Distribuição dos Emigrantes por Profissões, nas Freguesias de Febres, Mira e Quiaios, de 1870 a 1879 e de 1905 a 1914.....517
L — Destino Geográfico da Emigração Legal no Continente entre 1901-1913.....518
LI — Destino dos Emigrantes Naturais do Distrito de Coimbra, 1940 a 1960.....518
LII — Destino dos Emigrantes Naturais do Distrito de Coimbra, 1940 a 1960.....519
LIII — Emigração Legal por Concelhos, 1956-1982.....520
LIV — Taxa Emigratória por Concelhos, 1956-1982.....520
LV — Emigrantes de 10 e mais Anos Segundo a Actividade Económica, Concelho de Cantanhede, 1964-1982.....521
LVI — Emigrantes de 10 e mais Anos, Segundo a Actividade Económica,

Concelho da Figueira da Foz, 1964-1982 ..... 521
LVII — Emigrantes de 10 e mais Anos Segundo a ActividadeEconómica,
Concelho de Montemor-o-Velho, 1964-1982 ..... 522
LVIII — Emigrantes de 10 e mais Anos, Segundo a Actividade Económica,
Concelho de Mira, 1964-1982 ..... 522
LIX — Emigrantes de 10 e mais Anos, Segundo a Actividade
Económica, Distrito de Coimbra, 1964-1982 ..... 523
LX — Países de Destino dos Emigrantes, por Freguesias,
1956-1960 ..... 523
LXI — Países de Destino dos Emigrantes, por Freguesias,
1961-1965 ..... 524
LXII — Países de Destino dos Emigrantes, por Freguesias,
1966-1970 ..... 524
LXIII — Países de Destino dos Emigrantes, por Freguesias,
1971-1975 ..... 525
LXIV — Países de Destino dos Emigrantes, por Freguesias,
1976-1980 ..... 525
LXV — Destino Geográfico dos Emigrantes, Concelhos
e Distrito, 1956-1960 ..... 526
LXVI — Destino Geográfico dos Emigrantes, por Concelhos
e Distrito, 1961-1965 ..... 526
LXVII — Destino Geográfico dos Emigrantes, por Concelhos
e Distrito, 1966-1970 ..... 527
LXVIII — Destino Geográfico dos Emigrantes, por Concelhos
e Distrito, 1971-1975 ..... 528
LXIX — Destino Geográfico dos Emigrantes, por Concelhos
e Distrito, 1976-1982 ..... 529
LXX — Classes Etárias da População que Constitui os 385 Agregados
Familiares ..... 530
LXXI — Profissão Principal do Inquirido - Gândara- ..... 531
LXXII — Profissão Principal do Inquirido por Freguesias ..... 532

## ÍNDICE DE FIGURAS


Fig. Pag.

1. Distribuição geográfica do topónimo *GÂNDARA* e de outros com a mesma origem etimológica ..... 22
2. Distribuição geográfica do topónimo *CHARNECA* . e de outros com a mesma origem etimológica ..... 24
3. Divisão regional segundo A. GIRÃO ..... 28
4. Sub-regiões da Beira Litoral segundo J. GASPAR ..... 29
5. Distribuição dos inquéritos ..... 31
6. A *GÂNDARA* segundo a definição popular e local ..... 34
7. A divisão administrativa da *GÂNDARA* (1987) ..... 37
8. A divisão administrativa da *GÂNDARA* (1981) ..... 38
9. Evolução do povoamento do século IX ao século XIV ..... 43
10. Localização dos lugares segundo o *Numeramento* de 1527-1532 ..... 49
11. Localização dos lugares segundo o *Dicionário Geográfico* (1758) ..... 51
12. Quiaios - Naturalidade dos progenitores (1700-1734) ..... 69
13. Mira - Naturalidade dos progenitores, (1700-1734) ..... 73
14. Quiaios - Naturalidade dos progenitores, (1735-1744) ..... 76
15. Mira - Naturalidade dos progenitores, (1735-1744) ..... 77
16. Quiaios - Naturalidade dos progenitores, (1795-1804) ..... 81
17. Mira - Naturalidade dos progenitores, (1795-1804) ..... 84
18. Nª. Srª. das Febres - Naturalidade dos progenitores, (1795-1804) ..... 85
19. Nª. Srª. das Febres - Naturalidade dos progenitores, (1815-1824) ..... 87
20. Nª. Srª. das Febres - Naturalidade dos progenitores, (1835-1844) ..... 91
21. Nª. Srª. das Febres - Naturalidade dos progenitores, (1855-1864) ..... 92
22. Quiaios - Naturalidade dos progenitores, (1815-1824) ..... 93
23. Quiaios - Naturalidade dos progenitores, (1835-1844) ..... 94
24. Quiaios - Naturalidade dos progenitores, (1855-1864) ..... 95
25. Mira - Naturalidade dos progenitores, (1815-1824) ..... 97
26. Mira - Naturalidade dos progenitores,(1835-1844) ..... 99
27. Mira - Naturalidade dos progenitores, (1855-1864) ..... 103
28. Mobilidade da população com destino à freguesia de

S. Mamede de Quiaios (1609-1864) ..... 105
29. Mobilidade da população com destino à freguesia de S. Tomé de Mira (1602-1864) ..... 106
30. Densidade da população na *GÂNDARA*, por freguesias, em 1527 ..... 110
31. Densidade da população na *GÂNDARA*, por freguesias, em 1758 ..... 111
32. Densidade da população na *GÂNDARA*, por freguesias, em 1864 ..... 113
33. Repartição da população activa por sectores de actividade, 1860-1864 ..... 137
34. Distribuição da população activa por sectores de actividade, por freguesias, por concelhos, no distrito e no Continente (1861-1864) ..... 138
35. Estrutura etária dos eleitores segundo o *Recenseamento Eleitoral* de 1876 ..... 142
36. Evolução da população por freguesias, 1864 a 1981 ..... 154
37. Variações intercensitárias da população residente (p. 100), por freguesias (1864-1981) ..... 162
38. Variações intercensitárias da população residente (p. 100), por concelhos (1864-1981) ..... 163
39. Evolução do número de nascimentos, óbitos e saldo fisiológico, por freguesias entre 1864 a 1985 ..... 165
40. Evolução das taxas de natalidade e mortalidade, por freguesias, entre 1864 e 1981 ..... 167
41. Composição da população por sexo e classes etárias,
    41A — ..... 1802 ..... 171
    41B — ..... 1878 ..... 172
    41C — ..... 1981 ..... 173
42. Evolução da composição da população por grandes grupos etários (%), por freguesias, 1802-1981. ..... 176/177
43. Índice de envelhecimento, 1981 ..... 179
44. Relação de substituição, 1981 ..... 179
45. Evolução da população activa por sectores de actividade no concelho de Cantanhede, 1890-1981 ..... 188
46. Evolução da população activa por sectores de actividade no concelho da Figueira da Foz, 1890-1981 ..... 188
47. Evolução da população activa por sectores de actividade no concelho de Mira, 1890-1981 ..... 188

48. Evolução da população activa por sectores de actividade no concelho de Montemor-o-Velho, 1890-1981 ..... 188
49. Evolução da população activa por grandes sectores de actividade por freguesias e segundo o *Registo Civil*, 1930, 1940, 1950 e 1960 ..... 190
50. Evolução da população activa por grandes sectores de actividade, nos concelhos e distrito, 1890-1981 ..... 191
51. Repartição da população activa por sectores de actividade, por freguesias, 1981 ..... 192
52. Sex-ratio por sectores de actividade em 1981; ..... 194
A - sector primário
B - sector secundario
C - sector terciário
53. Difusão dos *ourives* a partir da freguesia de Nª. Senhora das Febres ..... 209
54. Distribuição dos *ourives* segundo a naturalidade ..... 211
55. Distribuição dos *ourives* segundo a estrutura etária e a idade com que se estabeleceram ..... 213
56. Distribuição da frequência com que se estabeleceram os *ourives* ..... 214
57. Distribuição da taxa emigratória no *Norte* e no *Sul* entre 1870 e 1879 ..... 228
58. Distribuição da taxa emigratória, no *Norte* e no *Sul*, entre 1906 e 1912 ..... 228
59. Distribuição da taxa emigratória por distritos entre 1870 e 1879 ..... 229
60. Distribuição da taxa emigratória por distritos entre 1906 e 1912 ..... 229
61. Distribuição da taxa emigratória no distrito de Coimbra, por concelhos, de 1870-1875 ..... 235
62. Evolução da emigração legal nas freguesias de Nª. Senhora das Febres, S. Tomé de Mira e S. Mamede de Quiaios, 1870-1879 ..... 239
63. Distribuição da taxa emigratória no distrito de Coimbra, por concelhos, 1906-1912 ..... 240
64. Evolução do número de emigrantes legais, nas freguesias de Febres, Mira e Quiaios, 1905-1914 ..... 243
65. Crescimento natural e emigração no concelho de Mira, de 1905 a 1914 ..... 245
66. Estrutura etária dos emigrantes, por sexo, entre 1870/1914, nas freguesias de Mira (A), Febres (B) e Quiaios (C) ..... 250
67. Repartição dos emigrantes por sectores de actividade,

1870 a 1879 ..... 252
68. Repartição dos emigrantes por sectores de actividade, 1905 a 1914 ..... 254
69. Emigração legal no distrito de Coimbra, 1915 a 1985 ..... 263
70. Emigração legal na *GÂNDARA*, 1956 a 1984 ..... 265
71. Evolução da taxa emigratória por freguesias, 1956-1984 ..... 268
72. Destino geográfico dos emigrantes da *GÂNDARA*, 1956-1980 ..... 273
73. Destino geográfico dos emigrantes do concelho de Cantanhede, 1956-1980 ..... 275
74. Destino geográfico dos emigrantes do concelho da Figueira da Foz, 1956-1980 ..... 275
75. Destino geográfico dos emigrantes do concelho de Mira, 1956-1980 ..... 276
76. Destino geográfico dos emigrantes do concelho de Montemor-o-Velho, 1956-1980 ..... 276
77. Destino geográfico dos emigrantes do distrito de Coimbra, 1956-1980 ..... 276
78. Índice do "vizinho mais próximo" na *GÂNDARA*, 1911 ..... 283
79. Índice do "vizinho mais próximo" na *GÂNDARA*, 1970 ..... 284
80. Índice do "vizinho mais próximo" na *GÂNDARA*, 1981 ..... 285
81. Distribuição dos lugares por classes de dimensão na*GÂNDARA*, 1911 ..... 288
82. Distribuição dos lugares por classes de dimensão na *GÂNDARA*,, 1940 ..... 293
83. Distribuição dos lugares por classes de dimensão na *GÂNDARA*, 1960 ..... 295
84. Distribuição dos lugares por classes de dimensão na *GÂNDARA*, 1970 ..... 297
85. Distribuição dos lugares por classes de dimensão na *GÂNDARA*, 1981 ..... 299
86. Localização dos inquéritos (modelo 3) ..... 304
87. População por grandes grupos etários, 1986 ..... 312
88 Distribuição da população com o mínimo da 4ª classe, 1986 ..... 316
89. Origem dos rendimentos dos chefes dos agregados familiares, 1986 ..... 321
90. Profissão principal do inquirido por freguesias, 1986 ..... 328
91. Residência dos inquiridos ..... 332

92. Países de destino dos emigrantes regressados, por freguesias.....341
93. Anos de emigração - *GÂNDARA* -.....343
94. Anos de regresso de emigrantes - *GÂNDARA* -.....345
95. Dimensão média das explorações (SAV) - *GÂNDARA* , 1986.....353
96. Formas de exploração na *GÂNDARA* , 1986.....361
97. Evolução da mão-de-obra agrícola feminina, por concelhos, 1950-1981.....364
98. Tipos de solos.....367
99. Distribuição da geada.....368
100. Área agrícola de regadio.....379
A - Segundo o R.A.C., 1979.
B - Segundo o Inquérito, 1986.
101. Anos de aquisição do motor de rega.....382
101A. Curva cumulativa da aquisicão do motor de rega.....382
102. Difusão do motor de rega por freguesias.....384
103. Anos de aquisição do equipamento de rega por aspersão.....386
103-A. Curva cumulativa da aquisição da rega por aspersão.....387
104. Exploração com tractor na *GÂNDARA* (%), 1986.....391
105. Anos de aquisição do tractor na *GÂNDARA*.....392
105-A. Curva cumulativa da aquisição do tractor.....392
106. Associações de seguros de gado bovino no distrito de Coimbra, 1931.....397
107. Evolução dos efectivos leiteiros por concelhos e distritos, 1964-1982.....401
108 Número médio de vacas leiteiras por exploração, 1986.....406
109. Evolução do número de ordenhas colectivas e particulares na *GÂNDARA* , 1978-1986.....413
110. Localização das ordenhas colectivas e das ordenhas particulares na *GÂNDARA*, 1986.....414
111. Anos de aquisição da ordenha macânica na Gândara.....417
112. Anos de aquisição da televisão na Gândara.....431
113. Anos de aquisição de frigorífico na Gândara.....431
114. Anos de aquisição da arca frigorífica na Gândara.....433

## ÍNDICE DE FIGURAS - ANEXO

Pág.

I. Evolução da composição da população por grandes grupos etários (%) no concelho de Cantanhede, 1878 a 1981 ..... 471

II. Evolução da composição da população por grandes grupos etários (%) no concelho da Figueira da Foz, 1878 a 1981 ..... 471

III. Evolução da composição da população por grandes grupos etários (%) no concelho de Montemor-o-Velho, 1878 a 1981 ..... 471

IV. Evolução da taxa emigratória por concelhos e no distrito, 1956 a 1982

A - concelho de Cantanhede ..... 472

B - concelho da Fegueira da Foz ..... 472

C - concelho de Mira ..... 473

D - concelho de Montemor-o-Velho ..... 473

## INDICE


Pag.

NOTA DE ABERTURA.....1

NOTA PRÉVIA.....3

PREFÁCIO.....5

RESUMO.....11

RESUMÉ.....13

ABSTRACT.....15

PARTE I – O ESPAÇO E O TEMPO NO POVOAMENTO DA GÂNDARA.....17

CAPÍTULO I - A ÁREA DE ESTUDO.....19

1 - DELIMITAÇÃO DA ÁREA.....19

1.1 - O Significado de *Gândara*.....19

1.2 - A Difusão Espacial de *Gândara* em Portugal.....21

1.3 - As Diversas Demarcações da *Gândara*.....25

1.4 - Metodologia Utilizada.....30

1.5 - A Delimitação da *Gândara*.....33

1.5.1 - A *Gândara* e a Divisão Administrativa.....36

CAPÍTULO II - A OCUPAÇÃO DA *GÂNDARA*.....41

1 - INTRODUÇÃO.....41

2 - A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO NO SÉCULO XVI

- O *Numeramento* de 1527-1532.....47

3 - A COLONIZAÇÃO DA GÂNDARA DO SÉCULO XVI AO SÉCULO XVIII.....52

4 - A MOBILIDADE DA POPULAÇÃO E O POVOAMENTO ATÉ AO SÉC. XIX.....64

4.1 - Introdução.....64

4.2 - As Fontes.....66

4.3 - A Mobilidade da População e a Ocupação Progressiva do Território.....67

4.4 - A Ocupação do Território a Partir das Densidades Populacionais.....107

CAPÍTULO III - A ESTRUTURA SOCIO-PROFISSIONAL DA POPULAÇÃO NO FINAL DO SÉCULO XIX.....113

1 - INTRODUÇÃO.....115

2 - A ESTRUTURA ECONÓMICA DA POPULAÇÃO

— ANÁLISE CONCELHIA —.....119

2.1 - O Domínio da Agricultura.....120

2.2 - A Indústria Extractiva.....123

2.3 - O Sector Secundário ..... 124
2.4 - O Sector Terciário ..... 125

3 - A ESTRUTURA SÓCIO-PROFISSIONAL DA POPULAÇÃO GANDARESA, NO FINAL DO SÉCULO XIX ..... 128
3.1 - As Fontes ..... 128
3.2 - A Estrutura Socio-Profissional da População a Partir dos Registos Paroquiais ..... 129
3.3 - A Estrutura Socio-Profissional da População a Partir do *Recenseamento Eleitoral de 1876* ..... 139
3.3.1 - A Lei Eleitoral ..... 139
3.3.2 - A Estrutura Etária dos Eleitores ..... 141
3.3.3 - A Estrutura Profissional da População Eleitora ..... 143
3.3.4 - Distribuição dos Impostos por Eleitores ..... 147

PARTE II ..... 151
CAPÍTULO I - A ESTRUTURA DEMOGRÁFICA A PARTIR DE 1864 ..... 153
1 - A EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO ..... 153
1.1 - Os Elementos Naturais da População ..... 161
1.1.1 - As Fontes ..... 161
1.1.2 - O Crescimento Natural ..... 164

2 - A ESTRUTURA ETÁRIA ..... 170

3 - A ESTRUTURA DA POPULAÇÃO ACTIVA ..... 180
3.1 - Introdução ..... 180
3.2 - Taxa de Actividade ..... 182
3.3 - A População Activa por Sectores de Actividade ..... 186
3.4 - Distribuição da Mão-de-Obra Activa por Sexo ..... 192

CAPÍTULO II - A MOBILIDADE DA POPULAÇÃO ..... 196
1— INTRODUÇÃO ..... 196
2 - A MOBILIDADE INTERNA DA POPULAÇÃO ..... 198
2.1 - A *Gândara* Território de Fraca Capacidade Atractiva ..... 198
2.2 - A Mobilidade Sazonal ..... 203
2.3 - A Mobilidade da População e a Difusão do Comércio

do Ouro em Portugal..... 204
2.3.1 - Introdução..... .....204
2.3.2 - A Importância da Freguesia de Nª. Senhora das Febres.....206
2.3.3 - A Análise da Amostra..... .....210
2.3.4 - A Difusão dos *Ourives* .....215
2.3.5 - As Feiras e o Desenvolvimento do Comércio do Ouro..... 218

3 - A EMIGRAÇÃO.....222
3.1 - A Emigração no Século XIX e Princípios do Século XX.....222
3.1.1 - Características Gerais..... .....222
3.2 - A Distribuição Espacial dos FluxosEmigratórios.....225
3.2.1 - A Emigração e a Estrutura da Propriedade..... 232

4 - O DISTRITO DE COIMBRA NO CONTEXTO DO FENÓMENO MIGRATÓRIO DO FINAL DO SÉCULO XIX E PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX..... .....234

5 - A EMIGRAÇÃO NA *GÂNDARA* NO FINAL DO SÉCULO XIX..... 236
5.1 - As Fontes.....236
5.2 - A Emigração nas Freguesias de S. Tomé de Mira, S. Mamede de Quiaios e Nª. Senhora das Febres entre 1870-1879..... 238
5.3 - A Emigração nos Primeiros Anos do Século XX .....240
5.3.1 - O Enquadramento a Nível Regional..... 240
5.3.2 - A Emigração na *Gândara* entre 1905 e 1914.....241
5.4 - A Sex-ratio dos Emigrantes..... 246
5.5 - A Estrutura Etária dos Emigrantes.....249
5.6 - A Estrutura Socio-Profissional dos Emigrantes Gandareses.....251
5.6.1 - De 1870 a 1879..... 251
5.6.2 - De 1905 a 1914..... 254
5.7 - Para Onde Emigra a População Gandaresa?..... 257
5.8 - A Recessão dos Fluxos Emigratórios após Anos Vinte..... 262

6 - A EMIGRAÇÃO NA *GÂNDARA* A PARTIR DE 1956..... 264
6.1 - As Fontes..... 264
6.2 - A Evolução dos Quantitativos Emigratórios..... 264
6.3 - A Estrutura Socio-Profissional dos Emigrantes a partir de 1956.....270

6.4 - O Destino Geográfico dos Emigrantes..... 274

CAPÍTULO III - A ESTRUTURA DO POVOAMENTO..... 279
1 - INTRODUÇÃO..... 279
2 - O POVOAMENTO DA GÂNDARA ATRAVÉS DA ANÁLISE
DO "VIZINHO MAIS PRÓXIMO"..... 281
3 - O DOMÍNIO DOS PEQUENOS LUGARES..... 286
3.1 - Evolução do Número de Lugares por Classe de Dimensão..... 286

PARTE III – A SITUAÇÃO ACTUAL DA GÂNDARA ..... 301
INTRODUÇÃO..... 303
CAPÍTULO I - CARACTERIZAÇÃO DOS AGREGADOS FAMILIARES..... 307
1 - A DIMENSÃO MÉDIA DA FAMÍLIA..... 307
1.1 - Número Médio de Filhos por Família..... 309
2 - ESTRUTURA ETÁRIA..... 309
3 - GRAU DE INSTRUÇÃO..... 314
4 - ORIGEM DOS RENDIMENTOS DOS CHEFES DOS
AGREGADOS FAMILIARES..... 316

CAPÍTULO II - POPULAÇÃO E ACTIVIDADE ECONÓMICA..... 323
1 - CARACTERIZAÇÃO GERAL..... 323
2 - ESTRUTURA DA POPULAÇÃO ACTIVA..... 324

CAPÍTULO III - A MOBILIDADE GEOGRÁFICA DA POPULAÇÃO..... 329
1 - INTRODUÇÃO..... 329
2 - MOBILIDADE INTERNA..... 329
2.1 - A Naturalidade e a Residência..... 329
2.2 - A Mobilidade e o Trabalho..... 333
2.2.1 - Trabalho e Meios de Transporte Utilizados..... 335
2.3 - Outras Formas de Mobilidade Interna..... 336
2.3.1 - O Ciclo da Alentejo..... 336
2.3.2 - O Ciclo dos *Ourives Ambulantes* ..... 338

3 - EMIGRAÇÃO E RETORNO..... 340
3.1 - Países de Destino e Anos de Emigração..... 340
3.2 - Anos de Emigração..... 343

3.3 - O Retorno ..... 345
3.3.1 - Razões de Regresso ..... 347
3.4 - Os Emigrantes e o Trabalho ..... 348

CAPÍTULO IV - A ESTRUTURA ECONÓMICA DA *GÂNDARA* - A IMPORTÂNCIA DA AGRO-PECUÁRIA .....
1 - INTRODUÇÃO ..... 351
2 - AS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS E A FORÇA DE TRABALHO ..... 351
2.1 - Dimensão das Explorações ..... 351
2.2 - Estrutura da Dimensão das Explorações ..... 354
2.3 - Parcelamento da Propriedade ..... 356
2.4 - Formas de Exploração ..... 358
2.5 - Exploração Agrícola e Trabalho ..... 363
2.5.1 - Mão-de-Obra Agrícola por Tempo de Actividade e Sexo ..... 363
3 - AS CULTURAS DOMINANTES ..... 366
3.1 - Algumas Considerações Gerais ..... 366
3.2 - A Importância das Culturas Tradicionais ..... 369
3.2.1 - A Ausência de Inovações em Relação às Espécies Culturais ..... 373
3.3 - Comercialização dos Produtos Agrícolas ..... 374
4 - REGADIO E MECANIZAÇÃO ..... 376
4.1 - A Importância do Regadio ..... 376
4.2 - A rega e a Introdução de Inovações ..... 380
4.3 - O Equipamento de Rega ..... 381
4.3.1 - A Difusão do Motor de Rega ..... 381
4.3.2 - A Difusão da Rega por Aspersão ..... 385
5 - INTRODUÇÃO E DIFUSÃO DO TRACTOR ..... 389
6 - O GADO LEITEIRO NA ECONOMIA GANDARESA ..... 394
6.1. - Introdução ..... 394
6.2. - Situação Actual do Sector Leiteiro ..... 404
6.2.1.- Estrutura do Efectivo Leiteiro ..... 404
6.2.2.- A Estrutura de Recolha ..... 411
— A Função das Cooperativas ..... 411
6.2.3.- A Difusão Espacial do Equipamento de Ordenha ..... 412
6.3.- O Sector Leiteiro na Gândara e a Integração na Comunidade Económica Europeia ..... 419
6.3.1.- Uma Integração por Etapas ..... 419

6.3.2.- A Estrutura do Efectivo Leiteiro Europeu ..... 421
6.4.- Que Perspectivas? ..... 423
7.- A CRIAÇÃO DEGADO SUÍNO ..... 426

CAPÍTULO V — AS ALTERAÇÕES SOCIAIS NA GÂNDARA
— A Melhoria da Qualidade de Vida —

1 - INTRODUÇÃO ..... 428
2 - A HABITAÇÃO ..... 428
2.1.- O Equipamento em Electrodomésticos ..... 430
3 - OS SERVIÇOS DE SAÚDE ..... 434
4 - MERCADOS E FEIRAS CENTROS PRIVILEGIADOS
DE AQUISIÇÃO DE BENS ..... 435

CAPÍTULO VI — SÍNTESE E PERSPECTIVAS ..... 439

BIBLIOGRAFIA ..... 443
ANEXOS ..... 463
ÍNDICE GERAL ..... 551

Impresso
na Comissão de Coordenação da Região Centro
Tiragem: 1 000 exemplares
Concluído em Março de 1992

«Na gândara há aldeolas ermas, esquecidas entre pinhais, no fim do mundo. Nelas vivem homens semeando e colhendo, quando o estio poupa as espigas e o inverno não desaba em chuva e lama. Porque então são ramagens torcidas, barrancos, solidão, naquelas terras pobres.

(...) A oferta de mão-de-obra aumentaria em Corrocovo, as levas dos emigrantes e dos ganhões engrossariam e o povo das terras areentas debandaria em massa. Ao fim da caminhada, a gente da gândara encontraria os esteiros do Tejo, os valados lodosos, as febres do arroz. Ou o chão alheio dum novo continente.»

Carlos Oliveira, *Casa na Duna*, 7ª ed., 1980

«La colonisation, dans cette surface de sables, n'est pas un fait récent, quoiqu'elle ait été pratiquée à un rythme plus accéléré au cours des siècles derniers: un document du IX$^{ème}$ siècle parle de Quiaios; Mira existait déjà à l'époque de la fondation du Portugal, un diplôme du XIV$^{ème}$ siècle fait allusion aux moulins de cette région. Il faut reconnaître que la colonisation de ces dunes est un tour de force, car seul un effort prolongé et persévérant a pu vaincre de si nombreuses et de si graves difficultés. Le "gandarês" (habitant de la Gândara) a accompli cette tâche ingrate: il a fumé les terres avec les aiguilles de pin et le fumier des étables; ceux qui jouissaient d'un peu plus d'aisance achetaient des charretées de crabes ou d'algues pour fertiliser leurs terres. Dans les dunes quaternaires, évidemment, l'effort fut vain: elles sont plantées de pins; mais dans les sables pliocènes sugirent des champs de maïs, de pommes de terre e de haricots, en dépit de la stérilité et de la sécheresse du sol.»

Alfredo Fernandes Martins, *Le Centre Littoral et le Massif calcaire d'Estremadura*, 1949